This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

3 3433 08157797 9

O ARCHEOLOGO

PORTUGUÊS

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. IV

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
629374A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1932 L

COLLABORADORES D'ESTE VOLUME

A. F. Barata: 262.
A. J. Márques da Costa: 344.
A. Mesquita de Figueiredo: 53, 238.
A. dos Santos Rocha: 81.
Albino Pereira Lopo: 47, 76, 87, 312, 340.
Antonio de Vasconcellos: 226.
Cesar Pires: 79.
D. José Pessanha: 64, 161.
F. Alves Pereira: 88, 231, 241, 289.
Gabriel Pereira: 46.
Guilherme J. C. Henriques: 257.
Henrique Botelho: 180.
J. Leite de Vasconcellos: 58, 65, 84, 95, 96, 97, 98, 103, 153, 154, 156, 222, 223, 239, 241, 264, 266, 270, 280, 283, 304, 329, 338, 340.
J. M. Pereira Boto: 158.
Joaquim Henriques: 288.
Joaquim de Vasconcellos: 1, 337.
Manoel F. de Vargas: 63, 78, 178, 225.
Manoel Joaquim de Campos: 273.
Paul Choffat: 62.
Pedro A. de Azevedo: 18, 100, 135, 193, 245, 277, 288, 308, 315.
Pedro Belchior da Cruz: 253, 267, 274.
Sousa Viterbo: 49.

VOL. IV JANEIRO A JUNHO DE 1898 N.os 1 A 6

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

SUMMÁRIO

Damião de Goes.
Estudos sobre Troia de Setubal.
Museu de Sèvres.
Notícias antigas de Ceuta e Tanger.
Castro de Sacoias (Bragança).
Estudos numismaticos.
Contribuições para a historia da pesca, em Portugal, na epocha luso-romana.
Circular do Rev.do Bispo de Bragança sobre Archeologia.
Mudança do nivel do Oceano.
Cruzado de D. João III.
Notas de archeologia artistica.
Coup d'œil sur la Numismatique en Portugal.
Atalaia da Candaira, em Bragança.
Meio-tostão de D. Sebastião.
Moedas romanas achadas na Idanha.
O cemiterio da Igreja Velha (Alvaiázere).
Officio-circular da Associação dos Architectos e Archeologos.
As fortificações de Rabal (Bragança).
Dois machados de bronze.
Sociedade Archeologica da Figueira.
Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia.
Vaso romano de Lagos.
Estação prehistorica de Alcalar.
Objectos de arte.
Archeologia do seculo passado.
Excursão archeologica ao Sul de Portugal.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».
Museu Municipal de Bragança.
Bibliographia.
Notícias várias.
Ichnographia parcial das construcções luso-romanas de Milreu (Estoi, — Algarve).

Este fasciculo vae illustrado com 27 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IV JANEIRO A JUNHO DE 1898 N.os 1 A 6

Damião de Goes

(Novissima serie)

1. Sua sepultura e brasão [1]

O livro publicado recentemente pelo Sr. G. Henriques [2] contém, a par de noticias valiosas, bastantes erros graves, que é necessario corrigir quanto antes, para que não passem a outras obras. O descuido da maioria dos nossos escriptores em não verificarem citações e desenhos, principalmente quando se referem a monumentos epigraphicos

---

[1] Transcrevendo a seguinte passagem do jornal mais lido de Alemquer, fazemo-lo com o intuito de justificar uma iniciativa na qual nos encontrámos isolados durante longos annos:

«Dizer quem foi Damião de Goes e quaes os serviços prestados por elle á patria e ás letras, seria repetir o que ha um anno dissemos neste lugar e o que a seu respeito muito tem escripto o distincto e profundo historiador o sr. Joaquim de Vasconcellos.

«Principiando com o presente numero o segundo anno d'este jornal, não queremos perder a occasião de dizer que só temos de nos orgulhar por ter sido elle o que fez renascer no espirito dos habitantes de Alemquer o nome do homem a quem a ingrata indifferença de muitos deixou no esquecimento por tantos annos». (*O Damião de Goes*, de 2 de janeiro de 1887, n.º 53).

[2] *Ineditos Goesianos*, colligidos e annotados por Guilherme J. C. Henriques, vol. I, *Documentos*, Lisboa 1896, 8.º, XXX-212, 1 Tabua genealogica e algumas gravuras no texto. A declaração vol. I parece indicar continuação. Que venha, mas com um grãosinho mais de discernimento no que fôr critica da historia e exegese dos textos copiados, que lhe dão ou que lhe corrigem certos curiosos. Ha poucas semanas (*Damião de Goes: Novos estudos*, Porto 1897) classificámos os meritos e defeitos da obra do Sr. Henriques (Introducção, p. XIV), affirmando que «os erros em alguns capitulos, andam aos enxames». Ahi vae a demonstração que, naturalmente, continuará em variadas series.

ou a documentos heraldicos, que estão fixos em lugar determinado, mas longe de olhares curiosos — obriga-nos a recommendar toda a cautella e precaução.

É sabido que o illustre chronista jaz sepultado na igreja de Nossa Senhora da Varzea de Alemquer, que se desfaz em ruinas. Debalde estamos chamando desde 1879[1], em escriptos nossos, contra um abandono, que nos parece criminoso!

O Sr. Henriques insere os seguintes escudos de armas relativos a Damião de Goes:

A. — A p. 151: o escudo que lhe concedeu o Imperador Carlos V em 1544, após a sua brilhante conducta na defesa de Lovania (1541). Foi copiado fielmente do opusculo do Dr. Hartmann[2] (p. 20).

B. — A p. 152: outro escudo encontrado em um *Nobiliario* que Faria e Sousa achou numa loja de livreiro na Calle de Toledo, em Madrid, no fim do seculo XVII. A copia do Sr. Henriques é fiel, mas deveria dizer que o Dr. Hartmann cita (p. 8) como fonte, o apographo de Madrid, e que é sob a fé do escriptor austriaco que se declara que o debuxo de Madrid é igual ao desenho do *Livro da Nobreza*, mandado fazer por D. Manoel, existente na Torre do Tombo. O Dr. Hartmann concluia isto *unicamente* por informações enviadas de Lisboa.

Nas palavras do Sr. Henriques não ha a necessaria clareza neste ponto, porque não entendeu a linguagem allemã do folheto.

É sabido que as declarações do *fabulista* Faria e Sousa devem ser recebidas com toda a cautella.

---

[1] Fui eu que movi o Sr. Joaquim Possidonio da Silva a ir a Alemquer como Presidente da Associação dos Architectos e Archeologos, repôr a cabeça esculpida de Damião de Goes, sobre a lapide latina. O Secretario da Commissão dos Monumentos Nacionaes, no seu ultimo *Relatorio* (Lisboa 1893, p. 24), esqueceu o que escrevi na *Actualidade* (1879) em dois extensos folhetins, sobre o estado da igreja de Nossa Senhora da Varzea.

Esqueceu ou não sabe tambem que tenho a correspondencia com o Sr. Presidente em meu poder. Está á disposição dos collegas. Ninguem (porque duvidamos que o Sr. Henriques visse andar a esculptura *aos ponta-pés* pela igreja) sabia da cabeça em Alemquer: eu achei-a sepultada no entulho. E se o Sr. Henriques viu tal cousa, como affirma, e não providenciou immediatamente, ha de permittir que lhe diga que não cumpriu o seu dever, e que o seu decantado amor pela memoria de Damião de Goes não vae longe.

[2] *Geschichte der Grafen Goës,* (1100-1873), Wien 1873. 8.º de 60 paginas com 5 gravuras e 3 Tabuas genealogicas.

C. — A p. 153: terceiro escudo que o Sr. Henriques affirma ser o da Varzea. É uma mistificação, como vamos provar. Não é mais que uma copia de Hartmann (p. 22), o qual nunca viu desenho algum dos emblemas heraldicos que estão naquella igreja, nem a elles fez a menor allusão.

D. — A p. 133: retabulo com os escudos alliados de Damião e de sua esposa D. Joanna, na igreja da Varzea, lado do Evangelho. O d'elle é uma completa mistificação; o brazão da consorte está errado nos emblemas e adulterado em *tres* das cinco inscripções que o exornam.

E. — A p. 132, em face de p. 133: insere-se a inscripção biographica do chronista, que o Sr. Henriques reproduz com erros grosseiros[1].

Vamos por partes: comecemos por

D. — que discutiremos conjunctamente com **E.**

O desenho publicado pelo Sr. Henriques abrange duas paginas, como fica dito. O engano começa pelo fundo do seu desenho:

I. O fundo da parede em que o retabulo assenta não é silharia regular, mas sim azulejo historiado de 1714 (data inedita).

II. O retabulo está traçado num desenho vago e absolutamente incorrecto, quando o original se apresenta claro, correcto e evidentemente da ordem ionica. O anjo collocado na *cartouche* que o remata é ridiculo; em vez de um busto, representa uma linda cabeça de cherubim alado, que adormece sorrindo.

III. O escudo de Damião é uma completa mascarada; os emblemas postos no campo do escudo são inintelligiveis; o elmo, uma monstruosidade; o timbre parece um anjo alado com *coronel* (!!) em vez de um leão crescente e rompente; nas azas faltam-lhe todas as cinco

---

[1] P. 132: *Varias casus; pulverum hunc,* etc. Nova lição errada, de outras lições já erradas em 1873. Leia-se: *varios, pulverem.*

O leitor perguntará: aonde estarão sepultados os restos do chronista e de sua esposa? Provavelmente no chão da capella-mór, em face do altar. Suspeitamos que estarão debaixo de uma grande lapide meio encoberta pelo sobrado; a parte descoberta contém differentes linhas mutiladas, que se referem á obra do pavimento da igreja, a qual foi incontestavelmente emprehendida por Damião em sua vida, como consta do Processo da Inquisição. Sobre a nossa leitura conjectural vid. adeante.

É urgente o levantamento do sobrado e pavimento, para se completar a leitura e verificar as condições em que se acha o carneiro. O Sr. Henriques nada diz d'esta inscripção.

quadernas de luas do escudo; emfim, o paquife está reduzido a umas garatujas pueris, quando no original representa uma folhagem de lavor archaico, finalmente estylizada.

Passando ao escudo de D. Joanna, temos nova mascarada.

Vejamos primeiro as inscripções do original.

Na 2.ª linha do 1.º quartel imprime o Sr. Henriques TERWHCR. em vez de TERWIICK. Leia-se completo: OOSTERWIJCK[1].

No 2.º quartel imprime: OESTHVM; e deve ler-se: OESTRVM.

Agora os emblemas heraldicos:

São illegiveis, como se fossem desenhados por uma criança.

No 1.º quartel temos tres divisões em vez de quatro: uma coroa, um coelho(?) e tres arruellas! Puras invenções.

No 2.º quartel um anjo alado, em vez de uma aguia.

No 3.º quartel tres quadrados com um triangulo sobreposto, em vez dos tres cadeados, emblemas da familia *Suiis*.

Finalmente: a *carranca* da qual pende o escudo, como se fosse um rotulo á moda flamenga, apparece transformada na cabeça de um anjo.

Resumindo: compare-se tudo com a nossa estampa.

Passemos a outro ponto:

E. — Na lapide que contém a inscripção tumular de Damião de Goes: a *cartouche* que ostenta no centro o busto do chronista está mal desenhada; o busto parece uma cabeça com barrete de clerigo; na parte superior falta o remate, que é a Cruz da Ordem de Christo.

Na inscripção ha erros graves; por ex.: *varias* casus — por *varios* casus; *pulverum,* em vez de *pulverem.*

Toda a pontuação é arbitraria.

O Sr. Henriques fica-nos a dever a chave do enigma d'esta celebre inscripção, que intrigou os eruditos durante seculos.

1.º) Não diz o motivo porque, fallando nas quatorze primeiras linhas da lapide o proprio Damião, na primeira pessoa: *eques lusitanus*

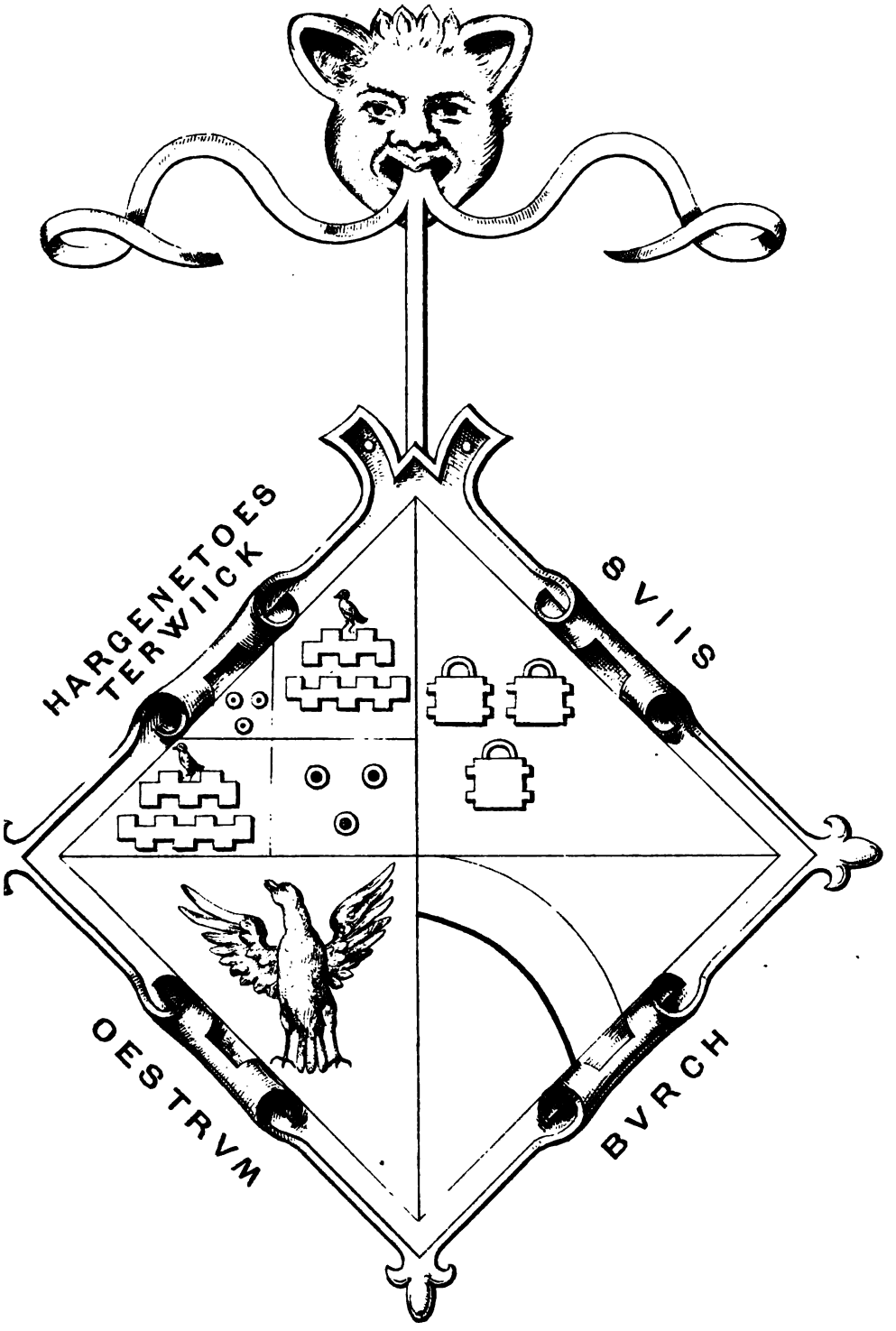
---

[1] São os titulos dos senhorios e allianças de seu pae. Sobre as inscripções do brasão de D. Joanna de Hargen, vid. o nosso ultimo trabalho: J. de Vasconcellos, *Damião de Goes: Novos Estudos.* Porto 1897, cap. II. *A cabeça de Damião de Goes,* nova ed., pp. 35-49; e cap. VII, p. 136, onde vem todas as inscripções lapidares, e todas as heraldicas do brasão feminino.

O Sr. Henriques fez com esses cinco nomes, que não soube explicar, as mais singulares combinações e estropiou tudo em 1896, p. 131. Lê elle: *Hargen et Oesterwick Oesthumburg suis,* e logo em seguida a p. 133, de outro modo! Vid. supra.

NOSSA SEÑ.RA DA VARZEA - ALEMQUER -

D.A JOANNA DE HARGEM



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

olim fui (*peragravi, subivi*, etc.), passa na decima quinta linha para a terceira pessoa: *Obiit*[1].

2.º) Não diz que na Autobiographia do chronista o epitaphio acaba precisamente no fim da decima quarta linha[2]; devendo concluir-se que as restantes tres linhas, a começar do *Obiit*, são obra de pessoa es-

---

[1] Inscripção:

DEO. OPT. MAXIM.
DAMIANVS. GOES. EQVES.

LVSITANVS. OLIM. FVI.
EVROPAM. VNIVERSAM. REBVS.
AGENDIS. PERAGRAVI.
MARTIS. VARIOS. CASVS.
LABORESQ. SVBIVI.
MVSAE. PRINCIPES. DOCTIQ.
VIRI. MERITO. ME AMARVNT.
MODO. ALANOKERCAE.
VBI. NATVS. SVM. HOC.
SEPVLCHRO. CONDOR.
DONEC. PVLVEREM HUNC.
EXCITET. DIES. ILLA.
OBIIT. ANNO. SALVTIS.
M. D. LX.
H. M. H. N. S.

[2] Já o affirmámos em 1879; mas não deram por isso! O treslado mais antigo d'esta inscripção, que reproduzimos em 1879 do manuscripto do padre Cruz (fim do seculo XVI) acaba tambem na 14.ª linha. O codice Castello-Rodrigo (1616) do mesmo modo. As tres ultimas linhas, e principalmente a data, que é simplesmente a da reforma da capella-mór pelo chronista, são pois interpollações.

Pomos aqui o Indice do volume *Novos Estudos* para informação do leitor, porque a tiragem foi apenas de 100 exemplares.

Ao leitor VII
I Ensaio biographico (1879) 1-33
II A cabeça de Damião de Goes (1879) 35-49
III A feitoria de Portugal em Flandres (1885) 51-63
IV Iconographia goësiana — Rio de Janeiro — Paris — Collecção Vasconcellos (Estudo inedito) 65-77
V Os autographos de Damião de Goes: Ultimos trabalhos da Correspondencia latina — Cicero — Quintiliano — Nobiliario (Estudo inedito) 79-91
VI Documentos ineditos: 93-129
1. Explicação prévia. Autobiographia.
2. Balthazar Dias de Goes.
3. A Satyra de 1554.
4. A Questão dos Athaides.
5. Cartas portuguesas ineditas.
VII Descendentes de Damião de Goes em Flandres (até 1680), Allemanha e Austria 131-152
Hargen — Harambergue — Hoorn — Monfoort — Trooch a Goossen — Goësz — (Nova ed. do Estudo de 1887).
Erratas e Additamento 153

(As datas entre parenthesis designam as primeiras edições dos differentes Estudos).

tranha, incluindo a data errada M. D. LX., provada como falsa desde o principio deste seculo [1].

Tudo isto, e mais ainda, está dito e commentado desde 1879, por nós.

Parecem-nos problemas bem mais importantes do que a questão, um tanto ingenua, de saber-se se foi S. S.ª que primeiro deu (p. XXI) pela «falta do ponto final» (*sic*) após o algarismo errado. Não deu porém pela nossa demonstração, feita ha dezoito annos.

Passemos a:

C. — O escudo de p. 153 que o Sr. Henriques dá como existente na igreja da Varzea [2] é uma nova mystificação. Sentimos ter de repetir isto, mas urge esclarecer o público e prová-lo, porque um escudo de familia é um documento historico de primeira ordem. Embora o auctor não dê o *seu* escudo como cousa importante, e trate estas questões heraldicas com singular ligeireza, devemos adverti-lo que ha mais de vinte annos alguem se esforça por assentar a biographia de Damião em bases solidas; e esse alguem não póde admittir mystificações, nem leviandades.

O Sr. Henriques copiou esse escudo de p. 153, pura e simplesmente, da obra do Dr. Hartmann (p. 22); e passou-o com artes de prestimano, para a igreja da Varzea. Porque? Talvez para remediar o descuido e a impericia de quem traçou o famoso desenho, que devia ser o da Varzea, e já analysámos sub **D.**

Na capella-mór ha luz mais que sufficiente para se fazer um bom desenho, apesar do Sr. Henriques querer convencer o leitor do contrario. Nem é só o *timbre*, o que está errado a p. 132; é tudo, como vimos. O seu desenhador foi leviano.

Alguem o enganou, mas nesse caso porque não supprimiu o engano, a dupla mystificação, anterior, de p. 133 (com os desenhos das lapides errados, do chronista e da esposa) e commetteu agora, a p. 153 terceira mystificação, fazendo a emenda peor do que o soneto?

---

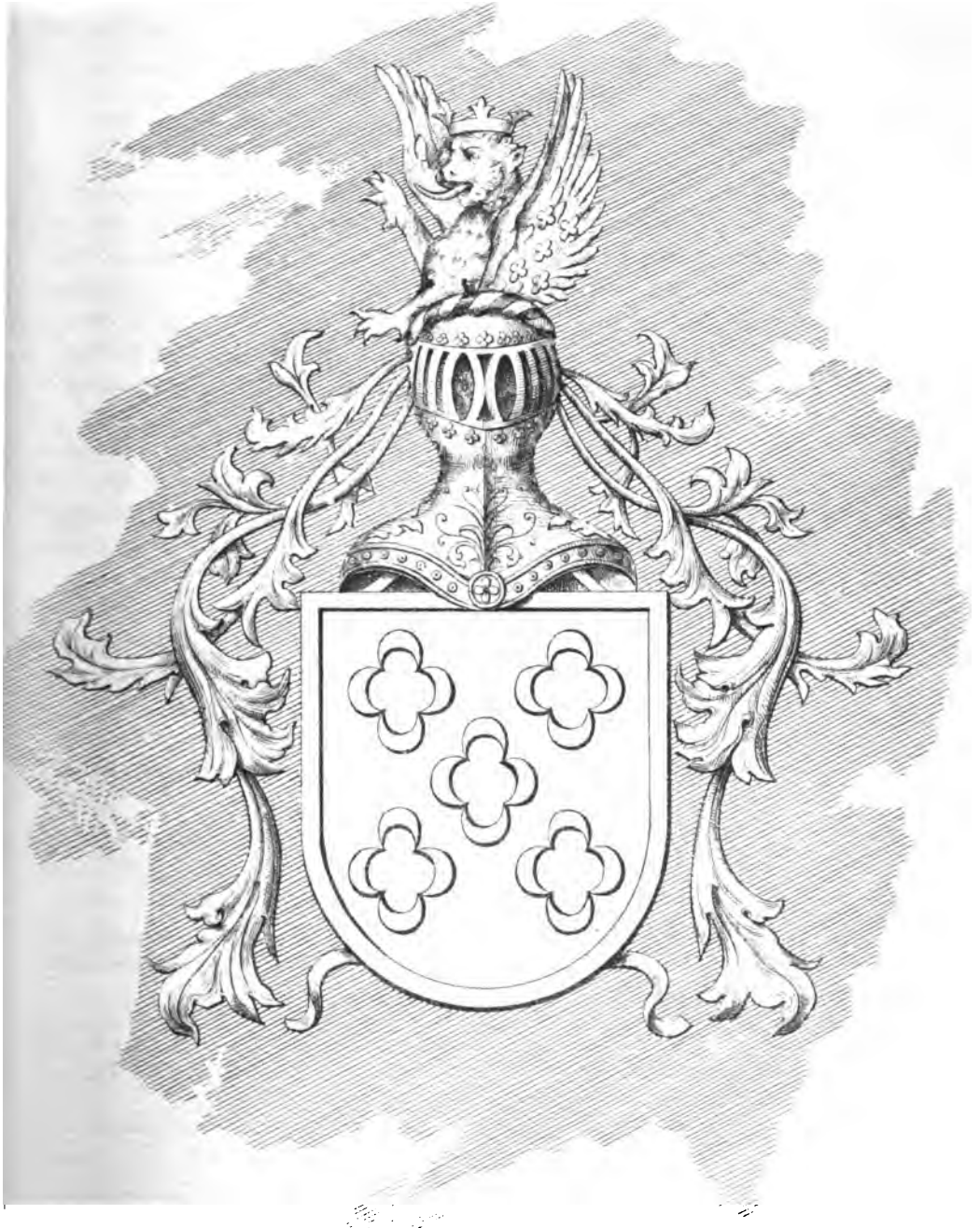
[1] *Retratos e Elogios de Varões e Donas que illustraram a Nação portugueza*, Lisboa, em fasc. 1815-17. Excellente biographia que tem sido mal aproveitada; a primeira que fallou claramente do Processo do chronista.

[2] Suas palavras: «É este o escudo que está na igreja da Varzea, o qual não vem fielmente reproduzido na gravura da pedra que neste livro dou, devido talvez á pouca luz que não permittiu que o desenhador visse bem o timbre. Fica rectificado na gravura seguinte» (p. 153).

Ora a emenda é peor do que o soneto! A gravura seguinte é copia do brasão do Dr. Hartmann; nada tem com o da igreja da Varzea!!

NOSSA SEN.RA DA VARZEA - ALEMQUER

DAMIÃO DE GOES



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

Vejamos. Neste escudo de p. 153 ha a fazer as seguintes emendas fundamentaes:

1.º Falta o coronel do Leão.

2.º O elmo não tem coroa, mas sómente o panno enrolado do paquife, formando *rodete*.

3.º A asa esquerda tem cinco quadernas de luas (em vez de duas), em aspa, conforme o campo do escudo.

4.º O desenho do paquife é totalmente differente.

5.º O escudo está posto perpendicularmente na igreja da Varzea e não inclinado; o elmo ao meio d'elle, e não no canto esquerdo.

6.º Emfim: a indicação convencional das côres (por meio de traços), no desenho do Sr. Henriques, revela que não foi feito perante a esculptura original. Sabe-se que esses traços convencionaes nunca são representados na pedra. Bastava esta circumstancia para o leitor medianamente illustrado perceber logo que a figura do Sr. Henriques foi tirada de um desenho graphico e não directamente do monumento esculptural.

Resumindo: compare-se tudo com a nossa estampa.

Ha mais a seguinte contra-prova do que affirmamos:

O Sr. Henriques, citando a p. 153 a Carta Regia de D. Sebastião de 15 de agosto de 1567, que confirma o escudo de armas de Damião, descreve-o conforme a dita Carta, mas não repara que a descripção discorda do desenho, inserto logo em seguida.

Diz: «Escudo de campo azul com cinco cadernas de crescentes de prata em aspa; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de prata e azul, e por timbre um meio leão de prata armado de ouro, com um coronel do mesmo entre duas azas de azul, sobre as quaes estam as mesmas cadernas das armas semeadas».

a) Se ha um elmo de prata aberto, guarnecido de «ouro» porque apparece, accrescentado com um *coronel?*

b) Se ha por «timbre um meio leão de prata armado de ouro com: «um coronel do mesmo entre duas azas de azul», perguntamos: porque razão lhe tirou o *coronel?*

c) Se nas azas: «estam as mesmas quadernas das azas semeadas» — porque é que apparecem só *duas* em vez de *cinco?*

Não sabe o Sr. Henriques confrontar o texto descriptivo de um brasão com os emblemas consignados nesse mesmo brasão?

Não é preciso grande saber em heraldica para se chegar a uma contra-prova segura no sentido referido.

Isto como amostra, porque ha, infelizmente, outros erros graves no volume, no meio de documentos de valor, por cuja compilação lhe devemos ser gratos.

Esses erros formigam, por exemplo, em todas as citações sobre os Goes da Allemanha (Austria), tiradas da obra do Dr. Hartmann. Não sabemos quem foi o traductor do Sr. Henriques. O que podemos assegurar ao leitor é que de p. 180 a p. 186 os erros contam-se ás duzias.

Renunciamos ao trabalho inglorio de lh'os enumerar, mesmo porque o unico remedio seria retraduzir-lhe quasi todos os factos allegados nas sete paginas.

Porém o que poucos poderão fazer, é ir a Alemquer comparar os singulares desenhos do livro do Sr. Henriques com os originaes, ou ter uma carteira antiga de desenhos, de tal modo recheada, que permitta reconhecer, á primeira vista, que as gravuras são obra muito leviana; emparelham com a do respectivo texto[1].

2. A campa do chronista

Eis a inscripção que está no pavimento da capella-mór, descoberta no dia 6 de Setembro, após quatro horas de trabalho, levantando-se a pesada cantaria dos degraus do altar-mór. Assistiram apenas ao acto o signatario, o sr. M. Carmo e um operario.

DEO · OPT · MAX ·
DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI-
TANO · ET · IOANNAE · HARGO-
NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS-
TERISQ · EORVM · COLLEGIVM ·
SACERDOTVM · HVIVSCE · TEM-
PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O-
LISIPONENSIS · PONTITICIS ·
CONSENSV · CELLAM · IN · GEN-
TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV-
RAM · CAVTO[2] · NE · CVI · ALII EX-
TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES-
TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI-
MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO
AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE-
RE · TESSELATO · STERNEN-
DVM · SVA · PECVNIA ·
CVRAVERVNT
M · D · L · X ·

[1] Advertimos que esta Parte I do presente estudo foi escripta em Junho de 1897, e entregue á redacção em meado de Agosto. Em Setembro fizeram-se as pesquizas que deram origem á Parte II.

[2] Leia-se, talvez, C A V T E, com mais exacção.

Esta inscripção, com as lacunas que a lapide offerece, por lesão grave, ponteadas as palavras de duvidosa leitura[1], foi publicada primeiramente no *Diario de Noticias,* de 8 de Setembro, com as seguintes explicações:

«Esta campa estava occulta sob os degraus de pedra do altar-mór nada menos de $0^m,89$, não podendo ler-se as primeiras nove linhas. As dimensões da pedra são as seguintes:

«Comprimento $2^m,20$, largura $1^m,15$. Temos pois a prova de que Goes e sua mulher foram sepultados debaixo d'aquella pedra que, na parte até hoje conhecida, apenas alludia á obra do pavimento do templo, mandada fazer pelo chronista em 1560, data que tambem é a da lapide biographica, collocada do lado da Epistola. É pois uma descoberta importantissima.

«As linhas ponteadas representam mutilações da inscripção, que depois de citar os nomes dos conjuges, refere o contracto celebrado com a Collegiada, e approvado pelo prelado lisbonense D. Fernando de Vasconcellos. Depois seguem algumas palavras mutiladas e apagadas, que alludem á renovação do pavimento de mosaico de marmore de duas côres (losangos vermelhos e brancos), que reveste ainda hoje a capella-mór.

«Declara a obra feita á sua custa, como é natural, pois tendo de construir o carneiro, alterou o pavimento. Resta agora mandar abrir a sepultura com as devidas formalidades e cautellas que a sciencia aconselha. O trabalho não levou menos de quatro horas a executar. A inscripção é toda inedita».

Depois da inserção no *Diario de Noticias,* appareceu a narrativa da descoberta em differentes jornaes da capital e das provincias.

Citaremos sómente: *Jornal da Manhã* de 8 de Setembro, *Diario Illustrado* da mesma data, *Reporter* de 15, *Jornal de Melgaço* de 23 de Setembro, etc.

O *Damião de Goes,* periodico de Alemquer, tentou uma integração e uma traducção que padecem de graves defeitos. Esta, é manifestamente erronea, com erros de simples concordancia grammatical, omissões de phrases e interpolações arbitrarias, isto é, invenções; aquella contém erros de pontuação que deturpam o sentido (*Damião de Goes,* n.º 611 de 12 de Setembro).

No numero immediato (19 de Setembro) deu o jornal nova traducção (mas sem transcripção, nem emenda do original latino), que

[1] No texto as palavras truncadas vão em lettras ponteadas.

pouco melhora; falta ainda a expressão *cavalleiro lusitano;* BATAVAE é adjectivo, corresponde a hollandeza, e não deve traduzir-se *de Batavia,* etc. Adeante offerecemos as duas traducções successivas do *Damião de Goes,* que, verdadeiramente, exigiam terceira edição, no interesse dos proprios alemquerenses.

O traductor, ao qual a redacção não pôde ou não soube offerecer uma leitura latina acceitavel, embaraçado com as ligaduras da lapide leu, como ella, assim:

CAVTO. NECVIALII. EX-
TRAEORVM FAMILIAM. IVSES-
TOIBI SEPELIRI. QVODIL PAVI-
MENTVM CELLAE
etc.[1]

Recorreu ao expediente de amplificar a leitura com uma paraphrase, que ladeia a difficuldade, mas destroe o caracter epigraphico, do monumento, a concisão lapidar da redacção original e até o sentido. Por ultimo, temos a advertir que nunca e em parte alguma do mundo se admitte a leitura conjectural de uma inscripção, sem que a parte integrada fique marcada com os signaes convencionaes, consagrados pela sciencia.

---

[1] Para que haja todo o escrupulo, copiamos fielmente a leitura, dada pelo jornal de Alemquer. Nem o alinhamento respeitaram.

Confronte o leitor com a nossa. Repare-se na pontuação, absolutamente inadmissivel:

DEO. OPT. MAX.
DAMIANO GOI. EQVITI LVSI-
TANO. ET IONNAE HARGO-
NIAE. BATAVAE. CONIVGIB. POS-
TERISQ. EORVM. COLLEGIVM.
SACEBDOTVM. HVIVSCE TEM-
PLI. VIRGINIS DEIPARAE. EX O-
LISIPONENSIS PONTIFICIS
CONSENSV. CELLAM. IN GEN-
TILICIAM DEDIT. SEPVLPV-
RAM. CAVTO. NECVIALII. EX-
TRAEORVM FAMILIAM. IVSES-
TOIBI SEPELIRI. QVODII. PAVI-
MENTVM CELLAE EIVS VARIO.
AC PERPOLITO LAPIDE. OPE-
RE TESSELATO. STERNEN-
DVM. SVA PECVNIA
CVRAVERVNT
M. D. L. X.

Indo no dia 20 de Setembro com o sr. Presidente da Camara, H. Campeão, proprietario e redactor principal do *Damião de Goes,* á igreja da Varzea, expliquei-lhe em face da propria cópia, feita pela redacção, que o manuscripto[1] continha ainda cinco ou seis erros de pontuação, ligações confusas, etc.

Certamente que é louvavel o zélo de servir de prompto o publico, mas convem ser discreto nesse zêlo. A leitura de uma inscripção, mórmente quando mutilada, demanda tempo, estudo e experiencia.

Pomos aqui, em face, as duas versões do *Damião de Goes,* A–B e a nossa C, feita conforme as regras, fielmente:

[1] A pontuação das palavras não está clara sobre a lapide maltratada; é forçoso abstrahir em algumas palavras das ligaduras, aliás o sentido não se lê. Foi o que fizemos em a nossa leitura.

(A)

DEO. OPT. MAX.
A congregação dos sacerdotes d'este
mesmo templo,
consagrado á Virgem Maria,
Mãe de Deus,
obtida licença do Bispo de Lisboa,
deliberou conceder
uma capella para servir de sepultura
de familia a Damião de Goes,
a sua mulher Joanna Hargonia
da Batavia,
Quaesquer de vós outras que fordes
estranhos a esta familia
guardae-vos cautelosamente de ser
sepultados ahi.
Aquelles mesmos sacerdotes no anno
de 1560
encarregaram-se de á sua custa
construir o pavimento
da capella, ladrilhando-o de magnifico
mosaico
com pedras de varias côres
e polidas com esmero.

(B)

DEO. OPT. MAX.
A congregação dos sacerdotes d'este
mesmo templo,
consagrado á Virgem Maria,
Mãe de Deus,
obtida licença do Bispo[1] *de Lisboa,*
deliberou conceder
uma capella para servir de sepultura
de familia a Damião de Goes,
a sua mulher Joanna Hargonia,
da Batavia,
e a seus descendentes[2].
Quaesquer de vós outros que fordes
estranhos a esta familia
guardae-vos cautelosamente de ser
sepultados ahi.
Aquelles mesmos[3] *no anno de 1560*
encarregaram-se de á sua custa
construir o pavimento
da capella, ladrilhando-o de magnifico
mosaico
com pedras de varias cores
e polidas com esmero.

(C)

AO SUPREMO DEUS

Aos esposos Damião de Goes, cavalleiro lusitano e Joanna de Hargen, hollandeza, e a seus descendentes a Collegiada dos sacerdotes d'este templo da Virgem, Mãe de Deus, com assentimento do prelado olisiponense, deu crypta para sepultura de familia com clausula (CAVTE ou CAVTO) que não seja de direito (IVS ESTO) a ninguem que não fôr da familia d'elles de ahi ser sepultado, porque elles (QVOD II) cuidaram de cobrir, á sua custa, o pavimento[4] d'esta crypta, com pedra muito polida, em lavor de mosaico.

DEO · OPT · MAX ·
DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSITANO · ET · IOANNAE · HARGONIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POSTERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIVSCE · TEMPLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · OLISIPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GENTILICIAM · DEDIT · SEPVLTVRAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EXTRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ESTO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVIMENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPERE · TESSELATO · STERNENDVM · SVA · PECVNIA ·
CVRAVERVNT
M · D · L · X ·

---

[1] Bispo é erro, duas vezes, porquanto havia arcebispo desde 1394.
[2] Omissão dos termos na primeira versão; e antes, omissão dos termos: *caralleiro lusitano!*
[3] Emenda da redacção, referindo «descendentes», a Goes e a sua esposa.
[4] *Pavimentum*, póde tomar-se no duplo sentido de pavimento (chão) e coberta, segundo os melhores autores.

*

Quando foi coberta a lapide sepulchral com os degraus de cantaria, que dão accesso ao altar-mór?

De que epocha é o dito altar?

Não era facil responder a estas perguntas, nem possivel sem um exame minucioso das condições interiores da igreja. O exame fôra até hoje tão insufficiente que nem a data do pulpito, nem a do azulejo da capella-mór se encontravam em obra alguma. A primeira descripção moderna do interior da igreja, brasões, inscripções e do seu aspecto decorativo foi a que publicámos na *Actualidade* em 1879 (reimpressa em *Novos Estudos,* p. 35 e seg.)

Completamos hoje o exame, começando pelos brutaes degraus.

Quando puseram esse affrontoso remendo?

Podemos responder hoje com bastante segurança, desde o momento em que nos degraus figuram elementos decorativos, a que é possivel assignar uma data determinada. Como ninguem até hoje reparou nestes pormenores, é necessario dar mais ampla explicação:

Os degraus e o patamar de cantaria em que os ajustaram estão revestidos com fragmentos de azulejo historiado, arrancado evidentemente das paredes da capella-mór, pois corresponde a ornatos identicos das ditas paredes, e a fragmentos de figuras que ainda lá estão.

Nesse azulejo, que em 1879 classificámos[1] como sendo da segunda metade do seculo XVII, descobrimos em principios de Agosto a data 1714 (inedita); está visivel dentro de um rotulo pintado no proprio azulejo, na parte superior da unica janella gradeada da capella-mór[2], lado da Epistola, que projecta luz sobre os brasões dos conjuges, collocados no lado opposto. Um documento de 1668 parece indicar que a campa estava visivel, porque dá o sentido geral d'ella (G. Henriques, *Ineditos,* p. 89).

---

[1] Foi um engano, na parte relativa á capella-mór, todavia desculpavel para aquelles que sabem que na ceramica decorativa portuguesa um lapso de 30 annos, no periodo em questão (reinado de D. Pedro II, 1683-1706) pouco influe para a apreciação do azulejo historiado.

[2] É a mesma de que falla o chronista em 1572:

«Item, puz na mesma capella-mór uma vidraça grande, com sua grade de ferro, e rede e bocaes de pedra lioz, e marmores, tudo polido e duas lageas de marmore com has arvores e hum letreiro em latim, e huma campa de minha sepultura com seu letreiro tambem em latim, ho que tudo me costou muito di nheiro». (*Processo de Damião de Goes,* apud Lopes de Mendonça, p. 418).

Em 1714 e ainda bastantes annos depois, devia estar á vista, pois não é crivel que, collocado o azulejo, logo o mutilassem, para enfeitar os degraus do altar-mór. A epocha em que a campa de Goes foi coberta deve calcular-se dentro do periodo que decorre entre a data 1714 e a epoca provavel da reconstrucção do altar-mór.

Era esta a nossa opinião até á descoberta da cifra 1714; hoje temos não só esse ponto de apoio, mas podemos invocar outro. É o testemunho de um auctor digno de toda a fé que, escrevendo em 1730, declara que os degraus encobriam já a veneranda campa[1].

O attentado foi commettido, pois, muito provavelmente, entre os annos de 1714 e 1730, quando pretenderam augmentar a machina do altar-mór, á custa do espaço reservado á capella e jazigo.

A construcção informe, que peja actualmente a capella-mór, pouco ou nenhum interesse desperta.

Antes de procedermos á sua classificação consideremos, porém, o caracter e estylo da composição ceramica. Esta arte industrial desempenha no corpo da igreja uma funcção decorativa muito importante.

A decoração da nave é de factura anterior. As paredes estão revestidas em toda a altura com um grande padrão polychromico do segundo terço do seculo XVII, formando tapete; são florões de tres côres (azul, amarello e branco) dentro de losangos brancos, cingidos de faixas e contra-faixas azul escuro. Um alizar corre pelas paredes, na altura de 1^{m},50, apresentando, em desenho seguido, o mesmo padrão do centro dos losangos, orlado com um precioso arabesco. O effeito decorativo é bellissimo.

Temos visto o padrão e a orla em varios templos do país; não deve ir alem de 1650–1670.

Houve pois na igreja de Varzea obras por differentes vezes, desde a reconstrucção da capella-mór pelo chronista. O pulpito apresenta a data 1554 (inedita); a pia está marcada 1561; uma capella, não pequena, do lado do Evangelho com aboboda artezoada, cuja adito está vedado por um altar de madeira, deve ter sido construida cêrca de 1550–1560. Na intersecção dos artezões apresenta rotulos com a cruz

---

[1] «Sobre a sua sepultura se acha tambem hum extenso Epitafio, mas procurando eu extrahil-o, o não pude conseguir, porque depois se dilatárão sobre a mesma sepultura as escadas do altar-mór, occultando huma grande parte do Epitafio». (Padre Frei Manoel de S. Damaso. *Verdade elucidada*, Lisboa 1730, p. 185). O precioso extracto d'este douto socio da Academia Real da Historia vae reimpresso integralmente merecia ser; veja-se a sua honrosa carreira litteraria em Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, p. 242.

de Santo André. O pulpito datado (1554), a meio da igreja; a capella lateral, consideravel para as dimensões da igreja, que formava um dos braços de um cruzeiro, mas não chegou a completar-se com a saliencia do lado opposto; a pia (1561), na extremidade da nave, á entrada do templo — todos estes elementos, dispersos no mesmo lado do Evangelho, parecem indicar que as obras, feitas por Damião, não se limitaram tão sómente á capella-mór, como reza a tradição. Na sacristia, tambem do mesmo lado, ha ainda uma fonte, cuja moldura quadrada apresenta um gracioso desenho do meado do seculo XVI; emfim, dispersos pela igreja, apparecem azulejos polychromicos, que pertencem evidentemente ao fim do seculo XVI, e não condizem nem com os das paredes (1650–1670), nem com os da capella-mór (1714). Fizeram-se portanto obras consideraveis[1] nos annos de 1554–1561; passado um seculo revestiram as paredes de azulejo polychromico; em 1714 forraram a capella-mór com o azulejo existente, e pouco antes de 1730 cobriram a campa de Damião com os degraus de cantaria, armando talvez ao mesmo tempo um altar-mór apparatoso, dourado, entalhado, predecessor do actual, muito pobre.

Ao revestimento ceramico devia corresponder uma guarnição de talha adequada. A que reveste o arco triumphal e respectivos altares lateraes, é da segunda metade do seculo XVII; concorda com o azulejo da nave. A bella talha da tribuna do orgão pertence, como o orgão mesmo, ao anno de 1725 e concorda com o azulejo da capella-mór, datado: 1714. O tecto, revestido de castanho, apresenta uma pintura de arabesco, cujo estylo rocóco condiz com o lavor do orgão e da sua tribuna. Finalmente, a porta da entrada, principal, está traçada num desenho elegante que se harmonisa com as datas 1720–1730. Para sermos completos, accrescentaremos que um cruzeiro, muito maltratado, erguido no pequeno terreiro em frente da entrada lateral, ostenta a data 1662.

Este ensaio de chronologia da igreja da Varzea é a primeira tentativa que se faz em Portugal[2], e pode ser util nas vesperas de uma reconstrucção.

Voltemos agora ao assumpto principal.

---

[1] Capella-mór em 1560; a campa no mesmo anno; a lapide biographica, idem; o pulpito em 1554; a pia baptismal em 1561; a sacristia, contigua á capella-mór, tudo concorda na chronologia e no estylo.

[2] O que o Sr. Guilherme Henriques sabia dizer, em fins de 1896, a respeito da Igreja de Nossa Senhora de Varzea, pode ler-se a p. 128 do seu último trabalho: *Ineditos Goesianos*. Especialmente sobre o jazigo diz o seguinte:

Em 1714 collocaram o azulejo historiado na capella-mór, o qual representa scenas da vida da Virgem e da historia de Santo Amaro, pintadas como se fossem tapeçarias, pendentes das paredes.

O terço inferior do azulejo desenrolla idyllios campestres, traçados num desenho facil e airoso, em *cartouches* de estylo baroque, caracteristicas e de boa execução. Infelizmente, mutilaram a grande composição ceramica, tanto os paineis como o alizar, sem o menor respeito.

Os dois ultimos grandes quadros de azulejo foram cortados barbaramente, de ambos os lados: Evangelho e Epistola, avançando a mole de madeira do altar-mór até rente á parede, de modo a diminuir talvez tres metros de fundo, na capella-mór.

Não só as proporções entre o comprimento e a largura d'esta parte do templo soffreram com a intervenção da bruta machina, mas

---

«A capella-mór, que escapou ao incendio, passados annos cahiu e foi reedificada por Damião de Goes que, segundo a inscripção que está em uma campa mandou fazer o rico solho tesselado que ainda tem».

Da inscripção, no rico solho (sic!!), nem uma palavra!

Mas ha mais:

«Na sacristia o lavatorio é antiquissimo, mas tosco».

É do meado do seculo XVI, lavor da Renascença, com um escudete das cinco chagas de Christo, no alto.

Ainda mais:

«Proximo á sacristia está uma casa que, a julgar pela abobada, fazia parte da igreja primitiva».

Pouco antes attribue a edificação primitiva a epoca anterior a 1203. Ora a referida abobada é do meado do seculo XVI, como os artezões rectangulares e os escudetes redondos das intersecções o indicam.

Ainda mais: nella (a tal casa) ha uma lage com a inscripção: ..... segue a de Pedre Annes, com differentes erros e omissões e a data errada: XXI *dias do mez de Junho de 1589;* leia-se: XXV dĩs de Junho dẽ 1539.

Depois falla das lettras dos escudos de Goes e de sua esposa e acha novamente, como em 1873 (*Alemquer e o seu concelho,* p. 193) que parecem *alemaes!*

Transcreve, logo em seguida, o lettreiro latino de Damião e deixa-lhe dois erros graves (*varias casus* por *varios; pulverum* em vez de *pulverem)* para o leitor juntar aos da obra de 1873.

E assim por diante ..... É este o escrupuloso trabalho do Sr. Henriques em 1896, amostra de uma só pagina (p. 128).

Ainda a 19 de Setembro de 1897 (*Commercio de Alemquer*) recommenda o Sr. Henriques que se verifique a epocha em que a «vidraça grande com sua grade de ferro e rede e bocaes de pedra lioz», que o illustre chronista diz ter mandado fazer, foi tapada com alvenaria.

Onde terá o Sr. Henriques os olhos?

o carpinteiro ou mestre de obras mal inspirado, lembrou-se de alterar o nivel e, para estabelecer o accesso ao altar-mór, construiu uma serie de pesados degraus de cantaria, que cobriram dois terços da campa de Damião de Goes e de sua esposa.

E não consta que houvesse protesto dos descendentes! Agora urge reparar o mal.

Nada obsta a que esse tosco, pesado e desconforme remendo seja apeado e substituido por um altar simples e proporcionado ás dimensões do recinto, deixando-se a descoberto os quadros de azulejo, depois de restaurados.

O que alli vemos agora, é uma affronta ao bom senso.

Informado assim o leitor, é facil responder ás perguntas iniciaes d'este capitulo:

Quando foi coberta a lapide sepulchral com a cantaria dos degraus do altar-mór?

Entre os annos de 1714 e 1730.

E á segunda pergunta, correlativa:

De que epocha é o dito altar?

Resposta: 1780–1810.

Os degraus foram assentes para sustentar a pesada machina de madeira, alteando-a.

Esta já não é, a nosso ver, a construcção, levantada no intervallo de 1714–1730, a qual devia concordar com a talha do orgão e seu elegantissimo coreto, caprichosamente rendilhado e coberto de uma fina pintura polychromica, com realces de ouro brunido e fosco.

O estylo da mole existente accusa o periodo que decorre do fim do seculo XVIII aos principios do actual: 1780–1810. É uma traça banal, mas sufficientemente caracterizada na mão de obra e nas linhas geraes, constructivas, de modo a não admittir duvida, quando se conhece o estylo correspondente á epocha de D. Maria I e regencia de seu filho.

Devemos, por ultimo, advertir o seguinte: Quando no dia 7 de Setembro foi levantada a pesada cantaria dos degraus, appareceram fragmentos de numerosos azulejos que serviam de calço aos ditos degraus; a argamassa, que cobria a campa, ainda apresentava a *impressão*, i. e., a tinta preta do epitaphio da campa, com bastante clareza, o que era indicio de cobertura não muito antiga.

Porto, Outubro de 1897.

Joaquim de Vasconcellos.

Estudos sobre Troia de Setubal

7. A Troia

A porção alemtejana do districto de Lisboa e grande parte do districto de Beja até á fronteira do Algarve constituiam o territorio principal da Ordem Militar de Santiago, sobre o qual esta tinha todos os direitos soberanos. A capital d'este estado era a villa de Palmella [1], em que o Mestre da Ordem residia, tinha o seu assento o convento dos freires mais especialmente dedicados ao culto religioso, e onde se guardava o cartorio da Ordem, o qual posteriormente foi transferido em parte para o Archivo Nacional, ficando o restante, relativo especialmente ás propriedades ou commendas (tombos), na Repartição dos Proprios Nacionaes em Lisboa, d'onde por sua vez em data recente foi removido, ignoro se tudo, para o mencionado Archivo.

A pouca distancia de Palmella, para o sul, levantou-se, talvez pouco depois da conquista, a principio como aldeia de pescadores, a villa de Setubal a qual, graças á sua situação e excellencia do porto, se tornou cidade importante, onde, ainda muito antes dos descobrimentos portugueses, se reuniam marinheiros do norte da Europa com os do Mediterraneo. Algum espaço mais adeante desaguava na ria de Setubal o *rio que vinha de Alcacer* ou da antiga *Salacia,* a que posteriormente se deu o nome de Sàdão ou Sado (*Salado* [2]).

Em frente de Setubal e da foz do Sado existe sem alteração sensivel, pelo menos desde os principios do seculo XVI, uma estreita faxa de areia que se prolonga bastante na direcção sul. Apesar da exiguidade da sua superficie, ainda hoje se encontram ali bastos vestigios de uma povoação romana, da qual se perdeu o nome, suppondo-se com toda a probabilidade que se denominasse Caetobriga. D'este nome tem pretendido derivar-se os de Setubal e de Troia, que é a denominação vulgar das ruinas cobertas de areia, mas sem bases sufficientes, pois nos faltam as fórmas intermedias [3].

---

[1] *Palmella* é nome de mulher. Cf. *Port. Mon. Hist., Diplomata,* pp. 110, 177 e 503. Sobre a sua etymologia vide *O Arch. Port.,* III, 38, nota. *Cacem* é tambem nome proprio masculino; a lenda já o tinha achado ou conservado, como se póde ver em André de Resende, *De Antiquitatibus, etc.,* Romae 1598, p. 209: «Loco dominabatur Cacem tyrannus Maurus etc.» Nos *Port. Mon. Hist.,* apparece umas vezes *Kacem,* noutras *Kazem* ou *Cacem:* por exemplo, *Dipl. et Chart.,* p. 14. *Massamá,* nos arredores de Lisboa, é nome feminino arabe.

[2] Cf. *O Arch. Port.,* I, 84.

[3] Cf. *O Arch. Port.,* I, 59, e E. Hübner, in *Ephem. Epigr.,* VIII, 356.

As cartas de aforamentos e documentos similares provam que esta região, pelo menos de certa epoca em deante, não tem soffrido modificações importantes nas suas linhas geraes. O documento mais antigo, que descreve o terreno, tem a data de 1502, mencionando já a lagoa existente proximo das ruinas. É elle relativo á concessão de uma sesmaria situada perto da lagoa e do canal qua a liga á vasta bahia de Setubal, ficando distante um tiro de bésta das casas de Santa Maria, conhecida hoje com a denominação mais terna de Nossa Senhora dos Prazeres. A sesmaria comprehendia dentro dos seus limites uma fonte que tinha servido até então, e, como ficava expressamente notado na carta, continuaria a servir sem impedimento ás referidas casas e aos passageiros viandantes. Ficava ainda mais permittido aos habitantes de Setubal a continuação do logramento da sesmaria na parte que não tocava com a vinha, silhos de colmeias, casas e outras cousas que os primeiros occupadores do terreno pensavam estabelecer. Tão pouco era permittido aos sesmeiros o monopolio da pedra que se encontrava na Troia e de que elles tinham de se servir para effeito da construcção das casas e dos moinhos, que na mesma carta se concedia que fossem levantados num esteiro da lagoa[1]. Esta pedra tão desdenhosamente mencionada como do dominio publico era evidentemente a dos edificios da romana Cetobriga! O primeiro proprietario d'este terreno chamava-se João Gonçalves, e sua molher a Allemoa, provavelmente alguma allemã ou descendente de allemães que vieram estabelecer-se em Setubal. Na Visitação de Troia de 1510[2] apparecenos um João Martins, allemão, offerecendo a Nossa Senhora da Troia uma vestimenta.

Em data que ignoramos vendeu a Allemoa, já viuva, os moinhos, sendo provavelmente comprador Tristão Delgado, cavalleiro da casa do Duque de Aveiro e Mestre de Santiago, que em 1541 obteve licença para reparar as vallas dos moinhos com a terra extrahida de determinado sítio. Estes moinhos passaram depois para as mãos de Manuel de Aguiar e Inês Delgada, que no dizer de sua filha e genro, e herdeiros naturaes, Luisa Delgada de Aguiar e Miguel Serrão os tinham comprado á Allemoa quando viuva. Como a asserção é de 1611, torna-se provavel haver aqui um equivoco plausivel, pois Tristão Del-

---

[1] Foi provavelmente neste documento, unico que nos dá conta do facto, que se baseou Almeida Carvalho para affirmar o desbaste que tem soffrido as ruinas desde o começo do sec. XVI.

[2] *O Arch. Port.*, III, 260.

gado, se os appellidos nos não enganam, era pae ou parente de Inês Delgada.

Em 1522 e 1527 fez doação perpetua o Mestre D. Jorge a D. Helena de Lencastre, sua filha[1], dos terrenos que a maré cobria no esteiro que divide a peninsula baixa da Troia do continente e para onde corre um rio sem denominação nos mappas, o qual primitivamente teve o nome de *Alpena* e mais tarde o de *Pera*. Os terrenos concedidos confrontavam com as charnecas de Alcacer do Sal e Grandola.

Quando no anno de 1611 se fez tombo das propriedades da Ordem em Setubal e seu termo, foi chamado perante o Juiz que procedia ao arrolamento o já mencionado Miguel Serrão, escrivão da Alfandega d'aquella villa, para dar notícia da marinha e das enseadas da lagôa de que era usufructuario com sua molher Luisa de Andrade de Aguiar que evidentemente é a Luisa Delgada de Aguiar, que julgo descendente, pelo lado de sua mãe Inês Delgada, de Tristão Delgado. Por esta fórma eram em 1611 proprietarios da maior parte da Peninsula Miguel Serrão e sua mulher.

Era pelo sítio da Troia que os passageiros atravessavam a bahia para se dirigirem para o sul, convindo-lhes mais passarem em frente de Setubal do que terem de vadear em local menos abrigado o rio Sado. O trafego ainda assim não era muito importante, e as accommodações insufficientes obrigavam os passageiros a aproveitarem-se ás vezes da ermida ali existente como estalagem. Em 1611 tinham os viandantes ao seu dispor uma estalagem de que era proprietario Bartholomeu de Sequeira que as herdara de seus maiores, agraciados com essa concessão pelo mestre D. Jorge de Lencastre, fallecido em 1550. Não era grande o numero de individuos, no dizer dos interessados no batel da passagem, que se trasladavam de Setubal á margem fronteira. O rendimento da passagem estava calculado, em 1543 e 1549, na quantia de quatro mil reaes; setenta annos depois (1611) subia á cifra de trinta mil reaes tendo septuplicado neste periodo de tempo. Em 1528 fizera-se inquirição das taxas da passagem confirmadas pelo uso, e, a pedido do concessionario, tinham sido elevadas. Os passageiros dividiam-se em viandantes acompanhados das suas mercadorias e gados que se dirigiam ás povoações situadas na costa, segundo creio, e em

---

[1] D. Helena de Lencastre foi Commendadeira de Santos em cujo logar succedeu a sua avó paterna D. Anna de Mendonça, amante de D. João II, pelos annos de 1550. — *Historia Genealogica*, XI, 34.

molheres que iam apanhar ameijoas e transportavam lenha. Pela festa de Nossa Senhora da Troia, que, por uma noticia do seculo XVIII, sabemos tinha a denominação mais precisa de Nossa Senhora dos Prazeres, á qual se faziam duas festas no mez de Agosto, promovidas pelos hortelões e pelos maritimos, era a concorrencia da gente de Setubal grande. Sería por esta occasião que algumas povoações enviariam cirios á Senhora.

Em 1522 o Licenciado Pero Lopes, physico e cavalleiro de Santiago, recebia a renda do batel da passagem de Setubal a Troia, com a clausula de lhe poder ser retirada e substituida por outra de igual quantia. E assim aconteceu em 1525 em cujo anno foi entregue a Antonio de Lucena, tambem cavalleiro de Santiago, com clausula identica, o que permittiu outros tres annos depois estar em posse d'ella novamente o Licenciado Pero Lopes. Mas em 1543 Antonio de Lucena recebia a posse de tão movimentada renda da qual gozou talvez até 1549 em que lhe succedeu Pero Lopes. Depois só em 1611 encontro noticia da renda do batel ser direito real e tê-la deixado vaga Antonio Sages Pereira.

O attractivo principal da Troia consistia na visita á ermida da Senhora milagrosa, que sabemos já existia em 1482[1]. Os nomes dos seus ermitães são por ordem chronologica: Luis Eannes em 1502, Pero Gonçalves em 1529 e 1533, Gaspar Alves em 1606, Manuel Fernandes em 1623, e finalmente o Padre Macario José Ferreira Nabo em 1748, que ainda era vivo em 1758. As consortes dos ermitães tinham tambem o nome de ermitãs. Quando foi construida a ermida não o sabemos, nem tão pouco o sabiam os contemporaneos do auge do seu maior esplendor, como diz expressamente a Visitação de 1552. É possivel que se ligue ás origens piscatorias de Setubal. Parece ter sido edificada por uma collectividade ou pelo povo (de Setubal), por isso que a camara tinha direito de nomear o ermitão sob confirmação da Ordem. Os deveres d'estes serventuarios estão exarados nalguns diplomas de suas nomeações.

De vez em quando a Ordem mandava os seus visitadores inquirirem do estado do edificio e dos objectos do culto, alguns bastante preciosos, que a piedade dos fieis de todas as classes sociaes ali tinham levado. Procissões ou romagens, como ainda hoje as vemos percorrer dezenas de leguas a Extremadura, passavam o rio de Setubal para irem abastecer os caixões da ermida com a cera necessaria ao culto,

---

[1] *O Arch. Port.*, III, 258.

e onde esta se reunia a numerosos *ex-votos* de cera e de prata; pagas realizadas de pedidos satisfeitos, segundo o nosso povo. Já Ovidio dizia:

> Munera, crede mihi, capiunt hominesque deosque:
> Placatur donis Juppiter ipse datis.
>
> (*Ars amandi*, III, 653-654.)

A este proposito animava-se a desolada região da Troia, e o vinho[1] correndo a jorros, como ainda hoje succede nas romarias, devia enthusiasmar os meridionaes ali recorrentes, fazendo-lhes celebrar ruidosamente as virtudes da Senhora. A Senhora então era assaz milagrosa, e entre as pessoas notaveis que a honraram com offertas conta-se a rainha D. Leonor, esposa de D. João II, e a nora d'este rei, a esposa de D. Jorge, Mestre da Ordem de Santiago.

Pela Visitação de 1552 se vê que «enterram dentro (*da ermida*) e asy de fora da banda do sul algũs mareantes que dam a costa». Portanto as ossadas que se encontrarem perto da ermida, quando um dia se fizerem explorações methodicas, tem esta origem. Pela mencionada Visitação fica-se sabendo haver uma confraria com 365 confrades.

Todos os documentos são concordes em affirmar que a ermida de Nossa Senhora é de pedra e cal. A mais antiga Visitação, já impressa, a que me tenho referido, diz expressamente: «o corpo da Igreija e as paredes della sã de pedra e caall, asy como as da ousya». Uma noticia de caracter official de 1611 diz a respeito da ermida «a qual he hũa casa toda de pedra e cal». Assente este facto e sabendo nós que desde tempo immemorial (di-lo um documento datado de 1502, transcripto no tombo de 1611) a região onde as ruinas existem tem sido saqueadas atrozmente[2], quer para servir a pedra d'ali extrahida para lastro aos navios, quer para a construcção de novos edificios, não repugna crer que os alicerces e paredes da ermida estejam replectas

---

[1] Doc. n.º XVI.

[2] «E a tanto chegou o vandalismo, que, pelo menos, desde o começo do sec. XVI, a Ordem de Sant-Iago, antiga senhoria do terreno, impunha aos emphyteutas ficar fóra da sesmaria toda a pedra alli existente, para ser applicada á construcção de casas e moinhos, e ainda depois para obras ou reparos de marinhas ou salinas, não podendo nunca o emphyteuta tolher a qualquer pessoa o poder alli ir buscar a pedra que quisesse. D'alli, pois, d'essas minas teem sido tirados muitos milhares de barcadas de pedra, tijolos, telhas, quebrados e desfeitos; antigos monumentos, que poderiam estar hoje formando e ornando em Portugal um dos melhores museus». J. C. de Almeida Carvalho, *A Sociedade Archeologica Lusitana. As antiguidades extrahidas das ruinas de Troia e onde é que se acham depositadas*, 1896, p. 49.

de pedras gravadas que tão uteis seriam conpetentemente estudadas para o conhecimento do periodo romano. É devido a um caso semelhante que o Sr. Leite de Vasconcellos encontrou no concelho do Alandroal bastantes inscripções romanas. Decaindo gradualmente de importancia a ermida pelo desapparecimento do poder material da Ordem de Santíago, e pelo descuramento da municipalidade de Setubal, veiu ella assim como as ruinas romanas ás mãos de um particular, o Sr. Francisco Cabral de Aquino Mascarenhas, que felizmente, do que são prova as paginas d-*O Archeologo Português,* não põe impedimento ás investigações intelligentes do terreno. No emtanto é preciso não esquecer que numa carta de sesmaria de 1502 se dizia «que se não acheguase (*o limite da sesmaria*) has casas de Nosa Senhora Santa Maria da Troia com hũ tiro de besta».

I

Carta adueniencie habite inter dominum Regem et ordinem d'Ocles super directis uenientibus per focem d'Alcazar d'Setuual e d'Palmela

Conoçuda cousa seia a quantos esta Carta uirẽ, como sobre contẽda ,que era entre nos don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue duhua parte e nos don Pááy Periz por essa méésma graça Maestre da Ordin da Caualaria de Santiago eno nome de nos e de nossa Ordin da outra parte. sobre razõ do Ryo que uen de Alcaçar áá foz de Palmela e de Setuual e sobrela foz dAlpena e do porto dAlmadáá. e sobrelas pescarias dAlmadáá e de Sesimbra. e de Palmela. e de Setuual. e dAlcaçar. Eu Rey don Affonso sobredito cũ outorgamento de mha moler a Raya dõna Beatrix filla do nobre Rey de Castela. e de Leon e de meus fillos. e de mhas fillas. don Dinis. don Afonso. dõna Bramca. e dõna Samcha. E nos don Paay Periz. Maestre sobredito cũ outorgamento de nosso Cabidóó gééral fazemos tal preyto e tal auéénza de nossa boa uóóntade. por prol de nosso Reyno. e de nossa Ordin. e daqueles que de pos nos uerram. que de todas as Barcas que entrarẽ pela foz do Ryo dAlcaçar, tã ben cũ panos. come cũ ferro. come cũ cobre. come cũ Madeyra. come cũ Methaes. come cũ Coyros. come cõ Cera. come cõ todalas cousas que per hy entrarẽ que aia ende el Rey a dizima (*sic*). e desta dezima que ende el Rey ouuer que aia ende a Ordin a dezima. E outrosi de todalas cousas que sayrẽ contra ho mar. pela foz do Ryo que uen dAlcaçar. que aia ende a Ordin seu dereyto .....

Dada foy esta Carta en Santaren tres dias andados de ffeuereyro.

el Rey o mãdou per don Johã dAuoyn seu Mayordomo mayor. e per don Martin Affonso. e per don Affonso Lupiz. e per don Diago Lupiz. e per don Méén Rodriguiz. e per don Pedre Eanes. e per don Pedro Ponço. e per Laurenço Soariz de Valadares. e per Roy Garsia dPauia. e per Johã Soariz Coelho. e per frey Affonso Periz Farĩa. e per Martĩ Anes de Vinal. e per Pedro Affonso de Çamora. e per Martĩ Dade alcayde de Santarem. e per Maestre Steuã archidiagóó de Bragáá. e per ffrey Giraldo da Ordin dos préégadores. e per Ffernã Fernãdiz Cogomio. e per Domĩgos Iohanes seu clerigo. e pelos outros de seu Consello. Johã Periz notayro da corte a fez. ena Era de Mil e trezẽtos e duze anos[1].

II

Em nome de Deos amen. Saibão os que esta carta de sesmaria virem, que, no anno do naçimento de nosso Snnor Ihũ Cristo de mill e quinhemtos e dous annos, aos vimte e sete dias do mes de Julho da dita hera, em a villa de Setuuall, peramte Luis de Baros, escudeiro da casa do Snnor duque de Coimbra, noso Snnor e seu allmoxarife das Remdas e direitos da ordem de Santiago em a dita villa e sesmeiro pello dito Snnor em a dita villa a seu termo, peramte elle dito allmoxarife pareçeo João Gomçallues e Alemoa, sua molher, e loguo por elles foi dito ao dito allmoxarife que lhe pedião que lhe desem de sesmaria hũa tera e hũ esteiro da lagoa da Troja pera em ella fazer vinhas e casas e silhos de collmeas e outras cousas de que se da dita tera poder aproueitar, e no esteiro fazer moinhos de moer pão; e, visto por ho dito allmoxarife seu Requerimento, fes pergunta ao dito snnor, que em ho dito tempo estava em a dita villa; se lhe daua a dita sesmaria, e sua senhoria lhe mandara que lha dese, comtamto que se não acheguase has casas de Nosa senhora Santa Maria da Troia com hũ tiro de besta; e, visto por ho dito allmoxarife ho prazimento do dito sñor, foi comiguo escriuão adiamte nomeado e testemunhas adiamte escritas ver a dita sesmaria e esteiro, asima da lagoa no cabo della; e, visto todo por ho dito allmoxarife, como he cousa de que uem proueito a dita ordem, por ho poder que lhe he dado per a ordenação dell Rei noso snnor feita sobre tall caso e prazimento do dito snnor duque, deu e outorgou a dita tera e esteiro de sesmaria ao dito João Gomçallues e sua molher, deste dia em diante pera sempre, pera elles e todos seus herdeiros e sosesores que depois

[1] Liv. 1 de *Doações* de D. Affonso III, fl. 156.

delles vierem; a quall sesmaria parte aguiam com ho mar do Rio da dita villa, e ao levante com hũa portella e caminho de Millides do quall paresem as casas de Nosa Senhora Santa Maria da Troia: que he hũa grande meia legoa das ditas casas da portella direitamente a costa do mar da bamda do sull vimdo pera os medãos dareia da dita costa ate ho cabo da llagoa domde se mete ho dito esteiro pera Riba, e ao poemte parte ha dita sesmaria com hũa figeira baforeira, que esta hũ tiro de besta das ditas casas de Nosa Senhora, e da dita figeira direitamente pera ho dito Rio da bamda do norte e isso mesmo da dita figeira direitamente pera ho medam dareia da dita allagoa da bamda do sull; ficamdo ha dita sesmaria pera logramento do pouo da dita villa, segumdo sempre foi costume, somente o logramento daugoa da mare que por ella entra pera moemda dos moinhos que am de fazer em sima no cabo da dita alagoa no esteiro que vai asima della; e, posto que nas ditas comfromtações esta a fomte dagoa antigua domde se serue a casa de nosa senhora e todos os pasageiros que vão e vem, não lhe he dada de sesmaria ha dita fomte: somente que se logrem dagoa della pera sua seruidão como todos; e que posão apanhar pedra pera fazerẽ suas casas ou moinhos, não tolhemdo que lha apanhe quem quizer segundo sempre fizerão; e lhe deu ho dito allmoxarife poder que eles posão tomar pose da dita sesmaria ..... Testemunhas que a esta presemte forão Fernão Gomçallues Freire e Duarte Teixeira, escudeiro dell Rei, e Pero do Porto, allfaiate e Gill Penedo e Gomçallo Vaz, criado do dito allmoxarife, e Luis Eanes, jrmitão da dita casa de Nosa Senhora, todos moradores na dita villa e Eu Diogo Peres, escriuão do dito Snnor duque, com ho dito allmoxarifado e sesmarias, que esta carta tresladei da nota e a dei ao dito João Gomçallues e sua molher pera sua guarda asinada por mim Diogo Pires. Pagou com hida e nota semto e simcoemta reaes [1]. . .

III

Sobre Nosa Senhora da Troya

Item. achamos que a dita Jrmida tinha hũuas grades de paao de castanho pera o arco da capella, e, por minguoa de gollfãaos e fechadura, nam se punham, em tall modo que a Jemte emtrava na dita ousia e dormjam nella e faziam desonestidades, o que era pouco ser-

[1] Junto ao Doc. XXI.

uiço de deus: pollo quall mamdamos que demtro de hũu mes os ditos gollfãaos e fechadura se façã e as ditas grades se ponhã no dito arco. As quaees estaram sempre fechadas, saluo quamdo diserem misa ou quamdo quiserem correger allgũua cousa na dita Jgreja. E o dito Jrmitam e mordomo seram avisados, que cumprã asy esta nosa detrimjnaçã [1].

IV

Aforamento a Senhora Dona Jlena

Dom Jorge, etc. a quamtos esta nosa carta daforamento ẽ fatiosym perpetum uirem, fazemos saber que dona Jlena dAlemcastrio minha filha nos dise que daquela parte de Nosa Senhora da Troia avia hũ esteiro que se chamaua da Foz de Pera que vay ter a Mouta e de hũa parte e doutra do dito esteiro estauã muitas terras salgadas õde a mare e augoa salgada chegaua asy como se começaua foz do Rio de Pera que entra no Rio desta uilla de Setuuall e daly uaj a Mouta que seram bem tres legoas e uay daly da Mouta ate a Malhada de Cima donde ẽtra hũ paull gramde que sera de comprido mea legoa e pela bamda da Troia cõ modaoos do mar e uay ter ao Castello da Guera e dy uay per charneca ate cima da dita Mouta omde começou, e da bamda dAlcaçer parte pelas charnecas Jmdo ate omde se acaba a terra de çima e cõ outras cõfromtações cõ que de direito deuem partir e demtro destas cõfromtações Jazem muitos sapaes e Jumcaes salgados as quaes teras eram salgadas maninhas e agosas ..... aforamos e damos de foro a dita dona Jlena minha filha ..... cõ tall cõdiçã que ela as aproveite ẽ terras de pão e em quaesquer outras bemfeitorias ..... etc. Dada ẽ a nosa uilla de Setuuall a xx dias de setembro. Pero Aluez a fez de j̄ b^c xxij anos (*1522*) [2].

V

Dom Jorge etc. a quamtos esta nosa carta uirẽ, fazemos saber que auemdo nos Respeyto aos muitos seruiços que o Licenciado Pero Lopez, noso fiysyco, caualeiro da ordem de Samtiaguo, tẽ feytos a nos e a dita ordem e esperamos que ao dyamte faça e, querẽdo lhe

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago,* liv. 148, fl. 53. Anno de 1510.

[2] Cartorio da *Ordem de Santiago,* liv. 42, fl. 145 *v.*

fazer graça e merce, temos por bem que de Sam Joam Bautysta, que ora uem de b^c e xxij (*1522*) em dyamte, elle tenha e aja com o abyto da dita ordem a Remda do batell que pasa de Setuual pera a Troya, asy e tam Jmteyramente como a dita ordem pertemçe e mylhor se o elle cõ direito mylhor pode e deue auer: e porẽ mamdamos ao noso comtador do noso mestrado de Santyaguo que ua meter ẽ pose do dito batell e Renda delle ao dyto Licenciado Pero Lopez, segundo forma de seu Rygymento, pera o elle aRemdar e aRecadar a dita Remda como cousa sua e de que lhe nos temos feyta merçe, sem lhe a elle ser posta outra duuyda nẽ ẽbarguo; por quamto nos por esta o temos prouydo della, A quall Remda lhe damos cõ tall declaraçã que nos lha posamos tomar quãdo nos aprouuer e dar por elle outra Remda quãto esta que lhe tomamos Remder; e por sua guarda lhe mandamos dar esta nosa carta de padrã per nos asynada e asellada do noso sello pẽdente da dyta ordem da quall nõ pagara dyzymo ao conuento de Palmella por nõ ser de contya de que temos ordenado se pagar o dito dyzymo. Dada ẽ a nosa uilla de Palmella aos bj dyas do mes de Junho. Pero Alueres a fez de j b^c xxij (*1522*) annos [1].

VI

Amtonio de Lucena as Rẽdas do batell que pasa pera a Troya

Dom Jorge etc. a quamtos esta nosa carta uirẽ, fazemos saber que, auemdo nos Respeyto aos muitos seruiços que Amtonio de Lucena, caualeiro da ordem de Samtiago, tẽ feytos a nos e a dita ordem e esperamos que hao diamte faça e por lhe fazermos graça e merçe, temos por bem de lhe dar e lhe damos as Remdas do batell da pasajẽ da nosa uilla de Setuuall pera a Troya Jmteiramente como a dita ordem pertemçe e asy e pela guisa que as deue teer; as quaes lhe asy damos cõ todolos foros e direitos e pertenças e trebutos como a dita ordem os ha e mylhor e mays compridamente se os elle cõ direito pode e deue auer. E, porẽ, mãdamos ao noso contador do dito mestrado que ua ẽtregar as Remdas do dito batell cõ todallas cousas delle ao dito Amtonyo de Lucena, segundo forma de seu Rygimento, cõ todallas Rendas delle, por quamto nos temos prouydo dellas como dito he; as quays Rendas do dito batell lhe damos cõ tall declaraçã, que nos lha posamos tomar quando nos aprouuer e dar por ellas outra

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, liv. 12, fl. 78 *v*.

Remda quamto esta que lhe tomamos Render, e por sua guarda lhe mãdamos dar esta carta per nos asynada e sellada do nosso sello. Dada ẽ a cydade dEvora a xb do mes de feuereiro. Pero Aluarez a fez de j̄ b^c xxb (*1525*) annos [1].

VII

Aforamento a senhora dona Ilena

Dom Jorge, etc. a quamtos esta nosa carta daforamento ẽ fatiosym perpetũ uirem, fazemos saber que dona Ilena dAlamcastrio, minha filha, nos dise que daquela parte de Nosa Senhora da Troia auia hũ esteiro que se chamaua da Foz da Pera, que vay ter a Mouta, e de hũa parte e doutra do dito esteiro estauã muitas terras salgadas, omde a maree e augoa salgada chegaua, as quaes terras sam de Juncaes e sapaes e bregos e partem de hũa parte cõ charneca dAlcaçer e de Grãdolla, e da outra parte cõ estrada que vay da casa onde esta a dita Senhora para Melides, e cõ outras cõfromtaçoes cõ que de direito deue partir, demtro nas quaes cõfromtações Jaziã os ditos salgados; as quaes terras erã todas salgadas maninhas e agosas e estauã desaproueitadas, e que aproueitamdose nos e a ordem de Samtiago Receberiamos niso muito proueito, por que alem do foro que nos pagaua, avia mais de pagar o dizimo das lavoiras; pedindonos por merce que lhe quisesemos aforar o dito esteiro, asy esta nosa uilla de Setuuall Receberia grãde proueito por ser terra omde nõ ha estas lavoiras. E nos uẽdo seu dizer e pedir quisemos tomar primeiro ẽformaçã dos ditos salgados e auido sobretudo comprida ẽformação nos pareceo que era euidente proueito da dita ordẽ aforarem ..... etc. Dada ẽ a nosa uilla de Setuuall a ix dias dagosto. Pero Aluez a fez de j̄ b^c xxbij anos (*1527*) [2].

VIII

Ao Licenciado Fisyco acrecentamento da pasaje do batell da Troia

Nos ho mestre e duque etc. A quamtos este noso aluara virem, fazemos saber que ho Licenciado Pero Lopez, caualeiro da ordem de Santiago, noso fisico, nos dise como elle tinha o batell da pasagem da Troia, e por ser de pouca pasajem e o premio que se dele leuaua

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago,* liv. 13, fl. 138 *v.*

[2] Cartorio da *Ordem de Santiago,* liv. 42, fl. 141 *v.*

ser tam pouco e as custas do batell e a opresão da obrygaçam que ho bateleiro tinha a estar prestes e hyr as ditas pasajes a quallquer ora erã tamanhas que por yso nõ podia achar barqueyros que se ẽcarregasẽ e quixesẽ obrigar a dito pasajẽ e elle ha podia mall prouer, pydindonos que hacrescemtasemos o premio della, por que os tempos erã agora de mores despesas e as pasajees do Reyno pella maior parte erã acrescemtadas, primcipallmente que este acrecentamento fose dos estramgeiros e pesoas de fora que ẽ todalas partes pagauã mais que os vizinhos. E visto per nos seu dizer e pidir e a emformaçã que de todo ouuemos e o pouco proueito que ora se tẽ da dita pasajem e como nõ a querẽ aceytar os barqueyros e quã neçeçaria he a bem comũ e darse forma como seja sempre prouidà de batell e pesoa que nele ande e tenha bom cuydado e Respeitando tambem a outros semelhantes pasagees polo asy semtirmos por bem mãdamos aquy declarar ho custume do que se paga por pasajẽ do dito batell, do quall custume tomamos primeiramente ẽformaçõ por pesoas amtigas ajuramẽtadas que ho bẽ sabiam e declararam nesta maneira.

it. que cada pesoa ezcoteira paga sete reaes.

it. por cada besta se paga dezoyto reaes.

it. por cada carega sete reaes; nõ sendo de costall liado.

it. por caregos de costasys liados se pagã a sete reaes por costall .s. costaes de panos e de cortiça e doutras trouxas e almofreixas.

E con tall declaraçã que ha besta salua seu dono ẽ maneira que ha pesoa que traz besta por sy e por ella nõ paga majs dos desoyto reaes.

it. de gado meudo .s. cabras, carneyros, ovelhas dous reaes por cabeça e dos porcos a quatro reaes por cabeça.

it. de gado vaqũu se paga segundo seu dono se ave cõ ho barqueiro por que ha sua avemça de hũu e doutro se paga por elle.

it. as molheres que vã apanhar as ameigeas paga cada hũa quatro reaes da Jda e da vida (*sic*) por ambas as vyages. E se trazem feixes de lenha ou outras cousas pagã hũu Reall de cada feixe. E outro reall do saco das ameigeas.

it. as molheres que vã apanhar as ameigeas paga cada hũa quatro reaes da Jda e da vinda por ambas as viagens.

O quall custume mãdamos que se guarde como sempre sacustumou, cõ esta teperãça pera que se milhor posa achar sempre bateleiro que tenha cargo da dita pasajem e a ordem e elle nõ percã .s. que as pesoas de fora que nõ forem moradores ou vizinhos desta vila de Setuuall e seus termos pagẽ mais tres reaes por cada pesoa e por cada besta cõ as declarações sobreditas, por que nos vizinhos ou mo-

radores desta villa e seu termo nã se faz Jnnouação e pagarão ho acustumado como sempre pagarã das pesoas e bestas e das outras cousas nẽ se faz Jnnouação aos de fora nas outras cousas mais por que delas pagarã como os da vila e se guardara nyso ho dito custume ẽ todos.

E por que o bateleiro e pesoa que tẽ cargo do dito batell tem pena se nõ estiuer prestes sempre e aparelhada a seruir a dita pasajẽ e Receberia muito danificamento se outros bateis ou barcos ouuesẽ tambem de pasar e lhe leuasẽ proueyto: mãdamos que quallquer outro batell ou barca que por dinheiro pasar na dita pasajẽ page dous mill reaes a metade pera cujo for o dito batell de pasajẽ e a outra metade pera a fabrica de Sã Giam da dita villa, da quall pena será Juiz o noso almoxarife e porẽ nõ ãdando o batell da pasajẽ ordenadamente nella e prestes e comcertado como dito he ẽtã nõ ẽcorerã ẽ pena os outros que nella pasarẽ por que, quamdo o dito batell nõ serue a pasajẽ como he obrigado, he neçeçario para bẽ comũ, poderẽ os outros andar nella.

Porem noteficamos asy todo ao dito almoxarife e a nosos oficiais a que pertemcer e lhes mãdamos cõ ho cumprã e guardẽ como se neste contẽ. Feito ẽ a nosa vila de Setuual a biij de Junho. Pero Coelho o fez de j̄ b^c xxbiij^o. (*1528*)[1].

IX

Registo de hũu aluara dermitao de Nosa Senhora da Troya da vyla de Setuvall a Pero Gonçalvez[2]

Nos o mestre e duque etc. A quamtos este noso aluara vyrem, fazemos saber que Pero Gonçalvez, morador ẽ a nosa vyla de Setuvall, nos apresemtou hũua carta da Camara da dita vylla asynãda pelo Juiz e pelos vereadores e procurador e aselada cõ ho selo do dito

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, liv. 10, fl. 133. No liv. 14, fl. 113, está registado um alvará elevando o preço das passagens. Tem a data de 27 de Maio de 1528.

[2] No Liv. 12 da *Chancellaria Antiga da Ordem de Santiago*, fl. 205, vem uma carta do ermitão de Nossa Senhora de Troya, annexa á igreja de S. Sebastião de Setubal, passada a Manuel Fernandes. E datada de 9 de Novembro de 1623. Por carta de 6 de Novembro de 1748, liv. 30 da mesma *Ordem*, fl. 185 *v.*, recebeu identico encargo o Padre Macario José Ferreira Navo, o qual «era costumado a hir dizer missa e se utilizavão disso os moradores dessas prayas».

Concelho per que ho dam por Jrmitão de Nosa Senhora da Troya dalem do Rio por tres annos e cõ certas comdiçoees e obrygaçoees ao dito carego, segundo na dita carta mais compridamente era comtheudo; a quall demostra ser feita por Gomez da Sera, escryvã da camara, aos dez dias do mes de dezẽbro do ano pasado de mjll e b^c xxbiij (*1528*) pedymdo nos por merce que ho ouvesemos asy por bem e lhe desemos noso aluara daprouação e comfirmação do dito carego e vysta per nos a dita carta e pelo symtirmos por bẽ .....

Feito ẽ Lixboa a bij dias de dezembro. Pero Coelho o fez de mjll e b^c xxix (*1529*). E este pase pela nosa chancellaria [1].

X

Visitação de Nosa Senhora da Troya

it. achamos que esta Jrmida de Nosa Senhora estaa cõfrontada e medida no tombo atras dito na Visitação passada as trinta folhas cõ as cassas que estão Junto della e tudo estaa como na dita Visitação sse cõtem e por jsso nõ o pomos aqui.

it. achamos na dita Jrmida as coussas sseguintes que se fizerã e ouuerão despois da dita Vissitação e aquelles que achamos serẽ gastadas das que estauã postas na dita Visitação lhe ficão llogo postas verbas ẽ cada hũua como assy são gastadas. As quaees cousas que assy mais achamos ssão estas:

lt. hũu Retauollo novo pintado de ouro e azull que custou xxb Reaes.

it. mais huu callez de prata branco que sse nõ pesou por nõ (*haver balança*) está asy e afora este vimos o de prata dourado que esta na dita Visitação.

it. hũu frontall de pano da Jndia que deu Dyogo Frojão.

it. hũua ssaya de Nossa Senhora de damasco branco.

it. outra de çetim preto debruada de velludo preto.

it. outra velha de pano de Guynee.

it. outra de tafetaa amarello e bordada de velludo amarello e pello cabeção de preto.

it. duas ssayas de llinho velhas.

it. hũua coyfa llaurada de fio douro que deu a filha de Gonçalo dArouche.

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, n.º 15, fl. 3.

it. hũua beitilha nova.
it. hũu vollante que deu Fernã Dinis.
it. hũuas thoalhas novas de Frandes.
it. hũua pedra dara.
it. hũua calldeira de cobre nova.

Çera

it. hũu cirio novo de Villa Nova dAlluito.
it. outro grande pascoall dAllcaçere.
it. outro pascoall dos mõtes e outro pequeno.
it. quatro çirios desta villa.
it. setenta çirios de mão.
it. tem agora a dita Irmida huu asento de pomar que lhe lleixou Gonçalo Neto, filho de Martym Neto, ẽ Onena (?), termo de Pallmella, que Rende ij^c xbj Reaes; pella quall propriedade e foro lhe são obrigados dizer hũua mjsa Rezada nas oytauas de pascoa; e nõ tem outra nẽhũua Renda, ssoomente as esmollas e ofertas que tẽ per carta do dito ssenhor, segundo na dita Vissitação sse cõtem, e assy se dizer as mjssas como nella estaa declarado; a quall fazẽda fica ẽ poder de Gomes da Frota, moordomo que ora he da dita Jrmida e cõfraria, e assy o da visitação passada que aInda achamos[1].

XI

Registo da carta de cõfirmação de Pero Gonçalvez, Jrmitão de Nosa Senhora da Troja

Dom Jorge, etc., a quamtos esta nosa carta de confirmação virem, fazemos saber que por parte de Pero Gonçalvez, Jrmytão da Jrmyda de Nosa Senhora da Troia, edificada alem do Rio, termo da nosa vila de Setuval, nos foy apresẽtada hũua carta, que os vereadores e ofecyaes da dita vila lhe derã da dita Jrmyda, de que ho trelado he o segỹte:

A todolos Juizes e Justiças e pesoas a que esta carta de Jrmytão de Nosa Senhora da Troia for mostrada, Diogo Forjam e Johão Roiz e Nuno Alvarez, caualeiros e vereadores que ora somos ẽ esta

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, n.º 264, fl. 17, *Visitação de Setubal*, em 1533.

notavel vida de Setuval, e Johão Roubã, escudeiro e procurador do comcelho em ela, fazemos saber que, estando nos oje xxiij dias do mes de novembro deste anno presemte de myl e b^c xxxij (*1532*) annos em a camara da dita vila e Felipe Roiz, cavaleiro da ordẽ e almoxarife em a dita vila da dita hordem de Samtiago, provemdo no que comprya da dita vila e moradores dela; logo em a dita camara por parte de Pero Gonçalluez, Jrmitão que he da Jrmyda de Nosa Senhora da Troia edifycada alem do Rio, termo desta dita vila, de que a camara desta vila e vereadores della sempre tiverão a menistração da dita Jrmyda de lhe poer Jrmitã e tomar comta aos mordomos e poer mordomos e Jscryvão e tomar comta dos ornamentos e esmolas que aa dita casa de Nosa Senhora da Troia se oferece pelos fies christãos desmola que lhe querẽ dar, por elle foi dito que a camara lhe dera a dita irmyda por tres anos e lhe fez delo carta e cõfrymada pelo mestre, noso senhor.

E que por quamto os ditos tres anos eram já pasados e algũu tempo mais, que pedia que nos aprouvese lhe comfirmarmos a dita Jrmyda por mais tempo ou aquylo que nos bem pareçese; e ele dito Pero Gonçalvez e sua molher o faziam bem em servirem a dita casa de Nosa Senhora em tudo o que nela se comprya fazer; e visto asy todo o que por parte do dito Pero Gonçalvez, ermytão de Nosa Senhora, e de sua molher nos foy Requerydo; e visto como o tempo dos ditos tres anos de que lhe era feita carta da dita Jrmyda eram pasados: nos aprouve per nos ẽ camara e asy se asemtou no dito dia per acordos de nos ditos vereadores que lhe tornavamos a dar a dita casa de Nosa Senhora da Troia, e serem o dito Pero Gonçalvez e sua molher Jrmitães da dita casa em todas suas vidas, e em quamto o eles asy bem fezerem como te quy fizerão e fazem, por sabermos que ele serve bem a dita casa de Nosa Senhora de Jrmitã, por sabermos que ele tem a dita casa limpa e bem armada e alampadas acesas cada noute, e asy em ter agoa e lenha comtinoa pera os que vem ẽ Romarya a dita casa e pasageiros, e asy ẽ ter as cousas que Nosa Senhora tem em a dita Jrmyda muy bem llympas e guardadas, e não comsemtyr fazerse em a dita casa deshonestidades e maas cousas que per algũuas pesoas o querem fazer em meter albardas, bestas que se hy posam em o alpemdere que algũuas pesoas comtra sua vomtade querẽ meter; em todo tem Respeito em o fazer bem, lhe tornamos a dita irmyda ẽ sua vida como dito he. E por semtirmos que he auto e de boa comsyemcya e devação; que ho faz muito bem e a serviço de Deus e de Nosa Senhora, e outro nenhũu não, por que este avemos per bem que o seja, o qual avera as esmolas que ele pedir e lhe de-

rem pera sua mantemça de pam, vinho e dinheiro e das cousas que sempre os Jrmitoes da dita casa ouverã damtygamente e segundo em a carta que damtes pela camara tinha o decrara, e milhor se mylhor cõ Rezã lhe pertemce aver, ficamdo Resguardado pera a casa aver Nosa Senhora Joias douro e prata e ouro e cera, que sam dadas pelos fies christaos per suas devações, e asy comfraryas e outras cousas que pellas pesoas sã dadas decraradamente pera uso da dita casa e pera Nosa Senhora, e por que desta maneira o tornamos a comfrymar por Jrmitã e lhe pasamos esta nosa carta per nos asynada e aselada cõ ho sello deste comselho (*sic*), pera que todalas Justiças dos lugares destes Regnos de Portugal o deixem pedir e aver as esmolas que ele pedir e lhe os fies christãos quizerem por suas devações dar, asy de pão vinho azeite dinheiro e das outras cousas que pera suas mãtenças am mister. E per esta pedimos por merce ao mestre Noso Senhor que asy lha queira confrymar; e por verdade lha posamos per nos asynada e aselada no dito dia mes e ano. Feita per mym Gomez da Serra, escryvão da camara em a dita vila que per mandado dos sobreditos o fiz e lha dey.

Pedimdonos o dito Pero Gonçallvez que lhe confrymasemos a dita carta, e, visto per nos seu dizer e pedir, pela boa emformação que temos de sua vida e custumes, e que tem bom cuydado da dita casa de Nosa Senhora: temos por bem e per esta lha comfrymamos asy e da maneira que ẽ ela he comteudo, e mandamos que se lhe cumpra e guarde sem duuyda allgũa. Francisco Coelho o fez em Evora a xxx dias de dezembro de myll e b^c^ e xxxiij (*1533*). E esta pase per nosa chancellaria[1].

XII

Dom Jorge, etc. a quamtos esta nosa carta virem, ffazemos saber que Tristão Dellgado, cavaleyro da nosa casa, nos emviou a dizer que tem hũs moinhos demtro na llagoa da Troia, os quaes havia dous anos e meo que nõ moiam por terem as vallas aRombadas e se não poderem coreger sem lhe trazerem a terra de carreto, e esto acomteçera outras vezes, e a dita Troia hera aRea domde se nã podia fiazer, e avia tres ou quatro emseadas e Recamtos de moRacais que cobre a maRe que tem tera que haproveita pera as ditas vallas .s. tres da bamda da costa e faram que he ao ponemte da dita allagoa e hũua da bamda do lleuamte que he cõtra o poso amtigo domde beuem, os quaes

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, liv. 15, fl. 245.

moracaes (*sic*) e emseadas nõ eram de pesoa allgũa e erã no sallgado que pertemcia annos (*sic*) e a ordem, nos pedia que lhe ffizesemos delles merçe para dahi Repairarẽ e fazerem as vallas dos ditos moinhos agora e quamdo quer que lhe neseçario ffose; e, visto per nos seu dizer e pedir por nos parecer bom se he como elle dis, per esta carta lhe damos as ditas emseadas e Recamtos de moracais que hasy cobre a mare pera que dellas e quando quer que lhe comprir e quizer e elle e as pesoas que hos ditos moinhos tiverẽ poderem tirrar a terra para ffazer e Repairar as vallas e muros dos ditos moinhos sem lhe a iso ser posto duvida nẽ embargo allgũu; porem mãdamos ao noso almoxarife e Juizes e hofficiais desta villa e a todallas outras pesoas a que pertencer que lhe cumpram e guardem esta carta como se nella contem, a quall lhe mãdamos dar per nos asynada e asellada do noso sello. Dada ẽ Setuvall a nove de março de myll e qujnhemtos e quorenta e hũ. Francisco Rodrigues a fez e eu Pero Coelho a fiz espreuer e soespriuy [1].

XIII

A ele mesmo Amtonio de Lucena a pasagem do batell desta villa de Setuuall para a Troja

Dom Jorge, etc. A quãtos esta nosa carta virẽ, fazemos saber que avendo Respeito aos seruiços que Amtonio de Lucena, cavaleiro da ordem de Samtyago, tem feytos a nos e a dita ordem e esperamos que hao diante faça e por lhe fazermos merce, temos por bem de lhe darmos o batell da pasagem desta villa de Setuuall a Troja e toda a Remda que elle Remder pera a dita pasagem cõ ho abito de Samtyago, asy e como a ordem pertemce e milhor se as ele cõ direito poder aRecadar. E porem mãdamos ao noso contador do noso mestrado de Samtyago que va emtregar o dito batell e Remdas delle ao dito Antonio de Lucena, segundo forma de seu Regimento, o quall batell foy taixado ẽ nosa fazenda ẽ quatro mil reaes por anno, de que ha de pagar de dizimo ao convento de Samtyago quatrocemtos reaes, e por sua garda lhe mãdamos dar esta carta per nos asynada e aselada do noso selo. Dada em a nosa villa de Setuuall aos vymte e dous dias do mes de majo. Bartolomeu Velho a fez ano do nacimento de Noso Senhor Jhũ x°. de J̄ b^c Riij° (*1543*) anos e esta pasara pela nosa chancellaria [2].

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, liv. 234, fl. 11 da 1.ª parte.
[2] Cartorio da *Ordem de Santiago*, liv. 21, fl. 72 *v*.

XIV

Carta do batell de pasajẽ da Troia a Pero llopez cõ ho abito de Sãtiago

Dom Jorge, etc. a quamtos esta nosa carta virẽ, fazemos saber que avẽdo nos Respeito aos muitos seruiços que Pero Lopez, caualeiro da dita Ordem de Sam Tiago, tem feito aa dita Ordem e a nos, e esperamos que ao diamte faça, em Remuneração dos ditos seruiços, e por lhe fazermos merce: temos por bem de lhe darmos o batell da pasajem desta nosa vila de Setuual a Troia, e toda a Remda que elle Remde polla dita pasajem, com o abito da dita ordem de Sam Tiago, asy como a ordem pertence e milhor se a elle com direito poder aRecadar; e mãdamos ao noso contador do mestrado de Santiago que vaa ẽtregar o dyto batell e Remdas delle ao dito Pero Llopez, segundo forma de seu Regymento, o quall batell foi taxado ẽ nosa fazenda ẽ quatro mill reaes por ãno, de que ha de pagar de dizimo ao convento de Sã Tiago quatrocẽtos reaes; e por sua guarda lhe mãdamos dar esta nossa carta por nos asynada e asellada do noso sello pẽdẽte. Dada aos xbiij° dias do mes de dezembro. Bartollameu Velho a fez, anno do nacimento de noso Senhor Jhu Xpo de mill e quinhemtos Rix (*1549*). E esta pasará pella nosa chamcellaria. O quall batell e Rẽda delle Renũciou em nosas mãos Antonio de Llucena que ho tinha por nosa carta que foi Rota[1].

XV

Nossa Senhora da Troya

Aos çimquo dias do mes doctubro da dita era de 552 visitou o visitador a casa e Jrmida e cõfraria de Nossa Senhora, sytuada na Troya, anexa a Jgreja de Sancta Maria, na manejra segujnte:

A qual Jrmjda de Nossa Senhora não ha memoria de quẽ ha edificou.

it. Achou por Jrmitãaes da dita Jrmida a Luis Guomez e Caterina Roiz, sua molher, as quaes por não terẽ carta lha mãdou passar ẽ forma, ẽ nome da ordem.

it. Achou por mordomos da dita comfraria Andre Brjços e Bastiã Martinz e por escrivam Symão Diaz.

it. Tem a dita Irmjda hũ altar dalvanaria grande cõ hũ Retavollo de moderno, pimtado a oleo, novo, cõ seu guarda poo douro e azul, e

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago,* liv. 26, fl. 32.

o coroamento dourado; e no meo delle hũa Jmagẽ de Nossa Senhora de vulto, de madeira, pymtada, metida nũ Emcasamẽto cõ sua charolla dourada. Da jnvocação de Nossa Senhora da Troya.

it. hũa alampada que se alumja a custa das esmollas.

it. hũa campaa meãa.

it. outros dous Retavollos de Framdes, pequenos, preguados nas paredes, amtiguos.

it. hũ degrao gramde dalvanaria per omde sobem pera o altar.

it. ho Recebymẽto das grades pera demtro arguamassado.

it. hũas grades no meyo da capella de castanho, amtiguas, bem fechadas, com seus bycos de ferro pera porẽ cirios e camdeas.

it. he a parede dalvanaria quadrada tem hũa fresta da parte do norte que daa claridade que basta, forrada de castanho demguado (*sic*), bem tratado.

it. tem outras grades no cruzeiro de castanho dalto a baxo com suas portas e ferrolho bem fechadas.

it. hũa arca em que dejtam as esmollas fechada cõ sua fechadura e chave.

it. Outra arqueta com que pedem as esmollas pella vylla.

it. hũa pia daguoa bemta.

it. ho arco do cruzeyro Redomdo dalvanaria cõ hũ cruçifiyxo de vulto pequeno ẽ çima delle.

it. he a Igreja toda ladrilhada de tosquo, as paredes dalvanarja boas e fortes, e empenas.

it. tem hũa campãa grãde posta nũs paaos a de demtro da Jrmida, com que tamgem a mjssa.

it. tem ha dita Jrmida quatro frestas, o mais dellas tapado, e o que fica da claridade que basta.

it. he madejrada a dita Jrmida de castanho dasnas cõ suas lynhas do mesmo, telhada de valadio de duas aguoas.

it. ho portado da dita Jrmjda de pedraria, Redomdo com suas portas de castanho, seu ferrolho e fechadura bem fechadas.

it. de fora hũ alpemdere çarrado calçado de seyxo de laço, madejrado de castanho, telhado de valladio de duas aguoas.

it. tres casas omde esta o Jrmitã e se Recolhem os Romejros e gemte passagejra, madejradas e telhadas de valladio como se mostrara na pramta.

it. não tem capellam, nẽ admjnistram os santos sacramẽtos na dita Jrmjda, emterram demtro e asy de fora da bamda do ssul algũs mareãtes que dam a costa.

it. Estam na capella da dita Jrmjda das grades pera dentro tres

çirios de comfrarias .s. hũ dAlcacere e os dous dos Mõtes pimtados de folha, novos e Jmteiros, poderã ter pouquo mais ou menos todos dous qujmtaes e meo de çèra—iij çirios grãdes.

E tem vimte çirios da cõfraria de mais daRatel cada hũ—xx çirios pequenos.

Ornamentos da dita Jrmjda

it. duas pedras dara .s. hũa pequena que está ẽ poder dos mordomos, e outra que está na Jrmjda de Nossa Senhora.

it. hũs corporaes com ssuas guardas.

it. hũa vestimẽta de veludo azul adamascado cõ savastro de veludo cramysjm, framjada de Retros amarello verde brãco e vermelho, de todo comprjda forrada de bocasym amarello, antigua, sãa de todo, pera servir—j vestimenta.

it. Outra vistimẽta de seda da Jmdia sẽ savastros nẽ frãja forrada de bocasim vermelho de todo comprjda, amtigua e boa pera servir—j vistimenta.

it. hum fromtal de borcadylho da Jndia cõ tres baRas de veludo cramjsim ameadas, sua franJa de Retros amarello vermelho e verde, forrado de bocasym amarello. Novo—j frõtal.

it. tres fromtaes velhos. .s. hum destopa pintado de fyguras, e os dous de alguodam da Jndia pymtados—iij frõtaes.

it. duas toalhas velhas da Jndia que servem das stamtes—ij toalhas.

it. dois mjssaes .s. hũ de marca meãa de mea folha Romanos. Novos. O outro de çertos ofiçios de hũa corda, velho—j missal (*sic*).

Sayas de Nossa Senhora

it. hũa saya de çatim branco falso, cõ hũa baRa gramde por baxo de veludo preto ameada—j saya.

it. Outra saya de çatim falso baRada de borcadylho da Jndia forrada de catassol vermelho—j saya.

it. Outra saya de damasco da Jndia com hũus foguos de çatim amarello—j saya.

it. hũas corrediças de pano da Jmdia pymtado—j corrediças.

Os quaes ornamentos estam metidos ẽ hũa arqua da comfraria demtro na Jrmjda, bem fechados.

it. hũa cruz de pedraria de fromte da porta da dita Irmjda, com quatro degraos, bem laurada.

Prata

it. hũ calez de prata cõ sua patana (*sic*), dourado, laurado de folhas de cirquozes (?) que pesou dous marcos e quatro omças e duas octavas — ij marcos iiij õças ij octavas.

it. Outro calez de prata bramquo cõ sua patana laurado o pee de Romano çerquado que pesou hũ marco e cimquo omças e mea — j marco b õças e mea.

Os quaes calezes per peso e fejçóes sam ẽtregues ao mordomo Andre Brjços e as vestimẽtas, fromtaes, sayas de Nossa Senhora sam ẽtregues ao Jrmitã pera as ter na dita Jrmida cõ hos mais ornamẽtos e toalhas; e por verdade assynou aquj o dito André Briços cõ ho dito visitador. Em Setuual a b doctubro de j̄ b^c lij (*1552*). Gaspar Roiz escrivã da visitação ho escrevy. Nã assinou aquj Andre Briços, mordomo por ser fora ao mar.

Foy tomado cõta aos ditos mordomos de dous ãnos que começarã por dia de pascoa de b^c l^ta (*550*) e acabarã per outro tal dia b^c lij (*552*), e vysta a Recepta achousse ter Reçebydo ós ditos ãnos: xxiiij bj^c lxxbij reaes (*24:677 reaes*).

E vista a despesa achouse ter gastado em çera e outras despesas que fez per seu liuro de Recepta e despesa: xxiiij ix^c xxxbiij rs. (24:938 reaes).

E asy fica devemdo o dito mordomo a dita confraria setecẽtos e quarẽta reaes, os quaes forã caReguados ẽ Recepta sobre Andre Briços, mordomo, pera delles dar comta este ãno que sinou (?) que sera por pascoa de b^c liij (*553*); e por verdade assynou aquj a b doctubro de lij (*52*). Gaspar Roiz ho escrevy. E assy Recebeo mais de Antonio da Sylveira, mordomo que foy o ãno que hacabou per pascoa de b^c Rbiij^o (*548*), quinhẽtos e treze reaes, ho qual dinheiro Recebeo por elle Symõ Diaz, escrivã da cõfraria, e por verdade assynou aqui. = Symõ diaz .....

it. ha na dita cõfraria iij^c lxb (*365*) cõfrades[1].

XVI

Dom Sebastião etc. faço saber que José de Sousa, morador na vylla de Setuual, me enuyou dizer por sua pitição que vendendo ele

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, n.º 193, fl. 104 e sqq., *Visitação de Setubal*. Houve ainda outra Visitação em 1564: é o liv. n.º 202.

vynho pelo meudo, cõforme a ley, sendo necesaryo pera hũa festa de Nosa Senhora da Troya algũ vinho, ele por nã estar em medidas meudas medira pelo meio almude dous ou tres almudes pelo preço das medidas pequenas dera o dito vinho aos almudes etc. Dada em Almejrym a ij dabrjl ..... de j b^c lxxiiij^o (*1574*)[1].

XVII

Reconhecimento que fez Mjguel Serrão a Luiza dAndrade dAguiar das enceadas todas de Troja

Anno do Nacimento de Noso Senhor Jhu Cristo de mill e seiscentos e omze anos aos seis dias do mes de dezembro do dito ano nesta villa de Setuvel nas cazas da murada do Licenciado Antonio Machado da Silva, Juis do tombo da mesa mestral da Ordem de Sam Tiaguo, perante elle juis pareceo Miguel Serrão, escrivão dalfandegua desta villa e nella morador, e por elle foi dito em seu nome e da sua molher Luiza dAndrade dAguiar que elles tinhão e pesohião ora novamente por titolo daforamento em perpeto os morasais e praias da ordem que estão na emceada da lagoa da Troja, as quais tinhão por titolo daforamento que lhe era feito pelo comendador do mestrado por provizão de Sua Magestade, de que pagaua em cada hũ ano a mesa mestral de Santiaguo duzentos reis de foro, segumdo constou pella carta daforamento escrita por Esteuão damRiade, escriuão da comtadoria, aos vimte e quatro de novembro de mill e seiscemtos e omze .....
e declarou partirem ora as ditas praias emceadas e morasais da parte do norte com Ryo que vem dAlcacere pera esta dita villa pellos medos darea que a cerquão ate boca da lagoa por omde o mar entra nella e ce navega, e ao sul com mojnhos delle Miguel Serrão e caldeira delles e as mais teRas ao dito moinho anexas, e ao leuante com estrada de Melides ate fonte dagoa de beber, e ao poente cos medos darea que devidem a costa do mar da dita lagoa de que todo elle Juiz mandou fazer este termo[2].....

---

[1] Liv. 19 de *Legitimações* de D. Sebastião e de D. Henrique, fl. 257.
[2] Cartorio da *Ordem de Santiago,* n.º 54, fl. 302, Tombo de Setubal de 1611.

XVIII

Reconhecimento que fez Bertolameu de Sequeira das estalagens da Troya que ha no termo desta villa de Setuual

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Cristo de mil e seiscentos e treze annos aos trinta e hũ dias do mes de janeiro do ditto anno na villa de Setuual e casas da morada do Licenciado Antonio Machado da Sylua, Juiz dos tombos da messa mestral da ordẽ e caualaria do mestrado de Santiago, ahj pareçeo Bertholameu de Sequeira, morador nesta ditta villa, e por elle foy ditto ẽ seu nome e no de sua molher Natalea Froes que elles tinhão e pessuhião hũas estalagens cõ suas casas no citio da Troya, termo desta ditta villa, as quaes até agora pessuhirão por liures sẽ dellas paguarẽ foro algum, e por via de sesmaria sem fòro a ouuerão seus antepassados do mestre Dom Jorge, que Deus tem, e hora por quanto as dittas estalagens forão fejtas no salgado do termo desta ditta villa e senão podião pessuhir sem foro e por outrosj estar julgado por sentẽça do supremo Senado dos juizes dos feitos delRey como a ditta estalagẽ pertençia a messa mestral da Ordẽ de Santiaguo ..... e declarou partir e confrontar hora a ditta estalagẽ da parte do norte cõ o Ryo desta villa de Setuual e ao sul, leuãte e poente cõ terras da Troya que pessue Manuel Serrão desta ditta villa de que todo elle Juiz mãdou fazer este termo[1] .....

XIX

Reconhecimento que fez Miguel Serrão de hũa Marinha que esta no Ryo de Pera, termo desta villa

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Cristo de mil e seiscentos e doze annos aos dezanoue dias do mes de Junho do ditto anno nesta villa de Setuual e casas de morada do Licenciado Antonio Machado da Sylua, Juiz dos tombos da messa mestral da Ordẽ e Caualaria do Mestrado de Santiaguo, perante elle pareçeo Miguel Serrão, morador nesta ditta villa, e per elle foj ditto em seu nome e de sua molher Luisa dAguiar de Andrade que elles tinhão e pes-

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago*, n.º 54, fl. 304, Tombo de Setubal de 1611.

suhião hũa marinha no Ryo de Pera, termo desta villa, forejra a ordẽ de Sam Tiago em hũa galinha ou trinta reis por ellas ..... e declarou partirẽ cõfrontar a ditta marinha da parte do norte com morraçais que vem dar ao Ryo de Setuual da mesma marinha, e do sul com morraçais que vão pera a cõporta, e ao leuante com madre daugoa do Ryo de Pera, e ao poente com terras da Troya delle Miguel Serrão, e por elle Juiz foy mandado ajuntasse o titulo que tinha da ditta marinha[1].....

XX

Tem mais a ordẽ na ditta villa hũa barqua de pasagem que atrauessa o Ryo della para a Troya que he Direito real que foy emcomendada a Antonio Sages Pereira porque vagou, val de trinta mil reaes para cima de que só pagão os concertos da fabrica da barqua [2].

Hermida de Nossa Senhora da Troya

Ha no termo desta villa de Setuual alem do Ryo que vay della para Alcaçer que se distancia de hũa legoa na outra terra chamada a Troya hũa hermida da Inuocação de Nossa Senhora chamada Nossa Senhora da Troya, a qual he hũa casa toda de pedra e cal, madejrada de castanho e forrada, ladrilhada per bayxo con seus poyaes ao Redor e para a parte do poente tem hũ portal de pedraria redondo e na parede desta hermida para a parte do leuante está hum arquo de pedraria Redondo cõ suas grades, o qual vay a hũa capella outro sy toda de pedra e caal forrada e madeyrada de castanho.

Na parede desta capella de fronte do arquo está hum Altar cõ seu degrao ao pee e em çima delle hũ Retauolo pintado e dourado e no meyo delle a Imagem de Nossa Senhora em vulto de boa grãdura. A porta principal desta hermida esta hũ Alpendre todo em Roda fejto a maneira de casa de pedra e cal cõ seu portal de pedraria redondo.

Pertence esta hermida cõ suas casas que ao Redor tem, em que pousa o hermitão della e os mordomos quando a ella vão, a ordẽ de Santyago por estar em sua terra situada.

---

[1] Cartorio da *Ordem de Santiago,* n.º 54, fl. 394, Tombo do Setubal de 1611.
[2] Cartorio da *Ordem de Santiago,* n.º 55, fl. 13, Tombo de Setubal de 1611.

He hoie hermitão desta hermida Gaspar Alvez [1] por carta de Sua Magestade como gouernador e perpetuo administrador que he do ditto mestrado e ordẽ de Santyago passada pelos deputados da Messa da Consciencia e ordens. E cõ o ditto cargo ha somente as esmolas que os fieis christãos lhe querẽ dar por sua deuação e tẽ de obrigação de a ter sempre e limpa e bẽ concertada.

Pertençe a fabrica desta hermida aos mordomos e confrades della con seus ornamentos de que o Juiz dos tombos mãdou fazer estermo *(este termo)* que assynou comigo escrjvão Mattheus dAguiar que o escrevj.=*Antonio Machado da Sylua.*=*Matheus dAguiar* [2].

XXI

Reconhecimento que fez Miguel Serão das teRas e mojnhos da Troja

Anno do Nacimento de Noso Senhor Jesu Cristo de mill e seiscemtos e omze annos aos quatro dias do mes de outubro do dito ano nesta villa de Setuvel nas pouzadas da murada do Licenciado Antonio Machado da Silva, juis dos tombos da mesa mestral de Santiaguo que por provizão delRey noso senhor como mestre e gouernador que he do mestrado e ordem de Santiaguo amda fazendo o tombo das propiadades e mais cousas pertemcentes á dita mesa mestral da dita ordem, perante elle pareceo Miguel Serrão, morador nesta dita villa, e dice em seu nome e em nome de Luisa Delgada *(sic)* dAguiar, sua molher, que elles pesohião e tinhão hũa teRa e hũ estejro na lagoa da Troia em que tem uinhas cazas e cilhos de colmeas e asim mojnhos que ouverão per eramça de seu pai e sogro Manuel dAguiar e Ines Delgado, sua molher, os quais ouverão amtiguamente per compra dallmoa, molher que foi de Joam Gomsalves, a quem forão dadas de sesmaria pelos oficiais do mestre no ano de mill e quinhentos e dous como consta de hũa carta de sesmaria que aprezentou [3].....

---

[1] Adeante no mesmo Tombo vem o termo de reconhecimento que Gaspar Alvez assignou de cruz, pelo qual se vê ter recebido carta de ermitão em 13 de dezembro de 1606.

[2] Cartorio da *Ordem de Santiago,* n.º 55, fl. 341, v.

[3] É o n.º 1.

e declarou comfrontarem as ditas teRas e partirem da bamda do norte com Rio que vem dAlcacere do Sal e do Sul com porto de mar e strada que vai pera Melides, e ao levante com Rio de Pera, e ao poente com a costa do mar, e loguo outrosi aprezentou hũa sentemça que se ouve na mesa da comciencia[1].....

XXII

Comprehende mais a dita freguezia seis Ermidas ou Capelas sufraganeas a saber a de Nossa Senhora dos Prazeres no citio da Troya, que dista desta vila huma legoa, que ocupa entre huma e outra o Rio Sádo, ficando a Troya á parte do Sul e a vila á parte do Norte; e na dita Troya ainda no tempo prezente se descóbrem muitos vestigios de grandes edificios que sempre mostra ter sido huma grande povoassão fundada por Tubal, tambem nas prayas da dita Troya se tem descoberto e achado algumas moedas de varios metáis e deversas figuras e letreiros humas do Emperador Tito, outras de Nero, e Vespaziano, dizem que em poder de Francisco Manuel de Brito desta vila se concerva huma tal moeda de ouro com as figuras de Nero debaixo dos pês de Vespaziano e este com hum punhal na mão mostrando que com elle o tinha morto cuzido a punhaladas[2]. A imagem desta Senhora he muito milagroza em cuja Igreja se selebrão em o mes de Agosto duas festas annuaes, huma pelos Orteloens da terra, e outra pelos homens maritimos a que concorrem grande parte do povo desta villa.

Tem seu capelão que hé o Padre Machário Joze Ferreira Nábo posto pelo senhor Rey Dom João quinto, que está em gloria que na dita Capela dis missa todos os Domingos e dias Santos de guarda em cada hum anno para os pescadores asim da Costa como do Rio ouvirem missa, e bem asim os navegantes catolicos, que vam lançar os Lástros fora aquele citio[3].

A outra fonte tambem está no termo desta vila e districto desta freguezia de São Sebastião no citio da Troya, que divide o mar do rio e dista huma legoa por agua que he a largura que apanha o tal

---

[1] Esta sentença que vem transcripta no Tombo nada adeanta. Cartorio da *Ordem de Santiago*, n.º 54, fl. 538, Tombo de Setubal 1611.

[2] Ha um typo vulgar nas moedas romanas que representa um guerreiro arrastando um prisioneiro.

[3] *Diccionario Geographico*, ms., t. XXXIV, fl. 1108. Anno de 1758.

rio a qual agua he singular para as obstruçoens que as disfas e abre a vontade de comer cujo efeito lhe comunicão as raizes da erva devina que naquele terreno se cria que produzem o mesmo efeito e tanto estas como a mesma agua sam procuradas de muitas e diversas partes [1].

Pedro A. de Azevedo.

Museu de Sèvres

Faianças portuguesas

Os museus de França estão-se constantemente enriquecendo, não só por acquisições feitas á custa do Estado, mas por generosos donativos particulares.

Num dos ultimos numeros do *Temps* encontramos nós a relação dos objectos que deram ultimamente entrada no Museu de Sèvres, entre os quaes avulta uma collecção enviada pelo engenheiro francês o Sr. Charles Lepierre, professor de chimica na escola industrial de Coimbra.

Esta collecção comprehende 229 peças, que formam um quadro completo dos especimes da industria ceramica em Portugal.

O Sr. Lepierre juntou a esta remessa uma interessantissima memoria manuscrita, em que estuda os diversos processos de fabricação, e dá a analyse dos barros, entre os quaes o famoso barro de Estremós, de que antigamente, segundo se diz, as fidalgas portuguesas e hespanholas usavam como gulodice. Conta madame d'Aulnoy—vae a asserção sob a sua inteira responsabilidade—no seu *Voyage d'Espagne,* que os confessores a maior parte das vezes só lhes impunham a penitencia de passarem alguns dias sem comerem o barro [2].

---

[1] *Diccionario Geographico,* ms., t. xxxiv, fl. 1116.

[2] [Sobre este costume, tanto em voga em Hespanha no seculo xvii, escreveu um interessante artigo o Sr. Alfredo Morel-Fatio, in *Mélanges de Philologie romane dediés à Carl Wahlund,* Mâcon 1896, pp. 41–49. O illustre professor da École pratique des Hautes Études, de Paris, commenta com a sua costumada erudição, e conhecimento especial que tem da litteratura hespanhola, as palavras de Mme d'Aulnoy citadas na local aqui transcrita do *Diario de Noticias,* sobre as quaes não póde haver a menor dúvida. O artigo do Sr. Prof. Morel-Fatio intitula-se «Comer barro».— J. L. de V.].

Fôra para estimar que o estudo do Sr. Lapierre se vulgarizasse em português e que nas nossas escolas industriaes se formassem collecções, methodicamente organizadas e classificadas como aquella que foi remettida para o Museu de Sèvres.

(Do *Diario de Noticias*, de 7 de Janeiro de 1898).

Noticias antigas de Ceuta e Tânger

I

«Cepta cidade em ho estreyto herculeo em fronte de Gybraltar.

. . . . . .

Em tempo dos mouros estava nesta cidade huma muy fremosa e grande cisterna, a qual oje neste dia está ajnda que já cahe e se quebra. E tambem os christaõs a quebram por respeito dos mouros que alli se metiam e escondiam. Esta cisterna he feyta dabobada e tem dentro III^{c} e tantos (300 e tantos) pilares de pedra. Esta cisterna he tam grande como hum lugar de 500 vezinhos e he toda ladrilhada com azulejos ou tijollos vidrados.

. . . . . .

Tanger jaz cinco legoas de Alcaçar Ceguer..... Tem porto e baya que tem huma legoa de ponta a ponta.

E da outra banda estam hums edificios velhos onde em outro tempo foy huma cidade muy grande e se chama Tangere velho, porem os mouros dizem que em tempo antijgo estavam aqui trez lugares e os chamavam per seu arabigo Tange. s. o novo, e Angee. s. o velho, e Fange era huma cidade abaixo em a praya a qual ho mar alagou e he cuberto de area porem achamo la ainda muytas cousas da povoraçam.

. . . . . .

Em esta cidade desfezerom certas torres como em qualquer das outras que os christaõs desfezerom amtre as quaes acharom huma que debaixo do chaão de licece e licece tinha huma abobada çarrada e começaromna quebrar, e em rompendo hum buraco ouvirom huma voz ou hum brado grado queyxoso, forom espantados, porem os officiaes seguirom seu começado trabalho cuydando a descubrir algum grande thesoro. E quando chegarom abaixo acharom em a parede hum buraco á maneyra de janella bem corregida em a qual estava

huma ymagem de metal de dous palmos em longo núu teendo em huma mão huma [*clava*] do mesmo metal[1]. E outro tanto acharom em Arzilla e os levarom a elrey dom Affonso a Portugal ho qual os deu a hum Judeo mestre Josepe e em seu poder os vii e dizem que em Cepta e Alcacer estam outros porem ainda nam som achados».

(Mss. de Valentim Fernandes (sec. xv) sobre Descobrimentos dos Portugueses, — que se encontram na Bibliotheca Real de Munich, pp. 45–48).

Gabriel Pereira.

Castro de Sacoias (Bragança)

Mais uma povoação morta, que está para ahi, a norte de Sacoias, a 10 kilometros de Bragança, numa pequena collina da margem direita do rio de Igrejas afluente do Sabor, aonde o visitante encontra vestigios bem distinctos ainda de uma estação luso-romana, que, a avaliar por elles, teve logar importante durante o dominio do grande povo.

Como todas as estações archaicas d'essa epocha, a sua situação satisfazia em grande parte ao principio tactico de difficultar, pela configuração do terreno, o accesso ao atacante; e estava protegida por duas ordens de fortificações, formadas, como parece, por um fôsso e por uma cintura de muralha de pedra solta.

Além d'estes restos de obras de defesa, encontram-se signaes de alicerces de casas, abundantes fragmentos de tijolo, de louça, e de mós de granito e de lousa. E tem apparecido lapides funerarias romanas, que existem no Museu de Bragança; pedaços de objectos de ferro e de cobre; moedas; e um bezerrinho de bronze, que se suppõe ser um ex-voto, que está no Museu da Sociedade de Martins Sarmento, em Guimarães[2].

É notavel a impressão que se sente ao percorrer aquelle local onde jaz um *Flao* e um *Talocio* que foram, sem dúvida, homens principaes que presidiram ás gerações que viveram por aquelles sitios, e de quem a unica memoria que nos resta, é o nome esculpido toscamente em pedaços de granito, que a natureza, no seu labor de transfor-

---

[1] [Trata-se provavelmente de Hercules].

[2] Vide o seu desenho in *O Arch. Port.*, i, 313, acompanhado de um artigo do director d'esta revista.

mação, e o homem, na sua insania de destruição, ainda não puderam apagar totalmente.

Estas cinzas do passado e a situação topographica do sitio, que está como que escondido e assombrado pelas elevações que o cercam, convidam á meditação e levam o espirito a converter em realidade o que a imaginação architecta num momento de mysticismo, que toca a alma ao contemplar a realidade da pequenez das grandezas humanas. E d'ahi provém, talvez, a crença viva dos sacoienses, que bem se revela na maneira encantadora como narram os milagres de Nossa Senhora da Assumpção, cuja imagem está agora na sacristia da igreja do povo, mas que em 1640 tinha a sua morada junto das ruinas, e de que os sinos, segundo a tradição, tocaram «só por si», em signal de regosijo, por occasião da fausta acclamação de D. João IV. E que ao principio que a mudaram para a sua nova habitação, ella, á primeira badalada da *Ave Maria*, fugia para a sua antiga residencia, d'onde tinha assistido aos folgares das populações circumvizinhas, que no dia da sua romaria, que era em 15 de Agosto, dia em que se fazia tambem uma grande feira, lhe iam levar as suas offertas em testemunho de gratidão pelos beneficios que tinham recebido [1]. E por ella tinham passado os seculos, e em roda de si se tinha formado longa historia, de que a unica pagina que existe são essas ruinas, que não queria abandonar por conterem as jazidas dos que cheios de fé lhe imploraram protecção desde que os deuses do paganismo se transformaram em phantasmas lendarios, que foram a occupar os bosques e as solidões das montanhas.

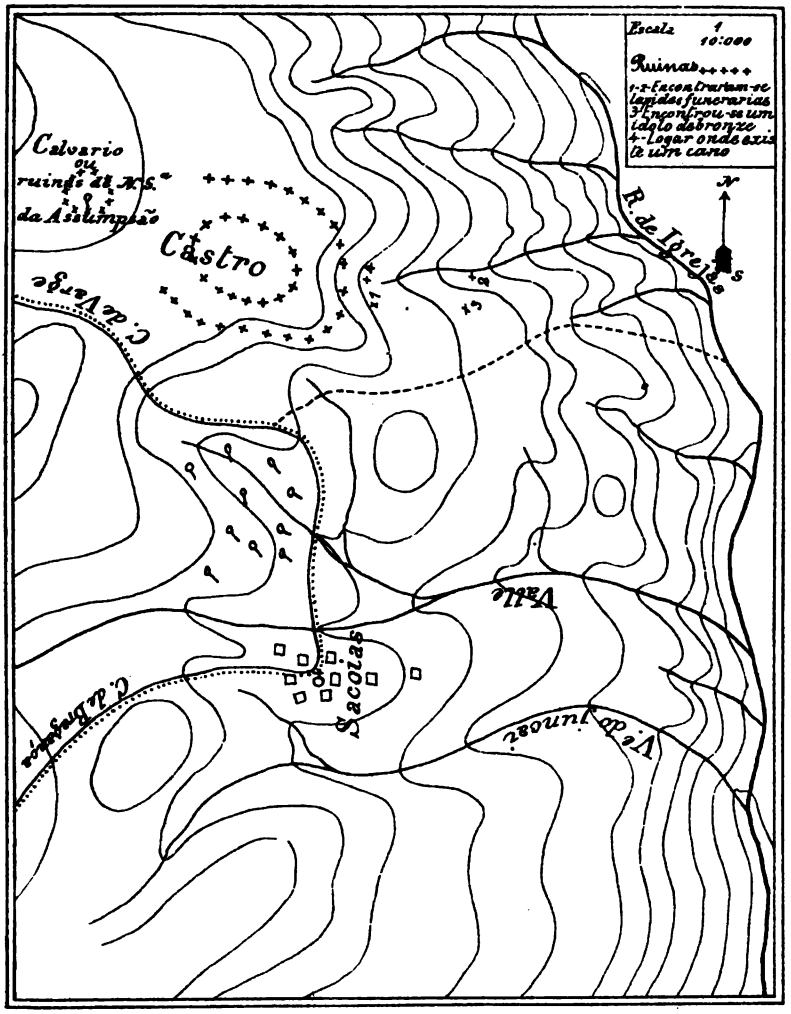
Tal é o Castro, que uma vaga tradição dos naturaes diz ter sido a *Villa de Crodia*, que fica, como se vê do esbôço, junto e em frente de Sacoias, que é logarejo pobre e triste, de pouco mais de trinta mesquinhas casas de pedra solta e cobertas de lousa, situada entre duas pequenas linhas de agua affluentes da margem direita do rio de Igrejas.

Mas, se geographicamente o seu nome não é conhecido, não lhe succede o mesmo historicamente, pois elle indica um monumento archaico, que mais tem prendido a attenção dos que se tem dedicado ás investigações archeologicas; e tudo induz a crer que será elle o que no futuro mais venha a esclarecer a historia d'esta região durante o dominio romano.

ALBINO PEREIRA LOPO.

---

[1] Cf. o artigo intitulado «Gruta da Senhora de Carnaxide», publicado in *O Arch. Port.*, I, 182–189, pelo seu redactor.


Escala 1/10:000
Ruinas
1-2-Encontraram-se lapides funerarias
3-Encontrou-se um idolo de bronze.
4-Logar onde existe um caro
N
S
Calvario ou ruinas de N.S. da Assumpção
Castro
C. de Vergãe
R. de Igreja
Vale
Sacolas
Vie do Junoz
C. de Espinho

Estudos numismaticos

II

Fabrico da moeda nos Açores e em Lamego — Uma estatistica monetaria do seculo XVI

Só duas vezes, e em periodos de agitação revolucionaria, transitoriamente, se fabricou moeda nos Açores. A primeira vez foi depois de 1580, no tempo em que dominou ali o Prior do Crato, o rival mais pertinaz que Filippe II encontrou na sua pretenção á coroa de Portugal. A segunda, já no presente seculo, foi no tempo das nossas lutas intestinas entre os partidarios de D. Pedro e D. Miguel.

Em 1829, a Junta provisoria que governava na ilha Terceira em nome de D. Maria II estabeleceu em Angra uma officina monetaria, em que se fundiram moedas obsidionaes de cobre, conhecidas vulgarmente pelo pittoresco nome de *malucos*.

Anteriormente ao Prior do Crato, houve quem alvidrasse á coroa de Portugal a ideia de se fundar uma casa da moeda na cidade de Angra.

No seculo XVI o archipelago açoriano era muito frequentado por navios que vinham tanto das Indias orientaes como occidentaes. Naquellas aguas pairavam as esquadras de Portugal e Hespanha á espera das frotas da India e da America, para as comboiar aos portos da Peninsula. Eram tambem, por isso mesmo, o ponto que os corsarios escolhiam de preferencia para realizar as suas mais valiosas presas.

A cidade de Angra, na ilha Terceira, era um dos portos de escala, que mais naturalmente attraíam os navegadores. Ali vinham os navios a refrescar, mas infelizmente as condições economicas da ilha não se prestavam ao desenvolvimento natural de grande trafico mercantil. Abundavam os generos, mas escasseava o principal elemento de transacção, a moeda. Os carregadores traziam ouro e prata, metaes preciosos extraídos principalmente das minas da America, mas não havia na terra quem lh'os quisesse tomar, porque ignoravam o seu verdadeiro valor e não se queriam arriscar a fazer negocio senão em condições muito duras para uma das partes. Assim algumas vezes ficaram em penhor porções de metal que valiam o decuplo do objecto vendido. A ambição e a usura aproveitavam-se d'estas circumstancias, porque acontecia não se vir resgatar o penhor. Custa a crer que não houvesse alguem que tomasse sobre si a iniciativa d'este negocio, que, embora estivesse sujeito a risco, promettia, em compensação, grandes lucros. Com isto perdia a prosperidade da terra, e a fazenda real deixava de

cobrar a parte que lhe cabia nos direitos do grosso trato de mercadorias que se podia realizar.

Para obviar a estes graves inconvenientes, que revelavam grande atraso economico, e tristissima comprehensão dos interesses publicos, houve alguem que propôs a el-rei a criação de uma Casa da Moeda na cidade de Angra. Chamava-se o homem Sebastião Moniz e por emquanto ainda não lográmos averiguar qual era a sua posição social e se era effectivamente açoriano ou se exercia ali apenas algum cargo público, motivo da sua residencia. O memorial, em que elle expõe e justifica a sua ideia, não dá esclarecimentos á cêrca da sua pessoa, nem tão pouco traz a data, mas suppomos não andar fóra da verdade, attribuindo-o ao reinado de D. João III, ou, o mais tardar, ao reinado de D. Sebastião. É um documento interessante, prova de um espirito que sabia ver as cousas e que se mostrava superior aos preconceitos dominantes. Merece ser lido, não só porque é uma pagina curiosa da historia dos Açores, mas porque nos revela uma tentativa, que, embora não realizada, não deixa de ser benemerita. Se a proposta de Sebastião Moniz foi attendida ou teve algum andamento não o sabemos, mas tudo leva a crer que o resultado fôsse negativo, porque não ha vestigios de ter existido Casa da Moeda nos Açores, senão no ephemero dominio do Prior do Crato e, seculos depois, de igual fórma passageira, no governo de D. Maria II Cremos portanto que será recebida com agrado a publicação do *Memorial* de Sebastião Moniz.

A outra Casa da Moeda nos vamos ainda referir, cuja existencia parece que não poderá ser posta em dúvida, embora o nosso erudito amigo e illustre consocio, dr. Teixeira de Aragão, não inclua Lamego na lista das terras que possuiram officinas monetarias. Temos presente uma carta de quitação exarada por D. João IV, a 30 de Maio de 1644, em que dá por quite a Gonçalo de Paiva, que foi thesoureiro da Casa da Moeda da cidade de Lamego. A quitação abrange um periodo muito curto, desde 25 de Agosto de 1642 a 2 de Novembro do mesmo anno, e uma quantia pequena: 2:708$554 réis, o que demonstra sem dúvida o pouco e limitado exercicio d'aquella officina.

Apresentaremos por ultimo uma pequena nota estatistica da moeda cunhada em Lisboa no anno de 1556, e por ella se póde fazer uma ideia aproximada do movimento d'aquella officina e da nossa situação economica naquella epoca, por ser mais risonha que a situação actual, em que a cunhagem dos metaes preciosos foi substituida pelo fabrico do papel representativo de moeda. 5:172 marcos de ouro e 16:700 marcos de prata, eis o metal precioso amoedado naquelle anno. Com

11:000 cruzados em cobre, o valor da producção total foi de 700:450 cruzados.

Seguem agora os documentos comprovativos:

1. Proposta para a criação de uma Casa da Moeda na cidade de Angra

«Snñor. Aa cidade dAmgra da ylha Terceira, homde heu sam morador, vem ter todollos anos muita qamtidade doiro e prata do Peru e outras partes e os que ho dito ouro e prata trazem ho querem vemder e nã acham quem lho compre, por a quall cousa deyxam de comprar espravos e pastell e coyros e açucres e outras mercadorias que ha na terra por fallta de nã terem moeda, no que vosa allteza recebe muita perda nos direitos que deyxam de lhe pagar por asi nã comprarem as mercadorias por fallta de dinheiro, o que nã seria se na tera houvese moeda hou quem lhe ho dito ouro e prata comprase, porque os que as ditas mercadorias vendem nã querem tomar ouro nem prata em pagamento delas, por que hũs as vemdem polla nececidade que tem do dinheiro e outros sam lavradores e pesoas que nã emtemdem a ley do ouro e prata por vyr mall apurado allgum e nelle aver ẽgano.

It. e com isto asi ser ho nã querem hos moradores na ylha comprar por nyso receberem muita perda asi na cõpra delle como na despeza que fazem em ho vyrem qa vemder e terem ho dinheiro que nyso ẽpregam catyvo cayse hum ano por ho nã poderem trazer por causa dos framcezes senã nas armadas de vosa alteza que da ylha pera esta cidade vem homde ho trazem a vẽder e por todas estas causas deyxam de cõprar ho dito ouro e prata e hos que o trazem de Peru deyxam de comprar hos espravos e mais mercadorias por nã acharem quem lho cõpre, no que v. allteza recebe açaz perda.

It. muitas vezes acomteceo quererem hos ditos estramgeiros comprarem bysqoutos e outros mãtimentos e por fallta de nã terem moeda deixarem baras douro em penhor de muita quantidade mais da valya das cousas que lhes vendiam e dahi a tẽpo as vyrem tyrar e acomteceo deixar homem bara douro que tinha cem mil rs. em penhor de x̄ rs. e morreo no mar e nũqa por sua parte a nĩgem mais tyrou, ho que tudo causa nã haver na tera dinheiro nem quem compre ho dyto ouro e prata, ho que tudo causa muito escamdalo aos estramgeyros, por que todolos anos ẽvernã na dita cidade muitos, esperamdo pelas armadas, que trazem tãta camtydade que muitas vezes esta hy hum conto douro todo ẽverno.

It. e vemdo heu o pouqo servyço que he de Deus e de vosa allteza nã lhe serem ditas as cousas decraradas me pareceo muito serviço de vosa allteza e acrecemtamento de suas remdas e bem da repubriqa mãadar vosa allteza bater moeda douro e prata na cidade dAmgra por que hos que ho trazem follgaram muito de ho fazerem em moeda asi pera suas despezas como pera cõprarem as mercadorias e asi allgũs que trazem ouro e prata por fumdyr e ahy ho fumdem e qylatam e fazendose moeda fiqara na tera muita qamtidade de dinheiro que he muito serviço de vosa allteza pella groçura da tera como nos dereytos das mercadorias que comprarem pagaram a V. A. e asi na liga que lhe ham de lamçar e tambem avemdo na dita cidade casa da moeda os moradores compraram soma douro e prata e ho amoedaram e trataram nyso pelo muito proveyto que haveram. E por me parecer que fazya ho que nã devya nã dar comta a vosa allteza das cousas decraradas as pus nesta lembramça pera delas fazer rollaçam a V. A. e doutras muitas de seu serviço que sam mais pera dizer que pera esprever qãdo vosa allteza de mỹ as qyzer ouvyr. Bastyam Munyz».

(Torre do Tombo, *Cartas missivas*, maço 3, n.º 167).

2. Quitação a Gonçalo de Paiva, thesoureiro da Casa da Moeda de Lamego

«Dom João etc., faço saber que eu mandei tomar conta em meus contos do Reino e casa a Gonçalo de Paiua, que seruio de thesoureiro do dinheiro que se cunhou na casa da moeda da cidade de Lamego de vinte e cinco de agosto de seiscentos e quarenta e dous te dous de nouembro do dito ano, e pella recadação de sua conta, se mostra receber no dito tempo dous contos sete centos e oito mil quinhentos cincoenta e quatro rs., a qual contia despendeo e entregou sem ficar devendo cousa algũa como se uio pella dita conta, que foi tomada pello contador Jorge da Cunha, e vista pello prouedor Inacio Gil Figueira, pello que dou por quite e liure ao dito Gonçalo de Paiua e a seus erdeiros do dito dinheiro pera que nunca em tempo algum por elle sejão executados em meus contos nem fora delles por ter dado conta com emtrega como dito he. E mando aos veedores de minha fazenda e ao meu contador mor dos ditos contos e a todos os coregedores, ouvidores e mais justiças, officiaes e pesoas, a que esta minha carta de quitação for aprezentada, a cumprão, guardem e fação inteiramente cumprir e guardar como se nella contem, a qual por firmeza de tudo lhe mandei pasar por mim asinada e pasada pella chan-

celeria. Bertolameu de Gamboa, escriuão dos contos do Reino e casa, a fez em Lixboa a trinta de maio ano do nacimento de noso Senhor Iesus xpo de mil e seis centos quarenta e quatro. ElRei».

(Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, *Doações*, liv. 17, fol. 51).

8. Nota da moeda cunhada em Lisboa no anno de 1556

«Esta he a moeda que se laurou na casa da moeda desta cidade o anno passado de lbj.

«It. se laurarão cimquo mill cento setemta e dous marcos douro que vallem a rezão de xxx rs. o marco iij^{c} lxxx bij IX cruzados.

«E de prata dezaseis mill e setecemtos marcos que vallem a rezão de dous mill e seis cemtos rs. o marco c^{to} biij b^{c} l^{ta} cruzados.

«E em cobre omze mill cruzados que monta ao todo b^{c} bij iiij^{c} l^{ta} cruzados.

(Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, liv. 9, fol. 246).

Sousa Viterbo.

Contribuições para a historia da pesca, em Portugal, na epocha luso-romana

1. Anzoes e outros objectos de pesca, achados no Algarve

A pesca foi largamente exercida na Peninsula pelos Romanos. Attestam-no em demasia os escriptores classicos, os symbolos das moedas coloniaes da Hispania, os tanques de salga que existem por todo o littoral algarvio [1], e os instrumentos de pesca encontrados em abundancia nas estações d'esta epocha.

São, pois, estas as fontes a que devemos recorrer para o estudo da historia da pesca neste periodo. Nós, porém, não pertendemos aqui escrevê-la minuciosamente, mas apenas esboçá-la a largos traços, como introducção ao presente artigo, cujo assumpto são os anzoes romanos existentes no Museu Ethnologico Português, pertencentes á collecção algarvia organizada por Estacio da Veiga, agora encorporada naquelle Museu.

---

[1] Estacio da Veiga, *Memorias das Antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880, I, p. 121.

É certo que o povo-rei, conhecendo a riqueza das nossas ágoas, tanto maritimas como fluviaes, e tendo nellas recurso para a sua alimentação, as explorou largamente, continuando assim uma industria já cultivada antes d'elle pelos phenicios.

E o peixe que os Romanos pescavam não era só consumido pelas povoações ribeirinhas, mas exportado em conserva para o interior do imperio, talvez até para a propria Roma.

Do *garum* da sua patria escrevia Marcial:

> Candida si croceos circumfluit unda vitellos,
> Hisperius scombri temperet ova liquor[1]

Plinio[2] e Estrabão[3] citam tambem o *garum* da Hispania.

Polybio[4], falla dos atuns, que engordavam nas costas do sul da Peninsula, por ahi haver em abundancia um *carvalho* submarino, que produzia a *glande,* de que elles eram muito vorazes.

Estrabão[5] refere o mesmo facto, transcrevendo-o de Polybio. Mas parece que aqui houve confusão de Estrabão ou Polybio, entre o *Fucus vesiculosus* e a *Ilex major*[6].

Oppiano, poeta grego, dos fins do sec. II de J. C., refere-se tambem aos atuns do mar iberico[7].

Justino[8], Marcial[9], Estrabão[10] fallam da abundancia de peixes dos nossos rios, referindo-se os dois ultimos escriptores em especial ao Tejo.

Nas moedas coloniaes da Hispania são muito frequentes os peixes como symbolos das colonias maritimas, como o arado o era das agrarias, e as insignias marciaes o eram das militares. Encontram-se figuras de peixes nas moedas de Myrtilis e Salacia, cidades da Lusitania.

Estacio da Veiga cita accidentalmente na sua obra de prehistoria algarvia[11] varios pontos do littoral d'esta provincia, em que existem

---

[1] *Epigrammas,* XIII, 40.
[2] *Historia Natural,* XXXI, 43.
[3] *Geographia,* III, IV, 6.
[4] *Historia Geral,* XXXIV, 7.
[5] *Ob. cit.,* III, 7.
[6] *Geographia de Estrabão,* versão de G. Pereira, Evora 1878, III, parte I, nota *e.*
[7] *Halieutica,* III, 620.
[8] *Historias,* XLIV.
[9] *Ob. cit.,* X, 78.
[10] *Ob. cit.,* III, 3, I.
[11] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* Lisboa 1886-1891, I-IV.

tanques de salga. Mas onde elles se acham melhor conservados é em Búdens, na Bôca-do-Rio, e proximo a Tavira na região balsense; são do typo dos da Troia, já descriptos e figurados n-*O Arch. Port.*, III, 158.

Não só no Algarve e em Troia apparecem as ταριχεῖαι dos phenicios, mas em varios pontos do littoral da Andaluzia[1].

Plinio[2] e Estrabão[3] citam numerosos estabelecimentos de salga de peixe, nas proximidades de Carthagena, e em outros pontos de Hespanha.

Instrumentos de pesca tem sido encontrados com abundancia em Portugal, em estações d'esta epocha, e d'elles vamos adeante tratar.

*

São em numero de 46 os anzoes e fragmentos, da collecção algarvia do Museu Ethnologico Português.

Todos são de cobre ou bronze, excepto um, o maior dos collecionados, que é de ferro.

Dois typos se observam nestes anzoes: um, farpado, semelhante aos actualmente usados (fig. 1); outro, sem farpa, simplezmente aguçado na extremidade menor, semelhante a outros congeneres da idade do bronze (fig. 2).

No entanto, de modo geral, os *hami* que estamos tentando descrever, constam de uma haste de metal, mais ou menos cylindrica, recurva, que forma dois ramos desiguaes, o maior dos quaes tem a extremidade levemente achatada, a fim de receber a linha, e o menor é farpado, ou simplesmente aguçado.

O seu tamanho varía muito. O anzol maior, que é o de ferro, mede $0^m,072$ de comprido, proveniente, assim como o menor, que apenas mede $0^m,018$, da Torre d'Ares (antiga Balsa).

O tamanho dos outros é intermedio entre estes dois. D'estes 46 anzoes e fragmentos, 20 são farpados e outros 20 apenas aguçados.

Porém como alguns exemplares se acham muito oxydados pelo seu longo estacionamento em terra humida, é possivel que a farpa desapparecesse.

---

[1] E. Hübner, *La arqueologia de España* [*y Portugal*], Barcelona 1888, I, pp. 223 e 224.

[2] *Ob. cit.*, XXX, 43.

[3] *Ob. cit.*, III, IV, 2, 6; II, 6.

Nesta collecção acham-se mais ou menos representados todos os concelhos do Algarve, porém o que mais contribuiu foi o de Tavira, pois que da Torre d'Ares (Balsa), neste concelho, ha 17. Depois foi o de Villa do Bispo com 12; o de Olhão, com 5; o de Faro, com 4; o de Portimão com 3; os de Silves e Lòulé com 2 cada um, e finalmente o de Villa Real com 1.

Não indicamos as proveniencias em especial, isto é, as freguesias, lugares, etc., porque a lista sería longa, e de pouco interesse, mas o apparecimento de anzoes nestas estações indica pontos onde se praticou a pesca. Não sabemos porém as circumstancias em que estes anzoes foram achados, pois que a parte das *Antiguidades monumentaes do Algarve,* que devia abranger os tempos historicos, onde elles

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

seriam descriptos, não se publicou; é todavia para notar que em muitos dos lugares d'onde provém foram assignaladas ruinas de estabelecimentos de salga de peixe[1].

Da grandeza de alguns exemplares, e da pequenez de outros concluimos que os peixes pescados eram de tamanhos muito diversos.

O Algarve não nos offerece unicamente estes instrumentos de pesca. Agulhas de fazer rede de bronze, ha tres no Museu Ethnologico, tambem pertencentes á collecção algarvia, sendo duas da região balsense (fig. 3), e uma do Montinho das Larangeiras, no concelho de Alcoutim, onde existiu uma *villa* romana, que tambem forneceu pesos

[1] Sobre os vestigios d'estes estabelecimentos no littoral do Algarve, estamos preparando um artigo que será publicado n-*O Archeologo Português.*

de rede de barro, e onde foram descobertos pavimentos de mosaico, que representam peixes, talvez symbolos do christianismo. Agulhas de fazer rede, de metal, ha-as na collecção archeologica do Sr. Teixeira de Aragão, provindas tambem da região balsense. Pesos de chumbo, de rede, analogos ás *chumbadas,* ainda hoje usadas pelos nossos pescadores, tem sido encontrados em estações romanas no Algarve, e muitos exemplares d'esta especie se acham no Museu Ethnologico.

Na collecção do Sr. Judice dos Santos, depositada na Bibliotheca Nacional de Lisboa, ha um pêso de rede, de barro, discoide, proveniente de Portimão, do typo de um da Troia existente no Museu Ethnologico, e que adeante descrevemos. Pesos semelhantes a estes ha-as no Museu Lapidar do Infante D. Henrique, em Faro, naturalmente de proveniencia algarvia.

No Museu Municipal da Figueira ha, proveniente da freguesia de Búdens, Bôca-do-Rio, um anzol de bronze sem farpa[1].

Fig. 4

Não são só estes os exemplares de instrumentos de pesca descobertos em Portugal.

No Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia de Lisboa ha tambem, entre muitos objectos provenientes de Alcacer do Sal, alguns anzoes e agulhas de fazer rede, de cobre ou bronze.

Na Troia, em Setubal, appareceu outra agulha de fazer rede[2].

Da mesma proveniencia ha no Museu Ethnologico um *pandulho* discoide de barro (fig. 4), que mede $0^{m},70$ de diametro.

No Museu Mineralogico da Escola Polytechnica ha um *grosso anzol* de cobre proveniente da Fonte da Ruptura, proximo a Setubal[3].

No Museu Municipal da Figueira, ha provenientes do *crasto* luso-romano de Santa Olaya, alguns *pesos* feitos de cacos romanos, com

---

[1] Santos Rocha, *Memorias sobre antiguidades da Figueira,* 1897, I, p. 231.

[2] *Annaes da Sociedade de Archeologia Lusitana,* partes I e II, 1850-1851.

[3] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, p. 148.

vestigios do sulco de suspensão, mas tanto poderiam ter sido de rede, como de tear.

Os peixes, molluscos, e monstros marinhos apparecem frequentemente representados nos mosaicos romanos do Algarve. Exemplares com semelhantes representações, provindos de lá, estão no Museu Ethnologico.

Comquanto seja esta epocha uma das mais abundantes em vestigios da industria das pescarias, encontramo-los em Portugal no periodo neolithico, e noutros países tambem com mais ou menos abundancia, desde o periodo paleolithico, até o presente, e por isso o Sr. Gabriel de Mortillet diz: «La pêche est aussi vieille que l'humanité»[1].

A. Mesquita de Figueiredo.

Circular do Rev.do Bispo de Bragança sobre Archeologia

É com vivo prazer que vemos o Alto Clero português interessado na grande obra dos estudos da archeologia nacional.

Os Srs. Parochos podem na verdade prestar incalculaveis serviços neste sentido, como já a respeito de alguns se tem visto n-*O Archeologo Português*.

Merece, pois, vehemente applauso o Rev.do Prelado de Tras-os-Montes pelo impulso que pela sua parte procura dar á sciencia archeologica na sua diocese.

Já em caloroso artigo publicado n-*O Norte Trasmontano*, de 26 de Novembro de 1897, lhe respondeu o sr. P.e José Augusto Tavares, parocho de Maçôres (Moncorvo), o qual allia á palavra o exemplo, pois muitos serviços lhe deve o Museu Ethnologico Português, que o conta entre os seus mais desvelados protectores.

J. L. de V.

Circular.—Sendo informado da organização de um museu de archeologia nesta cidade, devido á iniciativa de um illustrado official do exercito, aqui residente e filho d'esta nossa Diocese, o qual se distingue,

---

[1] *Origines de la chasse, de la pêche, et de la domestication,* París 1890, I, p. 302.

tanto pelo seu esclarecido espirito, como pelos seus sentimentos religiosos e dotes do coração, cuja ideia e plano respectivo foram immediatamente abraçados pela Ex.ma Camara Municipal de Bragança, offerecendo salas para a sua installação, e prestando outros auxilios de que se carecia — não seremos Nós que deixemos de cooperar nesta levantada obra com todo o Reverendo Clero d'esta Diocese. Temos esse dever, e incita-nos o amor que consagramos á verdade historica, e ao desenvolvimento das sciencias de que é subsidiaria a archeologia, e ao conhecimento dos progressos que teve a arte ornamental sagrada e profana nos tempos idos, sendo hoje os seus *especimes* a admiração e o pasmo dos apreciadores, os modelos dos primeiros artistas, e até a delicia dos mais abalisados archeologos que os tem estudado.

O gosto pelo estudo das antiguidades, e pelas suas perseverantes investigações e conservação, começa de propagar-se nesta provincia com um desenvolvimento que muito consola. Ainda bem, que as phrases de amarga verdade que iniciam o *Relatorio* á cêrca da renovação do Museu Cenaculo dirigido em Fevereiro de 1869 ao Presidente da Camara Municipal de Evora por um antiquario illustradissimo, e nosso mallogrado amigo, deixarão de ser applicaveis á Diocese Brigantina.

Dizia elle:

«É tão natural sentimento dos povos cultos a veneração dos monumentos da antiguidade, que ninguem acreditaria, se o não visse bem patente, o desprezo com que em Portugal tem sido tratados. Desde a capital do reino até ás villas e aldeias não faltam por toda a parte copiosos vestigios do commum furor de destruir, adulterar ou emplastar as reliquias da architectura e da esculptura dos seculos que foram.»

Actualmente o empenho enthusiastico que se nota aqui em os individuos de todas as classes sociaes, sobresaindo a ecclesiastica, em mandar e em levar para o Museu Municipal de Bragança numerosas moedas antigas, romanas, e portuguesas dos primeiros reinados, quasi todas de muita raridade, assim como exquisitos artefactos, e instrumentos artisticos, restos de jazigos, inscripções lapidares, fragmentos de esculpturas de pedra, baixos relevos, laminas, bordados, tapeçarias, etc., mostra á evidencia felizmente não só que os habitantes da Diocese de Bragança veneram as antiguidades, mas tambem que ha nella quem as colleccione, e as estude com muita competencia, e possa transmittir á posteridade importantes noticias archeologicas, acompanhadas de crítica sensata firmada em boas razões, que sejam deduzidas de uma investigação acurada e conscienciosa, para dar luz a pontos obscuros da nossa historia.

Estamos certos que hoje o distinctissimo archeologo, que em Evora escreveu aquellas palavras, faria honrosa excepção da Diocese de Bragança.

E louvando Nós o que já tem feito o Reverendo Clero d'esta Diocese, recommendamos-lhe, especialmente ao Clero parochial, que, sem pôr de parte nenhum dos deveres do seu sagrado ministerio (os quaes estão sempre em primeiro lugar), preste todo o auxilio a estas investigações, e promova a conservação das antiguidades que o mereçam, não só porque é excellente occupação para guardar o espirito dos ocios de um só momento, mas porque ha muita vantagem no seu concurso para o desenvolvimento de tão sympathicos estudos, que nos revelam os progressos e as glorias dos nossos antepassados e os seus elevadissimos meritos, que tanto os ennobroceram assim como aos seus descendentes, e á nação que nos prezamos de chamar a nossa querida Patria.

Não se julgue, porém, que o nobre senado brigantino foi sómente generoso; elle soube cumprir o seu dever em presença da lei que lh'o prescrevia.

El-Rei o Senhor D. João V, em Alvará de 20 de Agosto de 1721, dispôs sobre este assumpto nos termos seguintes:

«Faço saber aos que este Alvará de lei virem, que, por me representarem o director e censores da Academia Real da historia portugueza, ecclesiastica e secular, que procurando examinar por si, e pelos academicos, os monumentos antigos que havia, e se podiam descobrir no Reino, dos tempos em que n'elle dominaram os Phenices, Gregos, Penos, Romanos, Godos e Arabios, se achava que muitos que puderam existir nos edificios, estatuas, marmores, cippos, laminas, chapas, medalhas, moedas e outros artefactos, por incuria e ignorancia do vulgo se tinham consumido, perdendo-se por este modo um meio mui proprio e adequado para verificar muitas noticias da veneravel antiguidade, assim sagrada como politica; e que seria muito conveniente á luz da verdade e conhecimento dos seculos passados que, no que restava de semelhantes memorias e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno, em que póde ser muito interessada a gloria da Nação Portugueza, não só nas materias concernentes á historia secular, mas ainda á sagrada, que são o instituto a que se dirige a dita Academia: E desejando eu contribuir com o meu Real poder para impedir nm prejuizo tão sensivel, e tão damnoso á reputação e gloria da antiga Lusitania, cujo Dominio e Soberania foi Deus servido dar-me: Hei por bem que d'aqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, desfaça, ou destrua, em todo nem em parte, qualquer edificio que mostre ser d'aquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado; e da mesma sorte as estatuas, marmores e cippos, em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Phenices, Gregos, Romanos, Gothicos e Arabicos; ou laminas ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros ou caracteres; como outrosi medalhas ou moedas, que mostrarem ser d'aquelles tempos, nem dos inferiores até o reinado

do Senhor Rei D. Sebastião; nem encubram ou occultem alguma das sobreditas cousas: e encarrego ás Camaras das Cidades e Villas d'este Reino tenham muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade, que houver ao presente, e ao diante se descobrirem nos limites do seu districto.....»

Foi suscitada a inteira e plena observancia d'estas disposições por Sua Alteza o Principe Regente, em Alvará com força de lei de 4 de Fevereiro de 1802.

Quanto a Nós, pelo dever que nos assiste, na qualidade de Prelado d'esta Diocese, de promover a conservação das apreciadas manifestações da Arte dos tempos passados, especialmente das que são relativas á Religião e ao culto, apesar de não termos a competencia para tratar dignamente taes assumptos, fazemos saber ao illustrado Clero parochial d'este Bispado que lhe cumpre observar cuidadosamente o seguinte:

1.º Quando se proceda á restauração de alguma Igreja ou Capella, no todo ou em parte, deve esforçar-se por que se lhe conserve o typo da sua primitiva traça e feitio, não inutilizando peça alguma aproveitavel, nem escondendo ou emplastando quaesquer lavores de pedra, sejam ornatos ou inscripções, baixos ou meio relevos que ahi existirem.

2.º Resolvendo as Juntas de parochia ou as Mesas gerentes das confrarias promover a substituição de quaesquer alfaias de prata, tidas por inutilizadas pela sua vetustez e muito uso, taes como — cruzes processionaes, pixides, ambulas dos santos oleos, calices com suas patenas, custodias, thuribulos e navetas, relicarios, etc.; ou os paramentos de seda ou lã — casulas, dalmaticas, pluviaes, estolas e manipulos, veus de hombros, panos de pulpito e da estante, etc., serão por conselho do respectivo Parocho remettidos a este Paço Episcopal, sendo elle o portador, ou outra pessoa de bons creditos na freguesia; e procedendo-se ao exame de peritos que Nós nomearemos, e podendo effectuar-se a acquisição de quaesquer objectos muito voluntariamente, mediante o preço ajustado, ficarão em deposito na casa forte d'este Paço, ou onde melhor convenha, para que se vejam em exposição permanente na cidade de Bragança.

3.º Emquanto aos demais objectos, cuja conservação se recommenda pelo seu merecimento artistico ou pela sua antiguidade, ou elles tenham relação com os monumentos religiosos, ou com os civis e militares, ou sejam comprehendidos na archeologia esculptural, ou na da pintura e da epigraphia; e na archeologia de gravuras em pedra, em metal ou madeira, vasadas ou em relêvo; ou pertençam á numisma-

tica, como as medalhas e as moedas, ou á archeologia domestica e ornamental, como os tecidos e bordados, os artefactos de metal, os moveis e utensilios domesticos, militares e funerarios, etc., com tanto que não pertençam ao culto, — aconselhamos o Reverendo Clero d'esta Diocese que informe da existencia d'elles o digno Conservador do Museu Municipal de Bragança; e merecerão os nossos louvores todos aquelles que sem difficuldades remetterem para o dito Museu quaesquer d'esses objectos antigos para augmentarem e enriquecerem as collecções existentes, se puderem dispor d'elles livremente.

Seja a presente Circular registada em cada parochia, e archivada.

Bragança, 15 de Outubro de 1897.

José, Bispo de Bragança.

Mudança do nivel do Oceano [1]

2. Planalto ao Sul do Cabo da Roca

Em 1894 mencionei no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa (13.ª serie, p. 1176) o descobrimento de vestigios de uma antiga praia em Vianna do Castello a uns 10 metros acima do nivel do Oceano, caracterizada pelas fórmas da erosão marina, e principalmente pela presença das concavidades chamadas pelos geologos *marmitas de gigantes*.

Acabo de ver vestigios analogos ao Norte e ao Sul do forte do Guincho, entre o Cabo Raso e o Cabo da Roca, mas o desnivellamento é muito mais accentuado, visto ficarem a 21 metros a cima do nivel do Oceano.

Foi provavelmente na epocha em que o mar chegava a esta altura que se formaram as dunas hoje transformadas numa especie de grés, que se observam nos arredores de Oitavos. Formaram monticulos tão resistentes que não se temeu assentar a estação semaphorica no topo de uma d'ellas, que attinge a altitude de 55 metros. São bem distinctas das dunas que invadem actualmente este planalto, vindo pela Praia Grande do Guincho.

Paul Choffat.

---

[1] Veja-se a p. 301 do vol. II um convite para se mandarem ao *Archeologo Português* notícias referentes a este assumpto.

Cruzado de D. João III

No interessante estudo «Des monnaies d'or portugaises ayant cours aux XVIe et XVIIe siècles dans les anciennes provinces belgiques, etc.», publicado no n.º 12, vol. III, d-*O Arch. Port.*, descreve o Sr. A. de Witte um cruzado de D. João III, que não figura nas estampas da *Descripção geral e historica das moedas, etc.*, do meu mestre e amigo Sr. Teixeira de Aragão, mas que, no Regulamento para os cambistas, impresso em 1575 em Anvers, está reproduzido sob a designação de *ducat de Portugal.*

Na minha collecção existe um cruzado de ouro de João III, cuja descripção é: ✠ IO ·✠· III ·✠· PORTVGALIE ·✠· AL ·✠· R: Dentro da circumferencia granulada, interceptada pelos florões da coroa, que o encima, o escudo das armas de Portugal; á esquerda Ṙ, á direita Ṗ.

Reverso.—·✠· IN ·✠· HOC ·✠· SIGNO ·✠· VINCES: Circumferencia granulada, acompanhando inferiormente a legenda; no campo Cruz de S. Jorge, dentro do perimetro, limitado por quatro segmentos curvos que se cortam dois a dois, formando angulos reintrantes, e tangentes á circumferencia granulada na intersecção d'esta com o prolongamento dos eixos dos braços e haste da cruz.

Ha differenças entre a moeda a cima descrita e aquella a que se refere o Sr. de Witte.

A Cruz de Christo, que precede a legenda do anverso d'esta, é substituida por ✠ naquella; as palavras são separadas de differente fórma, tanto na legenda do anverso, como na do reverso; a legenda do anverso da moeda descrita pelo Sr. de Witte termina pela lettra D(*ominus*) e na minha por R(*ex*), e finalmente as lettras R e P, que estão aos lados do escudo das armas de Portugal, estão encimadas na minha por .·. E, se o Sr. de Witte segue o uso geralmente adoptado pelos numismatas de referir *a direita* e *a esquerda* ao observador, está trocada nas duas moedas a posição das mesmas lettras.

A estar conforme o original a reproducção feita no Regulamento de 1575, citado pelo Sr. de Witte, ou a não haver lapso da descripção apresentada a p. 274, do vol. III, d-*O Arch. Port.*, o que não é lícito suppor, dada a competencia do seu auctor, houve pois mais de um cunho d'esta curiosa e não vulgar moeda.

Lisboa, Junho de 1898.

Manoel F. de Vargas.

Notas de archeologia artistica

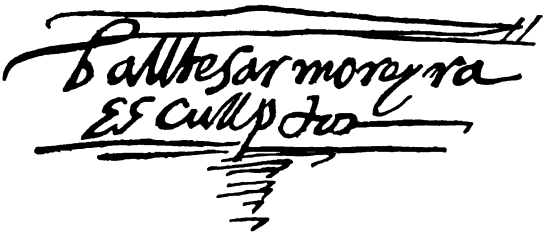
1. Balthasar Moreira

Entre os documentos vindos da Repartição de Fazenda do districto de Vianna do Castello para a Inspecção geral das Bibliothecas e Archivos, e procedentes dos extinctos conventos de S. Bento e Santa Clara da encantadora cidadezinha do Lima, encontra-se uma escriptura que nos fornece um nome de artista português não incluido nas listas de Volkmar Machado, do Cardeal Saraiva, e do Conde de Raczynski.

É o instrumento do contrato ajustado em 12 de Agosto de 1595 entre as freiras de S. Bento e o esculptor *Balhasar Moreira,* morador em Vianna do Castello, para a feitura do retabulo da capella-mór, pela quantia de 100$000 réis.

O retabulo devia ter seis paineis e quatro anjos, dois d'estes junto do sacrario e como que sustentando-o nas mãos. As dimensões eram (sem os vãos das molduras) vinte e dois palmos de largura, e, de altura, trinta e quatro, do altar para cima. A obra devia estar concluida pela paschoa das flores do anno immediato. O trabalho de pedreiro, e os pedestaes, do altar para baixo, com as respectivas molduras, seriam feitos pelo convento.

Á escriptura segue-se um recibo de 30$000 réis, por conta do retabulo, com a data de 9 de Novembro de 1595 e a seguinte assignatura:



O convento de S. Bento foi ha pouco demolido. Datava de 1549 e havia sido fundado, quatro annos antes, junto á igreja de S. Bento, por um grupo de moradores da risonha villa (então) da foz do Lima.

A julgar pelas notas que me envia um amigo, residente a curta distancia de Vianna, o retabulo de Balthasar Moreira existe ainda, posto que um tanto damnificado.

José Pessanha.

Coup d'œil sur la Numismatique en Portugal[1]

Le Portugal, bien qu'il soit un petit pays, offre aux érudits et aux collectionneurs un vaste sujet d'investigation dans le domaine de la Numismatique et des sciences congénères.

Laissant de côté l'ensemble des monnaies dites ibériques, et d'autres pièces anciennes émises dans la Péninsule, qu'on trouve de temps à autre dans le pays, surtout dans le sud, je me contenterai de mentionner celles qui sont particulières à la Lusitanie portugaise et à la partie de la Bétique dépendant du Portugal, c'est-à-dire celles de Salacia, Myrtilis, Ebora, Ossonoba, Pax Iulia, Aesuris, et, à ce qu'il semble, Sirpa ou Serpa. Toutes ces villes se trouvent au sud du Tage, dans la région qui a reçu la première et le plus profondément l'influence des grandes civilisations qui se sont succédé à diverses époques, à l'occident de l'Hispanie. Parmi les monnaies lusitaniennes, celles de Salacia, Myrtilis et Ebora sont, outre les pièces d'Emerita, les seules qu'on découvre assez souvent en certains endroits. La monnaie de Serpa est douteuse. Les uns y lisent SIRPENS, d'autres seulement .....ENSE, et d'autres encore RKENSE..... Pour moi, je dirai qu'ayant été en septembre dernier au Musée National de Madrid, où existe le seul exemplaire connu, j'y ai lu, après l'avoir bien examiné, ...IRPENS; la lettre P n'est qu'une ombre, mais je la distingue cependant. Au commencement de l'inscription, il y a un espace pour une lettre, qui n'y existe plus. Les autres lettres sont clairement visibles, lorsqu'on expose la monnaie à une lumière convenable. Le résultat de mon examen a été vérifié par un des employés du Cabinet des médailles du Musée de Madrid. L'état actuel de l'étude des monnaies ibériennes se trouve consigné dans le livre très remarquable du Dr E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, imprimé en 1893. Depuis l'apparition de ce livre, j'ai publié dans *O Archeologo Português* (II, p. 280, et III, p. 127) trois variétés inédites de monnaies qu'on peut attribuer à Salacia, malgré l'excommunication lancée contre cette opinion par D. Manuel Berlanga, de Malaga.

---

[1] Artigo já publicado na *Gazette numismatique française* dos Srs. Mazerolle e Serrure, Paris 1897, pp. 484–497, na secção de *Correspondencias* estrangeiras. Tendo-me algumas pessoas pedido que o reproduzisse n-*O Archeologo*, conservo-lhe, com leves modificações, a lingoa em que o escrevi.

*

Les monnaies romaines proprement dites existent en grande quantité dans le pays; quelquefois elles constituent des trésors cachés, ou *ripostigli,* comme disent les Italiens. Elles apparaissent aussi bien au nord qu'au sud du Portugal. Les monnaies de l'époque consulaire consistent naturellement surtout en *denarii.* Celles de l'époque impériale appartiennent pour la plupart aux IIIe et IVe siècles. Depuis quelques années j'ai vu plusieurs dizaines d'*argentei antoniniani* qui ont été découverts dans une cachette près d'Abrantes; dans l'arrondissement de Baião on a trouvé quelques centaines de monnaies du IVe siècle. Les petits bronzes de Constantin le Grand, de Constantin II, de Constant Ier et de Constance II apparaissent si fréquemment qu'ils finissent par devenir trop vulgaires. Cependant on trouve partout des monnaies de tous les siècles. M. l'abbé Manuel d'Azevedo, de Villa Real, possède plusieurs exemplaires de grands bronzes d'Adrien, qui proviennent d'une cachette. Comme pièces d'or, ce sont les monnaies d'Honorius et d'Arcadius qu'on trouve le plus souvent. La civilisation romaine s'est implantée très profondément: il n'est pas étonnant qu'il en reste tant de vestiges. Sur quelques trouvailles récentes de monnaies romaines, ou pourra consulter *O Archeologo Português*, I, p. 134 et 223; II, p. 222; III, p. 119.

*

Les monnaies frappées dans la Péninsule au temps des Barbares (Ve-VIIIe siècles) comprennent, comme on le sait, deux séries: *a*) Monnaies suévo-lusitaniennes; *b*) Monnaies visigothiques.

Toutes ces pièces sont en or (tiers de sous, et peut-être sous). Les monnaies suévo-lusitaniennes apparaissent presque exclusivement en territoire portugais, parce qu'en partie elles ont été émises dans des villes aujourd'hui portugaises. Les monnaies visigothiques se trouvent aussi dans le pays en grande quantité, soit parce que le Portugal faisait partie du royaume des Visigoths, soit parce qu'il y a eu des ateliers dans des villes portugaises, telles que Braga, Idanha-a-Velha, Evora, Coimbra, Lamego, Porto, Viseu. A l'exception d'Evora, toutes les villes portugaises qui ont émis de la monnaie à l'époque des Barbares sont situées au nord du Tage.

Les travaux fondamentaux sur la numismatique barbare sont ceux de Heiss, *Description générale des monnaies des rois visigoths d'Espagne,* Paris 1872, et un article sur les monnaies des Suèves publié dans la *Revue numismatique,* 1891, p. 146 et suiv. Déjà avant Heiss,

deux auteurs portugais s'étaient occupés des monnaies suévo-lusitaniennes dans la *Revue numismatique* de 1865: ce furent MM. E. Augusto Allen et H. Nunez Teixeira, dont l'article a aussi paru séparément. Le premier de ces auteurs a publié en outre une brochure sous le titre de *Noticia e descripção de uma moeda cunhada pelos Visigodos na cidade do Porto nos fins do seculo* VI, Porto 1862. Le *Catalogo de collecção de moedas visigodas* de Luis José Ferreira, imprimé à Porto en 1890 (avec des planches), où sont décrites 71 pièces, est aussi important. Dans la *Revue belge numismatique,* de 1890, a paru une courte note de M. Arthur Engel (tirage à part, 13 p.) sur les monnaies des Barbares. Presque tous les travaux sur ce sujet ont été mis à profit dans l'excellent *Indicador manual de la numismatica española* (c'est-à-dire *hispánica!)* de Campaner y Fuertes (Madrid-Barcelone, 1891, 175 pp.). Postérieurement à ce travail, M. Engel a parlé de quelques monnaies inédites des Visigoths dans son *Rapport sur une mission archéologique en Espagne* (Paris 1893, 89 pp.).

*

Comme l'action de la civilisation de l'époque suivante, ou arabe (VIIIe-XIIIe siècles), s'est fait surtout sentir au sud du pays, c'est aussi dans cette région que les pièces arabes apparaissent en plus grande quantité. Les monnaies les plus abondantes sont celles en argent, soit rondes, soit carrées: l'Algarve en est très riche; cependant les monnaies en or et en cuivre n'y manquent pas. Sous la domination des Arabes, on a frappé des monnaies en Portugal: on connaît les monnaies de Mertola. Sur une trouvaille récente de pièces arabes dans le sud du Portugal, voir *O Archeologo Português,* I, 301. Je connais également un grand trésor numismatique, composé presque exclusivement de piéces carrées, qui a été découvert depuis peu à Alcantarilha, dans le royaume de l'Algarve.

Il y a peu de travaux portugais touchant les monnaies arabes: je me rappelle en ce moment un manuscrit du XVIIIe siècle, de Fr. João de Sousa, existant à Evora, *Numismalogia ou breve recopilação de algumas medalhas de ouro e de prata dos Califas e dos Reis Arabes da Asia, Africa e de Hespanha, as quaes foram achadas neste Reino de Portugal*, etc.; un article de Fr. José de S. Antonio Moura, publié dans les *Mémoires de l'Académie des Sciences de Lisbonne,* vol. X, 1re part. (1827), sous le titre de *Memoria de cinco medalhas africanas;* quelques notices d'Estacio da Veiga dans les *Memorias de Mertola* (Lisbonne 1800, p. 39); le *Catalogo das moedas arabes existentes no*

Museu Municipal Portuense, par Leite Netto, Lisboa 1882; et en dernier lieu, un article de M. le prof. David Lopez, *Algumas moedas arabes da Peninsula, encontradas no Algarve,* paru dans l'*Archeologo Português*, I, 97.

*

Au XIIe siècle, commence le monnayage portugais. Nos monnaies se composent de deux grands groupes:

A) Monnaies de la métropole;
B) Monnaies provinciales, — qui à leur tour comprennent celles:
  a) Des îles adjacentes (Açores et Madère);
  b) De Ceuta, si l'on admet l'explication donnée par M. Aragão dans sa *Descripção das moedas de Portugal* (I,250 et 257);
  c) De l'Afrique Occidentale (Guinée, Saint-Thomas, l'île du Prince);
  d) De l'Afrique Orientale (Mozambique);
  e) De l'Inde (Cochin, Goa, Diu, Damão) et de Malaca (?);
  f) Du Brésil (Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Geraes, Bahia).

Toutes ces monnaies n'ont pas été fabriquées dans les régions où elles devaient avoir cours; on les a frappés parfois dans d'autres endroits, surtout à Lisbonne. Le commencement du monnayage pour les Iles et l'Afrique Occidentale remonte au temps du roi Don José (XVIIIe siècle); pour l'Afrique Orientale, au temps du roi Don João V (XVIIIe siècle); pour l'Inde, au temps du roi Don Manuel (XVIe siècle); pour le Brésil, au temps du roi Don Pedro II (XVIIe siècle). Pour les Açores, il y a même une série spéciale de Don Antonio (XVIe siècle). Sur ce prince malheureux, voir la brochure de Renier Chalon, *D. Antoine, roi de Portugal,* Bruxelles 1868; cf. aussi une note dans la *Revue numismatique,* 1889, p. 351). Les monnaies attribuées à Ceuta ont été emises aux XVe et XVIe siècles. Quelques-unes des séries précédentes comprennent un petit nombre de pièces; d'autres son très importantes, telles que celles de l'Inde et du Brésil.

Pendant l'éphémère gouvernement de notre roi Dom Fernando (XIVe siècle) en Castille, on a aussi frappé à son nom des monnaies à Çamora, Tuy, Coruña; ces monnaies circulaient en Portugal et dans les terres castillanes soumises au roi portugais.

La partie la plus étudiée des monnaies portugaises est naturellement celle de la métropole. Le travail classique à cet égard est la *Descripção geral historica das moedas de Portugal,* 3 vol., 1875–1880,

par M. Teixeira de Aragão qui prépare maintenant un quatrième volume. L'auteur y s'occupe non seulement des monnaies de la métropole, mais aussi, et avec un égal développement, des séries provinciales; sur les dernières, il a publié la partie qui concerne les Iles, l'Afrique Orientale et l'Inde; dans le IVe volume, il publiera ce qui concerne l'Afrique Occidentale et le Brésil.

Nos monnaies provinciales ont également attiré l'attention d'autres érudits. Je citerai ici quelques-uns des travaux les plus considérables: sur les monnaies indiennes les *Contributions to the study of Indo-Portuguese numismatics,* de J. Gerson da Cunha (Bombay, 1880–1882); sur les monnaies du Brésil, *Das brasilianische Geldwesen*, de Jules Meili (Zurich, 1897), qui est une œuvre de grand luxe.

Outre les monnaies nationales, beaucoup d'autres de divers pays ont circulé dans le royaume portugais; c'est pourquoi la totalité des séries monétaires qui se rapportent à l'histoire du Portugal est considérable.

Comme à côté des monnaies on a l'habitude d'étudier les médailles et les jetons, je dirai que le Portugal n'en est pas dépourvu. L'une et l'autre de ces espèces remontent chez nous au moins aux XIVe-XVe siècles.

Personne n'a encore songé à écrire à propos des jetons un mémoire spécial et développé; le Dr Teixeira d'Aragão en a mentionné quelques-uns, sans les reproduire, dans sa *Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (Paris 1867), et Tito de Noronha & Amaral Toro, dans leur *Numismatica Portuguesa* (Porto, 1872–1884), avec des dessins; je prépare à présent un travail sur ce sujet.

Quant aux médailles, il faut dire qu'elles ont été plus étudiées que les jetons; Lopez Fernandez leur a consacré son livre *Memoria das medalhas e condecorações portuguesas e das estrangeiras com relação a Portugal* (avec des planches), livre qui est aujourd'hui très arriéré. La brochure toute récente de M. Santos Leitão, *Medalhas e condecorações portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal* (Porto, 1897), comprend 481 descriptions de pièces, qui vont de 1553 à 1896, mais elle n'a point de planches.

*
* *

Il résulte de cette variété et de cette abondance de matériaux, que les études numismatiques ont été cultivées en Portugal dès longtemps.

J'ai lieu de croire que l'histoire de la numismatique portugaise remonte au moins au xve siècle. Cette histoire comprend, à mon avis, trois périodes que je vais successivement examiner:

I^e Période. — Depuis le xve siècle jusque vers le milieu du xviie siècle.

Il manque des travaux spéciaux sur ce sujet, mais il y a beaucoup de notices numismatiques, fournies par les chroniqueurs et les historiens, lorsqu'ils s'occupent d'autres faits de caractère général; il existe de même quelques manuscrits numismatiques dans les bibliothéques et les archives du pays. Le mouvement de la Renaissance, pénétrant en Portugal, échauffait les esprits avides de science et les disposait à produire des œuvres ayant une portée scientifique. Dans le domaine de la numismatique, on peut citer les travaux historiques de Fernão Lopez, Gaspar Correia, Damião de Goes, Affonso de Albuquerque, Gaspar Estaço et d'autres encore. Cependant, chez ces auteurs, la numismatique n'apparaît, comme je l'ai dit, qu'incidemment; ainsi, par exemple, le père de l'histoire portugaise, Fernão Lopez, traite des monnaies des rois Don Pedro I, Don Fernando et Don João I, quand il fait le récit des événements de leurs règnes.

Parmi les manuscrits que je connais, je mentionnerai une traduction portugaise d'un abrégé français du livre latin *De Asse,* de Guillaume Budé, traduction faite au xvie siècle par Pero de Moyna Angeli. Quant aux collections, je n'ai des renseignements que sur celles du connétable Don Pedro (xve siècle), d'André de Résende (xvie siècle) et de Gaspar Estaço (xviie siècle).

La collection de Don Pedro provenait en partie de celle de Don Carlos, prince de Viana (mort en 1461); elle nous est connue par le testament du connétable, publié dans une brochure d'Andrés Balaguer y Merino (Gérone, 1881). Le goût pour la littérature et l'archéologie se trouvait déjà chez les ancêtres de Don Pedro, dont la mère a fait traduire en portugais la *Vita Christi,* et dont le grand-père, du côté maternel, le comte d'Urgel, a formé des collections numismatiques. Le même goût existait chez d'autres princes de cette époque.

André de Resende et Gaspar Estaço, archéologues distinguées, nous parlent de leurs collections; celle du premier nous est aussi connue par son testament. Le goût de ces deux Portugais peur les études archéologiques est surtout explicable par leurs voyages à l'étranger et par l'heureuse circonstance qui les avait fait naître l'un et l'autre dans la ville d'Evora, si riche de tout temps en monuments antiques.

IIe Période. — Depuis le milieu du XVIe jusqu'au commencement du XVIIIe siècle.

Cette période est caractérisée par l'apparition des premiers travaux d'ensemble sur la numismatique. Don Rodrigo da Cunha et Manuel Severim de Faria sont les initiateurs de ce mouvement, le premier, dans son ouvrage intitulé : *Historia ecclesiastica de Lisboa* (1642), et le second, dans ses *Noticias de Portugal* (1655) ; ce travail, quoique publié après l'autre, a été rédigé avant, et lui est supérieur. Les *seiscentistas,* héritiers des trésors scientifiques accumulés durant les siècles précédents, s'efforçaient de les accroître davantage, d'où naquit le besoin de la spécialisation des sciences, et partant, chez nous, la constitution de la numismatique comme science autonome.

Outre les auteurs ci-dessus mentionnés, on peut encore citer plusieurs autres dont les travaux nous fournissent de nombreux matériaux numismatiques, par exemple: Fr. Antonio da Purificação, Leão de S. Thomás, Faria e Sousa, Fr. Francisco de Santa-Maria, Rocha Pitta, Xavier de Meneses, Leitão Ferreira, Costa Solano, Antonio Cordeiro et d'autres. Quelques-uns des ouvrages de ces auteurs son analogues à ceux de la première période, mais dans une classification chronologique, on ne doit pas les passer sous silence.

Parmi les collections de cette époque, ou connaît celle de Severim de Faria, citée dans son travail, et d'autres qu'il n'est pas ici facile de distinguer de celles de la période suivante.

IIIe Période. — Depuis le commencement du XVIIIe siècle jusqu'à nos jours.

Cette période est caractérisée par le développement successif de la numismatique, par rapport au progrès des études historiques en général. Ce progrès a reçu une considérable impulsion de la création de l'Académie de l'Histoire portugaise, au XVIIIe siècle, par le quatrième comte da Ericeira, sur le modèle de l'Académie Française, fondée par le cardinal de Richelieu en 1635.

Au sujet de la numismatique, déjà en 1738, Caetano de Sousa donne dans le IV volume de son grand ouvrage *Historia Genealogica da Casa Real,* non seulement des descriptions, mais encore des dessins de nombreuses monnaies alors inédites; cet ouvrage forme un vaste recueil d'articles et de mémoires sur la numismatique, écrits par les auteurs antérieurs; l'auteur coordonne aussi la législation monétaire. Caetano do Bem insère dans ses *Memorias Historicas* (vol. II) un article synthétique sur l'importance de notre science, et Bento Morganti publie sa *Numismalogia,* où il s'occupe des monnaies romai-

nes; tout cela montre que la numismatique commençait à acquérir un caractère général et qu'elle ne se restreignait pas exclusivement au Portugal, comme jusqu'alors.

Le travail de Caetano de Sousa devint le point de départ de deux autres travaux très importants: celui de Lopez Fernandez, intitulé: *Memoria das moedas correntes em Portugal* (1856), où il a développé, corrigé et utilisé methodiquement les écrits de ses devanciers, et celui de M. Teixeira de Aragão, intitulé: *Descripção das moedas de Portugal* (1874-1880), que j'ai déjà cité, et qui est, comme je l'ai dit, l'ouvrage le plus détaillé que nous possédons sur la numismatique. Après la publication de ces livres, on en a fait paraître beaucoup d'autres, surtout des catalogues. Je viens d'en mentionner quelques-uns.

Nous n'avons pas eu de revues spéciales de numismatique, mais dans la *Revista archeologica* de Borges de Figueiredo, dans mon *Archeologo Português,* et dans d'autres périodiques, se trouvent de temps en temps des articles sur ce sujet. L'*Archeologo Português* possède des index methodiques qui en facilitent les recherches.

Indépendamment de la bibliographie portugaise, il pourrait y avoir lieu de parler, en forme d'appendice, de la bibliographie étrangère qui se rapporte à nos monnaies, mais l'espace me manquerait; en outre, j'ai déjà cité quelques travaux, tels que ceux de Chalon, Heiss, Meili, Engel.

C'est dans la troisième période de l'Histoire de la numismatique portugaise qu'on a fondé la chaire de numismatique (1836), qui a été d'abord annexée à celle de paléographie, et qui plus tard seulement est devenue indépendante. Le cours de numismatique se fait à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne. Le premier professeur, feu F. Martinz d'Andrade, a commencé par publier ses leçons en 1858 dans une revue, mais il en a laissé la plupart manuscrite; le professeur actuel, qui a pris possession de sa chaire en 1888, a publié les articles suivants: *Lição inaugural* (1888), *Elencho das lições de Numismatica,* n° I (1889) n°s II-VI (1894), n°s VII-VIII (1894), n°s VII-VIII (1896); le n° IX est sous presse. Il a aussi publié les premières pages d'une petite Histoire de la numismatique portugaise [1].

---

[1] Voir sur ces brochures: *Revue numismatique,* 1889, p. 469 (notice par M. Engel); *ibidem,* 1896, p. 258 (notice par M. Blanchet); *Boletín de la Institución libre d'enseñanza,* 1893, p. 76-77 (notice par MM. Blanco & Vaca); *Monatsblatt der Numismatischen Gesellschaft in Wien,* 1896, p. 337 (notice par M. Renner); *Revue belge de Numismatique,* 1897, p. 480 (notice par M. A. de Witte); *Rivista italiana*

Le cours est de deux années, le professeur s'y occupe de la numismatique portugaise et de la partie de la numismatique ancienne qui se rapporte à notre pays, tout cela étant précédé, bien entendu, de quelques notions de numismatique générale.

Les collections numismatiques formées pendant la troisième période, sont très nombreuses, soit au XVIIIe siècle, soit au XIXe. Il y en a qui appartiennent à de hauts personnages; d'autres font partie de certains établissements publics, par exemple la Bibliothèque Nationale de Lisbonne, l'Académie Royale des sciences de Lisbonne, la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre, l'Hôtel des Monnaies, les Musées archéologiques; on rencontre enfin une riche collection au Palais Royal d'Ajuda.

*

* *

La *correspondance portugaise* dont MM. Mazerolle et Serrure m'ont aimablement chargé devant contenir les faits contemporains sur la numismatique de mon pays, je vais faire de cette section de mon article le complément naturel de l'esquisse historique qui précède.

Sous le roi actuel, S. M. Dom Carlos Ier, qui est monté sur le trône en 1889, on a frappé les monnaies suivantes: argent 500 reis, 200 reis, 100 reis, 50 réis; bronze 20 reis, 10 reis, 5 reis. La dernière emission des monnaies d'argent est de 1897; celle des monnaies de bronze, de 1896. Quelques piéces de bronze ont été frappées à la Monnaie de Paris; elles se distinguent par la lettre A, qui est la marque de cet atelier.

A cause de la crise monétaire que traverse le Portugal, l'or a disparu de la circulation et l'argent lui-même est rare à Lisbonne; ces métaux sont remplacés par des billets de la Banque du Portugal et par des cédules de l'Hôtel des Monnaies, celles-ci ayant la valeur de 50 reis et 100 reis. A Porto, on a vu circuler pendant quelque temps des billets émis par la Municipalité, et il y a de simples marchands qui ont mis en circulation non seulement des billets, mais encore des tessères métalliques ressemblant à des monnaies.

Lors de la célébration du centenaire de saint Antoine de Lisbonne (*vulgò* de Padoue), en 1895, on a fabriqué de nombreuses médailles

---

di Numismatica, 1897 (notice par M. Ambrosoli).— Pour plus de détails sur l'histoire de notre numismatique, on peut consulter la *Descripção geral das moedas* de M. Teixeira de Aragão, I, 92-122.

d'argent et autres métaux, soit dans un but artistique, soit comme simples souvenirs religieux.

La même année, un *Centre Numismatique* fut fondé. J'en ai fait mention dans l'*Archeologo Português* (t. I, p. 303). Il se proposait d'établir des rapports parmi les collectionneurs, et de faciliter des acquisitions, des ventes et des échanges de monnaies. Ce *Centre* disparut bientôt; mais j'ai appris qu'on va en fonder un autre dans le magasin d'antiquités de Cruz-Leiria, avenue de la Liberté, où depuis longtemps on vend des monnaies, des médailles et des jetons.

La bibliographie numismatique portugaise, dans ces dernières années, est assez limitée. Ayant cité les principaux travaux, il est inutile d'y revenir. Cependant, il faut encore mentionner ceux qui concernent les trouvailles. Il y a quelque temps, on découvrit dans la province de la Beira, un trésor de monnaies d'or du roi Don Sanche Ier. Dernièrement, j'ai vu une collection de monnaies de billon du XIIIe siècle, qui ont été trouvées ensemble; quelques-unes sont curieuses par ce fait qu'elles sont incuses; j'en ai obtenu des exemplaires dont j'ai fait cadeau au cabinet des antiques de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne.

En terminant, je parlerai des collections numismatiques actuelles que je connais, ou du moins de celles que je me rappelle pour le moment.

Les collections les plus importantes se trouvent à Lisbonne. Je commencerai par le Cabinet des médailles de la Bibliothèque Nationale. Cette collection, constituée au XVIIIe siècle, se compose des séries suivantes:

A) MONNAIES:
- *a*) *grecques,* la série des monnaies de l'Hispanie étant la seule remarquable;
- *b*) *romaines* et *byzantines;*
- *c*) *barbares* et *arabes;*
- *d*) *portugaises,* du continent, des îles, et d'outre-mer;
- *e*) de divers pays, et pour la plupart modernes.

B) MÉDAILLES:
- *a*) *portugaises* (les décorations militaires y comprises);
- *b*) *étrangères.*

C) JETONS portugais, jadis appelés «contos para contar».

Sur les médailliers des autres établissements de l'État, dont j'ai parlé plus haut, et de celui du Palais-Royal d'Ajuda, je ne peux rien ajouter à ce qu'en dit M. Aragão (*op. cit.,* II, p. 92 et seq.).

Voici maintenant une indication sommaire des collections particulières et autres:

Dans la capitale, je dois mentionner celles de MM. Judice dos Santos, Carvalho Monteiro, Sousa Cavalheiro, Manoel F. Vargas, Ferreira Braga, Manoel J. de Campos, João J. da Silva, Sousa Vilhena, Eça d'Azevedo, Ascensão Guimarães, José J. Collaço, Robert A. Shore, João Manoel de Carvalho, Cardoso Castello Branco, Cyro A. de Carvalho, Jayme Couvreur et de feu J. Gregorio Barbosa. A Alcacer do Sal, il y a une collection au Musée municipal; M. Barbosa en possède une autre. A Setubal, j'ai appris que la Municipalité a établi une petite collection à l'Hôtel de Ville; feu Almeida Carvalho en possédait une.

Dans la province de l'Alemtejo, je connais les collections du Musée d'Evora; dans la même ville, celle de M. le vicomte da Esperança et de Alvarez da Silva; à Elvas, celle de M. Tierno; à Beja, celles du Musée municipal et de M. Mira; à Mertola, celle de M. Costa; á Serpa, feu Faria y Ramos avait une collection.

Dans le royaume de l'Algarve, je connais les collections de M. Florencio, à Lagos; de M. Trindade, à Tavira; de M. Flores, à Faro; de M. Antonio Judice, à Mexilhoeira; feu Silvestre Rocha en avait une autre, à Castro Marim.

Dans la province de la Beira, je connais les collections de la Bibliothèque de l'Université de Coïmbre, de M. Mirabeau, aussi à Coïmbre, du Musée municipal, à Figueira da Foz, de M. Duarte Silva, dans la même ville; M. Aguilar en possède une autre, à Viseu; feu M. le juge Ferreira Pinto avait, à Fundão, une collection de monnaies qui ont été vendues à l'encan après sa mort.

Dans la province d'Entre-Douro-e-Minho, on peut citer les collections des Musées de Porto et Guimarães, et celles de M. Azuaga, à Gaia, de M. Ferreira, à Porto.

Dans la province de Tras-os-Montes, je connais celles de M. Botelho et de M. l'abbé Azevedo, à Villa-Real, et celle de M. Homem Pizarro, à Bobeda.

Si je ne craignais pas d'être trop long, je pourrais fournir sur plusieurs de ces collections quelques renseignements, d'autant mieux que M. Ferreira Braga et M. Campos ont bien voulu recueillir pour moi certaines notes, que j'ai l'intention de publier plus tard.

Dans les médailliers que je viens de signaler, il y a toutes sortes de pièces (monnaies, médailles, jetons); ce sont toutefois les monnaies portugaises et romaines qui y prédominent, le médaillier de M. Judice dos Santos excepté; ce médaillier a une importance universelle

et comprend de véritables raretés numismatiques. Les collections particulières les plus riches en jetons sont, à ma connaissance, celles de M. Ferreira et M. Campos; je les utiliserai dans le travail que je prépare sur ce sujet. Je ne saurais passer sous silence la remarquable série de médailles portugaises formée par feu J. Gregorio Barbosa, la plus grande qui jamais ait été faite en Portugal. M. João J. da Silva, autrefois juge à Macao, possède dans sa collection numismatique de l'Extrême-Orient une série de monnaies chinoises assez rares, affectant plusieurs formes, telles qu'épées, couteaux, etc.

La plupart de nos collectionneurs sont de simples amateurs et non des érudits contribuant par leurs travaux aux progrès de la science; ils connaissent d'une manière très complète les pièces qu'ils possèdent, leur rareté, leurs variantes, etc., mais très rarement ils les mettent à la portée du public, et au profit de l'étude de l'Histoire, de l'Art et de l'Économie politique, les trois champs où la Numismatique aime à s'épanouir et à répandre la lumière.

Lisbonne, Novembre 1897.

J. L. de V.

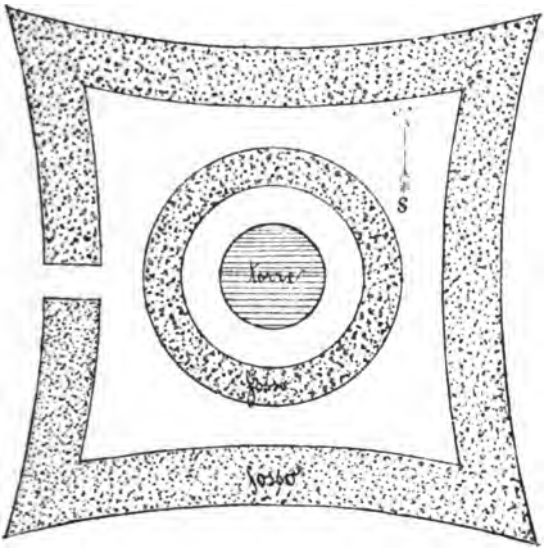
Atalaia da Candaira, em Bragança

O planalto que constitue a planicie ondulada, que se estende em volta de Bragança, é dividido pelo rio Sabor e pela elevação da sua margem esquerda denominada da Candaira, que elle em parte torneia, e cuja linha de cumiada segue a direcção E.-O. No seu ponto culminante vêem-se restos bem distinctos ainda de uma pequena fortaleza, que era composta, como se vê da planta, de um fosso quadrangular de lados curvilineos, que tinha 144 metros de perimetro, e que envolvia outro circular, no recinto do qual se elevava uma torre, que, pelos vestigios existentes, parece ter tido fórma arredondada, e sido feita de pedra sem cimento.

Tal é a situação e a constituição da fortificação chamada *atalaia*, por ser destinada a vigiar e a observar toda a vasta área da planicie, os seus caminhos, e os que das alturas, que a cercam, a ella vem ter.

E na verdade, quem já tivesse estado neste ponto, devia ter notado como d'elle se descobre um horizonte admiravel, limitado pela curva sinuosa das cristas das elevações, que, lá ao longe, se projectam no céu; e teria o prazer de disfructar uma paisagem bella e surprehendente, ao ver tantas povoações revestidas de uma simplicidade

quasi primitiva, situadas ora no meio das planuras, ora nas encostas dos montes e collinas, ora, finalmente, na concavidade dos valles; destacando-se d'entre ellas, dando um notavel realce ao panorama, a cidade de Bragança, pela sua grandeza, pelo aspecto alegre que lhe imprimem as suas habitações caiadas, e, principalmente, pela sua torre de menagem, que, sobresaindo magestosa por cima das velhas cinturas de muralhas, lhe dá uns ares de antiguidade, de soberania e de poder.



Depois, o Sabor, formando curvas regulares, atravessa toda esta extensão, de modo calmo e tranquillo, que parece que lhe custa abandonar estes lugares, aos quaes dá feição sobremodo poetica e encantadora.

Quem quiser, portanto, fazer ideia exacta da grandeza e topographia d'este vasto trato de terreno, tem de ir á *atalaia,* d'onde, ao mesmo tempo que contempla as maravilhas e os encantos da natureza, que observa os effeitos de perspectiva provenientes da combinação de uma multiplicidade de cousas tão diversas e variadas, sente nascer e recrudescer em si o desejo de querer saber a historia das gerações que por aqui passaram, cujas cinzas estão nesses innumeros castros, que d'ella se divisam. Resultando d'ahi gozarem-se simultaneamente dois quadros verdadeiramente interessantes e admiraveis:

o do passado, envolvido ainda nas trevas do desconhecido, mas cheio de lendas e tradições; e o do presente, todo alegre e palpitante de vida.

Esta pequena fortaleza fazia parte de uma linha de torres em que entrava a de Rabal e outras, de que já desappareceram os vestigios, que envolvia a Cidadella de Bragança, constituindo assim, toda esta defensa, uma especie de campo entrincheirado ou uma grande testa de ponte, segundo a technologia da fortificação moderna. Pois estas torres eram de ordinario organizadas não só para alargar o campo da observação, mas tambem para offerecerem a primeira resistencia ao atacante; de modo que este, na sua avançada, tinha de subdividir as suas forças em tantas partes quantas ellas eram, originando d'ahi o seu enfraquecimento pela quantidade de combates parciaes, que era obrigado a sustentar simultaneamente.

Os restos, pois, que nós agora vemos na Candaira, a 3 kilometros, proximamente, a nordeste de Bragança, pertencem a uma obra destacada que protegia os «pobladores de Bregãça»; era uma das almenaras que ao longe vigiavam pela segurança dos que habitavam dentro do recinto dos seus muros e torres, e d'onde, mais de uma vez, seriam chamados a *appellido,* para repellirem as azarias ou fossadeiras do inimigo, ao grito ou ao signal de alarme, então diariamente repetido, de «Mouros na terra! Mouros na terra! Moradores ás armas!»[1]

Bragança, 1897.

Albino Pereira Lopo.

Meio-tostão de D. Sebastião

O meio-tostão de D. Sebastião é moeda relativamente vulgar, não admirando por isso, dado o systema de cunhagem da epocha, que se encontrem com preferencia exemplares bastante variados nos typos e legendas.

A p. 297, do vol. III, d-*O Arch. Port.,* vem publicado o desenho, e a descripção de um exemplar de uma d'estas moedas pertencente ao Sr. Ferreira Braga, distincto colleccionador, e entendido numismata de Lisboa, differindo essencialmente do typo descrito pelo meu amigo

---

[1] Cfr. Viterbo, *Elucidario,* I², 83.

e mestre Sr. Teixeira de Aragão a p. 278, n.º 19, do vol. I da sua obra, em não ter cantonada a cruz do reverso, e em não ser acompanhada inferiormente por circuito granulado a legenda do anverso.

Na minha collecção existe um *meio-tostão* de D. Sebastião, que differe apenas do do Sr. Ferreira Braga em ter a legenda do reverso precedida de ·:· em vez da estrella; sendo a legenda completa do anverso: ✠ SEBASTIANVS·I·REX·PO.

Possuo ainda mais dois exemplares em que a cruz do reverso não é cantonada, mas tem as quinas dentro do circuito granulado.

a) ✠ SEBASTIANVS:I:REX POR. Quinas dentro do circuito granulado.

Reverso.—IN·HOC·SIGNO·VINCES· Cruz de S. Jorge encimada por .·., dentro do circuito granulado.

b) ✠ SEBASTIANVS:I:REX:PORTVG. Quinas dentro do circuito granulado.

Reverso.—IN:HOC:SIGNO:VINCES: Cruz de S. Jorge encimada por .·., dentro do circulo limitado por linha contínua.

Lisboa, Junho de 1898.

Manoel F. de Vargas.

Moedas romanas achadas na Idanha[1]

No Museu Ethnologico Português deram ultimamente entrada as seguintes moedas de prata da republica romana:

1.ª

Anverso.—PITIO, cabeça da deusa Roma á direita; adeante X.

Reverso.—L·SEMP, Dioscuros a cavallo á direita. No exergo ROMA.

Denario de Lucio Sempronio Picio, que foi monetario por 174 A. C.—Cf. Babelon, *Monnaies de la république romaine*, II, 430; mas as lettras do exemplar do Museu Ethnologico Português são *pontuadas*.

---

[1] Summula de uma lição de Numismatica dada na Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1898.

2.ª

Anverso. — ROMa, cabeça da deusa Roma á direita.

Reverso. — Victoria com uma coroa na dextra, na quadriga á direita. No exergo vestigios das duas ultimas lettras da legenda M·FAN·C·F.

Denario de Marco Fannio, que foi monetario por 149 A. C. — Cf. Babelon, *ob. cit.*, I, 491.

3.ª

Anverso. — Cabeça da deusa Roma á esquerda.

Reverso. — Saturno com a fouce, em uma quadriga; no campo, XX encima. No exergo L·SATVRN.

Denario da familia Appuleia, cunhado entre 104 e 94 A. C. — Cf. Babelon, *ob. cit.*, I, 207–208.

4.ª

Anverso. — SABIN, cabeça do rei Tito á direita, adeante uma palma.

Reverso. — Dois guerreiros romanos que levam cada um sua Sabina. No exergo L·TITVRI.

Denario de Lucio Titurio Sabino que foi monetario por 88 A. C. — Cf. Babelon, *ob. cit.*, II, 496–498, n.º 2.

*

Estas moedas foram encontradas no castello de Monsanto e arredores, concelho de Idanha-a-Nova, e offerecidas ao Director do Museu Ethnologico pelo Sr. Carvalhão Novaes, professor do Lyceu de Leiria.

Tanto em Monsanto como na área de Idanha tem apparecido muitas inscripções romanas, como se póde ver no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 50–51, e n-*O Arch. Port.*, I, 225–232. Nesta área viviam, como é sabido, os povos Igeditanos.

As nossas moedas, que datam do sec. II e I antes da era christã, pertencem pois a uma região archeologicamente bem determinada, que ellas porém ajudam a definir melhor; é provavel que fossem para lá levadas em epocha muito antiga da dominação romana na Lusitania.

Cesar Pires.

O cemiterio da Igreja Velha (Alvaiázere)

Pelo nosso intelligente amigo Sr. Polycarpo Marques Rosa, de Alvaiázere, tivemos notícia do apparecimento de algumas sepulturas no sítio denominado *Igreja Velha,* que fica ao norte da povoação. Elle disse-nos que taes sepulturas consistiam em sarcophagos de pedra tapados com lages; e que havia quem as attribuisse á epocha romana, posto que a elle Sr. Rosa parecessem relativamente modernas.

Isto determinou-nos a ir a Alvaiázere fazer alguns estudos no interesse do Museu da Figueira. De facto em 4 de Outubro ultimo estavamos no proprio sítio da Igreja Velha, procedendo á exploração na presença do Sr. Rosa e dos Srs. Francisco Ferreira Loureiro, nosso collega na direcção do Museu, e Annibal de Brito Paes, alumno da Faculdade de Philosophia na Universidade.

O local que conserva particularmente o nome de Igreja Velha fica á esquerda do caminho que vae do lado de Alvaiázere, e em nivel inferior ao do mesmo caminho. Informou o Sr. Rosa que a tradição diz ter existido alli a antiga igreja matriz da povoação; e nós vimos o solo juncado de fragmentos de telha commum, indicando talvez os restos de um edificio.

Pelo norte d'este local, á direita do caminho, e contiguo a este, mas em nivel mais elevado, está o cemiterio, estabelecido numa encosta. É provavel que a porção d'esse caminho, que fica entre o sítio da Igreja e o cemiterio, fizesse em tempo parte d'este, e contivesse sepulturas, pois que o Sr. Rosa declara ter encontrado uma d'estas na orla meridional do mesmo caminho.

Tambem reputamos provavel que na porção do caminho, que immediatamente se prolonga para o norte do sítio da Igreja, estivesse em tempo uma parte do cemiterio, porque este se manifesta na barreira que fica á direita da via; mas do lado esquerdo d'esta, onde se diz ter existido um cruzeiro, a sondagem do terreno não assignalou sepultura alguma.

Pelo norte do cemiterio, a algumas dezenas de metros, o caminho passa contiguo ás ruinas de uma casa que, segundo a tradição indicada pelo Sr. Rosa, fôra residencia do presbytero.

Não sabemos qual o numero aproximado de sepulturas que o cemiterio deve conter, mas parece-nos exaggeradissimo o calculo de *centenares,* que alguns fazem. Pelo numero de sarcophagos que os vizinhos tem extrahido d'alli, para lhes servirem de pias, pelos vestigios dos córtes feitos no terreno em consequencia das profanações e

explorações que nos precederam, córtes que quebraram a linha do declive do solo, e ainda pela disposição e numero de sepulturas que encontrámos a descoberto ou que foram descobertas durante o nosso trabalho, e pelas sondagens que fizemos inutilmente em alguns pontos, onde aliás o solo não apresentava indicios de remeximento, pensamos que devem reduzir-se muito as proporções da necropole.

Nós apenas obtivemos as provas materiaes da existencia de onze sepulturas, contando neste numero as que já tinham sido extrahidas antes da nossa exploração.

Dois sarcophagos de pedra achavam-se descobertos, em parte por explorações anteriores. Um estava cheio de terra; e o outro continha ainda uma grande porção de ossos. Este ultimo não fôra inteiramente explorado; e nós verificámos pela diversidade e desordem dos esqueletos, que elle estava servindo de ossario como outras sepulturas em seguida descobertas pelas nossas excavações.

D'esses tumulos, já privados das tampas, um tinha a fórma trapezoidal e era feito de grés. O outro era formado de duas peças, uma rectangular, de grés, que constituia mais de metade do comprimento da sepultura, e a restante de calcareo, arredondada na extremidade.

O comprimento d'estes caixões de pedra era de $1^{m},65$ e $1^{m},75$.

A fórma *aproximada de corpo humano,* que alguns dizem ter notado nestas sepulturas, não existe: e nem a encontrámos nas que foram descobertas nas nossas excavações.

Difficil nos foi logo ajuizar da epocha a que pertenceriam taes monumentos. Ao principio fizeram lembrar-nos os sarcophagos romanos, mas depois notámos nelles differenças importantes. Por outro lado em todas as necropoles luso-romanas que tinhamos explorado, nunca nos apparecêra sepultura alguma que servisse meramente de ossario. Quando alguma tinha recebido successivas inhumações, apparecia estendido o esqueleto do ultimo inhumado, e agglomerados a seus pés os ossos dos inhumados anteriormente. Outras vezes estes ultimos encontravam-se fóra da sepultura, esparsos por cima da tampa; e até appareceu o exemplo de ter sido depositado um cadaver sobre o esqueleto de outro inhumado anteriormente, sem que se dessem ao incommodo de desarranjar os ossos!

Atacando o solo coberto de mato, onde nos pareceu não haver vestigios de remeximento, notámos que estava durissimo, e que as raizes penetravam profundamente nas camadas inferiores. O entulho continha muitos fragmentos da telha curva.

Estes objectos fizeram-nos pensar na *imbrex* da epocha romana, porque os temos encontrado com os mesmos caracteres em estações

d'esta epocha; mas como tambem eram semelhantes ás telhas dos tempos modernos e não appareciam vestigios alguns da *tegula,* ou telha de rebordo, e de vasos romanos, não ousámos attribui-los á antiguidade.

Entretanto uma pequena moeda de bronze foi encontrada no seio d'aquelle entulho, por cima das sepulturas que em seguida appareceram. Essa moeda só foi decifrada depois do nosso regresso, pelo Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, director da secção de numismatica do Museu; e por isso não influiu na direcção que démos ás explorações.

A $0^m,70$ aproximadamente de profundidade estavam quatro fossas cobertas com lages, orientadas no seu eixo maior, a LO. ou de ONO. a ESE. Uma não excedia $1^m,2$ no comprimento e $0^m,3$ na largura e na profundidade; e servia apenas de ossario, onde se guardavam, em desordem, ossos de diversos esqueletos. As outras com a fórma trapezoidal, mais ou menos arredondadas nas extremidades, ou com a fórma de dois trapezios de alturas desiguaes unidos pelas bases, medeiam no comprimento $1^m,60$ a $1^m,75$, e na profundidade $0^m,35$ aproximadamente. Duas d'estas tambem serviam de ossarios porque continham mais de um esqueleto, cujas peças estavam misturadas e fóra da sua ordem anatomica.

Só uma das fossas continha um unico esqueleto, na sua disposição natural. O corpo fôra inhumado sobre as costas, estendido horizontalmente, com a cabeça para o lado de O. e os braços curvados para a parte inferior do ventre.

Outra excavação, pelo lado do sul dos dois sarcophagos mencionados, pôs a descoberto um novo tumulo d'esta especie, feito de grés, com a fórma trapezoidal, tendo a base do trapezio voltada para ONO.

Estava ainda tapada com uma grande lage; e não encontrámos vestigios de remeximento no entulho que o envolvia, nem no depósito que encerrava. Medía o monolitho no comprimento $2^m,07$, na largura $0^m,72$ em uma das extremidades e $0^m,60$ na outra, e na profundidade $0^m,3$ a $0^m,4$.

Este tumulo orientado de O. a ESE. tinha esculpida grosseiramente em relêvo na face externa do lado ONO. uma cruz de fórma grega, isto é, de hastes iguaes.

Servia tambem de ossario. Dentro encontraram-se, envolvidos em terra, nove cranios e muitos outros ossos humanos, fóra das suas relações anatomicas. Tres cranios alinhados do lado do O., com a face voltada para E., e outros tres alinhados do lado de E., com a face voltada para O., indicaram-nos que mãos piedosas haviam disposto estes ossos com singular cuidado.

Em face de tal descoberta não nos resta dúvida que o cemiterio era christão: mas de que epocha? A resposta foi dada pela moeda encontrada nos entulhos. Era um dinheiro de D. Affonso III (seculo XIII).

A. dos Santos Rocha.

Officio-circular da Associação dos Architectos e Archeologos [1]

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, profundamente impressionada pelo abandono cruel a que tem sido votadas quasi todas as joias preciosissimas do nosso valioso thesouro monumental, dispersas por muitos pontos do país e sujeitas á sorte vária da acção destruidora do tempo ou entregues sem protecção aos multiplices factores vandalicos, na maioria dos casos provenientes da iniciativa local inconsiderada e tumultuaria, resolveu em conformidade com uma proposta de um dos seus associados, approvada unanimemente, promover por todos os meios ao seu alcance, uma intensa e efficaz corrente de protecção a todos os monumentos nacionaes, de fórma que se lhes assegure a integridade e se lhes sanccione o respeito que merecem como padrões valiosissimos de arte e de tradição.

Resolveu esta Associação, com o fim de generalizar essa corrente protectora, appellar para todas as sociedades scientificas do país e para todas as entidades prestimosas que pelos seus estudos ou orientação, tenham prestado a esta causa benemerita reconhecidos serviços, conscia de que todas essas forças e vontades dispersas, devidamente congregadas na aspiração commum de uma cruzada santa de respeito e protecção ás nossas reliquias tradicionaes, obterão num futuro proximo dos poderes constituidos, medidas de salvaguarda e protecção decididas, que se traduzam em effeitos praticos de fórma que dêem satisfação plena a todas as queixas vehementes e a todas as recriminações justificadas, dos sinceros patriotas que de alma e coração se dedicam ao culto das tradições venerandas da nossa passada grandeza.

---

[1] Dirigido á imprensa e aos estabelecimentos scientificos do país.

Em conformidade, pois, com esta resolução e em nome da Associação que representamos, dirigimo-nos a V. Ex.ª a fim de que, com a sua valiosa cooperação, junta á de muitos outros individuos e collectividades que ultimamente e neste sentido nos tem prestado espontaneamente o seu benemerito concurso, possamos encetar esta patriotica cruzada.

Sem querer hostilizar nem censurar ninguem, sem querer fazer concorrencia a qualquer corporação e entidade official ou não official, embora a sua longa existencia e os serviços até hoje prestados á sciencia portuguesa lhe dêem e assegurem o direito de propriedade, a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, no mais rigoroso cumprimento dos seus deveres, e na mais pura e leal das aspirações, só pretende e tem em vista, neste momento:

a) Formular o inventario dos monumentos e objectos de arte, que devem ser apontados á acção vigilante do governo e ao culto esthetico do povo português;

b) Estabelecer uma forte corrente de opinião que contribua para o bom exito de qualquer projecto que tenda a assegurar efficazmente a guarda e conservação dos monumentos;

c) Recolher, para depois fundir num pensamento commum, todos os alvitres e todas as propostas que mais racional e praticamente concorrem para se realizar o fim que se pretende.

Apesar de muito cerceado já, o nosso patrimonio monumental ainda se impõe a todos, pelo seu inestimavel valor, e merece bem os cuidados de velarmos zelosamente pela sua integridade.

Esse patrimonio de arte e tradição, que, se fosse devida e religiosamente respeitado, constituiria para todos nós um justo motivo de patriotico desvanecimento, tal como se encontra, desprotegido e entregue a todos os factores de destruição, synthetiza a nossa vergonha e apresenta-nos perante as nações cultas do mundo, que outr'ora reconheceram quanto valemos, como indignos de sermos depositarios d'esses venerandos padrões de inigualavel ousadia, crença e arte.

Se conseguirmos, em íntima collaboração de esforços, desinteressada e patriotica, o nosso fim elevado, que significa uma cruzada de honra e brio nacionaes, deve ficar-nos tranquilla a consciencia por havermos cumprido o nosso indeclinavel dever e evitado que os estrangeiros, que visitem o país, continuem a vexar-nos com as suas criticas vehementes, que, se muitas vezes molestam dolorosamente o nosso brio de portugueses, nem por isso deixam de ser, na maioria dos casos, infelizmente merecidas.

São estas as nossas aspirações e desejos, é este o unico objectivo do trabalho de propaganda que encetamos e calorosamente defenderemos, contando para isso com a adhesão valiosa, não só de V. Ex.ª, mas tambem das collectividades com que esteja em immediata correspondencia, para que na exposição que tenha de ser apresentada aos poderes publicos pedindo-lhes providencias sinceras e effectivas, elles reconheçam que não é só uma Associação que para elles appella, mas o país inteiro, profunda e intimamente interessado numa causa a que se ligam as suas tradições e o seu brio de povo civilizado.

Se V. Ex.ª, em attenção ao exposto, se dignar associar-se ao nosso appello, em nome da associação que neste momento representamos, lhe pedimos nos envie para a séde Associativa quaesquer notícias que tenham chegado ao seu conhecimento, não só referentes á existencia de monumentos de arte e de tradição, mas tambem as que se correlacionarem com o estado e circumstancias especiaes d'esses monumentos, acompanhando-as da sua opinião individual sobre o assumpto que constitue esta campanha benemerita.

A compilação d'estas notícias, opiniões e pareceres, constituirá valioso subsidio para a organização definitiva de uma representação serenamente pensada, em que se apresentem ao Governo as nossas legitimas e communs aspirações, devida e methodicamente fundamentadas com a citação de factos de que tivermos conhecimento.

Contando antecipadamente com a adhesão valiosissima de V. Ex.ª, somos com toda a consideração e respeito de V. Ex.ª attentos veneradores.

Lisboa e sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, 28 de Novembro de 1897.=Presidente, *Conde de S. Januario*=Vice-presidentes, *Valentim José Corrêa, Antonio Pimentel Maldonado*=Secretarios, *Gabriel Pereira, Eduardo Augusto da Rocha Dias*=Vice-secretarios, *José Joaquim d'Ascenção Valdês, Rosendo Carvalheira.*

*

Pela parte que, como director do Museu Ethnologico Português, me toca em resposta ao officio antecedente, que tambem me foi enviado, direi que concordo plenamente com as ideias nelle expendidas, e que todos os meus esforços no campo da Archeologia Nacional, quer com o impulso que procuro dar ao Museu Ethnologico, quer com excursões que realizo pelo país, quer com incessante propa-

ganda epistolar e oral, quer finalmente com a publicação d-*O Archeologo Português,* tendem exactamente para que tenha bom exito a cruzada que a Associação do Carmo, representada pelos signatarios do officio, tão patrioticamente enaltece e defende.

Como resposta especial ao pedido que nos últimos periodos do officio se faz, submetto á apreciação dos meus illustres consocios os volumes publicados d-*O Archeologo Português,* onde se acha menção de muitos monumentos artisticos e archeologicos.

J. L. de V.

As fortificações de Rabal (Bragança)

Na margem direita do Sàbor, e banhada por elle, a 10 kilometros a norte de Bragança, e encravada nas fraldas da serra de Montesinho, vê-se a povoação de Rabal, que, em virtude da fertilidade do seu solo, e da amenidade do seu clima, é uma das aldeias sertanejas mais importantes d'estes sitios.

Proximo e sobranceira a ella, do lado do poente, ha uma collina que está separada da serra por duas ribeiras affluentes do Sàbor, que nascem logo ao lado de cima, perto uma da outra, e que formam dois valles lindissimos, que tornam esta estancia verdadeiramente alegre e aprazivel.

Esta elevação tem as encostas bastante escarpadas, permittindo, com difficuldade, o accesso á infanteria; e o seu horizonte é limitado por todos os lados pela montanha, á excepção do nascente, que se estende até ás alturas de Babe e Milhão, numa extensão de mais de 12 kilometros.

Considerada tacticamente, no tempo da arma branca, satisfazia em muito ás exigencias requeridas a uma posição no favorecer a defesa, difficultando a aproximação do atacante; e por isso foi escolhida para refugio dos primeiros habitantes que foram cultivar aquelles valles que domina completamente.

Tal é a situação e taes são as condições militares do local a que os naturaes chamam o *Castro,* por nelle ainda se distinguirem uns vestigios de fortificação em andares, que era formada de fossos e muros de pedra solta. A cintura mais interior, que coroa o planalto, terá, quando muito, 300 metros de desenvolvimento, e o seu traçado, que é circular, segue a configuração do terreno.

Alem dos restos de defesa divisam-se mais, nestas ruinas, abundantes fragmentos de lousa e de mós de granito; não se encontrando de tijolo, de louça e de telha, como acontece em grande quantidade nas outras povoações mortas. O não existirem fragmentos de telha não é para admirar, porque é muito de presumir que as habitações fossem cobertas de lousa, que a ha no termo, como ainda hoje o são todas as casas de Rabal, o que lhes dá aspecto muito pittoresco.

Se estas ruinas são de povoação extincta, poucos signaes ha d'ella; e a ajuizarmos pelos existentes, era pequena e pouco importante. Só demoradas investigações poderão esclarecer o que foram, que á simplez inspecção nos dão a impressão de um acampamento ou arraial (em latim *castra*).

Á vista d'este *castro,* para sudoeste, a uma distancia não superior a 1:500 metros, e numa altura que margina a estrada que vae para Bragança, vêem-se tambem umas ruinas de uma pequena fortaleza circular, de cousa de 6 metros de diametro, formada de pedra sôlta, fortaleza a que chamam a *torre.* D'ella avista-se distinctamente a face norte do castello da cidadella de Bragança, e deve ser tida como ponto avançado, atalaya d'esta fortaleza, destinada a vigiar este caminho da fronteira.

Não resta dúvida que esta *torre* serviu de ponto intermedio de communicação entre a fortaleza da cidade e a nossa aldeia de Rabal, ou o seu castro, se porventura coexistiram na mesma epocha.

Ahi fica essa notícia sobre as ruinas das fortificações da povoação que alguns tem querido identificar com o *Roboretum* de Antonino. Mas como se vê por ella, e pelo que se induz das informações dos seus habitantes, não se póde acceitar este parecer sem outras razões que o justifiquem. É pelo menos esta a minha opinião.

Bragança, 1897.

Albino Pereira Lopo.

Dois machados de bronze

Foi por mero acaso que se descobriram os machados de bronze, de que vou occupar-me; um d'elles vae aqui representado. E foi ainda preciso novo acaso, para que os seus fragmentos não andassem hoje dispersos e irreparavelmente perdidos!

Cá em Portugal, não sei de pesquisador de antigualhas, mais sollícito e mais feliz do que o *acaso*. Curvemo-nos, pois, perante elle.

Em 1895, uns pedreiros exploravam as *bancadas* superficiaes de uma pedreira de granito, na quinta chamada da Commenda[1], em Tavora (Arcos de Val-de-Vez).

Em uma fenda natural da rocha, fenda entulhada de *rêbos* (pedra meuda), achavam-se dois objectos de metal, collocados um ao lado do outro, e inteiros ambos. Verificando os trabalhadores, depois de os partirem, que esses objectos não eram do *vil metal precioso,* arremessaram-nos em pedaços para um montão de entulho, aonde um dos donos da propriedade[2], apparecendo pouco depois, os pôde recolher e completar. Estava já um dos instrumentos partido em tres e outro em dois.

Os dois machados nada nos vem dizer de novo, creio eu, nem pelas circumstancias do seu apparecimento, pois ainda d'esta vez parece que se trata de um esconderijo, sem intenção religiosa ou antes modesto, thesouro visto tratar-se de objectos novos (Vid. Chantre, *Age du bronze,* II, 68), nem por particularidades de fórma, que já é conhecida. Com elles não me consta que estivesse qualquer outro objecto de valor archeologico.

Em todo o caso, confirmam o que já era sabido, e isto sempre é de vantagem. Testemunham um fabrico local.

Os machados de Tavora pertencem a um typo, reproduzido em varias partes de Portugal, e da Hespanha, no sudoeste da França, no sul da Inglaterra e na Irlanda[3].

---

[1] Foi commenda da Ordem de Malta, e os bens que a constituiram foram doados por D. Theresa. Ainda existe a ermida: bello, embora modesto, exemplar do estylo romano-byzantino, sobre a qual preparo um pequeno estudo.

[2] Os donos da quinta são os Ex.mos Srs. João de Brito e Dr. Pedro de Brito, ambos lavradores abastados e muito illustrados. Áquelle deve hoje a archeologia portuguesa mais estes dois machados; á iniciativa e posição official do outro, deve a cuidadosa conservação da sua ermida, a do pelourinho da villa, etc.

[3] Vid. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* pp. 236 a 238; *Rapport sur la session de Lisbonne du Congrès internationale d'anthropologie et d'archéologie préhistorique,* p. 74; — *Compte-rendu* do mesmo Congresso, pp. 365 e 366 segs.

Foi porém a este typo de machados *com duas aselhas* que o Sr. Hildebrand, no Congresso Prehistorico de Lisboa, em 1880, applicou a denominação de *typo do Minho,* como occupando o remate na escala de aperfeiçoamentos, a começar da simples lamina ou cunha do Alemtejo.

Hoje, porém, nem é licito reclamar para a archeologia exclusivamente portuguesa este typo de machados, como em 1880 quis o Sr. Possidonio da Silva[1], pois que machados de aselhas tem sido encontrados em diversas regiões, nem tampouco[2] me parece poder justificar-se a denominação, ainda mais restricta, de machados de *typo do Minho,* quando já o Sr. Possidonio os dava tambem da Beira e da Estremadura e hoje os ha do Alemtejo, de Tras-os-montes, etc.[3]

No Minho (Barcellos) tambem tem apparecido machados de cunha[4]; portanto não são proprios só do Alemtejo.

Aos dois machados de Tavora ajustam bem estas palavras de Cartailhac (*ob. cit.,* p. 229): «Les grandes haches à talon trouvées en groupe — cachettes de fondeurs, trésors de marchands, — sont souvent telles quelles sortaient du moule, avec leur culot, leurs bavures, et l'absence de tout martelage». Cf. Evans, *L'âge du bronze,* p. 498.

---

[1] O Sr. Possidonio da Silva firmava em tres elementos caracteristicos o exclusivo dos machados portugueses. Eram elles: 1.º, as duas aselhas; 2.º, as suas grandes dimensões; 3.º, não serem de encaixe vasado *(douille),* mas de corpo massiço *(talon plein)* com as duas cannelluras. (Vid. *Notice sur les haches de bronze prehistoriques trouvées en Portugal,* avec une planche, par le chevalier J. da Silva. 1883). Hoje nem pelas suas dimensões se tornam elles singulares, pois em Cartailhac (*ob. cit.,* p. 230 e segs.) vem 1 da Andaluzia com 0m,23 de comprimento; 1 da Gironda com 0m,22; 1 da Inglaterra com 0m,18; 1 de Grandola (Alemtejo) com 0m,25; 1 de Montalegre com 0m,23 (devem deduzir-se para este talvez 0m,02 para a cabeça ainda adherente da fundição, o *culot*); n-*O Arch. Port.,* I, 26 e 27, citam-se de Mirandella, Contomil, Barcellos e Riba-Tua com 0m,225; 0m,195; 0m,222 e 0m,17. O da estampa, que o Sr. Possidonio deu na citada *Notice,* mede 0m,26, mas devem desprezar-se 0m,015 para o *culot* ou cabeça de fundição. Mede pois 0m,245. Mas deve notar-se que o pouco comprimento de alguns póde provir do uso (Evans. *L'âge du bronze,* pp. 90, 94 e 95).

[2] Em todo o caso o facto de apparecerem os grandes machados de cannelluras e duas aselhas na Hespanha, em Portugal, sudoeste da França e sul das Ilhas Britannicas dá razão a suppor, alem de outros factos, que estes paises se relacionaram durante a epocha do bronze (Vid. Cartailhac, *ob. cit.,* p. 241). Mas seria de facto na Peninsula que elles tiveram mais voga?

[3] Vid. Cartailhac, *ob. cit.,* pp. 230, 231 e Augusto Simões, *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* p. 116.

[4] Vid. *Minho Pittoresco,* II, 172. Esta obra dá notícia de mais 2 machados de aselhas; um de Caminha (I, 168) e outro de Esposende (II, 199).

Portanto os dois instrumentos de que me occupo foram fundidos nesta mesma região[1]; nem era natural que fossem transportados com aquella pesada e inutil excrescencia, que tinha de ser eliminada antes de pôr o machado em estado de servir.

Mas tambem não posso convencer-me de que a fundição d'essas armas fosse industria de sedentarios castrejos[2]; as condições em que ellas apparecem inclinam-me antes para admittir a existencia de uma casta ou talvez raça de fundidores ambulantes, embora as fórmas regionaes me suscitem tambem a hypothese de uma subdivisão d'essa gente em grupos isolados de familias que frequentassem e percorressem determinadas regiões[3].

A semelhança dos dois machados de Tavora, que são entre si perfeitamente iguaes e, ao que parece, obtidos no mesmo molde, com os que Cartailhac gravou a p. 230 da sua obra, tantas vezes citada, vae até ao ponto de terem todos o mesmo comprimento, que é de $0^{m},23$, com a cabeça de fundição. A fórma das canelluras é ainda a mesma. Differem apenas nas nervuras da lamina. São ainda todos tres do norte de Portugal.

*

Não posso omittir uma particularidade que apresenta o machado da gravura.

Uma das fracturas revelou uma falta de homogeneidade de bronze.

O fundidor, *calderario* ou o que fosse, dos machados de Tavora não conseguira realizar ainda uma acceitavel perfeição na sua industria, ou

---

[1] Como por aqui não ha minerios alguns, o commercio limitar-se-ia aos dois metaes componentes do bronze. Ou então os objectos era apenas refundidos, hypothese que, do que adeante escrevo se infere, é pouco provavel.

[2] Chamam em Melgaço *castrejo* ao habitante de Castro-Laboreiro. Não é pois sem razão que denomino *castrejos* os habitantes dos antigos *castros*. Aqui diz-se *gavieiro* o homem da Gavieira e *suajeiro* o de Suajo. O Sr. Leite de Vasconcellos ouviu *crastejos:* cf., do mesmo A., *Uma excursão ao Suajo,* 1882, p. 34.

[3] No alto do castro de S. Miguel-o-Anjo de Azere, encontrei em recentes excavações a que procedi, pequenos pedaços informes de bronze, muito oxidados, que me pareceram e parecem ainda escorias de fundição de bronze.

Contrariará este achado a hypothese que formulo no texto? Não me parece haver incompatibilidade. Chantre, discutindo a attribuição dos thesouros e esconderijos, chegou, com outra auctoridade porém, á mesma conclusão. Vid. Chantre, *Age du bronze,* II, 154.

por impericia e defeito proprio, ou porque a evolução industrial na região ou na peninsula ainda vacillava os seus primeiros passos[1].

O que parece certo é que a resistencia dos machados de Tavora devia ser insufficiente, ainda que por ulterior recozimento ou têmpera ou pelo martello o fundidor procurasse communicar maior dureza á liga e ao gume[2].

O mal dirigido arrefecimento da massa fundida ou o desleixo em calabrear bem os dois metaes componentes tinham dado lugar ao phenomeno da *liquação*[3].

Na massa de bronze do machado da gravura vê-se uma cavidade alveolar, aonde veiu a isolar-se e prender-se um pequeno grão ou nódulo de estanho, já depois de solidificado o bronze da arma. É o fragmento das aselhas que mostra esse pedaço de estanho.

*

Os dois machados de Tavora estão perfeitamente novos, sem uso algum. Acabados, foram em seguida escondidos[4].

No gume d'estes machados, as duas superficies convergentes não são rigorosamente symetricas, mas uma d'ellas é de curvatura mais accentuada ou de mais curto raio que a outra. (Cf. Cartailhac, *ob. cit.*, p. 236). Esta disposição ainda hoje se adopta em varios instrumentos de trabalho, quer tenham gume transversal ao cabo, quer parallelo. Mas a presença das duas aselhas talvez denote que estes machados eram encabados com o gume transversal.

Na região aonde appareceram os dois machados, a que me tenho referido, ha alguns castros; o mais proximo, e esse pequeno é, e quasi

---

[1] No bronze d'estes dois machados ha ainda uma notavel imperfeição. Conhece-se pelo aspecto *fibroso* do bronze, quasi como a lava moderna de um vulcão, que a fluidez do metal era insufficiente para dar materia bem homogenea. Conclue-se que o foco de calor era pouco intenso e portanto a fusão da liga incompleta.

[2] Vid. Georges Perrot, *L'art phénicien*, p. 866, citado por Hamard no *Cosmos*, XXXVI, vol. 36, n.º 117, p. 89. Evans, *ob. cit.*, pp. 90 e 100.

[3] Veja-se *Dictionnaire des dictionnaires*, par Mgr. Guérin, s. v. *Bronze*.

[4] Na freguesia de Abaça (Villa-Real) appareceram 7 machados de cunha, provavelmente novos e com uma pedra de granito fino ao lado, que talvez fosse para os afiar (*Arch. Port.*, I, 131). No castro de Azere (Arcos de Val-de-Vez) tambem encontrei alguns pequenos calhaus de gneiss, com signaes de terem servido de amoladores (*Arch. Port.*, I, 174, nota 1).

só hoje o nome o indica, fica a 1 kilometro pouco mais ou menos do sítio do esconderijo.

Um pouco mais distante, ha vestigios bem patentes de um outro castro grande, d'onde tenho visto (e alguns possuo) bronzes e meios-bronzes de Faustina, Hadriano, Antonino, Nerva, Trajano e dois pequenos bronzes de Constantino e de Constancio II, com outra moeda que me disseram ser de Vitellio. O sítio, pois, do achado talvez marque um ponto de passagem que póde servir para retraçar hoje os antigos caminhos que, neste concelho, ligavam os castros entre si. Ás vezes é a toponymia local que nos conserva a tradição d'essas vias de communicação.

Arcos de Val-de-Vez, Maio de 1898.

F. Alves Pereira.

Sociedade Archeologica da Figueira

«Estão definitivamente lançadas as bases para a constituição d'esta nova sociedade, a que no passado numero deste jornal nos referimos, informando os nossos leitores dos seus louvaveis intuitos, e accentuando a influencia benefica que d'ella póde resultar para o desenvolvimento do gosto e interesse do publico pelos estudos tão descurados da archeologia e da arte, e impedindo a destruição dos objectos dignos de serem conservados pela sua importancia historica ou artistica.

Foram seus socios fundadores os srs. Dr. Antonio dos Santos Rocha, dr. Antonio Alvarez Duarte Silva, Dr. José Jardim, Francisco Ferreira de Loureiro, Augusto Goltz de Carvalho e Pedro Fernandez Thomás.

A ideia da organização d'esta sociedade foi acolhida com geral sympathia nesta cidade, e a nova aggremiação conta já bom número de valiosas adhesões.

Oxalá que as outras terras do país, da importancia da nossa, seguissem este exemplo, porque não haveria a lamentar os vandalismos de que todos os dias são victimas os nossos monumentos!

Publicamos em seguida os estatutos da *Sociedade Archeologica,* que vão ser submettidos á approvação da auctoridade competente.

Artigo 1.º A «Sociedade Archeologica da Figueira», com séde na cidade da Figueira da Foz, destina-se, em geral, ao estudo de diversos

ramos das sciencias archeologicas, procurando contribuir para a solução dos problemas de prehistoria e da historia antiga do Occidente da Peninsula; e, em especial, a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira, onde se acham colligidos numerosos e importantes elementos para estes estudos.

Art. 2.º Para a consecução do seu fim a «Sociedade» fará pesquisas e excavações, registando fielmente todas as circumstancias d'estes trabalhos, organizará collecções, promoverá, pelos seus delegados em todas as freguesias do concelho da Figueira, a acquisição ou conservação dos monumentos da antiguidade que se descobrirem, coordenará todos os materiaes que colligir, dando-lhes publicidade, e entrará em relações com outras instituições de indole semelhante.

Art. 3.º Podem ser socios todos os que se interessam pelos referidos estudos, comprehendendo os menores auctorizados pelos seus representantes.

§ 1.º Os socios são de quatro categorias: effectivos, correspondentes, protectores e honorarios.

§ 2.º A admissão ou exclusão dos socios compete á direcção.

Art. 4.º A assembleia geral compõe-se de socios effectivos, e reune-se no dia 1 de Janeiro de cada triennio para eleger a direcção e tomar contas da gerencia cessante, e todas as vezes que for convocada pela direcção para receber e discutir as communicações que forem feitas sobre os estudos a cargo da «Sociedade».

§ unico. A assembleia geral escolhe em cada sessão o seu presidente, servindo-lhe de secretario o da direcção.

Art. 5.º A direcção compõe-se de um presidente e tres directores, servindo um d'estes ultimos de vice-presidente, outro de secretario geral e outro de thesoureiro.

§ unico. O presidente tem voto de qualidade nos negocios da gerencia economica ou administrativa.

Art. 6.º Constituem a receita da «Sociedade» a quota mensal de 200 réis, que paga cada socio effectivo, as quotas com que contribuirem os socios protectores e quaesquer outras sommas doadas.

Art. 7.º Os casos inteiramente omissos nestes estatutos serão resolvidos pela assembleia geral, convocada pela direcção ou por cinco socios effectivos.

A direcção: — *Presidente,* Dr. Antonio dos Santos Rocha = *Vice-presidente,* Francisco Ferreira Loureiro = *Secretario geral,* Pedro Fernandez Thomás = *Thesoureiro*, Augusto Goltz de Carvalho».

(Da *Gazeta da Figueira,* de 22 de Dezembro de 1897).

Protecção dada pelos Govêrnos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

9. Acquisições do Museu Archeologico de Madrid

«Lorsque, en 1895, le Président du Conseil des ministres d'Espagne, Sr. D. A. Canovas del Castillo, inaugura la *Bibliothèque* et le *Musée archéologique* de Madrid, réunis dans un vaste et somptueux édifice, M. J. Ramón Mélida, conservateur des antiques, lui montra les photographies do trois têtes de taureaux ou de vaches en bronze récemment découvertes à Costig, dans l'île de Majorque. M. Canovas, qui est un amateur de goût fort éclairé, eut alors l'heureuse initiative de faire négotier par D. Alberto Bosch, ministre du Fomento, l'achat de ces importantes reliques ..... Les bronzes, avec les divers objets, en tout 70, recueillis au même endroit, sont devenus la propriété du Musée archéologique».

(Pierre Paris, in *Revue Archéologique*, 3.ª serie, vol. xxx, 138).

10. Monetario da Bibliotheca Nacional de Paris

O *Cabinet des Médailles* da Bibliotheca Nacional de Paris acaba de se enriquecer com uma bellissima collecção de 7:093 moedas gregas, que havia sido formada com todo o esmêro pelo fallecido W.-H. Waddington.

Para esta acquisição as Camaras francesas votaram a quantia de 421:000 francos.

«Il faut faire honneur de ce succès à l'érudition et au zèle du savant M. Babelon [conservador do Monetario da Bibliotheca Nacional de Paris], qui ne néglige rien, non seulement pour enrichir les collections confiées à sa garde, mais pour en faciliter l'examen aux curieux comme à son public spécial d'érudits».

(*Bulletin de Numismatique*, R. Serrure, IV, 97-99).

*

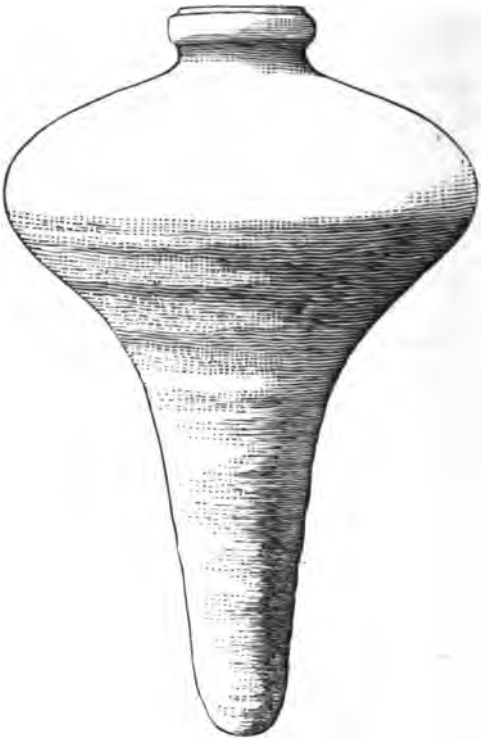
Acquisições d'estas, para serviço da sciencia, fazem-se em França e noutros países civilizados. Pelo que respeita a Portugal, lembrarei que o Gabinete Numismatico da nossa Bibliotheca Nacional não está á altura do que devia e podia estar.

J. L. DE V.

Vaso romano de Lagos

O Sr. Joaquim Henriquez, que possue alguns objectos archeologicos de merecimento, teve a bondade de me enviar o desenho de um vaso romano achado em Lagos, e existente agora na sua collecção (Lisboa).

Eis aqui a respectiva gravura:



O vaso mede de altura $0^m,345$, e de perimetro na maior largura do bojo $0^m,64$. É de barro. Não tem asas, mas termina inferiormente em tronco de cone, como muitas amphoras.

Em Lagos, como em todas ou quasi todas as terras do Algarve, apparecem constantemente antiguidades romanas; por isso nada tem de estranho o apparecimento d'este objecto.

J. L. de V.

Estação prehistorica de Alcalar (Algarve)

Esta estação é uma das mais notaveis do Algarve, tanto pelo número de objectos que lá se encontraram, como pela significação d'estes e pela fórma especial dos monumentos tumulares que os encerravam.

Alcalar (menos correctamente *Alcalá*) é o nome de um sítio que fica proximo da Mexilhoeira-Grande, no concelho de Villa-Nova-de-Portimão.

Foi Estacio da Veiga quem explorou a estação. O resultado theorico dos seus trabalhos acha-se consignado nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* vols. I e III; resumi-os nas *Religiões da Lusitania,* vol. I (vid. «Indice»), subordinando-os ao plano d'esta obra. Os materiaes colhidos por Estacio da Veiga acham-se hoje no Museu Ethnologico Português.

Em Março de 1894, tendo tomado antes algumas informações dos Srs. Prior Nunez da Gloria e P.e José Joaquim Nunez, fui, em companhia do Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu, á referida estação, com o fim de a examinar, para a seu tempo continuar a exploração começada por Estacio da Veiga, pois este ainda lá deixou alguns monumentos por explorar.

A accumulação de serviço e a ausencia do Sr. Apollinario, tem sido causa de eu não haver realizado ainda o meu antigo projecto das excavações em Alcalar, o qual porém realizarei na primeira occasião, tanto mais que o Sr. Nunez da Gloria, muito conhecedor do local, como um dos mais activos e intelligentes collaboradores de Estacio da Veiga, e o Sr. José Joaquim Nunez, igualmente fervoroso apostolo de tudo o que respeita ao progresso scientifico do país, me prometteram, cada um pela sua parte, o seu valioso concurso.

Effectivamente, existindo já no Museu Ethnologico Português materiaes archeologicos tão importantes como os que Estacio da Veiga reuniu por occasião das excavações que praticou na necropole de Alcalar, não devo deixar de emprehender a tarefa de proseguir nos trabalhos que elle encetou; e só as razões imperiosas que ficam expostas me tem até hoje impedido de o fazer. Como porém ellas serão removidas brevemente, espero que dentro em pouco tempo venha para o Museu o espolio alcalarense que lá falta para completar o preexistente.

J. L. de V.

Objectos de arte

«Na ultima sessão da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses, o illustre architecto Sr. Adães Bermudes chamou a attenção da assembléa para um assumpto, que tem sido até agora muito descurado: — a conservação dos objectos de arte de valor historico ou archeologico. Lembrou mesmo a elaboração de um projecto de lei destinado a difficultar ou até a impedir a exportação d'esses objectos, que no presente se faz com toda a facilidade.

A questão levantada pelo Sr. Bermudes encontrou echo na imprensa, tendo-se já occupado d'ella alguns jornaes. O assumpto merece com effeito ser estudado e discutido. É preciso chamar para elle a attenção do governo, como deseja o illustrado architecto, mas ainda é mais necessario levar o povo a compenetrar-se do verdadeiro valor dos objectos artisticos e archeologicos, de que se tem desfeito por preços infimos.

Não se póde calcular a somma de preciosidades artisticas que Portugal accumulou durante seculos nos conventos, igrejas, casas nobres e paços reaes. As grandes riquezas trazidas pelos descobrimentos e conquistas portuguesas na Africa, Asia e America permittiram que no nosso país se reunissem, a par das joias, louças, tapetes e outros objectos de valor, importados do Oriente, muitas preciosidades artisticas, devidas quer a nacionaes, pois tivemos artistas eminentes, quer a estrangeiros, que concorriam com os nossos compatriotas, chamados pelos principes e grandes do reino, ou, a pedido ou por encommenda d'estes, dos seus países nos enviavam os seus artefactos. Assim se espalharam por toda a nação ricas e formosas peças de ourivezaria, de ceramica, de tapeçaria, de mobiliario, de pintura, etc. O terremoto de Lisboa em 1755, a fuga da familia real para o Brasil e a invasão francesa começaram a devastação das nossas riquezas artisticas, que no nosso seculo continuou incessantemente, graças á ignorancia do nosso povo e ao desleixo imperdoavel dos governantes, primeiro, durante as luctas civis de D. Pedro e D. Miguel e por occasião da abolição dos conventos, e depois, nestes ultimos cincoenta annos, pelas incessantes visitas de viajantes estrangeiros, vindos de proposito a Portugal para adquirirem preciosidades artisticas, das quaes o nosso povo por absoluta ignorancia facilmente se desfaz.

Tem sido grande o saque soffrido pelo país. No emtanto, ainda hoje é consideravel a somma de objectos de arte que existe espalhada por todo o país. A exposição de arte retrospectiva, celebrada em Lis-

boa, demonstrou-o plenamente, e depois outras exposições, realizadas em varios pontos do país, o tem confirmado. Mas, se é ainda muito o que possuimos, apesar de já ser pequena parte das nossas riquezas no seculo passado, tende a desapparecer, porque é incessante a exportação dos objectos de arte antigos, sendo cada vez mais frequentes as visitas de viajantes estrangeiros, os quaes chegam a publicar nos jornaes da capital e das provincias annuncios em que declaram sem rebuço o que os traz a Portugal.

Como evitar, porém, a exportação dos objectos de arte de valor historico ou archeologico, ou, pelo menos, como difficultá-la?

Não faltam alvitres; mas todos elles se nos afiguram improficuos. Os principaes que tem sido lembrados são a prohibição expressa da saída de Portugal d'esse genero de mercadoria e applicação de um forte direito, quasi prohibitivo, sobre a respectiva exportação. A prohibição pura e simples, condemnavel como medida violenta, é sem dúvida inferior por muitas razões ao pesado imposto sobre os objectos exportados; mas tanto uma como outra providencia são de difficil applicação.

Como determinar com precisão o que são objectos de arte de valor historico e archeologico? A prohibição absoluta da saída de objectos de arte, ou a imposição de um direito pesado sobre todos elles, seria contraproducente, indo prejudicar em grande parte o commercio e os nossos artistas, que porventura possam collocar os seus productos no estrangeiro. Estabelecer uma differença, o que seria justissimo, entre as preciosidades artisticas e archeologicas e os trabalhos modernos de arte? Mas onde começaria o moderno e acabaria o antigo? Ainda mais, como distinguir na alfandega, onde os funccionarios não tem nem podem ter conhecimentos especiaes de arte e archeologia, os objectos de arte de valor, dos que o não tem, ou ainda das imitações modernas, que são por vezes perfeitissimas?

Não nos parece que seja facil a elaboração de um projecto de lei que, protegendo a conservação no país das preciosidades historicas e archeologicas, não offenda ao mesmo tempo os interesses do commercio e dos artistas pela difficuldade que ha de determinar com precisão quaes são aquelles objectos.

Bom será, todavia, estudar o assumpto, procurando uma solução satisfatoria.

Melhor do que todas as leis sería, sem dúvida, a comprehensão por parte de todos, do povo inteiro, do valor historico e estimativo que tem os objectos de arte, de modo que os viajantes estrangeiros não pudessem adquirir sem difficuldade e por preço infimo esses

629374A

objectos. Para se conseguir isso sería preciso que o nosso povo fosse instruido, e desgraçadamente não é o que succede. Faça-se, no emtanto, séria e insistente propaganda a favor da conservação dos objectos de arte, que talvez alguma cousa se consiga».

(D-*O Seculo*, de 9 de Dezembro de 1897).

*

Concordo absolutamente quanto á necessidade de se evitar por qualquer meio o desperdicio das nossas antiguidades e preciosidades artisticas, e tanto que já uma vez fallei nisto em sessão da Commissão dos Monumentos Nacionaes. Esperar, porém, que o nosso povo comprehenda o valor d'ellas, para, por essa comprehensão, as não deixar ir para fóra, é utopia! O melhor será talvez um pesadissimo imposto sobre os objectos de saída, definindo-se, quanto se puder, o que são objectos archeologicos e artisticos.

Entretanto, é de grande utilidade que a imprensa periodica se occupe do assumpto, porque maior cuidado haverá de futuro.

J. L. de V.

Archeologia do seculo passado

«*Adaufe.* — Nas ruinas do antigo Mosteiro de *Adauffe,* da Ordem de S. Bento que foy extincto, e reduzido a comenda sendo Arcebispo de Braga *D. Fernando da Guerra* huma legoa distante da Cidade de Braga, da parte do nascente, nas Cazas de residencia do Parrocho, se achão em hum lugar dellas onzes sepulturas; e hà constante tradição, que em huma dellas jazião os ossos de hũ Monje venaravel, a quem o Povo chamava Sancto, e que no dia em que se festeja o gloriozo Patriarca Sam Bento, e em alguns outros, sahia della huma suavissima fragrancia, a que se persuadia a devoção dos Povos vezinhos ser mais que natural. Movido de tão graves, e atendiveis circunstancias o grande, e piadozo zelo do *M. R. P. Fr. Jeronimo de S. Bento,* Don Abade do Mosteiro de *Renduffe,* procurou trasladar para este aquelles ossos. Revolverão-se as 11 sepulturas. Nas dez se não encontrarão vestigios; mas na undecima se acharão organizados os do dito Veneravel Padre, que com prefeita simetria mostravão ser de homem de grande estatura. Fez-se a sua trasladação para o Mosteiro de *Renduffe* onde se lhe fizerão exequias solennissimas, Offi-

ciando a missa Pontificalmente o R. P. Dom Abade Geral da Ordem de S. Bento *Fr. Antonio de Sancta Clara.* Pregou com grande eloquencia, e piedade o R. P. D. *Fr. Jozé de S. Miguel,* Monge Benedictino, edificando muito o seu numerozo auditorio, e respeitando em todos os seus discurços os decretos Apostolicos. Destinou-se para sepultura dos veneraveis ossos a Capella mór da Igreja do mesmo Mosteiro; o que se fez com piedoza decencia, e por demostração de agradecimento, por constar por varias memorias, que os Monges de *Adauffe* forão os primeiros, que povoaram em tempos muy antigos este Mosteiro de Renduffe».

(*Gazeta de Lisboa,* n.º 25, de 23 de Junho de 1757).

«*Braga 20 de Outubro.*—Faleceu nesta Cidade depois de 15 dias de huma violenta febre, em idade de 77 annos nam completos, no Sabado 22 do mez de Julho, o nobre, e sabio varão Valerio Pinto de Sáa natural desta Cidade, onde naceu a 12 de Dezembro de 1681. Acabou muy resignado nas disposiçoens Divinas, depois de receber com grande devoção todos os Sacramentos da Igreja. Foy sepultado no Claustro, chamado de Santo Amaro, proximo à Sèe desta Cidade, no jazigo de seus antepassados com assistencia da parte da principal Nobreza. Foy o mayor antiquario, e geneologico desta Provincia; e ajuntou a mayor collecção de medalhas antigas de Ouro, Prata, e Cobre que se saiba haja havido em Portugal porque não só dos Imperadores, e Consules Romanos, mais dos Reys Godos de Hespanha, e dos deste Reyno as quaes deixou vinculadas com os seus escriptos, a hum sobrinho seu para andar na sua familia».

(*Gazeta de Lisboa,* n.º 49, de 7 de Dezembro de 1758).

«*Torres Novas.*—De *Torres Novas* se escreve, que no dia nove do mez de Agosto, andando huns Pedreiros desmanchando huma parede de humas Cazas de *Antonio Xavier Ribeiro,* sitas na rua nova, que antigamente se chamou a *Judiaria nova,* achárão hum vão, em que havia um saquinho de couro, e dentro nelle hum livro em oytavo manuscripto em caracteres hebraicos pontuados, em papel de muito corpo, e com grandes margens, que parece ser copia do testamento velho, enquadernado em pasta preta chapeada de prégos de latam lavrado, e as folhas douradas, ou pintadas de amarello, e com este livro, estava no mesmo saquinho outro de veludo azul, e dentro nelle hum enbrulho em forma de novello, que constava de trez correas de couro macio, de largura de um dedo minimo, cada huma de duas

varas de cumprimento, e nas cabeças dellas, humas bolsinhas cozidas, que abrindo-se se achou nellas embrulhadas em hum pergaminho muito delgado humas tiras enroladas do mesmo pergaminho de palmo, e meyo de cumprimento, e de largura de hum dedo grosso, em que ha sinco regras de letras hebraicas muito meudas, e bem formadas. O livro foi entregue ao Reverendissimo Prior da Igreja do Salvador. O saquinho, e correas ficàrao ao dono das cazas em que se descobriu esta antigualha».

(*Gazeta de Lisboa*, n.º 36, de 6 de Setembro de 1759).

«*Serpa, 6 de Fevereiro.*—Antonio José de Mello, senhor de Ficalho, desejando conservar os monumentos da nossa Historia, e descubrir os que as injúrias do tempo tiverem encuberto, tem começado a fazer no seu Palacio huma collecção dos que se achão no termo das Villas de Serpa, e de Moura, onde em tres differentes sitios se tem descuberto consideraveis ruinas de povoações Romanas, que as excavações, que nellas se continuão, darão melhor a conhecer: por ora os monumentos que se tem descuberto, consistem: 1.º em huma ara com esculturas em relevo: 2.º em dous cippos sepulcraes com ornamentos de relevo, e inscripções: 3.º em outros tres cippos sepulcraes em forma de barricas de marmore com inscripções: 4.º em varias columnas de hum até quatro palmos de diametro: 5.º em frizos, e capiteis de ordem corinthia, e em varias outras cousas notaveis, de que em outro lugar mais conveniente se fará mais particular menção».

(*Gazeta de Lisboa*, n.º 6, de 9 de Fevereiro de 1779).

«*Marim.*—*Do Algarve* participou o Doutor *João Vidal da Costa e Sousa,* Superintendente dos Tabacos daquelle Reino, e correspondente da Real Academia das Sciencias, muito applicado ao estudo Numismatico, que a 28 do mez passado hum trabalhador, que abria huma valla no sitio de *Marim,* Termo da cidade de Faro, em alicerces de antigos edificios, achára cem medalhas de ouro do Imperador Honorio. *No segundo Supplemento se porá a descripção dellas*».

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º XLIII, 27 de Outubro de 1786).

«*Descripção das cem Medalhas d'ouro, que se achárão ultimamente no sitio de* Marim, *Termo de* Faro *no* Algarve. Cada huma das Medalhas tem na parte principal esta inscripção—D. N. HONORIUS. P. F. AUG: com o busto do Imperador coroado do Diadema: no reverso huma figura Militar com o Estandarte dos Romanos, chamado

Labaro, na mão direita, e na esquerda a figura da victoria, pondo-lhe huma coroa: debaixo do pé esquerdo a figura d'hum cativo: e a inscripção—VICTORIA. AUGGG. COMOB. E na area—M. D. Todas estas Medalhas se achão perfeitamente conservadas, e parecem feitas na mesma Fabrica».

(Segundo supplemento á *Gazeta de Lisboa,* n.º XLIII, de 28 de Outubro de 1786).

Pedro A. de Azevedo.

Excursão archeologica ao Sul de Portugal

Alcacer e arredores. — Torrão. — Alcaçovas. — Evora e visinhanças

Aproveitando as ferias do Natal de 1895, fiz nova excursão archeologica ao Sul do reino, e colhi várias noticias, que vou aqui resumir, pois me falta o tempo para desenvolvimentos.

No dia 23 de Dezembro de 1895 cheguei a Alcacer, onde tinha a receber-me o meu prezado amigo Joaquim Correia Baptista, que, como da primeira vez que eu ahi fui,—vid. *O Arch. Port.,* I, 65 sqq.—, me deu hospitalidade em sua casa, e me tratou do melhor modo possivel. O dia 24 e o dia 26 foram destinados á visita do Museu e da villa. No dia 25 e 27 andámos pelos arredores, o Sr. Baptista e eu. No dia 28 parti para o Torrão e Alcaçovas. No dia 29 visitei a serra das Alcaçovas, e segui para o concelho de Evora, onde estive até o dia 5 occupado a ver o museu Cenaculo, e algumas collecções particulares, a colhêr indicações manuscriptas na Bibliotheca da cidade, e a visitar várias estações archeologicas. No dia 6 regressei a Lisboa.

I

Alcacer-do-Sal

A villa de Alcacer occupa área bastante extensa, parte d'ella num alto, onde, como digo adeante, fica o castello, e outra parte num declive e numa baixa, junto do rio Sado. Para mais commodidade e clareza, dividirei o meu assumpto em secções, occupando-me primeiro da villa velha, de diversas antigualhas alcacerenses e do museu municipal, e referindo me por fim á archeologia dos arredores.

1. Alcacer vetus

Cfr. *O Arch. Port.*, I, 69.

Na parte alta da villa, tanto dentro da área limitada pela muralha do castello, como fóra, junto d'este, apparecem a cada passo fragmentos de barro saguntino, com e sem marca; fóra, junto da muralha, onde se tem feito excavações accidentaes, apparecem os mesmos fragmentos, *verticilli* (cossoiros) e *pondera* (pesos) de barro.

Junto da muralha passa um caminho; do outro lado do caminho, a uns decametros, encontra-se barro romano, pesos, e *opus Signinum* que teve mosaicos.

Adeante estão as ruinas da capella de S. Vicente, de que eu não tinha fallado no primeiro artigo; ficam perto de S. Francisco. Nas paredes d'esta capella vêem-se fustes de columnas sem dúvida pertença de um edificio romano, como o são todos ou quasi todos os objectos de marmore da mesma natureza, que se vêem nas casas, paredes e ruas de Alcacer. Das paredes da mesma capella extrahiu o Sr. Baptista uma das cabeças de marmore que estão no museu.

A povoação primitiva foi sem dúvida na parte alta da actual Alcacer, onde está o castello e os templos da Senhora dos Martyres, de S. Vicente e de S. Francisco. Em todos os pontos, nos campos, nos caminhos, se encontram restos romanos: moedas, barros, marmores.

2. Antigualhas diversas

De uns apontamentos manuscritos, que vi na villa, organizados pelo fallecido Dr. A. A. Vargas, medico de Alcacer, em resposta a uns quesitos da Commissão dos Monumentos Nacionaes, extráio o seguinte:

a) *Instrumentos neolithicos:*

«Ha várias machadinhas de pedra polida, achadas em differentes pontos, algumas grandes, e muito bem conservadas».

Effectivamente o aro de Alcacer é fertil nestes objectos: no Museu Municipal podem ver-se bastantes.

b) *Cabeça de touro:*

«Existia ha uns annos, collocada na esquina de uma cêrca, junto ao Passeio d'esta villa, uma cabeça de touro, de pedra».

Segundo informações de pessoa de idade, esta pedra foi aproveitada nos alicerces do predio que foi de João de Sousa Aguamel, no Largo do Visconde de Alcacer.

Sería uma cabeça de touro igual ás célebres de Beja?

c) *Sepultura de Junia Corinthia:*

«Achou-se uma lapida, — e que já vinha seu caminho para ser engolida por um alicerce, — que tem uma inscripção romana. Era lapida sepulcral. Ficou por muito tempo servindo de pedestal a um candieiro publico, até que foi dada a.....[1] de Lisboa, e para lá foi. Dizia no epitaphio o seguinte: IVNIA CORINTHIA | -AN· XVII | H·S·H | -S·T·L | -SATVLIA | FILIAE | . O que traduzido ahi: *Junia Corinthia, de 17 annos, aqui jaz. A terra lhe seja leve. Satulia á sua filha*».

Esta inscripção foi publicada no *Supplemento* do *Almanach de Lembranças* de 1888, e n-*O Alcacerense* de 21 de Outubro do mesmo anno, em artigo do mesmo A. A. Vargas. N-*O Alcacerense* lê-se por êrro *Satilia*. Tanto no artigo ms., como no impresso, se lê S·T·L e não S·T·T·L· Depois foi publicada na *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo, II, 70, d'onde passou para o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5183; aqui a reproduzo de lá:

IVNIA·CORINTHIA
AN·XVII·H·S·E·
S·T·T·L·
SATVLLA·FILIAE

8. Museu Municipal

N-*O Archeologo Português,* fiz já algumas referencias a este interessante museu. Agora farei outras, com o fim de ampliar as informações primeiras.

O Museu Municipal de Alcacer-do-Sal foi fundado por deliberação camararia de 15 de Outubro de 1894. Assignaram esta patriotica deliberação os seguintes senhores:

José Serra Lince, presidente da Camara Municipal;
Manoel Augusto de Matos, vogal;
Antonio da Costa Villa-Boim, vogal;
Manoel Perez Ramirez, vogal;
Francisco Vieira dos Reis, vogal;
Joaquim Correia Baptista, secretario.

---

[1] [Falta o nome, mas consta-me que a lapide foi dada ao marquês de Sousa Holstein, que a pediu á Camara de Alcacer].

Acha-se installado numa alegre sala, contigua á das sessões.

Eis a indicação methodica dos principaes objectos que o compunham na data da minha visita (1895):

A. *Epocha prehistorica.*

Collecção de quarenta e tantos instrumentos neolithicos (machados, martellos, etc.), encontrados quasi todos no concelho de Alcacer. Pertencem a typos conhecidos.

No concelho ha, segundo me consta, algumas antas. É provavel que, em se explorando, appareçam mais objectos que venham enriquecer o museu.

B. *Epochas protohistorica e romana.*

Collecção de várias armas de ferro achadas na necropole a que me referi n-*O Arch. Port.*, I, 78–79;

dois ferros de lança (*cuspides*), encontrados na mesma necropole, e que podem ser romanos ou não;

uma collecção de dez vasos de barro, da mesma proveniencia: quatro formam uma serie d'este typo pouco mais ou menos:

outros são variados, e um, o menor, é tão grosseiro, que se confunde com alguns prehistoricos;

um prato de barro, e tres *verticilli*, — ainda de igual procedencia.

Como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 79, nem todos os objectos da necropole são pre-romanos. No museu está o gargalo de uma pequena ampolla romana, provinda tambem de lá.

Entre os objectos protohistoricos do museu conta-se o idolo de que fallei n-*O Arch. Port.*, I, 79–80, e as moedas de legenda indigena publicadas n-*O Arch. Port.*, I, 81–82; II, 280–281 e III, 127 e 269.

Quanto a objectos sem dúvida romanos, temos os seguintes:

1. *Monumentos de marmore:*

a) Duas cabeças, e um torso de estátua;

b) Uma tampa sepulcral em fórma de pipa, com uma inscripção bastante apagada, de que só pude ler:

.....OLA
.....AN·SER·
.....E
.....B....R

Linha 1.ª: Antes de OLA podiam caber mais tres lettras; junto do O ha um traço duvidoso, que póde ser de T, de E ou de F.

Linha 2.ª: Depois de AN ha um ponto. Entre o N e o ponto podia ter cabido um I, mas creio não ter ahi havido lettra. As lettras SER, entre pontos, são claras. Podia ter havido nesta linha mais seis ou sete lettras.

Linha 3.ª: Parece acabar no E, mas sem ponto (H·S·E?). Cabiam nesta linha mais umas quatro lettras.

Linha 4.ª: Entre o B e o R cabia uma lettra, talvez fosse E. Podia ter havido no resto da linha mais quatro lettras.

Por baixo creio não ter havido outra linha.

Em resumo: a inscripção parece ser de uma pessoa cujo nome acabava em *-ola,* serva de outra, cujo nome abreviado acabava em *-an.*

Altura das lettras: $0^m,035$ a $0^m,04$.

Esta lapide foi tirada das ruinas do castello, segundo me informa o Sr. Correia Baptista.

c) Cabeceira de sepultura, apenas com algumas lettras.

d) Dois pequenos fragmentos de estelas com lettras.

2. *Objectos de barro:*

a) Um bello vaso de barro saguntino marcado *(terra sigillata)* com tampa, — urna funeraria. Já fallei d'elle n-*O Arch. Port.,* I, 85. No bojo lê-se, como lá disse:

COR/EL(*ius*) PRIMVS

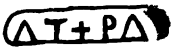
e no *operculum* lê-se:

SEX
A/NI

O primeiro nome será o do morto, pois não parece natural que cada peça fosse feita por seu artista. O segundo nome é com certeza marca figulina, pois tem ao lado um ramo que apparece noutras marcas que se vêem em fragmentos de vasos no museu.

b) Muitos fragmentos de vasos, do chamado barro saguntino, aretimo ou samio, com carimbos taes como:

1.



falta o resto; a penultima lettra é P e não R; o segundo T é crucial, e menor que o primeiro.

2.

Este carimbo quadrado estava no fundo de um vaso, mas pelo lado de dentro. A segunda linha significará SAMIA = *Samia,* nome que apparece tambem em vasos de Tarragona: vid. o *Corp. Inscr. Lat.,* II, 4970, 515. O A não é cortado: cfr. a marca antecedente.

3.

Este carimbo rectangular estava no fundo de um vaso, tambem interiormente.

Linha 1.ª: depois do L um ponto. A segunda lettra é I ou T. A penultima será T de haste curta.

Linha 2.ª: SAMIA = *Samia:* cfr. a marca precedente.

No fim da 1.ª linha um ramo vertical.

4.

Num pequenino caco.

Deve entender-se CELER RASIN.....

Num vaso de Tarracona lê-se tambem *Celer,* nome de um oleiro: *Corp. Inscr. Lat.,* II, 4970, 129.

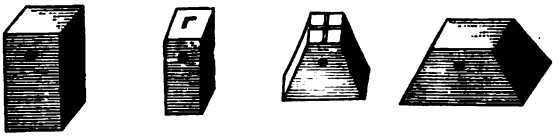
5.

Creio dever ler-se na 1.ª linha CORNE(*lius*), senão a haste do E sería perpendicular e não obliqua ao traço inferior.

6.

Será M com um ponto adeante, ou MII, terminação de genitivo? Á direita meio ramo com quatro hastes[1].

c) Vinte e tantos pesos de barro (*pondera*) grosseiros, d'estes typos:



Os tamanhos variam. As fórmas tambem variam: uns são parallelepipedos, outros são troncos de pyramides, e quer aquelles, quer estes, de secção quadrada ou rectangular. Alguns tem marcas: dois tem uma cruz; um tem um como L.

d) Fragmentos de amphoras. Um fragmento de asa de amphora tem a seguinte marca:

e) Objectos diversos: cossoiros ou pesos de fusos (*verticilli*), tegulas, imbrices, tijolos. Mencionarei tambem aqui, embora eu não saiba ao certo se são da epocha romana, se de epocha posterior, uns pesos de rêde, de dois typos: de tubo, e de argola (de barro).

---

[1] Outra marca figulina com ramo, em vasos aretinos achados na Italia, veja-se, por exemplo, in *Notizie degli scavi di antichità*, 1896, p. 166.

4. *Objectos de ferro:*

Difficil será dizer se todos estes objectos são romanos ou não, ainda que me inclino a crer que sim, pelo menos alguns. Pertencem ás seguintes classes: ferros de arado, picaretas, marrêtas, e outras. Appareceram todos nos entulhos do castello, onde tambem apparece o barro saguntino.

5. Formigão romano (*opus Signinum*) destinado a receber mosaicos; fragmentos de mosaicos (*opus vermiculatum*).

C. *Epocha arabe.*

Esta epocha está, como é natural, modestissimamente representada.

Posso apenas mencionar:

a) uma inscripção lapidar;
b) uma lucerna de barro;
c) varios fragmentos de vasos.

D. *Epocha posterior á idade média.*

Pertencem a esta epocha os seguintes objectos:

a) diversos azulejos, uns de relêvo outros lisos;
b) boiões de botica, de louça, de varios formatos;
c) espingardas;
d) dois estandartes bordados;
e) fragmentos de obra de talha (de igrejas);
f) balas grandes de pedra.

E. *Numismatica.*

Esta secção comprehende moedas antigas, moedas modernas, e «contos para contar».

D'entre as moedas antigas, as mais importantes são as já mencionadas, de Salacia; tambem ahi ha moedas romanas; muitas d'ellas, senão quasi todas, encontradas em Alcacer, e que são por isso documentos historicos de interesse local.

As moedas modernas são pela maior parte portuguesas, sobresahindo entre todas a meia-barbuda de D. Fernando que publiquei n-*O Arch. Port.*, I, 86, e que é authentica, sem dúvida alguma. Tambem ahi se vêem alguns exemplares de moedas dos grão-mestres portugueses de Malta.

Sobre os contos tomei alguns apontamentos que publicarei a seu tempo.

O encarregado d'esta secção é especialmente o Sr. P.e Francisco de Matos Galamba, que a isto se presta da melhor vontade, e que, como notei n-*O Arch. Port.*, I, 87, ahi depositou as moedas que possue. Do mesmo Sr. já *O Arch. Port.*, III, 266, publicou um interessante artigo sobre Salacia.

*

Comparando-se o que fica dito á cêrca do estado actual do museu com o que se escreveu nesta revista, vol. I, pp. 80–87, vê-se que elle tem progredido bastante.

4. Arredores de Alcacer

Dou aqui notícia de algumas antigualhas dos arredores de Alcacer, umas que eu vi, outras de que apenas colhi informações.

1. Na herdade da Lápega de Cima[1], freguesia de Santa Susana, ha um outeiro chamado *O Castellinho*. Ao fundo passa a ribeira de Rio-Mourinho; em cima num alto, sobranceiro ao rio, ha vestigios de paredes. Diz o povo que aquillo era obra *dos Moiros*. Estaremos deante de um castro?

2. Na herdade da Biscainha, da mesma freguesia, ha uma pedra, com uma cavidade: diz o povo que o Diabo se servia d'esta pedra como de marrêta para assentar as pedras de uma calçada que alli havia, e de que ainda hoje se observam alguns lanços. Em certo ponto esta calçada chama-se «Estrada da Calçadinha». Conduzia de Alcacer a «Evra» (Evora).

Quem sabe se teremos aqui uma via romana?

São muito vulgares as lendas que attribuem ao Diabo e a outras entidades fabulosas ou sobre-naturaes as obras de certa importancia. Se o tempo me não faltasse, eu poderia juntar aqui muitas notas, umas referentes a factos nacionaes, outras a factos estrangeiros.

3. Na herdade das Romeiras, da mesma freguesia, disseram-me que ha «pedras com lettras».

---

[1] Tambem se diz *Alapa*, isto é, *Lapa:* d'onde se vê que *Lápega* é mera modificação popular de Lapa. Eu ouvi pronunciar *Lápega*, com o accento tonico no *a*. Na *Chorographia* de Baptista, indice, lê-se porém *Alapéga*, com o accento no *e* (talvez por êrro).

4. Na herdade dos Alamos, freguesia de S. Martinho, parece que existe uma anta.

5. Na herdade do Côrte-Pereiro ha um pôço em que me dizem que se observam vestigios antigos de trabalhos de mineralização.

6. Herdade do Berlonguinho.—Em companhia do Sr. Correia Baptista, que tem pela archeologia de Alcacer enthusiasmo verdadeiro, e por isso muito louvavel, visitei a herdade do Berlonguinho, na freguesia de Santa Susana. Em volta do «monte» (casa de campo) apparecem muitos alicerces de edificações, e fragmentos de tegulas e de imbrices, bem como *pondera* de barro, de que vi alguns. Igualmente appareceu uma moeda romana, que porém não vi. De certo houve alli uma povoação ou, mais provavelmente, *villa* romana. Encontrei tambem lá uma pequena pedra excavada[1], de $0^m,1$ de eixo, que se assemelha a outras que tenho achado nas estações prehistoricas, e que hoje estão no Museu Ethnologico Português: estas pedras deviam ter servido, umas de mós, outras de afiadores.—A distancia de uns 300 ou 400 metros do «monte» parece que existiu uma anta: pelo menos vi lá tres pedras cahidas, de uns 2 metros de comprimento cada uma, e de mais de $0^m,5$ de largura, as quaes podiam muito bem ter servido de esteios; num local, onde tanto falta a pedra, que poderiam significar aquellas grandes lages, que de mais a mais vieram de longe para alli, senão que fizeram parte de uma anta? Em todo o caso só a exploração archeologica poderá decidir a questão. Ainda mandámos cavar no local, mas a terra estava muito encharcada, não pudemos apurar nada. Pelas vizinhanças apparecem instrumentos neolithicos, o que pouco significa para o caso, pois elles apparecem em toda a parte.—O que se vê é que, assim como a civilização portuguesa, representada pelo «monte», se sobrepôs naquella herdade á civilização romana, representada por objectos de barro, e certamente pelos alicerces de que falhei, esta se tinha sobreposto á civilização prehistorica, representada pelos instrumentos, e talvez pelo pequeno utensilio de pedra excavada, senão tambem por uma anta. O nosso povo não sabe hoje, de nenhum modo, o que aquillo é, como os Romanos tambem não sabiam o que eram as antas e os instrumentos lithicos. Assim se vão succedendo as civilizações: e os que menos tem consciencia d'isso são muitas vezes os pro-

---

[1] É de granito. Como naquella zona não ha esta rocha, vê-se que o utensilio veiu de longe, o que indica antigas relações commerciaes.

prios protagonistas! Á parte as notas que costumo tomar na minha carteira, e que depois me servem para os meus estudos, quanto prazer não experimento nestes passeios archeologicos, que me transportam ao passado! Nuns sitios converso com os homens da epocha da pedra, que me revelam as suas habilidades artisticas, as suas relações commerciaes, as suas crenças; noutros ouço os Romanos fallar-me latim, e, com lettras gravadas em desprezados pedaços de barro, ou em quasi apagadas superficies de pedras toscas, vou formando listas de nomes de artistas ou de povoações extinctas, que por outra via não são conhecidos. Seja ao menos este prazer uma compensação das fadigas que por lá apanho, das noutes mal dormidas, das viagens incómmodas! — Voltando a fallar do Berlonguinho, rematarei esta notícia, lembrando que o dono da herdade é o Sr. Francisco Pereira de Sousa, que por vezes tem dotado de varios objectos antigos o Museu de Alcacer.

7. Herdade de S. Brás. — Indo-se pela estrada real de Alcacer para Santa Susana, encontra-se, a uns 3 kilometros da villa, a Herdade de S. Brás, que é atravessada pela estrada, e fica nas margens da ribeira de Sítimos. Estive lá com o Sr. Correia Baptista. Á direita da estrada, a pouca distancia d'esta, ficam as ruinas da capella de S. Brás, que deu nome á Herdade; nas paredes d'essa capella depararam-se-nos dois fustes de columna, lisos, de marmore; e um capitel (? — que por não se distinguir bem, fica para ser descrito depois). Nos arredores da capella, até á ribeira, vê-se o chão juncado de tijolos e grossos cacos de amphoras e de outros vasos; tambem apparecem fragmentos de tegulas. O rendeiro da Herdade informou que, a uns metros de distancia da ribeira, encontrou várias sepulturas de tijolo, quadradas, e demasiado pequenas para conterem um cadaver estendido; ahi dentro achou fragmentos de ossinhos: sería sepultura de incineração? Tambem tem achado várias moedas de cobre romanas.

8. Herdade da Barrosinha. — Fica ainda mais perto de Alcacer: 1,5 kilometros a 2 kilometros. Na margem direita do Sado, junto á ágoa, encontrámos, no mesmo dia, innumeros fragmentos de amphoras: bojos, asas, gargalos; o Sr. Baptista tinha tambem achado testos. Foi aqui que appareceu, na occasião da nossa visita, o fragmento de asa de amphora com a inscripção que acima transcrevi. Apparecem igualmente muitos tijolos prismaticos e outros, bem como fragmentos de barro saguntino, e de *opus Signinum*. — Merece a pena proceder a excavações, porque de certo apparecem mais objectos. Só depois se saberá se se trata de povoação, se de simples *villa*.

II

Torrão

Na manhã de 28 de Dezembro despedia-me dos meus amigos de Alcacer do Sal, e dirigia-me para a patria de Bernardim ou Bernaldim Ribeiro.

A estrada que conduz de Alcacer para o Torrão é solitaria, como em geral succede no Alemtejo[1]. Atravessei varios riachos, chamados *ribeira de Alfêvre, ribeira de Algalé,* etc. As correntes fluviaes tem no Alemtejo varios nomes, conforme a importancia d'ellas: *ribeira,* que significa menos que rio; *ribeiro,* menos que ribeira; *barranco,* menos que ribeiro. O barranco sécca de verão.

A manhã estava ennevoada, e por isso pouco pude apreciar dos panoramas d'estes sitios. De longe em longe passa junto do meu trem um *carro alemtejano,* guiado por um homem alto, de jaqueta e chapeu desabado; durante uns segundos ouvem-se os chocalhos das mulas que o levam, depois tudo volta á solidão e ao silencio, só cortado pelo ruido do vehiculo em que vou. Nem uma venda se vê, em que possa dar-se uma gotta de vinho ao cocheiro, para o fortalecer contra a friagem matutina: só encontrei uma fonte; mas ágoa não a quereria elle!

Um pouco antes de se chegar á ponte de Algalé, o Sado deixa de ser navegavel, e muda de nome: fica chamando-se *ribeira do Sadão*[2]. Cousa curiosa: pois que, deminuindo de volume, recebe uma denominação com apparencia de augmentativo!

*

A pouca distancia do Torrão ha uma anta, que fui visitar, apesar do terreno estar bastante molhado. Conservam-se d'ella alguns esteios, da camara, uns em pé, outros cahidos, e o respectivo chapeu ou cobertura; os vestigios da galeria são incertos. Como outras do Alemtejo, esta anta fica em terreno um pouco elevado, que conterá acaso os restos da mamôa. Ao pé cresce uma oliveira, que a ampara. É vulgar encontrarem-se no Alemtejo antas protegidas por arvores. Aqui dou algumas medidas da anta do Torrão: largura da lage que serve

---

[1] Alcacer, politicamente, fica na Extremadura; mas geographica e ethnographicamente pertence ao Alemtejo.

[2] Pronúncia *Sâ-dão,* com o accento tonico na última syllaba.

de tampa, uns 3 metros; altura de um dos esteios, tomada por fóra, 1 metro; largura interior, uns 2 metros. A anta está muito cheia de pedregulho e muito arruinada, e não podem tomar-se medidas exactas sem proceder primeiro a certas remoções. Orientação: ONO-ESE. O Sr. Correia Baptista, posteriormente á minha visita, foi tambem lá, e encontrou ao pé d'ella um percutor prehistorico de pedra. Esta anta tem de curioso o seguinte: anda-lhe annexa a lenda de S. Fausto, e por isso se chama *Lapa de S. Fausto,* ou como o povo pronuncía: de *S. Faústo, S. Fagústo, S. Fraústo* e *S. Fragústo,* fórmas que ouvi todas, quer em Alcacer, quer no Torrão. Diz o povo que o santo appareceu dentro d'esta anta, e que tivera em cima da tampa um nicho, de que ainda em verdade se vêem vestigios abundantes; só depois foi mudado para um templo. Na mesma propriedade, a poucos passos de distancia da anta, acham-se situadas as ruinas de uma igreja, onde li a data de 1645. Não é esta a unica anta portuguesa relacionada com lendas de santos: nas minhas *Religiões da Lusitania,* I, 21, fallo de uma lenda analoga, localizada em Sines; *ibidem* fallo tambem d'esta do Torrão, a p. 290, nota 1.

Tive ainda conhecimento de outras antigualhas dos arredores do Torrão:

Na Herdade de Monte-Novo, freguesia do Torrão, appareceram uns quatorze machados de cobre ou bronze, cujo paradoiro eu não soube ao certo, apesar de bem ter perguntado por elles, estimulado pela cobiça de tão rica prêsa!

Perto da Lapa de S. Fausto, de que a cima fallei, ha um sítio chamado *Pedra d'Anta,* onde havia uma anta que foi destruida, para com as pedras d'ella se construir um moinho.

Em S. João dos Azinhaes, a 2 kilometros do Torrão, ha, segundo me informaram, uma lapide com uma inscripção, que serve de pedestal não sei a quê, e ha um «barril de pedra», provavelmente sepultura romana doliar, como tantas outras do Alemtejo.

Nos campos apparecem com frequencia, como em toda a parte, instrumentos neolithicos. Eu vi um nas mãos de um sujeito, mas não achei meio de o convencer a ceder-m'o. D'esta vez declinou a *minha estrella!* mas ia despontar em breve, nas Alcaçovas, e em Evora...

*

Á volta, se bem me lembro, do meio-dia, avistava eu a patria do «Senhor das Saudades», como Garrett chama a Bernardim Ribeiro no *Auto de Gil Vicente.* O nevoeiro havia-se desfeito, e o sol brilhava

com toda a sua luz. Primeiro atravessei o Xarrama, numa bella ponte: o rio espreguiça-se num leito de pedras, zoando e espumando; pelas margens vê-se roupa estendida, que enxuga ao sol. Depois de uma pequena subida, entrei na villa, que é de ruas estreitas e casas baixas. Apesar de o intuito da minha visita consistir apenas em proceder a algumas investigações archeologicas, eu ia absorvido na memoria de Bernardim Ribeiro: e por isso experimentei certa commoção, quando o carro começou a rodar nas ruas da villa. Aqui nascêra com effeito no sec. XV o novellista da *Menina e moça,* o poeta das *Saudades,* cujos cantos exprimem tanto ao vivo a alma portuguesa, sempre melancholica e apaixonada! Mas d'elle, nem sequer um vestigio material achei na villa; nada que tornasse lembrado aos seus conterraneos

O coitado do pastor,
Pobre, mal aventurado...

Pelo lado archeologico tambem nada se me deparou, digno de nota. A igreja, de tres naves, tem um portal manuelino; e ha no interior d'ella várias sepulturas com inscripções portuguesas: mas estes assumptos não entram no meu programma de estudos. Só num arrabalde da villa encontrei uma pequena construcção romana, feita de *opus Signinum,* e que talvez fosse depósito de ágoa; em volta, muitos fragmentos de tegulas. O sítio chama-se *Fonte Santa:* ha lá realmente uma fonte, mas tão caiada e modernizada, que nada revela já hoje da importancia cultual que de certo teve em tempos pagãos.

Demorei-me no Torrão apenas hora e meia.

Ao Sr. Adelino Simões da Guia, pharmaceutico no Torrão, agradeço a complacencia com que me acompanhou, e me informou á cêrca do que lhe perguntei.

*

Se se resumir o que fica exposto, vê-se que o Torrão, com relação ás epochas antigas da sua historia, offerece os seguintes vestigios materiaes:

1. *Lapa de S. Fausto* e *Pedra d'Anta* (dolmens);
2. instrumentos neolithicos;
3. instrumentos de cobre ou bronze;
4. uma pequena edificação romana, e junto d'ella uma *fonte santa,* que data de epochas immemoriaes.

São pois vestigios *pre-romanos* e *romanos.*

III

Alcaçovas

Deixando os pardacentos e tristes arvoredos que rodeião o Torrão, entrei na estrada das Alcaçovas, que segue em linha recta, pelo meio de charnecas profundamente desertas. Aos lados d'ella estendem-se durante longo espaço renques de eucalyptos, que animam um tanto a aridez da paisagem, e são tambem beneficio physico, por causa das condições sazonaticas do sitio.

Aqui e alem, como desde Alcacer até o Torrão, passava por mim um carro alemtejano com um camponês lá dentro: afigurava-se-me então ver um romano no seu *carpentum,* recolhendo á *villa,* quero dizer, ao «monte». O carro alemtejano é sem dúvida de origem romana. Mas em vez de *toga,* eu encontrava a «manta alemtejana», em vez de *feminalia* os çafões de pelle, em vez de *galerus* o barrete. A manta e os çafões são trajos caracteristicos do Alemtejo; o barrete encontra-se noutras partes com igual profusão. Ao lado da estrada, nas gandaras, pastavam manadas de porcos, pequenos e avermelhados, muito gordos, do mesmo tamanho e da mesma côr, — como regimentos uniformizados, em descanso.

A pouca distancia da villa começam a apparecer campos verdes, arvores de fructo e casas. Ao lado direito avista-se a Serra, onde está o convento da Senhora da Esperança; esta vista alegrou-me, pois que a Serra era o objecto especial da minha visita, por lá haver antiguidades romanas que estudar. Por fim surgem as Alcaçovas, com hortas umidas e frescas á entrada, como que para cativarem a quem vinha farto de atravessar montados e terras sêccas. Os ultimos raios do sol illuminavam a igreja-matriz e os edificios mais altos; por de trás o ceu, salpicado de nuvens prateadas, formava um fundo de quadro.

A villa é pequena, de ruas estreitas e lamacentas, com algumas casas de ar afidalgado. Fabricam-se em grande quantidade nas Alcaçovas chocalhos para os gados, d'onde o dar-se vulgarmente o nome de *chocalheiros* aos habitantes, designação porém com a qual ninguem deve offender-se, por isso que lembra uma importante industria local. Á cêrca da historia da villa publicou-se em Evora em 1890 um opusculo com o titulo de *Breves memorias da villa das Alcaçovas;* sahiu anonymo, mas sei que é devido ao actual Sr. Prior, Rev.do Joaquim Pedro Alcantara.

Fiquei numa *estalagem.* O nome, em verdade, não inculca muito; mas, como me deram roupa lavada na cama, e comida substancial na

mesa, não fiz caso do titulo. Alem d'isso, para mim, que me interesso pelos costumes populares, o pernoitar numa *estalagem,* onde nada havia das modas afrancesadas dos *hoteis,* constituia prazer, porque me punha em contacto íntimo com a ethnographia nacional. Logo que cheguei, sentei-me no lar, á fogueira, com a familia da casa, umas pobres molheres, affaveis e falladoras. A mais velha, que era a dona da estalagem, desfiou-me, no meio da conversa, os nomes dos seus filhos e dos seus netos; são, diz ella, muito exquisitos: Viriato, Vergilio, Horacio... Por pouco que esgotava todo o *Onomasticon* de De-Vit! Não desgostei, porque, indo eu ás Alcaçovas estudar archeologia luso-romana, encontrava ao pé de mim o nobre caudilho dos nossos maiores, do seculo II da Era Christã, e os mais notaveis poetas latinos da epocha de Augusto. A cozinha da estalagem era, como todas as alemtejanas, espaçosa, com uma longa e alta chaminé; a parede

tinha a classica *boneca,* feita de tijolo,—figura, a que o povo já hoje não liga significação moral, mas que eu considero vestigio de uma antiga divindade (*Lar familiaris*): vid. a figura junta.

Depois que jantei e sahi, procurei o Sr. Aurelio de Aguilar, que me relacionou com o Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, dono da propriedade em que estava a antigualha romana que eu tencionava ver, na Serra da Senhora da Esperança. A estes senhores devi, durante a minha permanencia nas Alcaçovas, muitas finezas: a ambos tributo pois aqui os meus agradecimentos.

Tendo voltado para a estalagem, dormi num quarto ladrilhado de tijolo, com esteiras algarvias a servirem de tapetes, conforme o costume do Sul. Apesar de ir alquebrado da viagem, pouco repousei, sobresaltado, como estava, com a ideia de partir de madrugada para a Serra, que fica a uns 3 kilometros da villa.

Quando o *carreiro* ao outro dia bateu á janella, e me chamou, ás seis horas da manhã, já eu estava pronto, de saca ao ombro, e de cajado na mão. O Sr. Aurelio de Aguilar, que havia tido a amabilidade de me prometter acompanhar-me, appareceu pouco depois. De modo que ás seis e meia partia, levando-nos, um *carro alemtejano,* toldado. Por causa do declive do terreno, e tambem para combatermos o frio matinal que entrava comnosco, subimos parte da ladeira a pé.

Na Serra tinha havido frades outro tempo. Lá estavam em cima, a alvejar, o convento e a igreja. Mal atravessei o portão da cêrca, comecei a ver pelo chão fragmentos de antigo vasilhame, que me mostravam que eu estava numa estação archeologica. Por toda a Serra depararam-se-me tambem muitas paredes velhas de casas, e mettidos nos muros dos campos pedaços de marmore trabalhado, provavelmente de origem romana.

Tanto a igreja como o convento ficam entre antiquissimas ruinas de casas. Num campo, ao Sul, do lado opposto ao templo, haviam os trabalhadores descoberto, entre muitos cacos, ossos humanos e vasos. Eu pude ainda alcançar de um dos trabalhadores um vaso de barro, quasi inteiro, que era uma *olla cineraria,* pois, de mistura com terra, continha pequenos carvões, cinzas e esquirolas osseas, algumas ainda chamuscadas. Esta *olla* está hoje no Museu Ethnologico; aqui dou a figura d'ella (1/3 da grandeza natural), segundo um desenho do Sr. Henrique Loureiro (na estampa junta, n.º 1):

Sem dúvida o campo constituia um cemiterio romano, onde os cadaveres eram incinerados. D'este cemiterio proveiu, segundo todas as probabilidades, a lapide marmorea, com inscripção, que foi com leves incorrecções, publicada n-*O Arch. Port.,* I, 155. Esta lapide, por causa da qual eu fôra ás Alcaçovas, estava junto do convento: tem fórma de pipa, offerecendo numa das extremidades a representação de dois peixes, e na outra a de uma patera e de um *praefericulum.* A inscripção diz:

D·M·S
LAMA
XXXV
I·CT·LAE·S

A pipa mede de comprimento $0^m,94$; de diametro $0^m,40$; a altura das lettras é de $0^m,035$.

Mercê da generosidade do Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, proprietario do local, obtive por offerta a lapide, que está hoje no Museu Ethnologico Português: cfr. *O Arch. Port.*, II, 159. Receba mais uma vez S. Ex.ª os protestos da minha gratidão por este serviço que prestou ao Museu, onde a lapide fica á disposição dos que a quiserem ver e estudar. O Sr. Cabral e Sousa levou a sua franqueza a permittir-me proceder a excavações no terreno, o que farei em occasião opportuna, apenas eu me veja desafogado de certos trabalhos; talvez então a nossa Archeologia tenha de registar novos e curiosos documentos da epocha luso-romana. Por essa occasião procurarei ver outras antiguidades locaes, de que me fallaram, entre ellas uma anta na herdade da Pijeira, onde serve de chiqueiro de porcos.

Antes de me retirar da Serra, em que tão boas impressões colhêra, visitei a igreja, e perguntei por tradições populares á familia do sacristão. Na igreja venera-se a Senhora da Esperança, que ahi *appareceu* sob a fórma de imagem de pedra[1], e ahi tem a sua «casa dos milagres»; nella vi, entre outros ex-votos, o de um soldado, que, como os da epocha luso-romana em analogos ex-votos, indica num lettreiro a sua posição social.

Nas baixas da Serra passa a ribeira do Degebe, a respeito da qual o sacristão me disse, no dialecto do sítio, que ella *cóla por um fundão,* isto é, que corre por um valle. Perto da Serra e da ribeira fica a Fonte-Santa, onde está pintada a Senhora da Esperança, e cuja ágoa, me asseveraram, «tem vertude».

Todos os factos mencionados concorrem pois para provar que a Serra das Alcaçovas foi uma estação archeologica: as ruinas das casas, os restos ceramicos, a *olla funeraria,* e a inscripção latina, marcando-nos esta a epocha, que é a romana; como último eccho do passado, achamos a Fonte-Santa, com as suas ágoas virtuosas, a testemunharem-nos ainda, posto que sob outro aspecto, as crenças pagãs que os antigos habitantes da Serra possuiam.

Eram bem horas de almoço quando desciamos do alto, e diziamos adeus áquelles lindos panoramas que de lá de cima se disfructavam, outeiros cobertos de mato, montados, rios, casaes fumegantes, tudo numa vasta amplidão de horizonte, por onde a minha vista não se cansava de correr, — á procura ainda de outros monumentos archeologicos...

---

[1] As lendas de apparecimentos milagrosos de imagens religiosas são muito vulgares no nosso país. Já n-*O Archeologo* se tem citado algumas.

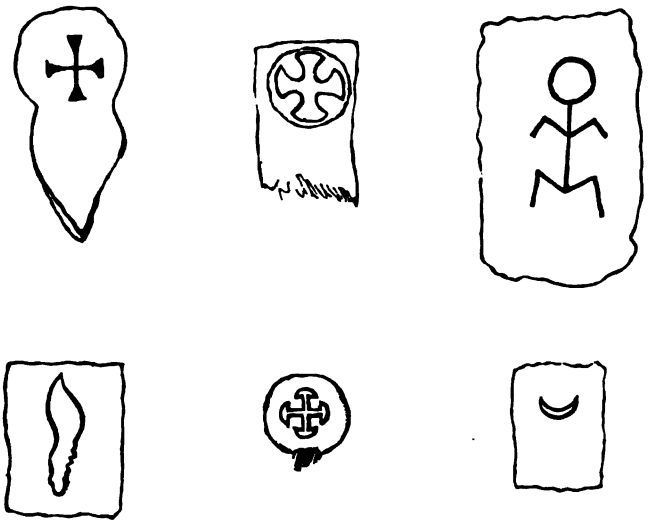
IV

Evora e arredores

Não vou aqui fazer a descripção de Evora nem a das suas antiguidades. Isto constituiria trabalho extenso; de mais a mais já parcialmente tem sido emprehendido por muitos. Contentar-me-hei com apontar algumas notabilidades que observei.

a) *Museu lapidar:*

No Palacio de D. Manuel, situado no Jardim Público, ha uma interessante collecção lapidar que contém monumentos da epocha romana e posteriores. Entre os monumentos vi cippos, aras, sepulturas doliares; alguns d'estes monumentos contém esculpturas de vasos, de pateras, de coroas, uma aguia, etc. Os monumentos christãos são muito numerosos; indicarei algumas figuras curiosas que se vêem insculpidas em pedras que serviam de cabeceiras sepulcraes:



Nesta collecção notam-se: sarcophagos, uns lisos, outros com brasões de fidalgos, e de próceres da Igreja; capiteis e esculpturas diversas, de muitas qualidades.

Na parte epigraphica póde seguir-se o estudo da paleographia lapidar, desde a epocha romana até á actualidade.

b) *Bibliotheca* e *Museu Cenaculo:*

Nos papeis que pertenceram ao arcebispo Cenaculo, e que estão na Bibliotheca de Evora, existem muitas notícias de antiguidades, que já por varios investigadores tem sido aproveitadas e publicadas.

Pela minha parte, publiquei n-*O Arch. Port.*, I, 338, com o titulo de «Antiguidades do Sul do Tejo», varios extractos interessantes da obra de Cenaculo intitulada *Sisenando martir e Beja sua patria,* extractos que tirei durante a minha estada em Evora[1]; na mesma occasião tomei outros apontamentos que a seu tempo darei a lume.

O Museu Cenaculo, annexo á Bibliotheca, é bastante curioso, e merece que muito dos objectos que contém sejam desenhados ou photographados, e tornados conhecidos do público.

Nas salas do rés-do-chão ha uma collecção de lapides romanas. Entre ellas está uma com o seguinte fragmento de inscripção que julgo inedito:

L·IVLIVS·PI

adeante do P vê-se, como indico, uma haste. Foi encontrado nas paredes do convento de S. Francisco. Mede de comprimento uns $0^m,60$; de largura uns $0^m,38$; de altura uns $0^m,13$.

Ha outras inscripções que tambem creio ineditas, mas precisam de maior estudo do que o que fiz nellas, por isso as deixo para outra vez. Uma d'ellas foi achada com *tegulas, molas manuarias,* e parece que com uma moeda imperial de ouro, na herdade de Claros Montes, freguesia de Vimieiro, concelho de Arrayollos; termina por estas lettras BALS, que significarão antes Bals(*ensis*) do que B(*otum*) = V(*otum*) A(*nimo*) L(*ibens*) S(*olvit*).

c) *André de Rèsende:*

Quem fôr a Evora ver velharias ha de por fôrça lembrar-se de André de Rèsende, o pae dos estudos archeologicos entre nós, no sec. XVI. Não o devo eu, pois, esquecer nestas breves notas.

Ha na cidade uma rua denominada de «Mestre Rèsende», por ahi estar situada a casa em que viveu o célebre antiquario. Na minha devoção por elle, não pude furtar-me ao desejo de passar diversas vezes por deante da casa, como que em romaria; de uma das vezes, em que eu ia acompanhado pelo Sr. A. F. Barata, outro apaixonado das cousas velhas, resolvi-me a bater á porta, e a pedir licença para entrar, o que facilmente me foi concedido.

---

[1] Foram transcritos no *Bejense* (de Beja) pelo Sr. Umbelino Palma.

Aqui, disse eu, quando me vi dentro, pensou muitas vezes Mestre André na sua querida Lusitania, e na obra que ás antiguidades d'ella consagrou, na qual se faz pela primeira vez um prospecto da nossa geographia antiga, embora o auctor deslustrasse algumas das páginas com a publicação de inscripções falsas, que elle proprio mandou gravar em marmores, que ainda hoje se conservam na bibliotheca; mas perdoemos ao bom filho de Evora a pia fraude, devida ao muito amor da patria, e á tibieza do methodo crítico, então apenas incipiente! D'aqui manteve elle correspondencia latina com eruditos estrangeiros, seus amigos, como Vaseu, que vivia em Salamanca[1]. Após quatro seculos, aqui venho eu saudar a tua memoria, venerando Velho, sabio Mestre, que nos teus livros nos deixaste tantas notícias preciosas, e ao mesmo tempo a prova eloquente do fervor e proveito com que, para honrares a patria, te dedicaste ao estudo da antiguidade classica, que é a base de todos os progressos realizaveis no campo das sciencias historicas.

A casa tem uma varandinha de pedra, em fórma de claustro, hoje tapada, mas que deixa ainda ver os arcos: deita para um pequeno jardim murado, onde estavam no tempo de Rèsende monumentos antigos, que elle para lá tinha levado. Pouco distante de Evora possuia Rèsende uma quinta em que havia uma fonte com uma cruz, e duas inscripções latinas[2], entre ellas a seguinte, que hoje se conserva no Museu do Palacio de D. Manoel, a que a cima alludi e d'onde a copio:

FLECTE GENV. EN SIGNV̄ PER QVD VIS VCTA TIRANI
ANTIQVI ATQVE EREBI CONCIDIT IMPERIVM:
HOC TV SIVE PIVS FRONTE. SIVE PECTORA SIGNES
NEC LEMORV̄ INSIDIES EXPECTAQVE VANA TIME.

Isto é:

Flecte genu: en signum per quod vis victa Tyranni
Antiqui, atque Erebi concidit imperium;
Hoc tu sive pius frontem, sive pectora signes,
Nec Lemurum insidias spectraque vana time.

---

[1] Vid. por exemplo *L. Andr. Resendii Opera*, II, Conimbricae 1790, p. 7 sqq.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, 162. Esta quinta está incluida na da Manisola, pertencente ao Sr. Visconde de Esperança, que ahi achou ultimamente alguns restos archeologicos que ascendem ao tempo de Rèsende (informação particular do Sr. Visconde).

Nestas quatro linhas temos dois disticos, d'estas fórmulas:

— ⏑ ⏑ — — — | — — — ⏑ ⏑ — —
— — — ⏑ ⏑ — | — ⏑ ⏑ — ⏑ ⏑ ⏓
— — — ⏑ ⏑ — | — — ⏑ ⏑ — ⏑ ⏑ — —
— ⏑ ⏑ — ⏑ ⏑ — | — — ⏑ ⏑ — ⏑ ⏑ ⏓

O distico, ou *distichon,* compõe-se, como é sabido, de um verso hexametro, combinado com um pentametro. — No segundo *sīve* do terceiro verso o poeta fez systole (*sĭve*).

O latim offerece de particular: *Lemorum* por «Lemurum»; *insidies* por «insidias»; *expéctara* por «spectra». Na expressão *vis victa* ha allitteração[2].

Traducção portuguesa:

Curva o joelho. Eis o signal pelo qual foi vencida a força do Tyranno Antigo (= Diabo), *e baqueou o imperio do Érebo* (= Inferno); *persignando-te devotamente com elle, ou na testa, ou no peito, não temas as ciladas dos Lémures, nem os vãos espectros.*

A lapide está numa estela de marmore, de $0^m,59$ de comprimento, e de $0^m,41$ de largura.

Quantas horas, e quão doces, não passaria André de Rèsende neste jardimzinho ou na quinta, entre as pedras, e ao pé da fonte sagrada, conversando com os mortos que á sua imaginação de erudito lhe appareciam alli, fallando-lhe das civilizações de outras eras?

As cinzas do nosso archeologo quinhentista jazem actualmente na Sé eborense, num antigo tumulo de marmore, aproveitado para esse fim: da tampa, que é moderna, copiei a seguinte inscripção, que foi elaborada pelo Dr. Rivara:

L. ANDREÆ RESENDII
MEMORIÆ DICATVM.
EX ÆDE DOMINICANA FVNDITVS EVERSA
TANTI VIRI CINERES
IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM
CVRA ET SVMPTIBVS EBORENSIVM,
QVIBVS DECVS PATRIÆ CARVM,
HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX.

---

[2] O Sr. Dr. E. Hübner publíca tambem esta inscripção nas *Noticias archeologicas de Portugal,* Lisboa 1871, p. 49-50, e attribue-a ao sec. VII ou VIII. Já antes a tinha publicado Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* I, 162.

Traducção:

Á memoria do Licenciado André de Resende. Da igreja de S. Domingos, que padeceu completa ruina, foram para aqui transladadas em 1839, para prova de gratidão perpétua, as cinzas d'este grande varão, por cuidado e a expensas dos habitantes de Evora, a quem a honra da patria é cara.

d) *Collecções particulares:*

Tive ensejo de ver a collecção monetaria do Sr. Alvarez da Silva, que vive em Evora, e a do Sr. Visconde de Esperança, que vive nos arredores, na sua quinta da Manisola. A ambos os meus agradecimentos.

Aqui dou uma synopse da primeira:

Designação	N.	Æ.	Æ.	B.	Br.	Pl. e Cal.	L.	Total
Consulares romanas	–	38	1	–	–	–	–	39
Imperiaes romanas	–	10	102	3	–	–	–	115
Byzantinas	–	–	2	–	–	–	–	2
Municipios e colonias da Hispania	–	–	12	–	–	–	–	12
Ibericas	–	–	9	–	–	–	–	9
Godas	1	–	–	–	–	–	–	1
Arabes	–	11	1	–	–	–	–	12
Portuguesas: Continente e ilhas	121	284	175	95	16	–	–	691
Portuguesas: India	3	74	72	–	1	21	–	171
Portuguesas: Brasil	17	73	75	–	–	–	–	165
Portuguesas: Africa Oriental	1	2	8	–	–	–	–	11
Portuguesas: Africa Occidental	–	18	37	–	–	–	–	55
Estrangeiras que tiveram curso em Portugal	–	9	8	–	–	–	–	17
Grão-mestres de Malta, portugueses	–	4	3	–	–	–	–	7
Sapecas	–	–	–	–	–	–	18	18
Medalhas portuguesas	–	5	5	–	–	1	–	11
Medalhas estrangeiras	–	–	3	–	–	–	–	3
Pesos	–	–	4	–	–	–	1	5
«Contos» portugueses	–	–	8	–	–	–	–	8
Jettons estrangeiros	–	–	2	–	–	–	3	5
Senhas	–	–	3	–	–	–	–	3
	143	528	530	98	17	22	22	1:360

Nesta collecção ha algumas moedas curiosas, como uma de D. Fernando, e um vintem de D. João II, cunhado no Porto, e em que ha uma variante das legendas conhecidas. Espero que d'estas e de outras notabilidades da sua collecção dê o Sr. Alvarez da Silva, como me prometteu, mais circumstanciada notícia aos leitores d-*O Archeologo Português,* em artigo especial, provído de estampas.

Na collecção do Sr. Visconde da Esperança, que consta de moedas portuguesas e outras, ha boa serie de moedas arabes de prata (*dirhemes*), grandes e redondas, apparecidas em Arrayollos dentro de uma panella; são interessantes pelo facto de algumas d'ellas conterem um furo com uma pequena argola, ou uma laminazinha, feitas de outras moedas, e postas em fórma de appendices, e que parece serviriam de contrapesos para darem ás respectivas moedas valor legal. A collecção das moedas arabes distribue-se assim:

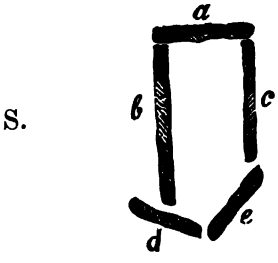
inteiras: cento e tantas;
moedas com furos e appendices: vinte e duas;
moedas com furos, mas sem appendices: vinte e uma;
fragmentos de moedas, alguns com appendices: umas dezenas.

O Sr. Visconde da Esperança não collige só moedas, mas tambem outras antiguidades: possue por isso alguns instrumentos prehistoricos de pedra e de metal, e armas de differentes idades.

e) *Sepultura antiga:*

No sítio do Eivado, dentro da Quinta-Grande, do Sr. Visconde da Esperança, visitei no dia 5 de Janeiro com este illustre titular uma antiga sepultura, apparecida algum tempo antes. Na visita acompanhou-nos tambem o Sr. A. F. Barata, que foi quem primeiro me fallou do monumento, e o Sr. Alvarez da Silva.

Aqui represento pouco mais ou menos a planta da sepultura:



Provavelmente a pedra *e* constituia com a pedra *c* um lado; a pedra *d* devia ficar parallela á pedra *a:* do que resultaria ser rectangular a sepultura. Eis os comprimentos das pedras:

a, d, e, uns $0^m,54$; *b,* uns $9^m,60$; *c,* uns $7^m,70$; largura das lages: entre $0^m,20$ e $0^m,30$. Altura actual da sepultura $0^m,50$.

As pedras são do granito da região.

Não dou medidas exactas, porque, como não tinha á mão fita metrica, medi aos palmos.

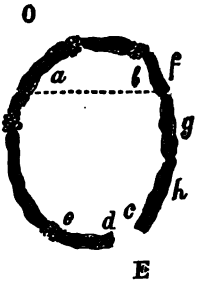
Quando o Sr. Visconde encontrou a sepultura, já ella estava sem tampa, e cheia de terra. As pedras achavam-se na posição actual, excepto a pedra *b,* que estava um pouco inclinada, tendo-a o Sr. Visconde mandado pôr na posição natural. Infelizmente não se sabe a natureza dos objectos que primitivamente conteria.

A sepultura parece pertencer á classe que nas minhas *Religiões da Lusitania,* I, 308 sqq., chamo *cistas.*

Está situada, como muitos dolmens alemtejanos, num altinho, que de certo fez parte de mamoa que envolveu outr'ora a sepultura.

f) *Antas da Herdade do Freixo:*

O Sr. Emilio Cartailhac publica no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* p. 167 sqq., algumas notícias e desenhos das antas da herdade do Freixo, que ficam perto de Evora. Para lá remetto o leitor curioso d'estes assumptos; aqui desejo só fazer breve menção do passeio que dei á herdade do Freixo, em companhia do Sr. Engenheiro Dr. Caetano da Camara Manoel, digno Director das obras publicas do districto de Evora.



O terreno pertence ao Sr. Duque de Palmella, a quem agradeço a franca auctorização que me concedeu de lá ir, e de até proceder a excavações, se eu quisesse.

O Sr. Camara Manoel e eu partimos por uma fria manhã de nevoeiro. O dia não foi pois dos mais asados. Andámos mesmo de baixo de umidade até á noite.

Uma das antas tem a camara quasi circular, como se vê do esbôço que da planta dou a cima.

Consta de sete esteios inclinados para o centro; já faltava a cobertura. As pedras *g, h* são as mais altas, medem o dôbro das outras. Assenta a anta numa pequena elevação do terreno, como outras muitas do Alemtejo; esta elevação deve conter os restos da mamoa primitiva.

Mandei excavar, para simplez reconhecimento, na zona *a–b*, separada por pontos; levei a excavação até $0^m,5$ de profundidade, e encontrei um lageado, que tinha em cima ossos humanos, alguns chamuscados, e fragmentos de vasos muito antigos, dos que se encontram nas estações neolithicas mais archaicas.

Temos pois o solo da camara constituido assim:

A altura da camara, desde o ladrilho, no fundo da excavação, até o cimo do mais alto esteio, orça por uns 4 metros. A maior largura é tambem de uns 4 metros; a menor é de uns $3^m,5$.

Galeria não se percebia. A entrada da anta é por *c–d*, ao Nascente[1].

*

Noutra anta vizinha, já explorada pelo Sr. Cartailhac, encontrei alguns cacos analogos aos achados na anta precedente, e uma ponta de flexa de silex que pertence hoje ao Museu: Cfr. *O Arch. Port.*, III, 107. Dou na estampa junta (fig. 2), em tamanho natural, desenho d'ella, feito pelo Sr. Henrique Loureiro.

g) *Antas do Barrocal:*

O Barrocal é um sítio perto de Evora. Tendo sabido que ahi havia antiguidades prehistoricas, fui lá. Tive por companheiros o Sr. Visconde da Esperança e o Sr. F. A. Barata, que igualmente se dignaram acompanhar-me á estação archeologica da Tourega, de que fallo adeante.

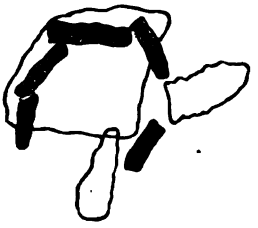
Ao pé do «monte» (casa da herdade) do Barrocal vi uma anta, situada num altinho, como a do Freixo, em meio de terrenos cultiva-

---

[1] Á cêrca dos dolmens ladrilhados vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, 276–277.

dos; podia muito bem ter tido mamoa, destruida pelos trabalhos agricolas, mas revelada ainda em parte pelo referido monticulo.

A camara fórma um polygono, com tendencia para circulo, como se vê do adjunto esbôço de planta,



e consta de cinco esteios de granito, ainda em pé, e mais dois, um tombado, outro quasi; a tampa, ou *cobrideira,* como lhe chamam no sítio, está tambem quasi a desabar. Todas estas pedras são de granito, e sem apparelho. Galeria já lh'a não percebi, a não ser que lhe houvessem pertencido umas pedras que se vêem proximo. Altura dos esteios a cima do solo actual $1^{m},60$ plus minus; comprimento e largura, respectivamente uns $2^{m},48$. Entrada ao Nascente.

A gente da localidade excavou em tempos esta anta, e achou uma placa de lousa, que eu ainda pude adquirir, e que hoje se acha no Museu Ethnologico: na estampa junta (fig. 3) dou, em tamanho natural, o desenho d'ella, feito pelo Sr. Henrique Loureiro.

*

Deram-me notícia de que perto d'este dolmen havia outro, ainda bem conservado, e de mais tres já cahidos.

O povo chama a estes monumentos *antas,* e diz, segundo o costume, que elles «eram dos Moiros».

*

Espero em occasião conveniente proceder a excavações regulares nestes cinco monumentos, tanto mais que elles ficam proximo uns dos outros.

Em 1875 publicou o Sr. Gabriel Pereira um opusculo com o titulo de *Dolmens ou antas dos arredores de Evora,* onde tambem falla do Barrocal.

h) *Estação archeologica da Tourega:*

A Tourega fica perto do Barrocal, nos arredores de Evora. Fui lá na mesma occasião em que fui ao Barrocal.

Em volta da igreja da freguesia, em grande área, vêem-se muitos vestigios de antiguidades romanas: telhas de rebôrdo, imbrices, pedaços de marmore com vestigios (frisos) de haverem pertencido a obras de arte, e tambem lanços de construcções ainda em parte revestidos de *opus signinum*. Num campo ha uma pequena fonte, que de certo é muito antiga, talvez tambem romana.

Junto da igreja, num muro, está uma tampa sepulcral romana, de marmore, com fórma de pipa, como outras muitas que apparecem no Sul; mas infelizmente a inscripção já não se lê, por estar çafada.

Alem da fonte mencionada, e que jaz esquecida em meio de um campo, existe outra a alguns metros da igreja, consagrada a Santa Comba, e que merece conceito muito santo ao povo, que ahi vae buscar agua para curar molestias dos olhos. É um pôço quadrado, de granito, de $0^{m},70$ de lado, coberto por uma abobada de *êngras* (de tijolo). Na parede ha uma inscripção portuguesa em verso, do que só pude ler:

....STA AGVA TAL
VERTVDE
....TANDO DA
SAVDE
17...8

O que deve interpretar-se assim:

Tem esta agua tal vertude,
Que, matando, dá saude

«matando a sede», entende-se. O estylo é pois gongorico. Em lugar de dois versos de redondilha maior podiam formar-se quatro, de quatro syllabas cada um.

*

O Sr. Visconde da Esperança, alem da collecção archeologica de que fallei a cima, possue boa livraria, composta de impressos e manuscritos[1]. Tendo-me o Sr. A. F. Barata, particular amigo do

[1] Em 1897 publicou-se em Evora o *Catalogo dos principaes manuscritos da Livraria do Visconde da Esperança*, organizado pelo Sr. A. F. B(arata).

Sr. Visconde, communicado que nesta livraria estava um manuscrito do sec. XVIII, com uma parte á cêrca das antiguidades da Tourega, facilmente me foi concedida licença para copiar e publicar essa parte. Aqui pois a publíco, como complemento e illustração do que sobre a Tourega fica exposto:

«De fronte da porta principal da igreja, debaixo do alpendre, está uma pedra, que dizem se desenterrou neste mesmo sítio; é de marmore, em fórma de sepultura, e bem moldada, com a inscripção em lettras romanas ou latinas, e d'ella faz menção o P. M. Resende:.....[1] Dentro do mesmo pateo, e defronte da porta da igreja, está uma pedra parda, do feitio de peso de *algar* (= alagar = lagar), com duas gaivas, como costumam a ter os taes pesos, mas tam grande, que tem de circumferencia dezaseis palmos, e de altura sete palmos,— e dizem se desenterrou neste sítio, haverá, a quando muito, quarenta annos[2]; sobre esta pedra está hoje um relogio de sol[3]. Pouco distante, no portal da tapada, que disse, da igreja, está outra pedra de marmore, que mostra ter sido parte de uma grande columna, com seus filetes em roda[4]. E estão tambem neste pateo, á roda d'este sítio, algumas

---

[1] [A inscripção vem publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 112 e diz assim:

D	M	S
Q · IVL · MAXIMO · C · V		Q · IVL · CLARO · C · I · IIII · VIRO
QVAESTORI · PROV · SICI		VIARVM · CVRANDARVM
LIAE · TRIB · PLEB · LEG ☉		ANN · XXI
PROV · NARBONENS	*ramus*	Q · IVL · NEPOTIANO · C · I
GALLIAE · PRAET · DES	*lauri*	IIII · VIRO · VIARVM · CVRAN
ANN · XLVI		DARVM · ANN · XX
CALPVRNIA · SABI		CALP · SABINA · FILIIS
NA · MARITO · OPTIMO		

Esta inscripção está na collecção lapidar do Palacio de D. Manoel em Evora. Para commodidade dos leitores, faço-lhes tambem a traducção:

Consagração aos deuses Manes.

1) *Calpurnia Sabina* [dedicou este monumento] *ao seu optimo marido, Quinto Julio Maximo, varão muito illustre, questor da provincia da Sicilia, tribuno da plebe, governador da provincia Narbonense, pretor eleito da Gallia,* [fallecido] *de 46 annos.*

2) *Calpurnia Sabina* [dedicou este monumento] *aos seus filhos Quinto Julio Claro, e Quinto Julio Nepociano, jovens muito illustres, quattuórviros intendentes das estradas* [fallecidos, um] *de 21* [e o outro] *de 20 annos*].

[2] [Lá vi ainda esta pedra].

[3] [Já o não vi].

[4] [É a sepultura romana, em fórma de pipa, de que fallo a cima].

bases de columna, capiteis, umas maiores, outras mais pequenas, que se tem achado neste sítio, e ainda se descobrem cada dia, e outras pedras de várias esquadrias[1]. E na passagem da ribeira estão umas passadeiras, d'onde se passa muita agua, e entre ellas está uma tão bem do feitio de peso de *algar* (= alagar = lagar), mas com quatro encaixes nos lados[2]. Sahindo do pateo da igreja, para a parte do Noroeste, em distancia de 200 passos, estão umas ruinas de edificios antigos, a que hoje chamam *As martas* (*sic*)[3], de paredes tão bem caldeadas, e argamassas tão rijas, compostas de meudos seixos, e com a cal tão unidos, que os instrumentos de ferro e aço mais bem temperados na sua resistencia, ou quebram, ou se acham brandos. Mostram hoje estas ruinas que foram antigamente lagos ou tanques de banhos, dos que usaram os Romanos, por quanto a sua fórma é de tanques grandes e pequenos. O maior tem 120 palmos de comprido, e de largo 22. Os de mais o cercam em roda. Todos por dentro argamassadas da argamassa de seixinhos, e não se lhe conhece porta[4]. Contigo (= contiguo) aos tanques se vê (*sic*) as ruinas de uma torre, e parece ser arruinada com polvora, porque estão uns grandes pedaços d'ella desviados do assento, e empinados, servindo-lhe de assento o que lhe servia de face, e tem a face o que lhe servia de assento[5]. Em circuito de todas estas ruinas se mostram e se descobrem varios alicerces de casas, e no meu tempo se desenterrou a volta de um arco redondo, e não se lhe chegou ao pé direito; era de tijolo, mas tão bem cozido, e tão rijo como as mesmas pedras, e d'estes se vêem em todo este sítio infinitos pedaços[6], como tambem sem númaro (*sic*) de bocados, como argamassa, queimados, que se parecem com escumalha de ferreiros[7]. Para este sítio d'estas ruinas se descobre sobre a terra, em várias partes, e em outras descobrem os arados, e em larga distancia, uma telha de agua, e vem da parte do Nascente, mas hoje não ha notícia d'onde viesse a tal agua[8]. Em a distancia de 200 passos d'estes tanques, descendo para a parte da ribeira que lhe passa ao Norte, está uma fonte, todo o anno perenne, com o nome de *Fonte de*

---

[1] [A cima fallo de algumas d'estas pedras, que ainda lá vi].
[2] [O Sr. A. F. Barata mostrou-m'a].
[3] [Não é claro no ms. se o A. escreveu *martas* ou *martos*].
[4] [Vi tudo isto. A «argamassa de seixinhos» é o *opus signinum* ou *formigão*].
[5] [Lá a vi tombada].
[6] [Vi tijolos, tegulas e imbrices. Cf. o que digo supra].
[7] [O mesmo tenho encontrado noutras ruinas romanas].
[8] [Vi uma serie de argamassas, que devem ter sido de um cano].

Santa Anominata, á qual lhe vem agua por um cano subterraneo, e corre em um ambito de feitio de fonte quadrado, e feitio de pedras de cantaria, estão já da agua carcomidas, para mostrar a sua antiguidade; e, como corre muito fundo, não se sabe o seu nascimento»[7]. (Pag. 3–4).

O ms. refere-se á fonte de Santa-Comba (a 400 passos), e diz que esta santa era irmã de Santa Anominata. Mas não adeanta mais. Vê-se que as duas fontes erão sagradas para os Romanos, e que o Christianismo as santificou tambem, relacionando-as de mais a mais uma com a outra.

O ms. tem por titulo geral: *Notícia da freguesia de Nossa Senhora da Assumpção da Tourega, termo da cidade de Evora, seu districto, e de tudo o mais que nella se contém.* Com a data de 1736. Sem nome de auctor, provavelmente padre. In folio, de 16 paginas.

*

Tenho conhecimento de outros artigos sobre a Tourega, mas já publicados. Aqui indico dois:

«Extinctas povoações romanas, Tauregia (?)», por A. F. Barata, in *O Instituto,* vol. XXVI (2.ª serie), Coimbra 1879, p. 81 sqq.;

«Tourega», por Gabriel Pereira, in *Estudos Eborenses,* n.º XXVI, Evora 1891, p. 15 sqq.

O Sr. Barata, alem de várias notícias curiosas que transcreve de obras impressas, publíca a inscripção da fonte de Santa-Comba, a qual elle encontrou completa, e que confirma a facil restituição que logo no local fiz; alem d'isso menciona muitos restos romanos de que tambem fallo, e que visitei em companhia d'elle. Quanto á pergunta do Sr. Barata sobre se a palavra *Tourega* tem alguma relação phonetica com *Turobriga,* nome de uma cidade iberica, posso responder que essa relação me não parece possivel. O Sr. Barata termina o seu artigo queixando-se com toda a razão do abandono a que tem sido votadas as nossas antiguidades.

No artigo do Sr. Gabriel Pereira acha-se igualmente a confirmação das observações feitas a cima em relação ao apparecimento de restos romanos na Tourega, dão-se indicações bibliographicas, e relatam-se

---

[7] [Lá vi a fonte, toda envolta em hervas. A agua sae ainda de um cano antigo, redondo].

lendas de interesse. O Sr. Gabriel Pereira occupa-se tambem de outras estações archeologicas dos arredores de Evora.

i) *Castello de Giraldo:*

Na Serra de Monte-Muro, junto á quinta de Valverde, que é pr priedade dos arcebispos de Evora, ha um castro lusitano. Posto que não fosse lá, e só o visse de longe, menciono-o aqui, porque no re rido ms. que falla de Tourega lê-se o seguinte, que julgo de archivar:

«É o *castello de Giral[do]* na sua architectura, parte fabri pela natureza, pois da parte da cidade lhe serve de muralha alta rocha, que se levanta a prumo, e continúa em circuito, sup as suas faltas. Uma parede de pedra e barro, de largura de 3 e tem de circuito 300 passos. Cercam a este castello duas ord reductos, como fossos. Servem-lhe de muralhas grandes pene rochas, que, juntos uns com outros, constituiam as suas mu É tradição que neste castello se fazia forte, e se refugiava, o va e intrepido Giraldo, com os seus companheiros, de que o c tomou o nome». (Pag. 14).

j) *Antigualhas diversas:*

Durante a minha estada na cidade de Evora obtive varios ob archeologicos que mencionei n-*O Arch. Port.*, I, 158–159.

Entre elles, especializarei aqui os seguintes objectos prehist que vão figurados na estampa junta, em grandeza natural, se desenhos do Sr. Henrique Loureiro: dois machados polidos (f uma placa de lousa (fig. 5) e uma lampada de barro (fig. 6 machados são de typos vulgares. A placa de schisto differe, no nho e no desenho, da que a cima fica publicada, com quanto pe tambem como ella á herdade do Barrocal. A lampada era, como de suspensão, e, embora mais perfeita, e com uma falha accid pertence aos typos que publiquei nas *Religiões da Lusitania*, I, Esta lampada não é vulgar.

*

Como sempre me acontece quando volto de uma excursão are logica, cheguei a Lisboa cheio de saudades, e por tanto com von de emprehender outra, o que em verdade não tardou muito.

J. L. de V.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

179. Donnas (Beira)

Vestigios de igreja sagrada por um bispo

«Tem este lugar quatro capellas; huma de Nossa Senhora do Abbade que dista deste lugar quasi de meya legoa e ha tradição que foi freguesia e mostra que foj sagrada a Igreja pellas muntas cruzes que apparecião feitas nas pedras das paredes quando a mesma se demolio.....» (Tomo XIII, fl. 140).

180. Donim (Entre-Douro-e-Minho)

Citania

«Tem esta freguezia do nascente para o poente hum piqueno coarto de legoa, e do sul para o norte hum grande, confina do poente com a freguezia de Santo Estevam de Briteiros que antigamente se denominava da Sylva Escura e com a do Salvador de Briteiros; na qual devizam está o piqueno mas elevado monte da antiga cidade de Sitaina adonde se ve vestigios de ser bem povoada pellos sinais de cazas, e muros aruinados; agora tudo monte frio adondé pastam gados.....» (Tomo XIII, fl. 146).

181. Dornellas (Tras-os-Montes)

Cidade de Genestosa.— Crasto

«No tempo que o Snr. Conde Dom Henrique da Letoringia com seu inclito esforço andava na expulsão dos sarracenos que nesse tempo estas terras occupavão chegando a esta terra nella os achou tão forteficados que dandolhe hum e muitos combates não pode romper a Praça ou muralha em que se achavão forteficados e tanto que se chamava a Cidade gens tota (hoie corruto bocabullo genes toza [1]) vendosse o Senhor Conde D. Henrique neste conflito recorreo a Deos etc.» (Tomo XIII, fl. 157.)

«..... Lugar de Giestosa, tem este ao pé de si outro monte chamado o Crasto que foi onde os Mouros se forteficarão para rezestirem

---

[1] Num documento que o parocho transcreve extrahido do *Tomus tertius rerum memorabilium*, fl. 183 e seqq., pertencente ao archivo da Sé de Braga vem citado *Cautum Civitatis de Genestosa.* — *Gens tota* («toda a gente») é invenção.

aos seus contrarios; he este monte redondo, piqueno, e descortinado da parte do Poente e Norte, e do Nacentè lhe fica o monte Pinheyro que o cobre e deffende, esta fortaleza ou monte Crasto foi murado com tres ordens de muros a primeyra o cerca pello meio em roda a segunda mais asima couza de quarenta passos e a terceira em todo o sima todo a roda e terá de comprimento de Norte a Sul cem passos e de Nascente a Poente sincoenta e hoie se achão seus muros quazi de todo aruinados mas ainda se veem seus fundamentos e em algumas partes se achão inda parte dos mesmos muros: no sima desta muralha para a parte do sul se descobre huma porta que ouço por tradição que he de huma entrada falsa que elles tinhão feito para hir buscar agoa a hum ribeiro que passa a beyra da fortaleza mas tão fundo que são mais de seiscentos passos donde se diviza a porta abayxo ao ribeyro, he este Monte todo fragoso e esta ainda cheio de pedras virges que nunca forão movidas nem quebradas, em todo este monte nem dentro da fortalleza ha vestigio de que ouvesse caza alguma está todo cuberto de urzes etc.» (Tomo XIII, fl. 166).

182. Dornellas (Entre-Douro-e-Minho)

Estrada da Geira. —Torre dos mouros

«..... a bem celebrada estrada da Geira fabricada pellos Romanos, pella qual se servião da Cidade de Braga para a de Roma. Dizem os naturais que se lhe deu o nome de estrada da geira, ou por que se fabricou pellos moradores dos destrictos por onde passa, dando os dias de geira athé se concluir ou por que vai fazendo muntos giros pellos montes desviando-se das subidas delles para asim ficar mais suave aos caminhantes». (Tomo XIII, fl. 175).

«Ha nesta freguesia huma torre, dentro da quinta de Luis Lazaro Pinto Cardozo, da Cidade de Braga, a cuja torre tem o dito arrimado as suas cazas, ha tradição ser do tempo dos Mouros». (Tomo XIII, fl. 175).

183. Dume[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Pedras lavradas. — Inscripção romana

«..... foy esta igreja reedificada pelo Reverendo cabido no anno de 1731 em sede vacante. Ao refazer desta igreja se acharam subter-

---

[1] Haverá alguma relação entre este nome e o *Dom* allemão (em francês *dôme)?* Os suevos criaram aqui a cadeira episcopal de Dumiura, fundando portanto uma *cathedral*, que é a traducção de *Dom*.

radas pedras que inculcavam Magestade, que ella teria na sua antiguidade, como pedaços de colunas, com boa arte lauradas, sepulturas de pedras inteyriças, e muitas outras pedras de outra cantaria e inda ao prezente se acham não só nella, mas nas suas visinhanças, o que bem testemunha huma, que em huma parede esta posta de hum piqueno recinto dos Priores, que em si tem as letras seguintes» [1]: (Tomo XIII, fl. 198).

184. Eira Vedra (Entre-Douro-e-Minho)

Penedo de Santa Christina

«Toda esta terra he montuosa e de quallidade fria nam tem cerra memoravel nem criações de abundancia e falta de cassas por acaso algum coelho e alguma perdis de tudo pouco somente muita abundancia de penedos grandes de galhos brabo (*sic*) e entre estes está hum por limittes desta freguezia pouco distante da jgreja dous tiros de espingarda no pé do monte chamado de Sam Payo, o coal penedo he todo inteiro terá em Redondo duzentos palmos e de altura terá sessenta palmos chamado o Penedo da Santa Christina onde antigamente ha memoria ouve huma cappella». (Tomo XIII, fl. 30 da 3.ª numeração).

185. Eiriz (Entre-Douro-e-Minho)

Citaniá

«No monte de que já fis menção no cappitulo 4.º se acham ajnda os vestigios de hua cidade chamada a Citania que dizem que antigoamente abitavão nella os mouros ou outros semilhantes honde se vem ajnda os vestigios das muralhas e das casas e de hũa cappella chamada de Sam Romão etc.» (Tomo XIII, fl. 52).

186. Elvas (Alemtejo)

Inscripções portuguesas e latinas

«He esta Cathedral sagrada pelo ex.mo Bispo D. Balthazar de Faria em 13 de outubro de 1754 como se vê no seguinte letreiro gravado en hum marmore branco ao lado direito da porta principal:

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 2444.

ANNO M.DCC.LIV. DIE XIII OCTOBRIS DOMINICA
PROXIMIORI FESTIVITATIS S. LUCAE EVANGELISTAE. EXCELENTISSIMUS
ET REVERENDISSIMUS DOMINUS DOMNUS BALTHAZAR DE FARIA
ET VILLASBOAS HUIUS DIOECESIS EPISCOPUS, HANC CATHEDRALEM
ECCLESIAM RITU SOLEMNI CONSECRAVIT. QUAE DOMINICA
JAMPRIDEM PER SINODALES CONSTITUTIONES AD CELEBRATIONEM DEDICATIONIS ECCLESIAE ASSIGNATA FUERAT.»

(Tomo XIII, fl. 80).

Estes paços (cuja antiguidade mostrão bem os ameaços de ruina que padecem) mandou fazer D. Affonso o V, o qual no anno 1446 como consta do Archivo da Camara (Pergaminho n.º 85, § 2) concedeo a sua terça para esta obra..... como se vê no Letreiro, que, gravado em hũa pedra colocada na frontaria da mesma camara nos deichou a rudeza d'aquelle tempo; e transcrevo na mesma forma em que se acha e he o seguinte:[1]

ESTA OBRA SE COMEÇOV E ACABOV
NA ERA DE MIL E B^c E XXX E BIII SEMDO NO PE
RZENTE ANNO VEREADORES BĀS DE SOVZA FID^o DA C
AZA DEL REI D^o DA 9^A I^o MACHADO I^o NVNEZ E PRECVRADOR ME^L
Z9LL^o

Por alvará de 31 de maio de 1360 (Archivo da Camara, Tombo 1.º de Reg.^to, parte 1.ª, fl. 280 *v*) se mandou fazer sobre a porta da Camara huma bem ornada Capella..... sobre o arco da capella se poz o Letreiro seguinte, en hũa pedra:

ESTA CAPELLA HE
DE DONA LEONOR DE
MENEZES DE QUE HE
ADMINISTRADORA
E PADROEIRA A CA
MARA DESTA CIDADE
1636

(Tomo XIII, fl. 81).

[1] Na ultima linha da inscripção devem ler-se os nomes ali indicados assim: Diogo da Gama, João Machado, João Nunes e Manuel Zagallo. O signal que representa G é extranho.

«Na frontaria dos paços da camara sta o Letreiro seguinte com Letras majusculas gravadas em hũa pedra en obsequio da Conceição immaculada de Maria Santissima:

AETERNIT SACRAE
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONI MARIAE
JOA. IV. PORTUGALIAE REX
UNA CUM GENERAL. COMITIIS
SE, ET REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE UOVIT.
ATQUE DEIPARAM N. IMPERII TUTELAREM ELECTAM
A LABE ORIGINALI PERSERVATAM PERPETUO DEFENSURUM
JURAMENTO FIRMAVIT.
VIVERET UT PIETAS LUSITANA
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
EXARARI JUSSIT
ANN. CHRISTI M. DC. XL. VI
IMPERII SUI VI.

Por Carta de 30 de junho de 1654 (Archivo da Camara, fl. 67 do Liv. 5.º das proprias) determinou a devoção de D. João o 4.º se posesse em todas as portas e entradas das cidades, villas e logares deste reino a inscrípção que se acha gravada en hũa pedra no arco que fica por baxo da Camara e por onde se faz ingresso para a praça, o qual he o seguinte:

NOSSA SENHORA
FOI CONCEBIDA
SEM PECADO
ORIGINAL

(Tomo XIII, fl. 82).

Achavasse o povo opprimido com a immundicie dos persovejos, e para se livrar de praga tam hedionda recorreo ao seu Domingos (*era um pastor que tinha feito pacto com o demonio ahi por 1278*) o qual com palavras que disse os fez sahir todos, e os afogou em hum pego, que fica por cima da ponte de Frade, no ribeiro chamado das hortas, que em memoria deste successo mudou o nome no das Chinchas, vocabulo Espanhol quo em portuguez val o mesmo que persovejos». (Tomo XIII, fl. 94).

«Sobre a porta pequena da igreja (*de Santa Maria Magdalena*) sta gravado en hũa pedra o Letreiro seguinte»[1]: (Tomo XIII, fl. 94).

Seu author (*de uma cisterna que esta detrás da Capella de S. Francisco*) e antiguidade se vê no seguinte letreiro, que, sobre as bicas, se acha gravado en hum marmore branco:

HOC PERENNE
REGIAE AFFLUENTIAE MONUMENTUM
PUBLICO ELVENSIUM COMMODO;
AC DELICIIS PERPETUO EXUNDANS
MARTINUS ALFONSUS A MELLO COMES S. LAUR.
SUMMUS TRANSTAGANI BELLI ARBITER
SUB SERENISSIMO REGE JOANNE IV
INDUSTRIA NICULAI LANGRES GALLI
PERFECIT ANNO M. DC. L. (Tomo XIII, fl. 95).

Na Capella (*de S. Jorge, Convento de S. Paulo*) em hum marmore sta o letreiro seguinte:

ESTA CAPELLA HE DOS MILITARES D'ESTA PROVINCIA
E NELLA SE DIZ HUA MISSA CADA MEZ PELA SUA ALMA
1704 (Tomo XIII, fl. 99).

«..... cuja imagen se colocou sobre a porta (*da Esquina*) em hum nicho, que o Capitão Belchior Dominguez, acrescentou, sobre a abobeda, no fim do seculo passado, formando hũa pequena, mas decente Capella guarnecida de azulejo fino, com sua sacristia.

O letreiro é o seguinte:

HONORI ET GLORIAE
MAGNAE MATRIS
MARIAE
URBIS ELVIANAE PRAESIDIS PERPETUAE
A QUA EJECTI QUONDAM MAURI
NUNC REPULSI RECESSERE CASTELLANI.
UTRIQUE
SACRA A PURISSIMO VIRGINIS CONCEPTU DIE
UT DOCUMENTO ESSET MORTALIBUS
SE NON MAGIS RELIGIONIS QUAM JUSTITIAE
PATRONAM ESSE, AC VINDICEM. (Tomo XIII, fl. 101).

---

[1] Identico ao anterior.

«Por cima da porta da sacristia (*da Ermida do Senhor da Piedade*) sta o seguinte letreiro gravado en hũa pedra branca:

LVIS M.EL MARQUES F.O
D. D.O MEL. MARQUES NETO
D. CHRISTOVÂO ROIZ MARQUES
FIDALGO DA C.A DE S. MAG.E DEV
DESMOLA AO S.OR DA P.E O TERENO O
NDE ESTA A SVA IGREIA E S. CRISTI
A FEITA POR ESMOLA DOS FI
EIS TEVE PRINCIPIO E
M 19 DE F.RO DE 1737.

(Tomo XIII, fl. 103).

«No pavimento da Capella Mor (*da igreja do Salvador*) esta hum jazigo que hoje he do Coronel André Jozé de Vasconcellos, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, o qual tem em circuito este Letreyro.

ESTA SEPULTURA HE DE LUIZ JOZE DE VASCONCELLOS
E TEM DE FORO TRINTA ALQUEYRES DE TRIGO PARA A FABRICA DESTA JGREJA.

E porque nunca se pagou, nem seus antecessores, nem seus successores por isso anda litigiozo o dito jazigo que foy feyto en Agosto de 1551 por mandado de André de Azevedo de Vasconcellos». (Tomo XIII, fl. 109).

187. Enxara-do-Bispo (Extremadura)

Tumulo.— Minas de oiro.

«A igreja hera de abobada de Tijollo con cordois de pedra emtroncados obra primorosa; e todo o tecto pintado de ramos e flores com remates de oiro; as paredes cobertas de todas de azulejo antigo cruzes de pedra sinal de ser sagrada e o foy pello Bispo Dom Ambrocio aos 8 de outubro de 1534 como consta de huma pedra que se acha da parte de fora da Igreia da banda direita da porta principal escripto en letra gotica ya gastada que mal ce le, e posto que esteia enbutida na mesma parede he a igreja mais antiga e se nan sabe quem fosse o seu fundador, e se entende ser huma pessoa que se achaua em hum caixam de pedra obra pouco polida e emcostada a jlharga da porta travessa da mesma Igreja pera a parte do sul e poente e por este lado tinha a dita igreia quatro gigantes de pedra laurada que se lhe tiram por se terem no terremoto afastado das paredes». (Tomo XIII, fl. 213).

«Ha noticia que tem (*serra do Soccorro*) minas de ouro: e no anno de 1752 com licença de Sua Magestade Fidelissima andaram huns homens que tinham estado no Brazil a minerar nelle e tiraram grãos de oiro; mas porque o sitio he alto e agreste e posto que tenha munta agoa fica baixa para a poderem leuar ao sitio da mina para o baldiarem, dizistiram da obra e nam tornaram aquelle sitio». (Tomo XIII, fl. 218).

188. Ermello (Tras-os-Montes)

Minas de estanho

«Dizem no sitio do Linhar onde chama —Prados— se tirava estanho fino, mas disso se nam sabe». (Tomo XIII, fl. 247).

189. Erra (Extremadura)

Inscripção sepulchral

«A outra he acharce en a Capela mor da matris desta villa hum mauzuleu de pedra marmore junto ao arco da parte do Evangelho metido na parede sobre tres Leõis que terá de comprimento nove palmos, e de altura terá 6 com tres escudos de armas ha frente... e na superficie do Mauzuleo, hum epitaphio de Letra gotica que dis:

AQUI JAS ALVARO DE CAMPO DO CONCELHO DELREY,
E SENHOR DESTA VILLA DA ERRA E SUAS MULHERES COM
ELLE, O QUAL FALECEO NA ERA DE MIL, QUINHENTOS, E
SETTE. (Tomo XIII, fl. 283).

190. Escalhão (Beira)

Alicerces de casas antigas.— Cidade da Calabria

«Porem nas guerras antigas foi arruinada a dita povoação de sorte que há tradicção de constar em algum tempo de 700 vezinhos; o que bem mostrão os vestigios da mesma pelos alicesses das cazas antigas por varias partes etc.» (Tomo XIV, fl. 344).

«Tambem nas margens do rio Douro nos limittes da villa de Almendra estão em hum monte e altura emminente os vestigios da antiga cidade de Callabria, Patria de Sancto Appolinario Martir, etc.» (Tomo XIV, fl. 349).

191. Escamarão (Beira)

Pedra lavrada

«Está hua pedra labrada e redonda do comprimento de tres couados leuantada ao alto a vista desta igreia, onde chamam a Cal do Lu-

zio, na freguezia de Sam Pelagio de Fornos que dizem em memoria deste evidentissimo milagre se asim foi; Eu nam acho, nem sei outra clareza mais». (Tomo XIV, fl. 359).

192. Escariz (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas dos Mouros

Freguesia de S. Martinho de Escariz, concelho de Penella. — «Não tem antigualhas, nem couzas dignas de memoria, só me dizem, que no monte, que asima digo chamado o monte Zillo ou Izidio antiguamente no alto delle houvera hũa povoação de Mouros no tempo dos godos; e ainda hoje se achão nelle alguns vestigios de estradas, apparecem muitos tijollos, e se achão alguns modos como de estarem por ali cazas; porém hoje se acha povoada de mattos, e tojos». (Tomo XIV, fl. 395).

193. Escoural (Alemtejo)

Covas da serra de Monfurado

«Das serras só huma se faz memoravel e se chama Serra de Monfurado, veo lhe a propriedade do nome de se verem na mesma serra muntas covas e algumas que atravessão por bayxo della por cujo motivo lhe chamavam Serra do Montefurado, e corrupto vucabulo se veyo chamar Serra de Monfurado a principal concavidade destas, que nella se acha he huma a que chamam a Cova Santa etc. Pouco afastado da dita Cova Santa havia otras Covas na mesma Serra a que chamavam Covas infernaes por serem munto horrendas, e cauzarem pavor ainda de dia a quem chegava a ellas. Tendo receyo grande ainda os pastores de passarem por ali com o seu gado. Para estas covas veyo haverá perto de sincoenta annos hũ homem natural da Cidade de Evora, official de Caldereyro chamado João de Deus, e trouce huma imagem pequena etc.» (Tomo XIV, fl. 403).

194. Esmoriz (Beira)

Mudanças de configuração da praia

«Ha sim nesta freguezia hũa grande lagoa que se acha unida com a da freguezia de Paramos e desagoão no mar por hum sitio chamado a barrinha que fica entre os limites de anbas as freguezias. O mar lhe tapa muitas vezes a foz, de que resulta gravissimo damno aos campos que lhe ficão contiguos ao qual dá remedio hum antiquissimo compromisso feito entre os povos desta freguezia e da de Paramos, etc.» (Tomo XIV, fl. 436).

«He tradição nesta freguezia de que antigamente entravão pela barrinha da lagoa algũas caravellas, de que hoje não he capax pelas muitas areas que o mar o tem arojada á praya». (Tomo XIV, fl. 437).

195. Espinhel (Beira)

Noticia de uma inscripção portugueza

«..... e haverá 142 annos que faleceo o ultimo Prior chamado Gabriel Thomas, segundo o que consta de hũa inscripção que se acha em hũa sepultura na Capella Mor desta Igreja.» (Tomo XIV, fl. 492).

196. Espinhosella (Tras-os-Montes)

Marco da divisão

«He esta serra hum ramo da de Siabra, e no alto della em hũa planice está hũa pedra chamada a Pedra Estante que divide o Reyno de Portugal e Castella, e nella se dividem tambem os Bispados de Miranda, Astorga e Ourense etc.» (Tomo XIV, fl. 512).

197. Esposende (Entre-Douro-e-Minho)

Mudança de configuração da praia

«He esta villa porto de mar, tem barra que por natureza he de area, e por arte tinha hũ quaes de pedra que hoje se acha arruinado, e dizem os nacionaes que o estar elle aruinado he o motivo de não estar a barra em termos de nella poder entrar embarcaçoens etc.» (Tomo XIV, fi, 547).

198. Esqueiros (Entre-Douro-e-Minho)

Castello do Barbudo

«O que ha de mais celebre, e digno de memoria he, que este monte, na parte mais eminente de hum dos dous brasos, que olhão para o Occidente, e he naquelle que fica para o Norte..... tem (como fui ver e examinar acompanhado de hum Ecclesiastico, natural da terra, para evadir todo o engano) hum *acervus lapidum* e vestigios do antigo Forte e Castello, chamado de Barbudo, de que falla o Author da Benedictina Lusitana..... etc. Tinha este Forte e Castello em todo o ambito hum levantado vallo, que lhe servia de antemural, armado por arte, cavando (*sic*), como se mostra, do mesmo muro..... etc. Deste Castello, segundo o conceito do Author refferido foi Senhor o magnanimo Portnguez Don Frey Martins Annes de Barbudo, que

no anno de 1385 foi eleito Mestre General da Ordem Militar de Alcantra, e que bem mostrara, dis o mesmo Escriptor a resolução do seu animo no epitaphio que mandou gravar na pedra do seu sepulchro que dis:

AQUI JAZ AQUELLE QUE DE NENHUA COUSA HOUVE
PAVOR EM SEU CORAÇÃO.

(Tomo XIV, fl. 558 e sqq.)

199. Estevaes (Tras-os-Montes)

Obra dos Mouros

«Aos confins deste termo, decendo pera a ribeira de Villariça está hum sitio chamado Sam Mamede, donde se acha huma capella de pedraria munto bem feita, porem coasi distruida que apenas tem algumas paredes, e dizem ser obra dos mouros e o que ha de admiraçam he que a uista, ou tudo o que se avista desta capela nam fazerem mal algum os bichos peçonhozos[1], outros, poren, dizem ser virtude de Sagregorio (*sic*) que fica a sua capela pela parte de cima como diz no parrafo treze». (Tomo XIV, fl. 572).

200. Ester (Beira)

Castello dos Mouros

«..... em o citio chamado — as portas de Monte de Muro — se achão muralhas já disruptas, e mostrão os seus alicersses, o forão muyto ao valente, as coaes circuitarão no seu tempo quazi de meyo coarto de legoa, em a aspera serra daquella montanha; e he tradição antigua houvera naquelle citio castello, e fora fortaleza abitada pellos Mouros, donde forão expulsos pello valerozo e Real Brasso, do sempre memoravel Monarca Portuguez O Senhor D. Afonso Henrique: que a Santa Gloria, he crivel, pella Bondade de Deus, esta occupando. E se diz que a batalha, que antão houvera durara e continuara desde aquele citio the o da Desfeita..... etc.» (Tomo XIV, fl. 622).

201. Estoi (Algarve)

Ruinas romanas

«..... esta freguezia, como a mais antiga, e especial d'este Bispado, por ter tido aquella primazia (entre as mais) de ser a celebre e

[1] Cfr. o n.º 84 d'esta collecção.

aspectavel Cidade de Ossónoba, da qual ainda hoje se manifestão alguns vestigios que por singulares se conservão, para timbre e Brazão da sua prehimenencia, como attesta Dom Frei Amador Arraes, no Dialogo 3.º cap. 8 ..... etc.» (Tomo XIV, fl. 632).

«Ha no meyo deste Povo e dentro da Praça delle hũa admiravel fonte..... A sua estructura he quadrada, e ao antigo e dizem os que o são, ser obra do tempo dos Mouros..... He guarnecida de quatro marmores nos seus bordos que estão levantados do chão tres palmos. E dizem que forão hũas collunnas da Sé, quando a Cidade de Ossnobo florecia..... etc.» (Tomo XIV, fl. 642 e 643).

«Ha no sitio de Milrreu, suburbio deste Lugar distancia de tiro de balla de arcabus, no fim de hũa Campina hũa Igreja aruinada que dizem foi cappella da Cathedral da Cidade de Ossonoba, a qual bem mostra na sua arquitetura ser obra primorosa e antiga, porque he feita com tal galantaria, que as que hoje a quizerem imitar ao moderno lhe não excederão mayormente sendo os seus materiaes de tijolos, cal, area e rebolinhos tão conglutinados huns com os outros, que formão hũa tal argamassa que o querela desfazer á força de braço qualquer artifice daquella mesma arte seria expor-se a ficar só com o trabalho etc.» (Tomo XIV, fl. 644).

202. Estombar (Algarve)

Ruinas

«Estombar, cabessa desta freguesia, antiga povoação, edificada na costa de um monte sobre hum vivo roxedo, ha duvida se foy ella a celbre e antiga Cidade de Ossonoba, com que nasceo a Santa Igreja Cathedral deste Reyno do Algarve..... de que alguma probabilidade se mostra pelos alicerses das ruinas que nos seus suburbios se descobrem: etc.» (Tomo XIV, fl. 651).

«No meyo da Capella Mor (*do convento de S. Francisco*) esta hum carneyro ou sepulcro, em cuja pedra ou campa está esculpido hum escudo com as armas da antiga familia dos Vyeyras, com huma inscripção por bayxo que dis:

ESTA SEPULTURA, CAPELLA, E IGREJA FOY
DE DIOGO VIEYRA BOYO, CAPPITÃO E CAVA-
LHEYRO FIDALGO DA CAZA DELREY NOSSO
SENHOR, E DE SUA MULHER DONA MAR-
GARIDA E SEUS HERDEYROS.

(Tomo XIV, fl. 656).

203. Extremoz (Alemtejo)

Tanque dos mouros. — Barros de Extremoz. — Tumulos romanos. — Inscripções portuguesas

Freguesia de Santa Maria.—«Em pouca distancia deste Templo se vem as ruinas de hum tanque, a que a tradição chama dos Mouros, e he quadrado de bastante grandeza, e no groço de suas paredes algũas cazinhas que mostrão serem os lugares aonde os romanos se despião para se banharem na agoa que lhe vinha por aquedutos suterraneos dos sitios onde está situada a cerca do convento dos Capuchos que fica pouco distante do dito tanque como se mostra das ruinas delles; e a dita area se semea hoje de trigo que levará seis a outo alqueires». (Tomo XIV, fl. 707).

Freguesia de Santo André.—«Não são menos selebres os seos finos e odoriferos barros, cujos pucaros e outros vazos são estimados em toda a Europa, e na Italia servem de ornato aos gabinetes dos Cardeaes, e Princepes, alguns Medicos (não sei se com bom fundamento) pretenderão discobrir nelles a vertude Buzuartica». (Tomo XIV, fl. 724).

«O Infante D. Luiz enriqueceo o seu mosteiro com hum preciozo thezouro de reliquias, entre as quais tem o principal lugar a Cabeça de S. Baco, martyr adevogado contra o pulgão e outras pragas das vinhas etc.....» (Tomo XIV, fl. 733).

«Junto desta Igreja se descobrirão dous tumulos de pedra, hum no anno de 1732, e outro no anno de 1744 que muitos pensarão ser de Romanos, porque junto da Caveira tinha hũa almotolia, com hum prego dentro, prova na verdade debil, porque o uzo dos tumulos foi muito frequente em Portugal athe o Seculo 15.º ahinda nas pessoas de mediana esfera: e das almotolias com o prego só se prova que era algum ricto supersticiozo, a que os antiguos e antigos gentyos e catholicos erão muito inclinados, e de que ahinda hoje se descobrem vestigios nas povoasoens pequenas, e entre os rusticos de campanha não será possivel conheser a verdade faltando nos os epitafios nos ditos tumulos.

«Não longe desta Igreja ha hum famozo lago antiguo, que terá mais de quatrocentos passos de sircuito, e vinte e sinco palmos de alto, o vulgo lhe chama o tanque dos Mouros (nome que o povo costuma dar a todo o edeficio cuja antiguidade se ignora) este lago é quadrado e alguns pensão serem banhos dos Romanos; porem, com serteza só se sabe que a agoa lhe vinha de huma fonte publica que o povo deu aos Religiozos de Santo Antonio que fica pouco distante». (Tomo XVI, fl. 736).

«Junto desta Igreja fica a Ermida de S. Miguel..... e o quinto he de S. Miguel em huma Cappella funda com o altar de pedra branca e preta, esta Cappella mandou fazer Martim Rodrigues sitoleiro que faleceu a 16 de Dezembro de 1409 da Era de Cesar, que vem a ser no anno de Christo de 1371, e sua mulher Mor Domingues faleceu no anno de Christo de 1380, e ambos estão sepultados na ditta cappella, em hum tumulo de pedra, em que tem por armas sinco cabeças de serpe, sem timbre. Este tumulo se abrio no anno de 1755, e se acharão os ossos dos dous consortes muito desfeitos e com o vinagre que se lhe havia deitado, quando os enterrarão, o qual conservava o mesmo xeiro e fortidão que teria no principio». (Tomo XIV, fl. 737).

«Dom Jerardo Domingues, Bispo de Evora, foi executor de hũa Bulla Apostholica, pela qual o Pappa escomungava a todos os Portuguezes que perturbassem a pacifica posse de El Rei D. Deniz, por esta só couza os parciaes do Infante D. Affonso sahirão de Coimbra, e dissimuladamonte emtrarão em Estremoz, aonde o Bispo estava, e de noite o matarão sacrilegamente e se retirarão logo sem que os moradores da villa lhe pudessem dar alcanse, levarão estes o corpo do seu prelado a Evora para ser sepultado, e no lugar do Assacino (que foi junto da Igreja de Santa Maria) puzerão hum padrão com o letreyro seguinte:

ERA DE 1359 ID EST, ANNO DE CHRISTO
DE 1321 D. GERALDO EM OUTRO TEM-
PO BISPO DE EVORA, HOMENS FILHOS
D'ALGO O MATARÃO NESTE LUGAR, SEM
MERICIMENTO, A ALMA DO QUAL
DEOS PERDOE AMEN.

Esta pedra não parece no prezente tempo e della faz memoria o Autor da *Evora Glorioza*». (Tomo XIV, fl. 740).

204. Esturãos (Entre-Douro-e-Minho)

Castello da Formiga

«He toda esta freguezia sercada de montes principalmente desde o Sul, poente, e norte, em vastante distancia, que será de legoa e meya em sircuito, e no principio della he o monte de Cazais de fraco monte, e este sitio se olhão vestigios de trincheiras, e estradas emcobertas tradição (*sic*) que fora tudo fabricado pellos mouros, tem o castello

chamado da Formiga[1] que acava em ponta aguda, sitio deleitavel á vista, e ha tradição que neste monte rezidirão muito os Mouros, honde se tem achado vestigios de sua avitação, por apareçerem tijolos e ferros velhos, e he monte pobre, que não perdus arbores nem flores». (Tomo XIV, fl. 765).

205. Evora (Alemtejo)

Templo pagão — Muros romanos. – Inscripção latina

Freguesia da Sé.— «Merece tãobem fazerce memoria neste Lugar da grande antigualha do portico do templo de Diana, que depois de dezoito seculos se concerva inteiro no mais eminente da cidade sustentado em quatorze colunas de notavel grandeza com capiteis de folhagens de admiravel feitio e primor.

Tãobem nesta cidade se concervão ainda algumas reliquias dos muros de Sertorio, que erão fortissimos de pedra de cantaria com 25 palmos de grosso: desfizerão-so no tempo del Rey D. Fernando por persuasoens de Lopo e Vasco Roiz, os quaes fundados em interesses particulares sendo cidadoins desta cidade forão tão pouco apreciadores da antiguidade que fizerão acabar e pôr por terra huma das milhores obras e mais inteyras dos Romanos que havia em toda a Europa». (Tomo XIV, fl. 821).

«Não muito longe deste ultimo (*chafariz d'El-Rei*) está o posso de Entre as Vinhas, obra dos Romanos, todo de pedra de cantaria de grande copia de agoa e de admiravel qualidade, etc.». (Tomo XIV, fl. 822).

Freguesia de Santo Antão.— «Foy fundada (*a Igreja de Santo Antão*) pelo Serenissimo Senhor Cardeal D. Henrique, Arcebispo desta Metropole, e depois Rey deste Reyno e se acabou em 1563 e arruinando se parte da sua abobeda com o terremotto de 17 de abril de 1568..... da penção que tinha reservado na de Evora a mandasse reedifficar gravandose na porta principal para memoria dos vindouros a seguinte letra:

D. ANTONIO ARCHIMANDRITAE SACRUM
D. EMMANUELIS LUSITANIA REGIS PII FELICIS
INVICTI FILIUS HENRICUS S. R. E. PRESBITER
CARDINALIS PRIMUS EBORENSIS ARCHIEPISCOPUS,
PRIORE DIRECTO NOVUM HOC, LONGE CAPACIUS, FORMA,
STRUCTORAQUE AUGUSTIUS, RELIGIONIS ERGO EREXIT.

(Tomo XIV, fl. 830).

[1] Cfr. o n.º 40 d'esta collecção. Esturãos provém de *Asturianos*.

«Defronte deste Templo estava hum portico Romano com tres arcos triunfais, ornado de diversas ordens de colunas alquitravas, nichos e estatuetas de preciozo marmore que occupava com pompoza prespectiva todo o largo da Praça, o qual transformou em fonte El Rei D. João Terceyro etc». (Tomo XIV, fl. 830).

Freguesia de S. Pedro.— «No districto da mesma freguezia está a linda Ermida do Apostolo desta Provincia, e primeiro Bispo della S. Manços, a qual nem por ser bastantemente pequena deixou de custar grande trabalho, pella dificuldade de abrir huma massisa torre dos antigos muros sertorianos, esta dificuldade venceu Balthazar Vyeira seu authôr, a quem por esta cauza derão o apelido de Racha Torres». (Tomo XIV, fl. 848).

206. Evora-Monte (Alemtejo)

Inscripção portugueza

«Tem o mesmo xafaris hum Letreyro que dis o seguinte:

ESTA OBRA MANDOU FAZER FERNAM MIZ MORDOMO DE DOM FERNANDO NETO DE ELREY E FILHO DO CONDE DE BARCELLOS DO NACIMENTO DE MIL QUATROCENTOS E VINTE E TRES.

(Tomo XIV, fl. 879).

207. S. Facundo (Beira)

Inscripções de Conimbrica

«Entre estas Quintas se distingue muito huma, que he caza de campo de D. Antão de Almada, Mestre Sala de Sua Magestade, a qual foi mandada fabricar por D. André de Almada, Lente de Prima de Sagrada Theologia, e nella duas vezes Jubilado na Universidade de Coimbra. Nesta Quinta por ser sitio muito levantado, e descuberto fazia suas observações e Mathematicas, sciencia em que foy doutissimo, e tão conhecido por ella na Europa, que em Flandres se lhe dedicarão muitos Mappas. No portico das Cazas se vê em lingoa italiana o seguinte letreiro:

LASCIAT OGNI ESPERANZA VOY CHÊ INTRATE. [1]

Logo da outra parte das cazas está hum espaçozo terraplano de noventa pes de comprimento, e de vinte de largura, do qual se des-

[1] Dante, *Divina Comedia, O Inferno,* III, 9. A lição correcta é:

Lasciate ogni speranza, voi che entrate.

cobre a Cidade de Coimbra, o rio Mondego e os Campos; neste se vê erigida a estatua do antigo Gerião com tres cabeças, da qual toma seu nome, o lugar da Geria, por ser no dito lugar vencido por Hercules, como dis Antonio de Souza de Macedo no livro *Eva e Ave,* Part. I, Cap. 48. num. 10. de cuja batalha, ou seja verdadeira ou fabuloza, ha neste sitio algumas memorias pois logo da parte de alem do Rio Mondego está hum sitio, a que chamão Porto de Ossa, e junto ao lugar da Sidreira outro aonde dizem esteve hum Castello chamado dos Loureiros donde talvez se daria a batalha para o campo, e ainda não ha muitos annos me dizem tem apparecido em hum e outro sitio muitos ossos, e Caveiras humanas, e no da Sidreira ha sinco annos appareceo hum thezouro de varias peças de ouro, que cazualmente descubrio com seu movimento a roda de hum carro que passava com grande fortuna de seu dono. Mas tornando á estatua digo que foi feita por mão de perito artifice, e he de hũa só pedra de altura de doze palmos; na base pella parte anterior se vê o seguinte Letreiro:

SUM REX GERYONES, A QUA GERIA TYRANNVS
NI FORET ALCIDES, HAEC MEA REGNA FORENT.

Pela parte posterior da mesma base tem este:

EGO SUM REX GERYONES ALCIDIIS ROBORE
VICTUS, UNDE HAUSIT NOMEN GERYA NOSTRA SUUM.

pella parte do meio dia tem outro na mesma baze que dis:

D. ANDREAS ALMADA P.

pella do norte outro que dis:

OPERA EMMANUELIS DE OLIVA.

No meio das escadas que são de seis degraos por onde se desce das cazas para o dito terrapleno está huma pedra quadrada, em que está lavrado o seguinte Epitaphio:

VEGETO AVITI F.
ANNO XVIII. DEFUNCTO
MONTEMARIANO O. F. AVI-
TUS ARCONIS F. ET RUFINA
RUFI F. PARENTES F. C.
S. T. T. F.

No fim do terrapleno para o oriente esta colocada em correspondencia da dita Estatua hũa pedra de altura de doze palmos, a qual tem no altar hum Letreiro para a parte do meio dia que dis assim:

ELEVABIT SIGNUM IN NATIONIBUS.

O qual he tirado do Cap. 5, vers. 26 de Isaias. Logo mais abaixo tem hum Epitaphio que dis assim [1]: Por baixo está outro de letra mais meuda que dis assim [2]:

Por baixo deste letreiro está hũa sarja com hum livro, e huma lança e da parte do norte na mesma pedra está outro letreiro que dis assim:

LAPIDUM MONUMENTUM ROMANI REGIMINIS
EX RUINIS ANTIQUAE CONIMBRICAE UBI
NUNC CONDEXE A VELHA IN PONTE D'ATADOA
JACENTEM, AC PENE SEPULTUM D. D. ANDREAS
ALMADA THEOLOGIAE PRIMARIUS CONIMBRICENSIS
TRASTULIT IN MELIOREM FACIEM RESTITUIT
MEMORIAQUE EXOLVIT ANNO FORI M.C.XXII (*sic*).

No muro da mesma Quinta para a parte da vala está hũa pedra quadrada, a qual em tempo de inverno está quasi sempre submergida por creserem as agoas, a qual tem o seguinte Letreiro:

INVICTO FATI

enigma que dá muito que entender aos curiosos. (Tomo XV, fl. 2 e seg.).

208. Fail [3] (Beira)

Castello dos Mouros

«Nam he murada, nem he praça de armas tem no lemite hum sitio de hum monte a que chamam o Castello que dizem foy habitaçam antiga de Mouros; mas nam apparece signal algum que fosse povoado por estar tudo cheio de monte». (Tomo XV, fl. 29).

---

[1] É o n.º 391 do *Corp. Inscr. Lat.* com as variantes na 3.ª linha de *Valerii Maximi f.* e na 4.ª de *Valeria ejus celsa.*

[2] Differe em ter *Scribi* em logar de *Scribere.* Faz parte da inscripção anterior.

[3] *Fail* de *Fagildi,* genitivo de Fagildus. *Failde* tem a mesma origem. De formação semelhante parece ser *Athayde,* ou melhor *Atahide,* de *Atanagildi,* que por outro lado dá *Tàgilde,* nome geographico.

209. Famalicão (Extremadura)

Castello e inscripções

«Entre esta Quinta e Campo medea hum antiquissimo Castello, a que o vulgo intitula ser de Mouros; mas como tão antigo se acha totalmente demolido e arruinado, em forma que já se não avista mais que as suas bazes e fundamentos, e destes se infere ter sido magnifico, e as pedras do seu material são quasi todas de cor preta». (Tomo xv, fl. 77).

«Nas costas desta Irmida (de S. Gião) se acha huma pedra comprida e bem lavrada como cousa dezestimada jaz entre huns silvados e tem hum mal figurado Letreiro, cuja significação se pode ver na *Monarchia Luzitana,* I parte, Livro 3, fl. 319. E neste proprio lugar estão mais duas pedras compridas metidas no chão como marcos que se dis, serem sepulturas dos Mouros, cujas letras ainda se divizão claras». (Tomo xv, fl. 79)

«Apartada desta Quinta da Irmida de S. Gião cousa de dous tiros de bésta e outra o Norte havia antigamente hũa fortaleza não muito sumptuoza e esta por sua anteguidade se acha dissipada e totalmente demolida. O fim e ministerio da dita torre dizem seria para que esta tivesse lume de noite para que os barcos e navios de pescaria atinassem porto por onde havião de entrar..... e supposto que a torre esta de todo desfeita, e a pedraria della levada em barcos para lastro de navios ainda ali se vê hũa pedra com outro letreiro esculpido». (Tomo xv, fl. 80).

Pedro A. de Azevedo.

Museu Municipal de Bragança

(Cfr. *O Arch. Port.*, III, 48, 99, 155 e 244)

1. Inauguração do Museu

Lê-se n-*O Norte Trasmontano,* de 19 de Março de 1897:

«Com grande concorrencia de damas e cavalheiros de todas as classes, foi aberto ao público no domingo passado o Museu Municipal d'esta cidade.

Assistiram o Srs. Major Luis Ferreira Real, Presidente da Camara, e o illustrado Tenente de caçadores 3, Albino dos Santos Pereira Lopo,

director do mesmo Museu, que leram allocuções relativas ao acto, e levantaram vivas a Suas Magestades e ao povo de Bragança, sendo enthusiasticamente correspondidos. Em seguida foi lavrada pelo secretario da Camara uma acta d'este tão notavel facto para a historia de Bragança, e que foi assignada por grande número das pessoas presentes.

No atrio tocou a musica dos bombeiros voluntarios.

O Museu, que já se encontra bastante enriquecido de objectos archeologicos, estará d'ora avante aberto, do meio dia ás 3 da tarde, todos os domingos, dias santificados e quintas-feiras».

2. Novas acquisições

Uma medalha, cunhada em 1808, que tem numa das faces um tropheu, e na outra uma proclamação ao povo português contra a invasão francesa. Foi encontrada em Alfandega da Fé, na casa da Ex.ma Sr.a D. Maria da Cunha Ferreira.

Tres moedas romanas de prata, achadas no sítio do Castello, termo de Cabeça de Igreja.

Uma porção de pão serodio e trigo em grão, encontrada numa sepultura em Aldeia Nova (Miranda do Douro), e dois fragmentos de telha, que a continham. [Da epocha romana?].

Um çapato de madeira, que finge uma caixa de rapé, e apresenta muitos lavores feitos a canivete.

Um machado de pedra da epocha neolithica, encontrado no sítio do Tombeirinho, termo de Donái.

Um martello de pedra polido, achado, parece, em Sendim.

Uma ponta de lança de pedra, encontrada em Valle de Vime, termo de Avelleda.

*

Ultimamente offereceram objectos ao Museu:

D. Maria das Eiras, de Palacios, tres moedas de cobre. É uma velhinha de mais de 80 annos que, ouvindo ler a circular de S. Ex.a Rev.ma o Sr. bispo, quis tambem concorrer para o Museu.

Manuel Alvez, de Baçal, uma moeda de cobre portuguesa.

P.e J. A. F. de Carvalho, abbade de Picote, uma moeda de cobre do tempo de Augusto, cunhada em Turiaso (Hespanha), um broche de bronze antigo, um fragmento de uma gargalheira de cobre, que parece de adorno, que foi tudo encontrado num castro junto a

Picote (Miranda); e além d'isso um bello machado de pedra da epocha neolithica encontrado no termo da mesma povoação, um vintem em prata de D. Manuel, 5 réis de D. Sebastião e 3 réis de D. João III. Como se vê, é uma dadiva muito valiosa.

Augusto Secca, uma fivella de aço.

Arnaldo Monteiro de Carvalho, uma espora.

Antonio José Parente, uma moeda de cobre dos Filipes.

Antonio dos Prazeres Rocha, uma moeda de cobre.

Antonio Augusto Pirez, uma moeda hespanhola.

P.e Francisco Manuel Alvez, abbade de Baçal, um protector do Museu, uma lapide funeraria romana, encontrada no castro de Sacoias, em que se lê: BOVIVS TALOCI P. ANN. S. T. T. L.[1]

(Notícias extrahidas d-*O Norte Trasmontano*, de 19 de Março, 17 de Setembro, 19 de Novembro, e 10, 17 e 24 de Dezembro de 1897).

J. L. de V.

Bibliographia

Revue Belge de Numismatique, 1898, 1.º fasciculo.

A p. 106 d'esta importante Revista dá-se notícia da notavel obra do Sr. Meili, intitulada *Das brasilianische Geldwesen*, Zürich 1897, cuja parte I, em que se estudam as moedas do Brasil como colonia nossa (1645–1822), tem todo o interesse para Portugal.

O auctor da notícia, o Sr. Fréd. A., ao fallar da Parte IV do livro do Sr. Teixeira de Aragão, diz: «mais cette partie de son ouvrage, longtemps attendue du public, n'ayant jamais paru, il eût pu sembler que le savant numismatiste avait complètement renoncé à la publier». Felizmente podemos annunciar ao nosso confrade de Bruxellas que o Sr. Teixeira de Aragão trabalha activamente no vol. IV, da sua grande obra, o qual não tardará muito que vá para o prelo.

J. L. de V.

---

[1] [A inscripção parece-me estar imperfeitamente copiada: para não estar a fazer emendas hypotheticas, espero que o Sr. Lopo escreva sobre isto um artigo noutro numero d-*O Arch. Port.*—J. L. de V.]

Notícias várias

1. Urna funeraria

«Pelo Commando de Artilheria n.º 3 foi communicado á Camara que em frente ao portico do convento de S. Francisco [em Santarem], procedendo-se a excavações, foi encontrada uma urna funeraria com ossadas e algumas moedas antigas.

Vae tudo, de accordo, recolher ao Museu».

(*Jornal de Santarem*, de 30 de Janeiro de 1898).

2. Monumentos historicos nacionaes

«A illustrada Camara Municipal do Porto nomeou na sua ultima sessão, conforme noticiámos, uma commissão composta de cavalheiros de alto valor intellectual, a fim de fazer o arrolamento dos monumentos antigos e historicos do Porto, para que a mesma Camara ficasse habilitada a velar pela sua conservação e integridade.

O patriotico exemplo d'esta illustrada Camara merece os mais rasgados elogios, e é absolutamente digno de ser seguido pelas restantes camaras do país, como o mais proprio para salvar da ruina essas preciosas reliquias do nosso passado».

(*O Seculo*, de 30 de Janeiro de 1898).

3. Museu do Instituto de Coimbra

Lê-se n-*O Popular*, de 5 de Março de 1897:

«O Museu Archeologico do Instituto de Coimbra acaba de ser enriquecido com diversos exemplares de reconhecido valor, como um grupo de pedra, que representa a Virgem com o menino ao collo e S. Bernardo ajoelhado aos pés, grupo do seculo XVI, e em que se vê ainda a primitiva pintura; um retabulo de madeira dourada de que se destacam as armas do bispo que fundou o convento de Sant'Anna, a que o retabulo pertencia; fragmentos de um tecto manuelino, de madeira; do bispo-santo, de pedra; e de um altar que pertenceu ao claustro da Sé Velha e se suppõe obra de João de Ruão.

Recebeu, ainda, do antigo Museu Municipal mobiliario dos seculos XVI, XVII, XVIII, e umas figuras de barro cozido, do seculo XVI, de Udarte, e alguns exemplares de faiança portuguesa».

4. Museu de Artilheria

«O nosso prezado amigo sr. Sezinando Ribeiro Arthur, digno major de caçadores n.º 2, acaba de offerecer mais duas aguarellas para a collecção que existe na bibliotheca do Museu de Artilheria. Esta collecção de estudos, que o sr. Ribeiro Arthur se propõe concluir, consta de valiosos documentos, de incontestavel valor historico, onde se poderão estudar todos os uniformes do nosso exercito desde o principio do seculo. As duas aguarellas, ultimamente offerecidas, representam um corneteiro de caçadores (grande uniforme) e um sapador de infanteria (uniforme de campanha): ambas da actualidade.

Estes trabalhos são mais uma prova brilhante do talento do sr. Ribeiro Arthur, que se póde considerar como um dos nossos mais distinctos aguarellistas, como o tem demonstrado em varios certames onde as suas obras tem sido expostas».

(*O Seculo*, de 19 de Março de 1898).

5. Inscripção de um «Pacensis»

Na Ribeira del Fresno (Extremadura Hespanhola) appareceu um cippo funerario de marmore, da epocha romana, consagrado á memoria de um individuo natural de *Pax Iulia* (Beja). O texto está incompleto, por se achar quebrado o cippo; só se lê:

M.....
PACEN...
L·ARRVNvs CROI...
BE·ME·F·C·H·S

Vid. *Boletin de la Real Academia de la Historia*, XXXII, 151.

6. Antiguidades do Alemtejo

De carta, que recebi de pessoa muito illustrada e de toda a respeitabilidade, extraio as seguintes noticias archeologicas e ethnographicas, por serem interessantes.

a) *Antas e suas lendas:*

«Numa anta da Herdade da Torre, da condessa de Sarmento, dizem que ha *cabedal* escondido. Deve, porém, quem o quiser, sonhar primeiro com elle, e então em a noite seguinte, á meia noite, deve ir cavar. Sae-lhe um touro, que o persegue; e, se consegue passar o

ribeiro proximo sem o touro o alcançar, o touro continua a correr sem parar, e o thesouro é d'elle. Se não, é morte certa. Todos tem medo do touro.

Ao pé, noutra anta, a lenda é a mesma; mas em vez do touro é uma gallinha. Deita-se-lhe um alqueire de trigo; se, antes de acabar de o comer, se encontra o cabedal, está salvo; se não, a gallinha mata o pesquisador».

b) *Restos romanos e lendas:*

«Os homens fallaram-me de que noutro sítio proximo havia *palacios* e *pedras pequeninas* juntas. Dei o passeio. É nas *Veladas de Baixo*. Numa enorme extensão ha uma porção infinita de destroços de *grandes* construcções romanas (creio eu). Os tijolos com rebordo abundam e as pedras pequenas não são mosaicos (o que, devo confessar, me tinha despertado a cobiça), são embrechados, ou bocados de argamassa com fragmentos de tijolo. Está tudo, porém, esmigalhado. Naturalmente já foi explorado; mas por certo que as excavações seriam fecundissimas. Não tive tempo; a propriedade não era minha, mas da familia Torres Vaz Freire, de Evora, e fiquei num passeio lindissimo, porque a propriedade é muito pittoresca.

Neste sitio das *Veladas de Baixo* ha a competente *moira*, que vem na manhã do dia de S. João pentear-se, ao alvor da manhã, antes de romper o sol, em certa pedra, junto de uma oliveira».

J. L. de V.

Ichnographia parcial das construcções luso-romanas de Milreu (Estoi,—Algarve)

Thermas

Androniceum (Secção balnear para homens)

1, 1, 1''.—*Prothyrum* ou corredor de especial ingresso pela *ianua 1,* (porta para a rua-via *a, b, c,* pavimentada com lageas irregulares, typo *lithostrotum*).

2, 2', 3, 3'.—Quartos (*cubicula*); idem *i, j, k, l, l'.*

4.—*Faux,* passagem para a sala *5.*

5.—*Sellaria,* camara de reunião e conversa, de onde se descia para a *cella 6.*

6. — *Apodyterium,* isto é, sala de espera, com assentos (*sedilia*) de espalda de estucada.

7. — *Oecus,* salão de entrada nobre, pela escada (*gradus*) *E.*

8. — *Frigidarium,* divisão mantida em baixa temperatura; com tanque circular (*baptisterium*) para banho frio.

9. — *Tepidarium,* casa gradualmente estabelecida entre o *frigidarium* e o *caldarium.*

10. — *Caldarium,* cella balnear cujo grao thermal era entretido por camara calorifera subjacente: do lado *11,* dependente de fornalha especial (*hypocausis*), com tina para banho quente (*alveus*): no topo *12,* vão semicircular (*laconicum*) destinado a banho de estufa.

13, 13'. — *Hypocausis,* fornalha com bôca adequada (*propigneum* ou *praefurnium*); pelas gargantas abobadadas, *14, 14',* alimentava a camara de ar quente (*hypocaustum* ou *vaporarium*), cujo tecto (*suspensura*) descansava em pilares de alvenaria. Esta mesma *hypocausis* mantinha, por conducto directo, o *hypocaustum* do banho feminino, indirectamente robustecido pela passagem do calor, em *15; 16,* communicação por frestas, idem.

Gymnecaeum (Secção balnear para mulheres)

17. — *Ianua,* porta de uma casa de entrada, talvez simultaneamente *apodyterium,* com *immissarium* ou registo, *19,* para alimentação do banho.

21. — *Ostium* ou porta para a *cella frigidaria, 22,* com outro accesso por γ; *baptisterium* quadrangular, *23,* com degraus (*gradus*) para a balneação fria.

24. — *Tepidarium,* á esquerda, com *elaeothesium* annexo (gabinete para perfumes) em *24';* outro accesso por ε.

25. — *Caldarium: laconicum* em *26* e *alveus* em *27.*

Secção desambulatoria e gymnastica

29. — *Atrium,* superficie rectangular com arcadas de passeio coberto, apenas destelhada ao centro: *corynthium,* de columnas granolaminares cinzentas $20^m,6$ por lado maior e $17^m,5$ á frente; (fuste, 3 metros; base, $0^m,3$); intercolumnios vedados por galerias rendilhadas marmoreas ($0^m,80$ a $0^m,90$; poço de agua potavel em, *30, puteus.*

31. — *Impluvium,* tanque alimentado pelas aguas pluviaes e pelas do *dividiculum, k,* destinado a exercicios natatorios (*piscina natalis*): em ε e ω, captação de aguas por tubagem de chumbo (*plumbum*); em π, (*emmissarium*) ou orificio inferior para despejo; em π', vasão superior, em direcção a um *aquarium* ou reservatorio de aguas, *33.*

32. — *Oecus,* salão destinado a palestras litterarias (*gymnasium*), usos festivaes, etc., dando para o campo.

34. — *Xysti,* espaço ajardinado com assentos, estatuas, etc.

35. — *Xysti,* secção votada a exercicios de inverno, com *apodyteria* em *36, 37, 38;* divisões para jogos em *39, 40;* etc.

Templo e annexos

45. — *Lavacrum* á beira da via, em frente do *templum* (*peripterus*), cujo accesso (*ianua*) era em *46,* pelo escadorio (*gradus*), *47,* de ascensão ao vestibulo (*pronaum, 48*).

49. — Entrada para a peça principal do edificio (*cella m, m', m''*): ladeada por corpo de abobadas e columnas (*porticus*) com balaustradas (*n, n', n''*) e varadim para o recinto sepulchral inferior, jacente em *o, o', o''.*

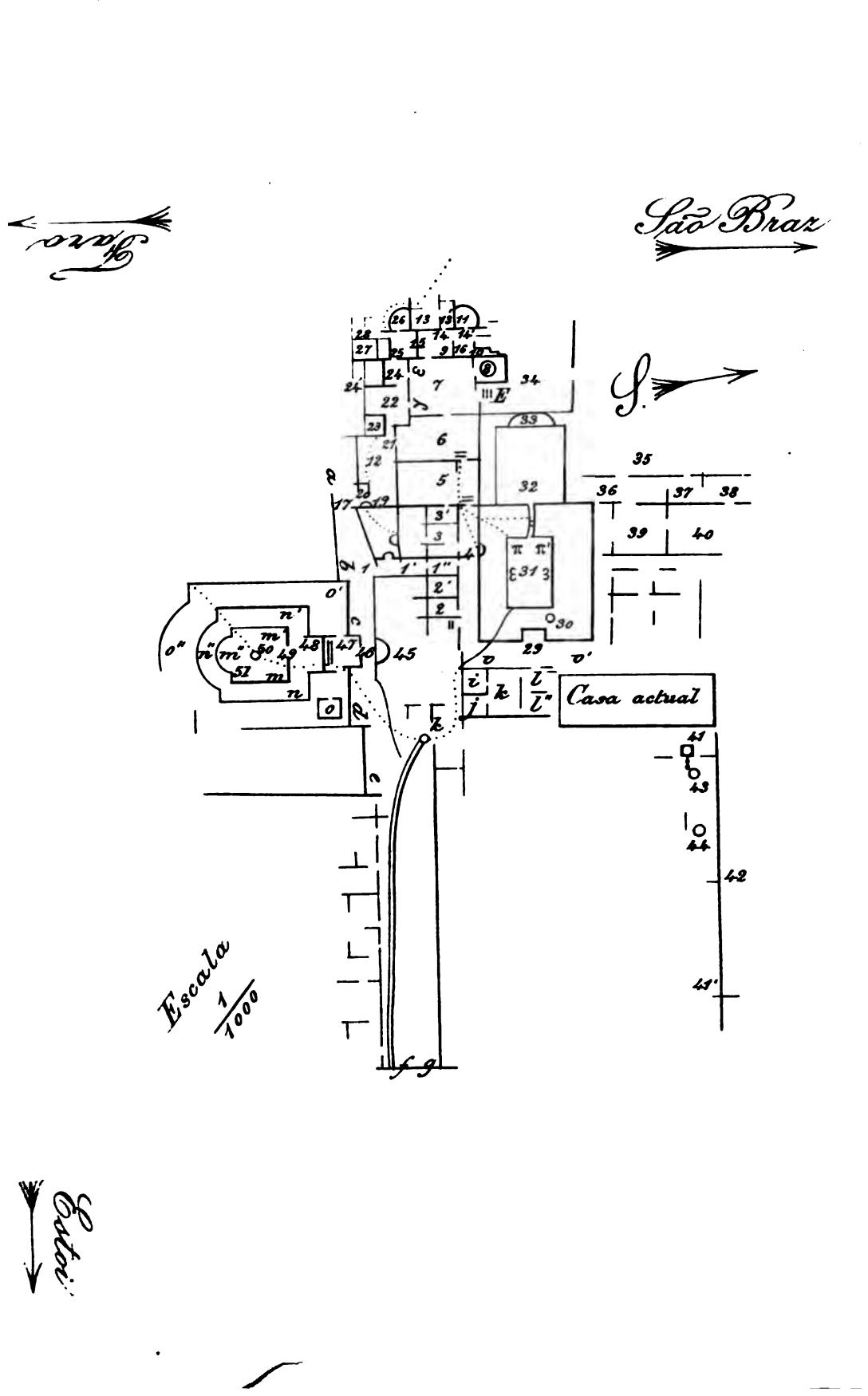
50. — Pia lustral, *labrum,* alimentada pelas aguas do *dividiculum, k;* foi ornada de marmore branco.

51. — Fundo semicircular (*absis*), o sanctuario, em que se ergueria o altar da divindade, a quem as thermas seriam consagradas.

Observações. — 1.ª) No poço *30* appareceram destroços de *cruz* de pedra vetustissima. 2.ª) Reconheceram-se perto sepulturas *sem signaes de paganismo,* como as do recinto funereo *o, o', o''.* 3.ª) Em *o,* d'este campo mortuario selecto fizeram-se inhumações em mausuleo *especial.* 4.ª) Em *51, abside,* — a secção *mais lithurgicamente nobre* dos templos — houve ossadas, que deviam ter pertencido a tres cadaveres. Enterramentos christãos luso-romanos? Com especie de deposito *commum* nas immediações do *templum,* sepulturas *reservadas* em *o, o'',* etc., *classificadas* (*sacerdotaes?*) em *o',* e *classicas* (*episcopaes?*) em *m?* Templo remotissimamente christianizado? Modestos primordios da Cathedral de Ossonoba?

Faro, Museu Lapidar do Infante D. Henrique.

Monsenhor Conego — J. M. Pereira Botto.


São Braz
Casa actual
Escala 1/1000
Oeste

VOL. IV JULHO A SETEMBRO DE 1898 N.os 7 A 9

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1898

SUMMÁRIO

A Fabrica de Louça do Rato.

Um numisma português.

Antas do concelho de Alijó.

O territorio de «Anegia».

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia.

Estudos sobre Troia de Setubal.

Um problema numismatico.

A lenda coimbrã da freira das mãos cortadas.

O castello de S. Miguel-o-Anjo.

Vestigios archeologicos dos arredores de Viseu.

Bibliographia.

Dois machados de bronze.

Acquisições do Museu Ethnologico Português.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».

Notícias várias.

Este fasciculo vae illustrado com 14 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IV JULHO A SETEMBRO DE 1898 N.os 7 A 9

A Fabrica de Louça do Rato

Um documento para a sua historia

A fabrica de louça do Rato, cujos productos são hoje tão apreciados pelos colleccionadores de faianças portuguesas, data de 1767, e era uma das annexas á Real Fabrica das Sedas.

Para a sua historia, ainda não integralmente feita, apesar do elucidativo capitulo que José Accursio das Neves lhe consagra nas suas *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal* (Lisboa, 1827), contém subsidios de valor a seguinte consulta, inedita, que se encontra num dos livros de registro da Junta do Commercio, — tribunal cujo archivo se guarda actualmente na Torre do Tombo.

Esse extenso parecer recommenda-se tambem á attenção d'aquelles a quem interessa a historia das artes industriaes em Portugal, pelo facto de documentar uma das nossas primeiras tentativas de fabrico da louça de pó de pedra.

A primeira foi da iniciativa do Dr. Domingos Vandelli, a quem se concedeu, em 1793, isenção de direitos de entrada, nos portos do Brasil, para a louça d'esse genero, manufacturada na sua fabrica do Cavaquinho (Porto), da qual era então mestre Bento Fernandes de S. Francisco.

José Pessanha.

Senhor. — Com aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, de 25 de fevereiro do corrente anno, foi Vossa Alteza Real servido mandar remetter a este tribunal as duas consultas da direcção da Real Fabrica das Sedas e Obras de Aguas livres, que sobem com esta, relativas ás pretenções do doutor Joaquim Rodrigues Mila-

gres, a respeito da nova louça do seu invento, e sobre os progressos e estado d'esta manufactura, com a informação que deu sobre este negocio o doutor José Bonifacio de Andrada[1], supplicando o dito Joaquim Rodrigues Milagres, que, sendo necessarios mais alguns exames, se commettesse a este mesmo tribunal o seu conhecimento e determinando Vossa Alteza Real que se lhe consultasse sobre tudo o que parecesse, e tambem sobre o premio que mereceria o dito inventor, por este descobrimento e invenção, se declarasse os sitios e a abundancia do barro e despesas da sua conducção, e se achasse que ha, com effeito, abundancia do mesmo para a permanente laboração d'esta louça, sem custo que faça encarecer a sua venda.

Na primeira consulta, de 22 de abril do anno proximo passado de 1812, expõe a direcção da Real Fabrica das Sedas que ella tem exgottado todos os meios que estavam em seu poder, para persuadir o doutor Joaquim Rodrigues Milagres a que continuasse os ensaios da dita nova louça, tão recommendados por Vossa Alteza Real, removendo-lhe todas as difficuldades que elle tem suscitado; pois que, decididas as duas ultimas requisições que fizera, de dinheiro para as suas despesas pessoaes, e de varias obras e concertos na Fabrica do Rato, immediatamente lhe fizera um novo convite para começar a sua manufactura em grande, participando-lhe que se iam desde logo aprompar os ditos concertos, e que estava á sua disposição, para a receber quando quizesse, a quantia de 240$000 réis, que Vossa Alteza Real lhe mandára dar; mas que, devendo esperar-se a sua prompta obediencia a tantas determinações regias que tem havido a este respeito, e declarando elle, em direcção de 11 de Outubro de 1811, que tinha barro prompto para a sua laboração, decisivamente se negára a este convite, respondendo, por carta de 9 de Abril de 1812, que não podia tratar da extracção das terras que entram na composição da sua manufactura, sem a resolução do requerimento que tinha affecto

[1] José Bonifacio de Andrada e Silva (1763-1838), que, natural de Santos (Brasil), tomou parte tão importante no movimento separatista, que mereceu ser considerado o patriarcha da independencia brasileira, foi mineralogista distincto. Formado em direito e philosophia pela Universidade de Coimbra, realizou no estrangeiro, de 1790 a 1800, serios estudos de historia natural e metallurgia, mediante uma pensão do governo, concedida sobre proposta da Academia *Real* das Sciencias. Occupou os logares de lente de metallurgia e geognosia naquella Universidade, intendente geral das minas do reino, etc. No Brasil, para onde se ausentára com licença, entregou-se com ardor á politica, despertado pelos successos do 1821. Graves desgostos e um longo exilio em França lhe advieram d'essa attitude, á qual ficou, porém, devendo, principalmente, a sua nomeada.

a Vossa Alteza Real, e que era definitivamente o primeiro passo d'este negocio; — que, se elle pretendia adiantadas as suas recompensas, nem a direcção podia consultar a este respeito sem as necessarias noções da utilidade do seu invento, que devem ser o resultado dos ensaios a que se recusa, nem elle deveria ter feito requisições para as suas despesas pessoaes e desenhado as obras para a sua laboração, quando ainda o seu deferimento, na fórma e modo, estava dependente de uma consulta e da resolução de Vossa Alteza Real. E, porque esta peremptoria repulsa do dito inventor tornava nullo quanto se tinha tratado sobre este negocio, já quatro vezes consultado e resolvido, não podendo a direcção deixar de sentir a falta de seriedade que se mostrava em um objecto tão efficazmente recommendado por Vossa Alteza Real, se via na necessidade de o levar pela quinta vez á real presença, para que n'ella ficassem constando, de um modo evidente, os motivos que obstavam ao cumprimento das reaes determinações. Tal era a exposição da primeira consulta, que se acha comprovada com os documentos que a acompanham.

Na segunda consulta, de 14 de outubro do mesmo anno proximo passado, referindo-se a direcção á primeira, expõe que o doutor Joaquim Rodrigues Milagres se apresentára, com effeito, a dirigir os trabalhos da sua louça, de que fizera manufacturar uma pequena fornada, sem comtudo declarar (como sempre se lhe pedira) nem os logares d'onde se extraem as terras que entram na sua composição, nem o methodo da sua preparação, requisitos estes sem os quaes nem se podia formar juizo sobre esta manufactura, nem calcular o seu custo; mas que a direcção, para cumprir as reaes ordens e informar das circumstancias que estão ao seu alcance, mandára ao administrador da Real Fabrica da Louça que fizesse assentos separados e distinctos, para depois dar uma conta fiel de tudo o que se despendesse, e que, inventariadas todas as peças que produzira a fornada, nomeára tres dos negociantes de louça mais acreditados, para fazerem a sua avaliação; que, sobre uma e outra cousa, fizera o dito Milagres diversas observações e reclamações, tendentes a augmentar a receita e diminuir o calculo da despesa; e que a direcção, desejando, por uma parte, satisfazel-o, e, por outra, não devendo metter em um processo objectos tão alheios de semelhantes formulas, lhe mandára participar que desse elle mesmo a sua conta, para se combinar com a do administrador, e que podia comparecer no acto da avaliação, indicando-lhe o dia e hora, para representar o que lhe conviesse; que, negando-se a tudo, não dera a conta que se lhe pedira; e que, remettendo-se á contadoria a que dera o administrador, para se lhe fazerem

as competentes deducções, de alguns materiaes que accresceram, e dos utensilios que podiam ainda servir para outras fornadas, resultára uma liquidação final da despesa que se fizera, importante em 140$763 réis; que, não comparecendo igualmente no acto da avaliação, fôra estimada toda a fornada de louça, pelos peritos nomeados, em 82$160 réis; mas que, fazendo-se publica esta avaliação, acudira logo, arguindo-a de nulla, por não serem os mesmos peritos avaliadores da cidade; e que, repetida por estes a mesma diligencia, subira, com effeito, a sua louça, n'esta segunda avaliação, á quantia de 119$580 róis; que, combinada a despesa com o arbitrio feito pelos peritos que a direcção nomeára, mostrava-se um prejuizo de 41 $\frac{3}{5}$ por cento; e, combinada igualmente com o dos louvados requeridos pelo doutor Milagres, era sómente este prejuizo de 15 por cento; devendo, porém, notar-se que ainda se deviam accumular, pois se não tinham calculado, por se ignorarem, as despesas da extracção, conducção, e preparo das terras, pois que o mesmo doutor Milagres mandára conduzir para a fabrica o barro já prompto; e esta addição, como elle asseverava, era, sem contestação, o objecto principal do negocio; que era quanto a direcção podia informar a Vossa Alteza Real, ajuntando a esta informação o balanço dos cofres da sua administração, que assaz mostrava o seu estado miseravel, para que Vossa Alteza Real, á vista de tudo, podesse, com conhecimento de causa, deliberar sobre as accumuladas pretenções d'este novo inventor, em que pede a nomeação de inspector da Real Fabrica da Louça, para determinar quanto entender conveniente a bem da sua manufactura, entregando-se-lhe a mesma fabrica, com todas as suas existencias; que se lhe dê, em premio do seu trabalho, a quarta parte dos seus interesses liquidos, e um adiantamento de dois contos de réis, para a extracção, conducção e preparo das terras, e mais despesas indispensaveis ao principio; supplicando a direcção humildemente a Vossa Alteza Real, que, julgando necessarios mais alguns exames a este respeito, se dignasse de os commetter a este tribunal, encarregado dos negocios de semelhante natureza; pois era duro, para o pretendente, que as suas pretenções dependessem de informe de uma repartição contra a qual tem manifestado desconfianças; e, para a mesma direcção, ver-se obrigada a expôr os seus officiaes benemeritos a serem por elle maltratados, como ultimamente acontecera ao administrador da Real Fabrica da Louça, dentro da mesma e na sua propria face, não obstante as provas que este official tem sempre dado da sua honra e fidelidade, por mais de trinta e tres annos da sua administração. Tal era a exposição da segunda consulta, igualmente comprovada com os documentos que a acompanham.

A informação do doutor José Bonifacio de Andrada mostra que tivera por objecto o conhecimento da nova supplica e calculo demonstrativo que o doutor Milagres levára á presença de Vossa Alteza Real, queixando-se de serem exaggeradas as contas da despesa que se fizera com a ultima fornada da sua louça, achando-se mancommunado o administrador da Fabrica do Rato com alguns dos deputados da direcção, para systematicamente persuadirem que o fabrico da dita louça é prejudicial á real fazenda; e pedindo que o exame d'este negocio se commettesse a pessoas intelligentes, e capazes, por sua profissão e probidade, de informar sobre elle com conhecimento de causa, exacção e verdade.

Devendo, pois, a dita informação recahir sobre o conhecimento de factos dependentes de provas, que, aliás, se não produziram, passou o ministro informante a escrever uma longa memoria, que tambem sobe á presença de Vossa Alteza Real, dividida em quatro capitulos: primeiro, sobre o calculo das despesas feitas com a nova louça; segundo, sobre as avaliações da mesma; terceiro, sobre a qualidade comparativa da louça antiga da Fabrica com a nova de que se trata, e de ambas com a de Inglaterra; e quarto, sobre o estado presente da Fabrica do Rato, factura da sua louça, seus defeitos actuaes, e melhoramento futuro que deve ter.

No primeiro capitulo, relativo ás despesas, calculadas pelo administrador da Fabrica no total de 172$197 réis, e pelo doutor Milagres em 89$187 réis, — reconhece o informante exaggeração nas primeiras, dizendo, porém, que não póde afiançar os abatimentos das segundas, supposto que grande parte d'elles lhe parecem fundados em razão; e, para assim o mostrar, continua a formar novos calculos hypotheticos e summamente miudos, não do que importaram, mas sim do que deveriam importar, aquellas despesas, quando parece que lhe seria muito mais facil, e muito mais proprio para o conhecimento da verdade, chamar os officiaes e mais individuos da Fabrica, e deduzir, pelos seus depoimentos, se na fornada de louça de que se trata, se tinham realmente consumido os jornaes, as materias e os mais artigos da conta do administrador, pois que este é o methodo que as leis prescrevem para a averiguação de semelhantes materias de facto.

De todos estes calculos miudos e hypotheticos deduzindo o informante uma conta ideal, conclue que as mencionadas despesas deveriam importar sómente na quantia de 91$080 réis, no que ha um abatimento tão desmarcado sobre a conta do administrador e sobre a liquidação que d'ella se fez na contadoria da direcção, que por si mesmo se torna inacreditavel, pois que, a ser verdadeira, seria preciso

que os officiaes da mesma direcção, aliás conhecidos pela sua pericia e probidade, tivessem apresentado a Vossa Alteza Real o testemunho mais indelevel da sua ignorancia e infidelidade, — o que absolutamente se não póde presumir.

No segundo capitulo, relativo ás avaliações da louça, refuta o informante a primeira (como era natural, por ser mais diminuta) e funda-se na sua illegalidade, porque não fôra feita por avaliadores jurados; e, approvando a segunda, porque lhe parece muito chegada á verdade, accrescenta sómente que esta avaliação ainda montaria a alguma cousa mais, se os avaliadores, em vez de avaliarem peça por peça, a dividissem em apparelhos sortidos, porque, então, valem estes mais do que a somma particular de cada peça; lembrando tambem que a louça está hoje muito barata, pela grande abundancia de louça ingleza, que paga poucos direitos, — ou nenhuns, quando se introduz por contrabando, como está succedendo; e conclue que, sendo a despesa a que podia montar o fabrico da nova louça 91$080 réis; barro preparado, quando muito, 15$000 réis, segundo diz o doutor Milagres; e sommando estas duas addições 106$080, — fica evidente que esta somma, comparada com os 119$580 réis do valor da mesma louça pela segunda avaliação, dá um lucro de 13$500 réis, ou 13 por cento do cabedal empregado; mas que este lucro deitará a muito mais, logo que houver no fabrico e cozimento os melhoramentos que deve haver, e maior economia nos jornaes e mão-de-obra.

No terceiro capitulo, relativo á comparação das differentes louças, começa o informante explicando que as louças de mesa são de tres qualidades: — louça grosseira, faiança fina ou pó de pedra, e porcelana, a qual se divide em porcelana commum e porcelana fina; — que toda a louça de mesa, para ser boa, deve ter sete requisitos, a saber: — de pasta homogenea e igual por toda a peça; não muito compacta; leve e devidamente delgada; duradoira; asseada; salubre; e de preço commodo; e d'aqui deduz que, entre a louça ordinaria, a faiança ou a louça de pó de pedra é a unica que deve merecer contemplação, porque póde reunir em si, mais ou menos, quasi todos estes requisitos, e que, portanto, esta louça será tambem melhor quanto mais se chegar á porcelana; pois que a louça ingleza, de que tanto uso se faz em Portugal, ainda que muito lhe corresponda, todavia pecca, em não soffrer consideravel grau de calor; em ter vidro que facilmente estala e se raspa; e entrar na sua composição a cal de chumbo, vindo a ser o vidro dissoluvel no vinagre forte fervendo, e não resistindo á prova de gemma de ovo, o que tudo faz que não seja tão salubre como a porcelana grosseira, que hoje preferem os francezes.

Postos estes preliminares, passa o informante a referir as experiencias comparativas que fizera, com a nova louça do doutor Milagres, a da Fabrica, e a ingleza; e observa que, lançando agua fervendo sobre a louça da Fabrica, não estalou, mas absorveu muita agua através do vidro; que a louça do doutor Milagres resistiu, e não absorveu; e que isto mesmo aconteceu á ingleza.

Observa mais que estas differentes louças expostas a fogo nú sobre carvão acceso em fornalhas de ferro, a primeira rebentou logo; a segunda resistiu mais alguns instantes; e a terceira, ainda mais. Apresenta outras iguaes observações sobre o peso, a grossura, a côr, e o vidro d'estas differentes louças, e diz que, podendo obter tambem a louça de pó de pedra da invenção do doutor Vandelli, que se fabrica no Porto, e examinando-a, achara que é muito conforme com a do doutor Milagres, porém de vidro mais liso, supposto que alguma cousa inferior ao da ingleza.

O resultado d'este capitulo consiste em mostrar que a nova louça do doutor Milagres é melhor que a da Fabrica, em solidez, leveza, salubridade e belleza; e, posto que não chegue ainda a equiparar-se com a ingleza, poderá não só igualal-a, mas até excedel-a, se fôr aperfeiçoada, como é facil, pela melhor preparação dos barros, mais exacta composição na mistura dos ingredientes, melhor cozimento da pasta, e vidro mais igual; que o mesmo se deve esperar da sua barateza, pois agora mesmo a excede, segundo a avaliação dos louvados, e se pode dar, sem perda da Fabrica, pelo mesmo preço da que ali se manufactura. Diz, porém, o informante que, se esta mesma louça da Fabrica não pode ter toda a perfeição de que é capaz a louça nova, pode, comtudo, melhorar-se, conservando-se a sua factura por algum tempo, visto estar o povo acostumado com ella, uma vez que se entregue a sua direcção a um homem instruido na physica e chimica e a par dos conhecimentos do seculo, porque, ás vezes, acasos felizes fazem descobrir bellas e novas cousas, mas nunca estas chegam ao grau de perfeição, senão por meio de homens instruidos na materia, a cuja disposição estejam todos os meios pecuniarios; sendo por falta d'esta providencia que não vão ávante, entre nós, muitas cousas começadas, uteis e bellas.

No capitulo quarto e ultimo, entra o informante nos detalhes da manufactura da louça, que, segundo o seu parecer, não se conhecem, ou não se praticam, na Fabrica do Rato. Para que esta manufactura tenha as qualidades mencionadas no capitulo antecedente, depende ainda de quatro requisitos: — primeiro, que os barros e outros ingredientes sejam de boa e devida qualidade e mistura; segundo, que

estes ingredientes e barros sejam bem preparados; terceiro, que as peças sejam bem cozidas; quarto, que o vidro seja adequado á pasta, bello, duravel e salubre. Debaixo d'estes principios, recommenda muito o grande cuidado que deve haver na escolha dos barros, para que não levem partes damnosas e, quanto possivel fôr, depois de preparados tenham a composição natural dos ingredientes, nas proporções indicadas segundo as experiencias e analyse do celebre Vauquelin; e assevera que a Fabrica do Rato está muito mal servida n'esta parte, porque o seu barro contém pouca terra siliciosa, que é a que dá ás louças a dureza, infusibilidade e inalteribilidade, e tem mais cal e ferro do que devia ter. Para evitar estes males, ensina o informante, miuda e diffusamente, a preparação das terras, a fim de se corrigirem os seus defeitos naturaes, por meio das differentes misturas artificiaes que as tornam aptas e salubres; e diz que estas operações, na Fabrica Real, são muito compendiosas e imperfeitas; e d'aqui vem, em grande parte, a má qualidade da sua louça.

Preparados os barros, entra o informante na formatura das peças, á mão, ou em roda, ou moldando em fôrmas proprias; diz que as rodas de oleiro estão hoje muito aperfeiçoadas na Inglaterra, França, e Allemanha; que as melhores fôrmas não são as de gesso, mas sim as de pasta de enxofre, d'onde com mais facilidade se despegam as peças; e que estas peças, depois de feitas, devem ser alisadas com todo o melindre. Conclue affirmando que, de tudo isto, pouco se faz na Fabrica Real, e, se se faz alguma cousa, é com summa imperfeição.

Formadas as peças, e antes que vão ao forno, é preciso seccal-as: e o fogo não deve ser nem muito brando nem muito forte, mas proporcional á natureza da pasta e do vidro, que deve ser fundido, e incorporado na mesma. D'aqui se deduz que, para esta operação, se precisam fornos proprios e bom combustivel. Explica o informante as diversas figuras e construcção dos fornos que hoje em dia se conhecem: — quadrados, quadrilongos, ovaes e redondos; de uma ou mais camaras; com uma ou mais foganhas, ou boccas de fogo; e diz que, na Fabrica Real, as portas, as camaras, as foganhas, os respiradouros, etc., tudo é mau; e o mesmo informa a respeito do combustivel de que ali se uza, porque é matto, ordinariamente mau, e ás vezes verde e molhado, que para nada presta, quando o combustivel deve dar muita chamma e pouco fumo; e, finalmente, lastima-se de que se não faça uzo do carvão de pedra das minas de Buarcos, construindo-se um forno á ingleza ou á dinamarqueza, e accrescenta, antes de acabar este capitulo, que o vidro, assim da louça antiga da Fabrica como da nova do doutor Milagres, deve ser mais bem aperfeiçoado e moido, e

melhor seria para a saude que na sua composição, ou não entrasse cal de chumbo, ou a menor porção possivel, como praticam hoje os francezes nas suas bellas louças.

Sendo, pois, evidentemente, o objecto d'este quarto e ultimo capitulo dar a Vossa Alteza Real uma idea a mais triste e a mais exaggerada do estado de imperfeição da Fabrica Real, desde a primeira operação da sua louça até o seu ultimo acabamento, conclue o informante a sua memoria pela forma seguinte: — «De tudo que, talvez diffusamente, tenho exposto no capitulo antecedente, devo concluir: — primeiro, que a louça nova é em tudo preferivel á antiga; segundo, que pode ser tão barata como esta; terceiro, que tanto a nova como a velha, se se julgar conveniente o dever continuar por algum tempo, podem ganhar em qualidade e dar maior lucro, uma vez que as operações se façam segundo os preceitos da arte, e a par dos conhecimentos physicos e chimicos do seculo, havendo principalmente melhores fornos, e combustivel mais forte e mais barato». — Tal era o resultado d'esta informação e dos documentos que a acompanham.

O tribunal, á vista d'estes papeis, querendo dar o devido cumprimento ao sobredito aviso de 25 de fevereiro, encarregou os seus deputados, Francisco José Dias e Antonio José da Motta, de informarem sobre este negocio, procedendo a todas as diligencias e averiguações que julgassem necessarias; e, como no mesmo aviso se mandava expressamente consultar a Vossa Alteza Real o premio que mereceria o inventor da nova louça, se declarasse os sitios e a abundancia do barro e despesas da sua conducção, e se achasse que ha, com effeito, abundancia do mesmo para a permanente laboração d'esta manufactura, sem custo que faça encarecer a sua venda (circumstancias estas de que não offerecem a minima luz os referidos papeis, e que inteiramente dependem das declarações do dito inventor, e das averiguações necessarias para se qualificar a exacção e verdade d'essas mesmas declarações), — prudentemente entenderam os ditos deputados que deviam chamar o referido inventor á secretaria do tribunal, onde foi, com effeito, convocado, no dia 13 de março do corrente anno, e reduzidas as suas respostas a um auto judicial, lavrado pelo official maior da mesma secretaria. Depois de muitas e diversas instancias, apenas se conseguiram as seguintes declarações: — primeira, que, em quanto ao preço das terras que entram na composição da nova louça de que se trata, já elle, declarante, tinha dito, e repetia, que podia importar cada arroba duzentos réis, posta na Fabrica do Rato; e que cem arrobas bastam para uma fornada grande, obrigando-se a responder, se necessario fosse, pela exacção deste calculo; segunda, que, em

quanto aos sitios e qualidade d'estas terras, as declararia, logo que Vossa Alteza Real determinasse a sua manufactura, debaixo da direcção d'elle, declarante, decentemente empregado, com a remuneração que tem pedido, e consiste na mercê de um logar de deputado da direcção da Real Fabrica das Sedas, com o cargo de inspector da Fabrica da Louça, contentando-se, pelo trabalho d'estes dois empregos, com o ordenado do primeiro, que se reduz, descontadas as decimas, a 480$000 réis; terceira, que, pelo que respeitava á abundancia da materia para a sua manufactura, podia assegurar que ha muita no reino, capaz de fornecer a permanente laboração de uma fabrica equivalente á Fabrica Real, sem custo que faça encarecer a venda da louça.

Semelhantes declarações, em que nada se manifesta, á excepção do premio que se pretende, ficando tudo o mais em mysterioso segredo, inaccessivel a toda a demonstração e provas de facto,— offerecem um exemplo raro da nimia desconfiança do sobredito inventor, e de que elle quer ser acreditado e grandemente remunerado, pelo unico testemunho da sua verdade; pois, quando assevera que ha n'este reino a necessaria quantidade de barro para a permanente laboração de uma fabrica regular da louça do seu invento, e que uma arroba d'este barro, posta no sitio do Rato, apenas pode custar 200 réis, esconde cautelosamente o logar da extracção desse mesmo barro, e torna, por consequencia, improvaveis as suas proposições, sobre as quaes se não pode formar um juizo seguro.

Sendo, pois, este o resultado da conferencia que tiveram os deputados informantes com o inventor da nova louça, passaram os mesmos deputados a averiguar o estado e progressos da sua manufactura, assaz duvidosos, pela renhida contestação que offerecem os differentes calculos e avaliações da sua receita e despesa; e, para este effeito, mandaram que respondesse, á vista de tudo, o guarda-livros da direcção da Real Fabrica das Sedas, por ser aquelle a quem mais propriamente podia competir a averiguação e exacto conhecimento d'esses mesmos calculos.

O dito-guarda livros ouviu tambem o administrador da Real Fabrica da Louça que, julgando compromettida a sua honra, pelo modo com que se ataca a conta das despesas por elle produzida, offereceu uma longa memoria, em que se propõe a provar que a mesma conta é real e verdadeira, nem podia deixar de o ser, porque n'ella se procede com a maior singeleza, de parcella a parcella, indicando-se os jornaes, os feitios, os materiaes, os combustiveis e os carretos, que realmente se pagaram e foram indispensaveis; que, pelo contrario, a conta dada, ou as emendas feitas pelo doutor José Bonifacio de Andrada,

constituem um calculo arbitrario, porque n'elle se trata do que era possivel, quando devera tratar-se do que era actual; que, fazendo-se um exame imparcial, e comparada a despesa e a qualidade da nova louça com o preço por que ella se pode vender, e com o preço que actualmente tem a louça de pó de pedra de Inglaterra, superior em qualidade, belleza e duração, nenhuma utilidade pode dar á Real Fazenda aquella manufactura, porque o povo se decidirá sempre pela louça ingleza, de menor preço e melhor qualidade. Sustenta esta proposição, affirmando que o novo inventor já tivera em Castello Picão uma fabrica por sua conta, d'esta mesma manufactura, a qual abandonou e largou[1], e, a serem possiveis os grandes interesses que inculca n'este fabrico, não é crivel que offerecesse a maior parte d'elles á fazenda real, podendo gozal-os por inteiro, argumento este que faz desnecessario tudo o mais que se pode dizer em assumpto semelhante. Requer que, para averiguação da verdade, e para conhecimento da sua conducta irreprehensivel e das injurias atrozes com que o offendera o doutor Milagres dentro da mesma Fabrica Real, se nomeie um ministro que proceda conforme o direito, ouvindo os officiaes e mais individuos que nella se empregam; e conclue pedindo, com a mais profunda submissão, a Vossa Alteza Real a demissão do seu emprego, por despacho e recompensa dos muitos annos que o tem servido. Esta memoria que, por ser summamente longa e escripta com demasiada viveza, não cabe nos termos e nos limites de uma consulta, sobe, comtudo, á real presença, porque n'ella se encerram, alem do que fica analysado e que unicamente respeita ao ponto de que se trata, algumas outras cousas dignas de attenção, e relativas ao manejo actual da fabrica da louça pertencente á real fazenda, por onde se mostra que ella se não acha reduzida ao estado de imperfeição e de ignorancia que lhe atribue o doutor José Bonifacio de Andrada.

O guarda-livros da direcção da Real Fabrica das Sedas, apresentando esta memoria, que offerece como parte da sua resposta, insta igualmente pela exacção e certeza da conta das despesas dada pelo administrador e purificada na contadoria, em que se diminuira do seu total o valor dos moveis e materiaes que ficaram uteis; e diz que uma

---

[1] A fabrica de Castello Picão (Lisboa) foi fundada em 1794, por João Bento da Silva Pereira e Luiz Antonio Alvares. (Junta do Commercio, liv. 26.º de *Registo*, fol. 46). — Pertencia, em 1820, a João Moniz Vieira, que a tomára por 1808, tendo estado devoluta mais de dez mezes. (Junta do Commercio, liv. 44.º de *Registo*, fol. 59). — A tentativa do dr. Milagres foi, portanto, anterior a 1808, tendo talvez precedido immediatamente aquelle interregno.

semelhante conta, nem precisava de grande sciencia para se fazer, nem se distrahia com calculos e conjecturas do que poderia ser e não foi; que, para o ministro informante apoiar mais as pretenções do doutor Milagres, apresenta, no capitulo segundo da sua informação, uma conta do lucro que deve dar a louça da questão; mas que, para este fim, igualmente se serve do seu calculo imaginario de despesa, comparado com a segunda avaliação da dita louça, e por este modo deduz um lucro de 13 por cento á fazenda real, promettendo ainda maiores vantagens, logo que haja no seu fabrico os melhoramentos que deve ter, com mais economia nos jornaes e mão-de-obra; que, visto o negocio por esta face, parece não ter contradicção; mas, quando se observe uma despesa que realmente se fez, e que excede essa mesma segunda avaliação da manufactura, em que ainda falta o valor do barro, então se evidenceia que o prejuizo deve ser em dobro do avanço que se promette, calculando mesmo com a certeza de que a louça será vendida pelo preço d'aquella avaliação; que não entrava na discussão da sua boa ou má qualidade, comparada com a que actualmente se fabríca, porque não tinha os necessarios conhecimentos chimicos; mas que tinha bastante experiencia do prompto consumo que esta tem, apesar da grande abundancia de louça que tem vindo de Inglaterra e do seu commodo preço, sem soffrer empate na sua extracção, o que talvez não tenha acontecido á louça que se manufactura no Porto, da invenção do doutor Vandelli, que o ministro informante reconhece superior á nova louça de que se trata; que, sendo, pois, a antiga louça da Fabrica da acceitação do publico, não obstante o grau inferior a que se quer reduzir, e dando juntamente proporcionados interesses, isto bastaria para ser conservada; e que, não sendo possivel que na mesma Fabrica se emprehenda a laboração das duas differentes qualidades de louça, por não haver as accommodações necessarias, precisando-se, alem d'isso, de uma enorme despesa para a reforma de utensilios e de fornos, a fim de que essa laboração seja feita debaixo dos preceitos apontados pelo ministro informante, — por estes motivos lhe parecia mais util para a fazenda de Vossa Alteza Real, mandar supprir ao novo inventor um sufficiente fundo para o seu estabelecimento, pertencendo-lhe, pela sua invenção, todos os avultados interesses que elle espera, porque assim se tem outras vezes praticado em casos semelhantes.

Instruido assim o negocio no modo possivel, foi relatado no tribunal pelos dois deputados a quem estava affecto, na conferencia de 19 de julho, com as suas observações verbaes e por escripto; mas, quando se tratava de organisar a respectiva consulta, requereu o

deputado inspector da contadoria, Manuel da Silva Franco, tempo para meditar melhor no negocio, do qual disse que não tinha conhecimento, como se fez saber a Vossa Alteza, por meio da representação que nesse mesmo dia subiu á sua real presença; e, continuando-se todos este papeis ao referido deputado, apresentou elle, na conferencia de 26 de agosto, uma nova proposição ou requerimento, por escripto, cujo teor é o seguinte:

«Senhor.— Lendo-se em junta d'este tribunal uma minuta para a «consulta a que se procede em observancia do regio aviso de 25 de «fevereiro deste anno, sobre as pretenções do doutor Joaquim Rodri«gues Milagres, a respeito da louça de sua invenção, eu me escu«sei de a subscrever, por não ter sido presente á deliberação, e «nem ter visto os papeis relativos a este negocio, os quaes depois «me foram remettidos, e os tenho agora examinado. Para melhor «me instruir da materia, me dirigí pessoalmente á Real Fabrica da «Louça do Rato, onde observei, não só as louças da nova inven«ção, fabricadas pelo dito inventor, mas tambem aquellas que até «agora se tem costumado fabricar naquella Fabrica; vi os fornos, as «casas de laboratorio, os armazens, e todo o edificio. O regio aviso «manda que a Real Junta consulte sobre tudo o que lhe parecer, «remettendo-lhe as consultas da direcção da Fabrica das Sedas sobre «este objecto, as respostas e exames propostos e praticados, e a «informação do desembargador José Bonifacio de Andrada, sobre a «qual se mandou ao administrador da Fabrica da Louça e ao guarda«livros da Fabrica da Seda que respondessem; e estes, em suas res«postas, propõem diversas duvidas, não só na parte economica, util ou «dispendiosa, mas tambem na theoria da materia. Requeiro, para mais «seguramente ajuizar, que de novo se mande ouvir aquelle mesmo «ministro informante, sobre o que accresceu ou se duvidou nas respos«tas, e mais papeis que, depois da sua informação, se tem ajuntado, «dando-se vista a final ao conselheiro procurador fiscal, que deve «responder, para, em vista de tudo, eu poder formar o meu voto com «aquelle conhecimento que se requer. Lisboa, 26 de agosto de 1813 = «*Manuel da Silva Franco*».

O tribunal não assentiu, nem podia assentir, a semelhante proposição, porque, achando-se este negocio muito recommendado por Vossa Alteza Real, e mandado expedir sem perda de tempo, pelos avisos da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, de 25 de maio e 30 de junho do corrente anno, era assáz visivel que, da nova informação, extemporaneamente pedida, longe de se apurar o conhecimento da verdade, deveriam sómente resultar novas demoras, calculos aerios sobre

interesses [illegible] e [illegible], menos decentes e [illegible] pela [illegible] e portanto determinou que os [illegible] e [illegible] exibissem o resultado final das suas observações [illegible] e esta [illegible] apresentou na conferencia de [illegible] passado o deputado Antonio José da Motta a [illegible] a que accedeu o outro deputado, Fran[illegible] José Dias, e é o seguinte:

«Senhor.—Pelo exame que tenho feito destes papeis, não acho que «as propostas do doutor Milagres derejam a fazenda real as vantagens «que se [illegible] nem pelos calculos do administrador da Fabrica do «Rato, nem pelos do inventor da nova louça, ou do desembargador «informante; e não deixa de se fazer notavel a exigencia de premio, «antes de se demonstrar a utilidade.

«A primeira remuneração do inventor está no interesse publico, e «do Estado. Verificado este, nunca o bom cidadão pode recear a recom«pensa da munificencia do soberano pelos seus trabalhos e ideas. O «que discorre de outra sorte, ou não tem a generosidade do patrio«tismo, ou procede por vistas menos liberaes. Não entro na questão «se é do interesse do Estado o estabelecimento das fabricas por conta «da fazenda real, nem me compete n'este logar o desenvolvimento das «maximas da arithmetica politica sobre um ponto tão delicado. O que «me mostra a experiencia é que ellas florescem nas mãos dos particu«lares, quando tem a bem entendida protecção do governo. Guiado por «esta persuasão, e cingindo-me ao negocio que se nos manda consul«tar, direi o que entendo, segundo as minhas escassas luzes em materia «tão importante. Consta-me, pela fé do administrador da Fabrica da «Louça do Rato, e por informações que procurei, que este estabeleci«mento, no seu estado tosco, em que se figura, dá lucros ao Estado[1].

---

[1] «Não é possivel — diz José Accursio das Neves — calcular os lucros ou perdas que a Real Fabrica de Louça do Rato tem dado desde o seu principio, por causa da confusão da escripturação, e falta de liquidações em alguns tempos. Tenho uma nota, extrahida na Contadoria da Direcção, da qual consta que, desde 22 de Julho de 1788, isto é, desde a installação da Direcção actual, até 31 de Dezembro de 1812, deu o lucro de 19:632$119 réis ..... Concorreu muito para a prosperidade da Fabrica, neste periodo, a economia e regularidade com que era regida pelo administrador *João Anastacio Botelho*. Desde então, começou a dar perdas, não só porque se consumiu muito dinheiro em inuteis experiencias e tentativas, mas tambem por motivos, que alterarão e desorganizarão o seu regimen economico; e não entrarei nestes motivos, porque poderia offender vivos e defunctos. Estou persuadido de que, bem administrada, a fabrica póde ainda sustentar-se com vantagem». *Ob. cit.*, pp. 247 e 248.

«As fabricas não utilisam tanto pelo alto preço das suas obras de «luxo, como pelo quantidade das vendas, e extracção dos seus arte-«factos. As fabricas de primeira necessidade, a que todos chegam pelo «baixo preço dos seus productos, quando estão acreditadas na opinião «do publico, têem uma sahida prompta, e fazem o seu interesse pela «multiplicidade dos pequenos ganhos, que não tardam a realisar os «capitaes da sua fundação. Uma fabrica, por exemplo, de louça ordina-«ria demanda poucos fundos, mas vende a sua fazenda sem demora; «ganha pouco, absolutamente falando; mas ganha muito, porque os «seus ganhos são proporcionaes aos fundos, e porque os multiplica «muitas vezes. Uma fabrica de porcelana ou de faiança superior, «pelo contrario, pede grandes avanços e vende pouco, porque só os «compradores opulentos podem consumir as suas obras. Ainda que «os ganhos das suas vendas sejam grandes, não podem resistir ao «empate dos fundos, porque são poucos, nem, por conseguinte, utili-«sar o emprehendedor. Foi assim que a Inglaterra, conseguindo a «introducção da sua louça de pó de pedra em França, e admittindo as «porcelanas d'esta, lhe deu um grande golpe neste artigo, porque, por «cada serviço de porcelana franceza que se gastava em Inglaterra, «iam milhares d'elles de pó de pedra para França. A esta, pelo seu «baixo preço, todos chegavam; áquella, só a riqueza dos grandes.

«Applicando estas noções ao negocio, sou de parecer que a insti-«tuição da Fabrica do Rato se não deve alterar na qualidade da sua «louça, porque é certa a sua extracção, e conhecido o proveito d'este «estabelecimento; porque toda a alteração ou mudança iria entender «com o gosto do publico, e maior numero de consumidores, industria «dos seus operarios, e necessidade talvez d'outros novos, o que sup-«põe novas despezas e interrupção de trabalhos, perdendo-se imme-«diatamente lucros certos por ganhos duvidosos, a que se não deve «arriscar a fazenda real. Não digo, por isto, que esta Fabrica não «deve cuidar de todos os meios de economia, e de perfeição d'essa «mesma qualidade de sua louça; mas, para isso, não é preciso entre-«gar-se cegamente ao regimen d'um chamado inventor, que tão afin-«cadamente esconde os seus processos, que não dá nenhuma garantia «pelo sucesso da sua descoberta, e que, segundo a informação do «administrador, já viu mallogradas as suas tentativas no estabeleci-«mento que projectou em Castello Picão, — sorte a que não deve «expor-se a Fabrica do Rato, porque a sua ruina não seria facil repa-«rar-se; muito mais quando, sem dependencia de segredos, bastam os «progressos conhecidos da arte para levar a sua louça á perfeição de «que é susceptivel a sua qualidade.

«Não desfaço, comtudo, na invenção do doutor Milagres, porque «não tenho conhecimentos chimicos, nem elle a tem descoberto; mas, «nem pelos preços, nem pela qualidade, de que informam os peritos «expertos, lhe vejo as vantagens que elle agiganta, e é por isto que «me cumpre julgar.

«Se elle se contenta com a quarta parte do ganho da sua empreza, «que tanto abona, parece-me que seria mais prudente e acertado «ceder-lhe todos os seus proveitos, outorgar-lhe um privilegio por «tempo indefinido ou limitado, e que Sua Alteza Real lhe concedesse «as isenções que fossem compativeis com a natureza do seu estabele- «cimento, sem comprometter a permanencia da Fabrica do Rato nem «onerar ou expor a fazenda real a um projecto que pode ser sobre- «maneira prejudicial.

«Não lhe faltarão, d'esta fórma, socios que lhe adiantem fundos, «ficando a seu cargo, persuadidos de interesses reaes, que é o estimulo «que sempre anima a semelhantes especulações. A Fabrica Real da «Seda, a cujo pezo se iria por esta nova empreza, não me consta que «esteja no melhor estado de prosperidade; os seus capitaes têem «applicações enormes para as ferrarias e minas de carvão de pedra, «cujos resultados ignoro, e não são da minha competencia.

«As encommendas que a côrte tem pedido do Rio de Janeiro são «de grande importancia. Tudo isto são fundos que lhe faltam para a «sua laboração, e que necessariamente a devem restringir nos seus «trabalhos, de que depende a sua subsistencia. Carregar este estabe- «lecimento com novas despezas e applicações, será não só augmentar «os meios da sua decadencia, mas expol-o a não poder aviar as «encommendas de Sua Alteza Real, no que se deve pôr o maior «empenho e cuidado.

«Á vista, pois, d'estas observações, penso que são indeferiveis os «requerimentos do doutor Milagres por conta da fazenda real, que, «aliás, é digno da protecção do governo, emprehendendo a fabrica «á sua custa, e de alguma sociedade particular, para quem sejam «todas as suas utilidades.

«Este é o meu parecer, que dou por escripto, para se incorporar «na consulta. Sua Alteza Real determinará o que fôr do seu agrado. «Lisboa, 13 de setembro de 1813.=*Antonio José da Motta.*

Á vista de tudo o que fica exposto, e em conformidade com os sentimentos dos deputados informantes, parece á Real Junta que, não havendo na Fabrica do Rato, nem as commodidades, nem as officinas, que se requerem para nella se manufacturarem, ao mesmo tempo, a louça antiga e a moderna da nova invenção do doutor

Milagres, seria contra toda a razão arruinar e extinguir uma manufactura que tem a acceitação do povo e um prompto consumo, com interesse permanente da real fazenda, para tentar estabelecimento de um fabrico duvidoso e contingente, tanto nos seus lucros como na sua acceitação, não sendo compativeis com o estado dos cofres que administra a direcção da Real Fabrica das Sedas os avanços e fornecimentos necessarios para semelhantes empresas; que, se a invenção de que se trata é, na realidade, digna e capaz de produzir grandes vantagens, pode o inventor fazer este estabelecimento por sua conta propria, ou procurar socios, que nunca faltam, principalmente no estado actual dos tempos, em que a reducção do commercio offerece aos capitalistas muito poucos meios para o gyro dos seus cabedaes; e escusa repartir essas vantagens com a fazenda real, exigindo com antecipação ordenados, graças e mercês, pois só podem competir-lhe as que se acham concedidas pelo alvará de 28 de abril de 1809[1], com as quaes deve prosperar a sua manufactura, se ella se apresentar ao publico com aquelle merecimento de que o mesmo publico é sempre o juiz mais imparcial.

Vossa Alteza Real, porém, sobre tudo mandará o que fôr servido.

Real Junta do Commercio, em 28 de setembro de 1813.

Liv. 37.º de *Registo* (1813–1814), fl. 75 *v* a 86 *v*.

---

[1] O alvará, com força de lei, de 28 de Abril de 1809 eximía de direitos de entrada as materias-primas empregadas em qualquer manufactura, perdoando tambem os direitos a que porventura fossem obrigados os generos e producções nacionaes adquiridos por fabricantes para consumo das suas industrias; — isentava todas as manufacturas portuguesas de direitos de exportação; e as do reino, de direitos de entrada no Brasil e nos outros dominios de Portugal; — determinava que os fardamentos do exercito fossem comprados ás nossas fabricas; — estabelecia que se moderasse cuidadosamente o número de recrutas nos logares onde se reconhecesse que a agricultura e as industrias careciam de braços; — ordenava que da loteria nacional do estado se applicassem annualmente sessenta mil cruzados, como dom gratuito, a favor das industrias que mais necessitassem de tal soccorro, particularizando as de lã, algodão, seda, ferro e aço; — concedia privilegio exclusivo por quatorze annos, aos inventores ou introductores de machinas e processos industriaes; — e, finalmente, com o intuito de promover o desenvolvimento da marinha mercante, estatuia que pagassem apenas metade dos direitos fixados, em todas as alfandegas portuguesas, os generos e materias-primas de que pudessem carecer os donos de novos navios para a construcção e armação d'elles, uma vez que o transporte d'esses artigos houvesse sido feito em embarcações nacionaes.

Um numisma português

O meu amigo Dr. A. C. possue um *numisma* interessante debaixo de differentes pontos de vista, que julgo inedito, e cuja descripção, que gentilmente me foi concedido publicar, é a seguinte:

ALF-DEI-GRA-REX- Cortando a legenda e uma circumferencia de traço contínuo, que a acompanha inferiormente, cruz equilateral cantonada no primeiro e terceiro quadrantes por estrella de cinco raios, e no segundo e quarto por crescente.

Reverso. — PORTUGALALGARBII Dentro do circulo, limitado por circumferencia de traço contínuo, as quinas com cinco arruellas dispostas em aspa nos escudetes.

Peso 16,5 grãos.

É de bolhão com grande proporção de cobre. Não parece ser *jeton*, e evidentemente não é ensaio monetario. Tem todo os caracteristicos de ter sido moeda corrente.

*

Reconhecendo a impossibilidade da determinação exacta dos *dinheiros* dos Affonsos da primeira dynastia, e não attribuindo a D. Affonso II typo algum dos conhecidos, afastando-se das classificações dos numismatas, que anteriormente trataram do assumpto, e ainda da por elle proprio adoptada na sua *Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail — Exposition Universelle de 1867 à Paris,* attribue o meu antigo mestre e amigo Sr. A. C. Teixeira de Aragão *(Descripção geral e historica das moedas cunhadas com o nome dos reis, regentes e governadores de Portugal)* todos os *dinheiros* em que o nome de D. Affonso está estampado por extenso, e em que o monarcha se intitula apenas rei de Portugal, a D. Affonso III, classificando como de D. Affonso IV todos aquelles em que o nome do imperante está escripto em abreviatura, e é designado como rei de Portugal e do Algarve, mostrando, alem d'isto, as lettras das legendas uma transição para a *allemã maiuscula.*

Posto que se não se fundamente em bases indiscutivelmente solidas, por isso que, recomeçando a cunhagem da nova moeda de D. Affonso III em 1 de Abril de 1270 (documento transcripto de Viterbo por Aragão, *ob. cit.*, I, p. 344), não repugna acreditar que pudesse ser alterada a legenda, variar o caracter da lettra, e ainda accrescentar-se ao titulo de rei de Portugal, o do Algarve, completamente sujeito ao dominio português havia alguns annos já, quando de mais a mais nos documentos se observa que desde 1268 D. Affonso III se intitula *Rex Portugaliae et Algarbii* (Aragão, *ob. cit.*, I, p. 163), é forçoso confessar que a hypothese, em que assenta a determinação dos differentes typos dos *dinheiros* de D. Affonso III e IV, proposta pelo meu amigo Dr. Teixeira de Aragão, foi sagazmente estabelecida, e racionalmente deduzida, e que não póde ser rejeitada sem que prova alguma positiva a invalide.

Admittida pois a classificação dos *dinheiros* por elle adoptada, attendendo á designação de Affonso rei de Portugal e do Algarve, ao número e disposição das arruellas nos escudetes das quinas, ao typo e mais caracteres e sobretudo á fórma da lettra das legendas — *allemã maiuscula,* — e afastada por absurda a hypothese da sua cunhagem ser coeva de D. Affonso V, só póde o *numisma* objecto d'esta nota, ser attribuido a D. Affonso IV, apesar das grandes differenças existentes entre o seu typo e os descriptos na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas com o nome dos reis, regentes e governadores de Portugal,* do Sr. Aragão, I, pp. 170 e 171.

É porém um typo completamente novo, o que não repugna admittir-se, vendo-se o que Fernão Lopes, na *Chronica de D. Fernando,* citado pelo Sr. Aragão (*ob. cit.*, I, p. 171), diz á cêrca dos differentes *dinheiros,* mandados cunhar por D. Affonso IV.

Será um *dinheiro novo,* ou *dinheiro Alfonsim,* visto que tanto se distingue dos outros, que seriam os *dinheiros velhos?*

Os competentes que decidam.

*

Se o *numisma* de que se trata é na realidade um *dinheiro,* e pertence á epocha de D. Affonso IV, como parece indiscutivel, do seu descobrimento, deduzem-se, entre outras, as seguintes interessantes conclusões:

a) A epocha do começo do emprêgo, nas legendas monetarias, da formula *Dei gratia Rex,* que se suppunha ser a do reinado de D. Fernando, tem de ser recuada para o tempo de D. Affonso IV;

b) Igual conclusão se deve admittir com relação ao emprêgo da lettra *allemã maiuscula* nas mesmas legendas, o que aliás parece confirmado pelo uso d'estes caracteres, observado nos sellos de D. Affonso IV[1];

c) Como consequencia das duas antecedentes: no unico typo de moedas conhecido, e attribuido a D. Pedro I, em cujas legendas não é empregada a letra *allemã maiuscula,* nem a formula *Dei gratia Rex,* será lição mais correcta ler D, onde o desejo de possuir um exemplar raro faz ler P, reintegrando D. Dinis na posse d'aquillo, com que muitos querem brindar D. Pedro.

E esta conclusão nada tem de estranha porque a verdade é que, em dezenas de *dinheiros* attribuidos a D. Pedro I, e mesmo no desenhado na Est. III, do tomo I, da obra do meu amigo Dr. Aragão, muitos numismatas tem visto D e não P no caracter, representativo do nome do Rei, quando despreoccupadamente os tem estudado.

Lisboa, Janeiro de 1898.

Manoel F. de Vargas

«Os restos da humanidade são cinzas sagradas de grão respeito».

Fr. Manoel do Cenaculo, *Sisenando martyr e Beja sua patria,* 1800, Ms. da Bibliotheca Pública de Evora (dedicatoria).

Antas do concelho de Alijó

(Cfr. *O Arch. Port.*, II, 264)

Parafita

A região dolmenica que vamos descrever muito succintamente, e mais com o fim de registar as riquezas archeologicas do concelho de Alijó, do que de apresentar um trabalho completo, é depois da do concelho de Villa Pouca de Aguiar, para que chamou a attenção dos competentes o Rev.do P.e José Raphael Rodrigues, a mais rica do districto de Villa Real.

---

[1] Um exemplar da moeda de D. Dinis que o Sr. Aragão descreve na *ob. cit.*, I. p. 166, com o n.º 1, e de cuja authenticidade duvida (tomo I, p. 167) foi encontrado em Trancoso ha poucos annos. A lettra das legendas d'este typo é a — *allemã maiuscula.*

Com o fim de facilitar o reconhecimento das antas que podem dar algumas reliquias de antigos tempos, no mappa junto vão indicadas com signaes as antas já exploradas, as por explorar e as completamentes destruidas.

Nas exploradas não se fizeram trabalhos senão nas cryptas ou camaras, e não se tocou nem nas galerias nem nos tumulos, a não ser nos pontos em que se atacaram os esteios para abrir o recinto formado por estes, com o fim de tornar mais rapida a limpeza da camara.

Todas as antas conhecidas no termo de Parafita formam quatro grupos: o 1.º composto de duas apenas, situadas na ribeira; o 2.º na veiga de Parafita, o mais importante; o 3.º no monte ao poente e sul da veiga, e contínuo a esta; o 4.º no monte do Cardo, ao poente da veiga.

1.º grupo

Ao lado esquerdo do caminho vicinal de Parafita para Jurjaes, a distancia de 1 kilometro de Parafita, no sítio denominado Cabeço do Bique, encontram-se duas antas, distantes uma da outra uns 50 metros. A primeira, indo de Parafita, é constituida por cinco esteios, de dimensões, iguaes ás da maior parte das antas da região, faltando para a camara estar completa um esteio e a tampa.

Esta anta apresenta ainda parte da galeria orientada de NO. para SE., parte do *tumulus,* e dista do caminho uns 10 metros, e da estrada real de Villa Real a Mirandella 1:500 metros.

A segunda, que dista da antecedente 60 metros, formada por uma mamoa de 10 metros de diametro, era constituida por seis esteios, dos quaes falta um, e por uma galeria dirigida NOE. a SE., como a da primeira.

Nenhuma das antas resistiu aos roubadores de thesouros.

É natural que haja mais antas neste ponto, mas não nos foi possivel procurá-las.

2.º grupo

A primeira vez que fomos examinar as *madorras* ou *madornas,* como lhes chamam os povos de Parafita e vizinhos d'estes, encontrámos quatorze antas, todas mais ou menos devassadas, e duas quasi destruidas por causa dos trabalhos da cultura do centeio.

Ao visitante apresenta-se-lhe, logo que chega ao alto da veiga, o espectaculo de dois grandes ajuntamentos de terra e pedras meudas, cobertas de tojo, fetos e queirogas,—as *madornas,* tendo a pequenas distancias outros ajuntamentos de menores dimensões, ainda que grandes, comparados com as mamoas de outros pontos do districto.

As *madornas* estão situadas na parte mais elevada da veiga, e numa posição tal, que dominam os terrenos accidentados de nascente, sul e poente, descobrindo-se, portanto, a muitos kilometros, dos concelhos de Alijó, Murça e Villa Real.

Seguindo na descripção rapida das antas d'este grupo a sua disposição na carta chorographica junta, encontra-se:

A) Ao lado direito do caminho da Gargossa, que se dirige de Parafita para o Populo, com a parte da mamoa que fica voltada para o norte e nascente, cortada pelo trilho dos carros, uma anta das maiores da região, a qual era constituida por oito esteios, dos quaes dois estão tombados, tres faltam e tres estão em pé, solidamente firmados, com uma inclinação para o centro da crypta de 45 graus.

Tanto os esteios tombados, como os que estão em pé, são dos maiores que temos encontrado, sendo a sua altura de $2^m,70$, a espessura de $0^m,35$ a $0^m,40$ e a largura de $1^m,85$.

Não se encontra a tampa nem a galeria, que parece estar intacta, em razão da mamoa ter sido atacada pelos lados de N. e SOE., e que tem a orientação commum na região.

Apesar de não ser completa a exploração da camara, por não ter sido possivel remover um dos monolithos tombados para dentro d'ella, pudemos colher:

1.º Uma frecha de silex negra, perfeitamente conservada e de uma fórma que não encontramos na obra de Estacio da Veiga, tendo de comprimento $0^m,045$, de espessura na parte mais grossa $0^m,007$, de largura na parte mais larga $0^m,27$. (D'esta frecha vae um desenho feito com todo o rigor pelo professor livre de desenho e meu amigo e companheiro nas explorações, Guilhermino Gomes, a quem devo este serviço e muitos outros da mesma especie. (Fig. 1).

2.º Um fragmento de uma serra de silex branca, de $0^m,04$ de comprimento, de $0^m,28$ de largura e $0^m,003$ de espessura na parte mais grossa, tendo uma das faces lisa e a outra com duas facetas regulares e os bordos com dentes bem visiveis.

3.º Um machado (ou formão de dois gumes?) de schisto ardosiano cinzento, tendo de comprimento $0^m,180$, de largura na extremidade mais larga $0^m,050$, e $0^m,035$ na mais estreita e $0^m,53$ na parte mais espessa, apresentando duas faces oppostas perfeitamente polidas e desengrossadas de maneira que formam um ellipsoide, e na extremidade mais larga um gume afiadissimo e de fórma arqueada, e na parte mais estreita outra superficie convexa, que parece ter sido cortante tambem, mas que se encontra com tres depressões muito fundas e irregulares, devidas a fracturas não recentes, e duas outras faces perpendiculares

em toda a extensão ás primeiras, por polir, menos em alguns centimetros na extremidade menos larga, unica parte do instrumento completamente polido, notando-se ainda que uma d'estas duas faces tem uma curvatura natural bem pronunciada (Fig. 2).

4.º Uma goiva de $0^m,22$ de comprimento, de $0^m,055$ de diametro, de fórma cylindrica, de schisto amarellado, unicamente polido na parte cortante.

5.º Uma enxó de schisto acinzentado, com algumas manchas amarelladas nas duas faces, em fórma de pyramide truncada, de $0^m,097$ de comprimento, de $0^m,045$ de largura na parte cortante e $0^m,010$ na extremidade opposta, de $0^m,15$ de espessura, sendo a faceta cortante feita á custa da face superior, e sendo a ligação dos bordos com as faces da enxó um angulo recto.

6.º Um machado truncado (ou formão?) de pedra igual á do objecto descripto no n.º 3.º, tendo actualmente de comprimento $0^m,150$ e $0^m,005$ de largura, e na parte mais espessa $0^m,045$ de uma fórma inteiramente semelhante á d'aquelle.

7.º Um instrumento de schisto, de côr igual á dos n.os 3.º e 6.º, de fórma de uma pyramide pentagonal truncada, pouco regular, a não ser em duas faces, que foram desengrossadas e polidas de modo que dão um instrumento com uma das faces da parte cortante de fórma convexa, parecendo que a face opposta a esta era plana e que houve uma fractura que a tornou, como se vê actualmente, concava, ou que havia primitivamente uma concavidade natural de que se serviu o fabricante para formar uma goiva, sendo certo que, se o instrumento era machado, este tinha o gume com uma face convexa e outra concava ou plana, e, se era goiva, esta não tinha a parte concava do gume polida, limitando-se o fabricante a polir com todo o cuidado o terço inferior das duas faces, que a cima dissemos serem regulares, o terço inferior de uma das lateraes, parte da peripheria da extremidade estreita e as partes salientes do corpo do instrumento. (Fig. 3).

8.º Uma faca forte de silex branca, de $0^m,180$ de comprimento, de $0^m,039$ de largura na parte mais larga e $0^m,005$ de espessura, com uma face plana e outra com tres facetas com ondulações bem pronunciadas, não terminando em ponta nas extremidades, e de bordos cortantes.

9.º Uma faca forte, com uma das faces lisa e outra com duas facetas de ondulações mais fundas, do que as do n.º 8.º, de $0^m,160$ de comprimento, de $0^m,032$ de largura e $0^m,008$ de espessura com as extremidades da mesma largura que o corpo.

10.º Outra faca de silex, de $0^m,190$ de comprimento, de $0^m,033$ de largura e 0,007 de espessura, a mais perfeita das tres, com uma

das faces lisa e a outra com tres facetas quasi lisas e de bordos cortantes.

11.º Um espheroide de quartzo, de $0^m,100$ de diametro, sem signal de ter sido polido, mostrando pelo contrario vestigios de fracturas em muitos pontos, podendo ser um percutor ou arma.

12.º Um fragmento de um prisma de schisto acinzentado, com manchas avermelhadas em varios pontos, quadrilatero, de faces polidas, de angulos abatidos talvez pelo attrito, parecendo ter sido pilão de gral ou burnidor, de $0^m,015$ de altura e $0^m,07$ de largo.

13.º Um espheroide de schisto ardosiano, de côr mais carregada do que a dos outros instrumentos, de $0^m,110$ de diametro, não polido, a não ser em dois pontos oppostos que se prestam a poder ser agarrado por elles, o qual póde ser um percutor ou um desengrossador.

14.º Um parallelipipedo irregular, de schisto ardosiano, azulado, de $0^m,120$, no maior comprimento, de $0^m,057$ na maior largura, com duas depressões angulares a todo o comprimento das faces mais largas, não se encontrando senão numa das extremidades signal evidente de ter servido de alisador.

15.º Dois crystaes de rocha de seis faces, tendo um de comprimento $0^m,083$, de largura $0^m,035$, e outro de $0^m,073$ de comprimento e $0^m,033$ de largura.

16.º Varios fragmentos de louça mal cozida, de $0^m,004$ de espessura, formados todos menos um, que é de argilla vermelha, por argilla negra que fórma uma camada central coberta por outras duas de côr acinzentada.

17.º Duas pedrinhas de quartzo (?) de fórma elliptica, tendo a maior de comprimento $0^m,035$ e de largura $0^m,027$, e a mais pequena $0^m,038$ de comprimento e $0^m,028$ de largura, cujos fins ignoramos.

18.º Varios pedaços de carvão vegetal de côr muito escura.

Passando ás antas que estão situadas ao longo da estrada do Populo para Asnella, a maior ou menor distancia, mas muito proximas todas, como se póde ver na carta chorographica junta, encontra-se:

B) Uma anta completamente destruida pelos trabalhos agricolas, da qual resta apenas uma elevação do terreno com a configuração da mamoa.

C) Restos de uma mamôa e um esteio de pequenas dimensões, meio caido.

D) Um grande tumulo de 16 a 18 metros de diametro, com sete monolithos descobertos pela extremidade superior, com a crypta aberta.

E) Outro tumulo ainda maior do que o antecedente, com oito grandes monolithos nas condições dos do n.º 3.º, *madorna* do Fiolhoso, devassado, assim como o outro.

F) Uma mamoa de 8 a 9 metros de diametro, sem tampa e com os esteios á vista pelo extremidade superior.

G) A *madorna* grande, com um diametro de 30 metros approximadamente, 4 a 4,5 de alto acima do terreno adjacente.

Este tumulo foi atacado na primavera de 1896 pelos habitantes de Parafita, levados pelas esperanças de descobrirem *thesouros* encantados pelos Mouros.

Trabalhou com grande enthusiasmo o povo todo durante mês e meio de baixo da direcção do regedor da freguesia, e com o trabalho de cento e tantos jornaes conseguiram abrir um corte de $1^m,50$ de largura, de 14 a 15 metros de comprimento, começando na peripheria do tumulus e terminando no centro na direcção de SE. a NOE., desviando-se muito da orientação das galerias das antas d'esta região dolmenica.

Como fructo d'estes trabalhos não encontraram senão:

a) Um pilão de gral ou a pedra de triturar grão nos moinhos primitivos, que o regedor baptizou com o nome de martello e que conservava em seu poder, como um objecto de valor incalculavel, da fórma de um cylindro de secção elliptica de $0^m,110$ de altura e $0^m,060$ de largura no eixo maior, e $0^m,040$ no menor, liso principalmente numa das faces que parece ser a que pelo attrito na mó trituraria os grãos dos cereaes, e que se apresenta bastante gasta.

b) Uma pedra de granito, de grão um pouco grosso, de $0^m,48$ de comprimento, de $0^m,400$ de largura e $0^m,15$ de espessura, excavada numa das faces em resultado do attrito de corpos duros, parecendo uma das mós primitivas, pesando 85 kilogrammas.

c) Uma fiada de pequenas lousas quasi iguaes, dirigidas com uma pouco sensivel obliquidade da peripheria para o centro do tumulo e a grande profundidade no corte que era atravessado pela fiada de pedras.

d) Uma camada de argilla de côr escura, que deu que pensar aos exploradores de Parafita.

No centro do tumulo não se viu o menor vestigio de camara ou camaras, nem da galeria que, a existir, deixaram á direita os de Parafita. Nem se obtiveram informações seguras á cêrca da remoção de qualquer pedra da *madorna* grande.

Em vista do que observámos e das informações discordes que nos deram, não nos atrevemos a affirmar que o tumulo fosse explorado já

ha muitos annos pelos sonhadores com thesouros encantados e que destruissem o dolmen, aproveitando as pedras para construcções ou para alguma eira, nem a aventar a lembrança de que a camara ou camaras e galeria estejam num nivel inferior ao da base actual do tumulo, e, portanto, ao do fundo do corte, lembrança a que dá certo pêso a circumstancia de, a muito pequena distancia da *madorna* para o lado do nascente, se encontrarem duas antas devassadas, num nivel muito inferior ao do sopé do comoro formado pelo tumulo.

Só com trabalhos dispendiosos e dirigidos por pessoa competente se poderá resolver a difficuldade.

E) Uma anta destruida de que se vê o local da camara e num nivel muito inferior ao da *madorna grande,* ainda que distante d'esta poucos metros, a nascente.

F) Restos de outra anta nas mesmas condições, e de que se vê um esteio tombado.

G) Uma anta de dimensões ordinarias, com seis esteios, dos quaes só um se encontra direito, dando, quando se explorava, um bello machado pequeno, perfeitamente polido, de côr esverdeada, espalmado, o qual, assim como a goiva da anta (*a*), destruiram, segundo nos informam, pretendendo derretê-lo n'um forno para verem se continha ouro ou prata!

H) Segunda *madorna grande,* de dimensões um pouco menores do que as do n.º 6.º, atacada uma direcção opposta á d'aquella, desviando-se igualmente da orientação da galeria. Gastaram os exploradores muitos dias e nada encontraram.

As reflexões que se nos offereceram em relação a outra são applicaveis a esta.

I) Uma pequena anta, muito proxima á do n.º 10.º e de nivel muito inferior, sem que haja grande declive no terreno, com cinco esteios estendidos no chão e sem mamoa.

J) Restos da mamoa de uma pequena anta, de que se vê a cavidade em que estava a camara no mesmo nivel em relação á do n.º 10.º, que a anterior.

K) Um pequeno dolmen, com uma mamoa de 6 a 7 metros de diametro, constituido por sete esteios de $2^m,30$ de alto, $0^m,040$ de largo e $0^m,020$ de espessura, formando uma camara tão estreita que não deixava mover-se á vontade um trabalhador dentro d'ella.

Arrancados dois esteios e limpa a camara, verificou-se:

a) Que a galeria de fracas proporções, em harmonia com as do dolmen, era formada á entrada da camara por duas lousas de granito que faziam um angulo de vertice para fóra e abertura para o lado da

camara, galeria que a custo deixaria entrar um homem deitado e sobre cujas lousas assentaram dois esteios de menores dimensões do que os outros.

b) Que o fundo da crypta era dividido horizontalmente por uma lousa de granito, da largura da camara e de $0^m,1$ de espessura, em dois compartimentos desiguaes, começando o maior na lousa e terminando no vertice do dolmen e o menor comprehendendo o espaço entre a lousa e o fundo do dolmen ($0^m,3$ a $0^m,35$).

Esta divisão na camara é a primeira que vimos, e parece-nos que representa duas epochas muito differentes no fabrico dos instrumentos nella encontrados, e, portanto, nas inhumações nella effectuadas.

Somos levados a esta hypothese pela consideração de que na divisão superior se encontrou uma pequena lousa de granito, com provas evidentes de que o fabricante já era um *artista*, e duas facas de silex muito perfeitas, ao passo que na divisão inferior uma enxó não tem nada mais polido do que a parte cortante e uma saliencia na extremidade opposta a esta, assim como o pouco ou nenhum polido dos demais instrumentos menos um.

Os objectos encontrados nesta anta, já devassada e sem tampa, foram:

Na divisão superior:

1.º Uma lousa de granito de grão meudo, de fórma quadrilatera, de $0^m,280$ de comprimento, de $0^m,240$ de largura e de $0^m,04$ de maior espessura no bordo mais grosso e $0^m,03$ no bordo menos grosso, apresentando em ambas as faces uma depressão bastante funda da fórma de um circuito imperfeito, num dos bordos quatro córtes, abrangendo toda a espessura da pedra e no bordo opposto a este duas chanfraduras profundas aos lados de uma saliencia de fórma de trapezio que podia entrar num cabo de madeira para se servirem do instrumento para fins que não é facil imaginar.

D'esta pedra vae desenho feito pelo sr. Guilhermino Gomes, e muito exacto, em que se nota uma falha na pedra, resultante de uma quebradura feita em Parafita, depois de tirada da anta. (Fig. 4).

2.º Uma faca de silex muito perfeita, com uma das faces plana e lisa, com a opposta de tres facetas muito lisas e terminada em ponta obliqua muito cortante, assim como os bordos, tendo de comprimento $0^m,085$, de largura $0^m,013$ e de espessura $0^m,003$.

3.º Tres fragmentos de uma faca que devia ter muito comprimento e, emquanto á fórma e perfeição, igual á anterior, quebrada na occasião da exploração e de que se perdeu um fragmento, que falta para se poder reconstituir soldando os fragmentos.

4.º Um fragmento de pedra avermelhada que nos parece de quartzo vermelho e que póde ser um polidor, tendo de espessura $0^m,013$, de largura $0^m,03$ e de comprimento $0^m,04$.

Na divisão inferior:

5.º Uma enxó de schisto cinzento, de $0^m,130$ de comprimento, de $0^m,045$ de largura e $0^m,020$ de espessura, apresentando uma das faces, a do lado da faceta cortante, concava, e a opposta convexa, de bordos perpendiculares ás faces e apenas alisados nas saliencias, sendo a faceta cortante feita á custa da face anterior e do feitio das enxós actuaes e muito afiada.

6.º Um machado em fórma de uma pyramide quadrilateravel, truncada, tendo por base um parallelogrammo, de gume afiadissimo, em arco de circulo, sendo a parte cortante feita pelo desengrossamento das duas faces, seguindo a *diagonal* do parallelogrammo, não se encontrando polido senão na extremidade cortante e tendo de comprimento $0^m,160$, de largura $0^m,050$ e de espessura $0^m,035$.

7.º Um polidor de schisto ardosiano, de fórma de uma pyramide de base quadrilatera, truncada, muito irregular, e polido mais ou menos nas quatro faces apenas, tendo de altura $0^m,090$, de largura na base inferior $0^m,090$ e de espessura $0^m.050$.

8.º Um fragmento de um cylindro de secção elliptica, que póde ter sido polidor, omeleta ou desengrossador, tendo o comprimento d'aquelle $0^m,070$, de largura $0^m,060$ e de espessura $0^m,023$, e tendo parte da superficie opposta á fractura pouco polida.

9.º Seis pequenos crystaes de rocha hexagonaes, todos de pequenas dimensões.

10.º Uma pequena lasca cortante de silex branca.

11.º Um caco de fórma de um quadrado de $0^m,025$ de lado nas condições dos cacos da anta *A*.

12.º Um bello machado de silex de dimensões diminutas, perfeitamente polido (fig. 5), que nos parece ter caído da divisão superior.

13.º Uma lasca cortante de quartzo vermelho, durissima.

L) Uma anta das grandes d'este grupo, com uma mamoa de 16 metros de diametro, com uma camara das maiores que temos encontrado, formada por oito grandes monolithos, todos de pé menos um, que está estendido dentro, e sem tampa.

Menciona-se esta anta neste grupo, apesar de estar mais proxima da estrada do Populo para Alfarella, por ter a sua séde na veiga assim como todos os outros d'este grupo, os quaes na carta chorographica deviam ficar mais proximos do que vão indicados, e todos dentro da planicie, que se vê bem na carta.

3.º grupo

Entram neste grupo apenas quatro antas que não foram exploradas por nós. São todas pequenas, já não tem mesa nenhuma d'ellas e no cimo das mamoas apontam as extremidades dos esteios.

4.º grupo

Estão localizadas todas as antas d'este grupo no monte do Cardo, a pequena distancia da estrada que vae do Populo a Alfarella, e nenhuma estava intacta.

É quasi certo que o número de antas é muito superior ao das que vamos indicar.

Não nos foi possivel procurá-las por falta de tempo, mas suppomos que hão de apparecer, porque continúa o terreno em circumstancias iguaes por muito kilometros, e ao longo d'esta estrada que se prolonga até Villa-Pouca-de-Aguiar appareceram as que em tempo foram por nós mencionadas como pertencente ao concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar. (*Arch. Port.* II, 81 sqq.).

Esquerda da estrada.

A) Restos de uma mamoa com a depressão no centro correspondente á camara, cujas pedras foram empregadas por lavradores para fazer paredes.

B) Uma anta reduzida a dois esteios, de dimensões medias, e á mamoa.

C) Uma anta com oito monolithos grandes, de galeria orientada como as outras, mamoa de 10 metros de diametro, dando os instrumentos seguintes.

1.º Um raspador de quartzo de $0^m,09$ comprimento, de $0^m,075$ de largura e de $0^m,025$ de espessura no bordo mais grosso, da fórma dos raspadores communs.

2.º Uma meia esphera de granito de $0^m,075$ de diametro, sem ser polida na face convexa e muito pouco lisa na face plana;

3.º Uma pedra de mó de granito (?), de fórma de cylindro elliptico, com extremidades convexas, de $0^m,110$ de altura e $0^m,060$ no eixo maior da ellipse, tendo na parte da superficie muito gasta pelo attrito, ao que parece.

4.º Uma pedra apardaçada, de grande dureza, da fórma quasi de um rim, sendo perfeitamente polida nas duas faces e no bordo convexo, e por polir no bordo opposto ao convexo, de $0^m,110$ de comprimento, de $0^m,075$ de largura e $0^m,05$ de espessura.

Não nos é facil presumir o que seria esta pedra que póde ter servido de desengrossador, percutor ou alisador, ou talvez seria um simples nucleo que não chegasse a ter a fórma de um instrumento definido.

A facilidade de poder ser seguro pelo bordo por polir faz suppor que fosse um polidor e não percutor, por não apresentar pontas fracturadas em toda a superficie polida.

D) Uma anta constituida por monolithos de grandes dimensões, principalmente em largura, de mamoa muito desfeita e de galeria sem porta nem capa a cobri-la, que apresenta digno de menção o serem as suas paredes curvilineas em vez de rectilineas, facto que só observámos noutra anta do concelho de Villa Real, que a seu tempo descrevemos com outras do concelho.

Esta anta forneceu-nos:

1.º Um instrumento de schisto ardosiano cinzento, que, attendendo ás dimensões, parece mais um formão muito imperfeito do que um machado. Tem a fórma de uma pyramide de secção rectangular, com a extremidade mais larga de $0^m,040$ de largura, cortante, formada á custa das duas faces que foram desengrossadas a pequena distancia do gume e dos bordos, sendo muito pouco polida esta extremidade, assim como a opposta, que parece ter sido fracturada em varios pontos pelo uso.

As dimensões d'este tosco instrumento são: $0^m,188$ de altura, $0^m,045$ largura na parte mais larga, $0^m,020$ de largura na parte mais estreita, $0^m,030$ de espessura no corpo e $0^m,015$ na extremidade mais estreita e que póde ter sido cortante.

2.º Um espheroide de quartzo de $0^m,09$ de diametro, de superficie com pequenas facetas irregulares e por polir, póde ser um percutor ou arma de guerra.

3.º Cinco crystaes de rocha, todos hexagonaes, distinguindo-se dos outros que são pequenos em que tem de comprimento $0^m,085$ e de espessura $0^m,02$.

4.º Uma pedra irregular, aproximando-se na fórma de um prisma de quatro faces, com duas polidas mais ou menos e duas asperas e fracturadas, de schisto ardosiano azul, de $0^m,075$ de altura, $0^m,05$ de largura e $0^m,027$ de espessura, que póde ter sido um desengrossador ou polidor.

E) Uma pequena anta reduzida a um pequeno esteio, de mamoa quasi destruida de todo e sem galeria.

F) Uma anta com dois esteios de dimensões superiores ás da ultima, e com a mamoa no mesmo estado.

G) Uma anta destruida, de que resta apenas a cavidade em que esteve a camara e parte da mamoa.

H) Uma anta de esteios, de 1^{m},80, dos quaes existem quatro de pé e tres tombados, dando-se a circumstancia de não ser arredondada e os esteios do lado da porta, em logar de serem imbricados, apresentarem a disposição ⌊ ⌋.

Esta anta não se torna notavel só pela disposição dos esteios, mas ainda por dois instrumentos que não vimos ainda noutra, e de que vamos apresentar a descripção rapida, e o desenho:

1.º Um cylindro de secção circular, de uma pedra dura que se não classifica á primeira vista, de côr anegrada de 0^{m},050 de alto e 0^{m},40 de diametro, com uma extremidade, de fórma hemispherica perfeitamente polida, de côr amarellada e com brilho notavel, e a outra cortada circularmente até 0^{m},007 de profundidade, com uma especie de mammillo de 0^{m},023 de diametro, tambem polido e brilhante, da mesma côr, instrumento que parece ter servido para triturar materias corantes em algum gral de pequenas dimensões. (Fig. 6).

2.º Outro instrumento de fórma de uma pyramide de base rectangular, troncada, com uma face plana e outra convexa, de bordos ligados ás faces em angulos rectos, furado na extremidade mais estreita, mostrando o buraco que a pedra foi atacada por ambas as faces para a feitura d'este, e apresentando no meio da face convexa um sulco quasi semi-circular de lado a lado, de 0^{m},015 de largura e 0^{m},075 de profundidade, muito polido e com brilho no fundo e em parte dos lados, parecendo devido ao attrito de corpos duros.

A altura da pedra, que faz lembrar á primeira vista um pêso de barro de que usavam os romanos, é de 0^{m},080, a largura de 0^{m},045 e a maior espessura de 0^{m},030. Pela côr parece este instrumento de schisto, como os da maior parte dos outros, e não sabemos o que seja, nem até se será da mesma epocha dos outros. (Fig. 7).

I) Uma anta com tres esteios apenas, faltando os outros, assim como a mesa, e que deu:

1.º Um machado de schisto ardosiano azulado, espalmado, de fórma de uma pyramide rectangular, de bordos por polir, assim como as faces, excepto nas duas extremidades, das quaes na mais larga era a faceta cortante formada pelo desengrossamento de ambas as faces, tendo de altura 0^{m},10, de largura na parte mais larga 0^{m},050 e de espessura 0^{m},025.

Era um bonito machado com os bordos desengrossados, de modo a formarem uma ellipse truncada na extremidade opposta á parte cortante.

2.º Dois pequenos cacos da mesma substancia dos descriptos, mas muito mais grossos.

3.º Um fragmento de schisto ardosiano, que póde ter sido um raspador, de $0^m,077$ de comprimento, $0^m,080$ de largura na parte mais larga, de $0^m,008$ de altura, terminando numa ponta cortante sem signal de ser polida.

4.º Espheroide de schisto ardosiano, de $0^m,90$ de diametro, de superficie escabrosa e por polir, que póde ter sido um percutor ou arma de guerra.

5.º Um fragmento de um instrumento de schisto ardosiano, de fórma prismatico-quadrangular, de duas faces polidas e desengrossadas numa das extremidades pelo attrito e com duas irregulares e evidentemente resultantes da fractura de instrumento volumoso; tendo o fragmento de altura $0^m,080$ e de largura $0^m,030$.

6.º Uma lasca de silex da fórma pyramidal de secção quadrangular, que póde ter sido um perfurador, muito gasto na ponta e que na base termina por uma aresta cortante muito aguda.

7.º Uma pequena pedra da fórma de um dente molar de uma só raíz, de côr de pinhão.

8.º Um espheroide de schisto ardosiano de $0^m,085$ no maior comprimento e $0^m,07$ na maior largura, sem o menor signal de ter sido polido, e que póde ter sido um percutor ou arma de guerra.

9.º Um pequeno fragmento de um instrumento polido de côr negra, tendo o fragmento a fórma de um parallelipipedo com tres faces polidas.

K) Uma pequena mamoa apenas.

L) Uma pequena mamoa á direita do caminho que vae do Populo a Alfarella.

M) Uma mamoa apenas, e pequena.

N) O mesmo.

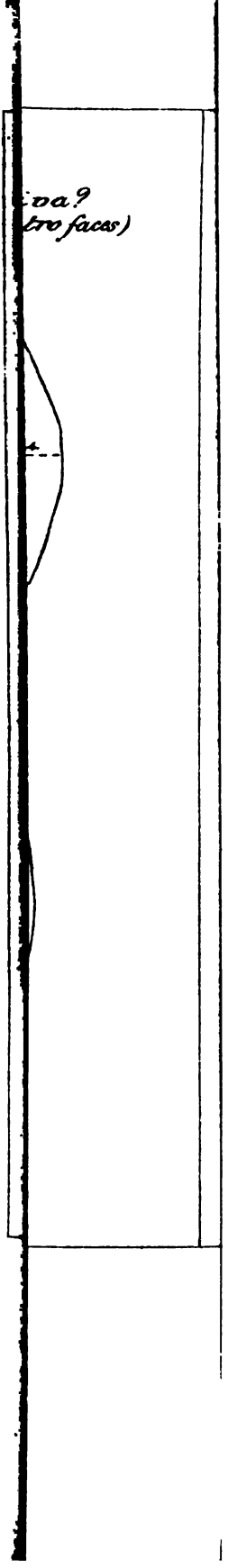
O) O mesmo.

P) O mesmo.

A falta de tempo e de conhecimentos para uma exploração mais completa reduzem este trabalho a uma simples noticia e a chamar a attenção dos competentes para uma região dolmenica que, apesar de muito devassada, ainda assim é digna da attenção dos homens da sciencia.

Villa Real de Tras-os-Montes, 27 de Março de 1898.

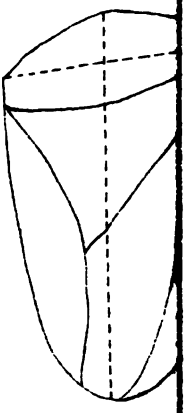
Henrique Botelho.

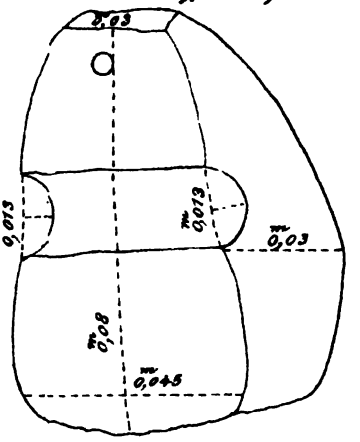

ova?
tro facas)

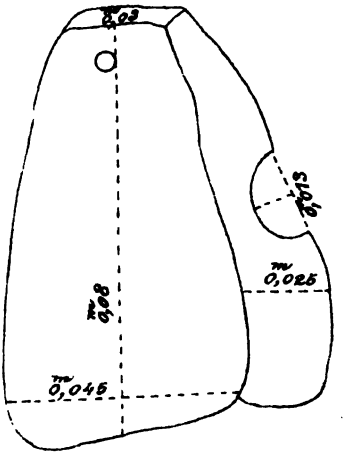
THE
PUBLIC

Prumo ou polidor.º
(presentando as quatro faces)

Face superior vista







Peso 0,260k

THE N
PUBLIC L
ASTOR, LENOX, A
TILDEN FOUN

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

O territorio de «Anegia»

Entre os annos de 875 e de 1090 encontra-se numerosas vezes citado nos diplomas dos *Portugaliae Monumenta Historica* o territorio de Anegia, tão cedo desapparecido, que mal vestigios temos d'elle nos seculos posteriores, estando esses mesmos poucos restos aniquilados tão completamente nos nossos dias, que o nome de Anegia, que o era tambem da capital da região, a custo pôde ser identificado com a moderna povoação de Eja.

Antes de entrar na exposição da linha divisoria do territorio de Anegia e das razões que militam em favor da localização d'esta povoação em Eja, é necessario fazer algumas considerações geraes sobre territorios e sobre a difficuldade que ha em determinar a fronteira precisa d'elles.

Os nomes de divisões administrativas empregadas naquelles tempos, no interior da parte meridional da Galliza e septentrional da Lusitania, erão os de *territorium* e *terra,* e em grau menor, quanto á frequencia, o de *civitas,* os quaes nomes com o tempo vierão a ser substituidos pela denominação de concelho (*concilium*) ou assembleia em que se reuníam os grandes proprietarios das *villas* para resolverem as questões que tocavam aos interesses da respectiva região. É notavel que muitos dos modernos concelhos e outros já extinctos correspondem a antigos territorios e terras.

É tal, porém, a confusão que se encontra nos documentos citados, na sua maioria de origem ecclesiastica, que, na parte que diz respeito aos limites dos territorios, não é raro encontrar, num pequeno espaço de tempo, uma *villa* pertencente a varios territorios. Portanto, quando se tem em vista a reconstituição de determinado territorio, não nos devemos importar com o facto de as povoações que fazem parte d'elle, tambem se encontrarem dentro d'outros territorios. Não é agora a occasião propria para tentar explicar este facto tão geral.

Assim se determinam os limites do territorio de Anegia, apesar de que outros territorios lh'os disputavam. Tinha elle uma superficie razoavel e começando na parte superior do rio Ferreira conglobava o curso inferior dos rios Sousa e Tamega, depois passando o Douro ia terminar a cêrca de metade do rio Paiva, já em plena Beira. Expondo com mais minuciosidade, a fronteira de Anegia principiava nas proximidades do Ferreira, a cima alguma cousa de Vandoma, passava depois por Marecos e Soalhães e d'aqui descia até Sande, no Douro, por onde se alongava até Foz-do-Sousa, e entrando por este rio che-

gava até á confluencia do Ferreira, o qual subia até ao tal ponto indeterminado onde começámos. Para áquem do Douro era muito pouco consideravel o territorio de Anegia que comprehendia o curso do Sardoira em toda a sua extensão, parte do rio Paiva até Alvarenga, e incluia ainda Villa Meã, na freguesia de Espadanedo, e Real.

Dentro d'este perimetro encontravam-se as localidades importantes de Anegia e Aratrus (castro), alem dos mosteiros de Cette, Paço-de Sousa e Pendorada (Alpendurada) e da posição estrategica do castro de Vandoma [1]. Aratrus não é hoje povoação nenhuma; mas sim o nome de um monte que se encontra na especie de peninsula formada pelo Douro e Tamega.

Em 1758 ainda se encontravam nelle algumas ruinas, que hoje por informação que tenho não são visiveis. Conjunctamente apparece-nos a noticia de uma *civitas* de Bemviver que se deve identificar com Aratrus [2]. Este nome de *civitas* só se póde entender pelo sentido antigo da palavra e não pelo de *cidade* que d'elle se originou phoneticamente. E effectivamente creio nunca ter existido uma povoação exclusivamente chamada Bemviver; não obstante assim se denominar, até muito perto de nós, um concelho que tinha a sua séde em Ariz (?). No norte de Portugal encontram-se ainda alguns concelhos em que se dão estas anomalias, denotando assim o terem-se talvez formado expontaneamente. Em todo o caso póde considerar-se este concelho como o ultimo resto do territorio de Anegia. As razões que se podem dar para a identificação de Anegia em Eja são de duas especies: geographicas e phoneticas. A razão geographica diz-nos que no valle de Anegia estava a villa de *Banius* que o sr. Gama Barros identificou com Santa Eulalia de Banho, existente no valle do Tamega: sendo assim, Anegia estava junto d'este rio. E não estava fundada na propria margem do rio, porque um documento falla-nos no *porto civitatis Anegis*. A estas duas condições obedece a situação da moderna freguesia de Eja. Quanto á razão phonetica, este nome deriva-se facilmente de *Anegia* por intermedio de *Ãegia*, **Aegia* ou **Ahegia* e depois *Hega* (= *Heja* ou *Eja*) como vem nas inquirições de 1258 [3]. Ainda

---

[1] Tanto este nome como o anterior de Cette não tem relação com as povoações francesas homonymas.

[2] Corrobora isto a existencia em 1123 de um *Castellum nomine Bene vivere*. Vid. *Dissert., Ch. e Crit.*, t. I, p. 247, 1.ª ed. de 1810.

[3] *Port. Mon. Hist.*, p. 587. Verdade é que se encontra na epoca romana o nome proprio de mulher *Heia* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 723), que nada porém terá com este.

hoje é vulgar dizer-se *a Eja,* que a linguagem litteraria confundiu com o artigo, pronunciando-se simplezmente Eja.

Cortavam o territorio de Anegia os rios Ferreira, Sousa e Paiva, o primeiro servindo de divisoria do territorio de *Portucale* (com a sede em *Cale, Galia* ou *Gaia*); e ainda outros menores como o Cavallum, o do Ladrões, o Sardoira, etc. O Douro dividia em duas partes desiguaes o territorio, ficando a parte maior na provincia ou comarca de Entre-Douro-e-Minho e a menor na da Beira. O Tamega corria, no seu curso inferior, pelo territorio, e servia nos tempos das mais antigas Inquirições de fronteira oriental á comarca do Minho, como ainda hoje serve de divisoria aos concelhos de Penafiel e Marco-de-Canaveses.

As montanhas mais importantes eram as de *Ordinis, Petrosello, Genestaciolo,* e Monte Muro.

O territorio de Anegia está hoje dividido principalmente entre os concelhos de Penafiel e Marco-de-Canaveses, e na parte meridional divide-se entre os concelhos de Cinfães, Castello-de-Paiva e Arouca pertencentes aos districtos beirões de Aveiro (*Alaveiro*) e Viseu.

Traçando num mappa os limites que se encontraram para o territorio da Anegia, nota-se que a capital d'elle ficava em excellente posição e tal que, pela proximidade dos rios Douro, Tamega, Ladrões, Paiva, Sardoira e outros, os quaes todos provavelmente tinham profundidade superior á que hoje tem, e corriam através de campos cobertos de espessa vegetação e onde vivia numerosa população, facil e commodamente se podia chegar aos extremos limites da sua peripheria. Os conventos de S. Pedro de *Rebordanus* ou Cette, Paço-de-Sousa e Pendorada davam-lhe certa importancia espiritual, e devido a elles podemos hoje alcançar um pequeno conhecimento d'aquelles tempos remotos com o estudo dos documentos dos seus cartorios. A nobreza ou a collectividade dos proprietarios agricolas era energica, e pertencia á robusta raça dos homens de Riba-Douro, que tanto lidaram pela sua independencia, não sendo banalmente que o nome de Portugal, primitivamente dado ao territorio em volta da foz do Douro, se extendeu gradualmente até á foz do velho Odiana.

Uma outra denominação parece ter tido o territorio de Anegia e era a de *Inter ambos rivulos* (Douro e Tamega) como se lê na *Dissertação XIX,* de João Pedro Ribeiro, onde se falla de *Fernam Mendez,* pretor (alcaide) d'elle [1]. Hoje a freguesia de Entre-Rios, onde ha impor-

---

[1] *Dissertações Chronologicas e Historicas,* t. v, p. 35, 2.ª ed. de 1896.

tantes aguas thermaes que talvez fossem o assento principal do culto do deus celtico *Tameobrigus,* está annexa á freguesia de Eja.

Nem a historia, nem sequer a lenda explicam como se formou o territorio de Anegia. Apenas os nobiliarios contam que D. Moninho Viegas, o Gasco, desembarcou em tempos remotos na foz do Douro com um exercito de vasconços [1], e, repellindo os mouros, chegou até o Tamega. É d'esta epoca que se tem pretendido, sem fundamento de especie nenhuma, datar a fundação de certas povoações taes como Vandoma, Cette, Bésteiros, etc. Creio que ainda hoje existe na tradição popular o echo das pretendidas lutas entre os vasconços e os mouros.

*

Do antigo toponomastico da Lusitania e da Galliza muito pouco passou através das vicissitudes várias que aquellas provincias soffreram. Tirando algumas cidades episcopaes e rios, raro será o nome moderno que se possa enlaçar até epocas anteriores á chamada reconquista christã. O sentimento de ligação com o passado estava tão reduzido depois das invasões dos povos do norte da Europa e dos orientaes, e as necessidades que a povoação diminuida sentia eram em tão pouco número, que os grandes quadros de civilização que o povo romano deixára, não podendo ser preenchidos pelas raças que o substituiram, cairam naturalmente no olvido e com elles as suas denominações. Restou apenas, collocando á parte a vida religiosa, o cultivo da terra com as suas modestas industrias; dos aggregados de habitações que ella exigia saiu a *villa,* no sentido moderno da palavra.

Cada villa tinha geralmente a denominação do seu proprietario; e só fazendo o estudo da origem da propriedade immobiliaria em Portugal se poderá averiguar quando os nomes dos proprietarios se começaram a fixar, sendo conservados pelas gerações seguintes. Esses nomes, precedidos da designação da qualidade do predio rustico, estavam grammaticalmente no caso latino (e germanico) que denotava a posse. Com o correr dos tempos, e parallelamente ao desenvolvimento da linguagem, foram-se transformando aquelles nomes de maneira tal que alguns se tornaram inteiramente desconhecidos.

---

[1] D. Moninho Viegas, o *Gasco* (e não *Gasto*), é o tronco da familia dos Vasconcellos. Como *gasco* é fórma parallela de *basco* ou *vasconço* torna-se muito provavel a hypothese da derivação de *Vasconcellos* de *Vasconço.* João Pedro Ribeiro, *Dissertações,* t. IV, parte II, p. 31, não acredita no desembarque dos Gascões.

Nos documentos que serviram para o estudo dos limites do territorio de Anegia resaltam certas villas ás quaes se consegue achar o proprietario que lhes deu o seu proprio nome, sendo obvio que um mesmo nome proprio podia ser usado por muitos individuos, e que só com muito cuidado se poderá proceder á identificação d'estes nomes com qualquer personagem historico.

A maioria dos nomes de povoações que provém de nomes proprios tem a sua origem no genitivo; havendo, porem, um pequeno grupo que representa o nominativo e o accusativo. Podem-se dividir em quatro classes as duas duzias de nomes que possuimos.

1.ª *Nominativo: Marecus* e *Maurelli*[1].—Creio serem nominativos; conservam-se hoje com as formas *Murecos* e *Maurelles*. Na Beira existe a forma *Mareco*.

2.ª *Accusativo.*—Apenas *Gerontio* que já hoje não existe provavelmente. Era o nome de um dos ultimos generaes romanos da Peninsula.

3.ª *Genitivo em* -anis.—*Fandilanes* e *Suylanes*. Está definitivamente estabelecido que os nomes proprios godos terminados em *a* tinham o seu genitivo em *anis*[2]. Os nomes proprios são *Fandila* e *Sunila*[3]. Deram *Fandinhães* e *Soalhães*. De *Fafila, Kintila* e *Vimara* formaram-se os genitivos *Fafilanis, Kintilanis* e *Vimaranis,* que se transformaram em *Fafiães, Quintiães* e *Guimarães*.

4.ª *Genitivo em* -i.—Temos *Abulin* e *Mandin* que deram *Aboim* e *Mandim*. São genitivos de *Abulinus* e *Mandinus*. *Fredumir* (Fredumil) gen. de *Fredumirus*. *Sandi* e *Mexiti,* genitivos de *Sandus* e *Maxitus*[4], deram *Sande* e *Meixide*. *Ranosendi* (Rosem) e *Ranusindi* (Resende) são fórmas differentes do mesmo nome. *Alarici*[5] (Áriz), *Ascarizi* (Escariz), *Loderiz* (Luriz) e *Toderiz* (Touriz) são genitivos respectivamente de *Alaricus, Ascaricus, Leodericus* e *Theodoricus*. Nos genitivos em *i* estão comprehendidos os em *ii* como *Losidii* (Lusim) genitivo de *Losidius, Ordonii* de Ordonius que deu popularmente o accusativo *Ordonho* em vez de *Oronhe* e *Valerii*[6] de *Valerius* que deu *Beire* (?).

---

[1] *Port. Mon. Hist., Dipl. et Ch.*, p. 36, anno 951, uma testemunha chamada *Marecus;* e a p. 32, anno 946, outra chamada *Maurelle*.

[2] D'Arbois de Jubainville, *Étude sur la déclinaison des noms propres dans la langue franque á l'époque mérovingienne,* Bibliothèque de l'École des Chartes, XXXI (1871), p. 343.

[3] *Port. Mon. Hist., passim.*

[4] *Id.*, p. 36, testemunha em 951.

[5] Pronuncia-se com *a* aberto por ser contracção de dois *aa*.

[6] Este mesmo nome deu tambem *Ver*. Cfr. *O Arch. Port.*, III, 139 e J. Pedro Ribeiro, *Dissertações,* t. IV, parte II, p. 30 da 1.ª ed. de 1829.

D'estes nomes só *Lusidius, Valerius* e *Gerontius* são romanos com certeza. Ha ainda alguns nomes que parecem ser de individuos; mas esses ficam para investigações posteriores.

*

Para facilitar o estudo do territorio de Anegia juntei aqui um indice toponomastico com as identificações que julguei possiveis. As obras auxiliares para este fim consistiram na *Chorographia Moderna do Reino de Portugal,* de Baptista, e nas «Memorias parochiaes» colligidas no chamado *Diccionario Geographico,* manuscrito do Archivo Nacional. Esta ultima obra é a unica que pode dar indicação abundante dos accidentes naturaes; pois o mappa da direcção dos serviços geodesicos e topographicos, sendo de utilidade preciosa, devido á escala ainda grande de $\frac{1}{100:000}$, nem sempre dá os nomes dos regatos e montanhas que ás vezes variam de freguesia para freguesia.

O Sr. Gama Barros, no tomo II da *Historia da administração,* etc., num appendice, tratou tambem da localização de varias povoações, algumas das quaes vão adeante identificadas da mesma fórma.

Em seguida vão os extractos dos documentos publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica* que dizem respeito ao territorio de Anegia.

E no final vem a cópia de extractos das «Memorias parochiaes de 1758», que tem relação com o assumpto tratado.

1. Toponomastico

Abulin (Villa). Aboim na freguesia de S. Miguel de Rebordosa, concelho de Paredes. Genitivo de *Abolinus* (Abolino, testemunha em 974). Anno 985.

Aciuito. Variantes: *Aciueto, Aziueto.* Azevido ou Azevédo na freguesia de Santa Marinha do Real, concelho de Arouca. Annos 1024, 1060 e 1062.

Afauones (Arrugio). Regato, affluente do Tamega, que atravessa a freguesia de S. Paio de Favões. Anno 1068.

Agrella? Annos 1024, 1060 e 1062.

Alarda. Rio Arda, affluente do Douro. Anno 1024 e 1062.

Alarici (Villa). Variantes: *Alarizi, Alariz.* Freguesia de S. Martinho de Ariz. Annos 1046, 1066, 1078, 1094 e 1097.

Aleste. Rio Este no territorio de Braga. Anno 1077.

Aluugates (Mons)? Na serra de Lusim. Anno 1087.

Alvarenga (Villa). Freguesia de Santa Cruz de Alvarenga, concelho de Arouca. Anno 952.

Anegia (Civitas, urbis, villa). Freguesia de Santa Maria de Eja, concelho de Penafiel.

Para facilitar um estudo sobre esta povoação, reuno aqui as phrases em que se faz menção de *Anegia*, aproximando o mais possivel as expressões identicas.

Territorio Anegia, 875, 982 (?), 1043, 1046, 1054, 1056, 1067, 1068, 1080, 1081, 1085, 1086 (2 vezes), 1087 (4 vezes).

Territorio Aneia, 985, 1047, 1077.

Territorio Anega, 1097.

Territorio Annegia, 1061.

Territorio Anegie, 882, 964, 994, 1071 (2 vezes), 1079, 1087, 1090.

Territorio Aneiie, 1045.

Territorio urbis Anega, 1024 (?).

Territorio urbis Anegie, 1062.

Territorio portucalense, urbis Anegia, 1060, 1080.

Territorio varganense, urbis Anegie, 952.

Urbis Anegia, territorio portucalense, 1090, 1091 (2 vezes).

Orbis Anegie, territorio portucalense, 1089.

Orbe Anegie et territorio portucalense, 1073.

Orbe Anegia, territorio portucalense, 1082, 1085.

Urbis Anegie, 989.

«...porto ciuitatis anegia,...» 922.

Villa de Anegia, 1059.

Valle Anegia, 1047.

Variantes e declinação:

Anega, Anege, (1071).

Anegia, Anegie.

Aneia, Aneiie.

Annegia.

Arato (Villar)? Anno 952.

Aratrus (Alpe, mons, civitas, castro). Monte de S. Tiago de Arados na confluencia dos rios Tamega e Doiro. As phrases em que nos apparece são as seguintes:

Subtus mons aratros, 1076, 1085 (2 vezes) 1086 (2 vezes), 1087, 1094, 1100.

Subtus mons aratrus, 1078, 1079, 1087, 1088, 1089, 1090.

Subtus mons aradros, 1068, 1097.

Subtus mons aradrus, 1074.

Subtus montes aratros, 1046.

Subtus mons aratris, 1098.
Subtus mons aratrum, 1100.
Subtus monte de Aratro, 1100.
Subtus monte de Aradus, 982 (?).
Subtus mons kastro Aratros, 1046.
Subtus alpe mons Aratrus, 1071.
Subtus alpe mons et civitas Aratros, 1073.
Ad radicem montis Aratri, 1090 (?).
Ad radice montis Aratri, 1065, 1092 (?), 1096.
Ad radice montis Aratri, 1080, 1090 (2 vezes), 1091 (2 vezes).
Ad radice Aratri montis, 1094.
Ad radice alpe Aratros, 1059.
Ad radize montis Aratri, 1091.
Erga montem Aratrum, 1099.
Erga Castrum de Aratro, 1099.

Variantes e declinação:

Aratros, Aradros.
Aratris.
Aratrum.
Aratri.
Aratro.

Aregos. Freguesia de S. Romão de Aregos, concelho de Resende. Anno 1080.

Ascarizi (Villa). Variante: *Ascariz.* Escariz na freguesia de S. Martinho de Lagares, concelho de Penafiel. Anno 985 e 1077.

Asperon (Mons). Variante: *Asperonis* (genitivo de *Aspero?*). Serra do Esporão nas freguesias de Villa-Boa-do-Bispo e Perosello. Aspro na freguesia de S. Romão de Villa-Cova-de-Vez-de-Aviz. Ambas no concelho de Penafiel. Annos 1079, 1080 e 1092.

Asturianos (Villa) ? Anno 952.

Auterio. Outeiro, na freguesia de S. João de Alpendurada. Anno 1096.

Bahoeiras. Bafoeiras, na freguesia de S. Romão de Aregos. Anno 1080.

Baiam (Terra de). Concelho de Baião. Anno 1066.

Balestarios (Villa, Sancto Cosmato de —). Freguesia de S. Cosme de Bèsteiros, concelho de Paredes. Anno 985 e 1077.

Banius (Villa, Eglesia Sancta Maria). O Sr. Gama Barros, *Historia da Administração em Portugal,* II, p. 331 diz ser hoje a freguesia de Santa Eulalia. J. Pedro Ribeiro, *Dissertações*, V, 121 (2.ª ed. de 1896) suspeitava que fosse Santa Maria de Penha-Longa. O unico

texto que possuimos dizia estar *Banius* no valle de Anegia, com a identificação d'esta povoação em Eja, confirma-se a asserção do Sr. Gama Barros. Anno 1047.

Bauzas (Villar). Bouças, na freguesia de Santa Cruz de Alvarenga. Anno 922.

Bendoma (Mons). Variante: *Benidoma*. Freguesia de Santa Eulalia de Vandoma, no concelho de Paredes. Annos 985 e 1077.

Benuiuer (Terra, civitas). Variante: *Benuiber*. Concelho de Bemviver extincto em 1852. Annos 1066 e 1068.

Bestontia (Ribulo, riu). Variantes: *Bestonza, Bestionzi*. O Rio Bestança affluente do Douro. Annos 1076, 1083 e 1090.

Cabanas Longas (Villar). Na freguesia de Santa Cruz de Alvarenga. Anno 952.

Cabanellas (Villa, villar). Variantes: Cabanelas, Capanelas, Capanellas, Capannellas, Kapannellas. Ao pé de Ordonho, ignoro o nome moderno. Annos 1047, 1065, 1068, 1073, 1076, 1082, 1085, 1086 (2 vezes), 1087 e 1100.

Campaniana (Sancti Christofori de —). Freguesia de Santa Maria de Campanhã, concelho do Porto. Anno 1077.

Campelana (Mons). Freguesia de Santo André de Campeã, concelho de Villa Real. Anno 1091.

Cannas (Villa). Antiga freguesia de S. Thomé de Cannas, hoje annexa á de S. Miguel de Rans, concelho de Penafiel. Anno 1087.

Canpo (Sancto Ihoanne de). Alguma das freguesias de nome Campo, existentes no concelho de Santo Thyrso ou no de Vallongo com outros oragos. Anno 1077.

Castro. Na freguesia de Santa Marinha de Real, concelho de Castello-de-Paiva. Annos 1024 e 1062.

Castro de Boi (Mons). O Crasto-de-Boi é uma montanha de 609 metros de altura que fica entre as freguesias de Rosem e Paredes de Viadores. Anno 1085.

Castro Malo. Ficava *discurrente ribulo Ouelia* que é um affluente do Tamega e passa por Marco-de-Canaveses. Anno 1090.

Caualones (Villa). Cavalhões, na freguesia de Santa Maria e Santo André de Villa-Boa-do-Bispo. Anno 1086.

Caualuno (Amnis, ribulo, arrugio). Variantes: *Cavalluno, Kaualuno, Cavallunono*. O rio Cavallum, affluente do rio Sousa onde se lança em Irivo *(Eribo)*. Annos 882, 1043, 1087 e 1088.

Cebrario (Amnis, arrugio). Variante: *Zebrarios*. Parece ser um affluente do Cavallum que se lhe junta no sitio chamado Zibreu. Annos 882 e 1087.

Celgana (Villa). Salgão por Celgão ou Çalgão, na freguesia de S. Miguel de Rans. Anno 1087.

Cercetelo. Serquidello (Cerquidello), na freguesia de S. Martinho de Espiunca *(Spelunca)*, concelho de Arouca. Anno 1060.

Cinfianes (Villa). Variantes: *Cinfanes, Cimphanes*. Freg. de S. João Baptista de Sinfães (ou melhor *Cinfães*). Annos 1070, 1076 e 1083.

Complentes (Villa). Variante: *Comprentes*. Complentes, na freguesia do Salvador de Magrellos. Annos 1085 e 1089.

Concella (Villa). Concellas, na freguesia de Santa Maria de Penha-Longa. Anno 1081.

Conzella (Villa). Concella, na freguesia de S. Tiago de Piães. Anno 995.

Coraxes (Villa). Freguesia de Santa Maria de Coreixas, concelho de Penafiel. Anno 1088.

Cornado (Sancti Felicis). Qualquer das freguesias de Coronado, S. Mamede ou S. Romão, concelho de Santo Thyrso. Anno 1077.

Cotes (Villa). Codes, na freguesia de S. Martinho de Rio-de-Moinhos, concelho de Penafiel. Anno 1056.

Couas (Villa). ? Anno 1068.

Christoual (Villa). Variante: *Crestoual*. Cristovão, na freguesia de S. Martinho de Sande. Annos 1066 e 1087.

Cuina (Termino de —). Variante: *Coina*. Cunha, na freguesia de S. Martinho de Fornellos. Annos 1083 e 1087.

Durio (Amnis, flumen, fluuio, riuulo). Formas diversas: Durio, 982, 1046, 1047, 1059, 1060, 1061, 1065, 1067, 1068 (2 vezes), 1071, 1073, 1076, 1085 (2 vezes), 1086 (2 vezes), 1087, 1089, 1090 (2 vezes), 1091 (3 vezes), 1092, 1094, 1096, 1098, 1099 (2 vezes) 1100 (2 vezes).

Eiras (Mons). Monte Deiras, no concelho de Marco-de-Canavezes. Annos 1068 e 1099.

Fandilanes (Villa). Fandinhães, na freguesia de S. Clemente de Paços-de-Gaiolo. Anno 1054.

Feberos (Villa). Febros, na freguesia de S. Thomé de Bitarães. Anno 985.

Ferraria (Sancto André de —). Freguesia de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços-de-Ferreira? Annos 985 e 1077.

Ferraria (Territorio). Concelho de Paços-de-Ferreira. Anno 1091.

Fiqueireto (Villa). Figueiredo, na freguesia de S. Martinho de Moimenta. Anno 1089.

Fonte Tincta. Fonte Tinta, na freguesia de Santa Cruz de Alvarenga. Anno 952.

Fornellos. Freguesia de S. Martinho de Fornellos, concelho de Cinfães. Anno 1080.

Fornos (Villa). Na freguesia de S. Martinho de Rio-de-Moinhos. Annos 982, 1066 e 1089.

Foze de Sousa. Freguesia de S. João da Foz-do-Sousa, concelho de Gondomar. Anno 985.

Fredumir. Variante: *Fredumil.* Na freguesia de S. Marinha de Real. Annos 1024 e 1062.

Gallegos. Freguesia do Salvador de Gallegos, concelho de Penafiel. Anno 1087.

Gallina (Riuulo, riu). Freguesia de S. Miguel de Rio-de-Gallinhas. Annos 875, 1066 e 1080.

Gauano (Mons). ? Anno 952.

Genestacolo (Mons). Variantes: *Genestaxo, Genestazo, Genestazolo.* Gestaçô, no concelho de Baião? Annos 875, 1054, 1067, 1068, 1087 e 1099.

Gerontio (Territorio). O antigo concelho de Aregos? Anno 1076.

Gustodias (Mons)? Anno 1045.

Inter Ambos Rios. Variante: *Ontrambos Ribulos.* Freguesia de S. Miguel de Entre-Ambos-os-Rios, concelho de Penafiel. Annos 1066 e 1068.

Lacunelas (Mons). Variante: *Lagonella.* Proximo de Ariz; o nome moderno desconheço-o. Annos 1078 e 1094.

Lamas (Villa). Na freguesia de Salvador de Gallegos. Anno 1087.

Latrones (Arrugiu, riu). Variante: *Latrom.* O Rio de Ladrões, affluente do Tamega. Annos 1079 e 1086.

Lauridosa (Villa). Lardosa, entre o Cavallum e o *Ceurario.* Anno 882.

Lebor (Mons). Proximo de Losim, o nome moderno desconheço-o. Anno 1097.

Leoruani (Villa). Urbão ou Orvão, na freguesia de S. Maria de Tarouquella. Anno 995.

Loderiz (Villa). Variantes: *Leoderiz, Loiriz.* Luriz na freguesia de S. João de Alpendurada. Annos 1080, 1085, 1086, 1088 e 1090.

Losidi (Villa). Variante: *Losii.* Freguesia de S. João Baptista de Lusim, concelho de Penafiel. Annos 1092 e 1097.

Lotonario (Villa). Ladueiro, na freguesia de S. Martinho de Sande. Anno 1068.

Lozello? Anno 1065.

Lubazim (Sancto Petro de —). ? Anno 1077.

Macenaria. Maceeira, na freguesia de S. Martinho de Fornellos. Anno 1080.

Magrelos (Portella de —). Freguesia do Salvador de Magrellos. Annos 1068 e 1089.

Mandim. Na freguesia de S. Martinho de Lagares, concelho de Penafiel. Anno 1077.

Maniozellos (Villa). Freguesia de S. Mamede de Manhuncellos, concelho de Marco-de-Canavezes. Anno 1066.

Marecus (Villa). Freguesia de Santo André de Marecos, concelho de Penafiel. Anno 1043.

Maskinata (Villa). Freguesia de S. Tiago de Mesquinhata, concelho de Baião. Anno 1066.

Maurelli. Freguesia de Santa Maria de Maurelles. Anno 1080.

Maurenti (Mons). Mourinte, na freguesia de Santa Clara do Torrão. Anno 1080 e 1086.

Mensa (Mons). Na serra de Losim? Anno 1092.

Mexiti (Portella). Meixide, na freguesia de S. Maria e Santo André de Villa-Boa-do-Bispo. Anno 1087.

Monimenta. Freguesia de S. Martinho de Moimenta, concelho de Sinfães. Anno 1076.

Mons Muro. Monte-Muro. Annos 1076, 1083, 1087 e 1090.

Moraria (Sancto Jeorgio de —). A freguezia do Salvador de Moreira, concelho da Maia? Anno 1077.

Mouro. Monte-Muro? Anno 1074.

Muro. Muro-Velho em Santa Maria de Maurelles? Anno 1085.

Nespereira (Villa). Freguesia de Santa Marinha de Nespereira, concelho de Sinfães. Anno 952.

Nugaria. Freguesia de S. Christovão de Nogueira, concelho de Sinfães. Anno 1024 e 1062.

Oletrianus (Kasale, villa). Variante: *Uldrianos.* Freguesia de Santo Estevão de Oldrãos ou Oldrões, concelho de Penafiel. Annos 1085 e 1086.

Ordines (Mons). Variante: *Ordinis.* Ordins, na freguesia de S. Martinho de Lagares, concelho de Penafiel. Annos 994, 1071, 1079, 1086 e 1088.

Ordonii (Villa). Variantes: *Ordoni, Ordonie.* Ordonho, na freguezia de S. João Baptista de Alpendurada. Annos 1068, 1070, 1073, 1076, 1082, 1086, 1087, 1089 e 1094.

Ortigosa (Mons, villa). Na freguesia de Santa Leocadia de Travanca, concelho de Sinfães. Annos 1076, 1083 e 1087.

Ortiqueira (Mons). ? Anno 1083.

Ouelia (Ribulo). Rio da Ovelha, affluente do Tamega. Anno 1090.

Palaiones (Sancti Jacobi Apostoli de —). Freguesia de S. Tiago de Pães, concelho de Sinfães. Anno 1087.

Palatio (Villa). Paço, na freguesia de Villa-Cova-de-Vez-de-Aviz? Anno 1079.

Palaciolo. Paçô.

1.° *Palaciolo.* ? Anno 1059.

2.° *Palaciolo.* ? Anno 1090.

3.° *Palatiolo.* ? Anno 952.

4.° *Palaciolo.* Variantes: *Palaciolus*, *Palacioli.* Freguesia do Salvador de Paço-de-Sousa, concelho de Penafiel. Annos 994, 1071, 1087 e 1088.

Palacios (Villa). ? Anno 1090.

Pannoniarum (Terrio). Concelho de Panoias, depois de Villa Real. Anno 1091.

Parada. ? Anno 952.

Paradella. ? Anno 985.

Pardellos. ? Anno 985.

Parietes (Villa). Variantes: *Parietis, Paretes.* Paredes, junto de Luriz. Annos 1085, 1086 e 1088.

Pauia (Riuulo). Rio Paiva. Annos 952, 989, 1024, 1062, 1076, 1083, 1087 e 1090.

Pausada. Pousada, na freguesia de S. Christovão de Espadanedo, concelho de Sinfães. Anno 1090.

Pausata (Villa). ? Anno 1085.

Pausatas. Pousadas.

1.° Em S. Martinho de Sande? Anno 1059.

2.° Em Santa Maria de Eja? Anno de 1059.

Penafidel de Kanas. Concelho de Penafiel. Anno 1047.

Penalonga (Mons). Freguesia de Santa Maria de Penha-Longa. Anno 1068.

Pendorata. Freguesia de S. João Baptista de Alpendurada. Anno 1096.

Pera (Villa)? Anno 985.

Petrosello (Mons). Variante: *Petroselo.* Freguesia de Santa Maria de Perosello, concelho de Penafiel. Annos 882, 1043 e 1056.

Portugalense (Territorio, diocesis, ecclesia). Variantes: *Portukalensis, Portugalensis.* Annos 1060, 1073, 1074, 1079, 1080, 1082, 1085 a 1091, 1094, 1098 a 1100.

Quintana. Quintã, na freguesia de Santa Maria de Maurelles. Anno 1080.

Quintanella (Villa). Quintella, na freguesia de Villa-Cova-de-Vez-de-Aviz. Anno 1087.

Ranosendi (Santa Maria de —). Freguesia de Santa Maria de Rosem. Anno 1066.

Ranusindi (Villa). Resende, na freguesia de S. João da Foz-do-Sousa. Anno 985.

Rial (Villa). Freguesia de Santa Marinha de Real, concelho de Castello-de-Paiva. Annos 1024, 1060, 1061 e 1062.

Ribulo Mayor ou **Riu Maior** (Arrugiu). Rio Maior, pequeno affluente do Douro. Annos 1068 e 1087.

Riu de Gallinas. Rio-de-Gallinhas. Anno 1080.

Robordanos (Villa). Nome antigo da freguesia de S. Pedro de Cette, concelho de Paredes. Anno 1077.

Sancta Christina.? Annos 1024 e 1062.

Santa Logritia. Santa Lucrecia, concelho de Braga. Anno 1077.

Sancta Marine (Ecclesia de —) Santa Maria de Figueiras, concelho de Penafiel? Anno 922.

Sancta Sauina (Ecclesia de —). Santa Sabina, na freguesia de S. João de Alpendurada. Annos 1059 e 1068.

Sancto Christophoro. ? Anno 1085.

Sancto Felize (Villa). Sanfins, na freguesia de S. Tiago de Pães. Anno 1076.

Sancto Martino (Villa). Freguesia de S. Martinho da Varzea do Douro? Anno 964.

Sancto Petro. S. Pedro, na freguesia de Nossa Senhora do Sobrado, concelho de Castello-de-Paiva. Annos 1024, 1060 e 1062.

Sancto Salvatore (Terra). Variantes: *Sancto Salbatore, Sancto Saluator*. O julgado de S. Salvador comprehendia no seculo XIV (*Inquirições* da Beira e Alem Douro) só a freguesia de S. Christovão de Nogueira. Annos 1024, 1062 e 1070.

Sandi (Villa). Freguesia de S. Martinho de Sande. Annos 1059, 1066, 1085 e 1096.

Sardoria (Ribulo, valle). Variante: *Sardoira*. Rio Sardoira. Annos 989, 1024, 1045, 1060, 1061 e 1062.

Sardoiriola (Villa). Qualquer das duas freguesias de Sardoira, concelho de Castello-de-Paiva. Anno 1045.

Sausa (Fluuio, ribulo). Variantes: *Saussa, Sauza, Sause*. Rio Sousa Annos 985, 994, 1071, 1077, 1087, 1088 e 1090.

Sause (Territorio). Concelho de Aguiar-de-Sousa. Anno 1091.

Sautelo. ? Anno 952.

Sauto (Villa). Souto, na freguesia de S. Martinho de Rio-de-Moinhos, concelho de Penafiel? Anno 1080.

Serra Sicca (Mons). Variantes: *Serra Sica, Sera Sicka.* Serra da Freita? Annos 989, 1024, 1060, 1061 e 1062.

Silva Scura. Freguesia de S. João Baptista da Silva Escura, concelho da Maia. Anno 1077.

Sonosello (Villa). Variante: *Senoselo.* Freguesia de Santo André de Sôsello, concelho de Sinfães. Anno 1047 e 1074.

Sonoso (Riuulo)? Muito mais ao sul do sítio em que estava collocado o *Sonoso,* e como affluente do Paiva, existe um rio que lhe corresponde phoneticamente chamado *Sonzo.* Anno 995.

Superato (Villa). Sobrado, na freguesia de S. Martinho de Ariz. Anno 1094.

Suylanes (Villa de —). Freguesia de S. Martinho de Soalhães. Anno 875.

Tamega (Alueo, flumen, fluuio, riuulo). Rio Tamega. Variantes:

Tameca, 1046.
Tamica, 1094.
Tamicam, 1088.
Tamice, 1068, 1073, 1082, 1085, 1086, 1087, 1089, 1097 e 1100.
Tamize, 1047, 1056, 1065, 1078, 1079, 1080, 1085, 1098.
Tamige, 1068.
Tamiga, 982, 1090.
Tamega, 1092.

Taraukella (Villa). Freguesia de Santa Maria da Tarouquella, concelho de Sinfães. Anno 995.

Tauolado (Villa). Freguesia de Salvador de Taboado, concelho de Marco-de-Canavezes. Anno 1066.

Toderiz. Touriz, na freguesia de S. Pedro de Paraiso, concelho de Castello-de-Paiva. Anno 1060.

Ualbono (Sancto Johanne de —). Valbom e S. João, na freguesia de S. Christovão de Nogueira, concelho de Sinfães. Anno 1080.

Ualeiri (Villa). Freguesia de S. Miguel de Beire, concelho de Paredes. Anno 1077.

Uallinas (Santi Saturnio de —) Valinhos, na freguesia de Sanfins de Ferreira. Anno 1077.

Uallongo (Sancto Mamete et S. Bartolamei). Freguesia de S. Mamede de Vallongo. Anno 1077.

Uargano (Mons, territorio)? Annos 995 e 1083.

Uarganense (Territorio). ? Anno 952.

Uarzena (Villa). Varzea, na freguesia de S. Miguel de Bairros. Anno 989.

Uentosela (Villa). Variantes: *Uentusella*. Ventosellas, na freguesia de S. João de Alpendurada. Annos 1066 e 1068.

Uiliulfus[1] (Villa). ? Anno 1071.

Villa Cova. Freguesia de S. Romão de Villa-Cova-de-Vez-de-Aviz? Anno 1079.

Villa Maiore. Villa Maior, na freguesia de Santa Marinha de Fornos. Anno 1070.

Villa Mediana. Villa Meã, na freguesia de Escamarão, concelho de Sinfães. Anno 952.

Villa Seti. Villacete ou *Villassete*, na freguesia de S. João Baptista de Alpendurada. Anno 1100.

Vilare de Ceruos. Villar-de-Cervos ou Villar-de-Servos, na freguesia de Santa Cruz de Alvarenga. Anno 952.

Villela (Villa). Na freguesia de S. Vicente do Pinheiro, concelho de Penafiel? Anno 1079.

Vimenario (Villa). Vimieiro, na freguesia de S. Martinho de Sande. Annos 995, 1067, 1090 e 1099.

2. Extractos dos «Portugaliae Monumenta Historica»

875. «.....Baselice Santi Martini Episcopi, que est fundata in Villa de Suylanes, subtus mons Genestaxo, secus rivulum de Gallina, et flumen Dorio, territonio Anegia». (P. 5).

882. «..... baselica fumdamus in uilla quod uocitant lauridosa inter duas annes kaualuno et cebrario subtus monte petroselo territorio anegie[1]». (P. 6).

922. «.....et in ipso concilio dedit lucidius uimarani uillas et ecclesias ad ipsum monasterium in ripa de ipso dorio a porto ciuitatis anegia ecclesiam sancte marine cum suos dextros integros uel debito ubi tamica intrat in dorio ad integra». (P. 16).

---

[1] De *Viliulfi* deriva-se Guilhufe, nome de uma freguesia situada ao norte do sítio em que esta *villa* devia existir.

[1] É um dos poucos erros typographicos que se encontrão na collecção do *Portugaliae Monumenta*. Emendo aqui pondo em logar de *anegrie* a fórma *anegie*, conforme indica a correcção a lapis existente no exemplar em uso no Archivo Nacional. Como se sabe, a secção dos *Diplomata et Chartae* não concluiu, faltando-lhe portanto os indices e as correcções typographicas.

952. «.....uilla que uocitant aluarenga territorio uarganense urbis anegie.....in ipsa uilla et in uilare arato XVI media. et in fonte tincta de VI^a VII^a media et de uilare de ceruos de VI^a VII^a media. et de uilar de cabanas longas de VI^a VII^a media. et de parada de VI VII media. et de sautelo de VI VII media. et de uilar de bauzas de VI VII integra.....et diuident ipsas uillas cum uilla de nespereira et cum uilla de asturianos et de palatiolo et per segus riuulo pauia». (P. 37).

952. «.....uilla mea propria que est territorio anegie uocitata uilla mediana subtus monte gauano inter duos amnes uno fluuio durii et alio ribulo quod dicunt pauia». (P. 38).

964. «.....in uila de sancto martino teridorio anegie inter duiru et tamiga». (P. 54).

982 (?) «.....in uilla fornos et habe iacentia inter tamiga et durio subtus monte de aradus territorio anegia». (P. 82).

985. «.....Hic sunt uilas prenominadas abulin ferraria balestarios feberos ascarizi pardelos.....id sunt ipsas uilas prenominadas ranusindi et eglesia uogabulo sancto ioane que est sida in foze de sauza et uilla de paradella et uilla de pera. Et sunt ipsas uilas iam supra nominadas subtus montis bendoma terridorio anegia discurrente ribulo sauza». (P. 91).

989. «.....in ualle sardoria urbis anegie ribulo pauia suptus monte serra sicca. et aue iazentia in uilla uarzena ad uado caullar..... in sisonzini..... como diuide per lonba de rompesakus et inde in area que fuit de gondiuado et in uillar de eigumediade inde ad illa frecta et feret in pelagu negro.....» (P. 98).

994. «.....in uilla Palacioli, subtus mons Ordines, discurrentem rivulo Sausa, territorio Anegie». (P. 104).

995 (?) «.....uilla quos uocitant uimenario qui est subtus monte uargano discorente riuolo sonoso prope flumen duiro.....et diuidet ipsa uilla cum uilla de taraukella et cum uilla leoruani (?) et cum uilla de conzella et inde per media uena de agua de duiro et cum titulello piscarias nassarios rizarios». (P. 108).

1024 (?) «..... inter pauia et alarda terridorio urbis anega subtus mons serra sica discurremte ribulo sardoria (?) et ipsa uila rial in logo predicto.....castro et alio castro et fredumir.....in uarcena donega et in agrela et in aciuito et sancta christina et sancto salbatore et nugaria et sancti petri et in alios logares.....» (P. 158).

1043. «.....in uilla que uocidant marecus subtus mons petroselo discoremte ribulo caualuno teredorio anegia.....» (P. 198).

1045. «.....in uila quos uocidant sardoiriola discurentem ribulo

sardoira teridoiro aneile subtus mons gustodias abe iacentia in loco predicto sardoirola». (P. 212).

1046. «.....in uilla alarizi inter duo flumina durio et tameca territorio anegia subtus mons kastro aratros». (P. 213).

1047. «.....eglesia uogauolo sancta maria dinoxitur in uilla banius in ualle anegia et auet iacentia inter duas flumes durio et tamize.....» (P. 218). «.....penafidel de kanas.....» (P. 219).

1047. «.....in uilla capanelas et in senoselo.....subtus montes aratros territorio aneia discurrentis flumen dori.....» (P. 219).

1054. «.....in uilla fandilanes subtus mons genestazolum discurrente riuulo dorii terridorio anegia». (P. 238).

1056. «.....in uilla quos uocitant uilla cotes (?) subtus mons petrosello territorio anegia prope riuulo tamize». (P. 243).

1059. «.....in sancto iohanne ad radice alpe aratros discurrente ribulo durio.....» (P. 257).

1059. «.....*Uilla sandi.* ambas illas pausatas que fuerunt de illas sorores et ecclesia sancti martini episcopi. et in uilla palaciolo I[a] pausata integra et de illa ecclesia uocabulo sancta sauina medietate integra. Et in uilla de anegia IIIes pausatas integras cum prestationibus suís quomodo illas concessit ille preposito domne todoredo..... et ipsas pausadas cum suas piscarias in durio.....» (P. 261 *in fine*).

1060. «.....in uilla rial territorio portugalense urbis anegia subtus mons serra sicca discurrente riuulo sárdoria et durio..... de nugaria et de sancto petro et de toderiz et de cercetelo et de aziueto et de agrella». (P. 266).

1061. «.....in uilla rial teridorium annegia subtus mons sera sikca discuremtem ribulo sardoria flumen durio». (P. 268).

1062. «.....inter Paiua et Alarda, territorio Vrbis Anegie, subtus mons serra Sicca, discurrente rivulo Sardoira, et ipsa Villa Rial in loco predicto Castro, et alio Castro, et Fredamil, sic.....in Varcena Donega, et in Agrela, et in Aciueto, et S. Christina, et S. Saluatore. et Nugaria. et S. Petri,.....» (P. 270).

1065. «.....logum inter durium et tamize prope durium ad radix mons aradus iuxta lozello uillar que uocitant capanellas.....» (P. 281).

1065. «.....ad sancti ioannis babtiste que est fundato in ripa durio ad radice montis aratri». (P. 282).

1066. «.....et in terra de benuiuer medietate de ordoni et uentosela.....quomodo exparte de outranbos ribulos usque in alariz..... et in sandi uilla crestoual.....et uilla maniozellos. et sancta maria de ranosendi medietate et uilla fornos..... de sandi in gallina mea

portione ab integro. et in terra de baian uilla tauolado et uilla maskinata.....» (P. 283).

1067. «.....in uilla.....uimenario subtus mons genestazo segus flumine durio terretorio anegia.....» (P. 285).

1068. «.....sancti iohannis babtiste.....iuxta litus durio prope flumen Tamige subtus mons aradros iuxta uilla ordini et cabanellas.....et de ecclesia uogabulo sancta Sauina tercia integra.....» (P. 290).

1068. «.....et cedarunt illo in catena in illa zibitas bemuiber per manum de ipse sagione framila.....in uilla quo uocitant lotonario subtus mons genestacolo sancta maria suuber mons penalonga discurens per ribulo mayore in flumen dorio». (P. 295).

1068. «.....uilla ordoni.....uilla nomine uentusella et de couas..... inter II^os fluuios durio et tamice que se exparte de inter ambos rios per ipso arugio et uadit per ipso fluuio durio et fer in illo uaao et uadit per illa portela de magrelos et inde per ipso arugio de afauones et descendet in ipso riuulo tamice.....subtus mons eiras territorio anegia discurrente flumen durio». (P. 296).

1070. «.....et uilla ordoni qui dedit ad monnino benegas..... et in terra sancti saluator uilla cinfanes.....» (P. 304).

1071. «.....ad aulam baselice sancti iohannis..... in uilla quos uocitant uiliulfus subtus alpe mons aratrus discurrente fluminis durio territorium anegie.....» (P. 307).

1071. «.....Basellica esse fundata dignoscitur in ualle predicto Palatiolo subtus mons Ordines discurrente ribulo saussa territorio Anegie.....Anege discurrente flumen Dorio». (P. 308).

1073. «.....baseliga esse cernitur iuxta litus durio prope flumen tamice subtus alpe mons et ciuitas aratros logo predicto iuxta uilla ordoni et kapannellas orbe anegie et territorium portugalense.....» (P. 312).

1074. «.....quorum Baselice ffundata est in uilla ordoni subtus mons aradrus..... riuulo Dorio territorio portugalense.....in loco predicto uilla sonosello uocabulo sancti andree appostoli que est ffundata subtus mouro secus fflumen durio territorio lamencensse». (P. 315).

1076. «.....in uilla quos uocitant monimenta..... et ipsas uillas de sancto felize in pauia subtus mons ortigosa discurrente arrogiu territorio gerontio.....» (P. 327).

1076. «.....ad aulam basilice.....iohannis babtiste que situm est .....uilla nuncupata ordoni et capanellas in ripa flumen durio subtus mons aratros et abent ipsas hereditates iacentias in uilla cimphanes subtus mons muro discurrente ribulo bestionzi (?).....» (P. 328).

1077. «.....baseliga esse cernitur in uilla robordanos[1] quos uocitant sancti petri subtus mons benidoma discurrente ribulo sausa territorio aneia.....uilla ascariz.....sancto cosmato (?) de balestarios mediatate de sancto andre de ferraria mediatate de sancto saturnio de uallinas et sancto namete de uallongo ab integro et sancto bartolamei de uallongo ab integro et sancti christofori de canpaniana ubi dicent de reitinto ab integro et sancti felicis de cornado ab integro et mea ratione de acisterio de silua scura ab integro et mediatate de sancto ihoanne de canpo et mediatate de sancto petro de lubazim et tertia de sancto ieorgio de moraria». «.....uilla ualeiri.....balestarios.....mandim.....ecclesia de ferrari.....sancta logritia que est in riba de aleste.....» (P. 330).

1078. «.....basiliga esse uidetur inter bis aluei durio et tamize subtus mons aratrus.....in uilla alarizi subtus mons lagonella discurrente in fluuio tamize». (P. 340).

1079. «.....basilica fundata est in ripa durio subtus mons aratrus.....*in uilla palatio subtus mons* asperonis discurrente in fluuio tamize territorio portucalensis.....» (P. 344).

1079. «.....in uilla quos uocitant uillacoua.....uilla quos uocitant uillela.....subtus mons ordines discurrente arrugio latrom terridorio anegie.....» (P. 346).

1080. «.....baseliga est fundata in ripa durio a radice montis aratri territorio portukalensis urbis anegia.....in macenaria 1° kasal et in fornellos 1° kasal et in riu de gallinas 1° kasal in illa quintana in maurelli 1° kasal in aregos in bahoeiras 1° kasal et in sancto iohanne de ualbono.....» (P. 349).

1080. «.....de meo patre leoderigu et habet ipsa hereditate iacencia inter durio et tamize in loco predicto leoderiz subtus mons maurenti discurrente tamice». (P. 355).

1080. «.....in uilla quos uocitant sauto subtus mons asperonis discurrente in fluuio tamize territorio anegia». (P. 356).

1081. «.....in uila concela.....sutos mons eiras tiratorium anegia discurrentem riuulo flumen dorio.....» (P. 362).

1082. «.....basilice esse cernitur subtus mons aratros discurrente bis aluei durio et fluuius tamice quod est fundatus in loco predicto in uilla capannellas iuxta uilla ordoni orbe anegia territorio portugalensis». (P. 366).

1083. «.....in uilla quos uocitant cinfianes (?) ad illa portella

---

[1] «Monasterio Cetensi, in uilla de Rebordãos sito».

iusta kararea que uadi pro ad riu de bestonza.....et cum sua ratione de illa aqua de VI feria.....» (P. 369).

1083. «.....in uilla quos uocitant ortigosa a radice montis ortiqueira subtus mons muro territorio uargano discurrente riuulo pauia et sparte se cum termino de cuina.....» (P. 372).

1085. «.....uilla pausata iusta sancto christoforo in uilla comprentes (?) subtus muro discurente durio.....» (P. 380).

1085. «.....in uilla quos uocitant sandi.....et est ipsa uilla in sandi territorio anegia subtus mons castro de boi discurrente fluuius durio et tamize». (P. 385).

1085 (?) «.....in uilla parietis et loer.....subtus mons aratros inter bis aluei durio et tamize». (P. 387).

1085. «.....kasale de oletrianus.....» (P. 388).

1085. «.....basilice esse cernitur subtus mons aratros discurrente bis aluei durio et tamice.....iusta uilla capanellas orbe anegia territorio portugalensis et habet ipsa hereditate iacentia in uilla conplentes.....in flumina piscarias.....» (P. 389).

1086. «.....et in ipse loderiz.....et in paretes.....et habent iacentia ipsas hereditates ubi iam diximus inter durio tamice subtus mons maurenti discurrente riuolo tamice territorio anegia». (P. 391).

1086. «.....inter bis aluei durio et tamice prope ordonie iuxta uilla capanellas subtus mons aratros territorio portugalensis facio testatione de uilla mea propria que abeo inter uldrianes et ordinis subtus mons ordinis discurrente riu de latrones territorio anegia.....» (P. 396).

1086. «.....uocitant ipsa uilla caualones.....ad aulam basilice sancti iohannis babtista.....est iuxta uilla cabanelas prope ordoni inter bis aluei dorio tamice territorio portugalensis subtus mons aratros discurrente fluuius durio». (P. 398).

1087. «.....in loco, que dicitur Palaciolo, subtus mons Ordinis amnis, discurrente ribulo Sausa, Territorio Anegie.....est ipsa hereditate de Gallegos in villa, qui dicitur Lamas.....» (P. 405).

1087. «.....baselica fundata est in ripa durio subtus mons aratrus inter durio et tamice territorio anegia discurrente in ribulo durio.....in uilla quos uocitant ortigosa territorio anegia subtus mons muro discurrente ribulo pauia.....in uilla fiqueireto et in illa coina.....et de ipsa ecclesia uocabulo sancti iocobi apostoli de palaiones.....» (P. 409).

1087. «.....in uilla quos uocitant christoual ad radice de ipsa portella de mexiti subtus mons genestazo territorio anegia discurrente arrugio riu maior.....» (P. 412).

1087. «.....in uilla ordonii iusta capannellas subtus mons aratros discurrente bis aluei durio et tamice territorio anegia.....in uillas quos uocitant celgana et cannas et quintanella subtus mons aluugates discurrente arrugios zebrarios et cauallunono (*sic*) territorio portugalensis». (P. 413).

1088. «.....in loco qui dicitur Palatiolus, circa montem Ordinis, contra faciem aquilonis, Territorio Portugalensis, secus fluvium Sausè.....in uilla de Coraxes, circa rilulum de Cavalluno.....et inter flumen Durium et Tamicam in villa Parietes et in villa Teoderiz[1] hereditate, quam ibi gauavimus de Teoderago.....» (P. 426).

1089. «.....baselica esse cernitur iusta litus durio prope tamice subtus mons aratrus discurrente flumen durio orbis anegie territorio portugalensis.....inter durio et tamice in loco predicto quo uocitant fornos a radice aratri montis ubi diuide ordoni et conprentes et magrel.....» (P. 431).

1090. «.....ad sancti iohannis babtiste qui est a radice montis aratri.....in uilla loiriz.....» (P. 438).

1090. «.....ad aulam baselice sancti iohannis babtiste que est fundato ripa durio subtus mons aratrus territorio portugalensis..... pausada inter pauia et bestontia subtus mons muro discurente in pauia.....et inter tamiga et sausa uilla palacios et palaciolo..... et inter gallina et ouelia mea ratione de uilla maior.....» (P. 438).

1090 (?). «.....ad radicem montis aratri.....» (P. 441).

1090. «.....in territorio anegie subtus mons castro malo discurrente ribulo ouelia.....» (P. 442).

1090. «..... in ripa durio a radice montis aratri discurrente in flumen durio urbis anegia territorio portugalensis.....in loco predicto uimenario.....» (P. 443).

1091. «..... in riba durio ad radize montis aratri discuremtis flumen durio urbis anegia territorio portugalensis.....» (P. 447).

1091. «..... in ripa durio a radice montis aratri discurrente in flumen durio urbis anegia territorio portugalensis..... territorio sause et territorio ferraria.....» (P. 450).

1091. «.... in ripa durio a radice montis aratri urbis anegia territorio portugalensis.....in terrio pannoniarum.....subtus mons campelana.....» (P. 455).

1092. «.....est in uilla losidi qui est subtus mons mensa et asperon (?) prope ripa tamega.....» (P. 464).

---

[1] Deve ser *Leoderiz*.

1092 (?). «.....ad aula sancti ioannis babtiste que est fundato ad radice montis aratri in ripa durio». (P. 467).

1094. «.....ad sancti iohannis babtiste de ripa durio a radice aratri montis.....» (P. 477).

1094. «.....et monasterio sancti iohannis qui est fundato inter flumen durio et ribulo tamica subtus mons aratros iuxta uilla que uocitant ordoni». (P. 481).

1094. «.....«in uilla superato cognomento alariz subtus mons lacunelas discurrente riuulo tamice territorio portugalensis aecclesie». (P. 483).

1096. «.....in illo aauterio ad radice montis aratri discurrente ribulo durio.....» (P. 499).

1096. «.....et concedimus sancto iohannis de pendorata terciam partem de ecclesia sancti Martini de sandi totam integram». (P. 499).

1097. «.....in uilla quos uocitant alarizi subtus mons aradros discurrente riuulo tamice.....» (P. 512).

1097. «.....in uilla losii.....et habet iacentia subtus mons lebor discurrente ribulo tamice territorio anega». (P. 514).

1098. «.....baseliga fundata est in ripa durio subtus mons aratris inter durio et tamize territorio portugalenses». (P. 527).

1099. «.....altari.....sancti iohannis babtiste in loco predicto in litore fluminis durio erga montem aratrum.....» (P. 539).

1099. «.....in uilla uimeneiro riba flumen durio subtus mons eiras terredorio portugalense». (P. 540).

1099. «.....Monasterio sancti Iohannis babtiste cuius ecclesia scita est secus flumen Durii territorio et diocense Portucalensis ecclesie erga Castrum de aratro.....» (P. 543).

1100. «.....in uilla quos uocitant cabanellas subtus mons aratro discurrente ribulo durio territorio portugalensis.....» (P. 545).

1100. «..... cenobii sancti iohannis babtiste quod est situm secus flumen durii subtus monte de aratro.....». (P. 554).

1100. «.....in uilla seti subtus mons aratrum discurrente ribulo durio de alia parte tamice territorio portugalense». (P. 558).

3. Extractos das «Memorias Parochiaes de 1758»

a) S. João Baptista de Alpendorada

«A igreja desta freguezia he a do Mosteyro o qual nam tem vezinho algum imediato, esta este cituado nas raizes do Monte chamado vulgarmente de *Arados* cuja dominaçam e tradiçam antiga mostra ser habitaçam dos Arabios de cuia çidade ainda no mais alto do Monte

se encontram abundantes vestigios, em cujo cume altissimo, se acha a parede de huma capela que dizem e lembra aos moradores desta terra ter por patrono a *Santo Thiago* e no primeiro de Mayo acudiam a ella com voto varias freguezias, e antigamente se fazia no mesmo citio huma feira e do mesmo citio se discobrem para algũas partes a distancia de dez ou quinze legoas. A igreja foi alenantada de nouo auerá trinta annos a muderna terá de largo corenta palmos e sento e sincoenta de comprimento. (Fl. 339).

Poderá o Dom Abbade do Mosteiro escolher qualquer escriuam para os seos prazos e papeis e seram obrigados a vir a audiencias e suspensam pelo Dom Abbade ficaram tambem suspensos no Concelho e outros muntos mais privilegios e izençõis que constão do famozo Cartorio foram concedidas ao Mosteiro cuja fundaçam se atribue ao Seruo de Deos *Velino,* Presbitero de Sauina — na era de 1065, e foi edeficado por reuelação Divina que com eloquente ainda que muda retorica de luzes Milagrosas o persuadio e lhe inspirou tais alentos sem temor das feras que habitauam o Monte penetrou o mais intrior do cittio naqueles tempos formidavel e descobrindo felismente o tezouro de reliquias ueyo a preceuer com jubilos o misterio de tam rara mirauilha que ueremçe no bosque horrendo brilhantes fonomenos.....

Elegeram padroeiro ao Munto Ilustre Munio ou Muninho Viegas neto do fundador do Convento de Uila Boa do Bispo, sobrinho dos de Trauanca e Arnoya, tio do famozo Egas Moniz que honra o Mosteiro de Passos de Souza da Ordem Benedictina» [1].

b) S. Martinho de Ariz

«He este monte de Santiago de Arados, aquelle cllevado de terra, que fica servindo de rebuço a esta Igreja de Sam Martinho de Ariz, com distancia de meyo quarto de Legoa, confinando com ella, pella parte do Sul; da mesma Igreja se vai subindo pouco a pouco, com augmento não dezabrido, sem que de repente se termine a eminencia de sua altura; rellatando nesta instancia ser este monte e outros pequenos de inconsideravel nome serem pouco abundantes de cassa e desta são — coelhos, Lebres, Perdizes e outras aues que por muito ordinarias não refiro; tornando porem a nosso ponto digo foi —

Este aquelle monte que servio de Capa, lá no principio da Liber-

[1] Memoria do Vigario de Pendorada, Fr. João de Nossa Senhora do Pilar. *Diccionario Geographico,* t. XXVIII, fl. 741.

dade, aos Barbaros mouros que nelle se esconderão, quando perceguidos do valerozo Moninho Viegas, nas batalhas que lhe deo em Villa boa do Bispo: nelle repousados (por tempo de hum mês) forão valerosamente pelo mesmo Capitão acometidos; com tal ventura deste e pricipicipio (*sic*) daquelles, que logo se derão por obrigados a largar com o monte, a mesma vida.

Neste monte se conservavão ainda alguns monumentos que por razão dos tempos, e outros mais principios, se achão prostradamente demolidos. No qual tambem se erigio hũa Ermida de Santiago (talvês em louvor de graças assim como lá em Villa Boa o Cappitão Moninho Viegas) a qual ja hoje não tem mais que o ser cadaver nesta terra demolida; conservandosse a sua Imagem na Igreja do Salvador de Magrellos. Deste se divizão varias freguezias do Bispado de Lamego, como tambem do nosso bispado. Com a mesma, em distancia de meya legoa se percebem os despenhados rumores do rio Tamega, que tendo o seo nascimento lá no Reino da Galiza, entra por Chaves, em Portugal, em arrebatados passos, thé chegar a dar o ser, com o rio Douro a Entreambos os rios donde hermanados partem dar os ultimos alentos, nos braços do mar Oceano, o que mais larga e distintamente poderão dizer os R.dos Parochos daquellas parochiaes vizinhanças»[1].

c) Santa Maria da Eja

«Está esta freguezia em a Provincia interenence de entre Douro e Minho, deleitoza e verde, Bispado do Porto, Comarca e termo do Porto, freguezia de Santa Maria da Eja.

Tem secenta e seis vezinhos, tem pessoas de hum e outro sexo duzentas e trinta e oito. Está cituada em sitio alto saudavel e aprazivel delle se não descobre povoação algũa só algũas freguezias Aldeanas se avistam desta. Está esta Parrochia dentro da mesma freguezia tem sinco lugares a saber: o lugar de Eja onde a Parrochia está cituada — o lugar da Bol de Baixo — o lugar da Bol de Sima — o lugar de Ameyxedo — o lugar de Cazalperro.

O seu Orago he Nossa Senhora da Asumpção..... etc.

O Parrocho he Reitor da aprezentação do Reuerendo Cabbido da Santa Sé Cathedral do Porto podece renunciar dandolhe de congrua trinta mil reis e por elle mandar lavar a roupa da fabrica dois mil

[1] Memoria do Abbade de Ariz, Francisco Antonio de Almeida, *Diccionario Geographico*, t. IV, fl. 504.

reis e terra pera orta que tambem nella semea milho e colhe vinho que com todos os proes e percalsos poderá fazer *ad plurimum* seteta mil reis e para o Reverendo Cabbido anda a Renda, a dizimaria e sentto e trinta mil reis e o mesmo Reverendo Cabbido he obrigado a fabriqua da Capella mor e samchrestia e Rezidencia.

A (*ermida*) da glorioza Santa Luzia Virgem Martir tem sua romagem a primeira oitava da Pascoa e nese dia comcorre muita gente que não tem numero e por esta Santa obra Deos muitos milagres, a do gloriozo Santo Amaro Abbade tem sua romagem a quinze de Janeiro e por este Santo obra Deos tãobem muitos milagres.

Os frutos que os moradores desta freguezia recolhem he milham, senteyo, vinho, azeite, castanha e fruta, mas de tudo que não chega para o sustento dos moradores della, que para averem de pasar esta mizerauel uida os transportam de outras.

Estam sujeitos as Justisas da Cidade do Porto Capital do Bispado como tambem ao Corregedor da Comarca estando com correisam aberta na uilla de Arrifana de Souza, e tambem neste Concelho ha hum ouvidor que serue anualmente e não Julga senam até hum Cruzado eleito pello senado da Camera do Porto cabeça desta comarca.

Nam tem Correyo mas sim se serue do Correyo da uilla de Arrifana de Souza que desta freguezia lá dista duas legoas e chega o Correyo a dita uilla a quinta feira. Dista esta freguezia a Cidade do Porto Capital do Bispado seis legoas e a Cidade de Lisboa Capital do reino e amporio do Mundo sincoenta e coatro Legoas.

Ha nesta freguezia entre o lugar de Ameyxedo e Cazalperro. Nascem posto que não copiozas arojos de agoa sulfuria medecinal a varias infirmidades. Chamace o monte em que confina esta freguezia o Mozinho.

Principia este monte na freguezia de Aguiar de Souza e acaba no principio de Pasos de Souza ambos deste Bispado e Provincia poderá ter de comprido duas legoas de hũa a outra e de largo meya pouco mais ou menos hũa e outra couza.

O fruto que produs este monte mais principal he carqueja e tojo. Não he pouoada.

He esta serra de temperamento frio.

Neste monte pastam bois, vacas, Bestas, ouelhas, cabras, coelhos, perdizes, Lebres, Aguias ribeiras, por acazo algũa rial, Lobos, rapozas, toirons, Martas, fuinhas, por acazo algum jabali.

Nesta freguezia não nasce rio algum nem por ella pasa só sim na repartisão della pasa hũ ribeiro que me dizem lhe chamam Pego Negro nem eu lhe soube outro nome dês que estou nesta freguezia o

qual ribeiro me dizem principia no lugar donde chamam a Salgaam [1] e me dizem he freguezia da Cabeça Santa do mesmo Bispado e provincia e que ahi nasce no tal lugar.

Este ribeiro não cria mais de peixes do que escalos e algumas inguias e nam em muita abundancia.

Este ribeiro morre no arebatado rio Tamaga no citio onde chamam Penços, lugar em que nelle entra. Este ribeiro tem muinhos de muer pam, negreiros e alveiros; mas não nos verans (*verões*) cecos por faltar a agoa» [2].

d) S. Salvador de Magrellos

«Tem esta freguezia hũa serra a que chamão Monte de Arados, terra inculta, tem muytos penedos grandes, matos com abundancia; ainda que dizem em algum tempo se cultivava parte deste monte, pellas costas e fraldas delle de milho alvo, e senteyo; he abundante de pastos, ahonde pastão gados vacuns, bestas, cabras, e ovelhas:— he abundante de caça, como vem a saber, perdizes, coelhos e lebres.— He este monte devasso, e de pasto comum, ainda que a propriedade he dos Lauradores circumvezinhos por terem nelle suas sortes demarcadas. Pertense deste monte a esta minha freguezia pello nascente, e a outra ametade pellos mais ventos thé o norte, pertense aos Lauradores de Sam João da Pendorada, aos da freguezia de Sam Miguel de Mattos, de sam Payo de Favoens, e os de Sam Martinho de Ariz.

Tem este monte de comprido de Norte a Sul hum quarto de legoa, e em redondo meya Legoa principia na freguezia de Ariz, e acaba no de Sam João da Pendorada.

Não tem este monte braços alguns, por estar cercado das freguezias numeradas.....

Deste monte não nacem Rios alguns, só sim alguas fontanheyras de que se utilizão os Lauradores para cultura de suas faldas.

Neste monte não ha villas alguas, só sim, nas faldas do ditto monte ha alguns Lugares das freguezias nomeadas no interregatorio primeiro; a saber do nascente o lugar de Magrellos de Sima desta mesma freguezia, do Sul o lugar de Santa Chrestina, freguezia de Pendorada; do poente hum Lugar das Cazas Novas da ditta freguezia da Pendorada; e do Norte com o lugar de Requim e lugar da Samoça, que

---

[1] Em latim: Celgana.

[2] Memoria do Reitor Jeronimo Caetano de Affonseca Carneiro, *Diccionario Geographico*, t. XIV, fl. 19.

são da freguezia de Sam Payo e Ariz. No alto deste monte está hũa Planicie que terá de Largo do Norte ao sul sincoenta passos, e do nascente ao poente dezoyto: desta planicie se descobre para todas as quatro partes do mundo muytas terras com distancia que se não pode bem ajuizar. No alto cacumem deste monte ha tradição muyto antiga, que naquelle tempo habitavão os Mouros, e daquella planicie fazião fortaléza, e ainda hoje se devizão huns vestigios pello poente dos muros da sua fortaleza. No mais alto deste monte, se edificou hũa capella pellos moradores desta freguezia, e nella colocarão ao gloriozo Sam Tiago mayor, e na mesma se venerou muytos annos; não somente pellos vezinhos desta freguezia de Magrellos, mas sim tambem pellos das freguezias adjacentes como herão Sam Martinho de Ariz, Villa Boa do Bispo, Sam Payo de Favoero, e Sam Joam da Pendorada, com votto muyto antigo, adonde no primeyro dia das Ladainhas de Mayo, se ajuntavão todos os parochos destas com seus freguezes, com suas cruzes todos juntos, com muyto mais povo devoto, se ordenava hũa procição, e se cantava hũa Ladainha dos Santos fereal, dando tres voltas ao redor da Capella; feita esta acção de grassas, se cantava na mesma Capella hũa missa, por hum dos Parochos mencionados por giro, principiando primeyro pello Parocho desta freguezia. Ha treze para catorze annos, se aroinou esta Capella, e pella sua roina se foy com solenidade buscar o santo apostollo, e se colocou nesta Igreja no altar mayor como se dice no enterrogatorio setimo etc»[1].

e) Santa Clara do Torrão

«Esta freguezia como se dice he couto que comprehende o Lugar do do Torram, Termo do concelho de Bomuiuer, o Lugar de Bouro, termo do concelho de Payua e Bispado de Lamego a Rua de Entre Ambos os Rios concelho de Penafiel o Lugar de Iugueiros e outras aldeyas deminutas que todas tem os vezinhos sobreditos»[2].

f) S. Martinho da Varzea-do-Douro

«No citio chamado do Castello, no meyo da freguezia, entre o Rio Paiua no rio Douro e neste sitio está hum outeiro Redondo de ponta

---

[1] Memoria do abbade de Magrellos, Francisco de Sousa Manuel, *Diccionario Geographico*, t. XXII, fl. 210.

[2] Memoria do Cura João Teixeira Nunes, *Diccionario Geographico*, t. XXXVI, fl. 607.

aguda o coal hé hum penedo cujo outeiro cerca o Rio Douro, e o Rio Paiua juntamente, principalmente de imberno, nunca chegou este outeiro a ser cuberto dos Rios, em inchente alguma delles; no dito outeiro esteve algum dia huma Capella de S. Pedro e inda hoje ha bestigios della, nelle se acham alguns bestigios de abitasois antigas. Este outeiro fica situado entre os dois rios a parte do sul e no comselho de S. Fins comarca de Lamego e antre os dois Rios á parte do nacente estam algumas terras que sam desta freguezia de Sam Martinho de Varzia do Douro e do Bispado do Porto: e emquanto háo sicular goberna nellas a justiça do conselho de S. Fins: de sorte que fica esta freguezia situada em tres comselhos. A igreja e o corpo da freguezia no Comçelho de Bembiuer, comarca do Porto; hum braso no comcelho de Paiua; otro no de Sanfins, comarca de Lamego, mas toda do Bispado do Porto. (Fl. 593).

O Lugar de Bitetos asima Referido aomde, está a capella de S. Bernardo, he um dos milhores portos que tem o rio Douro nelle ha varios barcos que todas as somanas bam ha sidade do Porto lebar fazendas de vinhos, Azeite, Lenhas, fructas e de todo o genero de fazendas que as terras dam de si. A esta Ribeira bem embarcar pesoas de varios comçelhos; e o sam de Bemviber, Tohias, Canabezes, e Marco, Villa de S. Gonçalo dAmarante que dista coatro Legoas e suas vezinhanças lebando e trazendo todo o genero de fazendas para a combibencia destes Pobos e comersios de varias pesoas de negosio que tem nas ditas terras, nos barcos desta Ribeira se conduzem as maiores fazendas para a feira de S. Miguel que se faz no couto de Escamarão nas margens (do) dito Rio, e do Rio Paiua, e para a feira do etc.; e todas as fazendas que bem da sidade do Porto e bam para a dita sidade da referida Igreja embarcam nos ditos Barcos de Vitetos desta minha freguezia de S. Martinho de Varzia do Douro.

Nos pasais desta Igreja se descobre vestigios de lascas de pedras miudas bem labradas, e tem aparesido varias colunas de pedra fina bem labrada com seus capiteis com diferentes labouros, bastantes pias que mostram serbirem de Pilois e mos piquenas, muito tijollo, e algumas tijellas, pratos e algumas panellas tudo de barro bermelho»[1].

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] Memoria do abbade de S. Martinho da Varzea-do-Douro, Antonio Correa Pega Borges, *Diccionario Geographico*, t. xxxix, fl. 596.

Protecção dada pelos Govêrnos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

11. Antiguidades do Malhorca

Em 1895–1896 encontraram-se importantes antiguidades no campo de Son Corró, em Corting, na ilha de Malhorca,—umas da epocha romana, outras da preromana: são cabeças de animaes, feitas de bronze, «œuvres absolument uniques», muitos vasos de argilla, lampadas romanas, etc.; ao todo setenta e cinco objectos.

Pouco tempo depois do descobrimento, o Museu Nacional de Madrid adquiriu este objectos, por intervenção do Presidente de Conselho de Ministros de Hespanha, o Sr. D. Antonio Cánovas.

(Vid. *Revue des Universités du Midi*, III, 110–112, artigo do Sr. D. J. Ramón Mélida).

12. Museu Archeologico Nacional de Madrid

Este Museu, que começou modestamente em 1867, augmentou a ponto de em 1895 ser preciso destinar-lhe 28 salas no Palacio das Bibliothecas e Museus de Madrid. Tanto os archeologos como os governos do vizinho reino se tem esmerado em dotar o seu país com um estabelecimento tão importante como este.

O Museu divide-se em quatro grandes secções: 1) prehistoria e antiguidade (egypcia, oriental, iberica, grega, e romana); 2) idade-média e tempos modernos; 3) numismatica e dactylographia; 4) ethnographia,—e a bibliotheca especial do Museu.

(Vid. *Revue des Universités du Midi*, III, 114–115).

13. Ruinas de Italica (arredores de Sevilha)

«On y est reçu aujourd'hui par deux gardes que la Commission des Monuments y a installés et qui ont à leur charge la conservation des ruines». G. Bonsor, in *Revue Archéologique*, 1898, p. 6.

*

Ao passo que isto succede em Sevilha, succede em Portugal o seguinte, para não citar por agora senão tres exemplos:

1) Ao pé de Faro, em Milreu, ha umas thermas romanas, que ainda ha pouco eram notabilissimas por causa dos mosaicos que as revestiam, mas que dia a dia estão sendo devastadas por quanta gente lá vae. Quasi póde dizer-se que ninguem visita o Algarve que não traga de Milreu um pedaço de mosaico arrancado das thermas! O guarda que lá está, e os seus antecessores, mereciam ser processados, tantos são os estragos que tem causado á sciencia archeologica! As auctoridades respectivas nunca se importaram, que eu saiba, de salvar e adquirir estas ruinas. Se tivessem sido aproveitadas, não só seriam bello monumento, que se visitaria com summo agrado e proveito, mas constituiriam documento de amor da civilização; assim servem apenas de nos envergonharem!

2) De fronte de Setubal estão meias soterradas num areial as ruinas de uma povoação, ainda com paredes de casas em pé, restos de thermas, piscinas, e uma quantidade inaudita de objectos meudos, que o rio Sado, como bom e diligente explorador, se vae encarregando de pôr a descoberto (cf. *O Arch. Port.*, III, 156, etc.). Apesar de várias tentativas avulsas que se tem feito para se explorarem convenientemente taes ruinas, nunca se tomou a peito fazer por uma vez esta obra meritoria, scientifica e patriotica!

3) Ao pé de Villa-Real de Tras-os-Montes, em Panoias, ha uma importante estação romana. Por mais de uma vez, n-*O Arch. Port.*, I, 271, e III, 58 e 177, tenho levado o assumpto ás estações competentes, e mostrado a necessidade de as resguardar e conservar. Ninguem me ouve. E comtudo o camartello do aldeão analphabeto continúa no seu trabalho de destruir successivamente o que ainda resta dos preciosos monumentos!

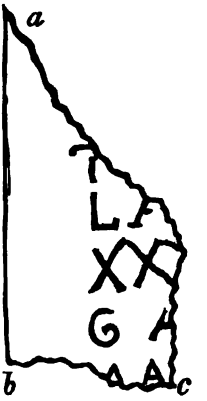
J. L. de V.

Estudos sobre Troia de Setubal

7. Fragmentos de inscripções romanas

Em poder do meu amigo o Sr. Márques da Costa, illustrado capitão de caçadores 1, de Setubal, vi dois fragmentos de inscripções romanas achados por elle em 1897 nos areaes de Troia, os quaes passo a descrever:

1.º fragmento (inscripção funeraria):



V. 1. T.....

V. 2. LA..... Deve ser terminação de um nome, talvez feminino.

V. 3. XXX; ou XXX e tantos (annos).

V. 4. GA*lla?*

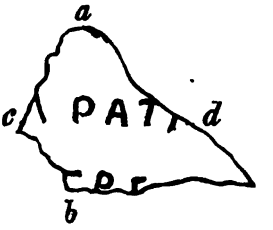
V. 5. MA*ter?* O M cabia perfeitamente. Talvez *mater,* e não *matri,* pois a pessoa fallecida tinha só 30 ou 30 e tantos annos.

Noutra inscripção (vid. *O Arch. Port.,* I, 56–58) lê-se tambem *Galla;* mas isto não é razão para que aqui se leia o mesmo nome.

Numa placa de marmore branco: *a–b* = 0^{m},15; *b–c* = 0^{m},095; espessura da placa = 0^{m},013; altura das lettras 0^{m},015.

Parece que se trata de uma mãe que consagrou á memoria de seu filho ou filha de 30, ou 30 e tantos, annos uma estela funeraria.

2.º fragmento:



V. 1. .....\ PATR*i.*

V. 2. ?

Numa placa de marmore negro: *a–b* = 0^{m},084; *c–d* = 0^{m},085; espessura da placa = 0^{m},017; altura das lettras = 0^{m},02.

Talvez tambem seja inscripção funeraria.

J. L. de V.

Um problema numismatico

Na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal,* do Sr. Dr. A. C. Teixeira de Aragão, está estampada de pp. 420–426 do tomo II a *Estatistica das moedas de ouro, prata, cobre e bronze para o continente do reino, ilhas dos Açores e Madeira,* no periodo que vae de 1752 a 1876.

Este valiosissimo documento para a historia da moeda em Portugal, datado de 1 de Julho de 1873, talvez por êrro typographico, visto apresentar dados que abrangem até ao anno de 1876, é assignado pelo, então, director da Casa da Moeda de Lisboa, Sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa.

É pois um documento official, e como tal deve merecer toda a confiança, devendo acceitar-se como verdadeiro que nos annos indicados na *Estatistica,* e *só nesses,* (*Descripção geral e historica das moedas, etc.,* p. 436) se tivesse cunhado moeda na officina monetaria de Lisboa, e nas quantidades e especies lá indicadas. A ser assim ha, porém, um ponto obscuro que conviria esclarecer.

A *Estatistica* diz que nos annos de 1754 a 1768, ambos inclusivè, senão cunhou moeda de prata na officina de Lisboa, tendo recomeçado a cunhagem, interrompida em 1753, só em 1769; no emtanto eu possuo as moedas de prata que constam do seguinte quadro:

Valor	Data	
480	1762	2 typos differentes; um com JOSEPHUS e outro com IOSEPHUS.
»	1763	2 cunhos variados com pequenas differenças.
»	1766	2 idem, idem.
»	1768	4 idem, idem.
240	1762	3 idem, idem, havendo dois typos: um com JOSEPHUS e outro com IOSEPHUS.
»	1766	2 cunhos variados com pequenas differenças.
»	1767	4 idem, idem.
»	1768	1 idem, idem.

Não sendo, como não são, falsas estas moedas, que aliás são vulgares, não sendo tambem ensaios monetarios, e sendo indiscutivel a verdade official dos dados da *Estatistica,* a existencia de taes *numismas* só se póde explicar por qualquer das tres hypotheses seguintes:

a) Terem sido cunhados em officina differente da de Lisboa. Mas como em Portugal não consta que naquella epocha existisse outra, só poderiam ter sido cunhadas no Brasil. Mas onde? Nenhuma das moedas tem marca monetaria, e nem Julius Meili, no seu excellente

livro *Das Brasilianische Geldwessen,* diz nada, que possa auctorizar tal opinião.

b) Terem as matrizes sido effectivamente feitas nos annos que as moedas indicam, mas não se ter procedido á cunhagem d'estas senão em 1769. Esta hypothese parece acceitavel, porque, tendo a cunhagem da prata, indicada na *Estatistica,* sido de 86:241$210 réis nos dois annos de 1752 e 1753, foi em 1769 de 694:468$870 réis, baixando em seguida em 1770 a 77:736$000 réis e em 1771 a 2:124$720 réis, sendo de notar que desde 1752 a 1808 em anno algum foi attingida aquella cifra de 694:468$870 réis.

c) Ter-se cunhado moeda de prata nos ou nalguns dos annos comprehendidos no periodo de 1754 a 1768, mas só se ter feito em 1769 a liquidação e escripturação do trabalho executado. Esta hypothese é tão acceitavel como a antecedente.

Qual das tres será porém a verdadeira?

Lisboa, Agosto de 1898.

Manoel F. de Vargas.

A lenda coimbrã da freira das mãos cortadas

Um epitaphio em versos leoninos

Em livro manuscripto, hoje existente na Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, Secção dos Conventos Supprimidos, e que noutros tempos pertenceu ao cartorio do mosteiro de Cellas, arrabaldes da mesma cidade, lê-se uma introducção historica, escripta no meado do sec. XVII por Fr. Bernardo da Assumpção, da qual transcrevo o trecho seguinte:

«No anno de mil trezentos, e trinta foy eleita (*abbadessa d'este mosteiro*) Dõna Maria Fernandez Religiosa de estremada virtude: no capitulo em huã pedra branca esta huã memoria sua ja taõ gastada, que se naõ pode ler cousa, que faça sentido, nem colligir o discurso de sua vida: Ha tradiçaõ que a esta senhora louvandolhe as mãos as cortara, e recolhendose á çella miraculosamente lhe foraõ restituidas: Caso taõ raro, que duuido eu succeder outro semelhãte: Naõ foraõ os annos de sua Prelazia muytos, por que ja no anno de mil trezentos, e quarenta se acha escritura em qu Donna Domingas Esteuez que lhe succedeo na Prelazia ouue sentenca contra El Rey de dous casaẽs na Lousaã: Tambem os annos desta Prelada foraõ breues, por quanto no

anno de mil trezentos, e quarenta, e tres se vem escrituras de Dõna Tareja Remondo, de gente Nobilissima daquelles tempos, e no anno seguinte fez troca, e escambo com El Rey Dom Dinis.....»[1].

Um seculo depois (1744) de isto haver sido escripto, foi publicado o tomo IV do *Agiologio lusitano,* e nelle, a p. 517, disse D. Antonio Caetano de Sousa, ao dia 11 de Agosto:

«No Mosteiro de Cellas de Coimbra se conserva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita Abbadessa deste Religioso Mosteiro, no anno de 1330, pessoa de abalizada virtude, em que o desprezo de si mesma, foy taõ abatido, que lhe parecia ser obrigada a se aniquilar ao mais profundo da humildade, naõ querendo houvesse cousa nella, que merecesse louvor. Consta por tradiçaõ daquella Casa, que por hum Prelado daquella Diocesi lhe louvar as mãos de bem feitas, as cortara logo, e recolhendo-se à cella afflicta lhe foraõ restituidas por intercessaõ de Nossa Senhora: mereceria a sua fervorosa devoçaõ à Virgem este singular favor, que o seu indiscreto zelo lhe fez obrar; porém como Deos vê os corações, e por elles costuma retribuir, sendo occulto aos perspicazes olhos dos criticos, as causas porque obra, sem que queira sirvaõ de exemplo semelhantes resoluções».

E a p. 518 do mesmo tomo, em *Commentario* ao referido dia 11 de Agosto, acrescenta:

«No Mosteiro de Cellas de Coimbra, se conserva huma antiga tradiçaõ do caso referido, que se continua com huma pintura, que no Claustro está, onde se vê pintado este successo, verdadeiramente estranho, mas naõ novo, acreditado de Authores de boa nota[2]..... .....Desta sorte, nada tem de impossivel o caso da Madre D. Maria Fernandes, Abbadessa de Cellas, cujas memorias chegaõ até o anno de 1340. No Capitulo daquella Casa se conserva em huma pedra hum Letreiro do seu tempo, mas taõ gasto, que já se naõ póde formar sentido do que contém. O referido tirámos das Memorias m.s. que deste Mosteiro se nos mandaraõ».

---

[1] *Cellas—Index da Fazenda* (n.º 44), fl. IV *v.*

[2] Seguem-se citações de alguns AA., que referem casos semelhantes. Nesta parte D. Antonio Caetano de Sousa quiz refutar, ao que parece, a opinião aventada por Fr. Bernardo da Assumpção no trecho inedito que acabo de publicar: *Caso taõ raro, que duvido eu succeder outro semelhãte.*

*

A lapide a que se referem estas notícias está hoje depositada no Museu de Antiguidades confiado á guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra. Parece realmente que nesta pedra ha referencia á lenda, consignada por varios AA., da freira das mãos cortadas.

Mede a referida lapide $0^m,62$ de altura $\times$ $0^m,51$ de largura. Ha nella, á esquerda do espectador, uma larga margem de alto a baixo, sem inscripção, onde se vêem dois ediculos pouco profundos, um sobre o outro. No superior destaca em baixo relevo uma freira de joelhos, mãos erguidas, nas quais lhe pega a Virgem, que tem o Menino ao collo; no inferior está esculpido da mesma fórma um bispo revestido *in pontificalibus*. O resto da pedra é occupado por extensa inscripção.

Toda a lapide foi dourada, e as lettras cheias de massa ou betume preto, de que ainda restam alguns vestigios insignificantes.

Um rapido exame revela-nos á primeira vista que esta lapide foi esculpida no sec. XIV. Tanto o caracter da esculptura, como a fórma das lettras não deixam dúvidas no nosso espirito.

Haverá nesta pedra referencia ao miraculoso e estupendo successo? Se porventura a houver, temos aqui um dos casos, aliás não muito raros, de uma lenda formada ainda em vida ou logo depois da morte da pessoa a quem se refere.

A esculptura marginal nada nos diz, posto que estejamos certos de que foi nella que se originou a lenda. A Virgem, pegando nas mãos da freira ajoelhada, tanto póde estar a unir-lh'as aos braços, donde houvessem sido decepadas, como a convidá-la a erguer-se ao ceu, para receber o premio das suas virtudes; o bispo, se póde representar o que lhe gabou as mãos, tambem póde significar o santo especial patrono da freira.

Resta-nos a inscripção: mas esta encontramo-la no meado do sec. XVII *ja taõ gastada, que se naõ pode ler cousa, que faça sentido.*

Em todo o caso bom é tentar decifrá-la.

*

O paciente e conscencioso archeologo Ayres de Campos, trabalhando sobre um calco tirado por outro notavel archeologo conimbricense, Pereira Coutinho, prior da Sé-Velha, conseguiu ler alguma cousa, interpretando comtudo mal várias passagens. Eis o que elle publicou:

«Sepulchral de outra religiosa, talvez abbadessa, do dicto mosteiro de Cellas de Coimbra... com tantas falhas e mutilações que só, e mal, podemos decifrar as seguintes palavras:

.....LAVDABILIS : ....NEDICTA :

VIRGINEIS : ...IME : HONORIS :

POS.....ANCILLA : DNI : VENERABILIS ILLA :

CET : SACR : SACROS · NVMOS : DONAVIT...

CLARVIT : HEC : VNA : QVASI SOL : ET : LVCIDA : LVNA :

VIRTVTV : DONIS : I : CLAVSTRO : RELIGIONIS

TOTV..... SACTORVM :

SIC : I : AVRORA : RVTILET : LVX · ORTA : DIEI :

SIC : SVPER : ASTRA : NITET : HEC : SAC : SPOSA : DIEI :

IAM : CAPIT : HOC : TVMVLV : CELESTIS : AMORIS :

....»[1]

Com paciencia e algum trabalho consegui ler a inscripção toda, sem vislumbre de dúvida na sua leitura. Está bastante gasta em partes, mas não tem mutilações; a unica falha que nella se encontra de um simples D na 4.ª linha facilmente se suppre.

É um elogio, em phrases largamente encomiasticas, feito á virtuosa abbadessa D. Maria Fernandez, terminando pela data da sua morte. Não exerceu o abbadessado até á era de 1340, como se tem supposto; falleceu a 27 de Novembro da era 1338 (A. D. 1300) segundo refere a inscripção. A respeito do córte e pegamento das mãos nada se diz, como era de esperar.

D'onde se vê que a lenda, que certamente nasceu da esculptura marginal d'esta lapide, e que se suppunha ser confirmada pela attestação do successo feita na inscripção coeva, que nella se divisa, tem em seu apoio unica e exclusivamente uma interpretação errada da referida esculptura.

---

[1] *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto*, Supplemento I, p. 30 e seg.

Eis a transcripção fidelissima do epitaphio que hoje sae a lume pela primeira vez:

Edículo com a Virgem, o Menino e a freira.	HIC : D'VOTA : DŌ : IACET : ABBATISA : SEPVLTA : QVĀ : SVA : COLLAVDAT : BŌITAS : ET : GRA : ML'TA : MORIB9 : EXIMIA : V̄GO : FVIT : ISTA : MARIA : F'NĀdI : DĀCA : LAVDABILIS : ET : BN̄EDICTA : V̄GINEIS : SOCIATA : CHORS : IĀ : CVLMĒ : HONORIS : POSIDET : ANCILLA : DN̄I : VENERABILIS : ILLA : INT' : SACR' : SACROS : NVM'OS : DN̄AR' : CLARVIT : HEC : VNA : Q̄SI : SOL : 7 : LVCIDA : LVNA : V̄TVTV̄ : DONIS : Ī : CLAVST : RELIGIONIS : TOTV̄ : SĀCA : CHOR : FACIT : ABBATISA : D'CORVM : SĪC : Ī : AVRORA : RVTILAT : LVX : ORTA : DIEI : SIC : SVP' : AST̄ : NITET : HEC : SAC : SPŌSA : DĪEI : IAM : CAPIT : HEC : CVMVLV̄ : CELESTIS : AMORIS : QVE : BN̄E : V̄GINEI : SERVAV̄ : CLAVST̄ : PVDORIS : HVI9 : XP̄E : P'CET : P' : N̄B : Q'SVM9 : AVDI : NOSQ' : TVE : SĒP' : FACIAT : ĪTĒD'E : LAVDI : ĀNOS : SI : IVNGAS : TER : DENIS : MILLE : T'CĒTIS : ADIV̄CTIS : OCTO : PATET : ERA : T̄ : MORIĒTIS : ĪSVP' : ACCĒDAS : Q°NIĀ : LVX : ANTE : KL'S : QVA : MORTĒ : SVBIIT : Q̄NTA : D'CĒBRIS : ERAT :
Edículo com o bispo.	

Que deve ler-se:

Hic deuota Domino iacet abbatissa sepulta,
Quam sua collaudat bonitas, et gratia multa.
Moribus eximía virgo fuit ista Maria
Fernandi dicta, laudabilis et benedicta.
Virgineis sociata choris, iam culmen honoris
Possidet ancilla Domini venerabilis illa.
Inter sacrarum sacros numeros Domnarum
Claruit haec una, quasi sol et lucida luna.

Virtutum donis, in claustro religionis,
Totum sancta chorum facit abbatissa decorum.
Sicut in aurora rutilat lux orta diei,
Sic super astra nitet haec sacra sponsa dĩei[1].
Iam capit haec cumulum coelestis amoris,
Quae bene virginei seruauit claustrum pudoris.
Huius, Christe, precet[2] *pro nobis quaesumus audi,*
Nosque tuae semper faciat intendere laudi.
Annos si iungas ter denis mille trecentis
Adiunctis octo, patet era tibi morientis;
Insuper accendas[3] *quoniam lux ante kalendas,*
Qua mortem subiit, quinta decembris erat.

Antonio de Vasconcellos.

O castello de S. Miguel-o-Anjo

Mais alguns achados

Em uma nota do artigo que, sobre o castello de S. Miguel-o-Anjo, de Azere (Arcos-de-Valdevez), foi publicado n-O *Archeologo Português*, I, 161, referia eu a circumstancia de existirem ainda no alto d'esse castro as ruinas de uma capella, que fôra da invocação de S. Miguel.

A minha curiosidade, em um caso d'estes, sentiu-se estimulada pela miragem de importantes achados que a capella de um castro e com aquelle appellido, poderia muito bem reservar ao meu enthusiasmo de incipiente pesquisador de antigualhas (Veja-se *Arch. Port.*, I, 43 e II, 137).

Mas por fim, se não foi absolutamente esteril o trabalho de remexer naquellas modestas ruinas, tambem é infelizmente certo que ellas não sepultavam o que eu sonhára por alli. Os que, ha dezenas de

---

[1] *Sic.* Deveria estar *Dei* (?).

[2] *Sic.* Creio que o esculptor, por erro, gravou P'ÇET em vez de P'CES (*preces*).

[3] *Sic.*

annos, desde a profanação da capella, liberrimamente saquearam as quatro pobres paredes, só delinquiram no pouco conceito em que tiveram algumas das pedras que, como todas as outras, apenas lhes serviriam afinal para os socalcos ensôssos dos seus campos. Se ainda a capella permanecesse em pé quando visitei o lugar, teria eu perpetrado de uma só vez a mesma demolição que os rudes lavradores; mas, com tal delicto, eu teria merecido um pouco mais á archeologia do que elles ao amparo e defesa das suas terras.

O que encontrei, que pouco é pois, vou dizê-lo rapidamente.

Em primeiro lugar, não pude, pelas pesquisas a que procedi, estabelecer relação alguma entre as ruinas sobreviventes da ermida christã e vestigios de algum anterior templo pagão, que coroasse o castro. Foi o principal desengano que soffri. Verificava-se apenas que, nos alicerces que ainda existiam das quatro paredes da capella, tinham entrado pedras pertencentes ás construcções castrejas. Para a criação ou reconstrucção da ermida christã haviam-se aproveitado, alem de alguns materiaes de origem diversa e extranha, outros que foram entre-colhidos alli mesmo nas habitações que enchiam o antigo castro. Eram identicos aos que ainda hoje d'ellas se retiram, na fórma, nas dimensões, no apparelho e no genero do granito.

O n.º 5, por exemplo, da gravura que acompanha este artigo, reconhece-se ter sido um juntoiro pertencente a alguma d'essas archaicas habitações; é inconfundivel pela perfeição das arestas e da esquadria[1].

Esses alicerces eram porém reconstrucção antiga dentro já da epoca christã, pois que por soleira da unica porta da ermida fui encontrar uma pedra que havia já servido de tranqueiro de anterior portada. Tinham-na voltado com a face para a terra; uma das arestas era oitavada. As ruinas já eram pois..... ruinas de ruinas[2].

---

[1] Como essas, appareceram algumas outras pedras, que provocavam aos jornaleiros esta exclamação: — *Que pedras tão lavradinhas!*

Realmente hoje não se dá apparelho a pedras de tão diminutas dimensões; o seu maior comprimento era de 0m,45. Na gravura não se vê bem nitidamente o n.º 5.

[2] Se houve ou não continuidade na successão dos cultos professados no alto do castro pela população autochtone e, havendo solução, qual o periodo que ella durou, são questões que me ficaram sem resposta no seio d'aquellas ruinas.

Na base do castro estendem-se umas magnificas terras aonde se formou uma parochia e erigiu a igreja de *Giella* (antig. *Guiella*). Num ponto d'essas terras ha um lugar denominado *Cêrca*, aonde apparecem vestigios identicos aos dos

Não encontrei nem me constou que tivesse alli sido encontrada inscripção alguma.

A pedra designada na gravura com o n.º 2 é, ao parecer, o fragmento do fuste de uma columna, de secção ellyptica. Foi encontrado no alicerce da capella e, embora não possa eu determinar a sua primitiva proveniencia, o que parece certo, á vista da natureza do seu granito e genero de lavor com que foi apparelhada, é que pertenceu a edificio coevo do castro.

Na espessura da parede appareciam tambem tijolos de rebordo em pedaços.

A ermida medía, pelos alicerces, 6,50 ×4,50. A porta olhava ao Poente.

*

Verificada a penuria archeologica dos restos da capellinha de S. Miguel, passei a sondar o monte em outros pontos. Muitos entulhos das primitivas habitações castrejas, mas raros vestigios de troços de paredes circulares. Tudo destruido.

Objectos dignos de menção os seguintes:

— Dois pequenos bronzes em pessimo estado, dos quaes um apenas poude ser reconhecido pelo meu amigo Leite de Vasconcellos como um antoniniano do seculo III[1];

---

castros romanizados, como tijolos, alguns objectos de pedra que foram instrumentos de trabalho, fustes de columnas, etc. Tanto a consagração de uma ermida ao culto christão no alto do monte póde ter sido facto casual muito posterior ao abandono do castro e descimento da população, como necessidade ou conveniencia da christianização de algum uso cultual arreigado nas tradições do povo.

É curioso que ainda até ha poucos annos a Camara Municipal dos Arcos ia annualmente em festiva cavalhada á igreja de *Azere*, aonde hoje se encontra a imagem que foi da capella do castro situado nos limites d'esta parochia.

Á posteridade quero deixar aqui uma generosa prevenção. Ha nas proximidades da villa um alto (415 metros) a que chamam o *Castello de Rio Frio*, aonde foi outr'ora um castro. Alguns bons rapazes lembraram-se este verão (1898) de erguer lá uma ermida, para attrahir forasteiros, e dar-lhe a invocação de *Senhora do Castello*. O estio tem corrido sêcco para mal da agricultura; pois a *Senhora* já deu chuva quando lhe fizeram a primeira procissão. Está consagrada!

Vão lá agora os vindouros archeologos entroncar o culto da *Senhora do Castello* na longinqua raiz pre-romana do pristino culto.....

[1] Nas primeiras explorações d'este castro, as moedas encontradas pertenciam a imperadores do seculo I (Veja-se *Arch. Port.*, I, 169).

— Dois pedaços informes de bronze, muito oxidado e alterado, que parecem ser escorias de fundição ou talvez resto de objectos destruidos nalgum incendio[1];

— Um fragmento duvidoso de *clavus*, de ferro;

— Um pedaço de tijolo com a estampa das patas de um quadrupede, talvez da especie suina;

— O curioso bordo de um vaso de folha, talvez de cobre. Esse bordo era encanudado, isto é, a sua aresta desenvolvia-se numa linha sinuosa, em ∞ ∞ ∞ contiguos e deitados ao redor do vaso;

— A pedra n.º 3 da gravura, nas ruinas de uma habitação circular. É uma pequena pedra tosca, de mais de palmo, com uma face mal apparelhada e sensivelmente plana, tendo ao centro uma fossasinha ou pequena excavação. Na Citania ou em Sabroso appareceram d'estas pedras, collocadas ao centro das casotas redondas. Pareciam ter servido nas habitações de *sapata* a algum poste central (Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistorisques*, p. 275);

— O n.º 7 da gravura é uma pedra cujo destino não posso conjecturar. É um fragmento como que de pequena mó[2]; nunca porem o devera ter sido, porque a pedra é muito molle, desaggregavel e grosseira. A face visivel na gravura é concava no sentido de vertice inferior á esquerda, não lisa mas cortada de grosseiros sulcos, mal definidos, convergindo com pouca regularidade.

---

[1] Em determinadas circumstancias, achados d'esta ordem podem ser indicios de usos funerarios; nada porem, nas pesquisas que fiz, me auctorizaria tal interpretação por absoluta carencia de outros elementos concomitantes e necessarios. (Veja-se *Arch. Port.*, I, 328).

[2] Não desejo perder a occasião de me referir a uma verdadeira peça de mó que encontrei noutro castro do meu concelho, chamado o *Alto do Modorrão*. A figura aqui junta dá o córte d'essa *mola* pelo eixo do cylindro. É como se vê,

de faces symetricas, o que parece indicar aproveitamento alternativo das duas. Em cada vertice tem uma fossazinha indicada por pontos no desenho.

Seria assim na sua fórma primitiva o objecto ou teria sido posteriormente damnificado? Terá tido o mesmo uso das pedras que em seguida descrevo?[1]

—As pedras n.os 1, 4 e 6, igualmente provenientes de entulhos superficiaes, as quaes parecem ter servido, á falta de melhor explicação, de polidores ou moedores fixos[2]. O n.º 1 é evidentemente um grande e duro seixo rolado, cuja fórma e dureza se aproveitaram. Na face usada, estão essas pedras mais ou menos puídas e concavas,

Fig. 1

denotando o attento exame d'essa superficie terem ellas servido para desbaste de outro objecto num movimento continuado, de repetido vaivem. Os vestigios d'essa acção tem analogia com os que deixou na superficie das mós o movimento rotatorio de uma peça sobre a outra.

Para que serviriam afinal estas pedras? No jornal que se publicou no Porto, denominado *Renascença* (1879), escreveu o Sr. Martins Sarmento um *Estudo acerca das excavações de Sabroso,* no qual, em nota (p. 120, nota 3) o eminente archeologo se refere a umas pedras encontradas em Sabroso, que parecem ser analogas a estas de Azere.

Que de encontro á superficie concava d'estas pedras era comprimido, em constante movimento de vaivem, outro corpo duro, talvez

---

[1] Do dolmen ou orca dos Amiaes (*Arch. Port.*, III, 111, n.º 77) recolheu o Sr. Leite de Vasconcellos uma pedra semelhante á de Azere e da mesma natureza desaggregavel, pois que a vi no Museu Ethnologico. Na orca dos Juncaes (*ibid.*, p. 110) outra da mesma natureza, fórma e dimensões.

[2] Devo observar que no castro da Azere nunca encontrei camadas de entulhos que pudessem ter interpretação chronologica como em Sabroso (Veja-se o jornal *Renascença*, Porto, 1879, p. 120; artigo do Sr. Martins Sarmento).

pedra, e porventura bronze[1], parece evidenciar-se dos vestigios que esse trabalho deixou na superficie do granito[2]. Se entre esses dois corpos duros era ou não trabalhado qualquer producto agricola, como grãos, é ó que não ouso asseverar, mas não rejeito em absoluto.

— O n.º 8 da gravura é um fragmento de pedra analoga ás descriptas antecedentemente, mas de superficie convexa e não concava. É este fragmento que me faz suppôr que estas pedras serviriam tambem para triturar um producto qualquer. Quem sabe mesmo se alguma materia córante?[3]

— Varios fragmentos de seixos rolados tendo tido um uso indeterminavel[4].

— Alem d'estas pedras, recolhi tambem um caco, em que a ornamentação me parece ter notavel feição primitiva.

---

[1] Não poderiam ser verdadeiras pedras de *amolar?* Ou o fio dos grossos instrumentos de bronze só seria obtido pela martelagem?

[2] No Museu Ethnologico Português, percorrendo-se os achados trazidos pelo Sr. Leite de Vasconcellos das suas explorações na Beira em 1896, encontram-se pedras analogas achadas em orcas beiroas e a que o redactor d'esta revista consigna identico uso. São as referidas no *Arch. Port.*, III, pp. 109, 110, 111 e 125 com os n.os 68, 70, 73, 74, 75 e 77.

Do *Castello de Pragança* (castro pre-romano) vieram para o mesmo Museu pedras iguaes.

[3] A proposito d'estes polidores (reputados taes até mais seguro esclarecimento do problema) occorre-me lembrar que, nas primeiras explorações que fiz neste mesmo castro, vieram-me umas pequenas pedras polidas de *gneiss*, de que dei o desenho de um fragmento em o n.º 7 da fig. 3 a p. 173 do *Arch. Port.*, I, e que me pareceram polidores ou afiadores, especialmente destinados a pequenos objectos de metal. Ainda então um homem meu conhecido me contou que assentava numa d'essas pedras, encontradas num castro, a sua navalha de barba.

[4] Nunca julguei estes seixos caracteristicos de nenhum periodo lithico. Mas é innegavel que a abundancia dos d'essa especie nos castros preromanos e romanizados denota principalmente a rusticidade e atraso dos seus povoadores. Creio estar, portanto, de accordo esta maneira de pensar aliás já expressa no *Arch. Port.*, I, pp. 172 e 175 com as judiciosas observações do consagrado archeologo, o Sr. Santos Rocha, no *Arch. Port.*, I, 264.

Em todo o caso, os objectos de pedra que Sabroso forneceu, tem, ao que parece, outro caracter. (Veja *Renascença*, 1879, p. 120).

Vem aqui a pêlo estas palavras de *Evans* em *Les âges de la pierre*, a p. 12: «il est probable que, dans les parties les plus pauvres et les plus inaccessibles du pays, on continua a se servir de la pierre pour bien des usages ordinaires, longtemps après que le bronze et peut-être même le fer étaient devenus usuels dans les districts les plus riches et les plus civilisés». Insiste *Evans* nas mesmas ideias desde p. 138, e mais particularmente a p. 146.

Propendo a crer que o vaso a que pertenceu o pequeno fragmento que possuo, foi feito á roda; pelo menos não vejo com sufficiente nitidez signaes que caracterizem um trabalho absolutamente primevo, sendo todavia de notar que, no resto do vaso que se perdeu, poderiam os vestigios do fabrico estar mais perceptiveis do que no caco que exhumei.

Em todo o caso o desenho tão caracteristico, feito com pequena espatula ou estylete, leva-me a julgar o vaso que ornamentava como

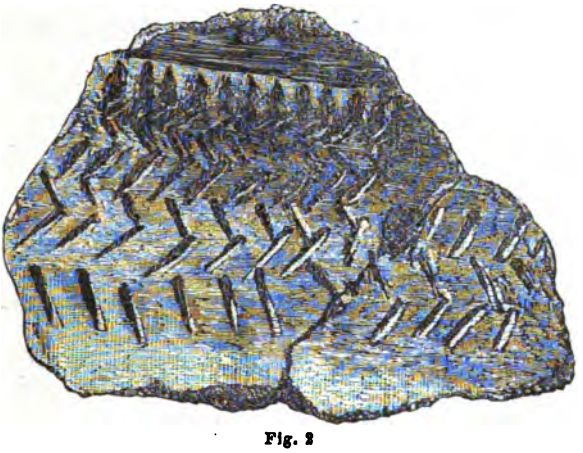


Fig. 2

producto da industria indigena pre-romana no seu caracter, embora co-romano na sua chronologia[1]. Representa-o na fig. 2.

Mais um objecto recolhido neste castro de que desejo dar notícia. É um grosso annel ou argola de bronze muito oxidada. É de circuito fechado, medindo pelo diametro exterior $0^m,036$. A sua grossura não é bem uniforme, medindo desde $0^m,003$ a $0^m,005$.

---

[1] Cito em meu abono a auctorizada opinião do benemerito archeologo, Santos Rocha; veja-se *Arch. Port.*, I, 263 e II, 68.

Nesta mesma publicação e volume a p. 214 vem desenhado um caco neolithico, cuja ornamentação é muito semelhante á do de Azere, embora d'este crasto eu possua varios exemplares em que interveiu a roda e em que a ornamentação tambem não dista muito d'aquella a que me refiro. Procurarei dar em gravura, com mais nitidez, os principaes desenhos da ceramica do castro de S. Miguel.

Aproveito a occasião para deixar aqui exarado o meu reconhecimento pelas generosas referencias que tão illustre archeologo como é o sr. Santos Rocha fez á minha modesta notícia sobre o referido castro, publicada no *Arch. Port.*, I, 161.

Ha no Museu Ethnologico argolas identicas provenientes de castros; Mertola tem lá um exemplar, e até o castello de Pragança deu uma d'essas pequenas argolas, que está no mesmo museu.

Para outro artigo deixo a descripção de uma *pia* aberta na rocha, dentro de limites d'este castro.

F. Alves Pereira.

Vestigios archeologicos dos arredores de Viseu

Junto á capella de S. Pedro da Esculca, nos suburbios da cidade de Viseu, encontrámos bastantes fragmentos de telhas de rebordo e tijolos, assim como um *pondus,* perfeitamente conservado, e com marca.

Estes vestigios apparecèm num pinhal e em um terreno cultivado junto d'este. Informaram-nos que quando preparavam o terreno tinham encontrado mais alguns *pondera,* pedras com lettras, e até uma pia de granito.

Nós vimos junto do pinhal algumas pedras com vestigios de trabalho, que tambem sairam de lá.

Dentro do recinto murado da Cava de Viriato deparou-se-nos um unico fragmento de telha de rebordo. Inscripções, informaram-nos que havia lá uma, mas, não obstante o havermo-la procurado, não a achámos.

Deram-nos noticia que ao nascente de Viseu, junto de Fragosella de Baixo, existiam num campo bastantes fragmentos de telhas e tijolos, e que lá tinha apparecido tambem uma inscripção. No local se costuma dizer o seguinte annexim, commum, *mutatis mutandis,* a outras terras da provincia da Beira:

Entre o Vérigo e o Rapadoiro,
Ha uma grade e um cambão de oiro.

É digno de nota a designação que o povo d'esta região dá aos machados neolithicos, que guarda como amuletos. Ao passo que em outros lugares se lhes chama *pedras de raio, coriscos, perigos,* etc., aqui taes instrumentos tem o nome de *pedras de peçonha,* e quando cae algum raio diz-se que *caiu uma peçonha.*

Viseu, Junho de 1898.

A. Mesquita de Figueiredo.

Bibliographia

Revista de Guimarães, xv–3, Julho de 1898.

Contém de interesse archeologico os seguintes artigos:

Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, por F. Martins Sarmento (notícias archeologicas á cêrca das freguesias de Gandarella, Nespereira, S. Martinho do Conde, Moreira de Conegos, Lordello, Gardizella e Gondar, e do Monte da Senhora ou da Santa); *Catalogo das moedas e medalhas portuguesas existentes na collecção da Sociedade Martins Sarmento,* por Oliveira Guimarães.

A p. 105 publíca o Sr. Martins Sarmento a estranha nota[1] que aqui transcrevo na integra:

«No *Archeologo portuguez,* ii, pag. 255, faz-me ..... o snr. José Leite de Vasconcellos a seguinte observação: «Escreve o snr. Sarmento a pag. 165, nota: «Segundo Strabon e outros o deus principal dos nossos antepassados era Marte». Como o snr. Sarmento tira d'esta affirmação uma deducção historica, notarei que, se tem em vista o que diz Estrabão no liv. II, iii, 7, este não diz que Marte era o principal Deus dos Lusitanos, mas o seguinte: (os Lusitanos) sacrificam a Ares (= Marte) um bode e os prisioneiros de guerra e cavallos (*cavallos* provavelmente tambem de guerra). D'entre os muitos deuses dos Lusitanos, Estrabão falla especialmente de um (que identificou com Ares), por ter colhido a respeito d'elle informações circumstanciadas».

No correr da sua observação e antes de chegar ao commentario do texto straboniano, ia imaginando que o snr. José Leite se dispunha a corrigir que, se eu «tive em vista aquelle texto», poderia affirmar apenas que o deus equiparado a Ares = Marte, era um dos principaes deuses dos nossos antepassados e não o principal, e dispunha-me tambem a replicar que o meu amavel censor estava a cantar fóra do côro[2], porque, se eu tivesse unicamente em vista o citado texto de

---

[1] Digo *estranha,* porque tenho sempre mantido com o Sr. Sarmento relações cordiaes, e em diversos livros meus e periodicos lhe tenho dado sobejas provas de consideração, embora isto não signifique que eu, quando a occasião se offerecer, deixe de lhe discutir, na maior independencia scientifica, as opiniões com que me não conforme.

[2] [Salvo seja!].

Strabon, não escreveria «segundo Strabon e outros»[1]. Lido o commentario, vi que estive a pique de tomar a serio uma facecia[2]. Opina o snr. José Leite que do texto de Strabon se póde sómente deduzir que o geographo indentificou com Ares = Marte o deus lusitano, por ter colhido a respeito d'elle informações circumstanciadas[3]; o facto de o identificar com um deus, que tinha no pantheon grêgo e no pantheon romano um logar preeminente, não nos auctorisa a inferir que occupa um logar identico no pantheon lusitano[4]. Não é evidente que o snr. José Leite está a brincar com Strabon[5]?»

*

Ora aqui tem os leitores como a uma crítica, baseada em factos, se póde responder com uma galhofa. Ou em assumptos ethnologicos o Sr. Francisco Martins fosse outro que não gostasse de fazer de vez em quando passar por infalliveis as suas theorias!

J. L. de V.

---

[1] [Mas, se o Sr. Sarmento escreve «Strabão e outros», está claro que assevera que Estrabão, pela sua parte, diz que o deus principal dos nossos antepassados era Marte. Comtudo Estrabão não diz tal cousa: diz o que no texto a cima se vê, e que d'elle transladei. Não fuja da questão o Sr. Sarmento! O illustre archeologo vimaranense affirma uma cousa, — isto é, que, segundo Estrabão. Marte era o principal deus dos nossos antepassados —; e Estrabão affirma outra muito diversa, — isto é, que Ares (= Marte) era um dos deuses dos Lusitanos. Entre ser um dos deuses, e ser o deus principal ha grande differença, e isto mesmo envolve diversidade de concepção religiosa. Já se vê pois quem é que *canta fóra do côro!*].

[2] [O Sr. Sarmento sabe perfeitamente que eu em assumptos scientificos não costumo jamais soccorrer-me de facecias. Para que vem, pois, desvirtuar a questão?].

[3] [Eu não emprégo o adverbio *sómente*, como se vê no trecho que o Sr. Sarmento transcreve d-*O Archeologo*. Não *cantemos fóra do côro!*...].

[4] [É manifesto o sophisma. O Sr. Sarmento reconhece que se equivocou, e por isso agora já não falla em *deus principal*, mas em deus que tem no pantheon *um lugar preeminente*. Se assim se tivesse expressado primeiro, talvez eu não lhe viesse á mão. Mas elle disse bem claro: «Segundo Strabão e outros, o deus principal dos nossos antepassados era Marte». Isto é inexacto, quanto a Estrabão. O geographo grego não diz tal cousa!].

[5] [Das notas precedentes resulta claramente quem é *que brinca*, e quem é *que canta fóra do côro*. O Sr. Sarmento, no calor do seu arrazoado, inverte os papeis!].

Dois machados de bronze

(Nota addenda ao artigo publicado n-*O Arch. Port.*, IV, 88)

Em Setembro do corrente anno (1898) foi-me offerecido outro machado de bronze do mesmo typo dos de Tavora. Provém do concelho de Ponte da Barca, ignorando eu ainda a natureza do sítio em que foi encontrado por um homem do Auditor.

Já não tem senão os resto das aselhas, que lhe foram quebradas, bem como parte do cabo ou punho. Tem pequenas differenças dos de Tavora; maior desenvolvimento das canelluras, cujo vão mede $0^m,025$, e as tres nervuras parallelas bem accentuadas de cada lado. No estado em que ficou, conta de comprimento $0^m,243$ e pesa 970 grammas. As faces do gume são asymetricas como nos de Tavora. Este tem $0^m,16$ de comprimento desde o resalto das canelluras até ao fio. Parece estar novo.

F. Alves Pereira.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

129. Adquiri por compra os seguintes objectos de ferro antigos:

a) uma esphera do mosteiro de Alcobaça;

b) uma mola de funda;

c) uma balança portuguesa, talvez do sec. XVIII;

d) cinco chaves de feitio especial;

e) oito espelhos de porta ou *escudetes* ornamentados, sendo tres providos de uma cruz, e um d'estes com uma inscripção religiosa, datada do anno de 1720;

f) duas tranquetas de porta;

g) uma fechadura de arca, com ferrolho;

h) quatro cadeados;

i) uma colleira de cão de gado;

j) uma fechadura de arca e sua chave.

130. O Sr. Manoel Vieira Natividade offereceu-me:

a) um amuleto de coral encastoado;

b) um collar de sabugueiro, que serve de amuleto.

131. Adquiri por compra:

a) um carimbo (de correio?) antigo com o nome de ALCOBAÇA;

b) outro com a marca de =30=;

c) outro com a marca de =40=;

d) dez pesos de tear cordiformes, um de pedra, muito ornamentado, um de gesso, e os outros de louça, sendo alguns modernos, e outros antigos.

e) uma travéssa da antiga fábrica de louça do Juncal;

f) um prato, da mesma fábrica;

g) quatro pratos pequenos, de louça, que parece serem da mesma fábrica;

h) um tinteiro do mesmo typo de louça indicado em *g;*

i) dois tinteiros de louça da antiga fábrica das Caldas da Rainha;

j) uma jarra da antiga fábrica do Juncal;

k) um bule da mesma fábrica;

l) uma *recartilha* de cortar massa;

m) tres piões de laranjeira (ethnographia moderna).

132. O Sr. **José Callado** offereceu-me para o Museu:

a) um *pondus* de barro romano achado na estação luso-romana do Lagar, ao pé do Juncal;

b) um *clavus* e uma folha de ferro de faca, da mesma procedencia;

c) um instrumento de pedra polido, de Ândão;

d) um *suspiro* para cheirar tabaco.

133. Adquiri para o Museu, por compra:

a) um machado de pedra, da Cumeira, ao pé de Aljubarrota;

b) dois ditos, da Corredoura, ao pé do Porto-de-Mós;

c) um dito de Porto-de-Mós.

134. Offereceram-me várias pessoas:

a) um machado de pedra polida, do campo das Abertas (Porto-de-Mós);

b) quatro, de Aljubarrota;

c) outro, da Corredoura (Porto-de-Mós).

135. O Sr. **José Seraphim Pereira dos Reis** offereceu-me cinco machados de pedra polida.

136. Adquiri, por compra, dois instrumentos de pedra polida, do Villar (concelho do Cadaval), tendo um fórma de sacho.

137. O Rev.^{do} **Manoel Rodrigues da Veiga**, prior do Villar (concelho do Cadaval), offereceu-me:

a) um machado de pedra polida;

b) uma antiga cabeceira de sepultura, de pedra, com esculpturas.

138. Adquiri, por compra, tres instrumentos de pedra polida, achados no concelho do Cadaval.

139. O Sr. **João Antonio da Silva** offereceu-me um instrumento de pedra polida.

140. O Sr. **Joaquim Caetano da Silva** offereceu-me dois instrumentos de pedra polida.

141. O Sr. **Chaves**, professor na Vermelha, offereceu-me dois instrumentos de pedra polida.

142. Adquiri, por compra, um pequeno cofre antigo de tartaruga, marchetado de prata.

143. O Sr. **Joaquim Camillo Pereira Soares**, do Bombarral, offereceu-me um instrumento de pedra polida.

*

Numa excursão que em 21 e 22 de Janeiro de 1898 fiz pelo Algarve obtive para o Museu os seguintes objectos:

144. Um instrumento neolithico, a parte metallica de um fuso romano, e um vaso de barro romano, — objectos achados no «castello» de Reguengos de Monsaraz. Offereceu-me estes objectos o Sr. Dr. **Pedro Manoel Nogueira.**

145. Uma *alcofinha,* um «*capacho* de abanar ao fogo», e uma colhér de madeira. Industria popular algarvia. Objectos obtidos por compra.

146. Um chuço de aço das ultimas guerras civis.

147. Dois anneis antigos, um de prata, outro de cobre (partido). Obtidos por compra.

*

148. O Sr. **Antonio Maria Garcia Junior** offereceu-me:

a) doze instrumentos neolithicos;

b) duas contas prehistoricas;

c) dezasete fragmentos ceramicos (alguns com ornamentação);

d) um percutor de pedra;

e) quatro fragmentos de instrumentos de cobre ou bronze;

f) uma pequenina taça ornamentada;

g) um *pondus* de barro romano, e um fragmento de barro romano com ornatos.

149. Adquiri por compra: sete instrumentos neolithicos.

150. O Sr. **José do Nascimento Pereira** offereceu-me um instrumento neolithico.

151. O Sr. **Julio Maximo Pereira** offereceu-me:

a) um antigo sêllo pendente (de chumbo);

b) uma *mola manuaria* romana (de pedra), achada na sua propriedade das Bojigas, arredores do Cadaval, a qual fica perto de locaes em que tenho encontrado outras antigualhas romanas.

152. O Sr. **Ignacio Verissimo de Azevedo** offereceu-me tres instrumentos neolithicos.

153. O Sr. Capitão **Honorato Alfredo Estrella** offereceu-me um instrumento neolithico.

154. O Sr. **Jaime Leite Pereira de Mello** offereceu-me cinco instrumentos neolithicos e tres *pondera* romanos de barro.

155. O Sr. **Francisco Guilherme de Castro** offereceu-me um espelho antigo de fechadura de porta.

156. O Sr. **Carvalhão Novaes**, professor do Lyceu Nacional de Leiria, offereceu-me quatro denarios da Republica Romana achados em Monsanto e arredores, concelho de Idanha-a-Nova (Beira-Baixa), e um dinheiro de D. Fernando.—Dos primeiros falla-se n-*O Archeologo Português*, IV, 79.

157. O Sr. **Luis Gaspar Portella** offereceu ao Museu varios *clavi* de ferro, um *pondus* de barro e uma *fibula* de cobre ou bronze,— tudo da epocha romana.

158. O Rev.do P.e **José Augusto Tavares** offereceu ao Museu varios fragmentos de figuras que representam porcos do typo dos berrões de pedra transmontanos.

159. O Sr. D. **José Ramon Mélida**, conservador do Museu Archeologico de Madrid, enviou-me reproducções de gesso dos fragmentos de duas placas prehistoricas ornamentadas com figuras humanas, provenientes da provincia de Cáceres, e analogas ás de que fallo nas *Religiões da Lusitania*, I, 164–165.

160. O Sr. **José Nascimento Coelho** offereceu-me um instrumento neolithico, encontrado perto de Torres-Vedras.

161. O Sr. **Sergio Gago** offereceu-me uma balança antiga.

J. L. de V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

210. Fão (Entre-Douro-e-Minho)

Dunas

«Os fructos da terra sam milho ..... tudo excellente em rezam da fertilidade da terra; mas muyto pouco porque a mayor parte do lemite se acha areado por estar vizinho ao Mar, que as lança fora em abundancia tanta que tem quazi sumergido a freguezia e como ella he porto do Mar e a mayor parte de seus moradores sam Pescadores, etc.» (Tomo XV, fl. 109).

211. Faro (Algarve)

Forte destruido pelo mar

Freguesia de Nossa Senhora.—«..... é o forte de Armona que antes de se acabar lhe comeo o mar o pavimento, e se arruinou a grande parte da obra, que estava feita, ficando inutil». (Tomo XV, fl. 151)

212. Favões (Entre-Douro-e-Minho)

Pontes

«..... e entrando (*o rio Tamega*) por Portugal vem devedindo a vila de Chaves em duas partes onde de huma para a outra tem huma famoza ponte de pedra de cantaria; entrando já com suas agoas a fechar as portas do Reyno e desendo pelas beiras de Barroso vem dar ao lugar de Caués onde reprime a sua furia pelos sincos arcos da insigne ponte de pedra de cantaria que tem no meyo huma coluna com letreiros que dizem alguns hestoricos, contem as memorias de Lourenço Guimam e exemplo de santidade e dando volta pela grande serra de Arnilo decantada pelo asento que nela fes Decio Junio Bruto coando quis conquistar a antigua cidade da Cinania donde hoje se deriva Cidadelhe, donde vem para o lugar de Mondim de Basto, onde tem outra ponte de cantaria com tres arcos de grande altura que alguns dizem e querem fose obra de Trajano, porem o mais certo he que Sam Gonçalo a levantou no tempo em que naquele sitio paçavão barcos, de que inda hoje sam testemunhas nas margens do tal rio os vestigios das prizõis deles, pois na fabrica selebrada obrou o santo famozos Milagres de que tratão varios Autores como o *Flos Santorum:* E o pé da mesma ponte tem duas azenhas de moer pam: e desendo legoa e meia distante desta vila resebe os cachões do Rio da Leuiada do qual *Belutiau* (*Bluteau*) com alguns mais, dizem ser hum dos boqueiroes do Inferno por alguns sussessos que do tal sitio se contam e com o acrecimo destes cachõis se ingroça o curso do Tamega que chegando a Rua de Canauezes sitio onde a Raynha Dona Mafalda, filha de El Rey Dom Sancho, que de muntos Autores conta ser o primeiro de Portugal, mandou fazer huma grande ponte de sinco arcos, com agudos cortamares, e bem feitas Ameyas; e no meyo dela hum cruzeiro de pedra com hum letreiro em que se lia a era em que fora feita o quoal me consta a poucos tempos cahira no Rio, donde se não pode tirar por mais deligencias que fizerão». (Tomo XV, fl. 191).

213. Feira (Beira)

Inscripções portuguesas

«He toda (*a igreja do Convento do Espirito Santo*) de jaspes e marmores lavrados de obra Dorica, tem embebidos dous tumalos (*sic*) de alabastros brancos vermelhos e negros hum da parte do Evangelho com esta Inscripção:

SEPULTURA DE DOM MANOEL PEREYRA
TERCEYRO CONDE DA FEYRA, E DO NOME
O SEGUNDO FILHO DO CONDE DOM DIOGO
PEREYRA E DA CONDEÇA DONA BRITES
DE MENEZES FILHA DE D. JOÃO DE NO-
RONHA, IRMÃO DO PRIMEYRO MARQUES
DE VILLA REAL, E DE DONA JOANA DE
CASTRO, CONDEÇA E SENHORA DO MON-
SANTO. FALECEO A QUATRO DE OUTUBRO
DE MIL QUINHENTOS SINCOENTA E DOIS.
SEPULTOU SE NA PAROCHEA DE SÃO NI-
COLAO COM SUA MULHER DONA IZABEL
DE CASTRO DONDE SE TRESLADOU PARA
ESTE MOSTEYRO.

Outro da parte da Epistola em igual correspondencia com o Epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE DOM DIOGO FORJAZ
QUARTO CONDE DA FEYRA, FILHO DO
CONDE DOM MANOEL PEREYRA E DE
DONA IZABEL DE CASTRO,FILHA DE
DOM JOÃO DE MENEZES, CONDE DE TAROUCA
PRIOR DO CRATO, E DE SUA MOLHER DONA
JOANNA DE VILHENA, FOY CAZADO COM DONA
ANNA DE MENEZES, FILHA DO REGEDOR JOR-
GE DA SYLVA E AMBOS OS PRIMEYROS FUN-
DADORES DESTE MOSTEYRO; LANSARÃO A
PRIMEYRA PEDRA DA IGREJA EM HUM (*sic*)
ANNO DE MIL QUINHENTOS E SECENTA.

No pavimento está hum carneyro honde se enterrão os Illustrissimos descendentes daquella caza, o Cruzeiro comresponde na grandeza a Capella mor, neste se vê hũa sepultura do Padre Rodrigo da Madre de Deos, filho dos Condes da Feyra Dom Manoel Pereyra e Dona Izabel de Castro, a qual sepultura tem o seguinte Epitaphio:

AQUI JAZ O MUYTO REVERENDO PADRE
RODRIGO DA MADRE DE DEOS, FILHO DO
CONDE DOM MANOEL PEREYRA E DA CON-
DEÇA DONA IZABEL DE CASTRO, O QUAL
SENDO PREGADOR, E DE MISSA SE RECOLHEO

EM VILLAR DE FRADES, E TOMOU O HABITO
DOS PADRES DE SÃO JOÃO EVANGELISTA E
NELLE MORREO ESTANDO POR EMQUEZIDOR
EM LISBOA. FALECEO NO CASTELLO DA
FEYRA A SEIS DE MAYO DE MIL E QUI-
NHENTOS E SINCOENTA E TRES. O CONDE
SEU IRMÃO LHE MANDOU FAZER ESTA SE-
PULTURA.»

(Tom. xv, fl. 201 e seg.)

Noticiozo apendis das couzas menos verocimeis:

«Ha memorias por *manus escritus* que esta villa ou o Territorio della fora a antiga cidade fundação de El Rey Brigo de que não achamos autentica noticia mais do que o nome Lacumbrica que significa esta villa.»

«A tomada deste Castello aos Mouros só anda nas tradiçõis do vulgo, o qual asevera que o primeyro Conde da Feyra intentando conseguir a terra e Posse do Castello e do Titullo por industria prendera hũ cam que era fiel guarda de todo elle a qual falta foy muito sentida de seus senhores, e que tendo-o huns poucos de dias sem comer ajustara o dia do assalto para a manhan do dia vinte e quatro de Junho, dia festivo por ser do Baptista, e que levando o Cam atado, e faminto em quanto a sentinella da porta chamada da Trayção por isto mesmo se detivesse em o festejo do achado cam e sua fiel companhia, podião entrar repentinamente e asenhorearem-se do Castello, como fizerão, e por esta causa se diz ficara a obrigação de hirem todos os homens que tem servido e servem a republica a S. João da Madeyra ou a S. João de Ver da sorte que dissemos asima e que por esta razão lhe chamão a Sina». (Tomo xv, fl. 218).

214. Felgueiras (Tras-os-Montes)

Minas de ferro

«..... e nesta serra (*de Roboredo*) para a parte desta freguezia ha umas minas adonde se tirava antiguamente pedra de que se fazia ferro e avera trinta annos que se deixou de se fazer». (Tom. xv, ff. 250).

215. Ferreira de Aves (Beira)

Cidade de «Rarapia»

«Esta villa do Castello de Ferreira foi antigamente Cidade chamada Rarapia e praça de armas pellos annos de 146 antes do Nasci-

mento de Christo Senhor Nosso e neste tempo nella esteve de refresco o Imperador ou famozo Cappitam Viriato havendo alcançado a memeravel batalha da Cava de Vizeu do Pretor romano Cayo Vigidio». (Tomo xv, fl. 349).

216. Ferreirôs (Beira)

Castello de Mouros.— Moedas.— Sepulturas de Mouros

«Nem tambem tem muros, nem praça de armas e só está defronte hum monte que hoje está agricultado de Olivais que se domina Castello aonde dizem que habitaram os Mouros, e nelle se acham alguns vestigios ajnda de Castello e juncto e pello fundo delle pasa huma ribeyra chamada Rio Dinha bastantemente caudaloza de jnverno e em todo o tempo fragoza. E ha tambem memoria que em os tempos antigos se achavam algumas moedas com cava sem se poderem conhecer que nam lembra a memoria dos viventes. E no fim e defromte desta freguezia está defromte do dito Castello outro monte que se domina da Torre aonde se acham algumas sepulturas que dizem que foram do tempo que habitaram os Mouros». (Tomo xv, fl. 369).

217. Ferreiros (Entre-Douro-e-Minho)

Torre dos Vasconcellos.— Ponte do Porto

«No lugar de Vasconcellos aonde se achão as ruinas situadas de hum grande Castello ou torre onde foi o solar da Ilustrissima familia dos Vasconcellos deste reyno está huma capella da invocasam de Sancta Luzia que ha tradisam vulgar fora sagrada e se acha com os signais nas pedras em forma de Crux que costumão ter as tais Igreias sagradas; costumão vir em romaria a esta cappella pello natal e suas oytabas beijando as tais pedras com a tradisão de alcansarem indulgencias, etc.» (Tomo xv, fl. 376).

«..... outro Rio a que chamão Rio de Homem e daqui pera bayxo toma outro nome e lhe chamão o Rio do Prado tomando o nome de huma pequena navegação digo povoação por onde passa o mesmo toma humà ponte muito bem feita que fica perto do mesmo pousado e d'aquy vay ter a villa de Barcellos que dista daqui perto de sinco legoas e emtra no mar por junto da villa de Fam. Tenho dito na corrente do Rio desta Freguezia e falando pera sima se achaua a selebrada Ponte do Porto que dizem fora feita pellos Romanos da cellebre e curiosa alquitatura (*architectura*)». (Tomo xv, fl. 378).

218. Fervença (Entre-Douro-e-Minho)

Castello de Celorico

«Nam em ella muros antes bem fracas paredes somente em os confins da freguezia de Arnoja ha hum Castello antigo situado na imminencia de hum monte cujos muros estan arruinados posto que mostram vestigios de praça: mas o Castello ainda rezistente as ruinas chamasse o Castello de Celorico de que a villa velha tomou o nome a villa do Castello, hou a villa de Freyxiejro por se mudar para o tal sitio». (Tomo xv, fl. 396).

219. Fiaes (Beira)

Sepulturas «mouriscas»

Freguesia de Santa Maria. Commenda da Feira.— «Algũas antiguidades se descobrem nesta freguesia como são as seguintes: No sitio da Capella da Senhora da Conceyção de que se faz memsam no interrogatorio 13 se tem por virozimel ser povoação de Mouros; porque se achão pedaços de paredes de cantaria; muito tijolo, e muita cinza e carvões indicios de cozinhas. Algum dinheiro de cobre com figuras e outros crateres, cujos letreiros se não persebem e tambem se achou huma moeda de ouro do tamanho de hũa de dezaseis tostões.

Tambem se descobrem em outro oiteiro defronte da dita Capela enterrados debaxo da terra altura de dous palmos varias panellas e salgadeiras de barro vermelho, tapadas todas com louzas de pedra, todas com seus letreiros ao paresser de letra mourisca e dentro das tais panellas ossos e carvões, metais sem se saber que metal seja, pois tudo se acha quazi gasto; e dentro em alguns destes vazos se achavão copos de feytio de calis, e em hum dia se descobrirão mais de cincoenta vazos destes, de que hoje não ha nenhuns pois se quebrarão«. (Tomo xv, fl. 411).

220. Fiaens-do-Rio (Entre-Douro-e-Minho)

Minas de ouro

«Dizem ha nesta Lomba de Fiais hum outeiro que vulgarmente se chama os Lamas do Dural, ha ali minas de ouro e acabbam com este vulgar provervio — no oural de Barrozo há munto ouro poderozo». (Tomo xv, fl. 419).

221. Figueira (Tras-os-Montes)

Ruinas dos Mouros

«Não ha terra murada. Nem praça de armas e só sim na fraga que fica por cima da freguesia de que já se fes menção se descobrem huns vestigios de muralhas e fortalezas, que he tradição serem do tempo dos sarracenos, mas estas ao presente se achão de tudo quasi arruinados». (Tomo xv, fl. 453).

222. Figueiredo (Entre-Douro-e-Minho)

Estrada da Geira —Ponte do Porto

«Como esta freguezia está situada em huma planicie sem que por nenhuma parte dela a circunde serra notavel, nam a coiza nesta parte digna de especial memoria. Parece-me, que por ela fariam seu caminho os Romanos descendo da sua celebrada estrada da Geira ou Gerez: por se finalizarem os vestigios desta em pouca distancia da mesma freguesia; pelo qual caminho vinham as coortes daquele Imperio á conquista de *Braga Augusta;* por ficar mais abreviada a mesma estrada, e em melhor direitura á Ponte do Porto, que lhe franqueava a passagem do Cavado, e é uma das antiquissimas estructuras dos mesmos Romanos, como consta de alguas inscrisoens gravadas nesta Ponte, que aqui nam descrevo, por conjeturar o nam deixará de fazer o Rd.º Abade de Peruzelo, em cujos limites se acha». (Tomo xv, fl. 479).

223. Ferreira (Entre-Douro-e-Minho)

Citania

Freguesia de S. Pedro Fins.— «Ha no destricto desta freguezia huma serra chamada de Sam Romam na coal ha ainda alguns vestigios de que foi nella huma Cidade de Mouros a que dizem se chamava a Cidade de Citania, couza piquena no mais alto della e inda tem vestigios de ser murada a roda». (Tomo xv, fl. 528).

224. Fiolhoso (Tras-os-Montes)

Castello da Saldanha

«No distrito desta freguesia e no lemite do lugar do Cadaval a parte do sul coasi contigu ao dito lugar dois tiros de mosquete se acha hum castello derribado com sua muralha e contra muralha e seus fossos purem tudo arruinado só em partes concerva alguns pedaços de parede de cantaria de pedra de gram grossa e mostra ser

fortificaçam grande em oitro (*sic*) tempo e chamam a este castello o Castello da Saldanha». (Tomo xv, fl. 540).

225. Folhada (Entre-Douro-e-Minho)

Sepulturas — Cidade do Chilli — Dolmen

«Em o sytio chamado Cazal de Padre, que fica perto desta Igreja; e por sima do Lugar do Barral fazendo varios labradores do Lugar de Trabaço hũas tapadas acharam na altura dellas muitos e grandes alicerces de edificios antigos e nestas muitos tijollos muito grossos e inda alguns inteiros, e em o plano daquelle sytio forão descubertas muitas covas abertas em o saubro (*sic*), e outras em fragas ao parecer de sepulturas de gente o que nam sey fosse só o ter ouvido a algũas pessoas antiguas que ouue nesta freguezia, que o dito sytio fora povoação de Mouros e outros dizem que aly se chamava a Cidade de Chylii e pelas vizinhanças deste mesmo sytio se tem tirado alguns Thezouros». (Tomo xv, fl. 506).

«Menos sey que haja em toda esta serra (*da Abobereira*) algũa mina de metal, posto que tenho reparado em algũs cavoucos e foços que nella tenho visto me dizem foram feytos em discubrimento de minas e sey mais haver adiante da chamada Fonte do Mel em hũa planicia grande perto da estrada hũa cova com porta arteficialmente de muytas pedras enteyras ao redor e por sima cobertas com hũa grande fraga, a quoal não poderiam mover vinte homens de hoje e tem sua porta por onde se entra para a concavidade onde podem caber mais de vinte homens e dam a esta cova o appellido de Cova dos Ladrões». (Tomo xv. fl. 609).

226. Folhadosa (Beira)

Serra da Estrella

«Ha pois contigua a esta terra em distancia de huma legoa hũa serra iminente e muito dilatada que se compoem de Penhascos, vales, fontes, arvores chamada Serra da Estrella, e na mayor iminencia della se acha hũ marmore muito alto e da mayor corpulencia onde se vê gravada hũa Estrella emtalhada no mesmo marmore[1]. Ha tradição fora obra do grande Veriatto no tempo que apascentavão seus gados nos valles e campinas da mesma serra». (Tomo xv, fl. 621).

---

[1] O autor da memoria cita isto como tradição.

227. Fonte Arcada (Entre-Douro-e-Minho)

Fojos

«Tem no morro ou Outeiro que fica e está junto ao Cruzeiro de Fonte Podre e corre para o lugar de Quinta que he da freguezia da Sobereira dois fojos altos que se lhe não descobre o fundo nem nunca se soube a sua altura donde aparecem algumas pedras pretas em forma de rescaldo de ferreiros e diz algum do vulgo que serião antigamente ruinas de ferro». (Tomo XVI, fl. 655).

228. Fontello (Beira)

Cidade dos Mouros. — Campo de Nazanus

«No cume da dita serra (*de S. Domingos*) está a Ermida do milagroso Sam Domingos aonde se fas a romagem que ia uaj declarada no numero catorze, desta Ermida se descobrem muytas terras que contando do sul para o Norte sam mais de quinze legoas; faz muitos milagres; he advogado para os cazados que nam tem filhos; advogado contra as trevoadas; advogado para defençam dos Animaes. — antiguamente hera cidade dos Mouros; e ainda hoje se acham os licerces dos muros com que estava cercuitada: e nas raizes da dita serra fica o campo que chamam Nazanus; aonde os nossos catholicos deram hũa grande Batalha aos Mouros, e com victoria. Creyo Campo nas historias se acha escrito Campo Nazareno que delle tomou o nome Nazareno e asim hoie se chama que terá em roda hum coarto da legoa; e he todo desta dita villa». (Tomo XVI, fl. 703).

Pedro A. de Azevedo.

Notícias várias

1. Museu Municipal de Bragança

Tem sido muitissimo falado e igualmente elogiado o novo Museu municipal d'esta cidade; é como a ordem do dia permanente d'esta briosa praça de guerra.

As damas e os cavalheiros, os sabios e as pessoas circumspectas, os avaros e os prodigos de luz intellectual não tem outra discussão, nem outro apreciar e elogiar que não seja o Museu Municipal, mui

principalmente desde que o sr. Bispo d'esta diocese o honrou com a sua presença e sobre elle escreveu e publicou uma circular ao clero parochial de sua jurisdicção, com data de 15 de Outubro ultimo, e na qual enaltece os dotes de coração e qualidades religiosas do conservador d'aquelle estabelecimento, ou antes instituição, cuja existencia é devida aos esforços do sr. Albino Lopo, Tenente de Caçadores 3.

Este brioso official foi encarregado da direcção da carreira de tiro, estabelecida nos suburbios d'esta cidade, haverá dois annos, e, ao mesmo tempo que se desempenhava d'esse serviço, começou por fazer pesquisas nos estuarios do rio Fervença, de que lhe resultou accumular tal quantidade de fosseis que com elles vae organizando material para uma collecção essencialmente paleontologica.

A secção destinada no Museu aos estudos pre-historicos acha-se quasi completamente installada, e de tal fórma, que bem parece um modelo de sistematização scientifica, por isso que por ella se pode seguir o estudo das differentes phases por que passou o homem nos primeiros tempos da sua existencia.

Presentemente o sr. Lopo cuida das investigações do estuario do rio Sabor, junto a Rabal, depois tenciona estudar a necropole mirandesa, desde os Castros de Coelhoso a Aldeia Nova, passando por Angueira e Picote, com cujos achados conta organizar outro museu, lá para nordeste d'esta provincia, talvez junto á Sé de Miranda.=H.

(De uma correspondencia de Bragança, com data de 8 de Dezembro de 1897, para o *Primeiro de Janeiro*).

2. Restos romanos em Sinfães

«Nas excavações a que se anda procedendo para a construcção do lanço de estrada de Arcella a Tarouquella, na freguesia de Piães, do concelho de Sinfães, tem apparecido muitos vestigios de edificações antigas, carvão vegetal, cinza, restos de louça e pedaços de tijolo muito semelhante á telha actualmente existente, chamada francesa».

(*O Seculo*, de 16 de Julho de 1898).

3. A Igreja de Cette

«Informa-nos um nosso amigo, que ameaça imminente ruina a igreja parochial de Cette, no concelho de Paredes, que foi edificada no anno de 875 da era christã, e que é considerada monumento nacional.

A respectiva junta de parochia officiou ao sr. governador civil do districto, expondo o estado lamentavel em que se acha aquella igreja».

(*O Seculo*, de 19 de Março de 1898).

4. Descobrimento archeologico

«Uma commissão da Sociedade Archeologica d'esta cidade, composta do seu presidente Dr. Antonio dos Santos Rocha, e dos socios Dr. Joaquim Jardim, Annibal de Brito e Rev.do P.e José Joaquim Nunes, encetou a exploração de uma grande caverna, situada no valle do Alqueve, proximo da Povoa do Bordallo, nos arredores de Coimbra.

Os trabalhos deram o melhor resultado, sendo descobertas doze sepulturas, onde se encontraram outros tantos esqueletos, que datam da idade da pedra, e differentes objectos de valor archeologico, como pontas de settas, machados de pedra, facas de silex, etc., etc.

Nesta caverna existe ainda uma galeria ou corredor estreito que communica com uma camara larga, onde não foi ainda possivel penetrar pela difficuldade e estreiteza da passagem. Vae porém tentar-se alargá-la, e ver se é possivel que o ar circule no interior da camara mais livremente, para, sem perigo, se poderem continuar as explorações.

O resultado obtido é já de alta importancia scientifica».

(Da *Gazeta da Figueira*, n.º 672, de 20 de Julho de 1898).

6. Excursão archeologica

«A excursão emprehendida pela Sociedade Archeologica da Figueira á Serra do Cabo Mondego, no dia 28 de Setembro último, deu um resultado muito importante.

A exploração do *Cabeço da Mamoinha*, a 200 metros aproximadamente para E. do Casal da Serra, combinada com a que se havia feito anteriormente na *Mama do Furo* e no *Feital*, para O. do mesmo Casal, provou de modo irrefragavel que a grande necropole neolithica não occupa sómente a cumiada septentrional da Serra, desde as alturas da Capella de Santo Amaro até ao Casal de S. Bento, na freguesia de Maiorca, mas se ramifica de O. para E. pela cumiada meridional, até o referido Cabeço.

Seguindo agora a linha dos monumentos, a contar d'este último ponto para O. e depois para o NE. e E. pela cumiada septentrional, temos uma extensão superior a 12 kilometros!

Parece ser esta a mais vasta necropole da idade da pedra, que até ao presente se tem descoberto e estudado em Portugal».

(*Gazeta da Figueira*, n.º 693, de 1 de Outubro de 1898).

P. Belchior da Cruz.

Erratas e additamento

Excursão archeologica ao Sul de Portugal

Pag. 109, l. 4: adeante de — *quatro hastes* — accrescente-se: «que figura a planta do pé», e passe-se a chamada da nota para a p. 108, l. 14, a seguir a *ramo vertical.*

Pag. 118, l. 12: em vez de — *sec.* II *da Era Christã* — leia-se: «sec. II antes da Era Christã».

Pag. 120, l. 20: em vez de — *Degebe* — leia-se: «Odiege».

Pag. 124: na nota (que em vez de ser numerada com [2], o deve ser com [1]) accrescente-se: «A inscripção foi alem d'isso publicada nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae* de E. Hübner, n.º 10, e nos *Carmina Latina epigraphica* de F. Bücheler, Leipzig 1897, n.º 920».

Pag. 131: nota 1, na parte 1.ª da traducção, leia-se, em vez de — *governador da provincia Narbonense,* etc. —, o seguinte: *governador da provincia da Gallia Narbonense, pretor eleito,* [fallecido] *de 46 annos.*

Pag. 134, l. 27: em vez de — *publicada* — leia-se: «indicada».

Ichnographia parcial das construcções luso-romanas de Milreu (Estoi, — Algarve)

Na pag. 160, l. 30–32, deve ler-se: «sepulturas *reservadas* em *o'*, *o''*, etc., *classificadas* (*sacerdotaes?*) em *o*, e *classicas* (*episcopaes?*) em *m''?*

VOL. IV OUT. A DEZEMBRO DE 1898 N.os 10 A 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1898

SUMMÁRIO

Damião de Goes.
Numismatica.
Inscripção latina de Melgaço do seculo xiii.
Bibliographia.
Sociedade Archeologica da Figueira.
O «Castello» de Guifões.
Um ensaio monetario de cobre.
Notícias várias.
Notícias antigas sobre archeologia.
Antigualhas romanas do Algarve.
Numismatica açoriana.
Discurso de inauguração do Museu de Cenaculo.
Errata.
Objectos romanos do Alemtejo.
Insculpturas em rocha em castros de Val-de-Vez, ou varios penedos com pias
A respeito de Conimbriga.
Notícias archeologicas dos seculos xvii e xviii.
Cimo da Villa da Castanheira (concelho de Chaves).
Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758».
Olaria luso-romana em S. Bartholomeu de Castro-Marim.
Á cêrca do artigo sobre Damião de Goes.
Dolmen do Espirito Santo d'Arca.
Inscripção romana dos arredores de Lisboa.
Vestigios archeologicos de Babe.
Cruzado de D. João III.
Estudos sobre Troia de Setubal.

Este fasciculo vae illustrado com 23 estampas.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IV OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1898 N.os 10 A 12

Damião de Goes

(Carta ao Redactor d-*O Archeologo Português*)

... Sr. — Na primeira pagina do n.º 1, do Vol. IV, da sua apreciada publicação appareceu um artigo, firmado pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, que se refere, na maxima parte, ao que tenho publicado sobre Damião de Goes e, portanto, sobre a igreja da Varzea em Alemquer. A lingoagem empregada e o estylo geral do artigo, que em tudo destoam da critica séria e leal que um sabio de longa data deve fazer do trabalho de um modesto curioso, revellam um rancor pessoal que me dava o direito de responder em termos iguaes, e o facto de V. entender que materia d'aquella ordem não é alheia á indole d-*O Archeologo* visto que a publicou, auctorizava-me a exigir-lhe o espaço sufficiente para me defender pela mesma fórma. Desisto d'esse direito, porque tenho outro campo ao meu dispôr aonde posso tratar do assumpto desafogadamente, e porque prezo de mais as paginas d-*O Archeologo* para as fazer descer á posteridade enxovalhadas com polemicas d'este genero.

Mas os desenhos e o artigo contém, a par de notícias valiosissimas, erros graves e omissões que é necessario corrigir e preencher quanto antes, para que não passem a outras obras.

Quanto aos desenhos, exactamente como a mim cabe-me a responsabilidade moral de ter dado publicidade aos trabalhos de dois professores, que, erradamente, me mereciam toda a confiança, a V. , Sr. Redactor, cabe igual responsabilidade pelos desenhos do Sr. Vasconcellos; portanto envio-lhe uma photographia que, embora não seja perfeita, será sufficiente para a verificação da verdade do que passo a expôr.

Começando pelo escudo de Damião de Goes, creio que V. concordará que a cabeça de vitella, com lingua de palmo, do desenho do Sr. Vasconcellos mui pouco se assemelha ao leão crescente e rompante que o esculptor lavrou. Por baixo d'elle a bella folha recortada está transformada em uma especie de turbante, a que o Sr. Vasconcellos chama rodete, de panno, de duas côres, enrolado em helice. O elmo, que no original, e conforme as regras da armaria, está quasi de perfil, voltado para a esquerda de quem o vê, foi, pelo Sr. Vasconcellos, collocado de frente; e bem pouca semelhança tem com a pedra. O formoso e finamente estylizado paquife, cuja folhagem de lavor archaico se espraia lateralmente e attinge igual altura com o timbre, descae murcho e mesquinho, com largura demasiadamente acanhada. A graciosa facha pela qual o escudo fica dependurado do elmo, passando por argollas de diverso feitio, não está lá; mas, em troca, temos duas pontas em baixo, insertas gratuitamente. Até as quadernas não são do feitio das da lapide.

A carranca do brasão de D. Joanna de Hargem não pecca pela semelhança. Em vez do rosto satanico e o olhar feroz do original, dirigido para o chão, temos a physionomia risonha de um demonio alegre, cujo sorriso não foi modificado pelo facto de lhe terem arrancado dois grandes dentes, provavelmente porque o artista deu-lhe, em compensação, duas orelhas descommunaes, que o original não abona. Debalde procuro na pedra as pontas viradas da correia; não as acho. A collocação dos dizeres é uma desgraça! O ornato ao pé da palavra BVRCH está quebrado no original. No quartel superior da direita do escudo, as barras recortadas superiores estão invertidas; pois deviam ter tres dentes para cima e dois para baixo, e serem recuadas para a direita do espectador, tanto quanto bastasse para a ave poder estar em pé no primeiro dente da barra *inferior*. Na casa inferior da direita do escudo a ave delineada aprumada e de frente, com o bico erguido, devia estar um tanto de perfil, com a perna esquerda estendida como que espreguiçando-se, e com o bico tocando na aza direita parecendo catar-se.

Dirá o Sr. Vasconcellos que estes erros não merecem reparo: mas não posso concordar. Li algures a opinião de um erudito e escrupulosissimo investigador que «um escudo de familia é um documento historico de primeira ordem», e deve, como tal, haver toda a cautella em reproduzi-lo; mas alem d'isso, as dimensões em que elle desenhou estes escudos permittiam toda a clareza nos pormenores, e toda a exactidão; sobre tudo quando se tratava de tirar o argueiro do olho do vizinho.

Agora as inscripções:

Por um d'estes acasos tão frequentes quanto singulares, se eu deixei escapar dois erros no epitaphio, e o desenhador os reproduziu no seu trabalho, igual numero escapou ao Sr. Vasconcellos na sua transcripção do letreiro da campa. Tanto na versão a p. 8 d-*O Archeologo,* como na de p. 12, copiou «pont*i*ticis» em lugar de «pont*f*icis», e em ambas collocou «DEO · OPT · MAX ·», tudo junto, no meio da primeira linha, quando DEO está no começo, OPT no meio e MAX no fim da linha, exactamente como se vê na p. 12 ao alto das duas traducções, que, visto serem tão imperfeitas, não merecia a pena ter publicado. A pontuação, embora muito admissivel, está bem longe de ser a da inscripção.

De passagem direi que no jornal a que o distincto archeologo se refere, a palavra IOANNAE não foi impressa sem o primeiro A, nem «deliberou» se imprimiu «de*b*iberou»; o que aliás sería de pouca importancia, se o critico fosse leal.

Não me admirava que Damião de Goes chamasse *crypta* á modesta cova, carneiro ou jazigo, cujas escassas dimensões a propria campa está denunciando, emquanto o illustre auctor da *Archeologia Artistica,* XII, 41, me affiançava que o mesmo Damião chamara *jazigo* á lapide do seu epitaphio (H. M. H. N. S.: *Hoc monumentum haeres non sequitur* — «este *jazigo* não passa aos herdeiros»); mas agora que o mesmo auctor me diz que a responsabilidade de tão absurda classificação tem de ficar a cargo de ignoto terceiro, confesso que prefiro crer que Goes queria dizer *capella* e não *crypta* na inscripção da sua campa.

A proposito das lettras que rematam o epitaphio, direi que nunca me passou pela mente a dúvida de que as ultimas tres linhas não fossem do auctor do epitaphio:

a) porque em seguida á palavra ILLA ha uma virgula (*inedita*) que nunca foi ponto;

b) porque o feitio da lettra é absolutamente igual á das que a antecede;

c) porque, acceitando a decifração do Sr. Vasconcellos, ninguem, senão o padroeiro primitivo da capella, teria o direito de prohibir que os seus herdeiros ahi fossem enterrados, sobretudo depois de ter contratado por escriptura, e feito declaração na inscripção da campa em sentido contrario.

É provavel que o P.e Cruz não copiasse o epitaphio da propria lapide; porque, se assim fizesse, teria, sem dúvida, copiado a inscripção da campa, que estava então visivel.

Como curiosidade direi que o prior da Varzea, na informação que deu, em 1758, para o *Diccionario Chorographico,* manuscrito, que está na Torre do Tombo, reproduziu correctamente o texto do epitaphio, e omittiu as cinco lettras finaes; mas nem por isso penso que ainda lá não estavam no meado do seculo passado.

Quanto a omissões:

É devéras para lamentar que um estudo tão brilhante e tão repleto de novidades, como é este ensaio de chronologia da igreja da Varzea, não ficasse completo com a reproducção das outras inscripções que havia no corpo do edificio, e que, provavelmente, não tornarão a apparecer. Segundo o sabio auctor, é a primeira tentativa que se faz em Portugal, e as primeiras tentativas, quer sejam do Sr. Vasconcellos, quer minhas, hão de sair sempre um pouco imperfeitas. Teria sido tão util a sua versão do epitaphio do tal Pedre (ou Pedro) Annes; ou do de Francisco Lopes (*Aqui jaz Francisco Lopes, juiz dos orphãos que foi d'esta villa e sua mulher Branca Gomes de Lima* [ou Limi] *e seu filho Manoel Gomes que esta campa mandou pôr e tem nesta igreja tres missas para sempre como do seu testamento se verá*), casado, ao que parece, com a tia materna de Damião de Goes; e o do prior Gonçalo Vaz, amigo do chronista.

Mas, apesar dos erros graves e omissões que acabo de apontar, é certo que o artigo de que se trata traz, como todos podem ver, notícias importantes, pelas quaes aquelles a quem o assumpto interessar devem ficar gratos.

O curiosissimo facto de se enterrar Pedro Annes em 1539 e não lhe edificarem capella sobre os seus restos senão em 1560, merece toda a attenção. A data de 1554 (inedita) no pulpito que, provavelmente, já deixou de existir, é um apontamento historico de subido valor. A data dos azulejos, 1714 (inedita), não só é preciosa por marcar uma epocha, mas ainda mais como prova da abnegação do illustre escriptor que, divulgando-a, teve de confessar um erro já commettido que, com justa razão, considera desculpavel, porque os erros e faltas d'elle tem uma desculpa que a todos abrange.

Para mim reivindico o descobrimento de um azulejo que escapou ao Sr. Vasconcellos e aos obreiros, e que ainda está assente na parede. Representa uma formosa argolla de bahu (inedita), de pintura maravilhosamente exacta.

Sou, etc.

Guilherme J. C. Henriques.

Numismatica

Monetario de Cenaculo

Por curiosa estractamos do *Diario*[1] do grande Arcebispo Cenaculo esta notícia da origem do monetario, que os Franceses lhe roubaram em 1808:

«Para novo monetario, depois que mandei o meu antigo para a Bibliotheca Publica de Lisboa no principio de Janeiro d'este anno de noventa e outo.

Dos restos que achei em a confusão da casa: da boa porção que me enviou e trouxe D. Manoel de Vilhena, e de outros do Minho, Algarve, Bisp.do e da Provincia se compõe a nova collecção neste dia 7 de Agosto, mesmo anno de noventa e outo, das seguintes:

Quarenta e seis, godas.
D. Sancho I, uma.
D. Affonso IV, uma.
D. João III, *S. Vicente,* uma.
Nero e Aggripina, uma.
Moiras, tres.
Medalhas da Estatua equestre do Sr. D. José, uma.
Da Academia real das Sciencias, uma.
Um annel com gravura em pedra fina.

Prata

Quinze, disparadas.
Oitenta romanas, raras.
Mais quarenta e uma romanas.
Cento e sessenta e oito portuguezas.
Vinte medalhões portuguezes.
Oito portuguezas, de liga.
Moiras, cincoenta e duas.
Dois anneis, moiros.
Outro annel mais.
Vinte e tres moiras, romanas e portuguezas.
Vinte e seis mais, varias.
Nellas ha raras e boas.

---

[1] Ms. da Bibliotheca Pública de Evora.

Cobre

Desconhecidas, gregas, portuguezas, moiras, coloniaes e disparadas, ao todo mil oitocentas quarenta e sete.
Mais de colonias, desesete.
Romanas, cento e uma.
Miscellanea, trinta e nove.
Portuguezas, quarenta e uma.
Mais dozentas e sessenta e sete, disparadas.

No dia 16 de Novembro accrescentarei as seguintes deste anno de 1798:
De cobre 52.
De metal 2.
De Prata 26.
De oiro 2.
E um colar de oiro.

No dia 11 de Abril de 1801 accrescentei as seguintes:
De oiro 2.
De prata 32 em que entra a do Porto e uma de Vitelio.
De metal corintio uma.
De cobre quarenta e duas.

No dia 31 de Agosto de 1801 accrescentei as seguintes:
Uma de oiro, e um annel com cadeia, tudo de oiro.
Doze de prata.
Desoito de cobre».

D. Fr. M. do Cenaculo.

*

Tal é o comêço do monetario que os Franceses roubaram ao grande colleccionador, em 1808.

Se até 1801 se elevava por estes apontamentos originaes a mais 2700 moedas: quantas não adquiriria mais o Prelado até 1808? Grande numero, de certo. Das de cobre, não roubadas, ainda hoje tem muitas a Bibliotheca de Evora.

A. F. Barata.

Inscripção latina de Melgaço do sec. XIII

O illustre collaborador d-*O Archeologo,* Sr. Engenheiro Manoel F. Vargas, teve a bondade de me enviar ha tempos a photographia de uma inscripção que existe nas muralhas de Melgaço, á direita da porta que olha para NO., photographia que se reproduz na estampa junta[1].

A inscripção occupa tres pedras de granito, e consta de cinco linhas e um terço. Os caracteres são muito claros, e estão gravados profundamente. Eis as dimensões das pedras.

1.ª — $1^m,600 \times 0^m,410$;
2.ª — $0^m,945 \times 0^m,345$;
3.ª — $1^m \times 0^m,345$.

A altura das lettras oscilla entre $0^m,06$ e $0^m,09$.

Tendo eu pedido ao Sr. Vargas um artigo sobre esta inscripção, desculpou-se-me com a sua modestia, e encarregou-me a mim de o escrever. Mas que posso eu fazer mais do que o que elle faria?

A inscripção é como se segue (desfaço as abreviaturas):

1. *In tenpore domini regis Alfonsi*
Portugalie, magister Fernandus con-
posuit murun istun; era MCCCI.
Martinus Gonçalviz, castellarius
5. *Domini regis, circundavit hanc villan*
in ac parte.

Consta pois de duas partes distinctas, que constituem uma unica inscripção, como se vê do facto de na segunda parte estar só *domini regis,* sem o nome, por já estar escrito na primeira.

Apresentarei algumas observações sobre o texto.

Nas terminações de syllabas ha sempre *n,* mesmo quando o uso pedia *m* (*tenpore, murun,* etc.). Em *ac* por *hac,* não se empregou *h*. Emprega-se *istun* por *hunc,* segundo o uso medieval. Na 4.ª linha, a segunda palavra parece-me acabar em *-z,* e não em *-i,* por isso escrevi *Gonçalviz,* que é bom português archaico; mas tambem não destoaria da praxe dos antigos documentos *Gonçalvi;* de *Gonçalviz* veiu a moderna fórma *Gonçalves,* que mais correctamente deveria escrever-se com *z,* isto é, *Gonçalvez.* O verbo *circundavit* por *circumdedit*

---

[1] Foi tirada pelo photographo-amador o Sr. C. H. Ivens.

IGEAPORE·ÇHIRÇOIS·ALEOHSI·
PORCIESHIE·ÔRIÇERHALIVSÇÔ
DOCÇIÇÇÇ

é barbarismo analogico. Quanto a *Portugalie* = *Portugaliae*, na 2.ª linha, é outro barbarismo analogico, mas infelizmente muito usado; a fórma legitima aqui seria *Portugalis*.

A traducção é:

No tempo d'el-rei D. Affonso, de Portugal, era de 1301, o mestre Fernando consertou este muro. Martinho Gonçalves, castelleiro d'el-rei nosso senhor, cercou de muros a villa neste ponto[1].

Á era de 1301 corresponde o anno de 1263, reinado de D. Affonso III.

Em algumas das pedras que rodeiam a inscripção vêem-se diversos signaes, que representam as marcas dos pedreiros, como isto é vulgar nos muros e edificações antigas, — uso que já data da epocha romana.

J. L. de V.

Bibliographia

Revue belge de Numismatique, 1898, 2.º fasciculo.

A p. 241 dá o nosso esclarecido collaborador e confrade o Sr. A. de Witte uma notícia á cêrca do livro do Sr. Santos Leitão intitulado *Medalhas e condecorações portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal*, Porto 1897.

*

Hans Gadow, In Northern Spain, London, Adans & Charles Black, 1897.

Não tenho presente este livro, mas numa notícia que do mesmo publicou o Sr. E. Hübner na *Deutsche Litteraturzeitung*, de 20 de Agosto de 1898, vejo que o A. d'elle, depois de dar relação de alguns dolmens da provincia de Alava (p. 281 sqq.), traz um mappa synoptico dos dolmens e outras reliquias prehistoricas, tanto de Hespanha, como de Portugal (p. 298), postoque o Sr. Hübner accrescente que esse mappa é certamente defeituoso. — Ao Sr. Hübner agradeço o ter-me enviado um exemplar da sua notícia.

J. L. de V.

---

[1] Traduzi *componere* por *consertar*, porque na linguagem do N. de Portugal o verbo *compõe* tem aquella significação. Á cêrca de *castelleiro* vid. o *Vocabulario* de Bluteau, s. v.

Sociedade Archeologica da Figueira

Esta Sociedade[1], fundada ha meses na Figueira da Foz, por iniciativa do infatigavel pesquisador e benemerito conservador do Museu Municipal d'esta cidade, Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha, realizou já duas sessões plenarias, a primeira em 19 de Março do corrente anno, e a segunda em 24 de Outubro ultimo, apresentando alguns dos seus socios communicações interessantes sobre os assumptos que são objecto de estudo da nova Sociedade.

Primeira sessão

Nesta sessão foram presentes e lidas as seguintes communicações:

Do presidente da Sociedade, Sr. Dr. Santos Rocha: *Novos vestigios romanos no valle inferior do Mondego e immediações; Estação luso-romana da Caverna do Bacelinho, na serra de Alvaiazere; Vestigios da epocha do bronze em Alvaiazere; Primeiros vestigios da epocha do cobre nas immediações da Figueira; Mobiliario neolithico disperso no valle inferior do Mondego e immediações a E. do concelho da Figueira; Arcainhas do Seixo e da Sobreda.*

Do socio, Sr. Dr. Antonio A. Duarte da Silva: *As moedas recolhidas nas sepulturas no sítio da Egreja velha, no Negrote.*

Do socio, Sr. Francisco Ferreira de Loureiro: *Um azulejo do seculo XVII.*

Do socio, Sr. Augusto Goltz de Carvalho: *Signaes gravados em lages.*

Do socio, Sr. Pedro Fernandes Thomás: *Inscripções e emblemas existentes nos sinos das igrejas do concelho da Figueira.*

Segunda sessão

Nesta sessão foram presentes e lidas as seguintes communicações:

Do Sr. Dr. Santos Rocha: *Estação humana da Formoselha; Novo vestigio da epocha do cobre nas vizinhanças da Figueira; Estação neolithica da Ereira; A caverna dos Alqueves, suburbios de Coimbra.*

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, IV, 93.

Do socio, Sr. João dos Santos Pereira Jardim, apresentada pela presidente Sr. Dr. Santos Rocha: *Notas ethnographicas sobre os selvagens de Timor.*

Do socio, Sr. Franco y Losano, professor de Badajoz: *Nota sobre algumas hachas e outros objectos metallicos do Museu de Badajoz.* Esta communicação foi apresentada pelo Sr. Dr. Santos Rocha, que a precedeu de algumas considerações sobre a fórma das hachas, apresentando exemplares das mesmas fórmas, existentes no Museu da Figueira.

Do socio, Sr. Francisco Ferreira de Loureiro: *Fragmento de vidraça pintada com esmalte, proveniente do mosteiro da Batalha.*

Do socio, Sr. Augusto Goltz de Carvalho: *Amuletos de Buarcos.*

Do socio, Sr. Pedro Fernandes Thomás: *Epigraphia do concelho da Figueira.*

Todas as communicações foram acompanhadas de explicações dadas pelo Sr. Dr. Santos Rocha, com o fim de aclarar as differentes questões tratadas, e demonstrar qual a sua importancia para o estudo da prehistoria.

Assim, a communicação do Sr. Jardim, sobre os selvagens de Timor, em que se descrevem nitidamente os usos e costumes dos indigenas d'aquella nossa possessão, tem muita importancia para o estudo comparativo das primeiras idades da humanidade, pois ha muitos pontos de contacto entre a vida do homem prehistorico e a dos selvagens da actualidade, especialmente os da Oceania, rebeldes o mais possivel á influencia europeia. É por causa d'esses pontos de contacto que no Museu Municipal d'esta cidade ha uma sala de Comparação, logo a seguir ás secções Prehistorica e Protohistorica.

A communicação sobre os *amuletos de Buarcos,* tambem é muito interessante. Nos ennumerados pelo Sr. Goltz ha um interessantissimo que consiste em duas figuras, uma na altitude de matar a outra, usado para *desejar mal a alguem;* este amuleto é de panno. Sobre esta communicação foram trocadas várias observações e explicações, e pelo presidente foram apresentados dois amuletos africanos, pertencentes á collecção do Museu da Figueira. Um d'elles, é de ferro, em fórma de chapeu de sol, e serve *para fallar com a alma.* O outro, é um pente de madeira, tendo na parte superior duas figuras humanas, na attitude de conversarem uma com a outra, e que é usado pelo dos irmãos gemeos sobrevivente, afim de que o *espirito do defunto lhe não faça mal.* Explicou depois o Sr. Rocha que a trepanação que o homem primitivo praticava nos mortos era com o fim de fazer amuletos com as rodelas do cranio; e isto ainda actualmente se usa, pois Bellucci, por occasião do Congresso de 1880, em Lisboa, citou amuletos formados de

rodelas cranianas, usados pelos epilepticos na Ombria (Italia). Tambem foi presente na sessão a collecção de amuletos portugueses offerecida á Sociedade pelo director d-*O Archeologo Português,* e socio honorario da mesma, o Sr. J. Leite de Vasconcellos, que no seu livro intitulado *Religiões da Lusitania,* I, p. 111 sqq., tem um extenso capitulo sobre amuletos, onde, a proposito dos prehistoricos que se encontram em Portugal, apresenta uma theoria geral dos amuletos, uma classificação e uso d'estes, e dá notícia de muitos dos tempos antigos e modernos; no mesmo livro, p. 170 sqq., falla o mesmo A. á cêrca da trepanação prehistorica e dos amuletos cranianos, representando pela gravura, um encontrado por elle no Alemtejo, e depositado agora no Museu Ethnologico Português.

Aos assistentes foram patentes os objectos colhidos nas explorações que a Sociedade, embora com poucos meses de existencia, já tem emprehendido e levado a cabo. Essas explorações, foram as seguintes, dirigidas pelo Sr. Dr. Santos Rocha, e em que tomaram parte varios socios:

Caverna dos Alqueves, suburbios de Coimbra, explorada em Julho do corrente anno, e onde foram encontrados doze esqueletos; pela posição vê-se que os respectivos corpos foram inhumados de cocoras. Nella recolheu-se o seguinte: uma brecha ossifera com todos os ossos bem nitidos, para se poderem estudar; varios fragmentos de ceramica; varios objectos de silex e de osso, etc.

Estação romana da Formoselha, explorada em Setembro do corrente anno, e onde foram recolhidos estes objectos: um grande pedaço do bojo de um *dolium;* um pedaço do bojo de outro vaso de menores dimensões (*seria?*); um escopro (*scalprum fabrile*); um pêso de tear (*pondus*); um grande fragmento de uma *patéra;* varios fragmentos de outros vasos, etc.

Estação neolithica da Ereira, onde foram colhidos alguns machados.

Varios *dolmens* na Serra do Cabo Mondego.

*

A collecção dos objectos pertencentes á Sociedade, e que se acha depositada no Museu Municipal d'esta cidade, é já importante e interessante.

Num dolmen ultimamente explorado na citada Serra foi encontrado um vaso antigo, fragmentado, sobre o entulho do remeximento em epochas remotas, e logo por baixo da camada vegetal.

Sobre este achado reproduzimos noutra parte uma notícia inserta na *Gazeta da Figueira,* de 9 de Novembro d'este anno.

Como se vê, a Sociedade Archeologica da Figueira, na sua curta existencia, tem-se já manifestado sufficientemente, sendo de esperar que continue perseverante no fim que se propôs.

Figueira, Novembro de 1898.

P. Belchior da Cruz.

O «Castêllo» de Guifões

Entre Leça da Palmeira e a pequena povoação de Guifões (concelho de Bouças) fica um monte com vestigios de edificações antigas, o qual entra na categoria dos *castros.*

Um documento do sec. XI, citado por Velho de Barbosa na *Memoria historica do mosteiro de Leça chamada do Balio,* Porto 1852, refere-se a este monte, a p. 75, dizendo: «subtus Castro Gueifones».

Estive em Guifões em 1880; o Sr. Martins Sarmento tambem lá tinha estado. Pelo que elle e eu encontrámos, vê-se que ha em Guifões, como em muitos outros castros, vestigios de duas civilizações: uma pre-romana, outra romana. A pre-romana revela-se não só no systema geral da povoação, mas no apparecimento de instrumentos da idade da pedra polida, e de fragmentos de vasos de barro com ornamentação muito simplez, em linhas curvas irregulares. A romana revela-se no apparecimento de telhas de rebordo, de ceramica marcada e de um pêso de barro.

Na estampa junta represento, segundo o desenho do Sr. Henrique Loureiro, em metade da grandeza natural, um pêso de barro, e um fragmento ceramico, que eu trouxe de Guifões, e que hoje tenho no Museu Ethnologico Português. O pêso (*pondus*) é arredondado em baixo, e quasi plano em cima, e tem aos lados dois orificios que não communicam entre si: fig. 1, (visto com inclinação); fig. 1–*a,* contôrno de uma das faces principaes; fig. 1–*b,* contôrno de um dos lados. O fragmento ceramico pertence, segundo parece, a um tijolo (*later*): contém uma lettra digital, D ou P, mais provavelmente P; são frequentes lettras d'estas em ladrilhos romanos.

Ao fundo do monte havia um pequeno monumento feito de tijolo, talvez fôrno; foi neste monumento que encontrei o tijolo. Pelo monte apparecem mós de moinho-de-mão, analogas ás que se tem encontrado em Sabroso, na Citania e noutras estações lusitanicas.

Na citada obra de Velho de Barbosa diz-se que em 1850 se descobríra no monte, na raiz de um carvalho, «uma garrafa de vidro, de boca mui larga, e d'uma figura totalmente differente das actuaes»[1]. O A. mais nada adeanta, perdendo-se em infundadas considerações a respeito da origem grega e celtica de Guifões.

Os povos da localidade attribuem, já se vê, estas ruinas aos Mouros. Colhi a tal proposito algumas tradições; cfr. *O Pantheon,* p. 36, nota.

A pronúncia popular do nome do monte é *Castêllo,* e não *Castéllo;* pelo menos assim ouvi a diversas pessoas.

*
* *

Já depois de escrito e composto na imprensa o que precede, recebi do meu amigo e antigo condiscipulo Dr. Ribeiro Fortes Junior duas cartas, d'onde extráio as seguintes notícias sobre Guifões.

«Ergue-se a collina, vulgarmente conhecida pela denominação de *Castêllo,* junto do rio Leça, num pendor rapido e escabroso; pelo lado do Sul seguem-se-lhe outras na direcção da cidade do Porto. Na encosta distinguem-se evidentes vestigios de fortificações, que, como em todos os castros luso-romanos, serviriam para auxiliar a defesa natural da povoação, que noutros tempos assentava no planalto da collina.

Não faltam por estas paragens as lendas de mouras encantadas, que habitariam aquelles sitios.

Por quasi toda a collina afloram á superficie do terreno innumeros fragmentos de ceramica com accentuado cunho luso-romano. Apanhei alguns, que sem contestação devem ser restos de *tegulae,* de *imbrices,* de tijolos e de vasos diversos. A argilla empregada na sua factura, de pasta em geral grosseira, é de côr muito variada. Usariam os habitantes do castro das argillas *refractarias,* brancas e cinzentas, e das argillas *figulinas.*

O caco mais curioso que apanhei devia ter pertencido a um vaso de largo bojo e tamanho consideravel; a julgar pelo raio das curvas que apresenta no sentido da largura e da altura, e pela espessura ($0^m,08$), poderia ter sido de um *dolium vinarium* ou *olearium.*

---

[1] *Memoria,* p. 75.—Cf. tambem *O Arch. Port.,* IV, 320.

É de barro cinzento e grosseiro, em que se torna evidente o emprêgo da roda de oleiro; apresenta vestigios de um inducto lustroso e negro, especie de vidrado, e de uma ornamentação grosseira, gravada na pasta, a qual consistiria em um traço circumdante e por baixo series de circumferencias concentricas dispostas alternadamente em linhas parallelas ao traço.

Só uma exploração cuidadosa poderia fixar a natureza d'este castro. Parece que já se fez uma tentativa fructuosa, suspensa não sei porque ordem de motivos.

Seria, pois, util que no teu prestantissimo *Archeologo Português* chamasses a attenção para esta estação archeologica, que, como as suas congeneres, deve fornecer preciosos elementos para a proto-historia».

*

«Addito as minhas informações sobre o *castro* de Guifões, suppondo que as tenhas ainda mais deficientes, o que não é muito presumivel.

A par da ceramica grosseira de que fallei, apanham-se destroços menores de vasos ornamentados, de barro finissimo.

A argilla d'estes é vermelha, cinzenta e esbranquiçada; cobre-a exterior e interiormente um polido perfeito. Apparece com frequencia a ornamentação de espiras já gravada, já em relêvo como num caco que possuo. Num fragmento de pequeno vaso os ornatos são muito curiosos, de trabalho complicado e ao mesmo tempo muito gracioso: devia ser um vaso de luxo.

Alguns desenhos são executados evidentemente com ponta ou estylete; e a cozedura de toda a ceramica é, em regra, completa em toda a espessura, apparecendo incompleta e limitada ás superficies externas num pequenissimo numero de fragmentos.

O insignificante numero de objectos que conservo em meu poder foram apanhados ao acaso. Ainda assim fazem suppor que uma exploração rigorosa forneceria importantes elementos de estudo.

Parece-me poder até affirmar desde já que os *castrenses* de Guifões eram um povo adeantado em civilização, em relações commerciaes com outros centros, a julgar pela variedade e superior qualidade das argillas empregadas no fabrico de alguma ceramica que as vizinhanças do *castro* não podia fornecer.

É cedo para classificar esta estação archeologica; supponho, porém, que não errará quem a classificar de *luso-romana*».

J. L. de V.

1/2

Fig. 1

1/2

Fig. 2

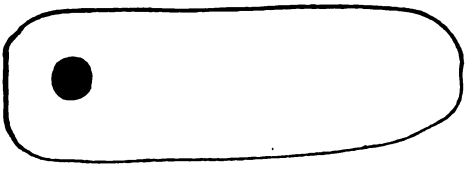


Fig. 1-b

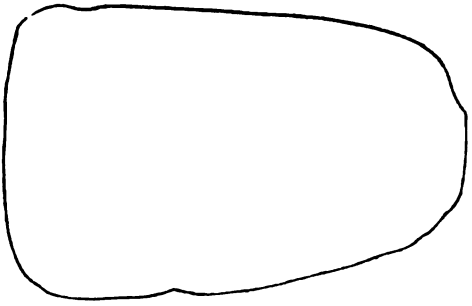


Fig. 1-a

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Um ensaio monetario de cobre

A moeda cuja gravura apresentamos existe na nossa collecção e conserva-se á flôr do cunho. É, sem dúvida, um ensaio, inedito, e uma novidade interessante, pela fórma como o seu valor é designado, fórma unica e original, para não dizermos extravagante, na numismatica, antiga ou moderna.

De accôrdo com a opinião do distincto numismata portuense Dr. Pedro Augusto Dias, julgamos que esta moeda seria destinada a ter curso nas ilhas dos Açores.

Na legislação monetaria do reinado de D. Maria I não encontrámos allusão alguma a este valor de 40 réis, nem a estatistica dos metaes amoedados na Casa da Moeda de Lisboa accusa semelhante novidade.

Admittamos, pois, que seria destinada ao archipelago açoriano, porque a sua gravura é a mesma das moedas de cobre que em tal reinado foram cunhadas para aquellas ilhas. O exemplar pesa $33^{g},05$, ou 661 grãos, e tem a espessura de $0^{m},002$, certamente porque o disco metallico aproveitado para o ensaio não era apropriado ao duplo vintem e, destituido de justo calculo, serviu como poderia servir outro qualquer, de menor pêso e diametro. Parece-nos que assim deveria ter succedido, não obstante a divergencia de pesos que se encontra entre dois exemplares de 20 réis açorianos, existentes na nossa collecção, um dos quaes, com o millesimo de 1795, pesa $13^{g},65$, e o outro, cunhado em 1796, accusa $8^{g},70$. Taes irregularidades de pesos, que são pouco vulgares na numismatica continental entre as cunhagens de cobre realizadas no seculo passado, mostram apenas a precipitação que houve no lavramento das primeiras emissões para os Açores, como

parece deprehender-se do alvará de 8 de Janeiro de 1795, motivado pela falta de numerario português nestas ilhas, em que abundava a moeda estrangeira, quasi toda informe, cerceada ou falsa.

Quando se tratou da emissão de 1798, evidenceia-se que houve o pensamento de criar uma moeda que, pelo pêso, espessura e designação do valor, equivalesse a dois vintens. O gravador entendeu que devia tambem criar algo de novidade, bem visivel, e, assim, indicou o valor XX, em vez de XL, designação romana, mais apropriada ao campo da moeda, já adoptada desde o tempo de D. João V nas moedas de igual valor que em Lisboa foram cunhadas para o Brasil. A fantasia do artista não mereceu a approvação superior, ao que parece, e a moeda não foi emittida.

Este ensaio monetario, ou amostra, tem excessiva raridade. Apenas conhecemos mais tres outros exemplares, iguaes, a saber: o 1.º na collecção de Sua Magestade; o 2.º descrito no catalogo da collecção que pertenceu a Eduardo Luis Ferreira do Carmo, sob o n.º 780; e o 3.º na collecção ainda intacta, do fallecido numismata José Ollegario Simões da Silva, sendo este exemplar o mesmo que figurou, sob o n.º 1102, no extincto monetario do Dr. Adelino Arthur da Silveira Pinto, cujos exemplares foram vendidos a retalho em 1892, na maxima parte *à bon marché,* por um ferrageiro, arvorado em numismata. Esta preciosidade monetaria foi então vendida por 800 réis, escandalosamente, no dizer de varios numismatas, que chegaram tarde perante o ferrageiro emerito.

Manoel Joaquim de Campos.

Notícias várias

1. Explorações da Sociedade Archeologica da Figueira da Foz

a) Na Serra da Boa-Viagem

«Como ha dias noticiámos, esta aggremiação, proseguindo infatigavelmente nos seus trabalhos, continuou as explorações na Serra da Boa-Viagem, em tempo alli iniciadas e desenvolvidas com tanto exito pelo distincto archeologo Sr. Dr. Santos Rocha, actual presidente da Sociedade, e os resultados bastantes animadores, até hoje obtidos, são de molde para poder completar-se a exploração d'aquella região, que tantos elementos interessantes de estudo tem fornecido.

A 200 metros para O. do dolmen da Mama do Furo, nas vizinhanças de Santo Amaro da Serra, descobriram-se ruinas de uma cabana, com alguns fragmentos de louça da epocha romana, trabalhada á mão.

Em um dos contrafortes septentrionaes da Serra, a OSO. de Quiaios, encontraram-se as ruinas de um novo dolmen. Sobre o entulho do monumento existiam os fragmentos de um vaso de fórma ovoide, trabalhado á mão, pertencente ao typo da referida louça. Estavam apenas cobertos por uma camada de terra vegetal. Isto confirma o facto, já assignalado e comprovado por numerosas observações, de que muitos dolmens da grande necropole foram profanados pelos lusitanos durante o dominio romano.

A O. da pyramide geodesica de 1.ª classe de Buarcos, proximo da estrada de Quiaios, descobriram-se os alicerces de uma casa, feita com alvenaria secca, da epocha de D. João III».

(*Gazeta da Figueira*, n.º 703, de 9 de Novembro de 1898).

b) Em Montemór-o-Velho

«Proseguindo no louvavel empenho de desenvolver quanto possivel as suas explorações, no intuito de obter novos elementos de estudo, juntando materiaes tendentes a esclarecer algumas das questões de que esta Sociedade se occupa, tem continuado ultimamente os trabalhos em differentes pontos em que se assignalem vestigios de antiguidades dignas de serem examinadas.

No sítio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, junto ás ruinas da *villa* romana que alli existem, foi reconhecida uma necropole, que parece ser a que se prolonga por de baixo dos pavimentos de mosaico do edificio romano, e que deve ser anterior a este. As moedas recolhidas nessas ruinas alcançam o sec. IV da nossa era, e por conseguinte a necropole deve ser menos antiga.

As sepulturas agora descobertas são duas, do typo das que se encontram em diversas estações mortuarias do Algarve. Pertencem provavelmente a escravos indigenas.

Na Serra do Cabo Mondego, por indicações do Sr. Jorge Bracourt, foi reconhecida uma grande caverna, no sítio denominado dos Covões; e em seguida explorada a primeira galeria, que se encontra á direita, quando se desce da entrada principal. Encontraram-se ossos de javali e alguns outros que parecem humanos, mas que ainda não puderam ser estudados devidamente. A caverna tem galerias com mais de 30 metros de extensão, em diversos niveis e direcções, e

desce a profundezas ainda desconhecidas, onde as luzes se mantem com difficuldade e onde o pavimento está em lama».

(*Gazeta da Figueira*, n.º 706, de 19 de Novembro de 1898).

*

O vaso acima mencionado, encontrado no dolmen do Prazo, foi restaurado quasi por completo, e depositado no Museu Municipal d'esta cidade.

Tambem foram recolhidos no mesmo estabelecimento um cranio incompleto e alguns ossos longos, de uma das sepulturas luso-romanas acima mencionadas. Algumas das moedas romanas alli encontradas estão na collecção do mencionado Museu, tendo o nosso amigo A. Mezquita de Figueiredo algumas, por elle mesmo alli recolhidas no presente anno. Quanto aos ossos trazidos da caverna, nada se poude fazer sobre elles, por virem muito fragmentados.

2. Casa onde nasceu Bocage

A proposito do artigo publicado com aquelle titulo n-*O Arch. Port.*, I, 176, transcreve-se aqui d-*O Elmano*, de 22 de Janeiro de 1898, a notícia seguinte:

«Em cumprimento da deliberação tomada sob proposta do Sr. vereador Egreja, foram collocados na casa da escola publica da rua de S. Domingos o retrato do insigne poeta Bocage, nascido na dita casa, e o do Visconde de Bartissol, que a adquiriu e offertou generosamente ao municipio.

O retrato do Bocage é reproducção executada pelo habil pintor setubalense Sr. Augusto Flamengo.

Na mesma casa foi collocada uma lapide com inscripção commemorativa das circumstancias a que nos referimos, as quaes dão valor historico áquelle modesto edificio».

P. Belchior da Cruz.

«Todo o homem deve e está obrigado a conservar as memorias que seos antepassados lhe deixárão cuidadosos, se as quiser conhecer, imitar e honrar».

Discurso da inauguração do Museu de Cenaculo [por Fr. José Lourenço do Valle], Ms. da livraria do Sr. Visconde da Esperança.

Notícias antigas sobre archeologia

a) *Moedas visigoticas descobertas no Minho.*

«Descobriose na Provincia do Minho hum thesouro de medalhas de ouro dos Reys Godos Chindasuindo & Recesuindo, das quaes se mandàrão algũas à Academia Portugueza, que suspendeo as suas assembleas atè 21 do mez de Abril».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, de 10 de Março de 1718).

b) *Sepulturas no monte de Pombeiro, ao pé de Guimarães.*

«*Braga, 9 de Março.*—No monte de Pombeyro [legoa & meya distante da Villa de Guimarães] o qual os Romanos conhecérão com o nome de Colombino, & os moradores sempre chamárão vulgarmente o Monte Santo, pela tradição immemorial de haver padecido nelle martyrio a gloriosa Santa Quiteria, se achava arruinada huma Capella dedicada a S. Pedro, onde se venerava com grande devoção a Imagem da mesma Santa, que ha tres annos continua a fazer muytos, & grande milagres neste destrito, & querendo reedificalla com as muytas esmolas, & offertas com que tem concorrido os seus devotos, se deu principio á obra no primeyro de Março, & começando a abrirse os alicerces, se deu em hũa sepultura formada de pedras, a que chamão louzas, dentro da qual se achárão os ossos de hum corpo humano, & continuando a obra se forão descobrindo perto de trinta sepulturas semelhantes, nas quaes se virão os ossos organizados na sua natural formatura ainda com dentes, & entre elles alguns conhecidamente de mulheres. Hontem se achou a de hum homem de notavel estatura, cujo tumulo estava argamassado de barro, ainda que toscamente, & ao seu lado direyto outro de palmo & meyo de comprido, & hum de largo, onde estava huma só cabeça de mulher sem nenhuma terra, como se achão alguns dos outros, & todos cubertos com campas das mesmas pedras louzas, & toscas. Inferese que esta cabeça seja a da Santa, & os ossos dos outros tumulos, os dos companheyros, que com ella forão martyrizados no mesmo sitio ha mil & seiscentos annos. Deose parte ao Arcebispo Primaz, que ordenou logo se puzessem editaes, & se passassem ordens, para que em todo o seu Arcebispado se fizessem preces a Deos, nosso Senhor, para que se digne mostrar com alguns prodi-

gios a certeza, determinando ir fazer pessoalmente o exame, com a solemnidade que o direyto Canonico dispoem»[1].

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, de 23 de Março de 1719).

c) *Inscripção romana na Ameixoeira.*

«*Lisboa.* — Em huma terra contigua a azinhaga, que vay do lugar da Ameixoeira para o da torre do Lumear, termo desta Cidade, pertencente ao morgado de Antonio Sanches de Noronha, se descobrio huma pedra do tempo dos Romanos, que estava metida quatro palmos & meyo debayxo da terra. He de quatro faces todas lavradas de escoda, & cada huma de quatro palmos & meyo de largura, & oyto & meyo de comprimento. Tem no alto huma abertura em quadro de hum palmo de profundo, & dentro desta outra mais profunda em figura redonda de altura de dous dedos, com seu releyxo, onde parece estava encayxado algum busto, ou urna; & tem em huma das faces esta inscripção:

D · M ·
Q : JULIO MAXIMO
CAI NEPOTI · AFR....
ORATORI
Q : JULIUS MAXIMUS
TER FILIO PIISSIMO
D · C ·[2]

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, de 22 de Fevereiro de 1720).

d) *Descobrimentos varios de antigualhas.*

«Com as novas ordens, que S. Mag. passou a favor da Academia Real, se tem descuberto em varias partes do Reyno muytas inscripções, columnas, & vestigios de edificios antigos, de que atégora se não tinha noticia, & de que se mandão copias, & debuxos; & nos

[1] Sobre este assumpto publicou em 1803 o P.e Francisco do Nascimento Silveira um pequeno livro de 133 paginas intitulado *Pombeiro Interamnense illustrado pelo martyrio, e Milagres da Preclariscima Virgem Santa Quiteria, etc.* O valor historico é nullo; dá, porém, algumas notícias archeologicas desconhecidas.

[2] Corrigida e publicada pelo Sr. E. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 354. Acuña tinha razão.

Cartorios muytos documentos curiosos, & importantes, de que vão chegando os treslados».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* de 29 de Maio de 1721).

e) *Inscripções romanas sobre a Idanha.*

«O Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal, oppositor na Universidade de Coimbra, a quem tocão as memorias do Bispado da Guarda, expoz *(na Academia Real da Historia)* que havendo lido mais de cem Autores, Hespanhoes, & Estrangeiros, & 22 inscripçoens Romanas que fallão na Idanha, que antigamente foy a sede daquelle Diecesi, tinha entendido que fora Colonia, & Municipio fundada pelos Romanos».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* de 24 de Julho de 1721).

f) *Inscripção christã encontrada em Braga.*

«No principio do mez de Setembro deste anno, querendo guarnecerse de estuque a parede da Igreja Cathedrál, & Primacial de Braga, se descobrio sobre a porta que vay para o claustro junto á pia baptismal, huma pedra quadrada, chea de letras com muytas abreviaçoens, as quaes Pedro da Cunha de Souto Mayor, Cavalleiro da Ordem de Christo, & Alcayde mór daquella Cidade, Academico Provincial da Academia Real da Historia, mandou alimpar da cal, de que estava cuberta & copiar fielmente na forma seguinte:

ERIT
PRESVLIS HVIVS, SECVLS
MEMORANDA FVTVRIS ⁝
SEDIS ET ANTIQVI MAGNANIMOS PIE
PRIMATES, VETERES REPARAT · QVIS MAGIOR CVI
RVGASO MATERIANNO SINTSTERVOE
ERA ₒ5̊0̊ₒ QVINGENTESSIMA PRIMA ₒ[1]

Por esta inscripção parece que faltão na pedra algumas regras, que lhe darião formal sentido, & pela era de 501. que (reduzida a anno de Christo) corresponde ao de 463. se póde entender, que o Prelado de que ella falla seria Idacio, que consta havello sido daquella

[1] Para facilidade typographica desdobrei as siglas e outros signaes de abreviatura. A 5.ª linha não entendi.

Igreja no mesmo tempo, & fazer grandes obras na sua Sé. Da outra parte da parede, em correspondencia desta pedra, se descobrio outra com hum Escudo de Armas, que se não puderão conhecer por estarem picadas pelos oficiaes que rebocárão a parede; & se entendeo que serião as Armas do mesmo Prelado, porém como o uso da armaria não estava ainda estabelecido no mundo, nem o esteve até o decimo seculo da era de Christo, se tem por certo que será de outro Prelado ainda mais moderno».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* de 26 de Novembro de 1722).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Antigualhas romanas do Algarve

1. «Clavis» (de Salir)

Representa a figura uma *clavis,* de cobre, de $0^m,65$ de comprimento.

Foi encontrada na freguesia de Salir, concelho de Loulé, dentro de uma sepultura.

Como esta, tenho visto várias outras apparecidas no Algarve e Alemtejo, do que concluo que não são raras lá.

Á cêrca de outras antiguidades de Salir publicarei uma notícia num dos proximos numeros d-*O Archeologo Português*.

2. «Fusus» (de Alcoutim)

A figura representa a parte metallica (bronze) de um *fusus*, que foi encontrado no Montinho das Larangeiras, freguesia e concelho de

Alcoutim, numas ruinas exploradas em 1876, creio que por Estacio da Veiga. Tem de comprimento 0m,117.

Fusi analogos a este tem-se encontrado em várias localidades do Sul do reino.

3. «Acus» (de Alcoutim)

Na figura precedente representa-se o fragmento de uma *acus* (alfinete) de osso, encontrada no referido sítio do Montinho das Larangeiras e na mesma occasião. Esta *acus* poderia ter servido para segurar o cabello (*acus comatoris* ou *crinalis*). O costume de segurar o cabello com alfinetes é ainda hoje vulgar entre nós.

Tenho visto muitas d'estas e semelhantes *acus*, achadas ao Sul do Tejo.

*

Os desenhos sobre que se fizeram estas gravuras foram-me enviados pelo Sr. A. de P. Serpa, que me deu tambem as informações respectivas ás circumstancias dos achados. Receba pois os meus agradecimentos.

J. L. de V.

Numismatica açoriana

Na Acta das sessões da Sociedade Francesa de Numismatica, de 4 de Dezembro de 1897 lê-se o seguinte:

«M. P. Bordeaux appelle l'attention des membres de la Société sur une question concernant la numismatique coloniale.

M. E. Zay, dans son *Histoire monétaire des Colonies françaises,* éditée en 1892, énonce à la page 200, que, pendant la monarchie de Juillet, différentes monnaies espagnoles, anglaises et françaises furent frappées d'un poinçon rond contenant les lettres G P surmontées d'une couronne royale fermée. Il donne sous son nº 15 le dessin d'une pièce anglaise portant cette contremarque. Il ajoute que cette empreinte aurait été apposée à la Guadeloupe de 1830 à 1870 et il croit que les lettres G P auraient figuré les lettres principales du nom de l'île.

M. Bordeaux fait remarquer que M. Zay, soucieux de ne laisser subsister aucune indication erronée dans son ouvrage, a été le premier à l'engager à faire la lumière sur ce point.

M. Nunes da Silva, agent consulaire de France à Saint-Michel des Açores, et ensuite M. Leite de Vasconcellos, directeur du Musée ethnologique de Portugal, et professeur de numismatique à la Bibliothèque nationale de Lisbonne, ont fourni sur cette contremarque des indications tellement précises qu'il ne peut plus exister maintenant le moindre doute sur sa véritable interprétation.

Antérieurement à 1887, la circulation monétaire des Iles Açores se composait de pièces espagnoles, anglaises, françaises et portugaises, émises depuis 80 ou 100 ans, auxquelles cours légal était attribué. Des industriels peu scrupuleux profitèrent de cette situation pour importer d'Espagne de nombreuses pièces fausses de différents types. Pour remédier à cet état de choses, le Gouvernement portugais, par un décret du 4 mars 1887, défendit l'importation des monnaies étrangère telles que celles en cours.

Deux autres décrets rendus quelques jours après, les 31 mars et 18 mai 1887, prescrivirent que les espèces des différents pays étrangers circulant alors aux Açores seraient remises aux mains des agents de l'État. Ces derniers étaient chargés d'y apposer une contremarque et de rendre ensuite les monnaies ainsi poinçonnées soit à leurs précédents détenteurs, soit à la circulation. Les mêmes édits décidèrent que les caisses publiques ne recevraient plus en paiement au cours légal que les monnaies marquées de cette façon.

La contremarque dont il était question dans le décret du 31 mars 1887, se composa des deux lettres G P signifiant: *G(overno) P(ortuguês)* surmontées d'une couronne royale, le tout renfermé dans un petit cercle. Les poinçons et les coins de cette contremarque existent à l'Hôtel des monnaies de Lisbonne, où M. de Vasconcellos a bien voulu les identifier avec l'empreinte soumise.

Une loi du 3 août 1887 autorisa une émission tant de ce numéraire poinçonné que d'espèces portugaises du type courant pour arriver à remplacer peu à peu les monnaies qui seraient retirées de la circulation.

M. Bordeaux présente une pièce de 5 fr. de la première République française, deux piastres espagnoles de Charles IV de 1793 et de 1895, un réal de Philippe V de 1731, provenant de sa collection et qui portent la contremarque dont le dessin se trouve ci-dessus.

Les pièces ainsi poinçonnées doivent donc être retirées dorénavant de la série coloniale française. Elles ne peuvent plus figurer que dans la série portugaise comme monnaies coloniales frappées d'une contremarque aux Açores en 1887».

(Vid. a respectiva Acta, p. LXII–LXIV, appensa á *Revue Numismatique*, 4.ª serie, t. I).

Discurso da inauguração do Museu de Cenaculo em Beja em 1791

Na livraria do Sr. Visconde da Esperança, na quinta da Manisola, arredores de Evora, existe um manuscrito (n.º $\frac{75}{19}$), assim indicado no *Catalogo dos principaes manuscritos* da mesma livraria, Evora 1897, p. 9: «Oração do Museu, dita em 15 de Março de 1791 perante

D. Fr. Manoel do Cenaculo, na inauguração do Museu Cenaculo Pacense, fundação do grande homem. Anonymo».

Tendo eu manifestado ao Sr. Visconde da Esperança desejos de ler e extractar o referido manuscrito, S. Ex.ª accedeu do melhor modo a elles, e para esse fim estive na Manisola em 21 de Agosto de 1898. Não só ahi fiz d'este ms. os extractos que julguei convenientes, mas tive ensejo de ver algumas preciosidades da livraria do Sr. Visconde e as suas últimas acquisições archeologicas; alem d'isso S. Ex.ª levou a sua amabilidade a ir-me mostrar pessoalmente a célebre fonte que foi construida por André de Resende, o patriarcha dos estudos archeologicos em Portugal no sec. XVI, fonte que com o terreno correspondente está hoje encorporada na vasta propriedade da Manisola[1]. Passei um dia magnifico, cheio de encantos bibliographicos e archeologicos, realçados de mais a mais pela cativante affabilidade que o Sr. Visconde tem sempre para os seus hospedes. Nesta visita acompanhou-me tambem o Sr. A. F. Barata, que ás cousas do nosso passado consagra grande sympathia, revelada em numerosos escritos.

Vou fallar agora especialmente do manuscrito que se refere ao Museu, e apresentar o summário da leitura a que nelle procedi.

O ms. é em papel ordinario, in-folio, de 20 pags. não numeradas, com um pedaço de papel collado na p. 3 por causa de um apontamento que o A. quis intercalar no texto. Contém muitas emendas, o que prova que nos achamos deante do original do discurso, e não deante de uma cópia.

Com quanto o discurso não esteja assignado, attribuo-o sem hesitação á penna de Fr. José de S. Lourenço do Valle, amigo dedicado e collaborador de Cenaculo. Levam-me a esta attribuição as várias allusões que no discurso se lêem a estudos particulares de Fr. José de S. Lourenço do Valle, estudos que conheço por varios trabalhos, uns impressos, outros manuscritos, que existem na Bibliotheca Pública Eborense, e que por vezes tenho compulsado. Tanto quanto pude julgar de memoria, pois não tive presentes na mesma occasião, para os comparar, os papeis que existem na Bibliotheca Pública e o que existe na do Sr. Visconde, pareceu-me tambem ser uma só a lettra d'aquelles papeis e a d'este.

O Museu que Cenaculo fundou em Beja, quando bispo d'esta diocese, continha não só objectos archeologicos, mas exemplares de ethnographia selvagem moderna, e productos de história natural.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, IV, 123, nota.

D'isto resta ainda alguma cousa no Museu de Evora. O bispo resolveu abrir o Museu de Beja ao público; a inauguração fez-se com solemnidade, assistindo o proprio prelado, e muitas outras pessoas.

O discurso da inauguração, recitado, como digo, por Fr. José de S. Lourenço do Valle, continha, alem dos respectivos adminiculos de todo o discurso rhetoricamente bem organizado (exordio, epilogo, etc.), duas partes principaes: uma, sobre a importancia da archeologia; outra, sobre a da história natural.

*

O orador preoccupa-se sobretudo com a primeira parte, e começa por discorrer do proveito do estudo da antiguidade sagrada e profana.

Importancia de um Museu archeologico em geral: «elle ..... me representa ..... nas inscripções profanas a erudição das lingoas, a história dos seculos passados, e a notícia da fabula».

Consideração que aos monumentos davam os Hebreus: o templo de Jerusalem, as táboas da lei, etc.

«E se da Palestina nos transportamos á Grecia, que toda esta, á imitação d'aquella, hera um museo: que magnificencia de escholas em Athenas!»

Passa aos Romanos, de quem falla por alto.

Attenção que em tempos mais modernos prestavam á archeologia vultos notaveis, como Carlos IV, os Medicis, Paulo II, Clemente XIV; a epigraphia na Universidade de Turim; a livraria da Universidade de Sena.

Definição de um museu: «Essas pedras quebradas, dinheiros pizados, letras desconhecidas, e peças desenterradas são preciosos meios que, conhecendo-os vós, sabereis o muito que se ignora» [*sic*]. «O estudo do Museo he hũa disposição para qualquer homem ser completamente sabio. Hũa raridade deve preparar o animo para outra raridade».

Exalta a Cenaculo, por ser o primeiro que em Portugal offereceu ao público um museu, tendo de várias partes do mundo alcançado cousas curiosas, e desenterrado no nosso país várias raridades, para com tudo isto ministrar aos investigadores materia de estudo.

O Museu de Cenaculo é descrito nestas palavras, que o orador dirige aos seus onvintes:

«Já vos parece ver idolos mudos ..... ler as antigas inscrições, ver urnas, ver gigantescos pedaços de colossos cuja perfeição faz

saudoso desejo dos restos que não aparecem, entender medalhas, e contemplar peças esquisitas na arte, admirar as diversas producções da natureza, sua força ligada na perturbação dos monstros, e sua belleza na ordem perfeita».

Desenvolve este ponto, soccorrendo-se sobretudo da epigraphia: «Hum homem lê uma inscripção phenicia ou grega, conhece um testemunho, e ouve hũa voz que mudamente lhe brada que, alem de ser verdadeira a sua antigua existencia, he aquillo que ha de mais mysterioso e occulto nos livros sagrados na ordem humana referida a cousas divinas».—Quem conhece dos manuscritos da Bibliotheca de Evora as predilecções de Fr. José de S. Lourenço do Valle pelo phenicio e pelo grego, vê aqui o homem! Já noutro ponto do discurso elle tem uma allusão pessoal; dirige-se a Cenaculo, e diz: «desde o tempo em que estudei as linguas orientaes no seu collegio de Jesus». Os seus escritos, existentes na referida Bibliotheca, estão por vezes salpicados não só de grego, mas de hebraico. Não ha pois dúvida que o discurso é d'elle.

Continuemos com os nossos extractos. O orador, que está, como digo, soccorrendo-se da epigraphia para demonstrar o valor da archeologia, falla agora, com especial cuidado, das inscripções ibericas do Campo de Ourique[1], que elle interpretou a seu modo, e traduziu,—qual outro João Bonança em tempos modernos. Eis aqui mais uma importante allusão pessoal: «Para mostrar dignamente este ponto, me vejo percizado a servirme *da minha experiencia*». Ora Fr. José de S. Lourenço é que havia estudado primeiro estas inscripções, como consta dos documentos que se acham na Bibliotheca de Evora, e que contém uma extraordinaria interpretação das mesmas. O orador considerava o hebraico como pae de todas as lingoas, do mesmo modo que João Bonança considera o português como anterior ao latim. Estes dois visionarios eram, a respeito de philologia, dignos um do outro, com a differença que Fr. José de S. Lourenço alguns serviços prestou á sciencia, pois colligiu varios materiaes em primeira mão. Fallando ainda das inscripções de Ourique, diz com effeito o orador: «aqui descubro a lingoa santa em diversos caracteres» (!).

Após estas considerações sobre as inscripções de Ourique, em que o orador se detem, para fazer valer a sua obra exegetica, passa a commemorar, embora summariamente, a importancia archeologica da cidade de Beja.

---

[1] Vid. sobre ellas Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, p. 191 sqq.

Assenta em seguida a utilidade do conhecimento da fábula, e em geral da litteratura classica, para com isso confirmar «santas verdades da religião christã».

Análise succinta das inscripções sepulcraes do Paganismo, onde já «se vê arraiar a luz da immortalidade da alma». O martyrio dos santos revelado pela epigraphia.

Chegado ao fim da primeira parte do seu discurso, remata-a d'esta maneira:

«Eu bem sei que a S. Ex.ª [Cenaculo] se deve ha muito tempo o ouvir retumbar com respeito o nome da Antiguidade no Alemtejo. As suas diligencias fazem admiração na Europa, e queira Deos que todos se inflammem em a descobrir attentamente sem que os detenhaõ intereçadas intenções, que com sinistros pretextos soffocaõ grande honra de Portugal e esplendor da religião».

*

Depois de ter tratado da archeologia, diz que devia tratar da importancia do estudo da historia natural, que constitue a segunda secção do Museu, mas accrescenta que não póde ir alem do que Cenaculo escreveu numa obra sua, e por isso traslada d'ella um pequeno trecho, a que junta considerações de pouco pêso.

Fecha o discurso, resumindo a importancia do estudo da archeologia e da história natural, representadas no Museu.

*
* *

O discurso está bastante descosido, não prima pela elegancia oratoria; e o orador, sem se preoccupar muito com enaltecer o alcance dos estudos da archeologia, que torna o homem solidario com o passado, e dos estudos da história natural, que marca o lugar d'elle na cadeia dos seres, e lhe dá noção mais nitida de si mesmo e do universo, esforça-se sobretudo por glorificar a Igreja, e a pessoa de Cenaculo. Ainda assim, attentas as circumstancias em que este discurso foi pronunciado, nos fins do sec. XVIII, e em Beja, alguma significação tem na história do nosso modesto movimento archeologico; por isso fiz d'elle o resumo precedente.

Receba mais uma vez o Sr. Visconde da Esperança os meus agradecimentos pela liberdade com que me facultou o exame do curioso manuscrito.

J. L. de V.

Errata

Na nota a p. 196 do meu artigo *O territorio de «Anegia»* deve ler-se o seguinte: «D. Moninho Viegas, o *Gasco* (e não *Gasto*), é o tronco da familia dos Coelhos». E não: «D. Moninho Viegas, o *Gasco* (e não *Gasto*), é o tronco da familia dos Vasconcellos».

Pedro A. de Azevedo.

Objectos romanos do Alemtejo

(Carta ao redactor d-*O Archeologo Português*)

... Sr. — Possuindo alguns objectos da epocha romana, e lembrando-me de que talvez V. deseje torná-los conhecidos, tomo a liberdade de enviar a V. alguns desenhos d'aquelles que, pela sua originalidade e valor artistico, me pareceram dignos de publicidade. e que em seguida descrevo:

Fig. 1. — Chave de ferro, elegante e muito bem trabalhada, encontrada em Beja numa excavação conjunctamente com mais objectos romanos, mas estes sem importancia.

Fig. 2 e 3. — Dois anneis de ouro massiço encontrados numa sepultura no Alemtejo, não se tendo podido averiguar o local exacto onde foram encontrados. O annel da fig. 2 tem de pêso 5^{g},7 e gravado na pedra, de côr verde escuro, a figura de um guerreiro. Na fig. 2–*a* representa-se em maior tamanho a figura. O annel da fig. 3 tem igualmente gravado numa pedra côr de leite, com rebordo preto, a cabeça de um bode, de perfeição e nitidez admiraveis. Tem de pêso 5 grammas. Na fig. 3–*a* dá-se em maior tamanho a figura.

Fig. 4. — Um brinco, tambem de ouro, com o pêso de 1^{g},5. — A sua estranha fórma revela-nos a sua antiguidade. Não se prende á orelha como os brincos vulgares. Um fio do mesmo brinco, como a figura representa, uma vez desenrolado penetrava no orificio da orelha para se enrolar de novo, ficando assim seguro no seu lugar.

Todos estes objectos, cujos desenhos lhe envio, como disse, foram fielmente copiados pelo habil desenhador e aguarelista o Sr. Roque Gameiro, uma gloria da arte nacional, e com cuja amizade me honro.

Sou, etc.

Joaquim Henriques.

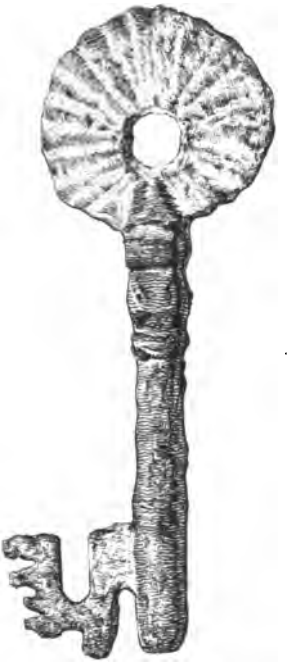


Fig. 1

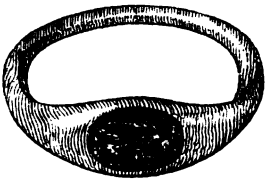


Fig. 2

Fig. 2 a

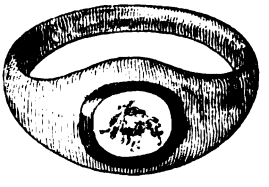


Fig. 3

Fig. 3 a

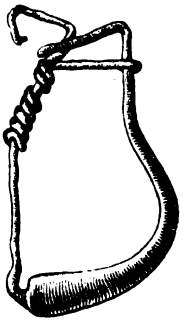


Fig. 4

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Insculpturas em rocha em castros de Val-de-Vez, ou varios penedos com pias

As tres gravuras, que acompanham este artigo, representam umas cavidades abertas em penedos de granito, proximos dois do castro de Azere, pertencente outro ao castro de Cabreiro, e ambos situados no concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez.

O penedo reproduzido na fig. 1, está em uma das abas das eminencias que se ligam ao chamado *castello de S. Miguel-o-Anjo*, em Azere, ao qual já me tenho referido nesta mesma revista.

Ao sítio chamam o *Purto*[1]; é lugar apertado no fundo de duas encostas fronteiras, cujos flancos se cortam numa linha de grande declive, marcada por um estreito córrego, por onde desce um escasso regatinho, humilde e bucolico, ensombrado de franzelhas (*osmunda regalis*) e avencas. Esse fio de ágoa vae passar a uns 15 metros de distancia do penedo em que está insculpida a *pia*[2].

A vegetação das devesas minhotas, coando a luz quente do sol sobre aquelle rochedo, insensivelmente lança o espirito de quem, sendo attreito a devaneios de cousas archaicas e mouras encantadas, visita o lugar, para as regiões ainda mysteriosas de longinquo passado.

A grande fossa, insculpida no penedo á que me refiro, occupa uma extremidade da pedra, hoje quasi nivelada com o solo, em consequencia das erosões de terras mais altas. A sua face superior é levemente convexa. A excavação não é geometricamente circular, porque o diametro varia de $0^m,85$ a 1 metro; mas, aos olhos desprevenidos do observador, parece representar um circulo perfeito.

O fundo é perfeitamente contínuo e de uma concavidade apenas perceptivel, mas, em virtude do arredondado da face superior do penedo, a profundidade da fossa varia entre $0^m,20$ e $0^m,32$. Na parte mais proxima da borda do penedo abre para fóra, ao nivel do fundo, por um rego ou canal que, em razão do seu proprio declive e da propositada encurvadura do mesmo fundo, daria completo escoamento a qualquer liquido que a *pia* pudesse conter.

---

[1] É esta a pronúncia local; supponho porém que se deverá escrever *Pulto*, como *último* (úrtimo), *julgar* (jurgar), *azul* (azur), etc.

[2] Disse-me o meu cicerone que d'esse regatinho, e de uma fonte que rebenta uns 100 metros a cima e que nunca secca, fonte do tempo dos *mouros*, fallam os *roteiros*.

Este canal tem na entrada, sobre as paredes da fossa, a largura de $0^m,09$, conservando-a até á distancia de $0^m,27$. Aqui o seu lastro tem um rebaixo ou pequeno degrau de $0^m,03$ ou $0^m,04$ de altura. Acompanhando esse pequeno desnivelamento, as paredes do rego tambem foram respectivamente alargadas, distanciando-se portanto mais uma da outra, até á borda do penedo e extremidade do canal. A largura pois do canal, neste segundo troço, é de $0^m,17$; e o seu comprimento $0^m,25$. É preciso porém reparar na seguinte particularidade.

De cada lado do rego, sobre as suas paredes verticaes, e principalmente no seu proprio fundo, praticaram-se no granito, embora já hoje mal accentuados por meio-gastos do tempo, uns estreitos rasgos ou sulcos contiguos ao resalto para a parte externa, os quaes denunciam com toda a clareza uma disposição adequada ao encaixe e manobra de uma adufa ou comporta[1] que, fechando ahi o canal quando fosse mister, impedia temporariamente a saída do liquido ou antes da massa que a fossa contivesse. Não póde ser outra a explicação[2].

O rego termina, morre numa face da rocha quasi vertical a uns $0^m,20$ do chão[3].

Em redor da fossa, na aresta não ha resalto algum nem rebaixo. No resto da fraga, que mede no seu maior diametro 4 metros, tambem nada mais se encontra de particular.

---

[1] Este mesmo systema de vedar um recinto é usado na Citania nos pequenos quinteiros das casas. Ahi eram cancellas ou tabuas que corriam nos rasgos ou calhes dos tranqueiros lateraes. Vid. *Observações á Citania de E. Hübner*, por Martins Sarmento, p. 13, nota 7.

[2] Mas evidentemente a vedação de um liquido puro por este systema não podia ser perfeita, nem jámais o pudera ter sido com granito aspero e *galhudo* (granuloso) do penedo; entre as arestas da adufa de madeira e os rasgos da pedra ficavam pequenos intersticios que deixariam esvasiar o recipiente em pouco tempo. Ou então devemos convir em que essa cuba fôra feita para receber um corpo não liquido, mas simplesmente embebido de um liquido, do qual se procuraria separá-lo.

[3] Para aproveitar pois o liquido, obstando a que escorresse inutilmente por essa face, seria preciso collocar no seu extremo uma bica de qualquer natureza que fosse. Ainda hoje nas nascentes pouco abundantes, eu tenho visto, para inteiro aproveitamento da ágoa, collocar, a modo de bica saliente, uma simples folha de arvore, com a conveniente consistencia, folha que se arqueia em meia-canna. Fosse qual fosse o destino d'este recipiente, não tinha elle de certo sido excavado com tanta fadiga, senão para cuidada utilização do liquido que nelle se obtinha. Para isso, o remate do canal era de evidente imperfeição, o que em todo o caso me suggere que seria transitoria e não continuada nem constante a operação ali realizada e que o penedo ainda hoje conserva a sua primitiva situação.

Naturalmente perguntei ao homem, que foi mostrar-me esta *pia,* qual teria sido o seu destino. Respondeu-me que *aquillo era do tempo dos mouros e d'elles fazerem ali o vinho;* affirmava-se mais que ali, algures, houvera uma casa *desde o principio do mundo.* E fez-me notar que pela parte de cima se conheciam ainda vestigios de antigo cultivo; de facto, o terreno naturalmente declivoso mostra ainda hoje os córtes das *leiras* abandonadas, aonde agora vegeta o matto e crescem os carvalhos.

Não fiquei eu sabendo mais nem melhor do que o meu rude cicerone, depois de ter gasto algumas horas, que elle poupou, em folhear o que outros pudessem ter pensado e escripto sobre monumentos d'esta natureza. Mas se era vinho (ou azeite?) o que ali se fabricava,

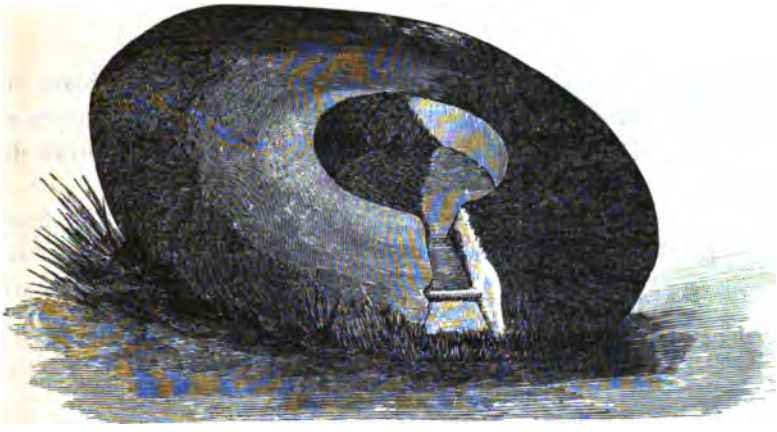


Fig. 1

delicioso e raro nectar devia elle ser naquelles tempos, para compensar o insano trabalho de excavação d'aquella fossa em granito da mais dura especie, talvez com instrumentos de apoucada resistencia!

E comtudo estou hoje convencido, pelas razões que exporei, de que acertada era, pelo menos para esta fossa, a explicação que me fornecia a simpleza de um analphabeto, quem sabe se a inconsciente voz de uma tradição...

*

Continuando a pesquisar minuciosamente o sítio, encontrei, á distancia aproximada de 200 metros, pelo monte a cima, outra bacia cavada na rocha, mal esboçada apenas, da qual o meu guia nem era

conhecedor. O penedo em que está, pendura-se sobranceiro ao mesmo córrego, a que já me referi. É uma excavação de fórma quasi rectangular, com os angulos internos arredondados, tendo de profundidade apenas $0^m,05$. Dos lados mede $1^m,1$ por $0^m,95$. Para a banda do nascente ha um sulco da largura de $0^m,1$ e comprimento de $0^m,17$, o qual principia na circumferencia d'esta bacia, tendo ahi um resalto de $0^m,03$ e termina sobre uma face vertical do penedo, que mede a altura de $0^m,95$.

A um canto, a pedra mostra uma fenda que attinge um lado do recipiente e que, se não é posterior á sua utilização, devia ter sido causa do seu abandono[1], porque escoaria qualquer liquido que elle contivesse. Era um penedo *fôlgueado,* segundo a expressão do velho lavrador, meu cicerone[2]. Esta pequena excavação estava portanto tambem á borda do rochedo.

*

Na área circumvizinha d'este castro de S. Miguel não ficam nisto as obras de insculptura em rocha. Vou dar conta de uma terceira pia, que é bem singular por ter um appendice de que as outras duas carecem.

As excavações abertas neste grande rochedo constam: 1.º, de uma bacia, proximamente circular, de pouca profundidade; 2.º, de varios buraquinhos, para os quaes o meu octogenario cicerone só encontrou o appellativo *dentadellas;* 3.º, de uma fossa de base quadrangular, situada á borda do penedo e aberta por um dos lados maiores.

Auxiliarei a descripção com o schema da fig. 2.

1.º A pia circular foi muito pouco profundada, mas a inclinação do seu lastro é sensivel no sentido da caixa rectangular contigua, de fórma que embora nalguns pontos do seu circuito não haja resalto ou rebaixo fig. 2 (*o, o*), qualquer liquido tenderia naturalmente a reunir-se na fossa quadrangular. Nos pontos *c,* c e *d,* o rebaixo para a parte interna mede apenas $0^m,05$ e $0^m,1$. Este córte da rocha é evidentemente obra do homem, o mesmo não direi do designado pela minuscula *e* que é attribuivel a causas naturaes. Esta desigualdade das paredes da excavação relaciona-se com as asperezas da superficie da pedra. Os seus

---

[1] É vulgar encontrarem-se penedos fendidos e ainda retalhados completamente pelos raios.

[2] Escrevo *fôlgueado* ou melhor *fôlegueado,* porque oiço dizer: este penedo tem um *fôlego;* não *fôlgo,* que seria pronunciado *fôrgo,* como *fôlga* pronunciam *fórga; bolso, borso,* etc. Vid. p. 289, nota 1.

diametros *A B* e *C D* medem respectivamente $1^m,25$ e $1^m,17$. Já disse que esta tina é cortada por uma das paredes verticaes da caixa rectangular; as lettras *P Q* marcam a linha de contacto; não ha ahi vestigios de qualquer rego ou sulco.

2.º Na superficie do penedo, superficie grosseiramente chã, vêem-se cinco buraquinhos, um só dos quaes está dentro da excavação circular.

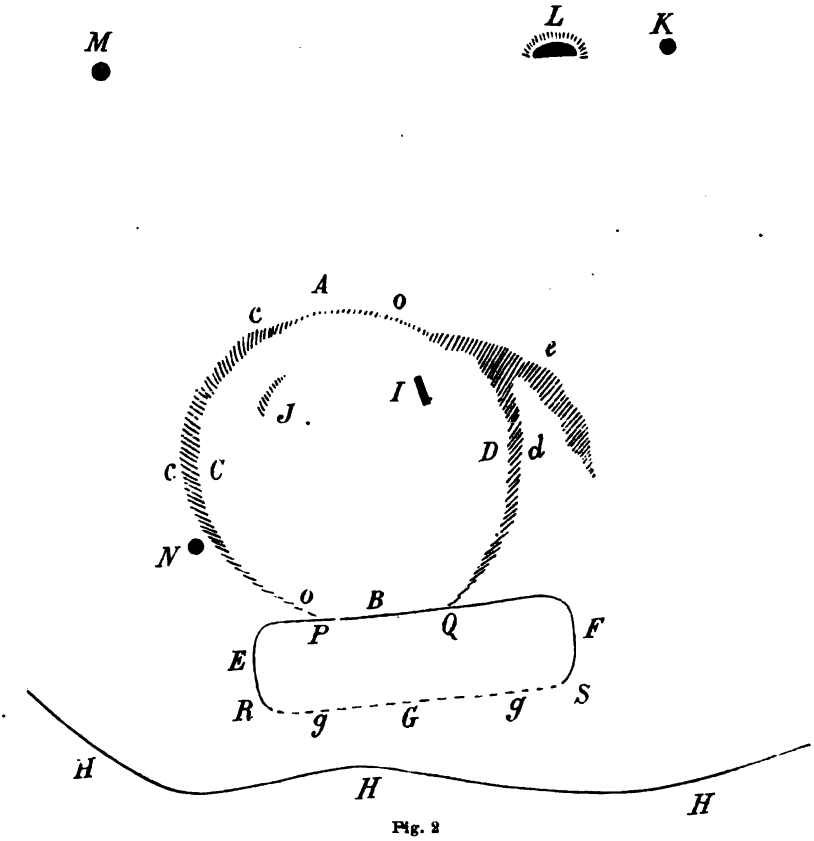


Fig. 2

A figura indica a sua situação relativa. O buraco *K* tem $0^m,1$ de profundidade e $0^m,07$ de diametro na bôca. Dista $0^m,30$ do *L*, cuja fórma é semi-lunar e que me pareceu ser feito modernamente por cunha de aço temperado, com que ainda ha poucos annos se despedaçava a rocha, quando d'ella se pretendiam cantarias. O mesmo juizo faço do buraco *I*, cuja profundidade é $0^m,05$ e comprimento $0^m,14$; este acha-se dentro da excavação circular. A fossasinha *M* é circular; tem a profundidade

de $0^m,07$ e o diametro de $0^m,05$ e dista $1^m,45$ de *L*, occupando com *K* a mesma linha recta. Falta o buraco *N*, que foi aberto junto á pia; tem de fundo $0^m,1$ e de diametro $0^m,09$. Em *J* ha um pequeno resalto que me parece natural.

Confesso não perceber a relação entre as duas excavações e estas buraquinhas ou cúpulas ainda exceptuando as duas que presumo serem modernas. Mas tambem não tenho argumentos para fundamentar a antiguidade das outras e relacioná-las com as restantes insculpturas.

3.º A fossa quadrangular tem os dois angulos internos arredondados; o fundo é um pouco concavo, de tal sorte que na linha *g G g* ficou um bordo na pedra de $0^m,05$ de saliencia que limita pelo lado externo o fundo e liga inferiormente pelos pontos *R* e *S* as paredes testeiras *E* e *F* da caixa. O comprimento da excavação é $0^m,85$; largura $0^m,33$, e profundidade $0^m,20$. Como se vê, esta caixa tem apenas um lado maior e dois menores; o quarto que seria *R S* não existe, porque é ahi o desnivelamento do rochedo que mede de altura ao solo 1 metro. Esta excavação é portanto aberta pela parte superior e por um dos lados, circumstancia que me embaraça sobre maneira qualquer supposição sobre o modo do seu aproveitamento.

*

No concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez conheço ainda outra pedra insculpida pelo homem e situada num castro; representa-a a fig. 3[1].

---

[1] Outras de que tenho notícia, ainda não pude examiná-las; nem mesmo sei se são sepulturas em rocha e a estas me não refiro no presente artigo. Uma conheço *de visu;* mas consta-me que ha mais. Tem uma figura quasi geometricamente rectangular e está bem lavrada. Mede no fundo de comprimento $2^m,30$, de largura na cabeceira $0^m,65$, nos pés $0^m,60$ e tem a profundidade de $0^m,65$. Na aresta d'esta especie de caixa, que me parece ser uma sepultura, ha para a parte de dentro um rebaixo em todo o seu contorno, circumstancia indicativa de ter sido tapada com pedras ou lages que ali se ajustavam.

Em Panoias ha uma fraga com fossas semelhantes e com os mesmos rebaixos, mas alem d'estes ha um resalto em todo o circuito, como para evitar a infiltração das ágoas naquelles recintos, particularidade que não se dá naquella a que me refiro. (Vid. *O Arch. Port.*, III, 58 e *Memorias de Argote*, p. 332.

O terreno aonde se encontra o enorme penedo em que foi aberta aquella cavidade, é abundante em tijolos (cf. *O Arch. Port.*, I, 9 e 189) e o povo refere que os *gallegos* tem proclamado que a quinta dentro da qual se encontra o rochedo, está ladrilhada de ouro. (Estes ladrilhos de ouro são talvez a desfiguração de mosaicos romanos, que alguem visse; pensa isto a respeito de Vizella o Sr. Martins Sarmento.—Vid. *Revista de Guimarães*, 1884, p. 167). Aquelles cidadãos, nossos

Está ella situada dentro das muralhas do mais perfeito e completo castro, que possue o referido concelho e que espero poder explorar um dia.

É o *Forte das Necessidades* ou o Castro de Cabreiro, nome da freguesia.

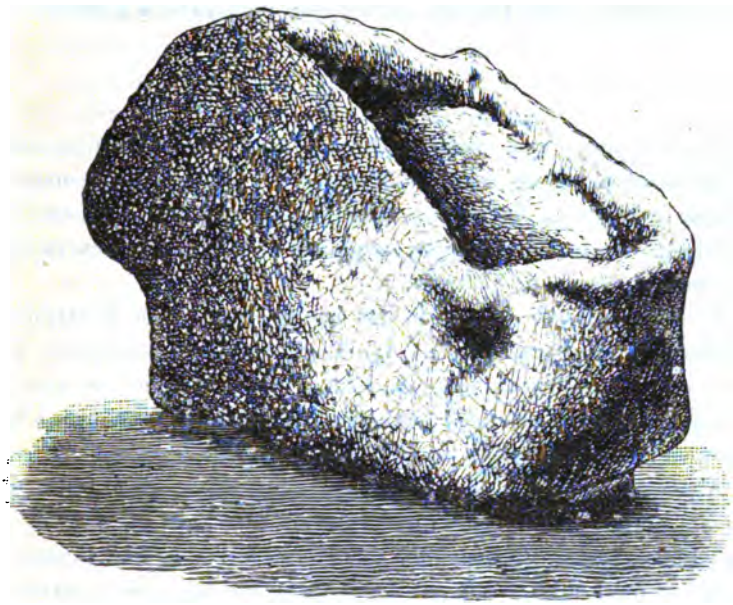


Fig. 3

vizinhos, fazem por vezes em o nosso territorio algaras em nome de S. Cypriano, deixando (?) em determinados sitios covas, *que a terra extraida não enche depois;* por estes factos são mysteriosamente olhados como gente muito sabida em desencantamentos de riquezas.

A sepultura, a que me estou referindo de passagem nesta nota, servia, disseram-m'o, para as mouras amassarem o pão, que depois iam cozer a uma casa (casa torreada de Aguiã) tambem d'esse tempo (!), a qual fica fronteira do outro lado do rio, passando as fornadas para lá por meio de uma corda suspensa sobre o valle e fixa nos dois pontos!

O povo acha semelhança entre a cavidade descripta e uma *masseira* ou amassadeira de pau, em que se amassa e leveda a farinha; d'aqui provém, creio eu, a orientação da lenda. Na Escandinavia, as *covinhas* tambem serviam para moer a farinha (Vid. *Religiões da Lusitania,* por J. Leite de Vasconcellos, I, 356).

O penedo de Gondoriz (tal é o nome da freguesia) não está em castro algum, mas não longe ha um lugar de casas com esse appellido e a conveniente disposição topographica. É, quanto a mim, um monumento bem diverso d'aquelle a que me refiro no texto (vid. *O Arch. Port.,* I, 189 e *Expedição á Serra da Estrella,* est. IX).

Esta sepultura não tem orificio algum, como as que menciona *O Arch.,* I, 128.

Como se vê pela gravura, o receptaculo é muito menos profundo que em Azere, e a sua fórma é muito diversa. É rectangular e foi insculpido na parte superior de um penedo, que parece conservar-se ainda na sua primeira posição.

O esvasiamento do recipiente fazia-se, não por um rego aberto como em Azere, mas por um bueiro que perfurava o granito.

*

Tanto a minuciosa comparação das gravuras que representam as pedras insculpidas de Azere e de Cabreiro, como o conhecimento da situação relativa de todas ellas fazem-me propender o espirito para a hypothese de que o destino das cavidades de Azere não devera ter sido o mesmo que o da de Cabreiro.

Esta encontra-se dentro de um castro circumdado de larguissimas muralhas, verdadeiro ninho de aguia, vigiando um alcantilado desfiladeiro, que o rio Vez percorre ao fundo, castro em que as casas circulares ou quadradas dos seus primitivos habitantes disputavam o terreno a grupos desordenados de fragões graniticos.

A *pia* de Azere e as suas irmãs pertenciam, é verdade, tanto quanto se póde julgar, a um castro, que provavelmente não teve mais do que entrincheiramentos de troncos e terra, que ainda se denunciam, e não muralhas de robustos silhares, mas estavam um pouco afastadas do nucleo da povoação, em terrenos que se ligam ás encostas do castro, talvez desprotegidas.

Fosse qual fosse o destino da *pia* de Cabreiro, parece que os castrejos a queriam bem dentro das suas cyclopicas muralhas, com as quaes, talvez numa rapida hora de pavor e sobresalto, coroaram a crista de um monte, que alcandora sobre o leito fragoso e espumante do Vez os seus quasi 300 metros de ravina.

Ao contrario, os habitantes de Azere, sítio menos serrano do que Cabreiro, que é ainda hoje montanha quasi erma e perdida num anfractuoso desvio da serra de Soajo, esses não julgaram necessario guardar no centro das suas obras de defesa e segurança o perfeitissimo trabalho que a fig. 1 representa e que hoje nos attesta a pertinacia dos que, provavelmente com imperfeita ferramenta, sabiam como nós insculpir o mais duro granito[1].

---

[1] A este respeito quero contar o que ha pouco tempo vi e que me deixou não direi maravilhado, mas algo reflexivo. Numas pedras de granito, junto das

Da situação dos penedos referentemente aos dois castros em que estavam, se póde inferir tambem, quanto a mim, não só a diversidade de destino, mas talvez até a desigualdade de importancia que estes monumentos tiveram. Quem sabe se algumas das cavidades foram feitas tranquillamente em longas horas de paz e de prosperidade, para utilidade material de uma povoação trabalhadora e activa, que no seu pacifico labor agricola se alargava confiadamente do centro do seu castro para a terra chã; e alguma outra, mais tosca e imperfeita, representava comtudo a imposição de um uso ou culto arreigado de que, nem em horas de aperto e vigilancia, uma população alvoroçada e intransigente podia prescindir, pela sua importancia tradicional?

Mera supposição para a mysteriosa *pia* de Cabreiro, mas hypothese racional e plausivel para as de Azere, como procurarei demonstrar.

*

As duas cavidades reproduzidas pelas fig. 1 e 3 tem apenas de *commum* a disposição conveniente para o exgotamento de um corpo liquido; na de Azere é um rego com adufa ou *pejadouro,* na de Cabreiro um simples bueiro.

O mais é tudo differente: — fórma da excavação, profundidade da fossa e situação relativa ao castro e ao solo circumjacente.

A de Azere está poucos decimetros a cima do nivel do terreno; a de Cabreiro foi insculpida num penedo elevado que faz parte de um d'estes grupos de fragas, vulgares nas regiões do granito.

O mais seguro juizo que posso formar sobre esses dois archaicos monumentos é a sua connexão com os dois castros de Azere e de Cabreiro; ambos são contemporaneos d'esses dois nucleos de povoação, embora o de Azere me pareça ter penetrado mais em tempos francamente historicos.

A escassez e rareza de casos analogos tornam o estudo comparativo quasi improficuo e não permittem que o raciocinio abandone o terreno vacillante das hypotheses mais ou menos plausiveis. É preciso

---

quaes brincava um pastorsinho, notei eu umas *buraquinhas* muito regularmente abertas. Mostrando-me um pequeno seixo de gneiss, declarou-me o rapaz que era elle quem se entretinha a fazê-las, com repetidas pancadas do seixo, emquanto as vaccas pastavam. Quando um se inutilizava, substituia-o por outro novo. Uma das buraquinhas levara-lhe uma semana a fazer!

ainda que se reunam muitos mais elementos de estudo para respigar alguma conclusão segura.

Entretanto não deixarei de apresentar as considerações que ao meu espirito suggere a reflexão sobre estes monumentos castrenses. Exponho-as assim á ponderação dos leitores d-*O Archeologo,* mais competentes e mais experimentados de que eu. Em todo o caso, a mingua de elementos e dados comparativos obriga-me a formular os meus juizos com reserva.

*

Se para a referida *pia* de Azere, o caracter religioso parece que deve ser fundamentalmente posto á banda[1], para a de Cabreiro não encontro base solida em que possa assentar qualquer juizo, a não ser o de lhe recusar destino igual á de Azere, seja qual fôr o d'esta[2].

É o que me resulta da comparação de duas cavidades tão differentes.

---

[1] Nenhum argumento me compelle a acceitar para esta tal explicação, que aliás as poucas razões que deduzo no texto tambem repudiam.

[2] E comtudo encontrar-se-ia em várias obras a descripção de recipientes cavados na rocha, alguns dos quaes evidentemente tiveram um destino religioso e que talvez pudessem ser invocados para anortear o espirito no estudo da pia de *Cabreiro.*

Rougemont (*Âge du bronze,* p. 56) cita uma pedra oscillante em Perros Guyrech que tem insculpida uma cavidade com o seu respectivo bueiro e varios outros penedos errantes, estes porém com pequenas fossas (*ibid*, p 70). Dentro da grande anta de New-Grange appareceram dois recipientes circulares de pedra, que deviam ter tido um uso funerario e cultual (vid. *Les monuments mégalithiques,* par Fergusson, trad. de Hamard, p. 217, e Rougemont, *ob. cit.,* p. 378). O mesmo se viu em Lough-Crew (vid. Rougemont, *ob. cit.,* p. 230).

Nas *Antigüedades prehistoricas y celticas de Galicia,* por Villa-Amil y Castro, vem citadas várias cavidades em rochedos, que pela deficientissima descripção do A. lembram as de Azere e Cabreiro e igualmente estão situadas em castros; são as de Coto da Recadeira (p. 41) e Peña avaladoira (p. 51).

O Sr. Martins Sarmento, na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes,* (vol. III, p. 190) refere que no castro de S. Lourenço (Villa-Chã, Barcellos) ha «uma pia refundada num penedo a pouca distancia das ruinas e que está sempre cheia de agua». É pena que o eminente ethnographo calasse o que com tanta auctoridade nos poderia dizer.

N-*O Arch. Port.,* II, 91, vem incompletamente referido um tanque aberto no penhasco, isto no Alemtejo; do Douro (Resende) citam-se tambem pias redondas e quadradas, abertas na rocha (vid. *O Arch. Port.,* I, 9).

Terão alguns d'estes recipientes no bueiro de despejo a disposição que caracteriza uma das pias de Azere e que é, quanto a mim, o principal indicio e o

Referir-me-hei pois primeiramente a esta[1].

A hypothese que mais acertada parece é que essa fossa tinha um destino agricola ou mais restrictamente serviria para alguma operação do fabrico do vinho ou do azeite.

E é curioso que seja ainda esta a interpretação popular, o que lhe daria quasi fóros de tradição se a esta precisasse ou pudesse eu recorrer[2].

Tambem não deixaram de apparecer nos entulhos das excavações, que em 1893 fiz neste castro, muitos restos de *dolia* ou antes *seriae*. (Vid. *O Arch. Port.*, I, 167: fig. 2, n.º 19).

Que razões me levam a preferir pois esta explicação?

Primeiro, a fórma da cavidade e a do canal de exgoto. A disposição do rego ou canal adequada para a adaptação de uma comporta ou corrediça denota plausivelmente, que este recipiente devia conter uma massa d'onde se pudesse extrair, pela pressão, um liquido num dado momento. Como a comporta não ajustaria hermeticamente nas paredes do rasgo competente, em consequencia da granulação do granito grosseiro[3], é evidente que a pia não podia servir para depósito, ainda temporario, de um liquido isolado.

---

melhor argumento em favor da serventia agricola que lhe assigno? Nada se diz, mas é provavel que particularidade alguma as distinga. Será desacerto alinhar pois estes factos ao lado da pia de *Cabreiro?*

Quod est demonstrandum. Muitas vezes me tem occorrido este pensamento: se Panoias não tivesse por si as suas epigraphes, o que pensariam os archeologos de todos aquelles tão variados recipientes? Seria talvez um mysterio mais cerrado que o segredo de Edipo.

[1] A proposito de cavidades, e para que me não seja imputada confusão, devo dizer que, nos altos fragões das serras, tenho eu encontrado algumas em que ha contornos helicoidaes, muitas vezes insuladas, outras vezes conjugadas caprichosa e pittorescamente, as quaes só tem que ver, segundo me parece, com os geologos. São irmãs das que se vêem no leito de rios ou correntes caudalosas e das que produzem as geleiras, aonde as ha ou aonde as houve. Cito, por exemplo, o *sino da moura* (Gondoriz) que é dos mais curiosos exemplares d'este phenomeno e que com *mouras* creio que só tem alguma cousa, desde que as verdadeiras se extinguiram cá.

[2] É singular não ter este penedo ligada a elle alguma crendice popular e tê-la o tal *sino da moura*, aonde ainda vi, quando o visitei, pingos de cera, provenientes da vela benta com que dias antes um reverendo presbytero julgára mais liturgico e efficaz fazer illuminar o seu latim para desencantamento do thesouro.

[3] Se o mesmo systema ainda hoje se adopta no systema de irrigação e distribuição de ágoas para regas, é porque se trata de um liquido sempre corrente e constantemente renovado em grande abundancia, o que permitte que se desprezem as pequenas escorreduras das adufas.

A massa humida era naturalmente a uva ou a azeitona. A fórma da cavidade lembra o recipiente de um *torculum*.

E não deve, creio eu, extranhar-se que, num humilde castro da Gallecia, venha encontrar-se um lagar singelo e rude ou seus vestigios, construido por um systema um pouco differente d'aquelle que se adoptava em outras regiões, já em tudo senhoreadas por uma civilização inteiramente romana.

Assim como em Azere, apparece ceramica de um typo indigena, castrense, se assim o posso dizer, ao lado de outra de caracter ou mesmo de procedencia romana, que é de espantar que os castrejos de Azere produzissem o seu precioso nectar por um systema cuja disposição, muito provavelmente anterior ao advento dos seus conquistadores, não coincidia com o modelo mais generalizado nas regiões civilizadas?

Rich no seu *Dict. des ant. rom. et grecq.*, s. v. *Torcular*, descreve o systema primitivamente empregado para espremer o bagaço da uva ou da azeitona. Constava simplesmente de um grande calhau e de uma alavanca adequada. Esta servia para conservar erguido o calhau, emquanto por baixo d'este eram amontoadas as uvas; pelo proprio pêso da pedra, talvez mesmo augmentado por uma acção conveniente da alavanca, se conseguia depois a espremedura da massa.

Diz mais a baixo Rich que posteriormente a este simples processo se introduziu outro que consistia no emprêgo de uma trave *(prelum)* fixa por um extremo *(lingula)*, a qual podia descer pela outra extremidade ligada a um cabrestante *(sucula)*, sobre o espaço *(area)* aonde as uvas se accumulavam, talvez retidas em ceiras ou fasquias *(fiscinae, regulae)*.

Não vejo em Azere vestigios da intervenção da trave d'esta última especie, com os respectivos accessorios do *torcularium* de Gragnano. Mas creio facilmente que o systema de Azere representa um notavel aperfeiçoamento do apparelho primevo, como que um systema intermediario entre o mais rude e o posterior do cabrestante e cadernal.

Se imaginarmos que o recipiente de Azere representa a *area* do lagar da Gragnano num processo porém de vinificação mais simples do que esse, embora um pouco mais perfeito que o do baixo relevo do Museu de Napoles, pois que em Azere o *pes vinaceum*, em vez de ser amontoado e retido em *fiscinae*, era esmagado numa prensa ou pia de granito, por cujo canal saía inferiormente só o liquido, ficando o *pé* ali detido pela adufa corrida a meio do rego, temos formulado uma hypothese que explica plausivelmente e sem violencia o fim para que os antigos habitantes do castro de Azere rasgaram uma cavidade d'aquellas dimensões em durissimo granito.

*

Nas explorações feitas pelo illustre archeologo da Figueira, o Sr. Santos Rocha, na freguesia de Bensafrim, appareceram restos de um *torcularium,* composto de uma *area* ou propriamente de um lagar e de um recipiente, aliás não descriptos em Rich e que parece corresponder á lagareta ainda usada no Minho, para a qual corria o sumo da uva e aonde este era colhido até ás derradeiras gotas.

Essa fossa circular faz-me lembrar a pia de Azere. Ambas são circulares e, se a de Bensafrim tem $0^m,82$ de diametro, a de Azere não differe muito, pois mede $0^m,85$ a 1 metro. Esta é porém menos profunda[1].

Em Panoias, uma das fragas, que Argote suppõe ser um lagar e parece na verdade tê-lo sido, o liquido escorria de um *torcular* quadrado para uma pia circular, especie de lagareta. O rego do *torcular* parece pela gravura[2] ter uma disposição singular, que aliás se não adivinha pelo nada que Argote nos diz. O liquido que esta fossa pudesse conter, era exgotado por meio de vasos, pois não tinha bueiro ou bica como tem a de Bensafrim e de Azere[3].

*

Falta ainda referir-me especialmente ás outras duas insculpturas situadas nos terrenos adjacentes ao castello de S. Miguel-o-Anjo.

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, II, 66 e III, 82.

[2] Nada menos proveitoso e mais antiscientifico de que as gravuras com que Argote quis illustrar a sua obra e auxiliar as suas descripções. São feitas com um pedantismo artistico que, se obedecia á orientação esthetica do seculo, faltava desfaçadamente ás normas de uma reproducção fiel e verdadeira.

É triste que, se as insculpturas de Panoias estão a perder-se, se perca tambem d'ellas uma representação exacta e rigorosa.

[3] Já depois de escripta esta notícia e mostrando eu casualmente o desenho da fig. 1 a uma pessoa de idade avançada, me disse ella que em casa de seus avós, se lembra de ter visto na adega uma lagareta tambem aberta na rocha e que ainda servia para a vinificação. Era porém quadrada. Na mesma rocha em plano superior á lagareta e aproveitando-se para lastro do lagar a horizontalidade da lage, estavam collocados em quadro os silhares que o constituiam.

Vae bem perto, dos tres modelos de *torculum* de Azere, áquelle systema de vinificação, posso dizer, nosso contemporaneo! Deve notar-se mais que em todos elles se aproveitou tambem a superficie mais ou menos lisa da rocha para uma primeira operação do fabrico do vinho.

Uma d'ellas teve evidentemente não só destino, mas funccionamento identico ao da que a fig. 1 representa. Ha apenas a differença da profundidade da excavação e da maior simplicidade do canal; é por assim dizer obra mais tosca; circumstancia esta que não destroe a analogia das duas fossas e do modo do seu aproveitamento.

A outra, porém, a que corresponde á fig. 2, tem uma particularidade que a distingue notavelmente das duas outras, sobre que já fiz as minhas considerações.

Em todas tres existe uma excavação circular ou quasi circular, proxima ás bordas dos lajões. É um ponto de contacto. Nesta porém ha uma segunda fossa quadrangular, aberta pelo lado externo, mas que apesar d'isso, pela disposição curva do lastro, indica ter tambem servido a receber no fundo uma pequena quantidade de liquido que tivesse de ser extraido depois, talvez com pequenos vasos.

Se o destino d'estes dois ultimos monumentos era o mesmo que o da fig. 1, fica obscura a serventia especial da cavidade quadrangular que destaca dos outros o rochedo a que me estou referindo. Que essa cavidade se destinava a recolher o liquido produzido sobre a face superior da pedra no ambito da bacia circular, não póde haver dúvida, embora a quantidade de liquido que ella pudesse conter fosse insignificante. Nos lados menores d'este pequeno receptaculo não ha vestigios de comporta ou cousa que o pareça e que augmentasse a sua capacidade util.

Mas é circumstancia que me fere o espirito, acharem-se estes tres monumentos numa pequena area de terreno, sobre as encostas fronteiras de um mesmo convalle, a curtas distancias uns dos outros. Parece poder deduzir-se que o seu destino era identico, embora hoje não saibamos explicar cabalmente o funccionamento das suas partes. Junto dos rochedos insculpidos, ha vestigios bem patentes de antigas culturas; o terreno, que é declivoso, foi cortado de pequenas *leiras* ou folhas de terra escalonadas, que ainda se conservam protegidas pelo matto que nellas cresce. D'aqui proveiu dizer-me o meu cicerone que aquillo já fôra cultivado e até corria que ali tinha sido a casa da quinta, de que hoje a singular devesa fazia parte. Mas seria ir demasiado longe pretender relacionar esses apagados vestigios com as insculpturas de que tenho tratado.

Eu creio todavia que estes tres monumentos de Azere avançaram bastante pelos primeiros seculos da era christã; vimos já que do castro sobranceiro ha um antoniniano do sec. III. (Vid. *O Arch. Port.*, IV, 233). A existencia de tres monumentos similares, plausivelmente de uso agricola, tão proximos entre si que o mais distanciado não se afas-

tou 300 metros, parece ligar-se a um modo de ser social, pacificado e laborioso, com uma população densa[1] e uma cultura intensivamente explorada.

Mais a baixo, mas ainda proximo e á vista do castro, vou eu encontrar, em lugar hoje assignalado com a denominação de *Cerca,* vestigios de antiga povoação cujos habitos se prendiam ainda aos da população castrense. Tijolos, restos de columnas e um fragmento de tosco instrumento de pedra, analogo aos do *Castello,* depararam-se-me em uma simplez pesquiza do local. (Vid. *O Arch. Port.,* IV, 232, nota 2).

A pequenissima profundidade das duas excavações circulares de que me occupei ultimamente, a qual em uma não passa de $0^m,05$ e na outra de $0^m,1$, tambem suggere a ideia de que ali se amontoava uma massa, d'onde escorria o liquido aproveitado ou directamente para um vaso através de um canal ou por intermedio do singular recipiente quadrangular de pedra, que caracteriza o rochedo da fig. 2.

Nas circumstancias em que se apresenta o rochedo a que me tenho referido, e dada como muito provavel a explicação que proponho para a *pia* da fig. 1, é tambem plausivel que identico ou analogo fosse o destino das insculpturas que assignalam aquella pedra, embora possa ficar incomprehendida a parte que tomava na operação agricola a cavidade rectangular contigua ao receptaculo superior, cavidade que para ser utilizavel, teria precisado da collocação supplementar de uma pequena tábua, no lado aberto. E vestigios d'esse accessorio bem os procurei, mas, ou nunca os houve, ou o tempo os expungiu da superficie do granito.

*

D'esta já prodiga serie de considerações, se conclue que são ainda escassos os dados que a história e a ethnographia comparada fornecem para o estudo do problema que nos impõem estes monumentos protohistoricos — as pias dos *castellos* de Azere e de Cabreiro.

Era pois altamente proveitoso que se divulgassem reproducções ou photocopias de monumentos analogos áquelles, acompanhadas de minuciosa descripção.

Aos leitores d-*O Archeologo* apresento o problema; os que tem acaso elementos para o esclarecer, prestam um valioso serviço á sciencia, dando fim a um indefenso silencio.

Arcos, Agosto de 1898.

F. Alves Pereira.

---

[1] São muito numerosos os castros na região de que me occupo.

A respeito de Conimbriga

(Vid. *O Arch. Port.*, III, 145)

8. Inscripção romana

Existe no Museu do Instituto de Coimbra, para onde foi levada pelo Sr. Dr. A. M. Simões de Castro, que a adquiriu em Condeixa-a-Velha, uma interessante lapide calcarea, com lavores, em que se lê a seguinte inscripção, que com alguma difficuldade decifrei:

1. D M S
RVFVS ET CALIO
*p*L GALLIO AV*i*
TO FRATRI PIT*n*
5. *t*ISSIMO ANN
*v*M XXVIII
7. *p*OSVIT

Linha 1.ª O D é de fórma barbara. Segue-se espaço vazio.

Linha 2.ª O R é pouco claro. O C e o A estão ligados, e este não tem traço horizontal.

Linha 3.ª A primeira lettra deve ser P, pois vê-se ainda uma sombra. A segunda deve ser E, mas só se vê o que indico. Depois ha espaço vazio. A lettra seguinte é mais G do que C. A última deve ser I (percebe-se uma sombra).

Linha 4.ª A primeira linha deve ser T, pois com o tacto conheci o traço horizontal. A penultima é E, já em parte gasto. A última é uma sombra de N.

Linha 5.ª A primeira lettra não se conhece, mas era sem dúvida T. Depois do ultimo N ha espaço vazio.

Linha 6.ª O primeiro V é obscuro. As tres ultimas lettras da linha 5.ª com as duas primeiras da segunda linha formam a palavra ANNVM (genetivo = *annorum;* cf. *nummum* = *nummorum,* etc.); não podiam formar ANNORVM, porque não cabiam as lettras OR.

Linha 7.ª A primeira lettra é P sumido. No fim espaço vazio.

Leio pois:

D. M. S. Rufus et Caliope Gallio Avito, fratri pientissimo, an-n(or)um XXVIII: posuit.

Apesar de os dedicantes serem dois, o verbo está no singular: *posuit* (por *posuerunt*). Isto aconteceu por impericia do canteiro, que tinha na mente a fórmula mais usual *posuit*. É assim tambem que os nossos contos populares começam por «Era uma vez», ainda que o sujeito logico de *era* esteja no plural. Nada d'isto admira em fórmulas já consagradas pelo uso.

Traducção:

Sagrado aos deuses Manes. Rufo e Calliope erigiram (este monumento) a seu amantissimo irmão Gallio Avito, fallecido de 28 annos de idade.

Caliope por *Calliope* = Καλλιόπη (do th. de κάλλος e do de ὄψ, «de bella voz») não se deve estranhar: ha outro exemplo numa inscripção da Hespanha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, indice. *Gallius* é gentilicio que se encontra muitas vezes, não só na Peninsula, como fóra.

Altura da lapide $0^m,64$; largura do corpo da lapide $0^m,17$; altura do campo da inscripção $0^m,19$; altura das lettras $0^m,015$ a $0^m,017$.

Alguns dos AA não tem traço horizontal.

Merecia apenas que se publicasse uma photographia d'esta lapide, por causa dos lavores que apresenta.

Em Condeixa já se tinha encontrado uma inscripção, — vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 367 —, em que figura um *M. Gal(lius) Avitus*, provavelmente o mesmo que figura nesta, pelo que a inscripção se torna duplamente interessante.

4. Notas diversas

Dentro da muralha romana ha um local, hoje agriculturado (terra de semeadura e olival), a que o povo chama *Amedina* e *Almedina*, dizendo que era ahi «a cidade dos Moiros». Por lá apparecem enterrados muitos objectos romanos. A muralha tem num dos pontos $3^m,84$ de largura, noutro $1^m,82$. Um dos angulos da muralha chama-se *Canto da Alcáçova*. Aqui dou na fig. 1 a gravura de um dos angulos da muralha, ao Nascente[1]:

[1] Segundo uma photographia do meu amigo e collaborador A. Mezquita de Figueiredo, que tambem tirou a que serviu para a fig. 2.

A muralha é feita de pedras de diversos tamanhos, argamassadas (cal e areia); estas em certos pontos estão ainda dispostas muito regularmente, umas sobre as outras, como se vê nas figuras juntas. Internamente a muralha tem em certos pontos $1^m,82$ de altura; externamente tem muito mais. Tanto do Norte, como do Nascente e Sul, a muralha é bastante alta. Ao Nascente, em baixo, passa o *rio dos Moiros,* que sécca de verão, mas que leva muita ágoa no inverno, formando mesmo cascatas em varios sitios do seu curso. Num dos

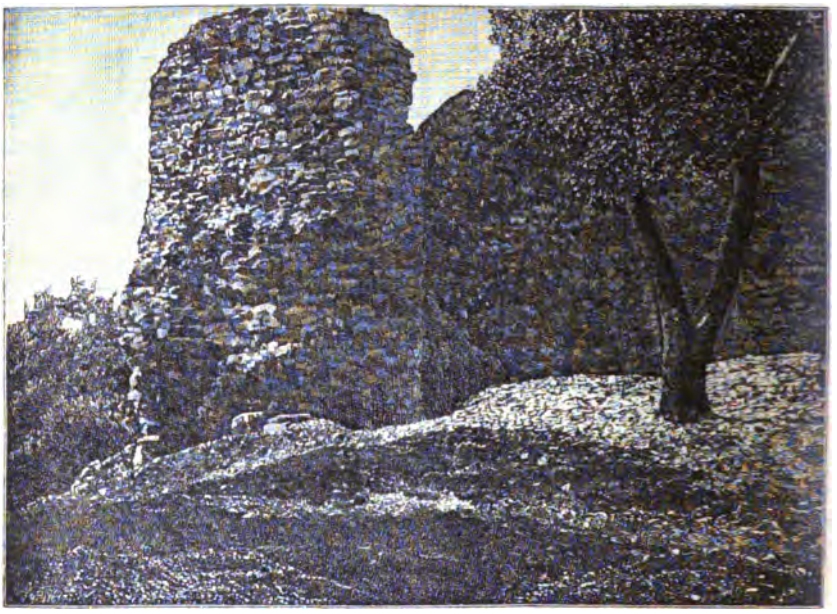


Fig. 1

angulos foi aproveitado para fazer parte da muralha um grande rochedo natural, o que tambem se vê em alguns castellos medievaes. Na fig. 2 offereço aos leitores outra vista da muralha (Nascente), com os seus contrafortes.

No recinto murado encontram-se a cada passo lanços de paredes e fragmentos de telhas. Ha vestigios evidentes de casas no immenso pedregulho, caqueirada (de tegulas, de amphoras, etc.) e paredes que se divisam em certos sitios. De um dos lanços de paredes tomei as seguintes medidas: comprimento 9 metros, altura $0^m,90$, — lanço feito igualmente de pedra com cal e areia. Abundam tambem muito as

pedras apparelhadas. Num ponto achei grande pedaço de *opus Signinum* (cal, pedritas e pedaços de tijolo vermelho); disseram-me que «forrava uma tina com um poço pequeno ao pé», e que junto havia «telhas que parecia constituirem um cano»: no fragmento de *opus Signinum* que vi não assentava mosaico, nem tinha assentado.

Não era raro apparecerem dentro do recinto sepulturas e ossadas. Num sítio vi um monte de ossos humanos. Aproveitaram-se alguns que foram conduzidos para o Museu de Anthropologia da Universi-

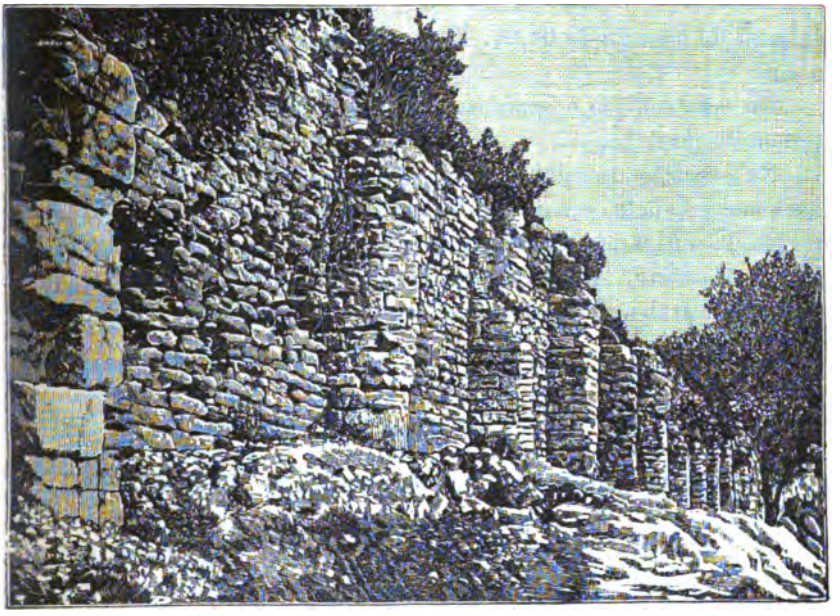


Fig. 2

dade. Foi junto de uma d'ellas que appareceu o pé de alabastro de que se falla n-*O Arch. Port.*, III, 145.

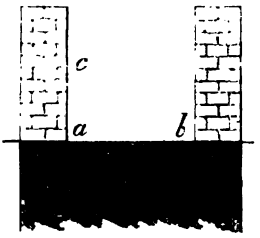
Segundo informações que colhi, havia ainda nas ruinas de uma das casas pedaços de estuque com pinturas. Isto é vulgar apparecer no Algarve e nas ruinas de Troia.

Ao Nascente vê-se ainda uma grande parede com um cano, que em tempos antigos devia ter conduzido ágoa da fonte de Alcabideque [1], de que se fallará noutro numero d-*O Archeologo*.

---

[1] Num ms. dos fins do sec. XII, existente no Museu do Instituto, este nome tem a seguinte fórma: *Alcabdech*.

Eis o córte da parede com o cano:



largura do cano (*a–b*) 0^{m},61. Este cano parece que teve algum tempo arcos.

Do lado em que o *oppidum* não tem valle ha vestigios de segunda ordem de muralha.

Na occasião da minha visita, em 1 de Março de 1897, achei um asse muito çafado, e uma moeda arabe de cobre. O facto do apparecimento da ultima moeda relaciona-se de algum modo com o onomastico local: *Almedina, Alcáçova, Alcabideque,* palavras, as duas primeiras de origem arabe, a terceira com esse aspecto tambem.

J. L. de V.

Noticias archeologicas dos seculos XVII e XVIII

«*Relação de hũas moedas que se acharão.* — Ao pe da serra de Montejunto, andando hũ laurador chamado Martim Dominguez, morador no lugar de Canas laurando da parte do mar, descubrio cõ o arado debaixo da terra hũa Piramide de ladrilhos, dentro da qual achou hũ vaso mayor que meo azado cuberto cõ hũ testo, e dentro delle hũas moedas de cobre grossas mas piquenas cõ diuersos cunhos figuras e caras, e alguns caractheres que mal se entendião; e outras de ouro e prata tambẽ cõ diuersos sinaes. E no fundo hũ cofresinho cõ fechadura já ferrujenta, e comido do caruncho dentro do qual estaua hũa cadea piquena de ouro delgada, e de mao feitio, e outra de prata mais grossa cõ hũa medalha como a palma da mão, aberta ao buril, de hũa parte hũ homẽ e hũa mulher nús, e da outra hũa figura cõ opa roçagante, e na cabeça hũa trunfa, e aos pes hũa cobra. estava tambem hũ vaso piqueno torneado cõ seu pe ja gastado, e em baixo hum papel já quasi gastado cõ estas palavras escrittas não em letra muy antiga nõ moderna mas que se deixa bẽ ler e são estas:

Quando luce fruar altero sole
Luna cadet; Lusitania gemet;
Hispania confundetur; Italia devastabitur.
Abstineto à loco.

Quando sahir a luz em outro tempo
cahirá a lua; Portugal gemerá,
em Hespanha, confusão; e Italia
se ha de assolar.
Não chegueis a este lugar[1].

(Archivo Nacional, Cod. 1109, fl. 296. Ms do sec. XVII).

«*Lisboa 7 de Julho. — Real Academia das Sciencias.* — O P. *Joaquim de Foyos,* da Congregação do Oratorio, leo huma Memoria ou Conjecturas, sobre qual fora o tempo da fundação do Theatro *Romano,* ultimamente descuberto na escavação da rua da *Saudade,* e sobre qual fora o Imperador a quem o mesmo Theatro fora dedicado.

N. B. O descubrimento do resto da Inscripção achada no referido Theatro, declarando ser *Nero* o Imperador a quem elle fora dedicado, confirmou em parte as Conjecturas do P. *Foyos,* que pelas suas reflexões criticas tinha assentado ser o mesmo Theatro dedicado a *Nero* ou a *Caligula.*

O Doutor *João Pedro Ribeiro* leo o extracto de algumas observações sobre a Paleografia *Portugueza.*

O P. *José de Azevedo,* da Congregação do Oratorio, leo huma Memoria ácerca de huma Medalha de *Alexandre Magno,* descuberta na escavação já mencionada, e offerecida á Academia pelo seu Correspondente do numero *Joaquim José da Costa e Sá.*

O P. Fr. *Joaquim de S. Agostinho* leo o extracto de huma Memoria sobre as variedades que tem entre nós soffrido nos diversos Reinados a relação entre os valores dos differentes metaes empregados na fabrica da nossa moeda.

O Desembargador *João Vidal da Costa e Sousa* leo a traducção das Legendas de duas moedas *Arabes;* e da Inscripção de hum annel tambem *Arabe,* que fora achado com huma das ditas moedas na escavação já mencionada».

(Segundo Supplemento á *Gazeta de Lisboa,* n.º XXVII, 7 de Julho de 1798).

---

[1] Ninguem por certo acredita neste achado, e muito menos no papel quasi gasto com a prophecia nelle escripta. São numerosos estes pretendidos achados que serviam a certos fins.

«*Lisboa.* — Na excavação da rua de *S. Mamede,* junto á da *Saudade,* perto do Castello desta Corte, continuão a descobrir-se memorias do antigo Theatro dedicado a *Nero.* Appareceo pois de novo certa Lapida com huma Inscripção em partes com lacunas, e em partes gastada e comida dos seculos, a qual vem a ser hum padrão, que em obsequio do mesmo *Augustal,* que erigio e dedicou áquelle Imperador o Tablado e Orquestra do mencionado Theatro, levantárão alguns libertos e pessoas da sua propria familia. Dar-se-ha supprida e traduzida por Luiz Antonio d'Azevedo, Professor Regio de Grammatica *Latina,* que, cheio de zelo pelas Antiguidades Romanas, a communicou, trabalhando actualmente n'uma Dissertação sobre este assumpto.

Inscripção supprida:

FLAMINI. AVGVSTALI.
PERPETWO.
CAIO. HEIO. CAII. LIBERTO.
PRIMO
CAIVS. HEIVS. PRIMI. LIBERTVS.
NOTHVS. ET HEIA.
PRIMI. LIBERTA. HELPIS.
HEIA. NOTHA. SECVNDA.
CAIVS. HEIVS. NOTHI. FILIVS. CALAGVRRITANVS.
PRIMVS CAIO.
HEIA. NOTHI. FILIA. CHELIDO.
NEPTIS. EIVS. NOTHI. FILII. CALAGVRRITANI.
CAIVS. LAPHYRVS. NOTHI. ALIVS. NEPOS[1].

Versão:

A Caio Heio Primo, Flamine Augustal perpetuo, liberto de Caio, levantárão este padrão Caio Heio Notho, liberto de Primo, e Heia Helpis, liberta de Primo, Heia Notha Secunda, Caio Heio natural de Calahorra, filho de Notho, Primo Caiõo, Heia Quelído, filho de Notho, neta daquelle filho de Notho natural de Calahorra, Caio Láfyro outro neto de Notho.

Ora, admittindo as abbreviaturas desta Inscripção outras intelligencias, e combinações, adverte o mesmo Professor que só o sentido que seguio aqui, he o que elle tem por mais obvio, verdadeiro e ge-

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, n.º 196.

nuino, reservando para a sua Dissertação, em que trabalha[1], mostrar entre outras cousas que tambem poderia em lugar de *Flamini* supprir-se ou *Sextum-Viro,* ou *Magistro,* vindo-se a chamar a *Caio Heio,* ou *Sextúmviro Augustal,* isto he, hum dos seis Varões, Flamines, ou Sacerdotes *Augustaes,* ou *Reitor* perpetuo do Collegio dos *Augustaes.* Mostrará tambem que as duas Estatuas quo alli apparecêrão, são de *Sileno,* e não de *Hercules*».

(Supplemento á *Gazeta de Lisboa,* n.º XLVII, 23 de Novembro de 1798).

«*Lisboa.* — Nam se tendo achado atégora na excavação da rua de *S. Mamede* perto do Castello desta cidade as letras, que faltão para completar o sentido da Inscripção, em que o Augustal *Caio Heio* dedicou a *Nero* o Tablado e Orquestra do Theatro alli apparecido, como já se fez pública a outra dos Libertos, dar-se-ha tambem esta supprida e traduzida pelo mesmo Professor Regio de Grammatica *Latina, Luiz Antonio d'Azevedo,* que a communicou, supprindo-a por outra Inscripção achada nas *Hespanhas,* que vem em *Muratori* com a data do anno seguinte a ella.

Inscripção supprida:

NERONI. CLAVDIO. DIVI. CLAVDI. FILIO. GERMANICI.
CAESARIS. NE-
POTI TIBERI. CAESARIS. AVGVSTI. PRONEPOTI.
DIVI AVGVSTI.
ABNEPOTI. CAESARI. AVGVSTO. GERMANICI. PONTIFICI.
MAXIMO.
TRIBVNITIA. POTESTATE. TERTIVM. IMPERATORI.
TERTIVM.
CONSVLI. SECVMDVM. DESIGNATO. TERTIVM.
PROSCAENIVM. ET.
ORCHESTRAM CVM. ORNAMENTIS. FLAMEN.
AVGVSTALIS. PERPE-
TVVS. CAIVS. HEIVS. PRIMVS. DE. SVA. PECVNIA.
FACIVNDAM. CV-
RAVIT[2].

---

[1] Publicou-se em 1815. A este proposito diz o *Dicc. Bibl.* de Innocencio, v, 215: «É a unica memoria que ficou d'aquelle celebre monumento, cujas reliquias e fragmentos se deixaram perder de todo, ao que parece, pela proverbial incuria com que estas cousas foram sempre tratadas entre nós».

[2] N.º 183 do *Corp. Inscr. Lat.*, II.

Versão:

A Nero Claudio, filho de Divo Claudio, neto de Germanico Cesar, bisneto de Tiberio Cesar Augusto, tresneto de Divo Augusto, Cesar Augusto, vencedor dos Germanos, Pontifice Maxima, gozando já do poder Tribunicio pela terceira vez, sendo Capitão General a terceira, Consul a segunda, eleito para o tornar a ser a terceira, Caio Heio Primo, Flamine Augustal perpetuo, fez erigir este Tablado, e Orquestra com os mais ornamentos competentes á sua custa.

Sem fallar no muito que ha que dizer e explicar sobre esta Inscripção, não se dispensa o mencionado Professor de já d'aqui advertir que demostrara pelos Fastos Consulares correctos, pela Historia, e pela Arte de verificar as Datas que o anno do segundo Consulado do *Nero*, e terceiro do seu poder Tribunicio vem, segundo o escrutinio da mais exacta Chronologia, a cahir sem dúvida alguma, e com toda a evidencia no anno 57 do Nascimento de *Christo*, e 810 da fundação de *Roma*, vindo a ter de antiguidade ao presente a erecção do Tablado e Orquestra, de que se trata, 1742 annos».

(Segundo Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º VI, 9 de Fevereiro de 1799).

«*Avisos.* — Se alguem quizer comprar huma Collecção de medalhas e dinheiros antigos, a qual consta de setecentas peças, entrando neste numero muitas d'Imperadores *Romanos*, de prata e cobre, falle com o Distribuidor da Gazeta, *Ignacio de Castro*, o qual dirá aonde se pode ver e ajustar».

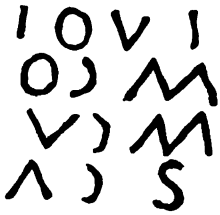
(Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º VIII, 22 de Fevereiro de 1799).

Pedro A. de Azevedo.

Cimo da Villa da Castanheira (concelho de Chaves)

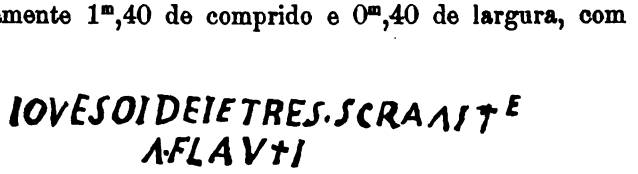
Á notícia que d'esta localidade traz *O Arch. Port.*, III, 285, podemos hoje accrescentar a de um achado, num curral, de uma lapide votiva inedita que está no Museu e que tem a seguinte inscripção[1]:

[1] [Isto é: IOVI O(*ptimo*) M(*aximo*): V(*otum*) M(*erito*) A(*nimo*) S(*olvit*). As curvas que se vêem nas tres ultimas linhas são *hederae distinguentes*, isto é, signaes de separação de palavras. — É curioso que a inscripção não tenha o nome do dedicante. — J. L. de V.].

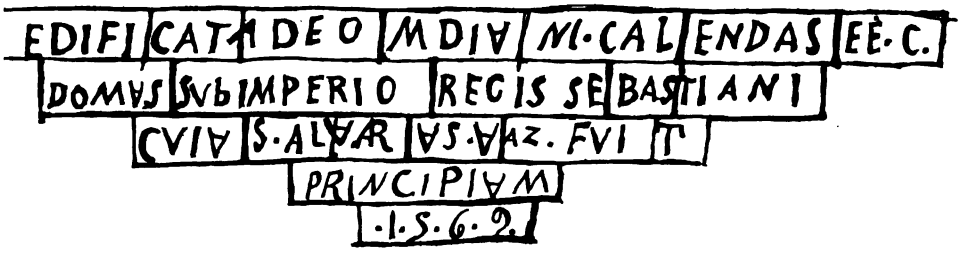


É de granito grosseiro e tem 0m,47 de altura, 0m,28 de largura; o corpo das lettras regula por 0m,16.

Segundo as informações que me deu o meu illustrado amigo, capellão militar e professor do Lyceu, P.e João de Almeida Pessanha, a quem devo a indicação d'esta lapide, ainda agora se vê no portal da capella de Santa Helena, em Santa Cruz da Castanheira, que está secularizada e servindo de palheiro, uma pedra de granito grosseiro, de proximamente 1m,40 de comprido e 0m,40 de largura, com esta inscripção:



e numa casa esta[1]:



Outras informações obtive que me trouxeram no conhecimento de que no termo de Cimo da Villa ha vestigios de um importante castro no meio do qual se vê uma pequena capella dedicada a S. Sebastião;

---

[1] [Isto é: *Edificata Deo M(aximo) d(ie)? Iuni(i) calendas h(a)ec domus sub imperio regis Sebastiani; cuius Alvarus Vaz fuit principium 1569:*—«Foi esta casa dedicada ao Altissimo no 1.º de Junho de 1569, no reinado de D. Sebastião, por Alvaro Vaz»: *Die calendas* é barbarismo latino; a fórma classica era: *calendis Iuniis.*—J. L. de V.].

e que um pouco desviada d'elle existe a igreja de S. João, notavel pela sua architectura, pelos seus modilhões, pela quantidade e variedade de figuras grotescas que assentam na sua cornija, o que tudo lhe dá motivos para ser tida na conta de um dos monumentos mais antigos e mais curiosos e interessantes d'estes sitios, e para que devem convergir as attenções da Commissão dos Monumentos Nacionaes, tomando sobre a sua guarda e vigilancia esta preciosa reliquia archaica, que nos dizem, que entre a gente do povo, é considerada como tendo servido de mesquita.

Bragança, Dezembro de 1898.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Protecção dada pelos Govêrnos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

14. Museu Imperial Ottomano de Constantinopla

«Le Musée impérial ottoman est devenu rapidement, dans ces dernières années, grâce à l'intelligente activité de son directeur, Hamdy-Bey, l'un des plus beaux de l'Europe. Ses débuts furent modestes. Vers 1850, le grand-maître de l'artillerie, Féthi Ahmed-Pacha commença à réunir quelques antiquités dans l'église de Sainte-Irène. En 1875, la collection, qui avait grandi peu à peu, fut transportée, par les soins du ministre de l'Instruction publique, Soubhi-Pacha, dans le Kiosque aux faïences (Tchinili-Kiosk), l'un des plus purs chefs-d'œuvre de l'architecture ottomane. Après les fouilles retentissantes que son Exc. Hamdy-Bey exécuta, de 1887 à 1888, dans la nécropole royale de Sidon, les salles du Tchinili-Kiosk devinrent trop petites pour contenir les merveilleux trésors que l'heureux surintendant des Beaux-Arts avait exhumés. On bâtit alors, en face du kiosque aux faïences, un vaste pavillon qui reçut les sarcophages de Saïda. A son tour, cet édifice ne suffit plus à loger les richesses qui affluent de tous les points de l'empire. Une nouvelle construction s'impose. Il est question d'élever, sur une des terrasses du vieux Sérail, un monument qui reproduirait les dispositions du temple d'Hécate à Lagina, et où serait insérée, à sa place naturelle, la frise qu'Hamdy-Bey a dégagée en fouillant les ruines du sanctuaire».

(G. Radet, in *Revue des Universités du Midi*, II, 483).

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

229. Fornellos (Beira)

Crasto

Freguesia de S. Martinho. — «Da parte do sul esta outro monte e lhe serue de coroa hua grande Penha chamada o Monte de São Domingos; e há tradição que no cume dele ouuera em tempo preterito hua capela com inuocação de São Domingos, e que dela concerva o nome o dito monte, e não ha duvida que inda hoie lá se descobrem alguns licerces da capela.

Da parte do Norte e defronte das cazas da rezidencia está outro monte chamado Crasto e no meyo dele está hua penha por modo de hum castelo; e se dis que ali fora Castello dos Mouros; e he certo que lá se descobrem e vem vestigios de cazas digo de ali ter avido cazas; e ao mesmo citio tem repetidas vezes vindo varias pessoas a procurar hum tezouro, mas não se sabe que achassem couza algua». (Tomo XVI, fl. 774).

230. Fornos (Beira)

Fornos antigos

«A Freguezia da Aldea de Fornos, assim intitulada por antigamente haver no meio della onde se principiou a povoar Fornos de telha e tijolo, do que já não ha vestigios alguns, mais que a memoria que de huns a outros foi passando, e alguns labradores inda não ha muintos annos lavrando as terras acharão pedras dos Fornos e muinta telha e tijolo.....» (Tomo XVI, fl. 813).

231. Villa-Nova-de-Foz-Coa (Beira)

Castello dos Mouros

«Ha nesta freguezia junto ao Ryo Douro hum grande Monte chamado Monte Alcão tem duas legoas em circuito que corem da parte do Norte e Sul pellas vargens do Ryo Douro e pela parte do Nacente com o sitio chamado Veyga tem huma grande legoa de comprido e outra de largo. Na iminencia deste monte estão os vestigios de hum grande castello ao que, chamão o Castello Velho, e nas suas ruinas se divizão nelle duas portas huma para o nacente e outra para o Sul e dizem que foy dos mouros, he abundante de lenhas.....» (Tomo XVI, fl. 874).

232. França (Tras-os-Montes)

Minas de ferro

«Nas margens deste rio (*Sabor*) defronte do povo para a parte do Norte cazas ao Sul ha muitas pedreiras antigas e muitos buracos a modo de minarais antigos e muita parte do termo do dito pouo minado com vestigios de condutos da agoa para a fabrica dos minarais e conforme se mostra pellos vestigios parecem ser algumas minas de ferro: porem hoje nada se fabrica nem em estes prezentes tempos ha quem de noticias destas fabricas». (Tomo XVI, fl. 951).

233. Frechas (Tras-os-Montes)

Fojos feitos pelos Mouros

«Na Quinta de Val da Janella ha outra serra a que chamam a do Caruam..... ha nesta serra huns grandes fojos e munto fundos que ha tradição ficaram dos Mouros mas nam se sabe para que ou que tirauam daqueles fojos». (Tomo XVI, fl. 998).

234. Freixedas (Beira)

Vestigios de uma grande cidade

«Dentro na mesma Freguezia ha hum sitio chamado os Castellos que mostra ser area de povoação grande no tempo dos Mouros porque ainda se descobrem vestigios de o ser em pedras lavradas, Tijolos e ferragens que descobrem os Lavradores, e sinaes de ruas e calçadas, e por muitas vezes se tem achado pedras abaladas e fossos altos havendo suspeita de huma e outra cousa se faz com o intento de tirar minas e Thezouros». (Tomo XVI, fl. 142).

235. Freixo (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade dos Mouros. — Caixões de pedra

Freguesia de Santa Maria. — «Esta a Parochia desta freguezia dentro do lugar do Freixo que algum dia foi cidade de Mouros.....» (Tomo XVI, fl. 1104).

«Não tem priuilegios dignos de memoria e antiguamente foi este lugar do Freyxo cidade de Mouros, não se acordam os annos, só por certeza de que foi habitada de Mouros existe ainda ao fundo do dito lugar parte de huma Mesquita que mostra hauer sido caza dos seus falsos Deuses pellas ruinas que testificam sua grandeza, e no mesmo

sitio tem apparecido varios trastes dos mouros enterrados em caixõis de pedra labrada; e ainda apparessem destas cousas, porem de pouco vallor e deterioradas da terra como sam loussas e Talhas; e na circonferencia deste lugar apparecem em portas alicerces de muros com que algum tempo foi murada». (Tomo XVI, fl. 1107).

236. Gallafura (Entre-Douro-e-Minho)

Minas de prata

«Nam tem preuillegios nem antiguidades memorandas esta freguezia só do nasente athe o puente em distancia de hum coarto de legoa se emcontram varios fundos na terra perfundados a maneira de possos que dizem heram de minas de prata e que na hera de 1697 alguma se tirara e que por cauza da guerra desta croa com a de Castella se suspenderam». (Tomo XVII, fl. 23).

237. Gallegos (Entre-Douro-e-Minho)

Castello dos Mouros

«Na parte do norte lhe fica a freguezia de Santhiago de Lanhozo immediata e nella a soberba penha artificio da natureza, em que se vê hum castello antigo que dizem ser fabrica dos Mouros.....». (Tomo XVII, fl. 32).

238. Gandra (Entre-Douro-e-Minho)

Muros feitos pelos Mouros

«Nam tem previllegios, antiguidades, somente junto do Rio em varios campos comfrontantes ao Lugar de Fam se acham huns altos de terra cubertos de matos com seus foços os quoaes altos se chamão os muros de Fam e se dis fora obra fabricada pellos Mouros por tradição; e não ha outra couza digna de memoria». (Tomo XVII, fl. 81).

239. Gavião (Alemtejo)

Vestigios de minas de ouro

«Ao septimo interrogatorio no termo da villa de Belver em hum cazal, que chamão o Outeiro que dista desta villa huma Legoa se dis ha algum tenue mineral de ouro, e já se tem feito averiguações que dizem ser por ordem de S. Magestade, mas he muito pouco o emulimento delle». (Tomo XVII, fl. 129).

240. Gemeos (Entre-Douro-e-Minho)

Tumulo de pedra

S. Miguel.—«He tradição que nacerão nesta freiguezia dois irmanos Gomeos pegados hum ao outro e por isso ainda hoje conserva o apellido dos Gemeos e foram sepultados ambos juntos em hum grande tumullo de pedra que estaua a porta trauessa da jgreya da parte de fora e como se fes a jgreja de nouo ja não ha uestigio algum, mas de prezente alguns uelhos ainda se lembrão do tumullo». (Tomo XVII, fl. 156).

241. Ginzo (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade de Sanuane, pertencente aos Mouros

«..... entre a Senhora do Bom Despacho e Alheira onde corre do norte para o Sul se chama a Penice tem huma cappella de Sam Lourenço: mais abaixo entre Roris e Oliveira se dis que habitaram os Mouros onde chamam a Cidade de Sanuane [1], mais abayxo esta nelle a Cappella da Senhora do Pillar.....». (Tomo XVII, fl. 274).

«..... se dis por antiguidade que no alto do dito monte Louzado tambem habitaram os Mouros na sua cidade Magna, he certo que ahi para a parte do nacente esta no alto huma piquena fonte; e se dis que tem virtude para augmentar o leite ás mulheres que delle tem falta mas nam o tenho por certo». (Tomo XVII, fl. 275).

242. Godinhaços (Entre-Douro-e-Minho)

Torre dos Mouros

«Ha hũa torre em o lugar de S. Mamede cuja está arruinada; e dizem ser antiguidade dos Mouros, e que delles manou». (Tomo XVII, fl. 308).

243. Golpelhares (Beira)

Etymologia popular

«A rezam por esta freguezia se chamar Golpilhares consta por tradição que no tempo dos Mouros se dera neste sitio huma batalha, e dos muitos golpes que ouue nella, he que lhe ficou o nome de Golpelhares [2]». (Tomo XVII, fl. 337).

---

[1] Deve ser *San Oanne* ou *Sam Johanne* < > *Sanctus Johannes.*

[2] *Bolpeliares* ou *Volpeliares* era o nome antigo que tinha segundo um documento dos *Portugaliae Monumenta Historica, Dipl. et Chartae,* p. 279. Não é hoje freguesia.

244. Gonçalo (Beira)

Estrada de Viriato. — Campo fortificado

«Ha nesta terra em grande campo que tem na distancia de meya legoa humas vallas bastantemente fundas e em partes alguns montes de terra leuantados em altura de dois homens pouco mais ou menos, isto se presume serem alguns ataques de alguns exercitos. Mas com certeza nam se sabe couza alguma. Ha tambem no lemite deste lugar huma estrada que chamam de Veriato hoie pouco se uê della pois só unicamente na serra que fica ao poente deste lugar se ue hum pedaço della que terá de cumprimento trezentos ou quatrocentos paços mas algum dia se conhecia pella distancia de huma legoa nam he feito de calssada o pedaço que hoie se uê mas ainda da parte de sima adonde cauaram a terra para fazerem a estrada he quasi da altura de hum homem. Como já diçe hoie se acha hum pedaço della na serra onde se nam cultiva a terra por que ahonde se cultiva com a continuaçam de se lavrar se tem perdido; esta estrada dizem que atrauessa toda a serra da Estrella e chegua athe ao pé da villa de Celorico distante deste lugar cinco legoas. Declaro que esta estrada nam he vadiada nem ninguem custuma andar por ella, mas sem embargo disso em varias partes da serra ahinda se conhece bem». (Tomo XVII, fl. 349).

245. Gondomil[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Torre antiga

«Ha nesta freguesia huma torre antiga sita no meyo della com seo muro ao redor hoie despovoada, que por tradição se dis foi do Senhor de Tenorio, Conde de Crecente em Galiza, e hoie de Dom João da Ponte de Lima.....». (Tomo XVII, fl. 423).

246. Granja (Tras-os-Montes)

Casas dos Mouros

«Nam tem o termo desta Freguesia mais que hum pedaço dela (*Serra*) da parte do Norte chamada Cham do Longo que parte com Santa Christina de Cervos, e do nacente com Santo Pedro de Sapiaos

---

[1] De *Gondomiri*, genitivo de *Gundomirus*. Os nomes de povoações terminados em *-mil* provém geralmente de *-miri*. Os terminados em *-iz* de *-ici* (Toriz < > Theodorici), os em *ufe* de *-ulfi* (Brufe < > Berulfi), os em *-ande* de *-nandi* (Britiande < > Bretenandi), os em *-ães* de *-anis* (Atães < > Atanis), etc.

e do poente com o Salvador do Eyró e vem acabar onde chamam o Outeiro de Cabeço, onde se veem vestigios de Muros que dizem foram cazas de Mouros». (Tomo XVII, fl. 571).

247. Guardão (Beira)

Torre dos Mouros

«Ha da mesma sorte e por tradicção antiga a noticia de que no sitio de S. Bartholomeu que he hum outeiro de bastante penedia ouvera outra Torre ou fortaleza em que os Mouros habitauão cujos alicerces hoje mal se percebem os seus vestigios e no lugar della se acha feita a capella do mesmo Santo.....» (Tomo XVIII, fl. 673.)

248. Guifões[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Ponte dos Mouros. — Ruinas

«A segunda de pedra chamada — a ponte de Guifoens — pella parte do Poente faz sahida para a freguizia de Sam Miguel da Palmeyra: esta hé de cantaria que dizem os antigos fora feita pellos Mouros; por se achar ainda sem se acabar com tres olhaes. E junto a dita ponte se acha huma bouça de matto, carvalhos e pynheyros que cavando-se na dita bouça se achão varios pedaços de tijollo, e algumas pedras lauradas mettidas debayxo da terra, onde se infere fora morada antiga de Mouros». (Tomo XVIII, fl. 716).

249. Janeiro-de-Baixo (Beira)

Minas dos Mouros

«Este Rio chamado Zezere que por tradiçam dizem se chama Zezere por nelle ter habitado Sezar *quidquid sit* nasce na Serra da Estrella, em hum sitio aonde chamam os Cantaros». (Tomo XVIII, fl. 16).

«He certo que estas terras em algum tempo foram habitadas pellos Mouros e ha tradiçam que elles tiraram muntas minas ao pé deste rio Zezere e traziam a agua pera as ditas Minas daqui duas legoas e por muntas penhas e no tempo prezente vem aqui alguns homens de fora a tirar pellas anseadas (*sic*) e praias do mesmo Rio algumas fagulhas de ouro[2]». (Tomo XVIII, fl. 18 *v*).

---

[1] Castro Quifiones no *Port. Mon. Hist.*

[2] O Parocho de Janeiro-de-Cima trata destes mesmos assumptos quasi com palavras identicas. Cf. n.º 166.

250. Idanha-a-Velha

Antiguidades varias

«Foy povoaçam de mais de legoa de comprido desde a Pedra Furada athé Sam Lourenço de Monsantil, e meya de largo do Val da Portella athe junto a San Thiago de Medelim com jardins e cazas de parazer (*sic*) a maneyra de Roma por cer colonia e depois munecipio dos Romanos que a amplearam e nobreçeram e pesuhiram athé a entrada dos Godos en cujo dominio mais creçeo a povoaçam que passava de vinte mil vezinhos ao prezente se acha apennas com vinte moradores ou fogos.....» (Tomo XVIII, fl. 45).

«O Emperador Augusto lhe deu vinte legoas de termo do Rio Tejo athé o Rio Coa e se fuy (*sic*) demenoindo por se repartir pellas villas que se forão criando depois estando Idanha Velha depovoada pella praga da formiga sem annos que acabaram no Reynado de El Rey Dom Manuel lhe thomaram a mayor parte desas villas cercumvizinhas.....» (Tomo XVIII, fl. 46 *v*).

«Da cidade de Idanha foy natural El Rey VVanba ou Bamba, como se tem uisto em moedaz de prata que aInda se acham com a letra Bamba Egitaniense. No anno de 662 foy aclamado em Idanha sendo achado Junto ao Barrio de Gimarãis laurando em huma fazenda que hoje hé de Jozé Antonio de Aseuedo, chamada o Cham do Freyxo que dis a tradição por se ver ainda nelle hum silhar de Cantaria a roda de hum freyxo porseder este da aguilhada de VVamba comfirmada por huma inscriçam que tem perto que dis —VVamba Egitaniense— etc. Permaneçem na Idanha e Bayrro de Gimarãis as cazas de sua vivenda com parede de cantaria gotica e os sobrados sustidos em cullunas de pedra. Comfirma a tradiçam huma pedra que se achou dentro com inscripçam de seu sucessor Eruigio». (Tomo XVIII, fl. 53).

«Seus primeyros muros lhe fes ElRey Ervigio, de que so existem dous pedaços na margem do rio Ponsul heram largos feytos de pissarra e furtissima argamaça. Os que tem ao prezente são feytos pellos tenplarios com muyta largura, altura e fortalleza, todos de cantaria dos pallacios que demoliram, cheyas de anthequisimas insquerições que dariam muyta lus a hystoria do Reyno: seu anbito será capas de trezentos moradores por que os tenplarios como gente estranha desfizeram huma cidade para fazer huma fortaleza: tem hum suficiente castello com huma grandioza Torre jnteyra por sua forte arquitatura; mas os recintos dela se vam demolindo». (Tomo XVIII, fl. 55).

«Ao nórte tem a fonte chamada da Serra obra dos Romanos de cupioza Agoa e ademiraveis aqueductos que os rusticos tem demullido

em grande parte, asim por esta como pella do Povo. Obra tambem antigamente dos Romanos se tem achado muyto ouro». (Tomo XVIII, fl. 56).

«O Rio Ponsul asim chamado de hum proconsul Romano, que nelle se afogou nasse na Serra de Penna Graçia passa pello termo de Monsanto entra no desta Cidade onde nam recebe outro Rio». (Tomo XVIII, fl. 58).

«Junto aos muros da Cidade tem ponte de cantaria que fizeram os Romanoz para comonicaçam das duas partes da Cidade Oriental e Osidental.

Tem sinco moinhos de moer pam.

Em suas margens se tem achado ouro, e em certos tenpos uem homẽis da Serra de Estrela e o acham. Em huma fonte questá perto desta Cidade a parte do Sul que mostra ser obra dos Romanos por seus subterranios aqueductos se tem achado muyto, e della levaram bastante hunz pedreyros que a redeficaram há menos de quarenta annos». (Tomo XVIII, fl. 59).

251. Igreja-Nova (Extremadura)

Cidade da Beselga

«Tem esta freguezia de memoria antiquissima na declinação de hum monte que corre sobre a ribeira de Bezelga, pello qual se devide este termo do de Thomar, e nesta mesma Estremadura esta huma grande fonte coberta de pedra, e junto della está hum nixo por modo de hũa torrezinha com suas frestas e dentro deste está huma pedra liza de cor branca que terá de altura quatro, thé cinco palmos a que chamam os povos os Sanctos Martyres, e tem sido tal a devoçam, nam só no tempo prezente, mas principalmente no pasado, que consta se emcheram as arvores que estam de fronte de muletas, e varios milagres, e consta que vinha gente de muito longe procurando onde eram os Sanctos Martyres sem ali aver nunca senam a dita pedra da qual ainda hoie tomam em pó os doentes em agoa da dita fonte e os livra de zezõis (*sic*) e da mesma pedra se vê estar feita em cortes pera se tirarem os ditos pós de que se entende seria esta sobre a qual padederiam muitos Martyres porque nam falta quem diga que nestes citios ou juncto delles ouve huma cidade que chamavam a cidade de Bezelga[1], donde dizem era natural Sancta Citta, que consta

[1] *Basilica*. Na Redinha ha uns campos chamados *Cidade de Roda* onde se tem encontrado vasilhas com moedas, tijollos, etc.

padeceo martirio na mesma declinaçam do Monte, onde está cituado hum convento de Sam Francisco do Orago da mesma Sancta, mas ja na freguezia da Villa de Aseyceyra». (Tomo XVIII, fl. 89).

252. Ilhavo (Beira)

Etymologia popular. — Inscripções em latim e português. — Mudança no rio

«Adverte-se que o nome — Ilhauo — se deue pronunciár esdrûxolo isto he com accento na primeyra, e não na penultima como alguns menos advertidos na corte, e outros lugares distantes erradamente pronunciam. Quanto á Etymologia do nome Ilhavo, pouca attenção merece a noticia que agora sucintamente daremos. Hum celebre Domingos da Cruz, sacristão que foy da Matriz que se gastaua bom humor fleumatico, costumaua e a proprio Cérebro, formar, e fingir etymologias dos nomes das terras e chegando a Ilhauo dizia elle que a origem e razam de assim se chamar fora; porque sendo a Chouza Velha (Lugar vezinho de que em seu lugar trataremos). Pouoação mais antiga era nesse tempo Ilhauo, Ilha ou terra apaûlada e pantanoza (nisto hia coherente e verosimel; porque o terreno por bayxa, e humido assim o inculca) e que na tal Ilha, ou paul criavão muitas aves, ou ades, e costumavam os moradores da Chouza Velha ir tirarlhe os ovos. Sucedia poiz que huma velha costumava ir com hum netto que tinha á mesmo diligencia, e que quando se descuidava o netto costumado áquella golozina lhe lembrava dizendo: Vamos á *ilha, Avó,* e que daqui, corrupto vocabulo, ficàra *Ilhauo*[1]. Fides penes Authorem que certamente era apocryfo Diota, e homem sem letras simples sangrador de profissam». (Tomo XVIII, fl. 110).

«.....da Capella (*dè Nossa Senhora da Penha de França em Vista-Alegre*) não merece ficar em silencio a Inscripção Lapidar que se acha da parte do Evangelho contra o Mauzoleo, gravada em marmore branco primorozamente burnido, e na elegancia e Magestade em nada cede á Idade de Oiro, e seculo de Augusto prezerverandose da critica que o Barbadinho[2] e os seus Alliados e Partidarios seguindo ao Iouvency e Bouhonrs fazem a semelhantes Inscripçoens Lapidares, e a seus Autores. Thesauro Iuglar, L'Abbé e outros; porque nella se não vem os equivocos, Anthithezes, Paranomasias e outras falsas bri-

---

[1] As fórmas antigas são: *Iliavo, Illiabum* e *Ilavum.* Vid. Gama Barros, *Historia da Administração em Portugal,* II, 333.

[2] Luis Antonio Verney.

lhanterias, que os Criticos modernos justamente condemnão, principalmente se se uzam sem economia, parcimonia, e juizo prudencial com que o mais indulgente e reflexivo criterio as modifica. Para da respectiva recommendação exhibimos e transcrevemos a referida Inscripção sendo que bastara para a defender de toda a mordacidade saber-se que he composição do sobredito Sebastião Pacheco Varella:

DEO OPTIMO MAXIMO
DEIPARAE VIRGINI
DIEI ULTIMAE

SUPREMO JUDICIO — SUPREMUS JUDEX:
RECTRICI UNIVERSI — RECTOR UNIVERSITATIS:
EPISCOPO ANIMARUM — ANIMOSUS EPISCOPUS:

IN
MORTIS ASYLUM, VOTI TITULUM, GRATITUDINIS, TROPHAEUM,
HOC TEMPLUM, HANC ARAM, HUNC TUMULUM,
DIDICAT, SACRAT SIGNAT
ILLMUS ET RMUS DNUS
D. EMMANUEL DE MOURA MANUEL.
QUI
A B. FERDINANDO CASTELLAE REGE PROGENITUS,
SANCTORUM SOBOLES ELECTUM GENUS EST:
ARMIS, ET LITERIS ORDINE, ET CURSU MANENS,
STELLA MICANS, ET DIMICANS FUIT
AULAE SUPERNAE CUM PONTIFICIBUS ASCRIPTUS,
SIMILI GLORIA SACERDOS CHRISTI ERIT.
FAVENTE NATURÂ, COMITE VIRTUTE, AUXILIANTE GRATIÂ:
CUI
ORTUM DEDERE SER PATER (?) MAXIMI CONJUQES
LUPUS ALVRES DE MOURA
COMMENDATOR DE TRANCOSO,
TRIUM ECCLESIARUM PATRONUS, TRIUM MAIORATUUM DONUS
ET D. MARIA DE CASTRO,
EX IMPERIALI EMMANUELIUM STIRPE PARI NOBILITATE
DECORATA:
QUEM
SERENISSIMI PORTUGALLIAE REGES
DESTINARUNT CADURCO, SELEGERUNT CONSILIO:

SANCTI OFFICII TRIBUNAL
JUDICEM HABUIT DEPUTATUM, INQUISITOREM DIGNISSIMUM:
ACADEMIA CONIMBRICENSIS
COLLEGAM EDUCAVIT, RECTOREM COLUIT.
ECCLESIAE LUSITANAE
CANONICUM NUTRIERUNT ALUMNUM, ET SPONSUM RECEPERUNT
EPISCOPUM
TOT GRADUS PROVIDENTIÂ SUPPONENTE,
UT MERITIS AUGERETUR, QUOD SANGUINI DEBEBATUR.
CUJUS
MAGNITITUDINEM, INTEGRITATEM, SAPIENTIAM,
MULTIPLEX FAMA LOQUITUR
IPSA INVIDIA FATETUR,
HOC OPUS SALOMONICUM TESTATUR.
QUO
ARCA CORONATA SUFFULCIENS PROPITIATORIUM,
CUSTODIT MIRACULOSUM SIMULACHRUM
VIRGAE VIRGINES, QUAE RUPIT RUPEM.

DE CUJUS NATIVITATE, QUAM CELEBRAT GAUDENS,
SUB CUJUS UMBRA, QUAM DESIDERAT SEDENS,
LOCULO FECIT LOCUM
MONUMENTUM CONSTRUXIT MONUMENTO
HERCULEAS COLUNNAS, VEL POTIUS MACHABAICAS
SAXEAS FIXIT, NON TERREAS FINXIT,
UT VIDERENTUR AB OMNIBUS NAVIGANTIBUS MARE:
NON PLUS ULTRA.
HUJUS TANTI VIRI SI EFFIGIEM QUAERIS
INSPICE UTRUMQUE ANTRUM.
FRANCI-HISPANICUM SCILICET, ET BETHLEHEMITICUM.
QUIBUS
UT SIMON DORMIT; UT PASTOR VIGILAT;
IMMO ETIAM VIGILAT CUM DORMIT.
NAM ILLIC SPIRITUS INTER VIGILES ASSOCIATUR
COELESTI MILITIAE,
DUM HIC CORPUS VIRGINIS PROTECTIONE SECURUM
REQUIESCIT IN PACE.
HOC EPITAPHIUM INSCULTUM FUIT ANNO DOMINI
1697.

(Tomo XVIII, fl. 122 e seg.)

«Em beneficio dos navegantes, viageiros, commandantes e Romeyros fez o Ill.mo Fundador fabricar por de tráz da Capella para a parte do sul, junto do rio huma boa Fonte, cujas virtudes, e qualidades mais fabulozas que verdadeyras erudita e Poeticamente descriptas se lem em hum romance vulgar, obra do memorado Sebastião Pacheco Varella com elegantes, e bem talhados caractéres ainda que alguns delles já bastantemente apagados. Está esta Fonte Cuberta com hum curuchéo tetrágono ou quadrangular, que descança em quatro colunas, sahe a agoa em bastante copia pella bocca de huma Serea de pedra entalhada na mesma Lápida aonde se acha a inscripção e elogio da Fonte no cimo da qual tem em letras todas mayusculas de fôrma por titullo em huma só regra:

HOC ELOGIUM ILL.MUS AEDIFICATOR FECIT INSCULPI ANNO 1696.

ESTA FONTE, Ó NAVEGANTE,
CUJA LIQUIDA CORRENTE
CHRISTAIS PRODIGA DEZATA
ATTENÇOENS VISTOSA PRENDE.

ESTA NIMPHA QUE AO VOUGA,
SÓ EM LEGUAS MAIS DE SETE
ADOÇA AS AGOAS SALGADAS
FEYTA NAYADE A NEREYDE.

ESTA AGOA, QUE O BEM COMMUM
Á VARA LIBERAL DEVE
DE HUM AULICO PASTOR SACRO
MILITAR, JUIZ, REGENTE.

ESTA VEA, CUJA ORIGEM
Á DO PARAISO EXCEDE;
POIS DA CASA DA SENHORA
MAIS BEM NASCIDA DESCENDE.

CONTEM TODAS AS VIRTUDES
DAS FONTES MAIS EXCELLENTES,
E DÁ REMEDIOS Á VIDA,
DESPOIS DE DAR MORTE Á SEDE.

SE A FREQUENTAS POR AGRADO,
SENDO AOS NARCISOS ENFEYTE,
HE DAS GRAÇAS ACIDALIA,
E DAS MUSAS HYPPOCRENE.

HE ARETHUSA DO ALPHEO;
MAS POR MODO DIFFERENTE
POIS DE HUM RIO A OUTRO RIO
AQUELLE FOGE, ESTA SEGUE.

EGERIA DE MELHOR NUMA,
QUE MAGNIFICO, E PRUDENTE
NA ARCA O NUMEN INVOCA;
NO TANQUE A PRATA DISPENDE.

BIBLIS, QUE (SEM CULPA) AO RIO
(IRMÃO POR PARTE DE THETIS)
MURMURANDO A ESQUIVANÇA,
VAI ABRAÇAR DOCEMENTE.

FONTE EMFIM DO SOL, CONTIGUA
AO TEMPLO DO DEOS DOS DEOSES,
CONTRA A CALMA FONTE FRIA,
PARA O FRIO FONTE QUENTE.

SE A BUSCAS POR MEDICINA
HE QUAL A DE CICE, OU ELIS
FONTE QUE AS DOENÇAS CURA,
CHRYSTAL QUE A VISTA ESCLARECE.

IGUALA A FONTE DE MARCYAS
COM BENEFICA ANTITHÉSI;
POIS SE AQUELLA PEDRAS CRIA
ESTOUTRA PEDRAS DERRETE.

NAM SE TURBA COM AS VOZES
ANTES PARA QUE A CELÉBREM,
SARANDO-AS COMO A DE ZAME
AS LOUVA COMO A DE ELEUSIS.

AO QUE ESTUDA EM SUAS MARGENS
AVIVA A MEMORIA SEMPRE,

COMO A FONTE DE BEOCIA,
OPPOSTA AO CURSO DO LETHES.

A QUEM DA FONTE SALMACIS
BEBEU AS AGOAS ARDENTES,
ESTA AGUA BANHANDO AS FONTES
LIVRA DO AMOR, QUAL SELEMNE.

E QUANDO PERDIDO A BRINDES
ACHES NO VOUGA O LYNCESTES,
ESTA QUAL FONTE CLITORIA
FAZ COM QUE O VINHO ABORRECE.

SE POR DEVOÇÃO VIZITAS
SUA AFFLUENCIA PERENNE,
HE CHORO, COM QUE OS OLHOS PIOS
NA CAPELLA Á VIRGEM SERVEM.

HE FONTE DE IERICHÓ
QUE AS PLANTAS DA ROSA VERTEM
E QUE OUTRO ELISEO COM MOURA
FEZ SUAVE, BENTA, E FERTIL.

HE FONTE PROPHETIZADA
(SE TANTO PODE DIZER-SE)
POIS SAHE DO TEMPLO SANTO
E VAY REGANDO A TORRENTE.

DO MAR DE GRAÇAS MARIA
O RIO[1] E FONTE PROCEDEM
MAS LA JUNTO Á LAPA MANA
CÁ DA MESMA PENHA DESCE.

BEBE, POIS, BEBE Á VONTADE
ACHARÁS QUE HE (MUYTAS VEZES)
TAM UTIL PARA A SAUDE
QUANTO PARA A *VISTA ALEGRE*.

(Tomo XVIII, fl. 127).

---

[1] «Allude a ter o Vouga origem em huma fonte junto a nossa senhora da Lapa». Nota á margem.

«Todo este braço he navegavel (desde Aveyro athé o lugar de S. Romão que tão bem he do termo de Aveyro, e fica vezinho, e quazi defronte do de Ouca (por espaço de largas duas legoas que tanto fazem de Aveyro ao dito lugar de S. Romão. Tem pello meyo hum canal (vulgarmente chamado cal) bastantemente fundo, capáz de navegarem por elle embarcaçoens de quilha como caravellas, e ainda mayores, e há tradição que antigamente navegáram athe defronte de Vagos a carregar de sal no tempo que as prayas de hũ e outro lado erão marinhas, nome que ainda algumas dellas conservão. Porem ao prezente seria impraticavel semelhante navegaçam por se achar este rio no sitio chamado Remelhe, totalmente areado de sorte que se passa a váo». (Tomo XVIII, fl. 132).

Pedro A. de Azevedo.

Olaria luso-romana em S. Bartholomeu de Castro-Marim

Á memoria de Francisco Silvestre de Sousa Rocha

Por informações do meu particular amigo, hoje fallecido, Francisco Silvestre de Sousa Rocha, que era dedicado amador da numismatica, soube que ao pé da aldeia de S. Bartholomeu de Castro-Marim, no concelho de Villa-Real de Santo Antonio, tinham por vezes apparecido amphoras romanas inteiras, o que levava a crer que alli existíra uma estação luso-romana.

Havendo-me o mesmo Sr. facilitado uma excursão áquella aldeia, onde tinha familia e muitas relações, parti para lá em fins de Dezembro de 1896, e mandei proceder a excavações no local, das quaes resultou descobrir-se não só um depósito de amphoras, mas um forno de cozer barro (em latim *fornax*).

O local chama-se *Os Olhos,* e fica á margem do esteiro da Carrasqueira, junto da povoação de S. Bartholomeu de Castro-Marim, a uns 200 ou 300 metros, ao Nascente, da ermida. É terreno accidentado, em que ha hortas e pomares; atravessa-o um caminho público. O chão está juncado de cacos de amphoras (asas, bocaes, fundos, pedaços de bojos) e de cacos de tegulas; tambem por ahi apparecem tijolos pris-

---

[1] Vid. desenhos de tijolos analogos n-*O Arch. Port.*, I, 315.

maticos grossos e outros com base de quarto de circulo, e pedaços de *opus Signinum* (agglutinação de cacos, seixinhos, cal e areia), isto é, formigão, bem como alguns pequenos fragmentos de vasos finos.

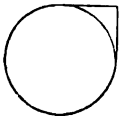
O forno appareceu enterrado no caminho, e o depósito junto do esteiro, a uns 100 metros de distância do forno, num talho de terra pertencente a um camponês de S. Bartholomeu de Castro-Marim.

Fallarei primeiro do forno, e seguidamente do depósito.

1. Forno

A parede do forno, feita de tijolo, e de espessura média de $0^m,6$ a $0^m,7$, constitue um cylindro, de uns $3^m,44$ de diametro, na occasião completamente sotterrado e entulhado com terra e cacos. A construcção, depois do respectivo desentulhamento, offerecia o aspecto de um poço de tirar ágoa. A altura, no estado actual do forno, é de uns $3^m,84$, contada desde o fundo até o nivel do caminho. Neste, como noutros fornos romanos que se conhecem fóra de Portugal[1], a abobada, se a teve, estava completamente destruida.

Num dos lados do forno tinha-se feito uma parede, que, antes da excavação, parecia borda de tanque: angulo com os lados tangentes á circumferencia, como se vê na seguinte figura eschematica.



O forno, no momento de exploração, constava de duas partes: uma inferior, a fornalha; outra superior, o laboratorio, ou camara, em que as vasilhas se coziam.

Sendo a fig. 1 a planta do edificio, vemos na fig. 2 (córte vertical) a disposição das duas partes mencionadas.

a) *Fornalha:*

A fornalha, com a abertura voltada para o Nordeste, compõe-se de um grande canal central, C, de $1^m,56$ de altura e de $0^m,97$ de largura, o qual começa fóra do forno numa extensão que não pude medir exactamente, mas que não era inferior a 2 metros.

---

[1] Vid. *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, de Darenberg & Saglio, s. v. *fornax*.

Este canal, destinado a receber a lenha, é descoberto na parte que fica fóra do forno, e ahi mais estreito (0^m,69) que dentro do forno; ao penetrar na parede propria do forno, alarga-se successivamente (0^m,84 até 0^m,97), e ahi tinha um arco de entrada, já destruido *(praefurnium)*; depois estende-se pelo eixo do forno, desembocando no espaço D, e communicando perpendicularmente, como se vê no córte vertical (fig. 3), com quatro canaes secundarios, de uns 0^m,30 de largura, os tres ultimos formados entre quatro paredes de tijolo que no centro constituem arcos ogivaes sobre o canal grande[1], e o primeiro formado entre a primeira d'estas paredes e a parte anterior da parede circular do forno. A altura da parte externa do canal era um pouco inferior á do arco de entrada. Este arco achava-se desmoronado, como digo a baixo, em nota, e por esse motivo não pude saber qual era a sua fórma; todavia, de certo ella era igual á dos outros, tanto mais que os tijolos que o constituiam eram iguaes aos tijolos dos arcos restantes.

As paredes dos canaes transversaes, e a parede circular do forno são feitas de barro vermelho, cal, cacos (de amphoras e de tegulas) e de tijolos; os arcos formados pelas paredes transversaes são porém feitos só de grossos tijolos (*lateres*) parallelepipedicos, sobrepostos horizontalmente, de modo que a largura das paredes dos arcos é igual ao comprimento dos tijolos; isto é: a volta do arco é de tijolo, o resto da parede é de barro, cacos e outros tijolos. Na construcção do forno não entrou pedra. Os tectos dos canaes secundarios são formados por pedaços de tegulas e ladrilhos, postos perpendicularmente aos canaes, e parallelamente ao canal do centro; o tecto do canal do centro é formado da mesma maneira e pelas abobadas dos arcos. Na fig. 4 dá-se o desenho de um dos tijolos que entravam na construcção do forno. Nos tectos de todos os canaes ha, de espaço a espaço, respiradouros, como se vê na planta, e no segundo córte vertical, constituidos por outros tantos gargalos de pequenas amphoras inutilizadas, adaptados cada um a sua abertura.

O espaço D, onde desemboca o canal central, e que é por tanto opposto á abertura do forno, tem de flexa uns 0^m,74.

O lume pegava-se pelo canal central á lenha collocada na fornalha; do canal central destribuia-se aos transversaes, sahindo o fumo pelos

---

[1] O último d'estes arcos estava já destruido, na occasião das excavações; mas o que resta das paredes não deixa dúvida que ellas pertenciam a um arco como os mais.

respiradouros; a labareda principal derivava para o espaço D, que era vazio e recebia tambem a cinza.

Tanto as paredes de todos os canaes, como os gargalos dos respiradouros, tinham ainda na sua face interna vestigios de lume. Pelo meio do forno, nos entulhos, appareciam tambem telhas queimadas e escóreas.

b) *Camara da cozedura:*

O chão da camara é horizontal, como se vê nos desenhos dos córtes, e consta de duas partes: uma solida, e espessa, formada pelas extremidades superiores das paredes dos canaes transversaes e dos arcos; outra, menos solida, e com os respiradouros, formada pelo tecto d'esses canaes.

Era na camara que se collocavam os objectos de barro no estado verde, para serem cozidos com o calor que emanava dos canaes subjacentes.

2. Depósito das amphoras

Era, como disse, junto do esteiro que tinham apparecido por vezes muitas amphoras. Mandei cavar até á fundura de 1^{m},5 pouco mais ou menos; a esta profundidade começavam a apparecer bocaes de amphoras. Logo que os bocaes appareciam, o Sr. Sousa Rocha, animado da melhor vontade em me auxiliar, principiava, com dois dos homens mais habilidosos que andavam no serviço, a desviar a terra cuidadosamente, já por meio de sachos pequenos, já por meio de facas, de modo que as amphoras não soffressem nada. Como a terra era um pouco humida, e como as amphoras estavam adherentes umas ás outras e á terra, a operação tornava-se por isso bastante melindrosa.

Muitas amphoras achavam-se já completamente quebradas; outras ainda inteiras ou quasi: d'estas consegui extrahir doze, que vieram para o Museu.

O número total das amphoras que aqui houve era porém muito superior a este: só bocaes distinctos encontrei á superficie do chão, avulsos, trinta e um; outras amphoras haviam sido atiradas ao esteiro; o dono do campo tinha tambem, ha 16 annos para cá, encontrado e destruido muitas. Póde calcular-se que o número de todas estas amphoras não era inferior a oitenta.

As que porém estão salvas são: as doze que vieram para o Museu (inteiras ou consertadas); uma possuida ao tempo pelo Sr. Sousa Rocha; outra por um parente d'este Sr.; outra, que se acha no Museu Archeologico de Faro.

Observei que as amphoras estavam dispostas, tres a tres, ao alto, e em fila, com alguma inclinação, devida á pressão da terra: (vid. a fig. 5, que dá ideia de tal disposição).

Sobre estas havia outras deitadas, já partidas. As que estavam a pino jaziam enterradas em barro branco, umas até quasi ao meio, d'outras só o bico, ou pouco mais.

Em estampa, sob o n.º 6, dou a figura de uma das amphoras do Museu, segundo o desenho do Sr. Henrique Loureiro: altura $0^m,95$; largura maxima do bojo 1 metro; diametro do bocal, tomado em cima, $0^m,14$; largura do gargalo $0^m,36$. As outras amphoras que estão no Museu, e a do Sr. Sousa Rocha são sensivelmente iguaes a esta, quanto á fórma; apenas algumas differem entre si, em alguns centimetros, nas dimensões. As asas apresentam um sulco ao meio, em todo o comprimento. A estructura d'estas vasilhas é solida. São de barro avermelhado.

A par de amphoras grandes, como a que fica descrita e figurada, havia no depósito outras menores, a julgar pelos gargalos e pelos bicos fundeiros que appareceram, e de que eu trouxe exemplares para o Museu. Mas as vasilhas grandes constituiam a maioria. Na estampa figuro, sob os n.ºs 7, 8, 9 e 10, alguns bicos avulsos que appareceram, e que differem entre si na fórma: uns são lisos, outros não; uns terminam em ponta, outros são planos por baixo; pertencem a amphoras de diversos tamanhos.

No mesmo campo em que se acharam estes objectos, acharam-se dois fragmentos de objectos tambem de barro, que passo a descrever. Um fazia parte de um tóro delgado (estampa annexa, fig. 11), de uso indeterminado, pois não é fragmento de vaso [1]. O outro, como se vê na fig. 12, fez parte de um tubo (altura $0^m,09$; diametro $0^m,11$), e parece haver servido de descanso de algum vaso, pois está acabado nos dois bordos naturaes; nunca foi gargalo de amphora, como á primeira vista se poderia suppor; este objecto offerece na superficie externa uns sulcos parallelos e transversaes, que o enfeitavam singelamente.

Ao repente póde ficar-se em dúvida se a estação de que estou fallando era um depósito de olaria, se uma adega ou dispensa; mas não ha dúvida que se trata de um depósito de oleiro: sem trazer á

---

[1] No Museu Ethnologico depositou o Sr. Ferreira Braga um tóro tambem de barro, mas inteiro e com tampa, que faz lembrar este. Foi achado ao pé de Santarem.

consideração o facto de algumas das amphoras estarem deitadas sobre outras, porque isso podia acontecer numa adega ou dispensa com vasos vazios, basta notar que todas as amphoras e cacos que vi eram novos, como que sahidos do forno; alem d'isso, se se tratasse de uma adega ou dispensa, deviam apparecer as tampas das amphoras: mas não encontrei nem uma, entre tantos cacos e vasilhas! Apenas uma molher me disse ter ahi encontrado em tempos umas pequenas «tapadeiras» com uma «pègazinha», que até lhe serviam de testo: estas «tapadeiras» são provavelmente testos de amphoras; comtudo, que importancia tem isto em comparação do número extraordinario de fragmentos de amphoras, entre os quaes não appareceu testo nenhum, e em comparação do facto de eu ter visto sem tampa algumas dezenas de amphoras (contando as aproveitaveis e as quebradas) ainda no seu primitivo lugar?

As excavações puseram a descoberto dois lanços de paredes do edificio que servia de depósito, lanços constituidos por tijolos, pedaços de tegulas e barro; com este edificio devem tambem relacionar-se os fragmentos de *opus Signinum* de que fallei a cima, bem como muitos dos tijolos e tegulas encontrados constantemente pelo chão, ou na terra do campo.

3. Considerações geraes

Temos assim, de um lado, o forno em que se coziam as vasilhas de barro; do outro, a pequena distancia, o depósito d'estas vasilhas.

Com excepção do fragmento de uma beira de vaso ornamentada, fig. 13, e dos outros objectos figurados, tudo estava desprovido de enfeitos da arte: não se pusera em parte o preceito horaciano *utile dulci,* havia-se só cuidado do *utile.* Por tanto, podemos dizer que alli se fabricava e guardava não só barro grosso, mas grosseiro.

O local abunda em ágoa doce, que nasce por toda a parte: é o ponto da povoação onde ha mais: elle sería pois escolhido para olaria por causa da ágoa. Alem d'isso, como o local fica junto do esteiro, tornava-se muito facil o embarque das vasilhas, para irem ser vendidas longe.

Resta agora saber qual o motivo de se terem conservado até os nossos dias tantas amphoras. Creio que se poderá explicar o facto por alguma inundação que destruisse e submergisse o edificio do depósito, a ponto de ter sido impossivel durante tempos extrahir de lá as vasilhas, na totalidade ou em parte; depois, com o correr dos annos, e a successão dos povos, o depósito ficou esquecido, e como, pela perda d'estes haveres, não havia estímulo para de novo accender

o forno, este continuou apagado, até que a terra o cobriu e m'o guardou, para eu o tornar a abrir, passados quasi dois mil annos. Depois de excavado e rebuscado, mandei outra vez aterrar o forno, a fim de se conservar no seu estado actual para o futuro, para alguem que, em eras de maior amor archeologico que o que existe hoje, o deseje restaurar e conservar devidamente resguardado; se eu o deixasse a descoberto, desappareceria em breve!

Infelizmente não encontrei moeda nenhuma que pudesse indicar uma data; só soube que uma vez apparecêra uma, cujo paradoiro porém se ignora. Em compensação, depois do meu regresso a Lisboa, deparou-se-me no extincto Museu do Algarve, hoje encorporado no Museu Ethnologico Português, um bom pedaço de uma telha (*imbrex*) achada no mesmo sítio dos *Olhos* na qual se lê, pelo lado de fóra, a inscripção que vae figurada em tamanho natural na estampa junta, n.º 14[1], que diz: ..... *qui legit,*—e que fazia parte provavelmente de alguma sentença séria ou graciosa, como outras que ha analogas, pertencentes a todos os tempos: cf. *Corp. Inscr. Lat.,* IV, 2360—, e que já saiu publicada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, *Suppl.,* n.º 6255–*r*. A inscripção foi lavrada com um ponteiro, quando a telha estava ainda fresca. Esta é de barro vermelho, e tem de comprimento $0^m,56$; de largura (maxima) $0^m,225$ e (minima) $0^m,215$; de espessura $0^m,024$ (na parte mais larga) e $0^m,014$ (na parte menos larga). Esta inscripção não é anterior ao sec. I da Era Christã, nem talvez posterior ao sec. III. O forno e respectivo depósito devem ascender á mesma epocha que ella. De mais nenhuma inscripção sei apparecida no local.

As doze amphoras que consegui extrahir, e que, como disse, trouxe para o Museu Ethnologico Português, constituem neste uma secção importante da epocha luso-romana, por serem todas de uma localidade, e saídas de uma só officina. Com ellas estão os outros fragmentos ceramicos e tijolos de que fallei a cima. Todos estes objectos podem servir de ponto de partida para o estudo de objectos analogos, e tambem para o conhecimento de relações que por ventura houvesse naquella epocha entre a estação industrial de S. Bartholomeu de Castro Marim, e varios pontos do país, sobretudo do Sul.

---

[1] Ás gravuras das figs. 1, 2 e 3 serviram de base um desenho do Sr. Henrique Loureiro, feitos com indicações e medidas minhas tomadas *in loco*. A fig. 5 serviu de base um desenho feito pelo Sr. Gabriel Pereira. A fig. 14 foi tomada de um decalque da inscripção. As outras figuras da estampa foram feitas tambem segundo desenhos do Sr. Henrique Loureiro, tomados do natural.

*
* *

Dedicando este artigo á memoria de Francisco Silvestre de Sousa Rocha, cumpro um dever de saudade e de gratidão, não só pela intensa amizade que nos ligava, como porque, se não fosse elle, eu não tinha realizado a exploração da olaria de S. Bartholomeu, nem enriquecido o Museu Ethnologico Português com tão boa collecção de amphoras. Alem d'isso, durante a minha estada por essa occasião no Algarve, fiz ainda outra excavação, embora não com tanto fruto como esta, visitei várias estações archeologicas, e recolhi muitos objectos, uns antigos, outros modernos. Tudo isto devo á bondade de Sousa Rocha, e ao amor que elle consagrava aos assuntos archeologicos: apesar de colleccionador, não tinha ciumes nenhuns de que outrem colligisse tambem, e pelo contrário me instigava a isso, e usava de maxima liberalidade e franqueza para comigo. Fique indicada aqui esta feição do seu puro caracter. Como noutro artigo, ainda começado em vida d'elle, mas que me não tem sido possivel concluir, fallo outra vez de Sousa Rocha e da sua collecção archeologica, artigo que ha-de tambem sair n-*O Archeologo Português,* limito-me por agora a lembrar que de várias offertas suas ao Museu, ou por elle promovidas, se deu relação na presente revista, na secção de «Acquisições do Museu Ethnologico», n.os 57, 58, 97 e 98, e que á cêrca de algumas moedas arabes da sua collecção fallou no vol. I, 97–103, o distincto arabista o Sr. David Lopes, num artigo especial que consagrou ao assunto. Sousa Rocha possuia, alem d'estas, muitas outras moedas arabes de prata, algumas das quaes tinha promettido offerecer-me: a morte prematura e inesperada não o deixou realizar o seu desejo!

Foi para mim dia de grande tristeza aquelle em que soube do fallecimento de Sousa Rocha. Eu votava-lhe affeição verdadeira, porque a par dos serviços archeologicos que me havia prestado, e me constituiam devedor de contínua gratidão, eu tinha reconhecido nelle uma das qualidades que mais aprecio num amigo, e que tão raramente se encontram: a sinceridade. Se ás páginas d-*O Archeologo Português* está destinada alguma publicidade, e alguma duração nas estantes dos estudiosos, seja nellas lembrado o nome do amigo prestimoso e cidadão excellente que se chamou Francisco Silvestre de Sousa Rocha. E perpetuando-lhe a memoria, *O Archeologo Português* honra-se tambem.

J. L. DE V.

Planta

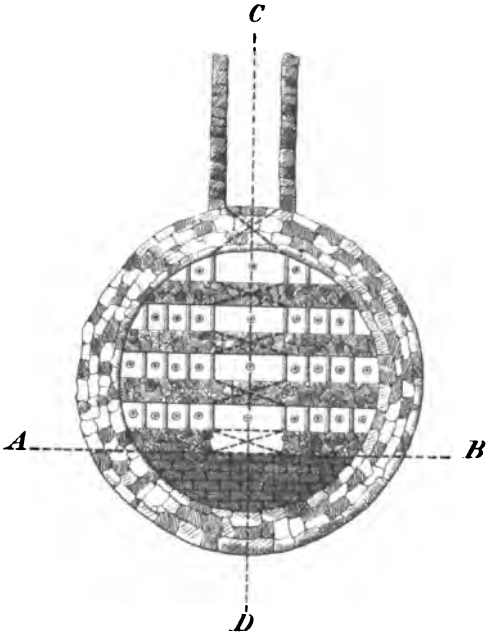


Fig.ª 1

Córte por A B

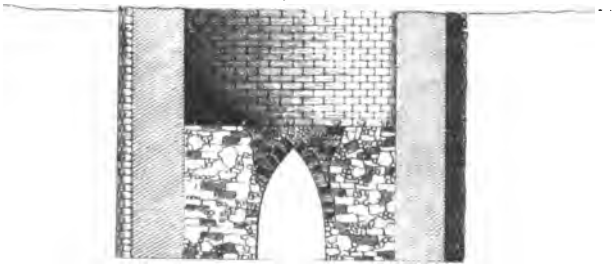
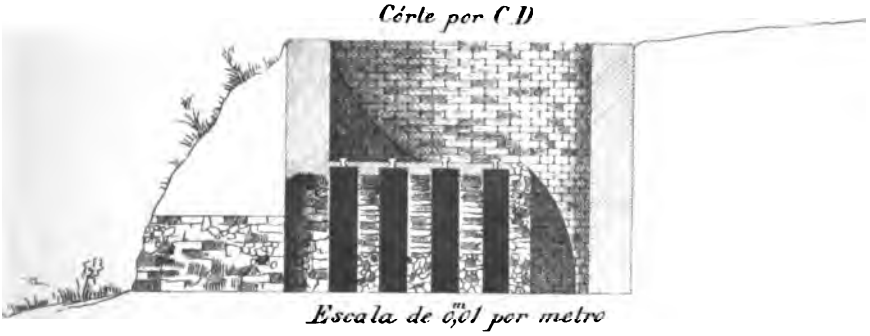


Fig.ª 2

Córte por C D



Escala de 0m,01 por metro

Fig.ª 3

PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Fig. 5

Fig. 4

1/2

Fig. 8

1/2

Fig. 7

Fig. 6

0,95

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

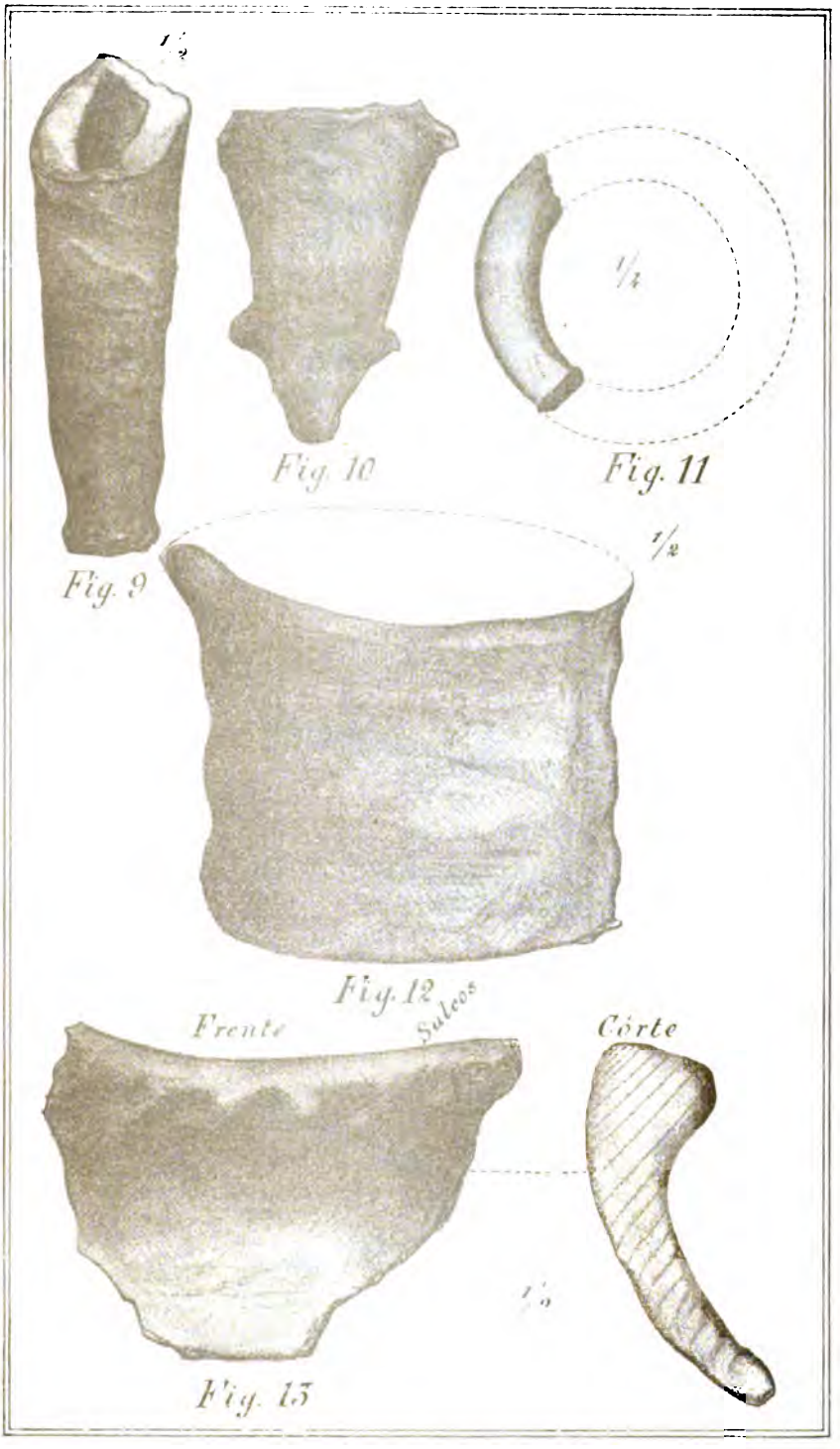


Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13

THE N
PU
ASTO
TIL

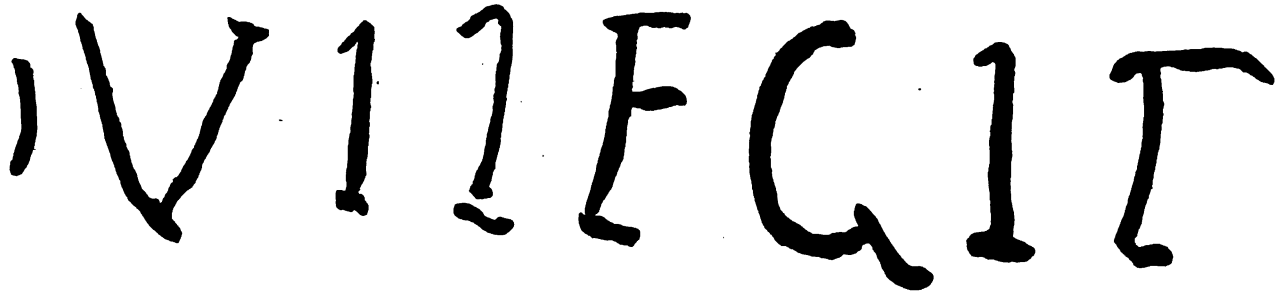


Fig. 14

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

Á cêrca do artigo sobre Damião de Goes

(Cfr. *O Arch. Port.*, IV, 1 e 257)

Como o Sr. Joaquim de Vasconcellos é collaborador effectivo, e muito distincto, d-*O Archeologo,* e existem entre elle e mim, ha muitos annos, relações amicaes, julguei do meu dever enviar-lhe as provas typographicas da resposta do Sr. Guilherme Henriques (publicada a cima p. 257), a fim de elle dizer sobre ellas o que entendesse. Nisto não tive a minima intenção de ser desagradavel ao Sr. Henriques, a cujos trabalhos voto toda a estima; apenas desejei seguir a praxe que os redactores de uma revista como esta costumam seguir, em condições analogas, com os seus collaboradores effectivos, e ao mesmo tempo conservar-me fiel á amizade que me liga ao Sr. Vasconcellos.

J. L. de V.

Eis a carta que este Sr. me escreveu:

Meu caro amigo.

Em poucas linhas respondo ao Sr. Henriques:

1.º Asseguro a S. S.ª que não tenho, nem nunca tive, «rancor pessoal» contra um cavalheiro que contribuiu efficazmente, por merito e fortuna, para esclarecer a biographia de um português illustre, que veneramos. Bastava esta circumstancia para desfazer essa illusão. Sobre a campa de Damião de Goes não haja, pois, discordia.

2.º Entende S. S.ª que o meu artigo *destoa* da critica *séria* e *leal.*

Não discuto o gosto do Sr. Henriques.

Poderia ser de opinião que o seu artigo pécca por ser demasiadamente gracioso e modesto, se não receasse influir no animo do leitor, que nos julgará a ambos. Não o posso acompanhar em graça, nem em modestia.

Uma vantagem indiscutivel se colheu já. O Sr. Henriques, publicando o *fac-simile* dos escudos, habilita a crítica imparcial a contraprovar as affirmações que fiz relativamente aos desenhos do vol. I dos *Ineditos.*

Creia-me, etc.

Porto.

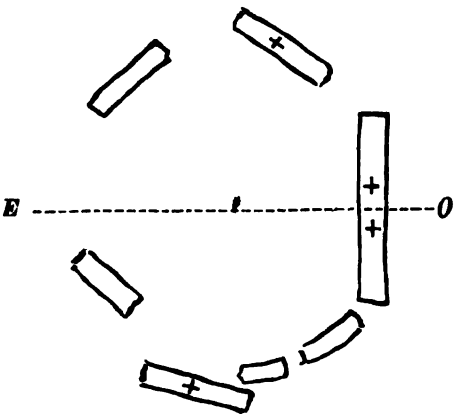
Joaquim de Vasconcellos.

Dolmen de Espirito-Santo d'Arca (Beira-Alta)

Em virtude da amabilidade do illustre lente da Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Julio Henriques, posso publicar hoje n-*O Archeologo* a photographia do dolmen do Espirito-Santo d'Arca (no districto de Viseu, Beira-Alta), visto de frente, e um esbôço da planta do mesmo.

Na planta, as pedras que se vêem marcadas com + são as que sustentam a tampa do dolmen.

Este tem de comprimento $4^m,50$ e de largura $3^m,76$; a pedra marcada com + + tem de altura $2^m,65$ e de largura $2^m,11$.



O dolmen está num descampado, coberto de mato, não longe de uma pequena povoação. A igreja fica a maior distancia.

Parece que o monumento não foi ainda explorado, porque o terreno não dá indicio de ter sido remexido. Eu espero explorá-lo em indo á Beira.

Chama-se vulgarmente a *Pedra dos Mouros*.

A denominação de «Arca» entra na classe que estudei nas *Religiões da Lusitania*, I, 254.

J. L. de V.

Inscripção romana dos arredores de Lisboa

A inscripção romana publicada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 296, achada perto de Torres Vedras, fez parte da collecção archeologica do Barão de Alcochete, antigo diplomata português, residente em Paris. Depois da morte d'elle, a collecção foi dispersa (por 1884), e a inscripção que, se as competentes estações officiaes tivessem prestado ao assumpto a devida attenção, podia pertencer a um museu português, acha-se hoje numa collecção parisiense. O Sr. Héron de Villefosse deu d'ella a seguinte leitura numa das sessões da Sociedade dos Antiquarios de França:

IVLIA · C · F · TON
GETA · ANN · XX
H · S · E · IVLIA · L ·
F · AMOENA · M
TER F · C

Como o Sr. De Villefosse nota, é pequena a differença entre este texto e o do *Corpus.* Vid. *Bulletin de la Soc. Nat. des antiquaires de France,* 1896, p. 350[1].

J. L. de V.

Vestigios archeologicos de Babe

N-*O Arch. Port.,* III, 223, dissemos que Babe era uma povoação que ficava a cousa de 12 kilometros a nordeste e a cavalleiro de Bragança; que, vista d'esta cidade, fazia lembrar o acampamento de um posto destacado, destinado a vigiar a raia, que corre para norte a pouco mais de uma legua; que tinha sido caminho seguido nas diversas entradas que se fizeram por este lado durante as guerras com o vizinho reino; que a sua situação e posição dominantes se prestavam á observação de um vastissimo horizonte, dando a este ponto condições excepcionaes de exploração longinqua; e que figurava já na nossa historia, pelo tratado que nella fez, em 26 de Março de 1397, D. João I com o Duque de Alencastro pelo qual este cedia todos os direitos eventuaes que tinha sobre Portugal.

---

[1] Foi depois publicada pelo Sr. Hübner, in *Ephemer. epigraph.,* VIII-3.

Foi, sem dúvida, uma estação importante durante o dominio romano, pois assim se deprehende dos vestigios que nella se vêem e se tem encontrado. D'ella o visitante avista, um pouco a sudoeste e a 2:500 metros, o alto da Sapeira, de 900 metros de altitude, onde ha ainda restos de muro de pedra solta de um amplo castro, e onde é tradição conhecerem-se em tempo, do lado do norte, uns buracos ou *forjocos* por baixo das enormes fragas que por esta parte serviam de muralha.

Pela sua grandeza e pelo seu aspecto, dá muitas semelhanças ao castro do Fromil, mais conhecido pelo *Toural dos Mouros,* que d'elle se avista para poente, na vertente da serra de Nogueira, a uma distancia talvez superior a 18 kilometros, pois que, para este lado o horizonte que se descortina d'este ponto é verdadeiramente admiravel.

Ainda da povoação, olhando para sudeste e a uma distancia proximamente a 2:000 metros, vê-se no alto de uma collina outro castro a que chamam o *Cercado,* que domina, para norte, o valle em que existiu a igreja de S. Pedro Velho, cujas ruinas ainda ha pouco que desappareceram de todo. Em volta d'esta igreja encontraram-se sepulturas e outros signaes de habitação; e aqui presumem os de Babe que fosse a primitiva povoação e d'onde fossem encontrados o monumento de que já tratámos no referido numero d *O Archeologo* e os seguintes que eu descobri e fui tambem o primeiro a tornar conhecidos e que agora estão no Museu.

O primeiro é um marco miliario de granito grosseiro que está muito fragmentado e serviu de sepultura. Tem $1^{m},70$ de alto, $0^{m},45$ de diametro, e o corpo das lettras regula por $0^{m},095$.

Na parte que se vê da inscripção lê-se:

IM(*perat*) . . . . . DIVI·TRAIA(*ni*) F(*ilio*) DIVI·NE(*rv*) . . . . . [tribunicia potestate] XIIX, CO(*nsuli* III . . . . .) . . . . . M(*ilia*) P(*assum*) XX . . . . .

Isto é:

Ao imperador Trajano Adriano . . . . . filho do Divo Trajano, no decimo oitavo anno do seu poder tribunicio, consul pela terceira vez . . . . . Dista tantos mil passos de . . . . .

A nossa estampa repesenta uma cópia fiel, reduzida, da inscripção que se lê no marco.

Quando o descobri estava junto da porta lateral da igreja, e, logo que o publiquei nos jornaes locaes, varios individuos[1] trataram da sua decifração, considerando um problema intrincado a leitura da 5.ª linha.

Se se conhecesse a largura da inscripção, e se se tivesse a certeza de que o número de passos, que o marco distanciava, era exactamente o que nella se vêem indicados, estava o problema resolvido[2].

O outro monumento é uma lapide votiva de granito grosseiro e tem 0m,90 de alto, 0m,25 de largo e de corpo de lettras 0m,05. A sua inscripção[3], que a nossa estampa reproduz fielmente depois de reduzida, é interpretada d'este modo:

I(*ovi*) O(*ptimo*) M(*aximo*) T. D. (ou I?) L. et P. P.
EX VOTO

Isto é:

Tito D. (ou I.). L. e P. P. consagraram por voto este monumento a Juppiter Optimo Maximo.

---

[1] Entre elles o Sr. Albano Bellino num folheto, que obsequiosamente me offereceu, intitulado *Cartas sobre a Epigraphia Romana*, Braga 1898.

[2] [Notarei que os DD da 3.ª e 4.ª linha não são *cortados ao centro*, como o Sr. Albano Bellino diz no seu opusculo, p. 16, pois Ð vale por DE; as palavras onde este nexo entra deve ler-se DEIVI, que é uma fórma, muito conhecida, de DIVI. Nas proprias inscripções modernas se lê Ð por DE. — J. L. de V.].

[3] Foi tambem publicada no mesmo opusculo do Sr. Albano Bellino onde saiu errada por a ter transcrito dos jornaes locaes que a publicaram viciada em razão

Tem as lettras bem legiveis, e encontrei-a quando o miliario mettido na parede do adro da igreja á direita de quem entra.

A lapide tem duas inscripções em duas faces oppostas, o que só agora se viu quando se arrancou da parede. As inscripções são semelhantes. Na de uma face, a mais clara, vê-se que a 2.ª lettra da 2.ª linha está assim gravada I), de maneira que parece um I com um

ponto de separação d'esta fórma). Mas será um D. A outra face tem as lettras mais apagadas, e no sítio d'esta lettra só se destingue I. Será um I ou a haste do D? Nesta face o que quiz ver foi um ponto entre os PP ou escripto assim: P·P.

*

Se a estes vestigios accrescentarmos a tradição popular de ter por ali passado uma grande estrada chamada das *Dueñas* de que ainda se vêem signaes nos sitios de S. Pedro Velho, Porto Calçado, etc., que foi, dizem, mandada fazer de proposito para vir por ella a Rainha Santa Izabel quando entrou em Portugal, ficamos possuindo sobejas provas de que Babe tem uma longa historia, realmente importante, como o mostram os seus monumentos e as suas tradições.

Bragança, 1898.

Albino Pereira Lopo.

---

do parecer pela inscripção que estava á vista que era um D a 2.ª lettra da 2.ª linha, verificando-se depois, quando se arrancou da parede, pela inscripção identica, mas mais apagada, que tem na face opposta que era um I. Quer-me parecer que esta inscripção tem relação com a das lapide funeraria de CALPVRNIVS a que nos referimos, em que os PP querem talvez dizer *Praefectus* ou *Praetor* (capitão) *Praetorianorum* (dos pretórianos).

Cruzado de D. João III

A

A gravura representa um cruzado de D. João III, cuja descripção foi publicada n-*O Archeologo Português*, IV, 63.

Estudos sobre Troia de Setubal

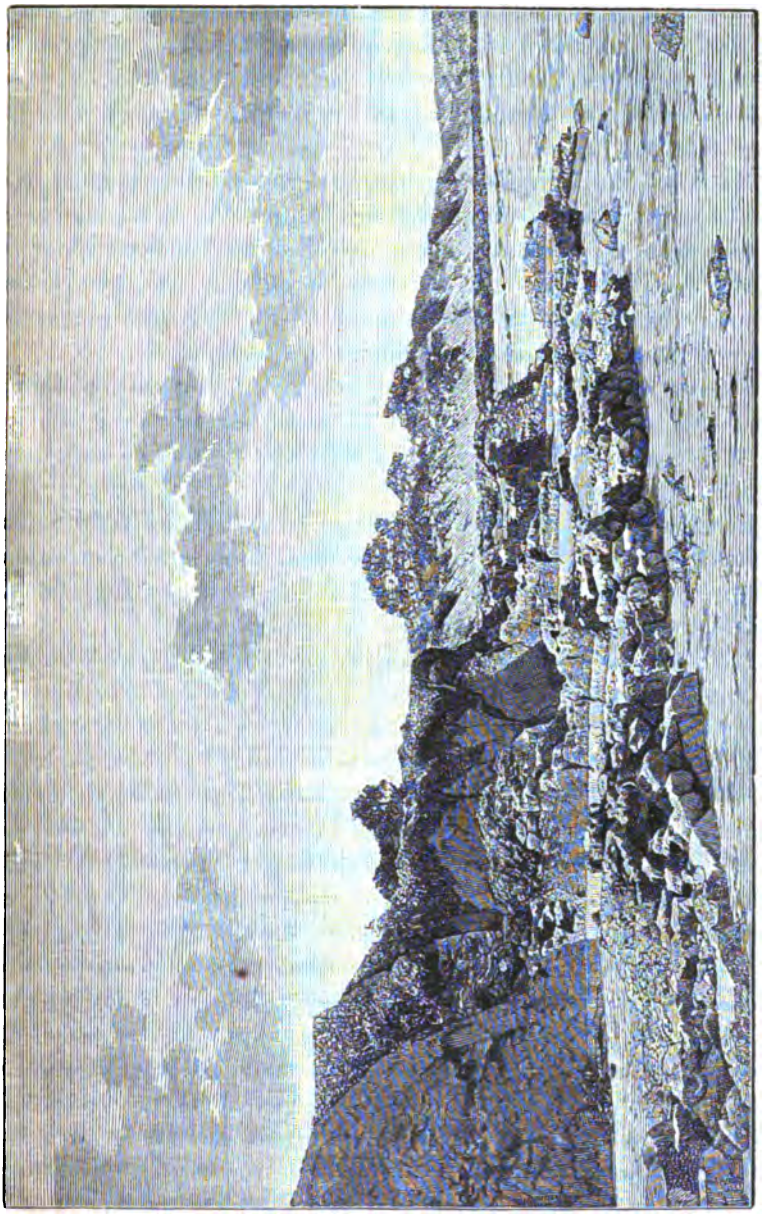
8. Edificações de Troia

1. Cetarias

Eram tanques prismaticos com base rectangular, tendo alguns que medi 4 metros de comprimento, $3^{m},70$ de largura e 2 metros de altura. Destinavam-se provavelmente á salga e a depósito de peixe e molluscos maritimos, pelo que lhes dão tambem o nome de *salgadeiras*.

Havia bastante cuidado tanto no material como na fórma de construcção d'estes tanques, que apresentavam regularidade perfeitamente geometrica.

O fundo de cada um d'elles era formado primeiramente por uma camada de alvenaria á qual se sobrepunham successivas camadas de *opus Signinum* em que os fragmentos de tijolo eram cada vez menores até á superficie, que offerecia estructura bastante fina: parece que com o fim de tornar os tanques completamente impermeaveis. As paredes lateraes tambem eram de alvenaria e forradas interiormente da mesma argamassa *(opus Signinum)* que formava o fundo. Afim de fazer desapparecer as arestas dos diedros internos d'estes tanques prismaticos, as faces interiores eram arredondadas nos cantos; com o mesmo destino havia no fundo uma especie de guarda pés formado de argamassa signina semelhante ao que se usava nas casas de habitação.



Parece-me que o objectivo que se tinha em vista, fazendo-se desapparecer todas as reintrancias mais agudas dos tanques, consistia em facilitar a extracção dos objectos que as cetarias eram destinadas a guardar. Nas paredes d'estes tanques não se encontra o menor orificio por onde se pudesse fazer o exgoto de qualquer liquido. Junto de alguns d'elles vêem-se ainda poços, talvez destinados a fornecer ágoa para serem lavados.

Havia em Troia grandes e numerosos grupos d'estes tanques, como aquelles cujas ruinas se vêem na fig. 1[1], que são contiguos uns aos outros, como as cellas dos favos das abelhas. Tambem apparecem isolados e em pequenos grupos de dois a quatro; mas estes ficavam no rez-do-chão de algumas casas e eram talvez destinados a conservar alimentos para o consumo dos habitantes d'essas casas.

Tem-se encontrado dentro das cetarias e junto d'ellas grande quantidade de espinhas de peixes e cascas de molluscos, principalmente de *murex brandaris* e *murex trunculus* de que na antiguidade se extraía a purpura.

Tudo me leva a crer que os grandes grupos d'estes tanques eram destinados á conserva em salmoura e depósito de grande quantidade de peixe e molluscos para exportação, que devia constituir a principal fonte de riqueza da antiga cidade romana.

Em vista da grande quantidade de *murex brandaris* e *murex trunculus* que se encontra proximo de algumas cetarias, talvez tambem a industria da extracção da purpura que se fazia d'aquelles molluscos não fosse estranha ao destino das ditas cetarias.

Não é só em Troia que se encontram cetarias. Tambem na margem direita do Sado, na quinta da Commenda, junto da foz da ribeira da Ajuda, proximo do forte de Mouguellas, a 4 kilometros de Troia, se encontram salgadeiras construidas do mesmo modo que as de Troia. Não muito longe do forte de Mouguellas e proximo da foz da ribeira da Rasca tambem em 1891, se descobriram cetarias na occasião em que se abriu a estrada para Outão. Estes tanques, cujos vestigios ainda se vêem no talude da trincheira da dita estrada, estão collocados a cima do nivel do mar uns 12 metros, o que não acontece em Troia e na foz da ribeira da Ajuda, onde por effeito da descenção do solo de que adeante fallarei, grande parte das cetarias se encontram abaixo do nivel da preamar.

---

[1] As figs. 1, 2 e 3 foram feitas segundo photographia do Sr. Maximiano Apollinario

2. Poços

Junto de algumas cetarias encontram-se vestigios de empedramentos de poços.

A construcção que se vê na fig. 2, e que alguns teem supposto um pharol, não é mais do que o empedrado de um d'esses poços, que affecta hoje a fórma de uma columna tubular; por ter sido desaterrada a parte inferior por effeito do embate das ágoas do Sado no terreno em que o poço era feito, como adeante se verá na fig. 6. Só na parte superior d'esta columna, destinada a servir de guarda da bocca do poço, se nota regularidade na superficie exterior, por ser feita para ficar fóra da terra. A superficie inferior é muito irregular, porque ficava enterrada.

3. Habitações

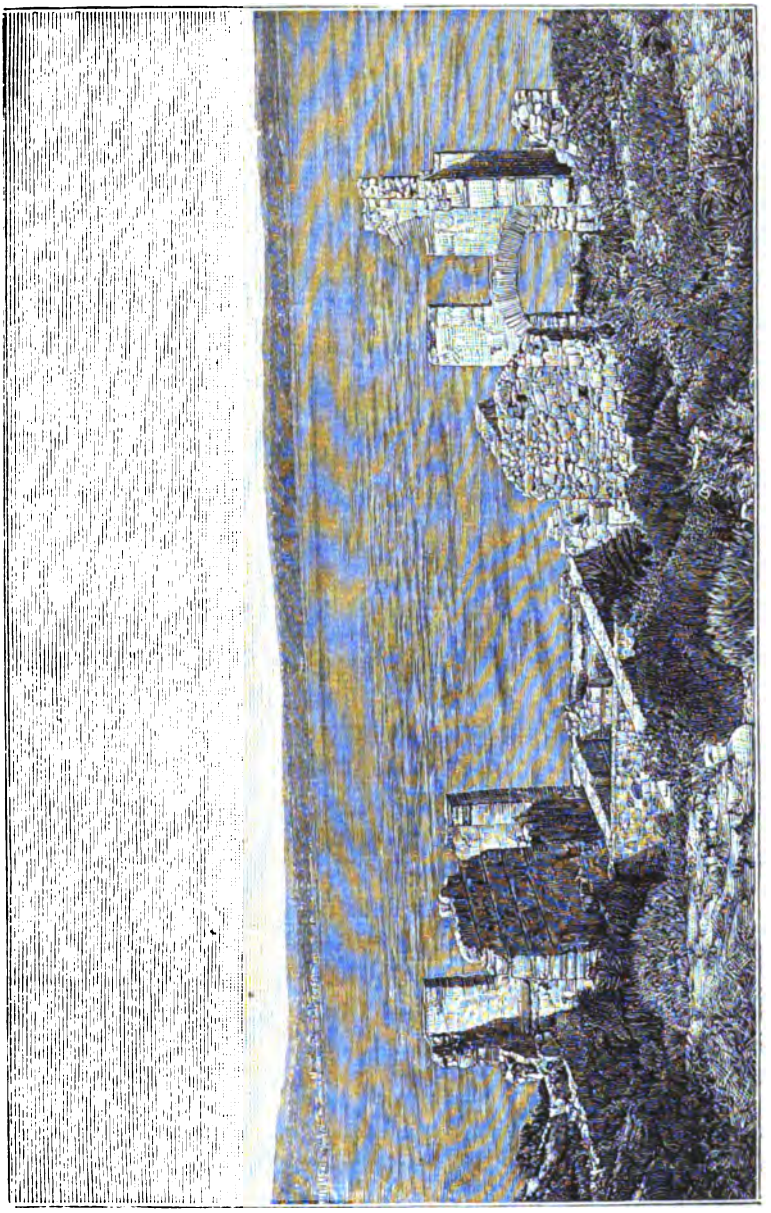
A fig. 3 é cópia de uma photographia e representa a perspectiva das ruinas de algumas das muitas habitações que havia na antiga cidade romana. Nesta perspectiva o ponto de vista é do lado do Sul. As figs. 4 e 5, cujos desenhos são do meu Exmo amigo e collega Manoel José de Aguiar Trigo, representam respectivamente a planta e o alçado da frontaria das mesmas casas vistas do lado do norte. Estas casas tinham alem do rez-do-chão um primeiro andar. O pavimento do primeiro andar era de argamassa signina assente em tijolo e este em um vigamento. Neste pavimento e junto das paredes lateraes de cada compartimento das casas, havia um guarda-pés feito da dita argamassa e de que ainda se vêem vestigios. Apesar de nestas habitações apparecer nalguns compartimentos reboco, parece-me que na sua primitiva construcção não eram rebocadas, attendendo aos ornatos formados por series lineares de pequenas pedras semelhantes ás que serviam para os mosaicos e que, incrustadas na argamassa da alvenaria, seguiam as juntas das pedras exteriores cuja superficie ficava á vista.

Nestas casas não vejo indicio do lugar do *atrium* tão vulgar nas habitações romanas.

Creio que esta casa era das menos sumptuosas, visto que na antiga cidade deviam habitar familias ricas, talvez de exportadores de peixe e que viviam com certo confôrto e luxo, como o provam as thermas, o *columbarium* e outros edificios.

Noutras casas vê-se que o pavimento era revestido de mosaico.

As habitações formavam quarteirões separados por meio de estreitissimas ruas, cuja largura é nalgumas apenas de $1^{m},35$.



*

Quasi todas as edificações de Troia e que, com mais ou menos fundamento, se suppõem serem da antiga *Cetobriga,* se encontram hoje soterradas em muitas camadas de areia e de fragmentos das ruinas da antiga cidade, como se vê em *c, c', c'',* na fig. 6.

Observando bem essas camadas, vê-se que os elementos que as constituem não podiam ahi ser levados pela acção dos agentes atmosphericos; em primeiro lugar porque na sua maior parte tem pêso incompativel com o movimento que esses agentes lhes poderiam communicar, e em segundo lugar porque se acham dispostos em camadas horizontaes, perfeitamente estratificadas.

Parece-me não haver dúvida de que só as ágoas do mar, inundando toda a antiga cidade, poderiam em epochas successivas ir desmanchando as construcções, fracturando de encontro uns aos outros os milhares de objectos de que os antigos habitantes tinham feito uso, e emfim, espalhando tudo de mistura com a areia numa camada sedimentar perfeitamente horizontal, a que, logo que o mar submergisse mais o solo primitivo, se seguia a formação de outra camada com os differentes elementos que as ruinas da cidade iam fornecendo.

Num dos córtes feito no terreno que cobre as ruinas podem observar-se de baixo para cima as seguintes camadas, com espessuras variaveis, sendo nas inferiores de $0^m,1$ e nas superiores pouco mais ou menos de $0^m,4$:

1.ª Formada de fragmentos de louça de barro saguntino, de cacos de amphoras, potes, tijolos e areia;

2.ª Formada de molluscos da purpura *(murex brandaris* e *murex trunculus);*

3.ª Formada de fragmentos de *tegulas, imbrices* e areia;

4.ª Por seixos rolados de quartzo e areia;

5.ª Por areia, cinzas e carvão vegetal.

*

Pondo de parte a hypothese de que o nivel dos mares subiu de mais de 15 metros para tornar a descer, o que não é admissivel, visto que nesse caso devia succeder ás outras cidades do littoral o mesmo que succedeu á situada em Troia, sou levado a admittir com uma probabilidade muito proxima da certeza: primeiramente, que o solo da Troia soffreu uma descenção, que talvez désse origem ao abandono e destruição da cidade que noutros tempos ahi floresceu;

em segundo lugar, que depois de a antiga cidade estar largo tempo mergulhada no oceano, o solo se elevou outra vez, emergindo de novo a cidade do seio do mar, mas, da fórma que se vê, destruida pela acção das ágoas, e coberta com camadas estratificadas de areia de envolta com os proprios destroços e os de milhares de productos da actividade dos seus antigos habitadores.

De todos estes movimentos já dei notícia na *Gazeta Setubalense*, n.os 1033 e 1034, de 10 e 17 de Março de 1889. Um facto que se deve notar é a ausencia nos sedimentos que cobrem as ruinas de ossos humanos, o que me faz julgar que a cidade foi abandonada lentamente. Os raros objectos de valor intrinseco ahi encontrados não abonam sufficientemente qualquer hypothese de destruição repentina, pois que sempre se tem achado objectos de valor nas ruinas de povoações abandonadas.

*

Para melhor se comprehenderem as vicissitudes por que tem passado o terreno de Troia, e a maneira como essas vicissitudes influiram nas edificações da antiga cidade, de fórma que produzissem as ruinas que ahi se vêem, damos o desenho, na fig. 6, de uma secção vertical feita na direcção de NE.-SW., sobre as ruinas e através da peninsula de Troia. Neste perfil representam:

A, A', A'', A'''.—Solo da antiga cidade que esteve largo tempo inundado. A parte *A', A'', A'''*, d'este solo, acha-se actualmente coberto por camadas sedimentares, entre as quaes se encontra a maioria dos destroços da antiga cidade. A parte *A, A'* desappareceu por ter sido removida por effeito do embate das ágoas do Sado, dando origem a que algumas das ruinas, como as cetarias *a*, faltando-lhes o ponto de apoio dos seus alicerces, decaissem para o solo actual *S, S'*, neste ponto de nivel inferior ao primitivo, e que outras se vejam nos seus fundamentos como se observa no poço *p*, em que se vê uma grande parte do empedrado antes enterrado, no solo *A, A'*.

N, N'.—Nivel da preamar antes da immersão do solo *A, A', A'', A'''*, e da inundação e destruição da antiga cidade.

a, b, c, d.—Cetarias ou salgadeiras em fórma de tanques, destinadas a depósito e salga de peixe e molluscos. Umas d'estas cetarias, taes como *b, c, d*, estão ainda no solo primitivo *A', A'', A'''*; outras taes como *a, b*, tem-se desmuronado e caido sobre o solo actual *S, S'*, por o primitivo *A, A'* ser desaggregado pelo embate das ágoas do mar.

p. — Empedramento de um poço (fig. 2) em parte descoberto ter sido o terreno em que era feito arrastado pelas ágoas do S

h, h', h'', etc. — Paredes de habitações, columbarios, ther ruas, etc., tudo sob camadas de sedimento perfeitamente estr cadas pela acção das ágoas na epocha da inundação, quando o *A, A', A'', A'''*, por effeito da descenção a baixo do preamar

I, I'. — Nivel do preamar do tempo da immersão do solo prim *A, A', A'', A'''* de Troia, e da inundação e destruição da a cidade.

c, c', c'', etc. — Camadas sedimentares e estratificadas form por areia, e destroços de objectos da industria humana. Estas cam foram aqui depositadas pelas ágoas do mar á medida que se d immersão do solo *A, A', A''* de Troia, e o nivel do mar ficou c posição relativa *I, I'*.

P, P'. — Preamar actual.

B, B'. — Baixamar actual.

S, S', S'', S''''. — Solo actual, formado na parte *S, S'*, a baix preamar pelo desatêrro devido ao embate das ágoas do Sado no primitivo *A, A'*, e na parte *S', S'', S'''* a cima do mar, formado s as camadas sedimentares, pela areia ahi levada pela acção do ve

*

Não é só em Troia que se podem estudar os movimentos ascenção e descenção do solo, movimentos que tão conhecidos nas costas da Escandinavia e da Italia. Supponho que, pelo me o sul da peninsula da Arrabida tem participado d'esses movime de cujos effeitos se encontram vestigios, ainda que menos claros que em Troia, na maneira como foram soterradas as cetarias da da ribeira da Ajuda, na Commenda, e tambem como foram cava pelas ágoas do mar algumas grutas que se encontram no litto desde Outão até Cezimbra, designadamente a bem conhecida nome de Santa Margarida, na Arrabida.

*

Com estas indicações julgo satisfazer em parte ao convite f pelos Srs. Paul Choffat e J. Leite de Vasconcellos no n.º 12, vol. II, d-*O Archeologo Português*, p. 301.

A. J. Márques da Costa.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

INDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Português: 241.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I. — Por ordem chronologica

A) Prehistoricas:

Dois machados de bronze: 88 (com gravura), 241.
Estação de Alcalar: 97.
Antas do Alemtejo: 157.
Antas do concelho de Alijó (com estampa): 180.
Antas de Alcacer do Sal: 106.
Antas dos arredores de Evora: 127.
Anta da Boa-Viagem: 275.
Anta do Espirito-Santo d'Arca (com estampa): 338.

C) Luso-romana:

Contribuições para a historia da pesca em Portugal (com gravura): 53.
Vaso romano de Lagos (com gravura): 96.
Restos romanos do Alemtejo: 158.
Thermas de Milreu (com estampa): 158.
Restos romanos de Sinfães: 254.
Restos romanos de Alcacer do Sal: 106.
Restos romanos dos arredores das Alcáçovas: 119.
Necrópole de Montemór-o-Velho: 275.
Antigualhas do Algarve (com estampa): 280.
Objectos do Alemtejo (com estampa): 288.
Olaria luso-romana de S. Bartholomeu de Castro Marim: 329.
Estudos sobre Troia de Setubal (com estampa): 344.

F) Portuguesas propriamente ditas:

Atalaia da Candaira (com gravura): 76.
O cemiterio da Igreja Velha (Alvaiázere): 81.
Fabrica de louça do Rato: 161.
O territorio de Aneja: 193.
A freira das mãos cortadas: 226.
A igreja de Cette: 254.
Casa onde nasceu Bocage: 329.

G) De diversas epochas e de epochas indeterminadas:

Estudos sobre Troia de Setubal: 18 e 223.
Excursão archeologica ao Sul de Portugal (com gravuras e estampas): 103.
Vestigios archeologicos dos arredores de Pombal: 238.
Antigualhas dos arredores de Alcacer: 111.
Antigualhas dos arredores do Torrão: 114.
Antigualhas dos arredores de Evora: 126, 130 e 134.
Sepultura de Pombeiro: 277.
Insculpturas em rocha: 289.
Vide Castros.

II. — Por ordem geographica

A) Alemtejo:

Alcaçovas: 117.
Beja: 288.
Elvas (inscripção): 137.
Evora e arredores: 121 e 149.
Evora-Monte: 150.
Extremoz (vária): 147.
Freixo (Evora): 127.
Gavião («minas»): 317.
Gemeos: 318.
Godinhaços: 318.
Guizo: 318.
Torrão: 114.
Tourega: 130.

B) Algarve:

Alcalar: 97.
Alcoutim: 56, 281.
Estoi: 145 (ruinas), 158 (thermas).
Estombar (ruinas): 146.
Faro: 245.
Marim (moedas romanas): 102.
S. Bartholomeu de Castro Marim: 329.
Salir: 280.
Tavira: 55.

C) Beira:

Anegia: 193.
Boa-Viagem: 274.
Coimbra: 156 (museu), 226 (a freira das mãos cortadas).
Conimbriga: 151, 304.
Donas (igreja): 135.
Escalhão (vária): 142.
Escamarão (pedra lavrada): 142.
Esmoriz (mudança de configuração da praia): 143.
Espichel (inscripção): 144.
Espirito-Santo d'Arca: 338.
Ester («Mouros»): 145.
Facundo (S.) (inscripção): 150.
Faíl («Mouros»): 152.
Feira (inscripção): 246.
Ferreira de Ares («cidade»): 248.
Ferreirôs (vária): 249.
Fornellos (castro): 315.
Fornos (forno antigo): 233.
Fozcôa («castello»): 315.
Freixedas: 316.
Golpelhares: 318.
Gonçalo: 319.
Gondomil: 319.
Guardão: 320.
Fiaes («Mouros»): 219.
Figueira da Foz: 93.
Folhadosa: 252.
Fontello (vária): 253.
Idanha: 79 (moedas romanas), 279 (inscripção), 321 (vária).
Ilhavo (vária): 323.
Janeiro de Baixo: 320.
Lamego (fabríco de moeda): 49.
Montemór-o-Velho: 275.
Serra do Cabo Mondego (prehistoria): 255.
Sinfães (restos romanos): 254.
Viseu (vária): 238.

D) Entre-Douro-e-Minho:

Adaufe: 100.
Anegia: 193.
Arcos-de-Val-de-Vez: 289.
Cette (igreja): 254.
Donim (citania): 135.
Dornellas («Mouros»): 136.
Dume (vária): 136.
Eira-Vedra (penedo): 137.
Eiriz (citania): 137.

Escariz («Mouros»): 143.
Escoural (covas): 143.
Esposende (mudança de configuração da praia): 144.
Esqueiros («castello»): 144.
Esturães («castello»): 148.
Fão: 245.
Favões: 246.
Ferreiros (vária): 249.
Fervença («castello»): 250.
Fiaens-do-Rio (minas): 250.
Figueiredo (vária): 251.
Ferreira (citania): 251.
Folhada (vária): 252.
Fonte-Arcada (fojas): 253.
Freixo («cidade»): 316.
Gallafura (minas): 317.
Gallegos («castello»): 317.
Gandra (muros): 317.
Guifões: 270, 320.
Pombeiro: 277.
Ponte-da-Barca: 241.
S. Miguel-o-Anjo: 231.
Tavora de Arcos-de-Val-de-Vez (com gravura): 89.

E) Extremadura:

Alcacer-do-Sal e arredores: 103.
Alemquer (Damião de Goes): 1.
Alvaiázere: 81.
Cadaval: 242, 243 e 244.
Enxara-do-Bispo (vária): 141.
Erra (inscripção): 142.
Famalicão («castello»): 153.
Igreja-Nova («cidade»): 322.
Juncal: 242.
Lisboa 161: (fabrica do Rato), 309 (antiguidades romanas), 310 (idem), 311 (idem), 340 (inscripção).
Porto-de-Mós: 242.
Montejunto: 308.
Setubal: 276.
Troia de Setubal: 18 (vária), 223 (inscripções), 344 (cetarias).

F) Tras-os-Montes:

Atalaia da Candaira: 76.
Babe (epigraphe): 340.
Bragança (museu): 153 e 253.
Cimo de Villa da Castanheira: 312.
Dornellas (crasto): 135.
Ermello (minas): 142.
Espinhosella (marco): 144.

Estevaes («Mouros»): 145.
Felgueiras (minas): 248.
Figueira («Mouros»): 251.
Fiolhoso («castello»): 251.
França: 316.
Frechas: 316.
Granja: 319.
Parafita de Alijó (anta): 180.
Rabal de Bragança (castro): 87.
Sacoias de Bragança (castro, com estampa): 47.

G) Ilhas-Adjacentes:

Açores: 49 (fabrico de moeda), 282 (moedas estrangeiras).

BIBLIOGRAPHIA:

Revue Belge de Numismatique: 155 e 266.
Revista de Guimarães: 239.
In Northern Spain, 266.

BIOGRAPHIAS:

Colleccionadores de objectos antigos:
Valerio Pinto de Sá (breve notícia): 101.
Antonio José de Mello (breve notícia): 102.

CASTROS:

De Sacoias (com um mappa): 47.
De Rabal: 87.
De S. Miguel-o-Anjo (com gravura): 231.
De Guifões: 270.

CIRCULARES sobre archeologia:

Do Rev.do Bispo de Bragança: 58.
Da Associação dos Architectos e Archeologos: 84.

DAMIÃO DE GOES: 1, 257 e 337.

EPIGRAPHIA:

A) Romana:

1. Lapidares:

Inscripção de um Pacense: 157.
Inscripção de Troia: 224.
Inscripções de Alcacer: 105 e 106.
Inscripção da Serra das Alcaçovas: 119.
Inscripção dos arredores de Lisboa: 340.
Inscripção de Babe: 340.

2. Marcas figulinas:

De Alcacer: 106.

B) Epocha arabe:

De Alcacer do Sal: 110.

C) Inscripção latina da epocha portugueza:

De Coimbra: 229.
De Evora: 124.
De Melgaço: 264.

D) Portugueza:

Arredores de Evora: 130.

ERRATAS: 117, 256 e 288.

EXTRACTOS:

A) Noticias archeologicas:

Das «Memorias Parochiaes de 1758»: 135 e 245.

B) Maximas e reflexões:

De Fr. Manoel do Cenaculo: 180.
De Fr. Lourenço do Valle: 276.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA PORTUGUESA:

A) Bibliographia;
B) Biographias;
C) Sociedades;
D) Circulares sobre archeologia.

MUSEUS:

Ethnologico Português:
De Sèvres (faianças portuguesas): 45.
De Alcacer: 105.
De Evora: 121.
Municipal de Bragança: 153 e 253.
Do Instituto de Coimbra: 156.
De Artilharia: 157.
De Cenaculo em Beja (sec. XVIII): 283.

NOTÍCIAS VÁRIAS:

De Ceuta e Tanger: 46.
Notas de archeologia artistica: 64.
Mudança de nivel do oceano: 62, 143 e 144.
Objectos de arte: 98.
Archeologia do seculo passado: 100.
Urna funeraria: 156.
Monumentos nacionaes: 156.
Descobrimento archeologico: 255.
Excursão á Serra do Cabo Mondego: 255.

NUMISMATICA:

A) **Romana:**

Moedas achadas na Idanha: 79.

B) **Wisigothica:**

Achado de moedas: 277.

C) **Portuguesa:**

Fabrico da moeda e estatistica monetaria do sec. XVI: 49.
Casa da moeda (proposta) em Angra: 51.
Casa da moeda em Lamego: 52.
Moeda cunhada em Lisboa no sec. XVI: 53.
Cruzado de D. João III: 63 e 344.
Coup d'œil sur la Numismatique en Portugal: 65.
Meio-tostão de D. Sebastião: 78.
Um numisma da 1.ª dynastia: 178.
Um problema numismatico: 225.
Um ensaio monetario: 273.
Moedas estrangeiras nos Açores: 282.

D) **Factos diversos:**

Museu de Alcacer: 110.
Collecções de Evora: 125 e 126.

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA:

9. Acquisições do Museu de Madrid: 95.
10. Monetario da Bibliotheca Nacional de Paris: 95.
11. Antiguidades de Malhorca: 222.
12. Museu Nacional de Madrid: 222.
13. Ruinas de Italica: 222.
Comparação com o que succede em Portugal: 222.
14. Museu de Constantinopola: 314.

SOCIEDADES:

Archeologica da Figueira: 93, 255, 267 e 274.

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

NOV 11 1922